JACOB BOEHME

Textos Completos



TETRAGRAMA

JACOB BOEHME

TEXTOS COMPLETOS



Edição

2017

TETRAGRAMA

Prefácio



Este livro é uma tentativa de apresentar um compêndio das principais doutrinas de Jacob Boehme em uma certa ordem sistemática, que possa proporcionar uma visão geral e servir também de introdução ao estudo das obras de Jacob Boehme. Segui aqui o plano traçado pelo excelente, mas muito raro livro do Dr. J. Hamberger. Os títulos dos parágrafos têm o objetivo de resumir as citações que os seguem. Tais citações foram, em muitos casos, condensadas, e em alguns casos tentei inseri- las numa fraseologia mais moderna e compreensível do que aquelas verificadas no original, já que estas se apresentavam de forma obscura e intraduzível. Assim agi porque me pareceu muito mais importante que o público, a quem este livro é dirigido, pudesse obter uma visão compreensível das doutrinas de Boehme, do que unicamente o filólogo erudito conseguir saciar sua curiosidade, captando a exata forma em que Boehme encerrou seus pensamentos. Ao adicionar algumas notas, não tive a presunção de querer aperfeiçoar, comentar, explicar ou esclarecer os escritos de Boehme; é evidente que para ser capaz de criticar, completar ou explicar o conteúdo de um livro divinamente inspirado, o crítico ou aquele que explica necessariamente teria que ter a mesma inspiração divina. Não tenho tal arrogante pretensão; mas quero chamar a atenção do leitor para certos pontos que possam auxiliar sua compreensão.

Comparei, cuidadosamente, as doutrinas de Jacob Boehme com aquelas dos sábios orientais, como as mencionadas na “Doutrina Sagrada” e na literatura religiosa do Oriente; encontrei a mais notável harmonia entre elas quanto ao seu significado esotérico; de fato, a religião de Buda, Krishna e

aquela do Cristo me parecem ser uma mesma e idêntica religião. O maior obstáculo para a compreensão dos mistérios da religião do Cristo vivo é a visão bastante estreita que estamos acostumados a ter com relação a tais mistérios, sempre de acordo com a mera interpretação externa e superficial do Velho e do Novo Testamentos, tais como são ministrados pelas igrejas modernas e pelo clericalismo da moda, que se referem a estas doutrinas a partir de um ponto de vista meramente histórico ou emocional.

Um estudo sobre os escritos de Jacob Boehme, que tenha por meta penetrar o espírito com o qual foram escritos, irá com certeza expandir a mente e elevar o coração do leitor, dando-lhe um maior e muito mais sublime concepção de Deus, da Natureza e do homem, do que qualquer outro livro que conheço.

A vida de Jacob Boehme



“A plenitude do tempo aconteceu, e o reino de Deus chegou. Arrependa-se e acredite no evangelho da verdade”.

Jacob Boehme

Jacob Boehme nasceu no ano de 1575 em Alt Seidenburg, a cerca de Goerlitz, Alemanha. Filho de camponeses pobres cuidava do gado de seus pais. Foi mais tarde enviado à escola, onde aprendeu a ler e a escrever e tornou-se aprendiz de sapateiro.

Tudo indica que mesmo ainda muito jovem, já era capaz de entrar num estado anormal de consciência, e captar imagens na luz astral; certa vez, enquanto cuidava do gado, no topo de uma montanha, viu a abertura de uma caverna, construída de pedras vermelhas e rodeada de arbustos. Ele entrou na caverna e no fundo desta viu um recipiente cheio de dinheiro. Apesar do que estava vendo, não experimentou nenhum desejo de tomar aquele tesouro para si; mas supondo que era uma obra dos espíritos das trevas, a fim de colocá-lo em tentação, foi embora.

Em outra ocasião, encontrava-se sozinho na sapataria onde trabalhava, quando um estranho apareceu, querendo comprar um par de calçados. Boehme, não se julgando capaz de comercializar na ausência de seu patrão, mencionou um preço bastante elevado, esperando se livrar do comprador. No entanto, o estranho comprou os sapatos e deixou a sapataria. Quando

saiu, o estranho parou em frente ao estabelecimento e com uma voz alta e solene chamou: “Jacob, venha para fora”.

Boehme ficou bastante admirado ao ver que o estranho sabia seu nome e foi ao seu encontro; o estranho, pegando em sua mão e olhando nos seus olhos de forma penetrante e profunda, pronunciou as seguintes palavras: “Jacob, agora és pequeno, mas tu te tornarás um grande homem, e o mundo irá te admirar. Seja piedoso, viva no temor de Deus e honre a Sua palavra. Eu te exorto especialmente a ler a Bíblia; ali encontrarás conforto e consolo, pois terás que enfrentar problemas, pobreza e perseguições. Não temas, mas fique firme; Deus te ama, e é gracioso para contigo”. O estranho apertou mais uma vez a mão de Boehme, deu-lhe mais um olhar gentil e se foi.

Este acontecimento notável provocou um grande impacto em sua mente. Jacob

Boehme passou sinceramente pelos exercícios necessários ao estudo do ocultismo prático; praticou a paciência, a piedade, a simplicidade de pensamento e de propósito, a modéstia, a resignação de sua vontade-própria à lei divina, e manteve na mente a promessa Bíblica de que aqueles que pedirem sinceramente a comunicação do Espírito Santo terá o espírito da santidade despertado em si, e serão iluminados com Sua sabedoria.

Tal iluminação, de fato, ocorreu em sua mente, e por sete dias consecutivos Jacob Boehme esteve num estado de êxtase, durante os quais foi rodeado pela luz do Espírito, e sua consciência permaneceu imersa na contemplação e na alegria. O que ele viu durante estas visões não foi declarado; tal declaração tampouco satisfaria a curiosidade do leitor; pois as coisas do Espírito são inconcebíveis para a mente externa, e só podem ser percebidas por aqueles que elevando-se acima do domínio dos sentidos e penetrando um estado superior de consciência, pode percebê-los. Tal estado não exclui necessariamente o exercício das faculdades exteriores; pois enquanto Platão fala de Sócrates, dizendo que este, certa vez, permaneceu imóvel por um dia e meio no mesmo lugar, em estado de êxtase, no caso de Jacob Boehme sabemos que sob uma condição similar ele continuou com as ocupações externas de sua profissão.

Em 1594, ele se tornou sapateiro, e casou-se com uma mulher com quem viveu por trinta anos; eles tiveram quatro filhos que seguiram a mesma profissão do pai.

Em 1600, aos vinte e cinco anos, ocorreu em sua mente, uma outra iluminação divina; desta vez ele aprendeu como conhecer o mais íntimo fundamento da natureza, e a adquirir a capacidade de ver com os olhos da alma no coração de todas as coisas, faculdade que permaneceu com ele até mesmo em sua condição normal.

Dez anos mais tarde, em 1610, ocorreu sua terceira iluminação, e o que anteriormente lhe apareceu de forma caótica e fragmentada foi desta vez reconhecido como unidade, como uma harpa de muitas cordas, onde cada corda é um instrumento separado, enquanto que o todo é senão uma harpa. Ele reconhece agora a divina ordem da natureza, e como que do tronco da árvore da vida nascem diferentes galhos, carregando múltiplas folhas, flores e frutos, e foi tocado pela necessidade de escrever o que viu e de preservar este registro.

Assim, no início de 1612, até o fim de sua vida em 1624, ele escreveu vários livros sobre as coisas que viu na luz de seu próprio espírito; foram trinta livros repletos dos mais profundos mistérios de Deus e dos anjos, do Cristo e do homem, do céu, do inferno e da natureza e sobre as coisas secretas do mundo; não se sabe de ninguém antes dele que tenha comunicado a este mundo pecador, tudo o que ele comunicou, não para o benefício terrestre, mas para a glorificação de Deus e para a redenção da humanidade da ignorância com relação as coisas do Espírito.

Ele ensinou uma concepção de Deus muito grande para ser apreendida pelo mente estreita do clero, que viu sua autoridade enfraquecida por causa de um sapateiro pobre; seus membros tornaram-se seus inimigos impiedosos; pois o Deus então concebido, era um Ser limitado, uma Pessoa que na ocasião de Sua morte entregou Seus poderes divinos nas mãos do clero, enquanto que o Deus de Jacob

Boehme ainda vivia e preenchia o universo com Sua glória. Ele diz:

“Eu reconheço um Deus universal, sendo uma Unidade, e o poder

primordial do Bem no universo, auto existente, independente de formas, que não necessita de lugar para a sua existência, imensurável e não sujeito à compreensão intelectual de nenhum ser. Reconheço esse poder como sendo uma Trindade em Um, onde cada um dos três seres Pai, Filho e Espírito Santo, tem o mesmo poder. Reconheço que esse princípio ternário preenche de uma só vez e ao mesmo tempo todas as coisas; que esta tem sido e continua sendo a causa, fundamento e princípio de todas as coisas. Eu acredito e reconheço que o poder eterno deste princípio causou a existência do universo; que seu poder, de certa forma comparável a um hálito ou palavra (o Verbo, o Filho ou Cristo), radiou de seu centro, produzindo os germes dos quais surgiram as formas visíveis, e que neste hálito exalado ou Verbo (o Logos) está contido o céu interno e o mundo visível com todas as coisas existindo dentro deles".

Mais que nada, ele ensinou que para ser um verdadeiro Cristão não bastava se submeter a certas crenças; mas que somente aquele em quem o Cristo está vivo é um verdadeiro seguidor de Cristo em espírito e em verdade.

"Só é um verdadeiro Cristão aquele cuja alma e mente tenham penetrado novamente à matriz original, da qual a vida do homem tomou sua origem; ou seja, o Verbo eterno. Esse Verbo foi revelado em nossa natureza humana, que não enxerga a presença de Deus; aquele que absorve esse Verbo com a alma faminta, retornando ao estado espiritual original de onde a humanidade teve sua origem, tem sua alma transformada num templo do amor divino, onde o Pai recebe o Seu Filho amado. Nele residirá o Espírito Santo".

"Só aquele em quem o Cristo existe e vive é um Cristão, um homem em quem o Cristo surgiu da carne estéril de Adão. Ele será um herdeiro de Cristo – não por conta dos méritos de alguém, nem por nenhum favor conferido à ele por algum poder externo, mas pela graça interna. Acreditar meramente num Cristo histórico, satisfazer- se com a crença de que em algum lugar do passado, Jesus morreu para satisfazer a cólera de Deus, não faz um Cristão. Tal Cristão especulativo, não passa de um fraco demônio, pois todo mundo gostaria de obter, sem nenhum esforço de si mesmo, algo bom que, na realidade, não merece. Aquele que nasce da carne não pode

penetrar o reino de Deus, é preciso renascer no Espírito".

"Nenhum palácio de pedras ou caríssimas casas de adoração irá regenerar o homem; mas o sol espiritual divino, existente no céu divino, atuando através do poder divino do Verbo de Deus, no templo de Cristo. Um verdadeiro Cristão não deseja nada além do que aquilo que o Cristo em sua alma deseja".

"Todos os nossos sistemas religiosos não passam de obras do intelecto. Devemos repudiar todos os desejos pessoais, disputas, ciência e vontade, se quisermos restaurar a harmonia com a mãe que nos deu nascimento no princípio; no momento, nossa alma é o quintal de centenas de animais maliciosos, que nós mesmos colocamos lá, no lugar de Deus, e aos quais adoramos como se fossem deuses. Tais animais devem morrer antes que o princípio Crístico possa começar a

viver. O homem deve retornar ao seu estado natural (pureza original), antes de poder tornar-se divino".

"Não há outra maneira do Cristo viver senão através da morte do velho Adão; um homem não pode se tornar um deus e ao mesmo tempo permanecer um animal. Ninguém é salvo por Deus, como uma marca de Sua gratidão, por ter freqüentado à igreja e por ter tido a paciência de ouvir aos sermões; freqüentar cerimônias externas só é um benefício quando o homem escuta o Cristo falar em seu próprio coração".

"Todas as nossas brigas e especulações intelectuais com relação aos mistérios divinos são inúteis, pois se originam de fontes externas. Os mistérios de Deus só podem ser conhecidos por Deus; para conhecê-los devemos primeiro buscar à Deus em nosso próprio centro. Nossa razão e vontade devem retornar à fonte interior do qual se origina; então iremos chegar à verdadeira ciência de Deus e Seus atributos".

"A vontade e a imaginação do homem perverteram-se de seu estado original. O homem se rodeou pelo mundo de sua própria vontade e imaginação. Com isso, perdeu Deus de vista, e só pode recuperar seu estado anterior e se tornar um sábio, se colocar a atividade de sua alma e mente novamente em harmonia com o Espírito divino".

“Um Cristão é aquele que vive em Cristo, e em quem o poder de Cristo está ativo. Ele deve sentir o fogo divino do amor queimar em seu coração. Este fogo é o espírito de Cristo, que constantemente pisa na cabeça da serpente, ou no desejo da carne. A carne é governada pela vontade do mundo; mas o fogo espiritual no homem é aceso pelo Espírito. Aquele que quer se tornar um Cristão não deve dizer orgulhosamente: “Eu sou um Cristão!” deve desejar se tornar um Cristão, e preparar todas as condições necessárias para que o Cristo viva nele. Tal Cristão poderá ser desprezado e perseguido pelos Cristãos nominais de seu tempo; mas ele deve carregar sua cruz, e assim se tornará forte”.

“Os teólogos e cristãos sectários estão sempre discutindo a cerca da letra e da forma, não cuidam do espírito, sem o qual a forma fica vazia e a letra morta. Cada um imagina possuir a verdade, e quer ser admirado pelo mundo como aquele que possui a verdade. Para tanto, denunciam, difamam e atacam uns aos outros, agindo contra o primeiro princípio ensinado por Cristo, que é o amor fraternal. Assim, a Igreja de Cristo tornou-se um bazar onde a vaidade é exibida, e assim como os Israelitas dançaram ao redor do bezerro de ouro, os Cristãos modernos dançam ao redor dos fetiches que eles mesmos construíram, fetiches que chamam de Deus; é por causa da adoração destes fetiches que eles não poderão entrar na terra prometida”.

“Toda a religião Cristã está baseada no conhecimento de nossa origem, de nossa atual condição e de nosso destino. Ela mostra primeiro como que da unidade caímos na variedade, e como podemos retornar ao estado primordial. Segundo mostra o que éramos antes de nos tornarmos desunidos. Em terceiro lugar, explica a causa da continuação de nossa presente desunião. E, em quarto lugar, nos instrui sobre o destino final dos elementos mortais e imortais dentro de nossa constituição”.

“Todos os ensinamentos de Cristo, não tem outro objetivo do que mostrar o caminho para reascender de um estado de variedade e diferenciação para nossa unidade original; aquele que ensina de outra forma, ensina um erro. Todas as doutrinas que foram agregadas a esta doutrina fundamental, e que não está de acordo com ela, não passam de produtos de tolos mundanos, que se julgam sábios; são meros ornamentos inúteis que irão criar erros e que pretendem jogar areia nos olhos do ignorante”.

“Aquele que pretende se estabelecer como mestre espiritual, sem qualquer poder espiritual de perceber a verdade, pensando servir à Deus, ensinando o reino de Deus, do qual ele não sabe praticamente nada, não serve ao verdadeiro Deus, serve a si mesmo, cuidando e alimentando sua própria vaidade. Ele pode ter sido nomeado legalmente pelo escritório clerical e mesmo assim não ser um verdadeiro pastor. O Cristo diz: ‘Aquele que não entra no estábulo das ovelhas pela porta, mas pela janela, é um ladrão e assassino, e as ovelhas não o seguirão, pois não conhecem a sua voz’. Ele não possui a voz de Deus, unicamente a voz de seu ensinamento. Diz o Cristo: ‘Todas as plantas que não foram plantadas pelo meu Pai celeste, devem ser arrancadas e destruídas’. Como pode então, aquele desprovido de Deus, tentar plantar plantas celestes, sem ter a semente espiritual e o poder? Para ser um verdadeiro mestre espiritual, é preciso ensinar no Espírito de Deus e não no espírito do egocentrismo”.

Com relação a distinção entre fé e crença, Boehme diz: “Uma crença histórica não passa de uma opinião baseada em alguma explicação da letra da palavra escrita que se adota para si, opinião esta adquirida nas escolas, ouvidas pelo ouvido externo e que produzem dogmatas, sofistas e palpiteiros servos da letra. Mas a Fé é o resultado da direta percepção da verdade, ouvida e compreendida pelo sentido interno, ensinada pelo Espírito Santo e produzida pelos teósofos e servos do divino Espírito”.

Quanto a questão do pecado, se o homem pode ou não ser perdoado por um padre, sua opinião não deixa dúvidas: “Nenhum pecado pode ser tirado através da absolvição sacerdotal. Se Cristo ressuscitar no coração, o velho Adão será morto e com eles os pecados cometidos. Se o sol surge, a noite será engolida pelo dia e não mais existirá. Finjam, gritem, chorem, cantem, preguem, e ensine o quanto quiserem, de nada irá adiantar enquanto o mal existir em seu coração. Se eu me confessar durante 1000 anos, e tiver um sacerdote para me absolver todos os dias e além disso receber o sacramento a cada quatro semanas, de nada vai adiantar se eu não tiver o Cristo em mim. Um animal que vai à igreja, sai um animal, não importa a que cerimônia tenha assistido.

“Os cristãos modernos possuem um templo de pedras, onde servem a deusa da vaidade, onde se enganam, onde as pessoas exibem suas melhores

roupas e o pregador aquilo que aprendeu.; o verdadeiro Cristão tem sua igreja na alma, onde ele prega e escuta. Essa igreja está com ele e está nele onde quer que vá, ele está sempre em sua igreja. Sua igreja é o templo de Cristo, onde o Espírito Santo prega a todos os seres, e em tudo o que faz ouve o sermão de Deus".

"O verdadeiro Cristão não pertence a nenhuma seita particular. Ele pode participar de cerimônias de qualquer seita sem pertencer a nenhuma delas. Ele possui uma única ciência, que é a do Cristo interior; ele só tem um desejo, fazer o bem. Olhe para as flores do campo. Cada uma possui seu atributo particular, no entanto elas não brigam e nada disputam. Elas não disputam a posse do raio de sol ou da chuva; não brigam por causa de suas cores, perfumes e sabores. Cada uma cresce de acordo com a sua natureza. O mesmo ocorre com os filhos de Deus. Cada um possui seus próprios dons e atributos, mas todos surgem de um Espírito. Eles apreciam seus dons, e louvam a sabedoria Daquele de quem tiveram a sua origem. Por que disputariam as qualidades Dele, cujos atributos estão manifestados neles mesmos?".

"Todos nós temos uma única ordem à qual pertencemos, e a única regra desta ordem é realizar a vontade Deus, quer dizer, ficar quietos e servir como instrumentos através do qual Deus possa realizar a Sua vontade. O que quer que Deus semeie e manifeste em nós, devolvemos à Ele como Seu próprio fruto. O reino do céu não está baseado em nossas opiniões e crenças autorizadas, mas enraíza-se em seu próprio poder divino. Nosso objetivo maior deve ser o de ter o poder divino em nós. Se o possuímos, toda busca científica será uma mera brincadeira das faculdades intelectuais com a qual nos distraímos; a verdadeira ciência é a revelação da sabedoria de Deus em nossa própria mente. Deus manifesta Sua sabedoria através de Seus filhos, assim como a terra manifesta seus poderes através da produção de várias flores e frutos. Portanto, que cada um fique contente com seus próprios dons e aprecie o Dom dos outros. Por que ser tudo semelhante? Quem condenaria os pássaros da floresta por não cantarem no mesmo tom? Cada um louva seu Criador à seu modo. No entanto, o poder que os permite cantar emana de uma única fonte ".

Sua primeira obra, intitulada "Aurora" (o princípio de um novo dia),

ainda não estava terminada quando por indiscrição de um amigo, cópias do manuscrito chegaram as mãos do clero. O vigário geral de Goerlitz, Gregorius Richter, uma pessoa inteiramente incapaz de conceber as profundezas daquela religião que professava ensinar, na ignorância dos divinos mistérios da verdadeira Cristandade, da qual não sabia nada além de seu aspecto formal e superficial, demasiadamente vão para suportar com tolerância que um sapateiro pobre possuísse qualquer conhecimento espiritual, que ele, o vigário bem alimentado, não possuía, tornou-se o inimigo mais amargo de Jacob Boehme, denunciando e amaldiçoando o autor de tal livro, sendo que seu ódio chegou ao mais alto grau, diante da humildade e modéstia com que Boehme recebeu os insultos e denúncias dirigidas a ele.

Logo, o intolerante vigário acusou publicamente Boehme, no púlpito, de ser um perturbador da paz e um herético, pedindo que o promotor da cidade de Goerlitz punisse o traidor, ameaçando que se ele não fosse expulso da cidade, a cólera de Deus seria despertada, fazendo com que toda a cidade fosse engolida pela terra, da mesma maneira que Korah, Dathan e Abiram pereceram diante da resistência à Moisés, o homem de Deus.

Em vão Jacob Boehme tentou argumentar pessoalmente com o enfurecido Doutor da Divindade. Novas maldições e insultos resultaram de sua entrevista com o vigário, que ameaçou condena-lo e mantê-lo na prisão. O promotor da cidade temia ao

vigário, e, embora não pudesse concretizar nenhuma culpa contra Boehme, ordenou que ele deixasse a cidade, temendo as conseqüências que pudessem resultar caso não concordasse com a solicitação do Reverendo Richter.

Pacientemente, Boehme se submeteu ao injusto decreto. Ele pediu permissão para despedir-se da família, antes de ser banido, e até isso lhe foi negado. Sua única resposta foi; “Muito bem; se não pode ser de outra maneira, me conformarei”.

Boehme partiu; mas na noite seguinte a coragem invadiu os corações e um melhor julgamento, a cabeça dos conselheiros. Eles reprovaram a si próprios por terem banido um homem inofensivo, e no dia seguinte

chamaram Jacob Boehme de volta, permitindo que ficasse, estipulando, contudo, que lhes entregassem os manuscritos da "Aurora", e que dali por diante se abstivesse de escrever livros.

Por sete anos Boehme, em obediência a este estúpido decreto, deixou de registrar as experiências que desfrutou no seio do espírito, e ao invés de trazer luz à humanidade, se contentou em consertar seus sapatos. Dura foi a batalha para represar as ondas do espírito, que com força e poder descia sobre sua alma; por fim, encorajado pelos amigos, que o aconselharam a não mais resistir ao impulso vindo de Deus, por temer desobedecer autoridades constituídas pelo homem, ele voltou a escrever.

Os escritos de Jacob Boehme, rapidamente rodaram o mundo, atraindo a atenção daqueles capazes de compreender e apreciar seu verdadeiro caráter. Ele encontrou muitos amigos e seguidores entre os mais altos e os mais baixos, o rico e o pobre; isso provocou uma nova expansão do Espírito da Verdade no domínio sacerdotal e na intolerante Alemanha.

Jacob Boehme escreveu então vários livros e panfletos: "Aurora", "Os Três Princípios do Ser Divino", "A Vida Ternária do Homem", "A Encarnação de Jesus Cristo", "Os Seis Pontos Teosóficos", "O Livro dos Mistérios Celestes e Terrestres", "Cálculo Bíblico da Duração do Mundo", "As Quatro Naturezas", sua "Defesa"; o livro sobre "A Geração e a Signatura de todas as coisas", sobre o "Verdadeiro Arrependimento", a "Verdadeira Regeneração", "AVida Supra- sensível", "ARegeneração ea Contemplação Divina", "A Eleição da Graça", "O Batismo Santo", "A Santa Comunhão", "Diálogo entre uma Alma Iluminada e uma Alma não Iluminada", um ensaio sobre "Oração", "Tábuas dos Três Princípios da Manifestação Divina", "Chave para os Pontos mais Importantes", "177 Questões Teosóficas", "Letters Teosóficas", e outros trabalhos menores e artigos relacionados a matérias filosóficas.

Em Março de 1624, um pouco antes de sua morte, Jacob Boehme passou por grande sofrimento. Em 1623, Abraham von Frankenburg publicou algumas das obras de Boehme sob o título: "O Caminho para Cristo"; o aparecimento deste livro, repleto de luz divina, inflamou novamente a inveja e a raiva do colérico vigário de Goerlitz, que não gostou nada de ver a grande satisfação com que este livro foi recebido por todas as mentes

iluminadas. Com grande fúria ele retomou a perseguição à Boehme, amaldiçoando-o e condenando-o no púlpito e publicou contra ele uma sátira, cheia de insultos pessoais e termos de baixo calão, desprovida de razão e lógica, que só o cérebro de um insano, atormentado pela paixão poderia inventar ou tramar.

Desta vez, Boehme não permaneceu tão passivo como da primeira vez, mas entregou ao Promotor da cidade uma defesa, justificando o que havia feito; além disso, respondeu a todas as objeções de Richter de forma tranqüila e dignificante, aniquilando seus argumentos pela força de sua lógica e pelo poder da verdade. Tal defesa não continha um estilo irônico, mas era impregnada de amor e piedade pelo homem desencaminhado; modesto e eloqüente ao nível que dificilmente se poderia encontrar, mesmo entre os maiores oradores.

O promotor, contudo, tendo sido, mais uma vez, intimidado pelo vigário, não aceitou a defesa de Boehme, e expressou o desejo de vê-lo deixar a cidade espontaneamente; tal desejo foi expresso na forma de um conselho bem intencionado, salvando-o de cair na sorte dos heréticos, que era a de ser queimado vivo numa estaca, por ordem do Kurfürst ou Imperador, que estava disposto a mandar um ouvidor para junto dos representantes do clero, mostrando que não hesitaria em requerer tal ordem, se esta fosse a vontade do clero, já que se tratava de algo insignificante, como a execução de um problemático perturbador da paz.

Boehme sabia muito bem se tratar de uma ordem disfarçada e deixou Goerlitz em 9 de Maio de 1624, indo para Dresden, onde encontrou asilo na casa de um médico chamado Dr. Benjamim Hinkelman. Ali ele recebeu muitas honras e ofertas de auxílio, mas permaneceu modesto, escrevendo a um amigo que não confiaria em nenhum homem, mas no Deus vivo; assim procedendo, encontrava-se bem e cheio de alegria.

A pedido de Kurfürst, Boehme foi convidado a tomar parte num debate entre alguns dos melhores teólogos daquele tempo, incluindo dois doutores em matemática. Boehme aceitou e surpreendeu seus oponentes pela profundeza de suas idéias e pelo seu extraordinário conhecimento das coisas naturais e divinas; quando Kurfürst pediu um parecer sobre o caso, os teólogos pediram mais um tempo, a fim de melhor investigarem as

questões que Boehme lhes haviam apresentado, e que parecia transcender os limites que julgavam capazes de alcançar. Um destes teólogos, Gerhard, dizia que não aceitaria o mundo inteiro, caso fosse oferecido a ele como uma tribo, para condenar tal homem; o outro Dr. Meissner, afirmou ser da mesma opinião, e que não tinha o direito de condenar aquilo que superava a sua compreensão; vemos assim, que nem todos os teólogos eram como Gregorius Richter, mas que tanto no clero como em outros segmentos, existem homens sábios e tolos. Tais teólogos, possuidores de uma mente nobre e livre da intolerância, mais tarde foram reconhecidos entre os admiradores e amigos de Jacob Boehme e se tratavam com muito respeito.

Logo após ter escrito sua última obra: "Ensaios sobre a Manifestação Divina" e de retornar à sua casa, foi atingido por uma febre. Seu corpo começou a inchar e ele anunciou a seus amigos que a morte estava perto, dizendo: "Em três dias vocês verão como Deus preparou o meu fim". Eles perguntaram então se Boehme estava pronto para morrer e ele respondeu: "Sim, de acordo com a vontade de Deus". Quando seus amigos expressaram a esperança de vê-lo melhor no dia seguinte, disse: "Que Deus permita que assim seja. Amém".

Isso aconteceu numa Sexta-feira; no Domingo, dia 20 de Novembro de 1624, antes da uma da manhã, Boehme chamou seu filho Tobias, ao lado da cama, e perguntou se ele não estava ouvindo uma belíssima música; pediu para que o filho abrisse a porta do quarto, para que a música celestial fosse mais bem ouvida. Mais tarde, perguntou pelas horas, e quando lhe disseram que o relógio havia dado duas horas, disse: "Ainda não é chegada a minha hora, ela chegará daqui a três horas". Depois de uma pausa, falou novamente, dizendo: "Tu, poderoso Heloim Sabaoth, salva-me de acordo com Tua vontade". Disse ainda: "Tu, Nosso Senhor Jesus Cristo crucificado, tenha misericórdia de mim e leve-me para o Teu Reino". Então, deu algumas instruções à sua esposa com relação a seus livros e outros assuntos temporais, dizendo ainda que ela não sobreviveria por muito tempo (o que de fato ocorreu) e, despedindo-se de seus filhos, disse: "Agora devo entrar no Paraíso". Pediu então ao filho mais velho, cujos olhos de amor parecia impedir que Boehme rompesse os laços do corpo, para virá-lo e dando um profundo suspiro, sua alma entregou o corpo à terra à qual pertencia, e entrou naquele estado elevado que não é dado a ninguém

conhecer exceto àqueles que já o experimentaram.

O inimigo de Jacob Boehme, o intolerante vigário geral, Gregorius Richter, negou um enterro decente ao corpo do filósofo, e como o Promotor de Goerlitz, temendo mais uma vez ao vigário, não sabia o que fazer, decidiu-se levar o corpo para ser enterrado na propriedade de um amigo, no campo; houve muita confusão e a cerimônia fora perturbada pela população cujo preconceito fora inflamado pelo clero; mas o Conde Católico Hannibal von Drohna chegou a tempo, e ordenou que o corpo fosse enterrado de forma solene, e na presença de dois membros do Conselho municipal. Assim foi feito, mas o vigário fingindo estar doente, tomou remédios para não ser obrigado a realizar o sermão funeral; o clérigo que realizou o sermão em seu lugar, embora tivesse dado a absolvição e o sacramento à Boehme, pouco antes de sua morte, começou seu discurso expressando seu desgosto ao ser obrigado a fazê- lo por ordem do Conselheiro.

Alguns amigos de Boehme, da Silésia, enviaram uma cruz a ser colocada em seu túmulo, mas esta foi logo destruída por algum intolerante, que pensa agradar à Deus insultando a memória de um homem odiado por sacerdotes, mas que muito fez para trazer à humanidade a um verdadeiro conhecimento de Deus, o que qualquer sacerdote jamais fez nem na antigüidade nem na modernidade. Esta cruz era singelamente revestida de símbolos esotéricos. No topo havia uma cruz flamejante, com a seguinte inscrição hebraica: h w c h y, e doze raios dourados. Abaixo, havia as iniciais de seu lema favorito e a figura de uma criança dormindo e repousando sobre uma caveira, que significava a regeneração através da morte mística. Seguia-se a seguinte inscrição:

“Repousa aqui o corpo de Jacob Boehme, nascido de Deus, morto no h w c h y, e selado pelo Espírito Santo”. Do lado direito da inscrição havia a representação de uma águia negra sobre uma montanha, pisando sobre uma enorme cobra caracol, enquanto segurava com sua garra direita a folha de uma palmeira e em seu bico um ramo de lírios. Nesta figura estava escrito Vidi. Do lado esquerdo havia a representação de um leão, com uma cruz e uma coroa dourada. Com a pata direita levantada, o leão encontrava-se sobre uma pedra cúbica; a pata esquerda encontrava- se sobre um globo;

mas em sua pata direita havia uma espada flamejante, e na outra um coração em chamas com a seguinte inscrição: Vici. Abaixo dessa inscrição havia uma outra figura, de forma oval, representando um cordeiro, com uma mitra e apetrechos de sacerdote, perto de uma palmeira, do lado de uma fonte corrente, num campo coberto de várias flores. Embaixo encontrava-se a inscrição Veni. O significado destas três palavras é: "In mundum Veni; Satanam descendere Vidi; Infernum Vici. Vivite magnanimi". Finalmente, sobre a parte inferior da cruz estavam inscritas as últimas palavras ditas por Boehme: "Agora devo entrar no Paraíso".

Boehme era pequeno quanto à estatura; tinha uma barba curta e fina; voz frágil e olhos acinzentados. Não possuía força física, no entanto, não se sabe ter tido outra doença além daquela que provocou sua morte. Mas, se era pequeno de corpo, era um gigante na inteligência e possuía um espírito poderoso. Suas mãos não faziam mais do que escrever e fabricar sapatos, mas o poder de Deus tendo se manifestado naquele aparente organismo insignificante e compondo os elementos e os princípios espirituais que representavam o homem Jacob Boehme neste globo terrestre, era suficientemente forte para espargir as mais petrificadas e gigantescas superstições existentes em seu século e nos séculos subseqüentes. Seu "Espírito" ainda luta contra os poderes das trevas, e a Luz que se acendeu na alma do pobre e pequeno Jacob Boehme continua iluminando o mundo, sendo cada vez maior, dia após dia, na proporção em que a humanidade torna-se capaz de aceitá-la, recebe-la e compreender suas idéias. Seu espírito, ou mais precisamente, o Espírito da Verdade manifestado através das obras de Jacob Boehme, está pouco a pouco revivendo a velha e ressecada teologia, matando o clericalismo e a intolerância, a superstição e a ignorância, os monstros gigantes que tem devastado o mundo há muito tempo, fazendo com que mais vítimas sejam sacrificadas do que mortas pelas mãos do deus da guerra, da peste e das drogas. A parte pensante da humanidade está começando a ver que há uma vasta diferença entre o verdadeiro espírito da religião Cristã e a forma externa em que é apresentado para a mente vulgar. Mesmo a melhor classe de clérigos, ou seja, aquela que não está totalmente absorvida pelas opiniões dogmáticas, enterradas em suas mentes, em suas escolas, mas que ousa buscar o auto conhecimento em Deus, sabe que se apegar as formas externas da religião, impede que a mente penetre em suas profundezas e alcance o espírito que

produz estas formas e que é um e o mesmo em todas as grandes religiões; pois a verdade é universal, externa, e única; são os eruditos que tomam um múltiplo aspecto da verdade, e se referem à ela com múltiplos óculos coloridos. Quanto a aplicação prática desta doutrina, Jacob Boehme diz: "Se permitirmos que nossa mente se preocupe com desejos terrestres, nossa mente será capturada por eles; mas se espiritualmente, nos colocamos acima do mundo dos desejos terrestres e das sensações, o mundo de luz irá capturar a nossa vontade, o mundo terrestre irá perder seu poder de atrair a nossa consciência, entraremos então no divino estado de Deus. O reino da matéria e das trevas é o reino da angústia, da contenção e do sofrimento; o reino do Espírito é o reino da luz, da alegria, da paz e da felicidade. Não há ser humano que não desejaria estar imerso nos prazeres materiais, se fosse capaz de compreender e perceber as alegrias do estado espiritual. Mas se o fogo da alma não é iluminado pela luz divina, a vontade da alma não pode entrar nesse estado, mas permanece nas trevas. A razão superficial acredita não haver faculdade de ver, exceto pelos olhos externos, e que se esses órgãos forem extirpados, haverá o fim da visão. É um infortúnio se a alma só pode ver através do espelho externo do olho. O que verá a alma se este espelho for quebrado? Ela estará nas trevas e só perceberá os lúgubres lampejos acesos por sua própria angústia e desespero. Enquanto a alma estiver conectada com o corpo, ela pode manter a luz divina em suas modificações, como manifestada através de uma ação do sol terrestre, e o sol é a fonte de todas as suas alegrias terrestres. Assim, o sol terrestre torna-se seu Deus, ela troca o efeito pela causa; ela é afastada da fonte da luz eterna e real, mergulhando nas trevas. Mas se a luz eterna e divina é recebida na alma, ela acende um fogo ali, que ilumina toda a substância da alma, de modo que esta torna-se luminosa, um espelho, um olho onde a luz de Deus é refletida. Que cada homem examine a si mesmo, e veja qual dos três mundos é seu mestre, o mundo de luz, o mundo das ilusões ou o mundo das trevas. Que ele procure sua própria alma, para ver se os quatro elementos do mal, a ambição, a raiva, a inveja e a avareza, ali governam, ou se a caridade universal, a benevolência, a bondade, a humildade e a boa vontade prevalecem, e não os deixam enfraquecer nessa batalha com seus elementos inferiores, a fim de que o Espírito de Deus possa ser vitorioso nele. Aquele que conscientemente carrega a imagem divina de Deus, não irá morrer por ocasião da morte do corpo, nem irá perder nenhum dos atributos que sua alma conquistou durante sua vida no corpo físico. Tanto o mundo

do bem, como o mundo do mal, estão contidos no mundo do homem. Aquilo que fazemos de nós mesmos, é o que seremos no futuro; o que quer que despertarmos em nós viverá em nós; na direção em que nos lançarmos, ali deveremos receber nosso guia".

Jacob Boehme possuía notáveis poderes ocultos. Ele falava várias línguas, embora ninguém saiba onde as tenha adquirido, provavelmente numa vida anterior. Conhecia também a linguagem da natureza, e podia chamar as plantas e animais por seu nome próprio. Foi dotado de faculdades psíquicas, que o permitia ver "psicometricamente" o passado e "clarividentemente" o futuro. Muito se falou sobre esses poderes, como por exemplo: Certa vez, um devasso homem da nobreza agrediu à Boehme, chamando-o de falso profeta, desafiando-o a contar qualquer coisa que não tivesse aprendido da forma comum. Boehme pediu para ser deixado em paz; mas como o tal homem continuou com suas ofensivas, Boehme lhe falou sobre sua própria história passada, mencionando várias coisas vis feitas por ele secretamente. Previu ainda que logo chegaria seu fim. O homem ficou furioso, e tendo admitido que era tudo verdade, pegou seu cavalo e sumiu. Na manhã seguinte foi encontrado morto na estrada, tendo sido lançado pelo seu cavalo e quebrado o pescoço.

O lema favorito de Boehme era: "Nossa salvação está na vida de Jesus Cristo em nós". Isso é, por si só, suficiente para mostrar o verdadeiro caráter da Cristandade de Boehme, que não buscava a salvação em uma pessoa histórica e morta, mas do Jesus vivo, vivificado pelo Cristo; em outros termos, tornar-se auto consciente através da mente mais elevada ou Manas, na luz do Atma-Buddhi (a alma espiritual).

Entre os mais proeminentes seguidores e sucessores de Jacob Boehme, encontram-se vários célebres teólogos e filósofos, tais como Dr. Balthasar Walther, Abraham Frankenberg, Friedrich Krause, e até mesmo o filho de seu maior inimigo, Richter de Goerlitz, que publicou oito livros contendo extratos das obras de Boehme.

As obras de Boehme foram traduzidas para várias línguas e atraiu a atenção de Carlos I, da Inglaterra, que após ler "Respostas a Quarenta Questões", exclamou: "Deus seja louvado por ainda existirem homens capazes de dar um testemunho vivo de Deus e de Sua Palavra, através de

experiências próprias". Johannes Sparrow, entre 1646 à 1662 traduziu as obras de Boehme para o Inglês e Edward Taylor foi responsável por outra tradução durante o reinado de James II. Uma terceira tradução foi publicada em 1755 por Willian Law; vários autores (incluindo o grande Newton), muito extraíram das obras de Boehme. Seus mais proeminentes discípulos, os mais capazes de alcançar suas idéias parece ter sido Thomas Bromley (1691) e Jane Leade (morta em 1703), fundadora da Sociedade dos Philadelphos (incluindo sob este nome todos aqueles que em certo estágio de desenvolvimento encontraram tal sociedade).

Henry Moore, Doutor em Cambridge, foi chamado para examinar as obras de Jacob Boehme, reportando-se contra elas. Ele as examinou, mas seu relatório foi diferente do que se esperava; pois mesmo se ele, por conta de suas idéias teológicas incrustadas, não era totalmente capaz de compreender as idéias de Boehme, confundindo-se de várias formas, ele se declarou a seu favor, dizendo que aquele que desprezasse Boehme, não passava de um ignorante e cego mental; acrescentou que, sem dúvida, Boehme teria sido espiritualmente despertado, a fim de corrigir aqueles falsos Cristãos que acreditavam meramente num Cristo externo, sem questionar se tinham ou não o Cristo em si.

Para a informação daqueles que acreditam que o presente pode tirar uma lição com a experiência do passado, devemos mencionar o nome de Johann George Gichtel, um homem piedoso, e um dos grandes discípulos de Boehme, um homem de grande visão e poder. Gichtel era um profundo pensador, de vida irrepreensível. Em 1682 ele republicou as obras de Boehme, adicionando a elas várias e valiosas gravuras, com respectivas explanações, mostrando grande profundidade de pensamento e conhecimento espiritual. Ao expor as faltas do clero, fez dele seu inimigo. Gichtel queria reformar o clero a força. Foi preso várias vezes, sendo até exposto publicamente ao ridículo em conseqüência de sua sinceridade. Ele fundou uma sociedade chamada de "Irmãos Angélicos", onde cada membro teria realmente renunciado ao mundo e entrado num estado de perfeição Angélica. Esses "Irmãos Angélicos" buscavam se livrar de qualquer imperfeição humana e não deveriam ser perturbados com preocupações terrestres. Não se casavam e nem realizavam qualquer trabalho manual; mas viver em contínua contemplação, oração, penetrando o centro do bem, a fim

de eliminar todo mal; desta forma, a cólera de Deus poderia ser extinta das almas de todos os homens, sendo que o amor e a harmonia prevaleceriam em todo lugar. Eram favoráveis a depor o clero e colocar em seu lugar verdadeiros sacerdotes, segundo a ordem de Melkisedec, tomando para si o Karma de todos os homens e o pecado do mundo para expiação e redenção. Assim, esses homens bem intencionados esqueceram que a organização de uma irmandade angelical requer, acima de tudo, anjos que constituam seus membros. Tais anjos não são tão fáceis de encontrar, e mesmo que fosse, não necessitariam de organização externa. No entanto, a sociedade de Gichtel embora não fosse nem angélica, nem divina, é conhecida por ter praticado o bem. Henke, um historiador da igreja, escreveu que esta foi bastante tolerante, nunca condenando ninguém por conta destas crenças e opiniões, e que eles nunca fizeram alarde, mas em silêncio realizaram muitas e boas obras.

Os seguidores de Jacob Boehme nem sempre tiveram paz. Haverá intolerância teológica e de outros tipos enquanto houver ignorância no mundo. Tais pessoas, incapazes de compreender o espírito dos ensinamentos de Boehme, imaginaram que eles contivessem heresias e em 1689, Quirus Kuhlmann, um seguidor de Boehme, foi queimado vivo na estaca em Moscou, por ter expressado livremente suas opiniões com relação a iniqüidade do clero daqueles tempos.

Todos os argumentos usados pelos inimigos de Boehme, nunca passaram do uso de nomes de mau gosto como: tolo, ateísta, porco, remendador de sapatos, hipócrita e doente! Além de frases do tipo: “O secto de Boehme é verdadeiramente demoníaco, o mais vil excremento do demônio; tem o pai da mentira como origem; o demônio tem a possessão de Boehme, e fala através de sua boca”. (Johann Trick)

“Não desejamos subir as escadas de sonhos criada por Boehme. Fazê-lo seria tentar à Deus e nos colocar em perdição”. (Delitsch)

“As obras de Jacob Boehme contém tantas blasfêmias quanto linhas. Elas contêm um terrível odor de cola e graxa de sapateiro”. (Richter)

“O sapateiro é o anticristo”. (Richter)

“Perguntamos quem é digno de crença? A palavra de Cristo ou o preconceituoso sapateiro com sua sujeira?” (Richter)

“O Espírito Santo untou o Cristo com óleo, mas o sapateiro vilão foi revestido de

sujeira, pelo demônio”. (Richter)

“O Cristo falou sobre coisas importantes; mas o sapateiro fala sobre coisas vis”. (Richter) “O Cristo pregou publicamente; mas o sapateiro se esconde”. (Richter)

“O Cristo costumava beber bom vinho, mas sapateiros bebem whisky”. (Rev.

Gregorius Richter)

Isso basta para exemplificar os argumentos teológicos daqueles tempos. Por mais ridículos que possam parecer agora, impunham uma face muita séria a Jacob Boehme e a seus sucessores. Hobius, de Hamburg, um seguidor de Jacob Boehme, teve que deixar a cidade por medo de ser assassinado pelo povoado, que teve sua fúria exaltada pelo intolerante reverendo J. Frederic Mayer; e Abraham Hinkelman, pelo mesmo motivo morreu na ruína, enquanto J. Winkler, um teólogo, que se recusou a demonstrar qualquer desprezo por Jacob Boehme, foi salvo de seus perseguidores através da proteção oferecida a ele pelo rei.

Por outro lado, houve muitos dentre os mais iluminados teólogos, que se posicionaram em defesa de Jacob Boehme e de suas doutrinas: John Winkler, John Mathaei, Frederick Brenkling, Spencer e especialmente Gottfried Arnold, autor de uma história sobre igrejas e heresias. O sábio encontra a sabedoria em todas as coisas, até mesmo na conversa de uma criança; mas o tolo vê a sua própria imagem em todo lugar; o grande historiador Mozhof (1688) vê em Jacob Boehme um santo e um sábio; enquanto F.T. Adelung, que escreveu um livro sobre a tolice humana, denunciou tanto Jacob Boehme como Theophrastus Paracelsus como tolos. Os tão chamados “Racionalistas”, e a grande massa de teólogos, combinados entre si de lutar contra aquilo que não eram capazes de compreender, enquanto Johann Salomo Samler, um pensador livre capaz de

penetrar o espírito de Boehme, chamou sua obra de “uma fonte de alegria e de conhecimento espiritual, da qual todos podem beber sem ter a ordem de sua vida externa perturbada por isso”.

Entre aqueles que preeminentemente foram capazes de alcançar as idéias de Jacob Boehme, mencionaremos apenas o grande teólogo Frederic Christop Oetinger, Pastor Oberlin e Louis Claude de St. Martin, o “Filósofo Desconhecido”, que traduziu algumas de suas obras para o Francês. Muitas outras pessoas, bastante conhecidas na história, penetraram, uns mais outros menos, a fonte da verdade, tais como Henry Jung Stilling, Friederich von Hardenberg, Friederich von Schlegel, Novalis, Heinrich Jacobi, Schelling, Goethe, Franz Baader, Hegel e muitos outros que poderiam ser mencionados. O valor da Verdade não pode depender da recomendação ou do certificado de nenhuma pessoa, por maior autoridade que ela possa ter sido; a Verdade está além de qualquer exaltação. O motivo pelo qual o homem tem tanta dificuldade em ver a Verdade é por que ela é tão simples, que até mesmo uma criança pode contê-la; mas as mentes dos sábios deste mundo são complicadas, de modo que buscam a complexidade na Verdade. Aqueles que querem penetrar o espírito das doutrinas de Jacob Boehme devem se livrar de seus próprios preconceitos, abrindo seus olhos para a luz. Os que são capazes de ver, verão; para aqueles cujos olhos estão fechados, os escritos de Jacob Boehme serão um livro selado, sendo aconselhável que aprendam primeiro a lição ensinada pela vida terrestre antes de tentar julgar os mistérios da vida, no Espírito de Deus.

Da fonte da vida interior no homem surge aquele poder misterioso de ver e sentir a Verdade chamada de “intuição”. É o poder de perceber imediatamente através do toque e da visão interior das coisas que pertencem ao espírito. Não se trata de compreensão e nem faz sentido falar de “confiabilidade” ou de “falha” da intuição; trata-se de percepção espiritual e, como na vida exterior somos capazes de ver algo, de senti-la através do tato, antes de termos qualquer conhecimento de suas qualidades externas, do mesmo modo, na contemplação das coisas espirituais devemos ser capazes de perceber interiormente o objeto de nossa investigação antes de podermos entender o que ele é.

A obra de Jacob Boehme está de perfeito acordo com as afirmações

encontradas na Bíblia Cristã; esta circunstância se mostrará um obstáculo para aqueles que não compreendem o sentido interno do conteúdo Bíblico, e um impedimento para que a dê atenção. A Bíblia, que, no sentido externo, fora formalmente acreditada e aceita pelo piedoso e pelo ignorante é agora universalmente desacreditada e ridicularizada pela "iluminada" porção da humanidade racionalista; naturalmente, a porção racionalista da humanidade não está suficientemente iluminada para ver o delicioso fruto sem a indigesta casca; eles não sabem que por trás destes contos, cheios de absurdos, oculta-se mais sabedoria do que em todos os livros de filosofia do mundo. Eles nada sabem sobre a vida interior, a Vida-Alma deste mundo; aqueles personagens, apresentados na Bíblia como dramáticos atores, representam poderes reais e conscientes, que podem, ou não, ser objetivados e representados em formas terrestres, no plano terrestre. Se, partirmos do ponto de vista pseudocientífico, que se refere ao mundo como sendo feito de um aglomerado de entidades individuais e auto existentes, olharemos para o mundo e especialmente para o nosso sistema solar, como uma unidade, indivisível em sua natureza essencial, mas manifestando- se numa multiplicidade de aparências e formas de vida; a história da Bíblia deixará de ser uma história de pessoas que viverem em tempos antigos, cuja vida e aventuras não tem nenhum interesse sério para nós, deste tempo; a história de evolução contida na Bíblia será compreendida como a história de evolução do Homem; exemplo: Adão, o rei da terra, cujo corpo é tão grande quanto nosso sistema solar; a história do homem universal, onde todos nós existimos; que se tornou material e degradado, mas que foi novamente redimido e espiritualizado pelo despertar em si da vida e luz imortal de Cristo.

Quando ou em que ocasião ocorreu a descida do Logos, é uma questão que deve ser deixada para os teólogos e historiadores; para mim basta saber que de fato existe um elemento divino na humanidade, através do qual ela pode ser redimida do materialismo e da ignorância, vindo a conceber novamente seu estado divino original. Além do mais, cada homem individual constitui um pequeno mundo onde está contido todos os poderes, princípios e essências que se existem no grande mundo, o sistema solar em que vivemos. Em cada um desses pequenos mundos a grande obra da redenção descrita na Bíblia como tendo ocorrido no grande mundo, continua acontecendo. O Espírito divino desce, para sempre, nas

profundezas da matéria de nosso ser corpóreo, e, pelo poder da luz e do amor de Cristo na alma, conquista o fogo lúgubre da vontade colérica com o objetivo de restabelecer no homem a imagem divina de Deus. Para sempre, o Cristo nasce entre os elementos animais na constituição do homem, ensinando ali os poderes inteligentes; crucificado na cruz, no centro dos quatro elementos e ressurgido naqueles que não resistem ao seu próprio processo de regeneração, através do qual podem manter a vida em Cristo. Trata-se de um processo que se repete eternamente; mas, de acordo com o nosso mundo, isso teve início num tempo, como há um início temporal em cada ser individual sobre a terra; parece evidente, que se Adão nunca houvesse caído em pecado, ou seja, se a consciência universal, que constitui o fundamento de nosso sistema solar nunca tivesse mergulhado num estado material, não haveria a necessidade de redimi-lo, despertando em si uma consciência mais elevada; tampouco se poderia supor que o mundo está perfeito agora, e que sempre foi e permanece sendo perfeito, porque vemos que não é perfeito, e se fosse, a obra de evolução não teria sua utilidade e chegaria a um fim.

Esta obra de evolução e redenção está em processo contínuo, em todo lugar. Para baixo brilha a luz do sol e para cima surgem as fontes que jorram do ventre da terra. Assim, a luz do Espírito vem do sol da sabedoria divina, a sagrada Trindade da Vontade e da Inteligência e suas manifestações; e das profundezas do coração humano sobe a luz do amor, superando os argumentos do intelecto que tem sido enganado pelas aparências externas. A semente é colocada na terra, não para dela desfrutar e ali encontrar seu o seu propósito, mas para morrer gradualmente e ser transformada enquanto vive; morrer como semente, desenvolver-se como planta,

cujo corpo surge da terra escura na luz e no ar, e cuja forma não carrega nenhum traço da forma original da semente; a semente não foi colocada na terra para morrer e para apodrecer antes de se tornar uma planta. Assim, a regeneração espiritual do homem deve ser efetivada agora, enquanto ele vive no corpo, e não depois que o corpo, necessário para que tal transformação ocorra, tenha morrido e seja devorado pelos vermes e destruído pelo fogo.

Quando a semente deixa de ser semente, torna-se uma planta. Quando o homem, intermediário entre um animal intelectual e um deus, deixa de ser um animal, ele se torna um deus. Isso ocorre quando o Deus universal, o Cristo, começa a viver nele. Então as ilusões acabam, e a verdade interior começa a ser revelada. Não em livros, não em opiniões, não na forma vaga das especulações metafísicas, mas na Verdade viva, onde está a Luz a ser encontrada.

É preciso estar preparado para estudar as doutrinas de Jacob Boehme. Elas cominam num único ponto que o homem deveria compreender como sendo a vontade de Deus. Surge então a questão: "O que é a vontade de Deus?" A resposta de Jacob Boehme é: "Nós mesmos somos a vontade de Deus, por bem ou por mal. O que quer que seja manifestado em nós, é o que somos, seja no inferno, seja no céu." A vida do homem é uma forma de vontade divina, e fazer a vontade de Deus significa, portanto, tornar-se divino e semelhante à Deus, tentando cumprir os mais altos ideais, pensamentos, palavras e feitos de cada um. "Deus deve tornar-se homem, e o homem deve tornar-se Deus. O céu deve tornar-se um com a terra, e a terra deve tornar-se um céu, a fim de que sua vontade se torne a vontade do céu." (Signatura, x.48). Usando outras palavras, podemos dizer: "A vontade universal, em sua ação no homem, deve tornar-se divina, a fim de que o homem tenha a consciência de estar em possessão dos poderes divinos. A mente terrestre do homem deve ter despertada em si a luz divina do espírito, a fim de que um céu possa ser criado na mente". As doutrinas de Jacob Boehme, portanto, não têm a intenção de nos ensinar aquilo que deveríamos saber ou o que deveríamos fazer, mas pretende nos auxiliar a cumprir algo de maior importância, o que devemos ser.

Ele mesmo diz, na introdução de um de seus livros:

"Caro leitor que ama à Deus! Se é de tua séria e honesta vontade e desejo devotar a ti mesmo ao que é divino e eterno, a leitura deste livro será muito útil; mas se não estiveres completamente determinado a entrar no caminho da santidade, é melhor que deixes em paz os nomes de Deus, com os quais Sua santidade suprema é invocada, porque a cólera de Deus pode ser acesa em tua alma. Esse livro é escrito somente para aqueles que desejam ser santificados e unidos com o Poder Supremo, de onde originaram-se. Tais

pessoas irão compreender o verdadeiro sentido das palavras aqui contidas, e irão também reconhecer a fonte de onde vieram tais pensamentos".

Um dos mais iluminados críticos de Jacob Boehme diz o seguinte, com relação a seu livro sobre os mistérios divinos:

"Este livro é um tesouro, onde toda a sabedoria foi ocultada dos olhos dos

profanos, mas para os filhos da luz ela está sempre aberta. Ninguém irá compreendê-

la claramente, a menos que tenha a chave necessária para esse fim, essa chave é o Espírito Santo. Aquele que possuir esta chave será capaz de abrir a porta, entrar e ver os mistérios da divindade, a mágica divina, a cabala angélica e a filosofia natural. Tal chave abre a porta da divindade e como um raio de luz, ilumina as trevas das condições humanas; pois seu espírito imperecível está contido de todas as coisas. Só o Espírito pode ensinar a alma do homem a profundeza e a verdade que se originarem com este livro, para a maior glória da divindade na natureza e no homem".

Ele diz ainda:

"O espírito do homem está enraizado em Deus; a alma do homem, no mundo angélico. O espírito é divino, a alma angélica. O corpo do homem está enraizado no plano material; ele é de natureza terrestre. O corpo puro é um Sal; a alma um Fogo; o espírito uma Luz. O espírito e a alma sempre estiveram eternamente em Deus e foram soprados por Deus, num corpo puro. Esse corpo puro é um tesouro precioso escondido na rocha. Ele está contido na matéria e está condenado a perecer; mas ele próprio não é nem mortal, nem material. Trata-se do corpo imortal falado por São Paulo. Essas coisas são misteriosas, seladas pelo selo do Espírito, e aquele que desejar conhece-las deve possuir o Espírito de Deus. É esse Espírito que ilumina aquelas mentes que são Suas, e onde quer que se encontrem, as águias – almas e espíritos – irão coleta-las. Nenhum homem animal, vivendo segundo suas atrações sensuais e raciocínio animal, irá compreender, pois isso está acima do alcance dos sentidos, e acima do alcance do Intelecto semi-animal; pertence à montanha santa de Deus, e o toque animal que

tocar aquela montanha devem morrer. Mesmo as almas santificadas devem ficar descalças ao subirem na montanha, deixando para trás tudo aquilo que estiver impregnado em si como uma criatura. Ela deve esquecer sua personalidade, e não procurar saber se está no corpo ou fora dele. Deus sabe. Essas coisas são sagradas. Foram escritas para as crianças, os animais nada temos a dizer."

Que o leitor ore, não com aboca, não com suas próprias palavras, mas com seu espírito, ou seja, abra seu coração à influência do poder de Deus, e pelo poder da Vontade Divina surja para aquele reino universal da Luz, do qual Jacob Boehme recebeu suas iluminações. É o reino do Verbo vivo, que se encontrava no princípio; pelo seu poder, o mundo foi criado; o Cristo que continuamente suspira o consolo para a alma desesperada e moribunda; o coração e o centro de Deus, cujo sol material, que preenche nosso mundo terrestre de luz e vida é meramente um símbolo, uma representação exterior. Que possamos ver o mundo interior repleto de luz celeste e vivificante, incomparavelmente superior que aquela do mundo físico, e nesse mundo encontraremos Deus, o Cristo e o santo Espírito da Verdade revelada, junto com todos os anjos e mistérios, verdadeira e satisfatoriamente além da possibilidade de ser contestada; pois então, não teremos a necessidade de ensinar com meras letras ou palavras, mas pela verdade em si, e aprender o que é, e não o que parece ser para o outro, porque nós mesmos seremos um com a Verdade, e a conheceremos através do conhecimento do eu.

No ano de 1705 o santificado Gichtel escreveu: "Quem quer que seja, em nosso

tempo, que deseje manifestar algo fundamental e imperecível, deve emprestá-lo de

Boehme. Sua obra é um Dom de Deus, e é justamente por isso que não é qualquer tipo de razão que pode apreende-la; portanto, não se deve ficar satisfeito com uma mera leitura e especulação racional, mas rogue a Deus para que te dê Seu Espírito Santo, para que te conduza à Verdade".

Essas palavras proféticas, citadas no excelente ensaio de A. J. Penny, sobre o caminho para estudar a obra de Jacob Boehme, foram plenamente

confirmadas pelos eventos que se sucederam; pois todo grande filósofo que veio a público desde aquele tempo parecem ter recebido sua inspiração através da obra de Boehme. Até mesmo o grande Arthur Schopenhauer, um dos mais admiráveis filósofos modernos, cuja obra foi admirada por muitos daqueles que condenariam Boehme, sem nunca o ter estudado, era um seguidor de Boehme, sua obra é fundamentalmente uma exposição das doutrinas de Boehme, através de seu ponto de vista, que mal interpretou Boehme em vários pontos. Schopenhauer comenta também sobre a obra de Schelling: "Não passa de uma remodelação do "Mysterium Magnum" de Boehme, onde quase todas as frases do livro de Hegel estão representadas. Mas por que no livro de Hegel as mesmas figuras e formas me parecem insuportavelmente ridículas, sendo que na obra de Boehme me enchem de admiração e reverência? É porque na obra de Boehme o reconhecimento da verdade eterna fala a cada página, enquanto que Schelling tira dele o que é capaz de alcançar. Ele usa a mesma figura de linguagem, mas evidentemente mistura a casca com o fruto, ou talvez não saiba separar uma da outra". (Handschriften, Nachlass p. 261).

Seria tedioso reproduzir o que vários filósofos modernos, de várias partes do mundo, disseram sobre as obras de Boehme; a única forma de se ter uma correta concepção sobre ele, é penetrar o espírito e ver como ele viu. Iremos, portanto, como conclusão, citar as palavras de Louis-Claude de Saint- Martin: "Eu não sou jovem, beiro meus cinqüenta anos; no entanto, comecei a aprender alemão com o único objetivo de estudar incomparável autor".

... "Eu não sou digno de amarrar os laços do sapato deste homem maravilhoso, que considero a maior luz que já apareceu, sobre a terra, depois daquele que era a Luz propriamente dita"... "Eu vos aconselho a lançarem-se neste abismo de conhecimento das mais profundas de todas as verdades..." "Encontro em suas obras tal profundidade e exaltação de pensamento, e tão simples e delicioso alimento, que consideraria uma perda de tempo buscar tais coisas em outro lugar". (Cartas para Kirchberger).

Se algum dia compreendermos a obra de Jacob Boehme, ficaremos surpresos ao verificar que nem todos os amantes da verdade conhecem seus livros, e os consideraremos como o mais valioso e útil tesouro da literatura

espiritual.

A doutrina de Jacob Boehme



"A Ciência não pode abolir a fé no Deus Providencial, sem idolatrar em Seu lugar o intelecto cego".

"A verdadeira fé ocorre quando o espírito da alma entra com sua vontade e deseja naquilo que não vê e não sente". (Four Complexions, 85)

É evidente que se desejamos alcançar uma contemplação daquilo que é divino e eterno, não podemos nos recusar a acreditar na possibilidade de que algo divino e eterno existe, ou que possa se revelar na constituição do homem. Este princípio espiritual no homem é superior ao animal e ao homem racional; superior ao corpo material, e superior ao intelecto argumentativo; não há a necessidade de raciocinar ou adivinhar; percebe-se e se sabe. Sendo esse princípio superior ao intelecto, não pode ser concebido como intelectualidade, mas pode ser percebido pelo homem, caso ele se eleve do plano animal e intelectual a uma consciência de seu próprio espírito divino; ou, usando a linguagem de Boehme, se o homem manter seu conhecimento em Cristo. Os instintos animais no homem pertencem à sua natureza animal; suas faculdades intelectuais pertencem à sua natureza intelectual, mas aquilo que é divino pertence ao seu Deus, seu verdadeiro, real e permanente eu.

Especulações meramente teóricas com relação ao que pertence ao Espírito no homem é, portanto inteiramente inadequado para sua verdadeira compreensão, e não tem nada de sabedoria divina; isso só pode levar à formação de teorias e opiniões sobre o assunto, que podem ou não ser verdadeiras, mas que não constituem conhecimento real, enquanto que a

verdadeira sabedoria é o resultado de experiência prática, não alcançada de outra forma senão quando se entra no estado divino. Em outras palavras, é o conhecimento pelo qual Deus no "homem" conhece a si próprio.

Certamente a conquista do estado divino não é resultado de vôos da fantasia, de sonhos piedosos ou de deixar a imaginação correr. Não há nada mais positivo, real e prático do que a consciência de ser um homem, e de se encontrar o seu centro de gravidade na dignidade que surge na verdadeira humanidade; em outras palavras, do conhecimento de ser um templo vivo, onde reside o poder de seu próprio ser imortal.

Cada estado de conhecimento tem o seu uso na esfera a que pertence e não à outra. Jacob Boehme afirma:

"Não digo que o homem não deva investigar as ciências naturais, e adquirir experiências relacionadas as coisas externas. Com certeza, esse estudo é útil, mas o raciocínio do homem, não deve ser a base de seu conhecimento. O homem não deve ter a sua conduta guiada meramente pela luz da razão exterior, mas deve sim, com todo seu raciocínio e todo o seu ser, curvar-se em profunda humildade diante de Deus". (Calmness, 1. 35).

Enquanto o homem não reconhece a existência de um princípio divino em seu próprio ser, será inútil filosofar e especular sobre os atributos da Divindade no universo; ele não pode conhecer o Espírito Santo enquanto o Espírito de Santidade não estiver ativo em si mesmo.

"O homem natural nada sabe sobre os mistérios do reino de Deus, porque ele está fora e não dentro do estado da divindade, sendo provado diariamente pela ação dos filósofos que brigam por causa dos atributos e da vontade de Deus; de fato, eles não conhecem a Deus, porque não ouvem a palavra de Deus dentro de suas próprias almas". (Cartas, XXXV. 5).

O homem externo julga segundo o raciocínio externo. O homem depende inteiramente de suas percepções externas, e não tem nem crença e nem confiança em nada, exceto no que vê com seus olhos carnais; ele não atenta para nada que seja superior a isso.

"Quando a razão externa comanda as coisas deste mundo; como o

infortúnio recai sobre o piedoso e o descrente, e como todas as coisas estão condenadas à morte e à destruição – se a razão acreditar que nada salvará o virtuoso do pesar e da dor, mas que tanto ele, como o fraco entra, dolorosamente, no vale da morte, então a razão do homem pensa que todas as coisas se devem ao puro acaso, e que não há Deus para cuidar daqueles que sofrem". (Contemplation, I,1).

Se não há prova da existência de um Deus benevolente, que possa ser encontrada no mundo fenomênico, não há também nenhum auto conhecimento divino a ser obtido pela leitura superficial da Santa Escritura, nem por um estudo externo da Bíblia, ou por conceber seu conteúdo, de um ponto de vista meramente histórico. Ouvir sermões também não adianta nada para o auto conhecimento, se aquele que prega e aquele que ouve não tem o Espírito Vivo da Verdade, dentro de si.

"Todos aqueles que desejam falar ou ensinar os mistérios divinos devem possuir o Espírito de Deus. O homem deve reconhecer em si a luz divina da verdade, e nessa luz as coisas que ele deseja apresentar como sendo verdade. Ele nunca deve estar sem esse auto conhecimento divino, e nem fazer com que a força de seus argumentos dependa meramente do raciocínio externo ou de interpretações literais da Bíblia". (Menschwerdung, I. I, 3).

"De que adianta ficar consultando a Bíblia, conhece-la de memória, mas não onhecer o Espírito que inspira os homens santos que escreveram aquele livro, nem a fonte da qual receberam tal conhecimento? Como posso esperar compreende-lo em verdade, se não possuo o mesmo espírito que eles?" (Tilk. II. 55).

As verdades espirituais estão acima e além do raciocínio intelectual, podendo, portanto, não serem intelectualmente explicáveis. Elas podem no máximo, serem representadas por alegorias e símbolos que induzam os homens a dar passagem aos pensamentos exaltados, adquirindo assim um estado elevado de percepção.

"Os filhos de Deus falam através do Espírito Santo. Portanto, suas palavras permanecem um mistério aos homens da terra; e mesmo que esses imaginem que as compreendem, eles só vêem o sentido externo". (Cartas, XI. 40).

“Todas as coisas recebidas por boato, sem a percepção pessoal, ainda permanecerá uma dúvida quanto a sua real verdade; mas aquilo que é visto pelo olho e compreendido pelo coração carrega consigo a convicção”. (Three Principles, X. 26)

Nunca se deve esquecer que a filosofia especulativa e a teologia são coisas completamente diferentes, para não dizer coisas opostas, e aqueles que clamam por explicações intelectuais das verdades espirituais, que estão além do raciocínio intelectual, possuem uma concepção totalmente errônea do sentido do termo “Teosofia”.

“A verdadeira compreensão deve vir da fonte interior e penetrar a mente do Verbo vivo de Deus, dentro da alma. A menos que isso ocorra, todo ensinamento sobre as coisas divinas é inútil e desprezível”. (Cartas, XXXV. 7).

“Não pretendo afastar os homens do Verbo enquanto escrito e ensinado; mas meus escritos pretendem conduzi-los de uma mera crença histórica para uma fé viva, ao próprio Jesus Cristo (a Luz e a Verdade). Toda pregação e ensinamento é inútil se não passar de conversa, e se o pregador ou mestre não tiver o poder de Cristo, se não é o Cristo propriamente dito por meio do Verbo, que age dentro daqueles que ensinam e daqueles que ouvem”. (Richter, 45).

Ao estudar um livro podemos, na melhor das hipóteses, imaginar o que o autor acreditava; mas tal ensinamento imaginário não é auto conhecimento. O conhecimento espiritual real só aparece com o despertar do espírito.

“Não estou coletando meus conhecimentos das letras e livros, mas do meu próprio ser; porque o céu e a terra, com todos os seus habitantes, e mais que tudo, o próprio Deus, está no homem”. (Tilk. II. 297).

O homem essencial não é limitado pela forma física visível de seu corpo material; sua substância espiritual se estende tão longe quanto as estrelas. Seu verdadeiro ser é o Espírito de Deus, onde todos os mundos estão em existência.

“O espírito do homem não veio meramente das estrelas e dos elementos;

ele traz oculta em si uma centelha da luz e do poder de Deus. Não é à toa que Moisés (Gênesis I) diz: “Deus criou o homem à Sua própria imagem. Para ser Sua própria

imagem Ele o criou”. (Aurora, Prefácio, 96).

O Espírito divino, uma vez despertado na consciência do homem, sabe todas as coisas através do conhecimento de seu próprio ser.

“A alma busca na Divindade e também nas profundezas da natureza; pois ela tem a sua fonte e a sua origem no todo do Ser divino”. (Aurora, Prefácio, 98).

“Assim como o olho do homem busca as estrelas de onde teve sua origem primitiva, a alma penetra e vê no estado divino do ser, onde vive”. (Aurora, Prefácio, 99).

“Ó, quão perto está Deus de todas as coisas. No entanto, nada pode compreendê- lo, a menos que esteja tranqüilo e entregue sua vontade própria à Ele. Se isso for realizado, então a vontade de Deus estará agindo através da instrumentalidade de todas as coisas, como o sol que age por todo o mundo”. (Mystery, 45).

“Por que não podemos ver a Deus? Este mundo e o demônio (bem pervertido) na cólera de Deus nos impedem de ver com os olhos de Deus. Não há outro impedimento. Se alguém diz: ‘Não posso ver nada divino’, precisa compreender que a carne e o sangue e as artimanhas do demônio (desejos pervertidos) consistem um obstáculo e impedimento para ele. Se ele pretende penetrar a nova vida, caminhar sob a cruz de Cristo, é preciso ter certeza de ver o Pai, seu redentor, o Cristo e também o Espírito Santo”. (Menschwerdung, II,7).

Lembrem-se, pretensos filósofos, que rejeitam à Deus e o que é divino: não pode haver sabedoria divina sem algo que seja divino; não há outra forma do homem se tornar divino senão através do poder da Divindade.

“Não há centelha de vida divina naquele que está sem Deus. Não se deve culpar à Deus por isso, mas a própria pessoa. Tais pessoas tem a si mesmas,

e por vontade própria, entraram em tal estado, abafando a consciência elevada, enquanto que a jóia preciosa, embora desconhecida deles, continua oculta no centro. Deixe, portanto, que eles saiam novamente da ignorância intencional ou malignidade, por vontade própria, e entrem novamente na vontade de Deus". (Menschwerdung, 3, 5).

Tudo isso prova que é inútil buscar a sabedoria divina, objetivando uma verdadeira realização da verdade eterna, nas coisas e observações exteriores, lendo livros, nas palavras dos sacerdotes, se não reconhecermos a verdade que existe dentro de nosso próprio ser. Toda dependência colocada em coisas externas, pessoas ou deuses fora de nosso próprio e verdadeiro ser, não passa de idolatria e engano, se não reconhecermos o Deus que existe dentro de nós mesmos.

"Deus", segundo Boehme, é "a vontade da sabedoria eterna". Se fortalecer em Deus é se fortalecer naquela vontade à qual se entrega o sábio. Esta é a verdadeira fé, da qual Boehme diz que: "não se trata apenas de um certo método de pensar, ou a crença em certas ocorrências históricas, mas no recebimento do espírito e poder de Cristo no ser". (Cartas, XLVI. 39).

"Essa luz e esse poder de Cristo surge em Seus filhos dentro da fundação interior e ilumina a totalidade de suas vidas. Dentro dessa fundação encontra-se o reino de Deus no homem" (Communion, V. 18).

Mas o que é que impede o homem de reconhecer à Deus dentro de seu próprio ser? O que é que obstrui a visão da luz da verdade, a audição da voz da Divindade? Jacob Boehme tem uma resposta: "Tua própria audição, vontade e visão te impede de ver e ouvir à Deus. Através do exercício de tua vontade própria tu te separas da vontade de Deus; pelo exercício de tua visão própria, tu vês apenas dentro de teus próprios desejos, enquanto que teu desejo obstrui a tua audição, fechando teus ouvidos com aquilo que pertence as coisas materiais e terrestres. Tudo isso te encobre, de modo que não podes ver o que está além de sua própria natureza humana e supersensual. Mas se ficares quieto, desistir de pensar e sentir com seu próprio ser pessoal, então a audição, a visão e a palavra eterna serão revelados a ti, e Deus irá ver e ouvir e perceber através de você". – (Supersensual Life, 1-5).

Alguém poderia perguntar: “Seria necessário então, para nós que queremos alcançar a sabedoria divina, não pensar, não sentir e não fazer nada?” Quem faz tal pergunta não percebe que, como há uma região abaixo de todo sentimento e pensamento, na qual o homem assemelha-se a um animal, se não a um cadáver, há também um outro estado, além de todo pensamento especulativo, um estado de ser divino. Não se trata de um estado em que o homem imagina ser divino, mas uma condição na qual a vontade do homem, despindo-se de tudo o que é terrestre, torna- se divina e absorvida na auto consciência da divindade.

“O único e verdadeiro caminho através do qual Deus pode ser percebido em Sua Palavra, Essência e Vontade, é quando o homem alcança um estado de unidade consigo mesmo, e quando – não só em sua imaginação, mas em sua vontade, possa deixar tudo o que é eu pessoal, ou o que pertence ao eu: dinheiro e bens, pai e mãe, irmão e irmã, esposa e filhos, corpo e vida, quando o seu próprio eu se transforma num nada. Ele deve entregar tudo e se tornar mais pobre que um pássaro no ar, que possui um ninho. O homem não deve ter um ninho para o seu coração neste mundo. Não que se deva fugir de casa, abandonar esposa, filhos ou parentes, cometer suicídio, ou jogar fora suas propriedades, a fim de não estar corporalmente presente; deve-se matar e anular a vontade própria, aquela que clama por todas essas coisas como sua possessão. O homem deve entregar tudo isso ao seu Criador, e dizer com todo consentimento de seu coração: ‘Senhor, tudo é seu’! Sou indigno de governar tudo isso, mas como Tu me colocastes ali, devo cumprir meu dever entregando minha vontade a Ti, de forma total e completa. Aja através de mim da forma que quiseres, a fim de que a Sua vontade seja feita em todas as coisas e em tudo que eu seja chamado a fazer para o benefício de meus irmãos, a quem sirvo segundo o teu mandamento. Aquele que penetra neste estado de resignação suprema entra em união divina com Cristo, a fim de ver ao Próprio Deus. Ele fala com Deus e Deus fala com ele, ele sabe qual é a Palavra”, a. “Essência, e a Vontade de Deus”. (Mysterium, XLI. 54-63).

“Siga meu conselho, deixe de buscar o conhecimento de Deus, através da sua vontade egoísta e de teu raciocínio; jogue fora tua razão imaginária, aquela que teu eu mortal pensa que possui, então tua vontade será a vontade de Deus. Se Ele encontrar a Sua vontade como sendo a sua vontade na

Dele, então a Sua vontade irá se manifestar em sua vontade, como se fosse em Sua própria propriedade. Ele é Tudo, e o que quer que desejes saber no Tudo está Nele. Não há nada oculto diante Dele, e tu verás em Sua própria luz." (Forty Questions, I.36).

"Tudo o que se busca e se investiga sobre os mistérios divinos num espírito de egoísmo é inútil. A vontade própria não pode compreender nada de Deus, porque essa vontade não está em Deus, mas é externa à Ele. A vontade num estado de tranqüilidade divina, compreende o divino, porque é um instrumento do Espírito, e é o espírito em que a vontade é tranqüila que tem a faculdade de tal compreensão. Há muitas coisas, sem dúvida, que podem ser investigadas, aprendidas e compreendidas num espírito de egoísmo, mas a concepção assim formada pela mente não passa de uma aparência externa, e não há compreensão do fundamento essencial." (Signature 15,33)

Para expressar o que foi dito acima em outras palavras, podemos dizer que a vontade egoísta do homem, sendo limitada, não pode conceber a vontade universal de Deus; é preciso se livrar de seu egoísmo e limitações, para se tornar um no Espírito de Deus e compreender seu próprio ser. A vontade própria não pode conhecer nem ao menos uma parte de Deus, porque Deus é um e uma Unidade, e não pode ser concebido em partes.

"A vontade deve buscar ou desejar nada mais do que a misericórdia de Deus no Cristo; deve entrar continuamente no amor de Deus, e não permitir que nada a afaste deste objetivo. Se a razão externa triunfa e diz: 'Eu tenho o verdadeiro conhecimento' então a vontade deve fazer a razão carnal curvar-se à terra, fazendo com que entre num estado mais elevado de humildade, e com que repita sempre para si mesma as palavras: 'És tola. Tu nada possuis senão a misericórdia de Deus'. Tente penetrar essa misericórdia e tornar-se um nada em si mesmo, e afaste-se de todo o seu próprio conhecimento e desejo egoísta, reconhecendo-os como algo inteiramente impotente. Então a vontade própria natural, irá entrar num estado de abandono, e o Espírito Santo de Deus irá tomar uma forma viva dentro de ti, inflamando a alma com suas chamas de amor divino. Assim, o conhecimento elevado e a ciência do Centro de todo ser irá surgir. O eu humano irá começar a perceber o Espírito de Deus, tremulamente e na

alegria da humildade, e será capaz de ver o que está contido no tempo e na eternidade. Tudo está perto de uma alma nesse estado, pois a alma não é mais propriedade sua, mas um instrumento de Deus. Em tal estado de calmaria e humildade a alma deve permanecer, como uma fonte permanece em sua própria origem, ela deve, sem cessar, atrair e beber daquele poço, e nunca mais desejar deixar o caminho de Deus". (Calmness, 1, 24).

Assim como o verme, que se arrasta no pó da terra, não pode se elevar acima das nuvens, como faz a águia, também o pensamento de vontade própria do homem, vagando no labirinto das opiniões conflitantes, não entra no reino da verdade eterna. Mas quando o homem atinge a liberdade, abandonando a vontade própria e os desejos egoístas – ou, em outras palavras, quando através do Cristo (eterna Luz e Verdade) se chegar a um estado de unicidade com Deus, o que torna sua alma semelhante à Deus e divina, ele então receberá em Cristo um conhecimento verdadeiro e essencial de Deus e da Natureza.

Tão logo o recém homem regenerado se manifeste, irá alcançar o conhecimento real. Assim como o homem externo vê o mundo externo, o homem regenerado vê o mundo divino onde ele habita". (Cartas, XXVII. 3).

Este mundo espiritual, onde os regenerados vivem conscientemente, não é um mundo imaginário ou alusivo, mas perfeitamente real; ele não tem nada em comum com as concepções vulgares de céu, que não passam de produtos da fantasia.

"É de se lamentar como os homens são guiados de forma tão cega por aqueles cegos, e que a verdade é impedida de se manifestar em sua glória e pureza por causa de nossas concepções das formas e figuras externas; pois quando o poder divino em todo o seu esplendor se torna manifesto e ativo no fundamento interior da alma, a ponto do homem desejar sinceramente abandonar os caminhos desprovidos de Deus e sacrificar todo o seu ser por Deus, então toda a Divindade trina estará presente na vida e na vontade da alma, e o céu, onde Deus reside, se abrirá para essa alma." (Mystery, LX. 43).

Este é o único caminho para se obter o conhecimento de Deus, não há

outro. “O Cristo diz: O Filho do Homem não faz nada além do que vê o Pai fazendo.

Se o Filho do Homem tornou-se o nosso corpo e Seu espírito o nosso próprio espírito,

seria possível não conhecermos à Deus? Se vivemos no Cristo, o Espírito de Cristo verá através de nós e em nós aquilo que deseja, e aquilo que o Cristo deseja veremos e conheceremos Nele. O mundo dos anjos é mais simples e mais claramente compreensível para o homem regenerado do que o mundo terrestre. Ele também vê no céu, e observa a Deus e a eternidade”. (Menschwerdung, II. 7,3).

“A nossa visão e o nosso conhecimento estão em Deus. Ele revela a todos neste mundo, segundo a Sua vontade, e na medida em que sabe ser útil para ele. Não estamos em possessão de nosso próprio ser. Nada sabemos sobre Deus. O Deus Propriamente dito é o nosso conhecimento e visão. Não somos nada, a fim de que Ele possa ser Tudo em nós. Devemos ser cegos, surdos e mudos, e não saber nada, não tomar conhecimento de vida que seja propriedade nossa, a fim de que Ele possa ser a nossa vida e a nossa alma, e a fim de que nossa obra possa ser a Sua”. (Menschwerdung, II. 7,9).

Tendo em vista essa verdadeira luz, quão tolas parecem as práticas daqueles que pretendem obter o poder e a grandeza espiritual, através de esforços mentais e especulações, sem a luz de Deus. Sabe- se que a luz do sol não brilha sobre a terra porque nós desejamos, tampouco podemos atrair a luz do sol para nós. Tudo o que fazemos é deixar as trevas, ou subir ao topo de uma montanha que se ergue acima das nuvens. Do mesmo modo, a luz do sol da sabedoria divina não penetra a mente porque a mente deseja que ela a penetre; mas se nossas almas elevarem-se ao topo da montanha da verdadeira fé, cujo topo chega acima das nuvens do medo e da superstição, das especulações idólatras e das opiniões conflitantes, então a luz chegará a nós através de sua própria doce graça, e sem nenhum mérito ou esforço de nossa parte para atraí-la.

O baixo não pode produzir o alto; nada pode dar à luz a algo mais elevado do que aquilo que contém. Nem o homem animal ou racional pode criar Deus, mas o botão de lírio da divindade desabrocha-se no homem por seu próprio poder. O homem divino cria a si mesmo fora da

vontade do homem. Ele é um deus, auto criado e auto existente; ele não fica maior nem menor; ele é o que é; tudo o que necessita são as condições necessárias para se revelar e essa condição é uma vontade pura e uma mente não perturbada por paixões e pensamentos idólatras, um coração repleto de tranqüilidade e paz.

De fato, poucas são as pessoas capazes de penetrar tal estado de humildade para que a verdade eterna e divina possa se manifestar em nelas, sem que sejam distorcidas por pensamentos e desejos egoístas. Todos os seres humanos possuem em si a capacidade de ver a imagem divina que ali existe; mas a verdade é tão simples e descomplicada que não é aceita por aqueles cujos caminhos são complicados, e que, portanto, procuram a complexidade em todo lugar.

Jacob Boehme possuía uma natureza simples e descomplicada. Recebeu uma educação externa e pequena; ele não tinha a necessidade de desaprender erros gravados, nem de apagar concepções errôneas e preconceitos de sua mente. Levando uma vida pura, sua alma era como um espelho limpo, no qual ele podia perceber a imagem da Divindade refletida; sua mente era como uma página imaculada, onde a palavra da verdade foi plenamente escrita. No entanto, assim como qualquer outra pessoa em estado semelhante, teve que superar certas ilusões em sua mente, que surgem das observações externas, e do reflexo das idéias que geralmente prevalecem. Ele diz:

"Antes de saber o que agora sei profundamente, pensava que não havia outro céu verdadeiro do que aquele que, num círculo azul, encobre o mundo acima das estrelas; pensava que Deus tinha ali uma existência separada, e que governava este mundo através de seu Espírito santo. Mas depois de ter me deparado com vários e difíceis obstáculos ao seguir esta teoria, cai num estado de profunda melancolia e pesar ao observar a grande profundidade deste mundo, o sol e as estrelas, as nuvens, a chuva e a neve, e toda a criação. Comparei tudo isso com a pequena mancha chamada 'homem', e quão insignificante ele é diante de Deus, se comparado com a grande obra que é o céu e a terra.1 Descobri que existe o bem e o mal em todas as coisas, nos elementos assim como nas criaturas, e que neste mundo o fraco se depara com o mesmo fato que o piedoso, tendo boa e má

sorte; além do mais, que os bárbaros ocupam os melhores países do mundo, e são mais favorecidos pela fortuna do que os piedosos; fiquei muito abatido, não pude encontrar consolo nem mesmo nas Sagradas Escrituras, embora conhecesse a Bíblia do princípio ao fim.

"Quando meu espírito, cheio de sofrimento, movimentando-se como que numa grande tormenta, sinceramente surgiu em Deus, carregando consigo todo o meu coração e minha mente, com todos os meus pensamentos e com toda a minha vontade; quando eu não podia mais parar de lutar contra o amor e a misericórdia de Deus, a menos que sua Benção descesse sobre mim – ou seja, a menos que Ele iluminasse minha mente com Seu Espírito Santo, para que eu pudesse compreender a Sua vontade e me livrar de minha dor, então a luz do Espírito rompeu das nuvens. Enquanto que em meu fervor, lutava poderosamente contra os portais do inferno, como se tivesse mais forças do que as que estavam em minha posse, desejando arriscar a própria vida (que teria sido insuportável, sem o auxílio de Deus); após duras lutas contra os poderes das trevas, meu espírito rompeu as portas do inferno, e penetrou a essência mais íntima da Divindade recém-nascida, onde foi recebida com grande amor, tal qual aquele oferecido por uma noiva ao receber seu amado noivo. As palavras não podem expressar a grande satisfação e triunfo que experimentei então; tampouco poderia comparar tal satisfação com qualquer outra coisa, senão com o estado no qual a vida nasce da morte, ou com a ressurreição do morto. Durante este estado, meu espírito imediatamente viu através de todas as coisas, e reconheceu à Deus em todas as coisas, até mesmo nas ervas e nas pragas, e soube o que era Deus e qual era a Sua vontade. Então, minha vontade cresceu rapidamente nessa luz, e recebi um forte impulso de descrever o estado divino." (Aurora, XIX. 4)2.

1 Naquele tempo Boehme, como outras pessoas, tomava sua personalidade terrestre por seu verdadeiro ser, pois ainda não havia aprendido a conhecer o Deus dentro de seu próprio coração; sentia assim, a insignificância de si mesmo, se comparado com a grandeza do poder universal de Deus manifestado na natureza. Mas, um dia, percebeu que o Deus universal e o Deus de seu coração eram um só Deus, e que sua personalidade própria não passava de um entre os milhões de instrumentos similares ou organismos, através dos quais Deus está manifestando Seu

poder.

O “demônio” e os “poderes das trevas” constituem a vontade ígnea pervertida, com suas produções demoníacas, originando de Lúcifer, o “DhyanChohan” do demônio; o maior dos anjos, antes de sua queda.

Na verdade, ninguém pode entrar no reino do céu (quer dizer, no auto conhecimento espiritual e na alegria inexprimível) senão aquele que renasceu no Espírito; ninguém pode renascer a menos que morra inteiramente para todos os sentidos da vontade própria, deixando de ser uma pessoa e começando a ser pura alegria, puro conhecimento.

Perceber essa verdade; saber que uma personalidade limitada, sujeita às condições do tempo e do espaço, não pode abarcar a alegria e a sabedoria infinita, é evidenciar que todas as tentativas de adquirir a sabedoria divina, na medida em que se liga ao eu, não é bem sucedida. De fato, ninguém deve buscar o conhecimento espiritual com o propósito de render a si mesmo, mas deve procurar morrer com o Cristo, ou seja, tornar-se inteiramente um com a verdade; já não é ele quem vive, mas a verdade vive nele. Não se deve buscar o reconhecimento, a renovação ou a satisfação, mas orar para que seu conhecimento lhe seja arrancado de si, a menos que ele leve à glorificação de Deus nele. Em resumo, ele não deve desejar se tornar nada, mas deve ser o novo conhecimento, alegria, sabedoria e a glória. Boehme diz:

“Eu nunca desejei saber nada sobre os mistérios divinos, nem compreendo como posso busca-los ou encontrá-los. Tudo o que busquei foi o coração de Jesus Cristo (o centro da verdade), onde devo me ocultar e encontrar a proteção da temível cólera de Deus; peço a Deus sinceramente que me conceda o Seu Espírito Santo e a Misericórdia, que Ele possa me abençoar, conduzir e afastar de mim tudo o que nos separa, a fim de que eu não viva em minha vontade própria, mas na Dele. Engajado nessa busca e nesse desejo sincero, a porta me foi aberta, de modo que em um quarto de hora, vi e aprendi mais do que se estivesse estudado por muitos anos nas universidades.” (Cartas, XII 6,7).

“Não sou um mestre da literatura ou das ciências deste mundo, mas um homem de mente simples. Nunca desejei aprender ciência alguma, mas

desde tenra idade busquei a salvação de minha alma, e descobrir como poderia herdar ou possuir o reino do céu. Encontrei em meu interior um poderoso contrarium, ou seja, os desejos pertencentes ao corpo e ao sangue; Ingressei numa árdua batalha contra a minha natureza corrupta, e com o auxílio de Deus, decidi superar a vontade demoníaca que havia herdado, vencê-la e penetrar totalmente no amor de Deus no Cristo. Daquele momento em diante, resolvi considerar-me como um morto quanto a minha forma herdada, até que o Espírito de Deus tomasse forma em mim, para que Nele e através Dele, pudesse conduzir a minha vida. Isso era praticamente impossível, mas permaneci firme em minha sincera resolução, travando uma dura batalha contra mim mesmo. Enquanto buscava e lutava, com o auxílio de Deus, uma luz maravilhosa surgiu em minha alma. Era uma luz completamente estranha à minha natureza descontrolada; nela reconheci a verdadeira natureza de Deus e do homem, a relação existente entre eles, algo que nunca havia compreendido, e que nunca teria buscado". (Tilk. 20-26).

A compreensão da verdade de que nada somos, mas que Deus é tudo, é o princípio da verdadeira fé, que forma a base do verdadeiro conhecimento e o primeiro passo no caminho do desenvolvimento espiritual. Querer, desejar, saber, depositar a vontade, não fazer nada além do que Deus quer, deseja, sabe ou faz no homem e através do homem é a verdadeira resignação; é a mais profunda humildade para a mente carnal; é, ao mesmo tempo, a glorificação de Deus no homem, e portanto o estado mais elevado que se pode alcançar.

"Espero continuamente pelo meu Redentor, desejando me submeter inteiramente à Ele, seja o que quer que Ele faça. Se Ele quiser que eu saiba qualquer coisa, então quero saber; mas se Ele não quer, então não desejo saber. Nele coloquei a minha vontade, meu conhecimento, minha ciência, meu desejo e a minha realização". (Cartas, VIII.60).

"Centenas de vezes já orei à Deus, implorando para que Ele tirasse de mim todo conhecimento, caso esse não servisse para a Sua glorificação e para o melhoramento das condições de meus irmãos, e para que Ele apenas me mantivesse junto ao Seu amor. Mas quanto mais eu oro, mais o fogo interno se inflama, e em tal estado de ignição registro meus escritos".

(Cartas, XII.60).

Só a iluminação interior da mente pela luz da Verdade eterna e nenhum outro estado ou condição, constitui a verdadeira teosofia. Não se trata de aprendizagem intelectual de qualquer espécie, nem de moralidade, nem em ser piedoso ou virtuoso,

nem de pertencer à qualquer Igreja ou sociedade, nem em humanitarismo, ou em qualquer coisa que possa ser realizado pelo homem; a teosofia é o auto conhecimento de Deus no homem, a iluminação da mente pela luz do Cristo, a própria Verdade eterna. Não é um "ramo da teologia" como afirmam alguns, nem um sistema de pensamento, nem uma escola, onde segredos desconhecidos são revelados, mas trata-se da própria sabedoria divina, sem qualquer outra qualificação. Está muito além de qualquer concepção meramente humana, inconcebível ao intelecto racional, e, portanto não pode ser explicada. É o que há de mais secreto, o que não pode ser conhecido por ninguém, senão por aquele que a experienciou; aquele que vive inteiramente no reino da animalidade ou no intelecto especulativo, não acredita que tal estado seja possível; de fato, ele é inatingível para qualquer pessoa; pois aquele que a penetra, deixa de ser uma pessoa, exceto no que diz respeito à sua aparência e forma externa, ou seja, todo sentido de personalidade se perde, deixando-se de existir no campo de sua consciência interior.

Torna-se desnecessário repetir que este estado não pode ser penetrado pelo exercício da vontade própria do homem animal; nem pode ser produzido para ele através de algum estudo intelectual; não depende de sua condição social, educação, profissão, ou qualificações na vida, mas chega ao homem única e exclusivamente através da misericórdia e graça de Deus. Isso significa a presença da luz divina, presença que depende da própria presença. Boehme diz:

"Agrada ao Supremo revelar seus segredos através do tolo, olhado pelo mundo como sendo um nada; percebe-se que seu conhecimento não procede destes tolos, mas Dele. Portanto, peço que considerem meus escritos como sendo os de uma criança a quem o Supremo manifestou Seu poder. Há tanto dentro deles, que nenhum tipo ou quantidade de argumentação ou raciocínio pode compreender ou alcançar; mas para os iluminados pelo Espírito, sua

compreensão é fácil, e não passa de uma brincadeira de criança". (Cartas, XV 10).

"O entendimento nasce de Deus. Não é produto de escolas onde a ciência humana é ensinada. Não condeno o aprendizado intelectual, e se eu tivesse obtido uma educação mais elaborada, com certeza isso seria uma vantagem para mim, quando minha mente recebia o dom divino; mas agrada à Deus, transformar a sabedoria deste mundo em tonteira, e dar Sua força ao fraco, a fim de que todas as coisas se curvem diante Dele". (Forty Questions, XXXVII 20).

O intelecto racional nada tem haver com as percepções naturais, mas é usado para trazer as idéias recebidas da percepção clara da verdade numa forma requisitada; e como a mente está numa posição mais elevada do que a condição normal, é comum acontecer que ao retornar ao estado inferior ela não compreenda, e nem mesmo se lembre das idéias expressadas durante aquele intervalo.

"Digo isso diante de deus, e testemunho diante de Seu julgamento, onde todas as coisas devem aparecer, que no meu eu humano, nada sei do que devo escrever; mas quando escrevo o Espírito dita aquilo que devo escrever, e me mostra tudo com tão maravilhosa clareza, que nunca sei se tenho minha consciência neste mundo ou não. Quanto mais eu busco, mais eu encontro, estou continuamente penetrando

mais profundamente; sempre penso que minha pessoa pecadora era muito inferior e indigna para receber o conhecimento de mistérios tão exaltados e elevados; mas em tais momentos, o Espírito levanta o seu estandarte, dizendo: "Olhe! Aqui deves viver eternamente e ser coroado. Por que estais aterrorizado?" (Cartas, II. 10).

"Algumas vezes posso escrever com mais elegância e com um melhor estilo, mas o fogo que queima dentro de mim, me impulsiona. Minha mão e minha caneta tentam seguir os pensamentos, da melhor forma possível. A inspiração vem como uma chuva abundante. Aquilo que alcanço, eu tenho. Se fosse possível alcançar e descrever tudo o que percebo, meus escritos seriam mais explícitos". (Cartas,X45).

Compreendemos come essas palavras, que as obras verdadeiramente inspiradas são bem diferentes daquelas produzidas por meio comum; no primeiro caso, o visionário percebe as verdades que irá expressar, enquanto que no segundo caso o intermediário é ainda uma máquina inconsciente, ou sente uma inspiração sem conhecer a natureza da fonte de onde surgem.

Não se deve supor que uma pessoa, enquanto habitar um corpo físico, dependente, até certo ponto, das condições externas, poderia estar o tempo todo num estado espiritual superior, necessário para perceber a glória eterna do reino de Deus em sua plenitude; mas deve haver, necessariamente, um retorno do estado inferior de consciência. Boehme diz:

"Assim como o relâmpago surge no centro, e num momento desaparece novamente, o mesmo ocorre com a alma. Quando durante sua batalha ela penetra as nuvens, vê a face de Deus como um raio de luz; mas as nuvens do pecado logo se juntam à sua volta, encobrindo sua vista". (Aurora, XI. 76).

"Parte da natureza da alma tem sua origem na natureza, parte em Deus. Na natureza há o bem e o mal; o homem, através de suas tendências pecadoras, tornou- se sujeito ao que é ígneo na natureza; sua alma tornou-se diária e a cada momento marcada pelo pecado. Portanto, o poder da alma de reconhecer a verdade eterna não é perfeita". (Aurora, Prefácio, 100).

"Enquanto Deus me guia com Sua mão protetora, entendo aquilo que escrevi; mas quando Ele se oculta, não reconheço meu próprio trabalho; isso prova a impossibilidade de penetrar os mistérios de Deus sem o auxílio do Espírito Santo". (Cartas, X. 29).

Se a mente carnal não pode compreender a linguagem do Espírito, como então poderia chegar a um verdadeiro reconhecimento da verdade através de seu próprio raciocínio? Tal raciocínio chega, na melhor das hipóteses, a uma opinião sobre o que a verdade não é, mas não a uma percepção do que ela é. Quem quiser compreender tais escritos, deve penetrar o espírito do autor. O raciocínio puro não irá ajudar.

"Esses escritos transcendem o horizonte do raciocínio intelectual, e seu significado interior não pode ser alcançado através da especulação e da

argumentação; é preciso que a mente esteja num estado semelhante à Deus, iluminado pelo Espírito da Verdade". (Cartas, XVIII. 9).

"Se alguém deseja me seguir na ciência das coisas, das quais escrevo, que sigam os vôos de minha alma e não os de minha caneta." (Three Principles, XXIV. 2). Esse voo para as regiões da liberdade eterna é impossível para aquele que está amarrado com as correntes forjadas pela ilusão do "eu"; inatingível para aqueles que buscam um conhecimento de Deus, a fim de satisfazerem suas curiosidades, ou com algum outro objetivo egoísta.

"Acima de tudo, examine consigo mesmo, o propósito de conhecer os mistérios de Deus, e se estais preparado a empregar aquilo que receber para a glorificação de Deus e para o benefício do próximo. Você está pronto para morrer inteiramente para sua vontade terrestre e egoísta, e desejas, sinceramente ser um com o Espírito? Aquele que não tiver tais propósitos elevados, e busca apenas um conhecimento que satisfaça o seu eu, ou para ser admirado pelo mundo, não está apto a receber tal conhecimento". (Clavis, II. 3).

Esse estado não é atingido sem dura batalha contra os poderes das trevas. "Se alguém deseja me seguir, que não seja intoxicado pelos pensamentos e desejos terrestres, mas que seja cingido pela espada do Espírito, pois terá que descer à terrível profundidade, por não dizer ao meio do reino do inferno. É muito duro lutar contra o demônio entre o céu e a terra, por ele ser um poderoso senhor. Durante tais batalhas passei por experiências amargas, que encheram meu coração de dor. Freqüentemente o sol desaparecia da minha vista, mas depois surgia novamente e quanto mais o sol se punha, mais lindo, claro e magnífico era o seu raiar". (Aurora, XIII. 20).

Aquele que não deseja nada para si mesmo, a ele tudo será dado. O infinito não pode ser contraído, a fim de ser compreendido pela mente finita do homem; a mente do homem é que deve se expandir através do poder do Espírito, tornando-se consciente de sua infinidade e assim irá conceber a verdade infinita.

"O conhecimento espiritual não pode ser comunicado de um intelecto

para outro, mas deve ser buscado no Espírito de Deus. Na verdade, os escritos teosóficos irão até mesmo transmitir ao intelecto, algum raio de reconhecimento; mas se o leitor for considerado indigno, por Deus, de ter a luz divina inflamada em sua própria alma, então ele só ouvirá as inexprimíveis palavras de Deus". (Cartas, IV. 8).

"Quem lê esses escritos e não pode compreendê-los, não deve colocá-los de lado, imaginando que nunca serão compreendidos. Deve buscar mudar a sua vontade, elevar sua alma à Deus, rogando-lhe a graça e a compreensão, e então ler novamente. Com certeza, irá perceber mais verdade do que antes, até que por fim o poder da vontade de Deus se manifeste nele, atraindo-o para as profundezas, para o fundamento supranatural – isto é dizer, na eterna unidade de Deus. Então ele irá ouvir as reais mas inexprimíveis palavras de Deus, que irão conduzi-lo através da radiação divina da luz celestial, mesmo com as formas mais grotescas da matéria terrestre, e daí novamente de volta para Deus; e o Espírito de Deus irá buscar todas as coisas.

A unidade de tudo



“Somos todos um só corpo em Cristo e todos temos o Espírito de Cristo ao nosso alcance. Se, portanto, penetrarmos o Cristo, poderemos ver e conhecer todas as coisas pelo poder de Seu Espírito”. (Forty Questions, XXVI. 5).

O que é finito não pode receber o infinito; aquilo que tem um começo não pode conceber aquilo que não tem começo nem fim. Quem já mediu o espaço? Ele tem um fim? E se tivesse, o que há além do limite do espaço? Mas se não há fim para o espaço, não nos perderíamos ao tentar penetrar a sua profundidade? Não podemos conceber o espaço infinito, mas podemos conceber as formas limitadas, que é o objetivo do espaço representado; ao descrevermos uma forma descrevemos o espaço num certo estado ou condição. Do mesmo modo, não podemos descrever o que existe eternamente em Deus, nem o eterno processo que ocorre continuamente na vida divina, senão falando como se houvesse um começo no tempo, usando termos terrestres, mesmo sendo estes inadequados para produzir uma concepção daquilo que não pode ser concebido pela mente terrestre, porque se encontra infinitamente acima de todas as coisas terrestres.

“Não posso descrever a totalidade da divindade como se fosse um círculo, porque Deus é imensurável; no entanto, a Divindade não é inconcebível ao espírito que repousa no amor de Deus. Tal espírito pode atingir a verdade eterna, de parte em parte e desta forma, acabará compreendendo a totalidade”. (Aurora, X. 26).

“Se tenho que tornar compreensível a geração eterna, a revelação ou a evolução de Deus, fora de Seu próprio ser sou obrigado a usar uma maneira diabólica (sabidamente errônea), como se a Luz eterna tivesse se se inflama nas trevas, e como se a Divindafe tivesse um princípio. Não posso instruí-los de outra forma, se pretendo que vocês adquiram uma concepção aproximada da Divindade. Não há nada primeiro e nada depois na geração e evolução, mas ao descrevê-la tenho que colocar uma coisa depois da outra”. (Aurora, XXIII. 17-33).

“Não pretendo dizer que a Divindade teve um princípio; só desejo mostrar como a Divindade revelou-se através da natureza. Deus não tem princípio no tempo; Ele tem um princípio eterno e um fim eterno”. (Signature, III. 1).

“A Divindade é um laço eterno, que não pode perecer. Ela gera a si mesma de eternidade em eternidade, e o primeiro ali é sempre o último, e o último o primeiro”. (Three Principles, VII. 14).

Aquilo que está sujeito às condições do tempo concebe as coisas temporais; só o que é eterno no homem pode conceber a existência do eterno.

“Não podemos falar a língua dos anjos, mesmo se pudéssemos tudo pareceria como se estivéssemos falando sobre seres criados, para os habitantes deste mundo, e diante da mente terrestre se apresentaria como algo terrestre. Somos apenas parte do todo; só podemos conceber e falar de partes, mas não do todo”. (Threefold Life, II 66).

“Advirto ao leitor, que toda vez que falar da Divindade e de seu grande mistério, não compreenda o que digo como se pretendesse que fosse compreendido num sentido terrestre, mas tome isso de um ponto de vista elevado, num aspecto supra natural. Freqüentemente sou forçado a dar nomes terrestres ao que é celeste, para que o leitor possa formar um conceito, e ao meditar sobre ele possa penetrar no fundamento interno”. (Grace, III 19).

Deus é auto existente, auto suficiente, Vontade infinita, e não tem origem. A Vontade, concebendo a si mesma, cria um espelho dentro de seu próprio

ser. O mesmo ocorre no microcosmo do homem. Ao conceber o seu próprio ser o homem cria um espelho no qual "sente" o seu próprio ser, dando início à sua auto consciência e compreendendo sua existência como um ser individual.

"Dentro do não fundamento (que alguns escritores denominam de 'Não-Ser' – um termo sem nenhum significado) não há nada senão tranqüilidade eterna, um eterno repouso sem começo e sem fim. É verdade que mesmo ali Deus tenha uma vontade, mas essa vontade não pode ser objeto de nossa investigação, já que qualquer tentativa de investigá-la produziria pura confusão em nossa mente. Concebemos essa vontade como constituindo o fundamento da Divindade. Ela não tem origem, mas concebe a si mesma em si mesma". (Menschwerdung, XXI. 1).

"A Inteligência Divina é uma vontade livre. Ela nunca se origina do poder ou através do poder de qualquer coisa. Ela é ela mesma, e reside unicamente dentro de si, sem ser afetada por qualquer coisa, porque não há nada fora ou anterior á ela". (Mysterium, XXIX.1).

"A Liberdade Eterna possui a vontade, e é a vontade. Na vontade há um desejo de realizar ou um impulso de desejar alguma coisa. Não há nada além dessa vontade, para o que tal impulso pudesse ser dirigido. A vontade portanto vê em si mesma como na eternidade; ela vê o que é, e assim cria em si um espelho". (Forty Questions, I.13).

Através desse reflexo eterno, ou Deus vendo a si mesmo, dentro de Si mesmo, a auto consciência divina, ou seja, o auto conhecimento de Deus, ou em outras palavras, a sabedoria divina, existe. A Vontade eterna, em seu aspecto de Pai, concebe eternamente de si, o aspecto de Filho e se re-expande como Espírito Santo.

O mesmo processo, em menor escala, ocorre no microcosmo do homem: pois se ele se encontra, em si mesmo, penetrando o abismo infinito dentro de si, encontra na auto consciência de sua própria humanidade, o poder e a força, que ao se expandirem tornarão poderosa a sua vontade, podendo agir até à distância imensurável.

É dito que, quanto mais fundo mergulharmos, penetrando nosso próprio

centro, mergulhando na fundação infundada de nossa própria alma, a ponto de nossa personalidade ficar completamente perdida; mais alto, seremos exaltados no reino do ser divino e universal.

"Deus é a vontade da sabedoria eterna, a sabedoria eternamente gerada Dele, em Sua revelação. Essa revelação ocorre através de um espírito ternário. Primeiro através da Vontade eterna, em seu aspecto de Pai; depois, através da Vontade eterna em seu aspecto de amor divino, o centro ou o coração do Pai; e finalmente através do Espírito, o poder que emana da vontade e do amor." (Mysterium I. 2,4).

"O Pai é a vontade do não fundamento (Absoluto). Essa vontade concebe em si mesma o desejo de manifestar-se. Esse amor ou desejo é o poder concebido pela vontade ou Pai, dentro de si – ou seja, o Filho, coração ou morada (a primeira fundação dentro da não fundação ou não fundamento), o primeiro princípio dentro da vontade. A vontade é falada através da concepção de si mesma, e essa emissão da vontade em fala ou respiração é o Espírito da Divindade". (Mysterium, I.2).

"A primeira vontade inconcebível, sem qualquer origem, gera em si mesma o único e eterno Deus – uma vontade conceptível, sendo o filho da vontade sem causa, mas igualmente eterna com a primeira. Esta outra vontade é a sensibilidade e conceptibilidade da vontade primordial, pela qual aquilo que não é nada se encontra como sendo algo. Ao fazer isso, a vontade inconcebível sem causa, emerge o que encontrou eternamente, penetrando um estado de meditação eterna sobre seu próprio ser. A primeira vontade sem causa é chamada de Pai eterno; a vontade concebida e gerada do não fundamento é seu Filho congênito; a emissão da vontade insondável através do Filho concebido é o Espírito. Assim, a vontade única do Absoluto, através da concepção primeira, eterna e sem princípio, manifesta uma atividade ternária, mas permanece sendo uma vontade indiferenciada". (Grace, I 5-12).

Esse reflexo eterno, ou Deus encontrando a Si mesmo em Si mesmo, pode ser chamado de imaginação divina. Ela é tão infinita como o Espírito trino, encontrando- se naquele espelho infinito da sabedoria divina, mas permanece um mero poder passivo com relação à vontade ativa. No mesmo sentido, a mente do homem não é o homem propriamente dito, e sua

imaginação é ou deveria estar sujeita à sua vontade; um homem sem o poder de pensar ou imaginar é inconcebível, e não poderia existir como um ser humano.

"A primeira atividade em Deus é a contemplação divina ou sabedoria, pela qual o Espírito de Deus, com seus poderes exalados, atua como um poder único e uniforme. Não tem começo nem fim, mas é infinito, e seu poder formativo não tem limites". (Grace, I. 14).

Deus, em seu aspecto de Pai ou vontade criativa, é, portanto o elemento ativo ou masculino na criação, enquanto que a divina sabedoria, a mãe, é o princípio produtivo passivo, desprovida de qualquer vontade própria, mas atuando inteiramente de acordo com a vontade do pai, que está nela. É verdadeiro que a vontade do Pai nada produziria se não fosse pela presença da mãe, em quem as formas estão envolvidas ou, para expressar em outras palavras, Ele não poderia criar nada se não tivesse a sabedoria para tanto; mas toda a sabedoria no mundo não cria nada, a menos que se torne ativa através da vontade.

"A sabedoria coloca-se diante de Deus como um espelho ou reflexo, onde a Divindade vê seu próprio ser e todas as grandes maravilhas da eternidade, que não tem começo, nem fim, no tempo, cujo princípio e o fim são eternos. A sabedoria é uma revelação da Santíssima Trindade; isso não deve ser compreendido como se ela revelasse a si mesma à Deus, através de seu próprio poder ou escolha, mas o centro divino, o coração e essência de Deus, torna-se revelado nela. Ela é como um espelho da Divindade, e como qualquer outro espelho, simplesmente permanece quieta; ela não produz imagem alguma, mas simplesmente a concebe". (Menschwerdung, I, 1, 12).

Aquilo que o Pai deseja conceder eternamente, a mãe deseja receber eternamente.

A vida é masculina, a terra ou a "matéria", feminina. A terra não faz a semente crescer, mas a semente plantada na terra carrega consigo o poder de crescer; a terra simplesmente fornece o material que a vida na semente extrai da terra. Do mesmo modo, a mãe não cria o filho, mas fornece os materiais necessários ao espírito criativo existente na criança, o qual, antes de nascer, atrai do organismo da mãe tudo o que necessita; podemos

comparar essa extração, ao modo como ela extrai o alimento do sei da mãe depois de nascer.

"A sabedoria é a panavra revelada do poder divino, conhecimento e santidade, uma antítese da insondável unidade na essencialidade, onde o Espírito Santo forma uma imagem. Ela é passiva, mas o Espírito de Deus é ativo, como a alma no corpo". (Clavis, V. 18).

Essa Trindade eterna é inconcebível quanto a seu aspecto de potencialidade espiritual, do mesmo modo que um fogo é inconcebível se não queima; mas assim como o fogo que queima se revela por meio da luz e do calor, o poder divino revela-se num aspecto ternário na natureza eterna.

"O Espírito ternário é uma unidade, um único ser; ou falando mais corretamente, não um ser, mas Razão eterna; conseqüentemente um mistério comparável à inteligência do homem, que também é incompreensível". (Mysterium, I. 5).

"Deus em seu aspecto primitivo não deve ser concebido como um ser, mas como um poder ou inteligência constituindo a potencialidade para ser – uma vontade insondável e eterna, onde tudo está contido e que embora sendo tudo é um, mas desejoso de revelar-se e de entrar num estado de ser espiritual. Isso ocorre através do fogo no desejo do amor, ou seja, no poder da luz". (Mysterium, VI 1).

"Não temos porque falar que Deus é três pessoas, nesse ponto, mas Ele é ternário em sua evolução eterna. Ele dá nascimento a Si mesmo na trindade; nesse desdobramento eterno continua sendo um ser, nem o Pai, nem o Filho, nem o Espírito Santo, mas unicamente a vida eterna ou Deus. A vontade ternária torna-se compreensível em Sua eterna revelação, só quando Ele revela a Si mesmo por meio da natureza eterna – ou seja, na luz através do fogo". (Mysterium, VII 9 – 12).

Na tranqüilidade da liberdade eterna, o Pai ainda não aparece como um pai. Ele só aparece como pai quando está desejoso de criar, concebendo em Si a vontade de gerar a natureza em Si mesmo". (Threefold Life, IV 64).

Não podemos conceber um homem sem qualquer tipo de corpo, nem um

Deus universal sem uma natureza universal. A exata essência que constitui o "homem" é vontade e inteligência manifestando-se em uma forma humana. Deus só começa a existir como um ser quando se manifesta na natureza. É desta forma que Deus tem se revelado desde toda a eternidade; a causa desta auto revelação repousa primeiramente na vontade de Deus, na Trindade e na ânsia da sabedoria eterna.

"Sobre a eternidade não podemos falar de outra forma senão como de um espírito, pois tudo era espírito no princípio; mas esse espírito também tem se envolvido num ser, desde toda a eternidade". (Menschwerdung I 2).

"Aquilo que é tranqüilo e sem ser, repousa em si mesmo, não contém as trevas, mas é uma felicidade lúcida, clara e calma. Isso é, pois a eternidade, sem nada mais, e significa acima de tudo Deus. Mas como Deus não pode existir sem um ser, Ele concebe em Si mesmo uma vontade, e essa vontade é amor". (Threefold Life, II 75).

"A totalidade do Ser divino está num estado de contínua e eterna geração, comparável à mente de um homem, mas imutável. Os pensamentos nascem continuamente da mente de um homem, e deles surgem o desejo e a vontade. Do desejo e da vontade surge a ação, e as mãos realizam suas obras, de modo a se tornar substancial. Desta forma, a ação está com a evolução eterna". (Three Principles, IX 35).

"No princípio, a vontade é fraca como um nada; depois, ela deseja e aspira a ser algo e a manifestar- se. Esse nada faz com que a vontade entre num estado de desejo; esse desejo é uma imaginação. A vontade observando-se no espelho da sabedoria faz com que sua própria imagem apareça no não fundamento, criando o fundamento em sua própria imaginação". (Menschwerdung, II 1).

"A Sabedoria, a virgem eterna, a companheira de Deus para Sua honra e alegria, torna-se cheia de desejo de observar as maravilhas de Deus, contidas em si mesma. Devido a esse desejo, as essências divinas dentro dela tornam-se ativas e atraem o santo poder; é assim que a sabedoria entra num estado de ser permanente; sua inclinação repousa no Espírito Santo. Ela simplesmente movimenta-se diante de Deus com a finalidade de revelar as maravilhas de Deus". (Three Principles, XIV. 87).

A possibilidade da revelação de Deus, de forma corpórea ou externa, repousa no poder mágico divino, que existe dentro da própria vida divina. É o poder da vontade mágica de produzir aquilo que deseja.

"O poder mágico é o Espírito desejoso de ser. Não é essencialmente nada senão vontade, mas entra em existência. Este é o maior mistério; está acima da natureza e faz com que a natureza tome formas, segundo a forma de sua vontade. Ela introduz o fundamento no abismo do não fundamento, transformando o nada em algo. É a mãe da eternidade e da essencialidade de todos os seres. Nela estão contidas todas as formas dos seres. Não é o intelecto, mas atua segundo a vontade do intelecto. Não é a majestade, nem os poderes propriamente ditam, mas um desejo penetrando na natureza escura (matéria) e procedendo através da natureza escura no fogo, e através do fogo para a luz. Através deste poder mágico as maravilhas do número Três revelam-se através da natureza". (Six Mystical Points, V. I – II).

"A corporalidade de Deus resulta de Sua essencialidade. Essa essencialidade não é espírito, mas é como se fosse uma impotência, se comparada com o poder onde o Três reside. Essa essencialidade é o elemento de Deus, onde está a vida, mas não a inteligência". (Threefold Life, V . 53).

A tese pressupõe a antítese. No Um não há relação. Não pode haver consciência manifesta sem algo do que se tenha consciência, e sem aquilo que deve ser a consciência. Sem a natureza não poderia haver a liberdade da natureza; sem o positivo não haveria o negativo; sem a base obscura do fogo, não haveria luz.

"O Um não tem nada em si que poderia desejar; tal unidade tampouco poderia sentir o seu próprio ser. Isso só é possível num estado de dualidade". (Theosophical Questions, III. 3).

"Se tudo fosse apenas um, esse um não poderia manifestar-se. Se não houvesse angústia, a alegria não poderia ser conhecida". (Mysterium, IV. 22).

"Deus introduz Sua vontade na natureza, a fim de revelar Seu poder na luz e na majestade, para constituir um reino de alegria. Se não houvesse

uma natureza originando-se na unidade eterna, não haveria nada mais do que a tranqüilidade eterna. A natureza entra num estado de dor, a tranqüilidade transforma-se em movimento, e os poderes tornam-se audíveis como as palavras". (Grace, II . 16).

O Um, o "Sim", é puro poder, e a vida e a verdade de Deus, ou o Deus propriamente dito; mas Deus seria irreconhecível a Si próprio, e haveria nele nenhuma alegria ou percepção, se não fosse pela presença do "Não". Esse é a antítese ou o oposto ao positivo ou a verdade; ele faz com que a verdade torne-se revelada, o que só é possível por ser o oposto, onde o amor eterno pode se tornar ativo e perceptível". (Theosophical Questions, III. 2)

"Se existe luz é porque existe fogo. O fogo produz a luz, e a luz é o fogo manifesto; ela recebe a natureza do fogo em si e reside no fogo". (Mysterium, XL . 2)

"A alegria entra no estado de desejo com a finalidade de produzir um amor ígneo, um reino de alegria, que não poderia existir na tranqüilidade". (Signature, VI. 2)

"A majestade de Deus não se revelaria com todo poder, alegria e magnificência, se não fosse pela atração causada pelo desejo. Do mesmo modo, não haveria luz, se o desejo não fosse penetrante e obscurecedor, criando um estrado de trevas, que cresce até que ocorra a ignição do fogo". (Grace,14)

O bem relativo não pode existir sem o mal relativo, o mal não existe sem o bem. O fogo não pode existir sem a luz, assim como a luz não pode existir sem o fogo. Nenhuma multiplicidade é possível sem a unidade. Cada uma requer e deseja a outra.

"A Luz e as trevas são opostas, mas há entre elas um vínculo, de modo que nenhuma poderia existir sem a outra". (Threefold Life, II. 86)

"Em Deus há dois estados, eternos e sem fim, a luz eterna e as trevas eternas. A luz é Deus, e nas trevas não haveria dor se não fosse pela presença da luz. A luz faz com que as trevas anseiem pela luz e com isso sofra a angústia". (Three Principles, IX.30)

"A vontade emergindo do estado de unidade (ao assumir uma posição contra a unidade, desejando seu próprio ser) entra num estado de desejo; esse desejo é magnético, ou seja, interiorizador, mas a unidade como tal é exteriorizadora; ela deseja exprimir-se, a fim de tornar-se revelada. Tendo a vontade sido expressada do estado de unidade, deseja penetrar a si mesma, de modo a alcançar sensações na unidade, e para que com isso, a unidade possa alcançar a sensação na vontade". (Theosophical Questions, III. 9)

"A vida-luz tem seu impulso e movimento próprio, assim como o fogo-vida; mas esse gera a primeira, que é o senhor da segunda. Se não houvesse fogo, não haveria nem luz, nem espírito; e se não houvesse espírito para soprar sobre o fogo, esse seria extinto e as trevas governariam. Nenhum dos dois seria nada sem o outro; ambos são dependentes um do outro". (Forty Questions, I. 62).

Contudo, não há igualdade entre essa dualidade, porque a unidade é superior à multiplicidade, a liberdade é superior à natureza, a luz ao fogo; o elevado sempre governa o inferior.

"A vontade é como uma vida insensível, mas encontra o desejo, e querendo o desejo se constitui num ser. A vontade é superior ao desejo, pois embora o desejo seja uma causa excitante para a vontade, a vontade é uma vida sem uma causa e é também inteligência. É, portanto, senhor do desejo. Ela rege a vida do desejo e o usa como convém. Essa vontade-espírito eterna, sabemos ser Deus, mas a vida ativa do desejo é a natureza eterna". (Inner Mystery, i I, III 2).

"Deus é desde a eternidade Poder e Luz, e é chamado Deus por causa disso, mas não de acordo com o espírito-ígneo. Quanto a esse, não falamos dele como

Deus, mas como 'a cólera de Deus' e a parte de Seu poder que consome. A luz de Deus também possui a qualidade do fogo, mas em nela a cólera é transformada em amor; ódio e amargor doem numa humilde beneficência e doce desejo ou satisfação". (Menschwerdung, i 5-16).

"A fonte do amor é uma detentora e mantenedora da corrente colérica, um superar do poder áspero, pois a brandura afasta o comando do poder

duro e pungente do fogo. A luz da paz mantém as trevas aprisionadas e reside nas trevas. O poder rigoroso deseja unicamente o colérico e o aprisionamento na morte; mas a brandura emerge como um doce crescimento, ela desabrocha e supera a morte, dando a vida eterna". (Threefold Life, II 92).

"Quando o amor revela-se na luz através do fogo, corre pela natureza e a penetra, como o brilho do sol penetra uma erva ou o fogo penetra o ferro". (Clavis, VIII 36).

Para compreender o que foi dito acima, basta perceber tais coisas dentro de seu próprio ser. Para o intelecto especulativo permanecerão sempre um mistério.

Não é no tronco, na raiz, nos galhos ou nas folhas, mas somente na flor de uma planta é que se pode encontrar os germens que produz o fruto ou a semente do qual uma nova planta de qualidade similar possa crescer. Do mesmo modo, não é nas paixões do homem, nem em suas aquisições intelectuais, mas unicamente no florescimento espiritual de sua alma, onde existe o germe para o ser recém nascido capaz de obter consciência de sua própria imortalidade.

A criação



Tudo o que vemos na natureza é verdade manifestada, apenas não somos capazes de reconhecer tal coisa, a menos que a verdade esteja manifestada em nós.

Deus é a causa eterna, auto existente, universal, fundamental e suprema; glória inimaginável e absoluta, perfeição, bondade, beleza, magnificência e esplendor. Ele criou tudo de Si mesmo, já que não havia nada de onde se pudesse criar algo, senão Ele mesmo. Portanto, é lógico supor que os primeiros poderes criados por Ele, os que se encontravam mais perto, eram certamente espirituais e divinos; toda as existências inferiores mais remotas de Seu estado supremo pertencem a uma condição de criação mais "material". O mesmo pode ser observado no homem. Seus pensamentos estão mais perto de seu centro espiritual e do seu eu, do que seus músculos e ossos, e o reino de sua alma está mais perto de seu espírito do que seu corpo material, e quanto mais santos forem seus pensamentos, mais ele será capaz de se comunicar com o Deus de seu interior. Boehme diz:

"Deus criou os santos anjos, não através de alguma substância estranha a seu próprio ser; Ele os criou de seu próprio ser, de Seu poder e sabedoria eterna". (Aurora, IV. 26).

Verdadeiramente, se não havia nada além de Deus, significa que Deus é o Todo, e não há nada que não seja Deus. No entanto, aquelas criações de Deus, mais afastadas do centro divino, não são divinas, e, portanto não são Deus.

“É dito que Deus é tudo, que Ele está no céu e na terra, e também no mundo externo; tal afirmação é verdadeira, de certa forma; porque tudo se origina em Deus e de Deus. Mas de que serve essa doutrina, que não é uma religião? Tal doutrina foi aceita pelo demônio, que queria se manifestar e ser poderoso em todas as coisas”. (Tilk. I.140).

O Panteísmo pode satisfazer o racional, que está longe da percepção espiritual, mas o verdadeiro conhecimento divino não tem nada haver com o Panteísmo, nem com o Teísmo racional. Não se pode confundir os termos “Deus” e “mundo”. O universo não é idêntico a Deus, nem o espírito do homem é idêntico ao seu corpo. Nem mesmo o Cristo é idêntico a Deus, já que Ele tornou-se humano.

“O mundo externo não é Deus, e não será Deus em toda eternidade. O mundo é meramente um estado de existência onde Deus está manifestando a Si próprio. (Stief, II. 316)”.

Deus não é homem.

“Sempre haverá que se fazer uma distinção entre a Divindade e a humanidade, entre a vontade humana e a vontade de Deus”. (Stief, II. 95).

A lua não tem luz própria; ela simplesmente reflete a luz do sol. No entanto, a luz que vem da lua não é igual a do sol. Da mesma forma, a vontade e a consciência do homem derivam-se de Deus, mas tudo isso é humano e não divino.

“Se um homem diz a si mesmo: ‘Eu, o verbo vivo de Deus, realizo isso e aquilo, nessa santa carne e osso’, ele desonra o sagrado nome de Deus; Isso também vai contra a doutrina da Bíblia; pois, sempre que o intelecto de um homem foi escolhido para a profecia, o profeta não dizia: ‘Eu, Fulano de Tal, digo isso ou aquilo, mas ‘Assim fala o Senhor!’. Isso significa que o Senhor fala nesse homem e através desse homem, que é Seu intermediário e Seu instrumento”. (Stief., I.84).

Um homem nunca poderá ser Deus; nem mesmo o Cristo em Seu aspecto humano, pretendeu tal coisa.

O Cristo nunca disse: “Eu, em minha humanidade, sou a voz de Deus, Falo como Deus, no Deus e com Deus, etc.”, mas dizia: “As palavras que pronuncio são do Pai, que vive em mim” - ou seja, que vive em minha humanidade ou eu natural”. (Stief, I.94).

Para o racional cego, Deus é um cego universal e um poder inconsciente; o deus existente na imaginação da mente pequena e sectária, também é pequeno; mas para o iluminado, seu Deus é um ser pessoal (individual), um Pai de amor, que reside em Sua santa onipotência, superior a tudo que possa ser concebido.

“Não imagine Deus como sendo um poder cego, existindo ou movimentando-se no céu ou além e acima do céu, desprovido de razão ou conhecimento, comparável ao sol, que gira em torno de sua órbita, emitindo luz e calor, sem se importar se isso beneficia ou não a terra e suas criaturas. Não! O Pai não é isso; mas Ele é onipotente, sábio, o Deus que tudo sabe; Nele mesmo, Ele é bom, generoso e misericordioso, alegre e regozija-se em si mesmo”. (Aurora, III. II).

“Se o leitor considerar a profundeza do céu, as estrelas, os elementos e a terra, não irá, com certeza, ver com seus próprios olhos, a Divindade pura e cristalina, embora Deus esteja ali, dentro de tudo isso; mas se você elevar seus pensamentos e direcionar sua mente a Deus, que em Sua santidade governa com o Todo, estará então penetrando o céu e alcançando o próprio coração sagrado de Deus”. (Aurora, XXIII. II).

Deus não está sujeito à lei da evolução, mas a lei tem seu fundamento em Deus. Deus como um Espírito, eternamente perfeito em si mesmo, não precisava criar, com o intuito de se aperfeiçoar. Não há ser que possa se aperfeiçoar através do próprio poder, ou de oferecer a si mesmo algo que está fora de seu alcance. O crescimento de uma planta e o desenvolvimento de uma alma humana requer a presença de um poder superior. Um Deus capaz de crescer pressupõe a presença de um Deus superior de onde pudesse extrair poder. Só aquilo que vem de cima pode surgir ali novamente, como está simbolizado pelo duplo triângulo entrelaçado.

“Antes da criação do céu, das estrelas, dos elementos e também antes da criação dos anjos, não havia nada senão a Divindade, reproduzindo a si

mesma, doce e amorosamente, concebendo de sua própria imagem". (Aurora, XXIII. 15).

Deus não fez o mundo a partir de algo intelectualmente conceptível ou a partir de algo que não fosse ele mesmo; tampouco o homem cria as imagens que constituem seus pensamentos a partir de algo que não seja sua própria mente. Antes da criação Deus encontrava-se em repouso (subjetivamente) como uma semente em Sua própria integridade e perfeição, comparável à imaginação de um homem cuja mente repousa no sono tranqüilo, enquanto que o espírito divino nele é auto consciente.

"Não podemos dizer, verdadeiramente, que este mundo foi feito a partir de algo". (Signature, XIV. 7).

"Não podemos supor racionalmente qualquer formação ou diferenciação existente no eterno UM da qual, ou de acordo com a qual (formação) algo poderia ser feito; pois se tal forma ou predisposição de fazer uma forma existisse, haveria de ter outra causa, além de Deus, de onde a forma resultaria, então haveria algo mais (outro deus) e não o Um e eterno Deus". (Baptism, I.I).

"A criação nada mais é do que a revelação do Deus insondável e essencial, e tudo o que existe em sua própria evolução eterna, que não tem princípio, também está nessa criação. Mas a criação está para Deus, assim como uma maçã está para a árvore. A maçã não é a árvore, mas cresce pelo poder da árvore. Do mesmo modo tudo tem sua origem no desejo divino; o desejo é o que o faz entrar num ser. No princípio não havia nada para produzir o todo, exceto o mistério da geração eterna (evolução)". (Signature, XVI.I).

"Imagine uma mãe (um ventre) contendo uma semente em si. Enquanto ela contém a semente como tal, esta pertence a ela, mas quando a semente torna-se uma criança então a semente não pertence à ela, mas é propriedade da criança. O mesmo ocorre com os anjos. Todos foram configurados a partir da semente divina; mas depois que isso foi feito, cada um possui seu próprio ser corpóreo". (Aurora, IV. 34).

"A razão pela qual o Deus imutável criou o mundo é um mistério

insondável; só se pode dizer que Ele o fez em seu amor". (Hamberger).

Deus, sendo conhecimento puro, não necessita recorrer ao raciocínio, a fim de alcançar um objetivo; Ele é seu próprio sujeito e objeto, auto suficiente e eterno. Só se pode dizer que Ele cria porque é uma fonte de amor que flui continuamente, assim como o brilho do sol; pois Ele é uma fonte inesgotável de luz.

"Como é que Deus movimentou-se para produzir a criação, sendo Ele imutável, não se sabe, e qualquer tentativa de descobrir, só produziria confusão na mente". (Menschwerdung, I.2,5).

"Não podemos dizer como é que aquilo que estava eternamente na essencialidade de Deus entrou em movimento, pois não havia nada que pudesse ter feito Deus se movimentar, e a vontade de Deus é eterna e imutável. Só podemos dizer que o Três estava desejoso de ter filhos de sua própria espécie". (Forty Questions I. 273).

O mundo não poderia ser feito como é agora, diretamente do puro e divino estado de ser. Em seu aspecto material, o mundo é material, e não espiritual. Deus é imutável e independente das condições externas (que não existem para Ele); mas as manifestações de Seu poder mudam segundo as condições causadas por suas relações mútuas. Assim, a luz do sol permanece sempre a mesma, mas oferece várias nuances para as flores, de acordo com suas próprias qualidades individuais.

"Nenhuma criatura pode emanar do puro estado divino de ser, já que esse estado não tem causa, nem princípio e tampouco pode ser trazido a um princípio". (Grace, VIII. 45).

"Com a luz e o coração de Deus, como tais, nada pode ser criado; porque, a luz é o fim da natureza e não possui qualidade. Portanto, ela não pode mudar ou tornar- se algo, mas permanece sempre a mesma na eternidade". (Three Principles, X 41).

No entanto, é o Deus Trino que cria todas as coisas a partir da natureza eterna. Podemos dizer que o mundo, como o conhecemos, é constituído inteiramente de formas de calor, de movimento, de condições elétricas ou

luz, etc. Tudo isso é verdade no que se refere às relações que nos tocam. Todos esses poderes são apenas modos de modificação de um poder primordial e originalmente divino, ou seja, a vontade de Deus atuando em Sua própria e eterna sabedoria.

"O Deus Trino e eterno criou todas as coisas através do Verbo, de Seu próprio Ser, ou seja, de Seus dois aspectos ou qualidades: a natureza eterna, a fúria ou cólera, e de Seu amor, através do qual, a cólera ou 'natureza' era pacificada. Assim, Ele tudo criou, fazendo com que tudo adquirisse uma existência". (Stief. II. 33).

"O Pai, sendo a vontade primordial, pronuncia todas as coisas através do Verbo, do centro da liberdade; mas a emissão do Pai através do Verbo é o espírito do poder, e esse espírito dá forma àquilo que foi falado, a fim de que apareça como um espírito". (Threefold Life II. 63).

Esse poder mágico, ou "Verbo", tem estado com Deus desde a eternidade, e como tal é Deus e o "Cristo" em seu aspecto divino puro.

Não existe tempo algum em que "Deus adormece" ou perde Sua auto consciência; tampouco a idéia de criar vem até Ele de alguma influência exterior; mas Deus sustenta o universo desde toda eternidade em Sua sabedoria como um espelho, e pelo ato da criação Ele projeta na objetividade (por assim dizer) a imagem existente subjetivamente Nele. Ou seja, é a natureza e não Deus que repousa durante as noites da criação, do mesmo modo que o corpo do homem repousa, enquanto seu espírito permanece auto consciente em sua própria esfera.

"A sabedoria é uma imaginação divina, onde as idéias dos anjos e almas foram vistas na eternidade; não como criaturas reais e substanciais, mas não essencial como as imagens num espelho". (Clavis, X.5).

"A semelhança de Deus, tendo sido vista na sabedoria de Deus desde toda eternidade, e na qual Deus criou o Homem, era sem vida e sem substancialidade antes do princípio dos tempos deste mundo. Era um mero reflexo da imagem onde Deus viu como Ele seria numa imagem". (Stief, II. 123).

“O Homem não existe desde a eternidade; mas apenas como uma sombra de uma imagem, onde Deus em Sua sabedoria soube de todas as coisas desde a eternidade, no espelho de Sua própria sabedoria”. (Stief, II 143).

A vontade de Deus é uma só; mas através de sua ação na natureza eterna uma enorme quantidade de poderes divinos são produzidos. As idéias existentes na mente universal são inumeráveis, e, portanto, há a possibilidade de inumeráveis diferentes formas virem à existência pela ação da vontade divina. Não há, portanto, nada perfeito além da Divindade, e conseqüentemente existem em todos os planos seres de diferentes estados de perfeição, e capaz de tornar mais perfeito por meio da vontade de Deus, que é a lei da evolução.

“As espécies e criaturas são tão variadas quanto os pensamentos eternos na sabedoria de Deus”. (Three Principles IX.37).

“Como os poderes divinos são múltiplos, inumeráveis, há uma diferenciação de idéias e uma diferença entre os anjos; em conseqüência disso alguns aparecem como reis ou governantes e outros como servos”. (Theosophic Questions V. 9-12).

“Como não há nada perfeito exceto a Árvore divina, conseqüentemente todas as coisas diferem uma das outras; do mesmo modo, os anjos possuem diferentes qualidades”. (Threefold Life V.90).

Esses “anjos” (bons ou maus) vivem em poderes conscientes existentes na natureza. Nem o poder de Deus, nem qualquer anjo, ou demônio ou criatura de qualquer espécie, pode ter qualquer existência fora da Natureza, ou seja, fora do obscuro campo-ígneo, a vontade de Deus, de onde tudo nasce.

“Nenhum espírito criado pode existir sem o mundo-ígneo. Até mesmo o amor de Deus não existiria, se a cólera de Deus, ou o mundo do fogo, não existisse Nele; pois a cólera ou o fogo de Deus é a causa da luz, força, poder e onipotência. (Stief. II. 4)”.

“A cólera (o fogo) é a raiz de todas as coisas e a origem de toda vida;

nela está a causa de toda força e poder, e dela emanam todas as maravilhas (manifestação de poder). Sem aquele fogo não haveria consciência, mas tudo seria um mero nada". (Three Principles XXI. 14).

"Nenhum ser pode nascer a menos que tenha em si o triângulo ígneo, ou seja, as três primeiras formas naturais". (Grace, II. 38).

Toda forma é um produto ou manifestação de um poder que a constrói. Sem a presença desse poder não haveria manifestação; tampouco pode qualquer forma exercitar ou conhecer tal poder exceto aquele que nela existe.

Portanto um ser incapaz de qualquer emoção seria incapaz de elevar-se acima da esfera das emoções; um ser sem energia para cometer o mal, não teria energia para alcançar o bem.

A fundação de onde surgem todos os poderes e idéias é eterna; mas os seres criados possuem um início no tempo.

"Tudo existe desde toda eternidade, mas apenas como idéias, não como coisas existentes corporalmente. Somente espíritos incorpóreos existiam (como idéias) na eternidade, como num mundo de magia, onde uma coisa contém a outra na potencialidade". (Forty Questions XIX.7).

"A criação dos anjos tem um princípio, mas não aquele dos poderes, de onde foram criados. Esses poderes são co-eternos com o princípio eterno". (Mysterium, VIII. I).

"Na eternidade, na Vontade eterna, havia uma natureza, mas ela existia ali apenas como um espírito, e sua essencialidade não estava manifesta exceto no espelho daquela Vontade, ou seja, na sabedoria eterna". (Signature, XIV. 8).

"O mysterium magnum é o Caos de onde se origina o bem e a mal, luz e trevas, vida e morte. É o fundamento ou ventre de onde emanam almas, anjos e todos os tipos os outros tipos de seres, e onde estão contidos como numa causa comum, comparável à uma imagem que está contida num pedaço de madeira antes que o artista a corte". (Clavis, VI 23).

Na alma do homem existe, potencialmente, todo o universo – céu e inferno, Deus e o demônio, anjos e espíritos, a totalidade dos reinos infernal, terrestre e celeste, com todos seus poderes e essências; mas a menos que esses poderes se tornem manifestos como formas (seres criados num plano terrestre, astral ou espiritual), não podem ter existência reconhecível aos sentidos internos do homem.

A criação foi um ato da vontade livre de Deus, não induzida por nenhuma causa inferior. A vontade de Deus não seria divina se não fosse livre. Ela é a lei e, portanto não está sujeita à "lei natural". Ou a lei dos mecanismos. A criação ocorreu pelo desdobramento da natureza eterna de Deus, por onde, através de Seu amor ativo ou desejo, fez com que aquilo que havia Nele meramente como um espírito (subjetivamente) tornasse substancial e corporal (objetivo).

"O mundo criado existia antes do mysterium magnum, pois todas as coisas encontravam-se numa condição espiritual na sabedoria, como numa contínua atividade ou luta de amor. A Vontade única concebeu essa forma espiritual no Verbo, e permitiu a inteligência (a consciência separada, ou seja, a qualidade azeda e adstringente), agir sem restrição, a fim de que cada poder pudesse entrar ou se construir numa forma de acordo a essa própria qualidade específica". (Grace, IV. 12).

"A Mente eterna está sempre desejosa de poder, e o poder é a adstringência, e a adstringência é a contração, atração, ou o Fiat eterno, que cria e torna corporal aquilo que a Vontade eterna deseja em sua própria benevolência. A Vontade deseja através do Fiat agudo, trazer para a substancialidade (tornar objetivo) aquilo que mantém na Sabedoria eterna". (Three Principles XIV.74).

Assim, o espírito divino no homem, através de seus pensamentos, traz os poderes que existem em seu microcosmo para formas que são objetivas para ele, e que formam o mundo alma em que ele reside.

A criação só poderia se tornar realmente completa através da atividade de todos os sete espíritos divinos. De certa forma, não era Deus, a Causa primordial, que diretamente criou o mundo, mas os elohims ou "poderes" criaram o mundo, através do poder recebido da causa fundamental.

“O universo com todos os seus seres foi criado da natureza eterna, dos sete espíritos da natureza eterna”. (Threefold Life III.40).

“Sempre que algo nasce da Essência divina, é trazido para a forma, não meramente por um espírito, mas por todos os setes”. (Aurora, X.4).

“Quando a Divindade movimentou-se, com o propósito de criar um mundo, movimentou suavemente a qualidade adstringente, contraindo-a no divino sal-nitre”. (Aurora, XIII. 94).

Na formação dos seres, seus próprios espíritos co-operam com o Espírito universal. A Vida universal não produziria uma árvore, com os quatro elementos, se não houvesse uma semente contendo as qualidades necessárias para crescer como árvore. No entanto, pela expressão ‘seu próprio espírito’, não compreenda como se esses espíritos fossem algo essencialmente diferente de Deus. Eles são meros centros individuais, que recebem seu poder da Fonte universal do amor.

“Originalmente o espírito é um fluxo mágico ou uma explosão de fogo, que deseja a substancialidade, ou seja, a forma. Essa é então causada pelo desejo, e continua a corporalizar o espírito, e o espírito passa a ser chamado de ser criado”. (Tilk. I 186).

Todo ser humano tem em si a capacidade de criar, mas nem todos possuem esse poder desenvolvido. Qualquer um pode imaginar, mas nem todos são artistas para trazer os objetos de sua imaginação a uma forma objetiva externa, numa pintura ou escultura. Do mesmo modo, todos possuem poderes malignos e benignos, mas nem todos têm a força espiritual suficientemente desenvolvida para criar deles formas conscientes e vivas.

“O centro de cada coisa é espírito, coexistindo com o Verbo. A separação (diferenciação) de algo (através da qual esse algo se distingue do resto) está na qualidade de sua vontade, através da qual assume uma forma ou estado de ser de acordo com seu próprio desejo essencial (predominante)”. (Cartas, XLVII. 5).

“Ainda hoje, o ato de criação continua, e não terá fim até a chegada do

Julgamento de Deus. Então, aquilo que cresceu na santa árvore da vida irá separar-se das ervas e espinhos". (Three Principles XXIII.25).

"Se Deus irá ou não criar algo mais de Sua vontade, após o fim desses tempos, não é perceptível pelo meu espírito, pois ele não vai além do próprio centro onde habita, e ali é o paraíso e o reino do céu". (Principles, IX. 41).

Qualidades da natureza



Quando o Um Eterno, em seu aspecto de Trindade e com referência à sabedoria divina, revelou-se nos sete planos de existência, essa revelação constituiu-se de sete raios ou estados da natureza eterna, comparável à escala setenária de cores, tons, substâncias químicas, etc.; todos são sete diferentes formas nas quais o um fundamental se manifesta. Destas sete formas ou estados fonte da natureza eterna, a primeira e a sétima referem-se ao Pai, a segunda e a sexta, ao Filho, a terceira e a quinta, ao Espírito Santo, enquanto que a quarta representa o equilíbrio no qual existe a divisão entre espírito e matéria.

"A Essência eterna, desejando revelar-se a si mesma (para obter auto consciência), teve que conceber em si uma vontade; mas como em si mesma não havia objeto para sua vontade ou desejo, exceto o Verbo poderoso, que na eternidade tranqüila não existia, os sete estados da natureza eterna tiveram que nascer ali. Daí procede então, de eternidade em eternidade, o Verbo poderoso, o poder, o coração e a vida da eternidade tranqüila e de sua sabedoria eterna". (Threefold Life, iii 21).

"A primeira e a sétima qualidade devem ser consideradas como uma, assim como a segunda e a sexta, e também a terceira e a quinta; mas a quarta é objeto de divisão. A primeira refere-se ao Pai, a segunda ao Filho e a terceira ao Espírito Santo". (Clavis, IX 75).

Através da manifestação destas sete qualidades da natureza eterna a infinidade do ser divino não se torna limitado; são apenas sete diferentes formas onde o poder de Deus está se manifestando, e a existência de cada

uma destas sete propriedades depende da existência das outras.

Se falo dos setes estados da natureza eterna, não é para ser compreendido como se houvesse uma limitação da Divindade com relação ao objeto e medida. Seus poderes e sabedoria não tem fim, são imensuráveis e indizíveis" (Mysterium, VII.17).

"Não imaginem esses sete espíritos como as estrelas, vistas uma ao lado da outra no céu; todos são como que um espírito. Da mesma forma, o corpo do homem possui vários órgãos, mas cada órgão participa do poder dos outros". (Aurora, X.40).

É no mesmo sentido que falamos da carne e do sangue, das artérias, veias e nervos de um corpo, todos contribuindo para a formação de um único organismo. Assim como uma gravura é formada por diferentes cores, onde cada uma tem sua própria individualidade, mas cuja soma total se faz necessária para a formação de uma gravura particular.

"Assim como os órgãos do corpo do homem amam uns aos outros, o mesmo ocorre com os espíritos no poder divino. Não há nada senão ânsia, desejo e plenitude e cada um triunfa e regozija-se no outro". (Aurora, IX.37).

São como sete raios vivos e conscientes contendo em si o raio incolor original, surgindo em sete diferentes tinturas, através de sua passagem pela "matéria".

"Sabe-se que um único espírito não pode gerar outro, mas o nascimento de um espírito resulta da cooperação de todos os sete. Seis deles sempre geram o sétimo, e se algum deles estivesse ausente os outros não poderiam estar presente". (Aurora, X.21).

"Todos os sete espíritos de Deus nascem um nos outros. Um dá origem ao outro; não há primeiro ou último. O último gera o primeiro, assim como o primeiro gera o segundo, o terceiro gera o quarto, até o último. Todos os sete são igualmente eternos". (Aurora, X.2).

"Se às vezes descrevo somente dois ou três como ativos na geração de

outro espírito, é devido à minha fraqueza, pois em minha mente degenerada não posso reter a impressão da ação de todos os sete em sua perfeição. Vejo os sete, mas quando começo a analisar o que vejo, não posso alcançar os sete, mas um de cada vez". (Aurora, X 22).

As sete propriedades nunca são transformadas uma na outra; cada uma retém eternamente sua própria essencialidade específica. As relações que ocorrem entre elas tem a finalidade de uma glorificação mútua; assim, quando elas se encontram como correntes de uma doce harmonia, na natureza eterna de Deus, aparecem como luzes flamejantes de vida e alegria. Assim, a matéria nunca é transformada em espírito, mas é por ele iluminada e glorificada, enquanto o espírito obtém sua corporificação da matéria, sendo capaz de se manifestar.

Da mesma forma, a ignorância nunca é transformada em conhecimento, nem a morte em vida; mas uma pessoa ignorante pode se tornar sábia se iluminada pela luz da sabedoria, e um corpo em que a vida está inativa pode ser vivificado se a atividade da vida surgir ali.

"Cada um desses princípios é fortemente definido com relação à sua natureza; mo entanto, não há antipatia entre eles. Todos se regozijam em Deus, como um só espírito. Cada um ama o outro, e não há nada entre eles senão alegria e felicidade. A evolução desses princípios é um eterno um, e não qualquer outro". (Aurora, X. 51).

"Quanto mais alto forem exaltados, e quanto mais inflamados, maior será a alegria deles no reino da luz". (Mysterium, V.6).

"Cada qualidade do espírito deseja a outra, e quando ela adquire esse objeto, torna-se como se tivesse sido transformada na outra; mas sua própria qualidade não se perde, simplesmente se adapta à outra, e manifesta um outro tipo de angústia (consciência), mas ambas mantém suas próprias qualidades especiais". (Threefold Life, IV. 8).

Assim, as trevas são iluminadas pela luz, mas elas nunca se tornam luz, nem a luz pode se tornar trevas. A luz brilha eternamente nas trevas, mas as trevas não a compreendem.

“Cada uma dessas formas divinas de vida deseja governar; cada uma possui sua vontade própria. Ao contrário não haveria nem sensibilidade, nem perceptividade, apenas uma eterna tranqüilidade. Nenhuma delas faz pressão, a fim de manifestar- se mais do que as outras, todas estão em perfeita harmonia”. (Stiefel, II. 348).

“Quando o quarto princípio penetra o primeiro, todos os espíritos misturam sua luz, triunfo e regozijo. Eles surgem uns nos outros, e envolvem cada um como num movimento circular; a luz no meio deles começa a brilhar, oferecendo-lhes a luminosidade. A qualidade áspera permanece oculta, como uma semente na fruta. Assim como uma maçã amarga ou azeda transforma-se, ao amadurecer sob o sol, adquirindo um sabor adocicado, ainda que mantenha as características que a constitui uma maçã, a Divindade retém suas próprias qualidades essenciais, mas elas se tornam manifestas de forma doce e agradável”. (Aurora, XIII 80).

“Todos os sete princípios são espirituais dentro da natureza eterna, e aparecem ali numa substancialidade transluzida, cristalina e clara”. (Grace, III 40).

“Os sete candelabros na Revelação de São João referem-se aos sete espíritos na Divindade, também as sete estrelas. Os sete espíritos estão no centro do pai, o seja, no poder do Verbo. O Verbo transforma a cólera em doce satisfação e lhe confere a forma de um oceano cristalino; ali os sete espíritos aparecem numa forma que queima, como sete tochas luminosas”. (Threefold Life, III 46).

Uma variedade de cores é necessária para fazer um quadro, para representar uma idéia, e embora a idéia representada pelas várias cores seja uma só, cada cor contém suas qualidades essenciais. Os vários órgãos do corpo humano manifestam vários poderes, no entanto, irão manifestar uma forma de vida. Cada planeta tem suas qualidades especiais, mas formam um só mundo. Da mesma forma, cada uma das sete formas permanece sendo o que é, mas suas manifestações diferem largamente, segundo os planos e condições sob as quais estão se manifestando.

A Primeira Qualidade começa quando Deus, com o propósito de revelar Sua majestade, permite que Sua natureza eterna contraia-se em si mesma;

com isso é criado um estado de trevas e corporeidade.

"A primeira qualidade é o desejo. Ela pode ser comparada com a atração magnética, é a compreensibilidade da vontade. A vontade se concebe como algo. Por esse ato de impressão ou contração ela encobre a si mesma e se torna treva". (Clavis, VIII. 38).

"Nesse estado não há vida ativa ou inteligência; trata-se meramente do primeiro princípio da substancialidade, ou o primeiro começo do transformar-se". (Three Principles, VII . II).

Na eternidade, que está além da natureza, não pode haver trevas, porque não há nada que pudesse produzi-las. A vontade ao desejar, se contrai e se torna substancial. Assim, as trevas são criadas na vontade, enquanto que sem esse desejo não haveria nada senão tranqüilidade eterna sem substancialidade". (Forty Questions).

"O desejo é uma qualidade (contrativa) atraente, adstringente e ácida. É um poder ativo, e sem ele nada haveria senão tranqüilidade. Ele se contrai e se preenche de si mesmo; mas aquilo que é atraído constitui nada mais do que trevas, um estado que é mais compacto que a vontade original, sendo essa tênue como um nada, depois se torna plena e substancial". (Threefold Life, II. 12).

O poder contrativo do desejo, através do qual a vontade torna-se substancial, corpórea e intensa, é experienciada por todo aquele que sente o peso do sofrimento causado por um desejo não realizado que aflige sua alma, enquanto que a liberdade que procede do desejo, e conseqüentemente da prudência, oferece ao coração (a vontade) luz e elevação.

Simultaneamente ao aparecimento da primeira surge a Segunda Forma, chamada de movimento. Matéria e movimento são co-eternos, e nenhum deles pode existir sem o outro. Não haveria contração se não houvesse movimento; tampouco haveria expansão se não houvesse o desejo de contrair. Com o início da ação, começa a reação. Ocorre então uma dualidade de manifestação do eterno Um. Dessa dualidade de ação, tendo sua fonte no Um, resulta a manifestação da vida relativa.

“O movimento divide e atrai o desejo, causando a diferenciação, o que acaba despertando a verdadeira vida”. (Clavis, VIII.30).

“Disso resulta a sensibilidade na natureza, e aqui está a causa da diferenciação. A dureza (solidez) e o movimento da vida são opostos. O movimento rompe a solidez (expande) e através da atração, também causa dureza (contrai)”. (Tabuloe Princip., I.34).

“O Desejo, sendo uma forte atração, causa a liberdade etérea , que é comparável a um nada, para contrair e entrar num estado de trevas. A vontade primitiva deseja ser livre das trevas, pois deseja a luz. A vontade não pode reter essa luz, e quanto mais ela deseja a liberdade maior será a atração causada pelo desejo”. (Six Theosophical Points, i 38).

“Deve haver uma oposição, pois a vontade não deseja ser trevas, e este mesmo desejo causa as trevas. A vontade ama o excitamento causado pelo desejo, mas não ama a contração e o obscurecimento. A vontade propriamente dita não se torna obscura, apenas o desejo que nela existe. O desejo está nas trevas, e, portanto uma grande angústia resulta dentro da vontade, na medida em que o desejo pela liberdade se fortalece, mas por esse desejo torna-se mais áspera e obscura”. (Forty Questions).

Eliphas Levi expressou uma verdade correspondente a isso dizendo: “A vontade realiza aquilo que não deseja”. Um desejo egoísta pelo céu derrota seu próprio objeto.

A Terceira Qualidade, chamada à existência através da ação e da reação do Um absoluto, chama-se sensação na existência; ou, em outras palavras, consciência absoluta, manifestando-se, torna-se relativa. Nada novo é criado com isso, apenas aquilo que já havia começado a existir. Essa consciência relativa é chamada por Boehme de “angústia”.

“A terceira qualidade, a angústia, é desenvolvida da seguinte maneira: a adstringência é fixa, o movimento é volátil; uma qualidade é centrípeta, outra centrifuga; mas como são um, e não podem se separar uma da outra (nem do seu centro) tornam-se como uma roda giratória, onde uma força para cima e a outra força para baixo. A solidez fornece substancialidade e peso, enquanto o “amargor” (desejo em movimento) fornece espírito

(vontade de liberdade) e vida volátil. Tudo isso causa uma circulação dentro e para fora, sem no entanto, ter um destino. Aquilo que a atração do desejo faz com que se torne fixo, torna-se novamente volátil através da aspiração por liberdade. Ocorre então a grande inquietude, comparável a uma loucura furiosa, de onde surge uma terrível angústia". (Mysterium, III. 15).

Na verdade, cada uma destas experiências ocorre dentro do eu, porque enquanto o homem estiver pregado à cruz da vida terrestre, haverá uma contínua batalha entre seus altos e baixos impulsos, ou entre suas aspirações ideais e seus interesses materiais.

"Quanto mais o primeiro princípio acumular sua aspereza, a fim de capturar o segundo princípio, maior a ação desse princípio, e mais forte é a fúria e a ruptura. O amargor recusa-se a ser subjugado, mas a vontade (de onde se origina) o aprisiona fortemente, impedindo-o de seguir seu impulso. Ele luta para subir, a vontade para descer, pois a adstringência puxa para dentro, e se torna pesada. Assim, um luta para surgir, no alto, o outro para mergulhar, em baixo, sendo que nenhum dos dois atinge seu objetivo; com isso a natureza eterna torna-se como uma roda giratória". (Menschwerdung, I. 4).

Essa batalha macrocósmica tem sua contrapartida no microcosmo do homem. Há nele também, a contínua luta entre matéria e espírito, entre desejo e renúncia, entre o desejo de existência e a vontade daquela liberdade que não pode ser encontrada enquanto até mesmo o desejo de liberdade estiver em repouso.

Essas três primeiras formas ou qualidades, em que a atividade do Pai, do Filho e do Espírito Santo estão representadas, ou em outras palavras, através das quais a vontade e a inteligência revelam-se, recebem, também os nomes de "sal", "súlfur" e "mercúrio".

"Os três primeiros princípios não são Deus propriamente dito, apenas a Sua revelação. O primeiro destes três estados, sendo um princípio de toda força e poder, origina-se da qualidade do Pai; o segundo, sendo a fonte de toda atividade e diferenciação, surge da qualidade do Filho; e o terceiro, sendo a raiz de toda vida, origina-se na qualidade do Espírito Santo". (Grace, VI. 9).

"Os antigos diziam que no sal, súlfur e mercúrio todas as coisas estão contidas. Isso não se refere tanto às coisas materiais, mas ao aspecto espiritual de todas as coisas, ou seja, ao espírito das qualidades de onde surgem as coisas materiais. Pelo termo "sal", compreendiam o desejo metálico e agudo na natureza; "mercúrio" simbolizava o movimento e diferenciação do primeiro, através do qual cada coisa torna-se objetiva e entra em formação. "Súlfur", a terceira qualidade, significava a angústia da natureza". (Clavis, 46).

A verdadeira vida divina onde a substancialidade da Trindade divina é revelada, só é possível através da Quarta Qualidade, chamada de explosão ou fogo, cuja ignição é causada pelo desejo da natureza eterna e pela ânsia de liberdade eterna.

"O fogo é originalmente, trevas, aspereza, frio eterno e secura, e não há nada nele, senão uma fome eterna. Como então se transforma em fogo? O Espírito de Deus, em seu aspecto de luz eterna, vem em auxílio da fome-ígnea. A fome origina-se da luz, porque quando o poder divino espelha-se nas trevas, essas se tornam cheias de desejo da luz, e esse desejo é a vontade (da natureza eterna). Mas a vontade ou o desejo na secura, não podem atingir a luz, consistindo então de angústia e súplica pela luz. Essa angústia e essa súplica persistem até que o Espírito de Deus entre como que um raio de luz". (Three Principles, XI.45).

Esta "roda de Ignição" giratória é representada pela Cruz, a "Árvore da Vida". Livre é o espírito do homem antes de entrar nesse vale de sofrimento, mas depois de entrar ele é pregado na cruz de seus próprios desejos pessoais. O próprio homem é a "Cruz"; ele cria a cruz para si, da qual não há liberação até que descubra a verdadeira Cruz espiritual, ao entrar no reino da luz através do poder do fogo, o que significa que seu espírito rompeu os laços da matéria e tornou-se novamente livre.

"A liberdade por meio da vontade eterna alcança as trevas, essa alcança a luz da liberdade, mas não pode retê-la. A vontade aprisiona-se pelo próprio desejo que há em si, tornando-se trevas. Dessas duas coisas, ou seja, da impressão de trevas e do desejo da luz ou liberdade, que é direcionado para as trevas, resulta o raio de luz nas trevas, a condição primitiva do fogo. Mas como a liberdade é um nada, e portanto inapreensível, não pode reter a

impressão. Assim, a impressão entrega-se à liberdade; essa, por sua vez, devora a natureza obscura da impressão. Assim, a liberdade governa nas trevas, e não é compreendida por ela". (Signature, XIV. 22).

"A unidade eterna ou liberdade, per se, é de infinito amor e brandura, mas as três qualidades são ásperas, dolorosas e até mesmo terríveis. A vontade das três qualidades anseia pela unidade branda, e a unidade anseia pelo fundamento ígneo e pela sensibilidade. Assim, um penetra o outro, e quando isso ocorre o raio de luz aparece, comparável à chispa produzida pela fricção entre a pedra e o aço. É desta forma que a unidade retém a sensibilidade, e a vontade da natureza recebe a unidade suave. Assim a unidade torna-se uma fonte de fogo, e o fogo penetrado pelo desejo, uma fonte de amor". (Clavis, IX. 49).

Assim, a luz conquista as trevas, sem destruí-las; a luz torna-se meramente vitoriosa, consumindo as trevas de forma análoga à assimilação do alimento pelo organismo, que conquista e consome o alimento através do fogo da vida.

"Quando o fogo e a luz espirituais são acesos nas trevas (tendo, contudo, queimado desde a eternidade), o grande mistério do poder e do conhecimento divino revela-se eternamente ali, porque no fogo todas as qualidades da natureza aparecem exaltadas na espiritualidade. A natureza permanece o que é, mas a sua expressão, ou seja, aquilo que ela produz, torna-se espiritualizado. A vontade obscura é consumida no fogo, expressando com isso o puro espírito-fogo, penetrado pelo espírito-luz". (Clavis, IX. 64).

Quando essa grande revelação interna ocorre, os sentidos internos são abertos para a correta percepção da verdade espiritual. Não haverá então mais a necessidade de se tirar conclusões de qualquer tipo, com relação ao desconhecido, pois o espírito percebe aquilo que pertence à sua esfera do mesmo modo como uma pessoa enxerga as coisas externas.

"Observe como toda vida, no mundo externo, atrai para si o seu alimento. Irás reconhecer como a vida origina-se da morte. Não pode haver vida sem que aquilo de onde a vida se expressa, surja em suas formas. Todas as coisas tem que entrar num estado de angústia para reter o raio de luz, e sem

isso não haverá ignição". (Menschwerdung, II. 5).

Esse, então, é o princípio da manifestação de Deus como o princípio do fogo e o princípio da luz. A Divindade, como tal, a vontade da Trindade querendo sair do não fundamento para penetrar na Trindade, não é ainda um princípio, e não tem começo, mas é o próprio princípio de si.

"Se algo se torna àquilo que não era antes, isso não se constitui um princípio; um princípio está onde uma forma de vida e movimento começa, o qual não existia anteriormente. Desta forma, o fogo é um princípio, assim como a luz que nasce do fogo, mas que, contudo, não é uma qualidade do fogo, mas tem uma vida própria." (Six Theosophical Points, II. I).

No fogo está a representação da divisão de dois aspectos nos quais Deus está se manifestando, ou seja, como Deus e como Natureza; também a divisão entre a vida doce no amor e a vida na cólera.

"Como o sol no plano terrestre transforma a amargura em harmonia, do mesmo modo age a luz de Deus nas formas da natureza eterna. Essa luz brilha dentro delas e fora delas; a luz incendeia as formas, a fim de que obtenham sua vontade e se rendam à ela completamente. As formas então, abandonam sua própria vontade e tornam-se como se não tivessem poder algum, desejando unicamente o poder da luz". (Six Theosophical Points, V. 3).

Pela união do fogo e da luz o terceiro princípio conquista a substancialidade. "Se a Divindade de acordo com o primeiro e segundo princípio é considerada apenas como um espírito, sem qualquer essencialidade concebível, há nela, contudo, o desejo de envolver um terceiro princípio, onde repousa o espírito dos dois primeiros princípios, onde se tornará manifestada como uma imagem". (Six Theosophical Points, I. 25).

"O fogo recebendo em si a essência do desejo como seu alimento, a fim de poder queimar, fornece um espírito alegre e abre o poder da humilde essencialidade na luz". (Six Theosophical Points, I.57).

“O fogo, atraindo para si a humilde essencialidade da luz, emana, através da cólera da morte, o humilde espírito que ali estava, o qual contém em si as qualidades da natureza”. (Tilk., I. 171).

Quando o poder da luz revela-se, manifesta sua atividade primeiro que nada na Quinta Qualidade, envolvida através das quatro precedentes como doce amor, ou um luminoso espírito-água.

“Os primeiros três princípios são meramente qualidades condutoras da vida; o Quarto é vida propriamente dita, mas o quinto é o verdadeiro Espírito. Toda vez que esse poder se envolve do fogo, vive em todos os outros e transformando-os em sua própria natureza doce, de modo que a dor e a inimizade não podem ser encontradas ali, de forma alguma”. (Tabuloe Principoe, I. 46).

“A Quinta Qualidade é o verdadeiro fogo-amor, que na Luz separa-se do fogo doloroso, e onde o amor divino aparece como um ser substancial. Ele tem consigo todos os poderes da sabedoria divina; é o tronco ou o centro da árvore da vida eterna, onde Deus, o Pai, revela-se em Seu Filho através do Verbo pronunciado”. (Grace, III. 26).

Na Sexta Qualidade os poderes divinos, ainda unidos, e, portanto indiferenciados e não manifestos na Quinta, tornam-se diferenciadas e audíveis.

“A Sexta forma da natureza eterna é a vida inteligente ou som. As qualidades estando num estado de equilíbrio na luz (a Quinta), agora se regozijam e tornam-se audíveis. Com isso, o desejo da unidade entra num estado de (consciência) querendo e atuando, percebendo e sentindo”. (Tabuloe Principoe, I. 48).

“Para constituir a vida audível, ou o som dos poderes, é necessário solidez e brandura, o compacidade, delgadeza e movimento. Para constituir o sexto princípio, portanto, se faz necessária a presença de todas as outras qualidades da natureza. A primeira forma fornece a aspereza, a segunda o movimento, através do qual a terceira divisão ocorre. O fogo transforma a aspereza da essência concebida ao consumi-la num ser espiritual,

representando delicadeza e suavidade, e esta se forma num som, de acordo com as qualidades que contém". (Mysterium, V. II).

Esse som, com certeza, não deve ser comparado aos sons audíveis terrestres. "Na luz de Deus, no reino dos céus (a consciência do espírito), o som é muito sutil, voce e amoroso, de forma que se comparado com o barulho terrestre, é como uma perfeita quietude. No entanto, no reino da glória é, de fato, um som compreensível, e há uma linguagem ouvida pelos anjos – uma linguagem que só faz parte da natureza do mundo angélico". (Mysterium, V. 19).

O Terceiro Princípio reaparece no Sétimo, e nisso consiste a "ressurreição da carne".

"O Sétimo Princípio é a compreensão corpórea das outras qualidades. É chamado de "Sabedoria Essencial" ou "O Corpo de Deus". O terceiro princípio aparece nas sete formas da natureza desde que eles tenham sido trazidos para a compreensibilidade no sétimo. Esse princípio ou estado de ser é santo, puro e bom, É chamado de eterno céu incriado ou de reino de Deus, e emerge do primeiro princípio, do obscuro mundo- fogo e do santo mundo-amor de luz flamejante". (Grace, IV. 10).

"A Sétima forma é o estado de ser onde todas as outras manifestam sua atividade, como a alma no corpo. É chamada de Natureza, e também de eterna e essencial sabedoria de Deus". (Tabuloe Principoe, I.49).

"O sétimo espírito de Deus é o corpo, que nasce dos outros seis espíritos, e nele todas as figuras celestiais tomam forma. Dele surge toda beleza, toda satisfação. Se esse espírito não existisse Deus seria imperceptível". (Aurora, XI. I).

"A Sabedoria é a substancialidade do espírito. O espírito dela se reveste, como um ornamento, e assim se revela. Sem a sabedoria a forma do espírito não seria conhecida; ela é a corporalidade do espírito. Não se trata de um corpo de substância tangível, como os corpos dos homens, mas contém qualidades visíveis e substanciais que o espírito per se não possui". (Threefold Life, V. 50).

Não há linguagem que possa descrever a beleza e o esplendor da sabedoria divina. O que quer que haja, de perceptível beleza magnificente nesse mundo terrestre, existe no mundo celeste num estado muito mais superior, em perfeição espiritual eterna.

"A linguagem terrestre é inteiramente insuficiente para descrever o que há de satisfação, felicidade e de amor contidos nas maravilhas internas de Deus. Mesmo se a Virgem Eterna as mostrassem em nossas mentes, a constituição do homem é muito fria e escura para ser capaz de expressar mesmo uma centelha sobre elas em sua linguagem". (Three Principles, XIX. 90).

Tais imagens supraterrestres tampouco são simples sombras ou criações da fantasia.

"Assim como a terra continua a produzir plantas, flores, árvores, metais e seres de várias espécies, um mais glorioso, forte e belo que o outro; e como no nosso plano terrestre uma forma aparece enquanto outras perecem, havendo um contínuo trabalho e envolvimento das formas, do mesmo modo a geração eterna com o santo mistério, continua ocorrendo com grande poder; em conseqüência dessa contorção de poderes espirituais, os frutos divinos aparecem um ao lado do outro, todos e cada um deles, numa radiação de belas cores. Tudo aquilo pelo qual estamos rodeados no mundo terrestre, não passa de um símbolo terrestre, que existe no reino celestial numa bela perfeição, num estado espiritual. Não existem ali meramente como um espírito, uma vontade ou um pensamento, mas numa substancialidade corporal, em essência e poder, e aparece inconcebível se comparado com o mundo material externo" (Signature, XVI. 18).

Essa beleza de sabedoria essencial e divina, a Virgem eterna, não produz por poder próprio; mas, pelo poder de Deus que atua nela. Ela propriamente dita não possui vontade própria.

"Não é a sabedoria, mas o Espírito de Deus, o centro ou o revelador. Como a alma está manifestando-se num corpo através da carne, e como a carne não teria poder algum se não fosse habitada por um espírito vivo, da mesma forma a sabedoria de Deus é a corporalidade do Espírito Santo, através da qual ele adquire substancialidade, a fim de manifestar-Se. A

sabedoria dá à luz, mas isso não seria possível se o Espírito não atuasse nela. Ela revela sem o poder da vida-fogo, ela não possui desejo ardente, mas sua satisfação encontra sua perfeição na manifestação da Divindade, e, portanto é chamada de virgem em castidade e pureza diante de Deus". (Tilk., II 64).

A divina sabedoria só existe através da Trindade, e a Trindade só pode ser revelada ao formar a natureza eterna com seu próprio corpo.

"A luz e o poder do sol revelam os mistérios do mundo externo através da produção e crescimento de vários seres. Da mesma forma Deus, representando o Sol eterno ou o único e eterno Bem, não se revelaria sem a presença de sua natureza espiritual eterna, único lugar em que pode manifestar seu poder. Somente quando o poder de Deus se torna diferenciado e relativamente consciente, de modo que haja poderes individuais combatendo entre si durante seu jogo de amor, se abrirá Nele o grande, imensurável fogo de amor, através da aproximação da Santíssima Trindade". (Grace, II.28).

O Pai, governando o primeiro princípio, o fogo, gera eternamente o Filho, a luz, através das sete formas da natureza eterna; e o Filho, revelando-se no segundo princípio como a luz, glorifica o Pai para sempre.

"A vontade eterna, o Pai, conduz Seu coração, Seu Filho eterno, pelo fogo, ao grande triunfo, ao Seu reino de glória". (Grace, II. 21).

"Quando o Pai pronuncia Seu Verbo – ou seja, quando Ele gera Seu Filho – o que é feito contínua e eternamente, esse Verbo tem sua origem, em primeiro lugar, na primeira qualidade adstringente, onde se torna concebido. Na segunda qualidade ou qualidade doce recebe sua atividade; na terceira, se movimenta; no calor ele surge e acende o doce fluxo do poder e do fogo. Todas as qualidades são feitas para queimar pelo fogo aceso, e o fogo é por elas alimentado; mas esse fogo é só um, não muitos. Esse fogo é o verdadeiro Filho de Deus, que continua nascendo de eternidade em eternidade". (Aurora, VIII. 8 I.).

"O Pai é o primeiro de todos os seres concebíeis, mas se o segundo princípio não se tornasse manifesto no nascimento do Filho, Ele não seria

revelado. Assim, o Filho, sendo o coração, a luz, o amor e a bela e doce beneficência do Pai, mas sendo distinto Dele em Seu aspecto individual, entrega-se ao Pai reconciliado, amoroso e misericordioso. Seu nascimento ocorre no fogo, mas Ele obtém sua personalidade e nome pela ignição da luz clara, branca e suave, que Ele próprio é". (Three Principles, IV. 58).

"O Filho nasce perpetuamente, de eternidade em eternidade, e brilha continuamente nos poderes do Pai, enquanto que esses poderes são continuamente gerados no Filho". (Aurora, VII. 33).

O Espírito Santo, manifestando-se no terceiro princípio, emana eternamente do Pai e do Filho, é nele e com ele que surge o esplendor da majestade de Deus.

"O Pai Eterno manifesta-se no fogo; o Filho manifesta-se na luz do fogo; o Espírito Santo manifesta-se no poder da vida e no movimento que emana do fogo e da luz". (Signature, XIV 34).

"O Espírito Santo revela a divindade na natureza. Ele estende o esplendor da majestade, a fim de que ele possa ser reconhecido nas maravilhas da natureza. Ele não é o esplendor propriamente dito, mas seu poder; ele introduz esse esplendor da majestade na substancialidade, onde a Divindade é revelada". (Threefold Life, IV. 82; V. 39).

Assim, a Santíssima Trindade está em todo lugar, manifestando-se através das sete qualidades da natureza eterna.

"Nós, Cristãos, dizemos que Deus é ternário, mas um em essência; isso é mal interpretado pelo ignorante ou pelo mal informado, pois Deus não é uma pessoa, exceto em Cristo. Deus é um poder gerado eternamente e o reino com todos os seres". (Myst. Magn., VII. 5).

"Ele gera a si mesmo num aspecto ternário, e nessa geração eterna deve-se compreender uma única essência e geração; nem o Pai, nem o Filho; mas unicamente a Vida eterna, ou Deus". (Myst. Magn., VII . II).

A geração do homem



“Falar sobre o céu e o nascimento dos elementos, não é falar de coisas que estão longe ou que são estranhas a nós, mas daquilo que está ocorrendo dentro de nosso próprio ser; não há nada mais perto de nós do que esse nascimento, pois é como se estivéssemos falando de nossa própria mãe. Falar do céu é falar de nosso lar, de nosso lugar próprio, onde a alma iluminada pode ver, mesmo que esse lugar esteja oculto aos olhos do corpo”. (Principles, VII. 7).

A consideração Mosaica sobre a criação, nunca pretendeu ser uma história sobre a criação do mundo desde o princípio, mas é uma história de renovação ou restauração do mundo natural anteriormente governado por Lúcifer, lançado à desordem e convulsão, por causa de seu afastamento de Deus.

“Antes dos tempos da cólera, havia no lugar desse mundo as seis fontes espirituais, gerando a sétima de forma suave e doce, como ainda acontece no céu, e não crescia ali nem sequer uma gota de cólera. Tudo o que existia era luz e transparência, sem a necessidade de outra luz, pois a fonte do amor com o coração de Deus estava iluminando tudo. A natureza era então muito etérea, e tudo permanecia num grande poder. Mas tão logo se deu o início da guerra dos demônios orgulhosos, tudo tomou uma outra forma e modo de ação. A luz se extinguiu na geração externa; conseqüentemente, o calor tornou-se aprisionado na corporalidade, não podendo mais gerar sua própria vida. Por causa disso, a morte penetrou a natureza e a natureza se degenerou. Uma nova criação da luz se fez necessária, sem o que a terra teria permanecido na morte eterna”.

(Aurora, XVII. 2 IV.15).

"Tudo na natureza tinha que florescer e renascer basta observar os minerais, pedras, árvores, grama, ervas e animais de todos os tipos, todas essas fundações eram perecíveis e impuras aos olhos de Deus; no entanto, Deus pretendia extrair deles no final dos tempos, seus corações e seus frutos, e separá-los da cólera e da morte, então aquilo que tinha que ser regenerado desabrocharia eternamente, carregando novamente os frutos celestiais fora e além da localidade deste mundo". (Aurora, XXIV.25).

"O mesmo salitre (a base material ou fundação), que no tempo da ignição da cólera pereceu na morte, é elevado no raio de fogo, na regeneração. Não que tenha se tornado algo novo, mas apenas adquiriu outra forma de corporalidade, que no momento se encontra num estado de morte" (sua existência é relativa, como a matéria bruta)". (Aurora, XXII.80).

Os espíritos expulsos produziram um estado de ignição na natureza. Deus então, reuniu a essência da natureza e afastou a possibilidade de alcançarem aqueles poderes, colocando um basta nainsolência daqueles espíritos através da água.

"Os espíritos expulsos ainda se encontravam na qualidade do pai, e, portanto acenderam a qualidade da natureza através da imaginação, de modo que a substância transformou-se em terra e pedras, e o doce espírito da água num céu incandescente. Depois disso ocorreu a criação deste mundo". (Menschwerdung, I. 2-8).

A criação não poderia ocorrer enquanto todos os elementos encontravam-se num estado de revolução; somente depois que "O Espírito de Deus movimentou-se sobre as águas da profundidade" é que o Verbo divino pode tomar forma.

"Quando o Verbo eterno se movimentou, por causa da malícia de Lúcifer, e a fim de expulsar esses parasitas demoníacos de sua residência, rumo as trevas eternas, a essência se compactou (coagulou). Deus não queria mais deixar os poderes manifestados sob o comando de Lúcifer, no lugar em que reinava como um príncipe, e fez com que penetrassem um estado de coagulação, guspindo-os em seguida para fora de ali". (Mysterium, X.13).

“Nisso consiste a queda de Lúcifer; ele despertou a mãe do fogo e quis governar sobre a benevolência, no coração de Deus. Esse fogo é agora seu inferno; mas esse inferno foi capturado por Deus através do céu, ou seja, a mãe da água. Pois enquanto a localidade desse mundo dera para queimar por conta própria, Deus movimentou- se para criar, e criou a água. Disso resultou o oceano e a insondável profundeza aquosa. Foi o que ocorreu em Sodoma e Gomorra, pois quando o pecado era grande e o demônio habitava ali, desejando manifestar seus poderes, Deus permitiu que o príncipe desse mundo acendesse aqueles cinco reinos, para ali ser senhor e ter sua morada. Deus pensava em destruir seu orgulho; Ele fez com que a água chegasse até lá, e desta forma extinguiu sua glória”. (Threefold Life VIII. 24).

Através de Sua vontade criativa, cheia de amor, Deus fez com que surgisse a luz; Ele direcionou o poder das trevas para as profundezas. Assim, quando a alma do homem surge para a liberdade eterna, os poderes das trevas desaparecem no abismo que está abaixo.

“A cólera não tocou o coração de Deus, mas o amor benevolente emanou de Seu coração, penetrando a mais externa geração da cólera, extinguindo-a. Ele disse: ‘Que haja a Luz’”. (Aurora, 85).

“Ao dizer: ‘Que haja a Luz’, o santo poder concebido juntamente com a cólera, movimentou-se, fazendo com que o poder do demônio fosse completamente extraído dele, em sua essência”. (Mysterium, XII. 14).

“Assim, as trevas permaneceram na qualidade da cólera, na substância da terra e em toda profundidade desse mundo; e na substância da luz, a luz da natureza do céu, ou seja, da quinta essência, surgiu aquilo do que a constelação foi criada. Essa essência está em todo lugar, na terra e acima da terra” (Aurora, XII. 15).

Através dessa nova criação da luz, uma nova vida começou a se espalhar por todo lugar; mas essa criação, de acordo com o número de espíritos divinos ativados pela luz, só chegou a um estado deperfeição no sétimo dia.

“Quando Deus pronunciou: ‘Que haja a Luz’, a essência, o ser dentro da qualidade da luz, não se movimentou apenas na terra, mas em toda a profundeza, com grande poder; com isso, o sol foi criado no quarto dia,

quer dizer, foi aceso". (Mysterium, XII.13).

"Quando Deus se movimentou para criar esse mundo, não foi só uma parte que se movimentou, enquanto a outra repousava, mas tudo se movimentou ao mesmo tempo". (Aurora, XXII. 122).

"Esse movimento durou seis dias e seis noites, quando todos os sete espíritos de Deus estavam em geração móvel e completa; o coração de todos os espíritos e o salitre da terra também giraram seis vezes dentro da grande roda". (Aurora, XXI. 123).

"As obras do dia referem-se as sete qualidades; seis delas pertencem ao atual regimento, mas a sétima, ou a essencialidade, é aquela em que as outras repousam; pois essas qualidades foram pronunciadas por Deus e tornaram-se visíveis". (Mysterium, XII. 2).

No segundo dia a separação ocorreu no poder da luz, separação entre a água imaterial interior e a material externa; o firmamento (aquilo que é firme) foi colocado no meio, entre elas.

"A água da vida separou-se da água da morte, de tal forma que no tempo deste mundo elas encontram-se unidas como o corpo e a alma. Mas o céu, tendo sido feito da parte do meio da água, é como um abismo entre os dois, de modo que a água concebível é a morte, mas a inconcebível é a vida". (Aurora, XXI. 7).

"A água sobre a terra é um ser mortal e degenerado, como a própria terra. Essa água material, contida na geração mais externa, foi separada da água inconcebível". (Aurora, XX. 27).

"A água acima do firmamento está no céu, e a água abaixo do firmamento é a água material". (mysterium, XII. 24).

"O firmamento é a conexão entre tempo e eternidade. Deus o chama 'céu', e faz uma distinção entre as águas; isso indica que o céu está no mundo, mas o mundo não está no céu". (Mysterium, XII. 23).

Assim, a mente do homem é a conexão entre o estado celeste e terrestre.

O céu e a felicidade podem estar em sua mente, mas a mente não pode estar no céu exterior.

As águas materiais e espirituais não estão separadas uma da outra de forma externa, ou segundo a localidade, mas onde quer que haja a água material, há também a água espiritual, essa vem para auxiliar a primeira.

"Quando observo a água exterior, sou forçado a dizer: 'Aqui, na água de baixo do firmamento, está contida a água de cima do firmamento'. Mas o firmamento é o meio, a ligação (linha divisória) entre tempo e eternidade, de modo que nenhuma das duas é a outra. Aos olhos externos, ou deste mundo, só vejo a água abaixo do firmamento, mas a água acima do firmamento é aquela que Deus instituiu para o batismo da regeneração em Cristo". (Mysterium, XII. 26).

"Toda água deste mundo encontra-se degenerada, portanto, a água superior deve vir em auxílio da terra, extinguindo seu fogo e apaziguando-a, a fim de que a verdadeira água possa nascer". (Aurora, XX. 33).

A inspiração divina deve vir em auxílio do pensamento material, para permitir o nascimento dos pensamentos celestes.

No terceiro dia, a essência aquosa e ígnea, o firmamento do céu e a terra, entraram novamente em conjunção, nasceram as ervas, plantas e árvores, e ao mesmo tempo formou-se o ouro, a prata e minerais de vários tipos.

"No segundo dia, Deus separou o mercúrio ígneo do aquoso, e chamou o ígneo de firmamento do céu. Então, no espírito da natureza externa originou-se a espécie macho e fêmea, ou seja, no Mercúrio ígneo o masculino e no aquoso o feminino". (Clavis, 86).

"No terceiro dia, o Mercúrio ígneo e o aquoso entraram novamente em conjunção e mistura, foi então que o salitre deu origem às ervas, plantas e árvores". (Clavis, 88).

"Após Deus ter colocado o céu entre o amor e a cólera, para manifestar o discernimento, ocorreu que no terceiro dia o amor penetrou as trevas através do céu. Então o velho e mortífero corpo começou a se movimentar e

a sentir a angústia da geração; pois o amor é ardente e inflama a fonte do fogo, e esse causa uma fricção na qualidade fria e adstringente da morte rígida, até que no terceiro dia a qualidade adstringente tornou-se aquecida, e a terra amarga tornou-se móvel. (Aurora, XXV.29).

"Quando a luz contida na água doce penetrou o espírito amargo, o raio de luz, inflamando-se na água, na qualidade morta, dura e amarga, provocou um movimento em todas as coisas, surgiu a mobilidade (a vida) na existência, não somente no céu acima da terra, mas também na terra. A vida começou a ser gerada em todas as coisas, e a terra produziu as plantas, ervas e árvores; dentro da terra se formaram a prata, o ouro e os metais de vários tipos". (Aurora, XXI. 132; XX. 6).

Como a luz só podia ser ativa na essência corrupta, não havendo outra, os produtos formados ali eram de um tipo misto metade bom, metade mal.

"Quando a luz apareceu novamente no exterior, não concebível, o Verbo fez surgir a vida da morte, e o salitre corrupto produziu frutos novamente; mas isso tinha que ocorrer em certa relação com o estado depravado existente na cólera, e como a produção dos frutos veio da terra, tinham que ser bons e maus". (Aurora, XXI 19).

Antes da ignição do sol e das estrelas, a natureza repousava como que num estado de morte, e as formações de que dela procediam eram desprovidas de vida, do poder de produção e crescimento.

"Até o terceiro dia depois da ignição da cólera de Deus no mundo, a natureza permaneceu na ansiedade, e era um vale de trevas na morte; mas no terceiro dia, quando a luz das estrelas começou a se acender na água da vida, a vida rompeu a morte, e uma nova geração teve início".(Aurora, XXIV. 41).

"Há na terra, acima de tudo, a qualidade amarga. Esta contrai o salitre e solidifica a terra, tornando- a um ser corporal, formando corpos de vários tipos, tais como rochas, metais e múltiplas raízes. Na ocasião desta formação, não há vida que permita o crescimento e a expansão. Mas quando o calor do sol age sobre o solo, várias formações prosperam e crescem na terra". (Aurora, VIII. 41).

Da mesma forma, o elemento material e terrestre no homem, não tem o poder de tornar-se superior à sua própria natureza. Isso não é possível, senão pelo poder do Espírito Divino.

A luz eterna de Deus brilhou nas trevas deste mundo e inflamou o calor no firmamento, ou céu, e do fogo surgiu a luz, ou seja, o sol e o céu estrelado.

"Depois que o céu foi feito, para a distinção entre a luz de Deus e o corpo corrupto deste mundo tudo mudou; o mundo corrupto era uma vale de trevas, sem luz, onde todos os poderes encontravam-se capturados, como que na morte; era uma situação muito difícil, até que se tornasse iluminado no meio de todo o corpo. Mas quando isso ocorreu o amor na luz de Deus rompeu aquele céu da divisão e acionou o calor". (Aurora XXV 68).

"Deus, a luz eterna e a vontade eterna, brilha nas trevas e as trevas capturaram a vontade (recebeu sua atividade). Nessa vontade surgiu a ansiedade, e nela está o fogo, e no fogo a luz. Assim, as estrelas foram produzidas do fogo; o sol, do poder dos céus". (Three Principles VIII. 22).

Tudo isso ocorre de forma correspondente durante a regeneração espiritual do homem.

Por esse intermédio, a Sabedoria divina manifestou-se, não de forma inteiramente pura e, portanto, não permanente e imutável; a manifestação ocorreu como num espelho claro, conduzindo o demônio de volta para as profundezas das trevas.

"No quarto dia, Deus criou de Sua sabedoria eterna, o senhor do terceiro princípio (o mundo visível), o sol e as estrelas. Vê-se aqui claramente a Divindade e a sabedoria eterna de Deus, como num espelho claro. Esse ser, visível diante de nossos olhos, não é Deus propriamente dito, mas um Deus no terceiro princípio, que irá finalmente retornar ao seu éter e ter um fim". (Three Principles VIII.13).

"Deus fez uma sólida fundação (firmamento) chamada 'céu', entre a geração mais externa e mais interna, entre a Divindade clara e a natureza corrupta, através da qual deve surgir o querer de cada um de ir para Deus.

Sobre essa fundação é dito que mesmo os céus não são puros diante de Deus, mas no dia do julgamento a cólera será arrancada de lá". (Aurora, XX.41).

"No tempo da criação de uma nova luz, o sol foi despertado nesse mundo tornado corrupto por Lúcifer, o que afastou o esplendor do demônio. Ele foi enclausurado nas trevas como um prisioneiro, entre o reino de Deus e o reino deste mundo; ele não tem mais o que governar nesse mundo, exceto na Turba, onde a cólera e a fúria de Deus estão despertadas". (Menschwerdung, I. 2).

O sol foi revelado através da alma do mundo, e é feito através das influências das estrelas. Assim o sol da Sabedoria divina no homem está representando o conhecimento coletivo que o homem reuniu de suas experiências, tendo como base sua própria auto consciência divina. Sem essa auto consciência em Deus, todas as suas aquisições intelectuais são meras vaporizações condenadas ao desaparecimento.

"No sol do mundo externo, e através dele, Deus despertou um rei, ou como chamaria simbolicamente, uma divindade natural, junto com seis conciliadores, para serem seus assistentes, ou seja, o sol e os seis outros planetas, pronunciados das sete qualidades do lócus (lugar ou centro) do sol. O sol recebe seu esplender da tintura do mundo ígneo e o mundo da luz, sendo manifestado como um ponto revelado com relação ao mundo de fogo". (Mysterium, XIII. 16).

"Na morte, no centro, no corpo ou ainda na substância corporal da terra, Deus despertou a tintura, com seu brilho, esplendor e luz, onde está contida a vida da terra; mas na profundeza acima do centro Ele deu o sol, que é uma tintura de fogo, e que com seu poder, alcança a liberdade fora e além da natureza, e de onde a natureza recebe seu esplendor. Ele é a vida de todo o círculo das estrelas, e todas essas estrelas são Seus filhos. Não que ele contenha suas essências, mas a vida deles surgiu de seu centro, no princípio". (Threefold Life IV. 27).

"O sol é o coração de todos os poderes nesse mundo, e está configurado segundo os poderes de todas as estrelas, enquanto que, por outro lado, ele ilumina e vivifica todas as estrelas e poderes neste mundo". (Aurora, VII

42).

Assim, o princípio divino no homem alimenta o intelecto com luz e vida, do mesmo modo que o sol reflete sua luz sobre a lua. Um intelecto desertado de Deus irá perecer depois que sua força acumulada for exaurida. Só aquilo que Deus reconhece em nós continua permanente.

"O sol está no meio das profundezas, ou seja, na luz ou no coração das estrelas, extraído de todos os seus poderes pelo poder de Deus, trazido para a forma. Portanto, ele é a luz clara de tudo, e pelo seu brilho e calor acende todas as estrelas, cada um de acordo com sua própria e especial qualidade e poder". (Threefold Life VII.40).

"Não que chamando o sol de centro queremos dizer que todas as estrelas originaram-se de um ponto central, chamado 'sol'. O sol é o centro dos poderes das estrelas, a causa pela qual se movimentam em sua essência. Ele desenvolve seus poderes e coloca seu poder dentro delas, esse poder constitui seu coração". (Mysterium XI.32).

Os sete planetas tornaram-se objetivos através do sol, segundo a correspondência com as sete formas da natureza.

"Assim como o sol é o coração da vida e origem de todos os espíritos no corpo deste mundo, Saturno é o princípio de toda corporalidade e tangibilidade. Desta forma, seu princípio e descendência não vêm do sol; sua origem é a intensa, azeda e severa ansiedade de todo corpo deste mundo". (Aurora, XXVI I).

"Quando a luz se acende, o poder conquistado na adstringência torna-se Mercúrio". (Three Principles, VIII 24).

"O Mercúrio é agitador, barulhento e retumbante; mas ainda não possui a verdadeira vida. Essa se origina no fogo. Assim, ele deseja a essência tempestuosa e penetrante, para fazer com que surja o fogo, que é Marte". (Threefold Life IX 78).

"Quando o sol se inflamou, o terrível raio de fogo saiu da localidade do sol para uma região superior como um furioso rompimento de relâmpago,

que se torna Marte. Este é um tirante, um elemento de atrito, aquele que coloca em movimento todo o corpo do mundo, para que toda vida tire dele sua origem". (Aurora, XXV 72).

"Tão logo os espíritos de movimento e de vida, através da ignição da água, surgiram da localidade do sol, a brandura, sendo a base da água, penetrou e envolveu com o poder da luz, numa direção inferior, do modo da humildade, o que trouxe à existência o planeta Vênus". (Aurora, XXVI 19-33).

"Quando o terror ígneo fora capturado pela luz, esta, através de seu próprio poder e sendo uma vida doce e de exaltação, elevou-se ainda mais das profundezas, até chegar no lugar duro e frio da natureza. Ali permaneceu, e deste poder veio à existência o planeta Júpiter" (Aurora, XXV 76-82).

"A sétima forma é a Lua, onde estão contidas as qualidades das seis formas. Ela é, por assim dizer, o ser corpóreo das outras formas, os quais lançam nela todos seus desejos através do Sol. Ou seja, aquilo que no Sol é espiritualidade, torna-se corpóreo na Lua". (Signature, IX 24).

Depois que o mundo das estrelas começou a existir, a vida sideral apareceu pelo poder deste mundo das estrelas, ou seja, aqueles organismos vivos foram produzidos, representando "estrelas de vários elementos".

"O firmamento do céu, feito do meio das águas, é uma geração que penetrou através da geração congelada e externa, quer dizer, através da morte, trazendo à tona a vida sideral, tais como animais, homens, pássaros, peixes e vermes". (Aurora, XX. 60).

"Depois de Deus ter desenvolvido as estrelas e os quatro elementos, foram produzidas as criaturas em todos esses quatro elementos, tais como pássaros na constelação do ar, peixes na constelação da água, animais e seres de quatro patas na constelação da terra e espíritos na constelação do fogo". (Mysterium XLIV I).

Essas criaturas receberam seus espíritos das estrelas, ou melhor, do espírito deste mundo, mas o corpo recebeu da terra. Segundo a

predominância da forma aquosa ou ígnea, surge o sexo oposto.

"Pelo poder de Seu Verbo, o Fiat, Deus fez com que todos os seres surgissem da matriz da natureza no quinto dia, cada um segundo suas qualidades; os peixes na água, os pássaros no ar, e outros animais sobre a terra. Eles receberam sua corporalidade da fixidez (rigidez) da terra, e seu espírito do Spiritus Mundi". (Grace, V 20).

"Todas as criaturas, foram criadas da vida de baixo e da vida de cima. A matriz da terra forneceu o corpo e as estrelas, o espírito". (Threefold Life XI 7).

"Como o espírito das estrelas, ou o espírito na forma-ígnea, pelo poder de sua duração, misturou-se com o da água, de uma única essência surgiram duas essências. Uma, a masculina na forma ígnea, e a outra, a feminina na forma aquosa (estado)". (Three Principles VIII. 43).

Finalmente, o homem foi criado, e dele deveria surgir um exército celeste, e no devido tempo seu rei, no lugar do expulso Lúcifer.

"Deus quis criar um exército angélico. Para tanto, criou Adão, que deveria gerar de seu próprio corpo, criaturas de sua mesma espécie; mas no meio tempo, deveria nascer do corpo de um homem o Rei de todos os homens; Ele deveria tomar posse do novo reino como um governante destes seres criados, no lugar do degenerado e banido Lúcifer". (Aurora, XXIV 18).

O homem, contudo, deveria superar os anjos (em perfeição), pois era para ser uma imagem completa da glória divina, enquanto que os anjos foram criados apenas a partir de dois princípios.

"Adão deveria ser um perfeito símbolo de Deus, criado da Magia eterna, a substância de Deus; ele era para ser algo feito do nada, do espírito – o ideal – para um corpo". (Menschwerdung I.5).

"Os anjos são criados de dois princípios, mas a alma com o corpo da vida exterior é criada de três princípios. Portanto o homem é superior aos anjos, contanto que permaneça em Deus". (Forty Questions I 263).

“Nós seres humanos somos um mistério maior do que os anjos, e devemos superá-los na sabedoria celeste. Eles são chamas de fogo, iluminados pela luz de Deus, mas nós contemos a grande fonte da humildade e do amor, que se eleva com a santa essencialidade de Deus”. (Menschwerdung, I 5).

O homem encerra os três princípios: o princípio das trevas ou do fogo, de onde origina sua alma; o princípio da luz, de onde origina seu espírito e o terceiro princípio, que é o elemento básico de seu corpo.

“Na vida do homem há três estados que devem ser distinguidos um do outro - primeiro, o mais interno, ou seja, Deus eternamente oculto no fogo; segundo, a parte do meio, que desde a eternidade permanece como uma imagem ou semelhança nas maravilhas de Deus, comparável a uma pessoa que se vê no espelho; terceiro, essa imagem viva que recebe ainda um outro espelho na criação, onde se observou, ou seja, o espírito do mundo externo, ou o terceiro princípio, que também é uma forma (estado) do Eterno”. (Threefold Life, XVIII. 4)

“As trevas no homem que deseja a luz, é o primeiro princípio; o poder da luz, o segundo; e o poder desejante que atrai e se torna pleno (substancial), e onde o corpo material cresce, é o terceiro princípio”. (Three Principles VII 26).

“A alma, ou o primeiro princípio, é encontrada no fogo da natureza eterna; o espírito, ou o segundo princípio tem sua raiz na luz; e o corpo é o terceiro princípio, ou a substancialidade do mundo visível” (Tabuloe Principoe, 65).

Adão deveria governar toda a natureza, portanto, seu corpo foi extraído de todos os poderes do mundo externo; mas o terceiro princípio, assim como o primeiro, surgiu nele sujeito ao segundo, a luz.

“Se vocês observarem seu próprio ser e o mundo exterior, e o que está ocorrendo ali, descobrirão que vocês são esse mundo exterior, com relação ao ser externo. Vocês são um pequeno mundo formado a partir do grande mundo, e sua luz externa é um caos do sol e das constelações de estrelas. Se assim não fosse, vocês não seriam capazes de enxergar através da luz do

sol”. (Mysterium, II. 5).

“Se um homem, como imagem de Deus, deve governar os peixes, aves, animais e toda a terra, assim como as essências de todas as estrelas, então ele deve ser parte dos três, pois cada espírito só pode governar em sua mãe, onde tem sua origem”. (Mysterium, XIV 8).

“O homem terrestre tinha em sua constituição o reino deste mundo, mas os quatro elementos (separados) não governavam sobre ele; eles encontravam-se em um, e a ordem terrestre das coisas encontrava-se oculta no homem. Ele deveria viver no estado celeste, e embora tudo estivesse em movimento (vivo) dentro dele, no entanto ele governava a angústia terrestre (consciência externa) através da qualidade celestial (consciência interna) do outro (segundo) princípio, para manter o domínio sobre o reino das estrelas e dos elementos através da qualidade paradisíaca”. (Menschwerung I 2).

O homem deve elevar não só sua imaginação, mas sua vontade, acima de tudo o que é terrestre, sensual ou meramente intelectual, se deseja ser um poder no reino do Espírito. É desta forma que o ideal torna-se real para ele.

“O corpo de Adão (o corpo etéreo do homem aborígine) foi criado dos quatro elementos da natureza externa, e das estrelas (da essência das estrelas), por meio do Fiat eterno. Desta forma, ele estava em posse da essencialidade terrestre e divina; mas a terrestre estava na divina como que consumida ou impotente (latente). A substância ou a matéria da qual o corpo foi feito ou criado também continha o primeiro princípio em si, mas não estava em movimento”. (Menschwerdung, i 3, 15).

“Como Deus reside em Si mesmo e penetra todas as Suas obras, incompreensíveis a si próprias, e sem Ser afetado por nada, do mesmo modo Sua imagem (homem) originou-se do puro elemento. Ele também foi criado neste mundo; mas o reino deste mundo não era para compreende-lo, mas ele governaria poderosamente neste mundo através das essências do elemento puro”. (Three Principles, XXII 15).

A expressão que Deus criou o homem de um monte de barro, não deve ser compreendida de outra forma senão que Deus, através do desejo, extraiu todas as qualidades terrestres.

“Se Moisés diz que Deus criou o homem de um monte de barro, e que soprou nele o sopro da vida, não se deve compreender com isso que Deus tenha atuado de maneira pessoal – como se fosse um homem tomando um punhado de barro para fazer um corpo; mas o Fiat, ou seja, o desejo do Verbo, estava contido no modelo do homem percebido eternamente, que permaneceu no espelho da sabedoria, e que extraiu os Ens (o princípio) de todas as qualidades da terra (matéria) num corpo, e essa era a quinta-essência feita dos quatro elementos”. (Grace, V. 27).

Mas a essência da alma, estando enraizada naquele todo, não se tornou manifesta no homem antes que Deus a despertasse pelo sopro de Sua palavra.

“Os espíritos originais, no todo, não podiam ser imediatamente inflamados pela alma, pois a alma era apenas uma semente no todo, oculta no coração de Deus em seu céu, até que o criador expandisse o todo pelo Seu sopro. Então os espíritos originais inflamaram a alma, fazendo com que corpo e alma vivessem imediatamente. A alma realmente possuía sua vida antes que o corpo existisse; mas ela encontrava- se no coração de Deus, oculta no todo e no céu, e nada mais era do que uma semente santa, um centro de poder em Deus”. (Aurora, XXVI. 126).

A alma do homem não manifesta a vida divina enquanto o Espírito de Deus movimenta-se apenas na superfície e não na profundidade.

O homem



"Deus criou o homem à Sua própria imagem. Masculino e feminino (em um) Ele o criou".

O Homem em seu aspecto cósmico é um ser bem superior ao "homem" descrito em livros de antropologia, anatomia, etc. Tais ciências externas lidam apenas com o corpo material grosseiro do homem terrestre externo, enquanto que o corpo essencial do homem macrocósmico e microcósmico, está além da observação externa. No estudo do homem como ser cósmico há três sujeitos a serem considerados, embora sejam apenas três facetas de um aspecto único. Esses três sujeitos são: Deus, a Natureza e o Homem; nenhum deles pode ser compreendido em sua essência interna sem a compreensão dos outros dois. A ciência externa, a "filosofia natural" e a teologia tendem a separá-los. Todas se referem ao homem como um ser separado, distinto e independente da natureza, e a natureza como algo independente do homem; de Deus eles nada sabem e consideram o poder divino, causa de toda vida, algo externo à natureza e ao homem, como se estivesse além de seu alcance. Por essa razão, o "homem" da ciência moderna tornou-se um ser não natural, sem nenhum objeto concebível para sua existência; a natureza é para ele um organismo envolvido pela flexão, sujeita a nenhuma outra lei senão àquela que funciona mecanicamente. Os poderes divinos, espirituais, criativos e ocultos no homem e na natureza estão totalmente afastados do campo da percepção "racionalista".

O homem, como um todo, pode ser concebido como um ser planetário, uma auto consciência, esfera luminosa de extensão inimaginável; no

momento, a esfera mental do homem, de fato, não tem limites definidos; ela alcança tão longe quanto seus pensamentos forem capazes de ir. Ele foi criado com o propósito de ser a imagem de Deus. A glória de Deus residia nele, e ele encontrava-se tomado pela luz do amor divino.

No homem tudo está contido: Deus, o Cristo, os anjos, os reinos celeste e terrestre e os poderes do inferno. Fora dele não é nada daquilo que ele concebe; não há como conhecer nada senão aquilo que está em sua mente. Nenhum deus ou demônio, nenhum espírito, seja qual for seu poder, pode atuar com o homem, a menos que penetre a sua constituição. Só aquilo que existe nele, tem existência para ele. Sem a percepção desse fato, os mistérios da religião permanecerão

incompreensíveis. Pode ser interessante e fantástico especular sobre os diferentes deuses e hostes celestiais que formam os Panteões das várias nações, mas tal estudo não constitui conhecimento real. Só quando as percepções espirituais do homem se desenvolverem e ele se ater ao conhecimento divino do ser, então conhecerá o Cristo e todos os poderes celestiais; aquele que agregar esses poderes irá formar o reino de Deus existente dentro de si mesmo.

"O espírito de Deus reside de eternidade em eternidade unicamente no céu, ou seja, em Sua própria essência, no poder da majestade. Quando ele foi soprado na imagem de um homem, surgiu o céu no homem; pois, Deus quis revelar-Se no homem, como numa imagem criada à Sua própria semelhança, e manifestar as grandes maravilhas de Sua sabedoria eterna". (Stiefel, I. 36).

"Simultaneamente à introdução de Sua divina imagem, Adão recebeu também a palavra viva de Deus (inteligência espiritual) para fornecer alimento à sua alma". (Menschwerdung, I 3 24).

"Deus criou Adão para (desfrutar) a vida eterna, no Paraíso, num estado de perfeição paradisíaca. O amor divino iluminava o seu interior, assim como o sol ilumina o mundo" (Stiefel, I. 36).

"No Paraíso existe a vida perfeita, sem distúrbios, e o dia perpétuo; o homem paradisíaco é claro como um vidro transparente, plenamente

penetrado pela luz do sol divino". (Signature, XI.51).

Seu corpo aparece luminoso, porque sua substância terrestre foi absorvida na essência celeste. Ele irradia uma luz pura e divina.

"A corporalidade santa interior do elemento puro penetrou os quatro elementos e manteve consigo o Limo da terra, ou seja, o corpo sulfúrico (terrestre) exterior, como num estado de absorção; este corpo estava realmente presente, mas do mesmo modo que as trevas habitam na luz, não podendo manifestar-se, por causa da luz". (Mysterium, XVI. 6).

"Todas as qualidades do corpo santo e interior, juntamente com as qualidades externas, encontravam-se no homem primordial sintonizadas em uma só harmonia. Nenhuma delas vivia em seu próprio estado de desejo; o desejo de cada uma estava na alma, onde a luz divina manifestava- se. A luz divina irradiava através de todas as qualidades, produzindo nelas uma temperatura equilibrada e harmoniosa". (Mysterium, XVI. 5).

"O homem interior mantinha o homem exterior aprisionado em si mesmo e o penetrava tal qual o ferro incandescente é penetrado pelo fogo, de forma que parece ser ele o próprio fogo. Mas quando o fogo se extingue, então o ferro negro e duro se manifesta". (Mysterium, XVI 7).

"O elemento puro penetra o homem externo e subjuga os quatro elementos; além do mais, o poder do calor e do frio estava na carne. Mas, como a luz de Deus brilhava ali, estavam numa harmonia equilibrada, de forma que nenhuma delas se manifestava diante da outra. Assim, Deus o Pai, é chamado de Deus colérico e ciumento, um fogo consumidor; Ele é realmente tudo isso com relação as suas qualidades; mas destas qualidades nada se torna manifestado na Sua luz". (Stiefel, XI 75).

"O homem primordial ainda fixo no Paraíso, encontrava-se num estado tal como o tempo está diante de Deus e Deus no tempo. Assim como o tempo é um mero espetáculo diante de Deus, a vida externa do homem era um espetáculo diante do homem santo e interior, a verdadeira imagem de Deus". (Mysterium, XVI 8).

No mesmo sentido, o Bhagavad Gita diz que o verdadeiro eu, o Deus,

Atma, ou “Cristo”, não é um participante, mas um mero espectador naquilo que se refere às ilusões externas.

“O corpo interior era um lugar onde a Divindade podia habitar, uma imagem da divina substancialidade. Naquele corpo, a alma tinha a sua brandura, e seu fogo havia se tornado brando, pois ela havia recebido o amor e a brandura de Deus”. (Tilk. I 233).

Devido a essa semelhança com Deus, a vontade e os pensamentos de Adão eram como que uma única coisa. Sua mente era pura, simples, infantil, sem sofisticação e devotada à Deus; ele não precisava de nenhum espetáculo sobre o desconhgcido, pois tinha o poder de perceber o que queria saber. Ele desfrutava da percepção das coisas divinas e terrestres.

“A mente de Adão era inocente como a de uma criança, brincando com as maravilhas de seu Pai. Não havia nele nenhum auto conhecimento da vontade demoníaca, nenhuma avareza, orgulho, inveja, raiva, mas um puro desfrutar do amor”. (Threefold Life, XI 23).

“Quando Adão foi criado no Paraíso, sua alma queimava como uma chama de óleo puro. Portanto, sua percepção era celestial, e sua inteligência superava e compreendia coisas além da natureza”. (Signature, VII. 2).

“O homem interior permanecia no céu; suas essências estavam no Paraíso; seu corpo era indestrutível. Ele conhecia a linguagem de Deus e dos anjos, e a linguagem da natureza, como se pode perceber ao vermos Adão dando nomes a todas as criaturas, cada uma segundo sua própria essência e qualidade”. (Quarenta Questões, IV 7).

“Adão, depois de ter sido criado por Deus, encontrava-se no Paraíso num estado de satisfação, glorificação e beleza, pleno de conhecimento. Deus então, trouxe diante dele, como senhor do mundo, todos os animais, a fim de que os observasse e desse um nome a cada um, segundo a essência e poder específico. Adão sabia que ele estava dentro de cada criatura, e deu a cada um seu nome apropriado. Deus pode ver nos corações de toda as coisas, e o mesmo podia ser feito por Adão.” (Three Principles, X 17).

Neste estado de ser-deus, Adão tinha poder sobre todas as coisas; pois todas as coisas existiam nele e ele em todas as coisas, e nada podia causar-lhe qualquer dano externo. Para expressar em outras palavras, todas as coisas existiam subjetivamente em sua mente, e agora existem em nossas mentes, mas essa mente era seu corpo, onde o centro de sua consciência estava, ali estava sua "forma".

"Sendo Deus um Senhor de todas as coisas, o homem no poder de Deus deveria ser o senhor deste mundo". (Menschwerdung, i 4, 7).

"A alma no poder de Deus penetra todas as coisas, e é poderosa sobre tudo, como o próprio Deus; pois ela vive no poder de Seu coração". (Three Principles, XXII 17).

"Assim como o ouro é incorruptível no fogo, o homem não estava subjugado a nada, somente ao Deus Único que nele habitava e Se manifestava pelo poder de Seu ser santo". (Mysterium, XVI 12).

"Todas as coisas estavam sujeitas a Adão; seu governo estendia-se do céu à terra, a todos os elementos e estrelas, pois o poder divino estava nele manifestado" (Mysterium, XVI 2).

"A vontade-espírito do homem penetrava todas as criaturas, sem ser injuriada por nenhuma delas, pois nenhuma podia alcança-la. Nenhuma criatura pode apreender o poder e a luz do sol em sua vontade própria, mas deve permanecer passiva para ser penetrada por ela; esse era o caso da vontade-espírito do homem". (Grace, VII 2).

"Antes de sua queda, o homem podia governar o sol e as estrelas. Tudo estava em seu poder. O fogo, o ar, a água e a terra não podiam subjuga-lo; nenhum fogo o queimava, nenhuma água o afogava, nenhum ar o sufocava; tudo o que vivia o temia". (Threefold Life, XI 23). "Nenhum calor, frio, doença, acidente ou medo algum podia tocá-lo ou terrificá-lo. Seu corpo podia passar pela terra e pedras sem que nada fosse quebrado; pois um homem que fosse subjugado pela natureza terrestre, ou que pudesse ser quebrado em pedaços, não seria eterno". (Menschwerdung, I 2 13).

Do mesmo modo, aquela natureza que o rodeava, chamada de Éden, era

iluminada pela luz celeste, o que a tornava exaltada à magnificência paradisíaca.

"Adão encontrava-se no Paraíso, ou seja, na temperatura. Ele encontrava-se numa certa localidade, a saber, onde o mundo santo estava florescendo pela terra e gerando os frutos do Paraíso". (Grace, V.34).

"'Éden', quer dizer a localidade, mas 'Paraíso' é o fluxo ou a vida de Deus na harmonia divina". (Cartas, XXXI 28).

"No Paraíso, a substância do mundo divino penetrou a substância pertencente ao tempo, comparável ao poder do sol penetrando uma fruta que cresce na árvore, dotando-a de qualidades que a tornava linda à vista e boa ao paladar". (Mysterium, XVII 5).

"Assim o santo mundo divino era predominante nos três princípios da qualidade humana, e havia um acordo igual, sendo que nenhum inimigo ou vontade oposta estava manifestado entre os princípios". (Mysteium, XVII 20).

Havia no Paraíso todos os produtos que encontramos no mundo terrestre, mas num estado etéreo e de beleza supernatural. Contudo, essa beleza paradisíaca não estava manifestada em todas as partes do mundo.

"No Paraíso há plantações, assim como neste mundo, mas não com a mesma tangibilidade. Lá o Céu está no lugar da terra, a Luz de Deus, no lugar do sol e o Pai Eterno no lugar do poder das estrelas". (Three Principles, IX 20).

"O Paraíso não é algo corpóreo ou tangível num sentido terrestre, mas sua corporeidade e tangibilidade são como a dos anjos. Trata-se de uma substância clara, visível, como se fosse material, e é realmente 'material', mas formada apenas do poder, sem qualquer adição de matéria terrestre, e é, portanto, perfeitamente transparente". (Three Principles, IX 18).

"O mundo tangível ou natureza, antes da cólera de Deus, era tênue, etéreo, amoroso e claro, de modo que os espíritos originais pudessem olhar através de todas as coisas e nelas penetrar. Não havia ali nem terra, nem

pedras, não havia a necessidade da luz criada, tal como é agora; mas a luz foi gerada em todas as coisas no meio de cada coisa, e tudo se encontrava na luz". (Aurora, XVIII 29).

"Todo o mundo seria um só Paraíso se não tivesse sido corrompido por Lúcifer. Mas como Deus sabia que Adão iria cair, produziu em um só lugar, onde o homem pudesse encontrar uma morada apropriada e ali fosse fortificado". (Mysteium, XVII 7).

"Deus viu e sabia que o homem iria cair, por isso o Paraíso não floresceu e gerou frutos em todo o mundo por meio da terra, embora estivesse manifestado em todo lugar, mas apenas no Jardim do Éden, onde Adão foi tentado, é que ele se tornou revelado em sua total magnificência". (Cartas, XXXIX 28).

Por tudo isso, o homem, embora tenha sido dotado de grande esplendor pelo Criador, ainda não havia desfrutado da verdadeira similitude de Deus.

"Em Adão estava manifestado o reino da graça, a vida divina, porque vivia na temperatura (harmonia) das qualidades, mas ele não sabia que Deus estava revelado nele. Do mesmo modo sua vontade-própria não sabia o que era bom, pois até então não havia experimentado mal algum. Como poderia haver qualquer satisfação se nenhuma dor era conhecida?" (Grace, IX 15).

"A alma encontrava-se em sua própria essência na eternidade, mas como algo criado, foi formada para representar a imagem de Deus no momento da criação do corpo. No entanto, ela não é, per se, a verdadeira imagem, mas apenas um fogo essencial para a sua produção". (Tilk. i 8 I).

"A alma do homem, soprada por Deus, é do Pai Eterno; mas ela ainda não apreendeu o nascimento do Filho, onde é o fim da natureza, e de onde nenhum ser criado emana". (Three Principles, IX 13).

O homem só pode conquistar a real similitude de Deus e perfeita beatitude através de uma vontade decisiva de colocar sua vontade no Filho, como Coração ou Luz do Pai.

“Deus possui a eterna e imutável vontade para gerar Seu Coração e seu Filho, e assim a alma deveria colocar sua vontade imutável no coração de Deus. Então ela estaria no céu e no Paraíso, desfrutando da felicidade inexprimível de Deus o Pai, a que Ele desfruta no Filho; a alma ouviria então as palavras inexpressíveis no coração de Deus”. (Three Principles X 14).

“Adão foi concebido no amor de Deus e nasceu neste mundo. Tinha posse de uma substancialidade divina e sua alma era de vontade, o primeiro princípio, a qualidade do Pai. Essa vontade deveria ser dirigida, juntamente com sua imaginação, no coração do Pai, ou seja, no Verbo e no Espírito do amor e da pureza. A alma humana reteria então, a substância de Deus no Verbo da Vida”. (Menschwerdung, i 10 2).

“A alma viva, desde a vontade eterna do Pai, foi soprada no homem, e essa vontade não tem outro propósito senão o de dar à luz ao Seu único Filho. Foi desta vontade que Deus o pai infundiu no homem, e essa é a alma eterna do homem. A alma deve colocar sua vontade regenerada na vontade eterna do Pai, no coração de Deus. Então irá receber o poder de Seu coração e também Sua luz eterna e santa, onde surge o Paraíso, o reino celestial e a alegria eterna”. (Three Principles XXVI 16).

“Se a alma mergulha sua vontade na humildade, ou seja, na obediência de Deus, torna-se uma fonte do coração de Deus, recebe o poder divino e todas as suas essências tornam-se angélicas e deleitosas. Suas essências ásperas também se tornam úteis, aparecendo-lhe mais humildes e úteis do que se tivessem sido inteiramente doce e humilde desde sua origem”. (Three Principles XIII 31).

Estava em seu poder decidir, e ele encontrava-se livre para tanto, pois não havia nele apenas o princípio da luz, mas também o princípio-fogo; não apenas percepção, mas vontade.

“A luz e o poder da luz é um desejo, e quer possuir a nobre imagem feita à semelhança de Deus, porque foi criada para o mundo da luz. O mundo das trevas ou a cólera aguda deseja o mesmo, pois o homem tem todos os mundos em si, e há uma grande batalha ocorrendo dentro dele. Aquele princípio com o qual ele se identifica em seu desejo e vontade, é o que o

governará". (Tilk i 38 I).

"Sendo a alma essencial e sua substância um desejo, fica claro que está em dois tipos de Fiat. O primeiro é sua própria propriedade-alma; o outro pertence ao segundo princípio, emanado da vontade de Deus na alma. A alma deseja Deus, a fim de se tornar Sua imagem e semelhança; esse desejo de Deus atua como um Fiat em seu próprio centro; pois o desejo de Deus quer possuir a alma. Por outro lado, ela própria deseja possuir o centro no poder do fogo, onde a vida da alma se origina". (Eye, VII).

"A vontade da alma é livre, e ela pode mergulhar no nada de si mesma e se conceber como o nada, quando irá despontar como um ramo da árvore da vida divina, e provar do amor de Deus; ou poderá em sua vontade-própria surgir no fogo e desejo de se tornar uma árvore separada". (Forty Questions II. 2).

Existia no homem também o terceiro princípio, onde reside o desejo sensual. Ele não estava dotado deste princípio para se render a ele, mas para que pudesse introduzi-lo na luz de Deus e glorificá-lo através desta luz.

"O Homem era uma individualidade mista, destinada a ser uma imagem de acordo com o mundo interior e também de acordo com o mundo exterior; mas como o símbolo de Deus, deveria governar com a consciência interior sobre a consciência exterior". (Menchwerdung i 3 13).

"Quando o homem permanece em uma ordem harmoniosa, de modo que não deixa um mundo dentro do outro, é então a semelhança de Deus; mas a imagem ou o espelho do mundo da luz deve necessariamente ser introduzida no mundo externo". (Six Theosophical Points, VI 12).

"Não se pode permitir que a constelação (influências astrais) do macrocosmo governe o homem; ele possui em si sua constelação própria (o espírito, a idéia), capaz de sintonizar-se à harmonia do alto e à evolução do mundo divino". (Cartas, i 8).

"Todo o desejo do homem deveria ser colocado na luz; então a luz teria se mostrado em suas essências e desejo, preenchendo todas as coisas como se fosse uma só vontade". (Tilk, i 542).

“A alma de Adão poderia ter governado poderosamente sobre o princípio externo, caso tivesse entrado novamente com sua vontade no coração de Deus, na palavra do Senhor”. (Forty Questions IV 2).

Havia um plano através do qual o esplendor paradisíaco deveria ser continuamente espalhado e acrescentado sobre a natureza terrestre, e todos os tesouros ocultos da natureza deveriam ser revelados, sendo o homem um instrumento desta realização.

“O mundo externo também é de Deus e pertence à Deus; o homem foi criado ali, para que pudesse trazer novamente o externo para o interno; o fim para o princípio”. (Cartas, XI 18).

“Adão também foi criado na qualidade externa, para manifestar em formas e executar em obras aquilo que havia sido percebido na sabedoria eterna”. (Menschwerdung, i 4).

“O Homem foi criado no Paraíso, que brotou sobre a terra, e da terra do paraíso foi criado o corpo de Adão, pois ele era um senhor da terra; ele estava destinado a revelar as maravilhas da terra. Se esse não fosse seu propósito, Deus o teria dotado de um corpo angélico; mas nesse caso o ser substancializado com suas qualidades maravilhosas não seria revelado”. (Menschwerdung, II 12).

Mas enquanto que emAdão todos os três princípios encontravam-se originalmente em unidade e harmonia, algo o atraia exteriormente, de forma poderosa, não só o coração de Deus, mas também o demônio e o reino do mundo terrestre.

“O homem permanecia nos três princípios, que se encontravam em igual concordância dentro dele, mas não fora dele; pois o mundo de trevas tinha um desejo diferente daquele do mundo de luz; da mesma forma, o mundo externo tinha um desejo diferente daquele do mundo de trevas e do mundo de luz. Assim, a imagem de Deus estava entre os três princípios, onde todos em seu desejo eram condutores àquela imagem. Cada um deles queria se manifestar em Adão, para tê-lo em seu próprio regimento ou como governador, e para manifestar suas maravilhas através dele”. (Mysterium, XVII 34).

“Tudo atraía Adão e queria tomar posse dele. O coração de Deus queria tê-lo no Paraíso e nele residir, dizendo: ‘Ele é a minha imagem e semelhança’. O reino da cólera o queria, e dizia: ‘Ele é meu, pois foi emanado de minha fonte, da mente eterna das trevas. Eu estarei nele, e ele viverá em meu poder; Através dele manifestarei grande e forte poder’. Finalmente, o reino do mundo disse: ‘Ele é meu, pois carrega a minha imagem; ele vive em mim e eu nele; ele deve ser obediente a mim, pois tenho todos os meus membros (órgãos) nele e ele tem seus membros em mim, e eu sou maior do que ele. Ele deve ser meu servo e manifestar meu poder e maravilhas’” (Three Principles, XI 33).

Adão, fazendo um uso pervertido da liberdade que lhe foi concedida, permitiu que suas qualidades inferiores fossem despertadas para um desejo demoníaco, ou seja, o desejo pelo mundo terrestre, que está dividido em si mesmo.

“No homem primordial, antes da queda, as qualidades para a diferenciação e auto satisfação estavam em igual poder-vontade, e o desejo de cada uma era introduzido na unidade de Deus. Isso provocou a inveja do demônio e ele enganou as sete qualidades da vida, despertando nelas um desejo pervertido, persuadindo-as de que eram boas, e que se tornariam sábias, se as qualidades de cada uma de acordo com sua espécie, entrasse em harmonia própria, e que nesse caminho o espírito provaria e reconheceria o bem e o mal”. (Tabuloe Principoe, 68).

“A alma de Adão apaixonou-se pela criação da palavra formada em sua diferenciação, sem a conscientização do poder de distinção, ela entrou na concupiscência, na diferenciação”. (Grace, VI 33).

“A alma queria conhecer como seria se a temperatura se separasse, ou seja, se dividisse, como o calor e o frio, a umidade e a secura, a dureza e a moleza, o azedo e o doce, o amargo e o salgado; ela queria provar estas e as outras qualidades separadamente, embora isso tivesse sido proibido a Adão, por Deus”. (Grace, III 34).

Devido a esse desejo pervertido, cresceu nele a árvore da tentação, onde as qualidades terrestres, como tais, tornaram-se manifestadas.

“O espírito de Adão buscava o fruto terrestre, pertencente à natureza da terra corrupta, portanto a natureza formou para ele uma árvore semelhante à terra corrupta; pois Adão era o coração na natureza; desta forma, ele auxiliou na formação dessa árvore, da qual desejava comer”. (Aurora, XVII 20).

“A árvore da tentação cresceu pelo poder da fome de auto conhecimento do bem e do mal. Não se pode dizer que se tratava de alguma outra espécie de produto, diferente do resto das árvores; a diferença é que estava manifestado ali o desejo terrestre de consciência do bem e do mal; enquanto que as outras árvores e plantas encontravam-se penetradas pelo santo e paradisíaco Mercúrio, de modo que as qualidades estavam em igual harmonia; o calor e o frio não estavam manifestados de forma separada”. (Stiefel II. 80).

“Na árvore do autoconhecimento do bem e do mal havia as qualidades em maldição, como acontece agora, ou seja, cada uma delas estava manifestada em si mesma, buscando preponderar. Elas saíram de sua harmonia, e desta forma todos os três princípios estavam manifestados naquela árvore, separadamente. Portanto, Moisés (sabedoria) a denomina árvore do conhecimento do bem e do mal”. (Mysterium, XVII 15)

O surgimento da árvore da tentação não é algo de se admirar, já que Adão era dotado de grandes poderes e de uma forma terrestre como proteção contra os poderes do inferno.

“A Razão (o raciocínio do homem) diz: ‘Por que Deus permitiu que Adão extraísse a árvore da tentação da terra, através de sua imaginação?’ O Cristo diz: ‘Se você tiver fé do tamanho de uma semente de mostarda, e disser à montanha: mova-se para o mar; assim será feito’. A alma-espírito (alma espiritual) foi produzida da onipotência divina, do centro da natureza eterna, onde todos os seres foram criados. Por que então não seria ela poderosa? Ela era uma centelha de fogo emanada do poder de Deus, mas depois de ter sido reunida num ser criado (individualizada como um organismo) deu passagem a seu próprio desejo egoísta, rompendo-se com o todo, causando corrupção em si mesma. O poder da alma, antes da invasão da vaidade, era tão grande que não podia ser subjugado a nada; o mesmo ocorreria agora, hoje mesmo, se a compreensão não tivesse sido retirada”.

(Mysterium, XVII 41).

“A previsão divina reconheceu que o demônio estava preste a separar a humanidade, introduzindo-a no desejo demoníaco; portanto, Deus colocou diante dela a árvore da vida e a do conhecimento do bem e do mal; com isso deu-se início à ruptura (morte) do corpo externo. Ele assim o fez para que o homem buscasse o centro do mundo de trevas” (Mysterium, XVII 38).

Primeiramente Adão pertencia ao mundo celestial e à eternidade; mas agora, a imagem de Deus enfraqueceu-se nele; ele afundou-se no estado terrestre, e conseqüentemente na impotência e no sono.

“Uma pessoa razoável perceberá facilmente que não haveria sono em Adão enquanto ele permanecesse na imagem de Deus, pois naquele tempo ele era uma imagem como nós seremos na ressurreição dos mortos. Não necessitaremos então dos elementos, nem do sol, nem da lua, nem de sono algum; nossos olhos estarão abertos para ver a glória de Deus, sempre e eternamente”. (Three Principles XII 17).

“A imagem de Deus não dorme. Nela não há tempo. Com o sono, o tempo se manifesta no homem. Ele adormeceu no mundo angélico, e despertou relativamente para o mundo externo”. (Mysteerium, XIX 4).

“Após Adão ter sido dominado, a tintura, onde a bela virgem havia habitado previamente, tornou-se terrestre, fraca e frágil. A fonte poderosa da tintura, de onde a Virgem tinha seu poder, sem ser subjugada ao sono, deixou Adão e foi para seu próprio princípio”. (Three Principles, III 8).

“Assim Adão tornou-se vítima da magia, e sua magnificência se foi. Sono significa morte e entrega. O reino terrestre o conquistou e o dominou”. (Menschwerdung, I 5).

“Depois que o brilho do espírito deste mundo conquistou Adão, ele caiu no sono. Então seu corpo celeste tornou-se carne e sangue, e seu forte poder tornou-se rígidos ossos. A Virgem Celeste partiu para o éter celeste, para o princípio do poder”. (Three Principles, XIII 2).

Essa impotência deveria ser um meio de salvação para Adão; além do

mais, foi lhe dado a mulher terrestre, no lugar da Virgem Celeste, que dele se afastou. Isso foi feito para evitar que ele atingisse uma profundeza de degradação ainda maior.

"Quando Adão deixou Deus e penetrou o egoísmo, Deus permitiu que um grande sono caísse sobre Adão. Se não fosse por estas circunstâncias, ele poderia, em todo seu egoísmo, ter até mesmo se tornado um demônio, pelo poder do fogo". (Stiefel ii 363).

"Quando o demônio viu que a luxúria residia em Adão, ele agiu ainda mais poderosamente sobre o Salitre em Adão, e o infectou mais fortemente. Era tempo de Deus construir-lhe uma esposa, quem mais tarde faria com que o pecado fosse cometido, aquela que comeu do fruto do pecado. Ao contrário, se Adão houvesse comido da árvore antes da mulher ter sido feita dele, teria sido bem pior". (Aurora, XVII 21)

Portanto a mulher (espiritualidade) é, e sempre será a salvadora do homem.

A mulher foi extraída de todos os poderes de Adão. Relativamente à sua substância, ela foi formada de uma "costela" que naquele tempo, ainda não havia se degenerado a um osso.

"Eva foi extraída de Adão, não como um mero espírito, mas inteiramente substancial. Poderia se dizer que Adão recebeu uma fenda, e que a mulher está carregando o espírito, a carne e o osso de Adão". (Three Principles, XIII 14).

"A razão diz: 'Se Eva foi feita da costela de Adão, ela deve ser bem inferior ao homem'. Isso não é verdadeiro; o Fiat em seu aspecto de atração aguda (a primeira qualidade), tomou-a de todas as essências e qualidades de cada poder de Adão". (Three Principles XIII 18).

"O corpo de Adão ainda não havia recebido ossos e substâncias provenientes dos ossos. Isso só ocorreu quando Eva provou da maçã, oferecendo-a a Adão para que dela provasse. É verdade que a infecção e a morte terrestre já se encontravam nele como uma tendência e uma doença mortal, mas os 'ossos' e as 'costelas' ainda eram poder e força, e assim Eva

foi criada desse poder ou força que (mais tarde) se tornaria costela". (Three Principles XIII 13).

Eva não foi mal formada. Ela vivia com Adão no Paraíso; mas a pura semelhança de Deus não estava ali com nenhum dos dois.

"Não havia má formação em Eva, sua forma era amorosa; no entanto, ela também carregava os sinais (da corrupção), e não podia ser mais nada além de esposa de Adão. Ambos ainda estavam no Paraíso, e se não tivessem provado do fruto, mas tivessem se voltado para Deus, mudando a imaginação, eles teriam permanecido no paraíso". (Three Principles XIII 36).

"Adão e Eva ainda tinham uma consciência paradisíaca, mas ela encontrava-se misturada com o desejo terrestre. Eles estavam nus, e tinham órgãos animais para procriação; mas eles não sabiam disso, nem tampouco se envergonhavam, pois o espírito do grande mundo ainda não tinha obtido o governo sobre eles antes de terem provado do fruto terrestre". (Menschwerdung I 6 15).

"Ninguém pode afirmar que Eva, antes de ter contato com Adão, tinha sido uma virgem pura e casta, porque, tão logo Adão acordou de seu sono, ele a viu ao seu lado. Ele prontamente imaginou nela (apaixonou-se por ela). Ele a tomou para si e disse: 'Esta é carne de minha carne e osso de meu osso. Ela se chamará mulher, pois foi extraída do homem. Do mesmo modo, Eva começou a colocar sua imaginação em Adão, e cada um acendeu o desejo do outro. Onde está então a pura castidade e virgindade? Isso não é animal? A imagem externa não se tornou animal?" (Forty Questions, XXXVI 6).

Deus ordenou a humanidade que não provasse dos frutos da árvore da tentação; mas o demônio pensou em induzi-los a desobedecer ao mandamento; eles foram, mais que nada, induzidos a fazê-lo pelo espírito do mundo e pelo seu próprio desejo pervertido.

"O santo Verbo de Deus, após a Trindade da Divindade insondável, concedeu à inteligência ígnea da alma o mandamento: 'Não comerás da árvore do conhecimento do bem e do mal; se assim o fizerem irão morrer na

imagem de Deus, no mesmo dia'. Quer dizer, 'a alma ígnea irá perder sua luz; a mortalidade, qualidade do mundo de trevas, do centro dos três primeiros princípios, irá se aproximar e se manifestar na árvore, engolindo o Reino de Deus'" (Grace, VI 17).

"Quando Adão e Eva encontravam-se no Paraíso como homem e mulher, ainda em posse de uma essência celeste, ainda que misturada (com materialidade), o demônio não podia suportar, pois sua inveja era grande. Então, depois que Adão foi trazido à queda e privado de sua forma Angélica e viu que Eva era sua esposa, o demônio pensou que eles pudessem gerar filhos no Paraíso e lá permanecerem. Ele se convenceu de seduzi-los a comer do fruto proibido, a fim de que com isso se tornassem terrestres". (Menschwerdung, i 7).

"Adão foi incitado pelo poder da árvore, que também estava com ele, de modo que uma luxúria infectou a outra. Ele também foi incitado pelo espírito do grande mundo, sua força foi subjugada".(Three Principles, XI 40).

Com o propósito de seduzir a humanidade, o demônio colocou-se especialmente à serviço da serpente, símbolo vivo da árvore da tentação; ele fez com que o homem imaginasse que comendo do fruto proibido, se tornariam semelhantes à Deus.

"O demônio introduziu sua imaginação venenosa na qualidade humana. Daí resultou no homem o ardente desejo de provar do bem e do mal e de viver na vontade-própria; quer dizer, sua vontade deixou a harmonia da unidade e foi para a multiplicidade das qualidades. O demônio, através da serpente, representou à ele que seria como Deus, e que seus olhos se abririam; isso realmente ocorreu na queda, de modo que agora ele reconhece, prova, vê e sente o bem e o mal" (Mysterium XVII 37).

"O demônio misturou mentiras e verdades, e disse aos primeiros seres humanos que seriam como Deus. Ele deixou isso claro, segundo o primeiro princípio da cólera; mas sobre o paraíso ele nada falou". (Three Principles XVII 96).

"A substância da serpente, seu aspecto celestial, era um grande poder,

assim como havia um grande poder no demônio, pois ele era um príncipe de Deus. Desta forma, ele introduziu sua esperteza e mentiras num forte estado de vontade, a fim de que a humanidade se iludisse e o visse como se fosse seu próprio Deus". (Mysterium XX 16).

"A imaginação do demônio envenenou a substância da serpente, a fim de que essa, em conseqüência da divisão de seus poderes, estava em unidade paradisíaca, adquirisse a formação de uma serpente. A serpente passou a ser usada como seu instrumento". (Cartas, XXXIX 21).

"A serpente era um símbolo vivo da árvore da tentação. A árvore da tentação encontrava-se num poder mudo e a serpente num poder vivo e a serpente uniu-se à árvore, sendo de sua própria natureza". (Mysterium, XX 20).

Depois que Adão introduziu seu desejo pervertido em Eva. Ela foi a primeira a ser seduzida a se afastar de Deus.

"A luxúria originou-se em Adão, mas esse desejo pervertido encontrou existência na mulher". (Stiefel, II 375).

"Eva buscava o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, mas havia a proibição diante dela, e ela temia à Deus, e não queria atuar contra a proibição. Então o demônio penetrou a substância e a esperteza da serpente, transformando esse poder e artimanha, de modo que Eva pudesse ver e saber que a serpente era bastante astuta e ágil. Ela se apegou à árvore proibida, e esta não a danificou; mas ela olhou para a serpente e se apaixonou por sua esperteza e astúcia, também pela sua agilidade a artimanha, e ela quis provar da árvore. A serpente aconselhou que ela assim procedesse através do som e da voz do demônio, fingindo que sua astúcia e esperteza originavam-se da árvore". (Mysterium XX 22).

"O demônio disse-lhe que o fruto não iria prejudicá-la, mas que os olhos de sua compreensão se abririam, e ela seria como Deus. Ela pensou que seria bom ser uma deusa e consentiu. Ao consentir, caiu da harmonia, da paz e da fé divina, penetrando com seu desejo na serpente e na astúcia, o desejo e a vaidade do demônio". (Mysterium, XX 25).

Enquanto o demônio desejava diretamente o fogo-vida, o homem primeiramente, ó desejava as coisas terrestres, mas com isso o brilho do orgulho começou a surgir.

"O demônio penetrou o fundamento ígneo com a sua imaginação, mas Adão penetrou a qualidade aquosa". (Signature, VII 4).

"Ao contrário de Lúcifer, Adão não desejou realmente despertar o primeiro princípio; seu desejo era mais o de provar do bem e do mal, ou seja, a vaidade da terra". (Mysterium, XVIII 31).

Na parte externa da alma originou-se o brilho terrestre das qualidades múltiplas; mas na sua parte ígnea interior originou-se o brilho pelo orgulho, o desejo de conhecer o bem e o mal, e de ser igual a Deus". (Mysterium, XVIII 300).

Assim, o primeiro ato do grande drama terminou, e um deus se tornou homem. No segundo ato Ele surge novamente em direção ao Seu estado divino primordial, não mais inocente e ignorante demoníaco, mas escolarizado pela experiência, conhecedor e sábio, um conquistador da "matéria", um verdadeiro Senhor de tudo.

Os anjos



É inútil tentar penetrar as especulações históricas a fim de descobrir se as doutrinas de Jacob Boehme, com relação ao que transcende o poder da razão do homem são verdadeiras ou não. A lógica nunca preencherá o lugar da percepção; esta só nos ensina o que algo não pode ser, mas não nos permite ver o que é. A única forma de nos convencermos da existência de um estado divino e de poderes divinos é, pelo auxílio divino, buscar os poderes que Jacob Boehme descreve dentro de cada um de nós. Se formos bem sucedidos, então conheceremos a Santíssima Trindade e os arcanjos; enquanto isso, uma reflexão sobre as doutrinas de Boehme pode servir para destruir as concepções errôneas que nos impedem de ver a verdade como ela existe em nosso interior.

Deus (a vontade primordial divina) ao tornar-se objetivo a Si mesmo, constituindo- Se assim um ser criado, assumiu um aspecto ternário que deu origem a três diferentes poderes divinos auto conscientes chamados "arcanjos", representando as três faces da Santíssima Trindade. Os anjos ou poderes são chamados Michael, Lúcifer e Uriel.

"Deus, constituindo a Si mesmo um ser criado, assumiu o aspecto de um ser com relação à sua trindade; e como essa trindade é o mais elevado e grandioso em Deus, Ele também criou três princípios de anjos (reflexos divinos de Sua própria imagem), superiores a todos os outros". (Aurora, XII 88).

"Michael representa Deus o Pai. Ele não era Deus, o Pai propriamente

dito; mas há entre os seres criados (os anjos) um que representa Deus, o Pai. O círculo ou espaço onde ele e seus anjos são criados é o seu reino; ele é um filho amado de Deus, uma alegria para seu Pai. Não o compare com o coração ou a luz de Deus, que está na totalidade do Pai, e o qual não tem começo nem fim, assim como o Pai. Esse príncipe é um ser criado, e como tal tem um princípio; mas ele está em Deus o Pai, e se curva a Ele no amor. Portanto, ele usa sobre sua cabeça a coroa da honra, poder e força, e a não ser o próprio Deus em Sua trindade, não se pode encontrar nada no céu que seja maior, ou mais bonito ou poderoso que ele". (Aurora, XII 86).

"Assim como Michael fora criado segundo o tipo e a beleza de Deus o Pai, Lúcifer fora criado segundo o tipo e a beleza de Deus o Filho, unido à Ele em amor; seu coração repousava no centro da luz, como se fosse o próprio Deus". (Aurora, XII 101).

"O terceiro rei, Uriel, é formado segundo o tipo e o caráter do Espírito Santo. Ele é um magnífico e belo príncipe de Deus, também unido em amor com os outros príncipes, como num só coração". (Aurora, XII III).

Do três resulta o sete, segundo uma lei que se manifesta eternamente em todos os planos da existência. Há sete qualidades ou propriedades reveladas na vida de Deus; há sete qualidades naturais, assim como sete anjos elevados além dos três principais, dos quais se seguem inumeráveis subdivisões de anjos e espíritos, ocupando diferentes posições na escada da progressão eterna.

Esses "anjos", "tronos" e "domínios" também são encontrados na mitologia Hindu, sob nomes diferentes. É preciso ter em mente que "mitos" não são "fábulas". Os mitos são representações de atualidades revestidas de uma forma fabulosa. Seu âmago é verdadeiro, mesmo que a casca que a reveste seja uma ilusão.

"Há sete qualidades principais no Poder divino, de onde o centro de Deus nasce; da mesma forma há alguns poderosos príncipes angélicos criados, cada um, de acordo com sua qualidade principal, sendo um regente no exército ao qual pertence. Cada um deles está ao lado de seu rei ou arcanjo, o comandante de outros anjos subordinados". (Aurora, XII 7).

“Deus também chamou à existência outros príncipes dos anjos, correspondendo a sete espíritos, tais como Gabriel, Rafael, etc.” (Aurora, XII 88).

“É preciso considerar especialmente sete divisões elevadas principais em três hierarquias, de acordo com a fonte das sete qualidades da natureza, cada uma destas formas culminando em um trono”.(Grace, X 24).

Embora esses poderes auto conscientes ou anjos sejam diferenciados, cada classe e cada indivíduo possuem características próprias específicas, no entanto, todas se originam de uma raiz comum, e enquanto permanecem fiéis ao seu Criador, estarão unidas pelo mais poderoso amor e harmonia, misturando-se uma com as outras como os timbres que constituem um grande acorde na criação.

“Os anjos possuem entre si uma única vontade-amor. Nenhum deles inveja o outro por causa de sua beleza, se reconhecem ente si como os espíritos de Deus. Eles amam uns aos outros, e nenhum deles sequer imagina superar o outro em beleza; cada um se regozija na beleza e na graça do resto”. (Aurora, XII 17).

“Quando os espíritos de Deus surgem em sua glória divina, não podem estar amarrados de forma a evitar que se misturem uns com os outros, e os anjos não se limitam pela localidade em que residem. Os espíritos de Deus surgem perpetuamente uns dentro dos outros, e em sua geração eterna, desfrutam de uma contínua troca de amor. Assim, os santos anjos movimentam-se uns nos outros e vão juntos em todos os três reinos, de onde cada um recebe de outro, beleza de forma, graça e virtude, felicidade suprema; mas cada um mantém a posição que lhe pertence (seu centro de gravidade) que em seu aspecto, como um ser criado, lhe fora transmitido como sua própria propriedade especial”. (Aurora, XII 57).

Todos os anjos foram criados a partir do fogo e da luz; cada um deles é, portanto, um ser completo, tendo em si todas as sete qualidades em vários estágios de desenvolvimento. Na evolução do sétimo, a parte corporal é formada, porque a terceira qualidade reaparece na forma da sétima. Esse reaparecimento da terceira na sétima qualidade constitui a “ressurreição da carne”. Não num corpo morto e putrefato, mas na alma viva é que ocorre a

ressurreição.

"Quando Deus criou os anjos, o príncipe do fogo e da luz se manifestou. Seu espírito ou vida- angústia (consciência) tem sua origem no fogo. Ele foi então passado pela luz, tornando-se ali a angústia do amor, através da qual a cólera foi extinta". (Menschwerdung, i 3-10).

"Todos os anjos foram criados no primeiro princípio, formados e corporificados pelo Espírito em movimento e iluminados pela luz de Deus". (Three Principles, IV 67).

"Desde toda eternidade a luz de Deus era clara, doce e graciosa; mas quando Deus movimentou-se para criar, a matrix (o fundamento), com suas qualidades, amarga, ácida, obscura e ígnea, tornou-se manifesta; os anjos foram criados desta matrix para a luz, tornamdo-se corpóreos pelo Espírito em movimento". (Aurora, V 24).

"Cada anjo possui em si o poder dos sete espíritos primitivos". (Aurora, XII 8). "O corpo dos anjos, ou seja, sua apreensibilidade, origina-se dos sete espíritos, e os espíritos geradores de poder naquele corpo são os sete espíritos". (Aurora, XVI 15).

O corpo dos anjos é o espírito da natureza incorporado, o que inclui os sete outros espíritos. Eles geram a si mesmos naquele corpo; o mesmo ocorre na Divindade". (Aurora, III 30).

Se o mundo terrestre que conhecemos é corpóreo para nós, tendo sido lançado na objetividade pelo poder da Vontade divina, atuando sobre as imagens existentes no seio da sabedoria eterna, não há razão para que a mesma Vontade não chamasse à existência, da mesma maneira, um mundo celeste, suprasensual e supraterrestre, cujo objetos serão tão reais e corpóreos para seus habitantes como os objetos de nosso mundo são corpóreos para nós.

"Há uma vida superior à vida neste mundo, na eternidade. O espírito deste mundo (a mente terrestre) não pode conceber a sua natureza. Ela contém em si todas as qualidades desta vida terrestre, mas não em essências inflamadas como no último. Verdadeiramente, ela também contém um fogo,

e muito poderoso, mas que queima de forma diferente; ele é doce, humilde e sem dor; ele não consome, mas causa majestade e esplendor vivo, seu espírito é puro amor e alegria". (Threefold Life, VIII. I).

"No céu, no mundo espiritual, existem as mesmas qualidades do mundo terrestre; mas elas não se encontram manifestadas de forma tão furiosa (grosseira), mas num estado superior, assim como as trevas estão absorvidas pela luz". (Mysterium, X..7).

Da mesma forma que os olhos do cego são incapazes de enxergar as coisas do mundo exterior, aqueles cujas percepções espirituais ainda não foram abertas, são incapazes de perceberem o que existe no mundo interior.

Existem produtos objetivos no mundo celestial, que aparecem ali como "natural", como os nossos aparecem no plano terrestre; mas como o mundo celeste é muito mais refinado, glorioso e belo do que o mundo terrestre, esses produtos também são superiores a qualquer outro que possa ser encontrado sobre a terra.

Os poderes celestes, através de suas interações, geram arbustos e árvores, onde cresce o belo e amoroso fruto da vida. Da mesma forma, através desses poderes, surgem ali várias flores de cor e beleza celestiais e de odor maravilhoso; isso ocorre de forma similar no pervertido vale de trevas terrestre, onde várias espécies nascem de árvores, arbustos, flores e frutos; assim como a terra produz maravilhosas pedras, prata e ouro. Todas essas formas externas são símbolos da geração celeste. A Natureza trabalha diligentemente com a terra inerte e degenerada, a fim de produzir formas e espécies celestes; mas ela produz unicamente frutos de morte, de trevas, amargos, frios e demoníacos.

No céu não há tal morte, árvores de madeira dura, como na esfera terrestre, mas crescimento espiritual. No entanto, não falamos simbolicamente, mas de plantas reais e verdadeiras e isso deve ser tomado no sentido literal". (Aurora, IV.10).

Os objetos existentes no mundo ideal, perfeito e real, estão muito acima daqueles existentes no mundo externo, assim como concepções ideais de um grande gênio, estão acima do que ele possa executar com suas mãos.

O reino, primeiramente governado por Lúcifer, envolveu nossa terra e toda a profundidade do céu estrelado. Os reinos de Miguel e Uriel são iguais ao primeiro em amplitude e existem além do céu estrelado.

O que Boehme afirma sobre a amplitude dos reinos de Miguel e Uriel, não deve ser tomado no sentido terrestre e externo. O reino de Lúcifer, antes de sua rebelião, era imaterial tal como os outros; foi só depois da rebelião que descendeu para a materialidade e para as relações terrestres para com o espaço". (Hamberger).

"Toda a localidade do mundo, as profundezas da terra e acima da terra, até o céu e o próprio céu criado, que vemos com os nossos olhos, mas que, no entanto, não podemos compreender com nossos sentidos, todo esse espaço é um reino, onde Lúcifer era o governador antes de sua queda; mas os outros dois reinos, o de Miguel e Uriel, existem além do céu criado (espaço) e são iguais ao primeiro reino". (Aurora, VII.7).

"Os anjos são instrumentos de Deus, no governo do mundo, e não só glorificam a natureza celeste que governam, mas também dominam o mundo terrestre e suas regiões individuais".

Eles governam o mundo segundo o princípio da sabedoria divina, manifestada neles e através deles, e não como o homem, segundo seus conceitos, esperteza e política. Eles executem a vontade de Deus, e não a vontade própria.

"Deus, o eterno Um, rege todas as coisas através da atividade dos anjos. O poder e a ação são de Deus; os anjos, Seus instrumentos". (Theosophical Questions, VI.7).

Eles estão repletos da vontade divina, e, portanto seus pensamentos tornam-se efetivos por causa desta vontade, e não desaparecem como as fantasias superficiais dos homens, alimentadas por sua vontade própria imaginária.

"Quando a melodia celeste dos anjos começa a ser ouvida, estará surgindo com o divino salitre, vários mundos de crescimento, figuras e cores magníficas". (Aurora), XII.24).

“Cada país possui seu espírito guardião principal com suas legiões. Do mesmo modo, há anjos governando os quatro elementos – fogo, água, ar e terra”. (Mysterium, VIII. 9).

Se o homem conhecesse as maravilhas do mundo espiritual que o cerca, e no qual enxergará quando acordar do sono da vida eterna, tornando-se auto consciente no espírito, seu interesse por assuntos dessa existência mundana diminuiria consideravelmente. Tal conhecimento, no entanto, só cabe àqueles capazes de penetrar o estado interior, e não tem nada haver com os sonhos visionários que revela os produtos de sua própria fantasia.

Saint Martin diz: “Lá” (no mundo superior) “não é como no obscuro lugar no qual habitamos, onde os sons só podem ser comparados com sons, cores com cores, e uma substância somente com aquilo que está diretamente ligado à ela. Lá todas as coisas estão mais relacionadas entre si. Lá a luz é sonora; a melodia produz luz; as cores tem movimento, pois estão vivas, e os objetos são ao mesmo tempo sonoros, transparentes, móveis e podem penetrar uns nos outros”.

A crença no anjo guardião não é uma fábula. O homem está cercado pelo bem e pelo mal, pela auto consciência e por poderes invisíveis que podem influenciá-lo para o bem ou para o mal. Sua alma é o campo de batalha onde ocorre o combate entre anjos e demônios, e o homem é livre para tomar partido tanto de um como de outro, como está maravilhosamente escrito no Bhagavad Gita. As más influências são facilmente atraídas se permanecermos meramente passivos ao seu poder; mas o espírito de santidade não pode nos penetrar, a menos que o que não for sagrado for expulso. Nessa batalha contra o mal, os anjos estão sempre prontos para auxiliar os homens de forma invisível, contra as tentações dos “demônios”, desde que ele deseje receber tal auxílio.

A natureza externa deste mundo não compreende a natureza do céu. Elas são comparadas entre si, assim como são comparadas a vida e a morte. Não podemos ver os anjos segundo a natureza externa, nem eles podem estar conosco eternamente; ao contrário, eles residem em nós internamente. Sempre que lutamos contra o mal, eles afastam seus ataques, tomando sob sua proteção a alma que aspira o que é sagrado”. (Aurora, XIX. 30).

“Cada princípio é atraído pelo conhecimento e sentimentos semelhantes em seu próprio ser. Os princípios existentes na periferia atuam sobre seus princípios correspondentes no centro. Amor atua sobre amor, ódio sobre ódio; o bem é atraído pelo bem e o mal pelo mal. Se não há desejo mal ativo no homem, as influências malignas não podem criar raízes em seu coração. O demônio é a mais pobre de todas as criaturas. Ele não pode mudar uma folha de árvore sem que a cólera esteja presente”. (Theosophical Points V. 15).

O homem sem princípio algum, não saberia nada; sempre há um certo princípio nele que reconhece seu princípio correspondente na natureza. Um homem sem amor não pode saber o que é amar. Ninguém pode reconhecer o Cristo, ou por Ele ser reconhecido, a menos que tenha o Cristo em sua própria alma.

A vontade própria, ou seja, a vontade de Deus pervertida num ser criado, é a vida- fogo desse ser e a causa de sua angústia. Todos os anjos foram criados originalmente da luz, mas para continuarem ali tinham que entregar a Deus sua vida-fogo, e não levantar sua vontade própria contra o Senhor.

“Cada anjo que deseja viver na luz e poder de Deus deve abandonar o egoísmo da dominação do fogo no desejo; deve render a si e tudo o que lhe pertence à vontade de Deus; deve morrer com relação à sua vontade própria e desdobrar-se na luz do amor, como um fruto do amor divino, a fim de que a vontade-espírito (a vontade espiritual) de Deus comande sua vida”. (Stief. 11. 49).

“O demônio era um anjo; seu dever era colocar sua imaginação (fé) na luz de Deus. Nesse caso teria recebido a substancialidade divina em sua imaginação e sua luz permaneceria luminosa. A fonte fogo teria permanecido naquela essência e qualidade; ele teria permanecido um anjo”. (Tilk I. 187).

Assim, aqueles que buscam o conhecimento intelectual, desprezando a base do verdadeiro conhecimento de Deus, serão as vítimas de seus próprios conceitos, transformando-se em demônios.

No reconhecimento do bem e do mal repousa a liberdade de escolha.

Esse conhecimento é apreendido através da quarta forma. Se essa qualidade despertar no ser, esse ser terá condições de ir em frente, em direção ao bem ou ao mal absoluto até que a órbita seja alcançada, onde a ação de um ou de outro pare de agir. Enquanto esse limite não é alcançado, um ser pode até penetrar a divina vontade-amor, ou voltar- se para a direção oposta, afundando-se nas mais baixas qualidades da natureza.

"No raio de luz, a quarta forma da natureza, está a origem da vida, ela contém a perfeição na constância do fogo. Aqui, no objeto da divisão, nasce o espírito, que pode voltar e penetrar com sua imaginação em sua mãe, o mundo de trevas, ou ir em frente, e através da morte afundar-se na angústia do fogo, e explodir na vida. O espírito é livre, e, portanto cada um desses dois caminhos estão dentro de sua escolha". (Theosophical Pointd, VII. 2).

Cada ser é livre e responsável somente de acordo com o grau de seu conhecimento; não se trata do conhecimento intelectual, mas aquele que é o resultado das experiências de seu espírito – sua "consciência".

"No princípio do fogo está o ponto de virada. Ali a vontade pode mover-se na direção que escolher. Se desejar o 'Nada', ou seja, liberdade, deve se sacrificar ao fogo, e afundar na morte daquele princípio. Então o Pai, a vontade Eterna para a natureza, irá colocá-la na vontade do Filho; onde pela causa que aquele ser se entregou, irá receber tudo; mas não para sua própria honra, mas para a glorificação e poder de Deus. Quando isso é realizado, Deus em tal homem é a sua vontade e a sua realização, e seu fogo torna-se uma luz e um espelho cristalino; mas se ele não desejar que assim seja, mas desejar ser ele mesmo um mestre, e possuir a multiplicidade para seu próprio ser, então irá penetrar a severa adstringência, o mundo de trevas, e não poderá conduzir-se em seus princípios acima do fogo, ou melhor, só alcançará o raio de luz. Ele permanece nas trevas, porque só a liberdade fora da natureza pode oferecer a luz e a claridade". (Theosophical Points, VII. 6).

A quarta forma é o objeto de divisão após a morte do corpo, e o centro da conscientização estará tanto com a parte elevada ou inferior, de acordo com a preponderância do bem ou do mal. A consciência elevada penetra a luz; a consciência inferior continua a existir em seu próprio fogo- inferno e sofrimento auto criado. Deus "redime" o homem redimindo a Si mesmo dos

elementos animais do homem, aos quais ele está amarrado durante a vida terrestre da personalidade.

Lúcifer poderia ter mantido seu estado de vida celestial; foi por vontade própria que se rendeu à cólera da natureza.

"A vida da criatura eterna era em seu princípio inteiramente livre, porque estava em temperatura harmoniosa e apropriada. Os anjos foram criados pelo céu, e mesmo se o mundo de trevas, com o reino da fantasia estivessem contidos ali, era numa condição latente, e não manifesta. Pela ação da vontade livre nos anjos caídos o mundo das trevas tornou-se objetivo neles; porque estavam inclinados para a fantasia (especulação), e conseqüentemente essa tomou posse deles, surgindo em essência". (Grace, IV. 45).

Não se deve pensar que o Rei Lúcifer não poderia ter permanecido o que era. Ele tinha diante de si a luz da majestade, da mesma forma que os outros anjos tronos. Se ele tivesse contemplado ali, teria permanecido um anjo; mas como agiu segundo sua vontade própria e egoísta, é agora um inimigo do amor de Deus, e de todos os santos anjos". (Menschwerdung, I 217).

Ele conhecia a vontade de Deus, e mesmo assim agiu em oposição à ela; ele não só se tornou um idiota, mas também um demônio.

O reino da ilusão existe desde a eternidade, e foi a causa da queda dos anjos; ele apresentou as condições sem as quais uma queda do estado angélico não teria ocorrido; mas Lúcifer penetrou esse reino por livre e espontânea vontade, sem coerção". (Grace, VI. 2).

"Lúcifer tinha consigo o fogo e a luz. Ele era livre. Por que então imagina (projeta sua consciência) no fogo? A luz e o poder de Deus não o atraiu ao fogo, mas a cólera da natureza sim. Por que seu espírito consente? (Menschwerdung, I. 5).

O brilho ígneo, que era forte em Lúcifer, o incitou. Do mesmo modo que as trevas (matéria) quis se tornar criada (objetiva) nele". (Mysterium Magnum, IX . 9).

A própria beleza divina, e o auto poder e autoridade com a qual Lúcifer era investido, o incitou na tentativa de elevar-se acima de Deus, ao invés de entregar-se à Ele em humildade; foi assim que ele simulou a atividade de seus espíritos de origem (princípios latentes) de forma não natural. Os princípios ou qualidades começaram a ser qualificados e gerados (desdobrados), o raio de luz da vida surgiu em seu coração, e o espírito foi do coração de volta para todas as veias de seu corpo (que estava se organizando), inflamando todos os sete espíritos. Assim, ele permaneceu um rei divino, em transparência transcendente". (Aurora, XIV . 4).

Sua condição pode ser comparada àquela de um homem que usa os poderes que lhe foram concedidos, a fim de capacitá-lo a surgir no reino de Deus para alimentar suas próprias paixões.

"Quando Lúcifer viu que era tão bonito, e quando percebeu seu nascimento elevado, e grande poder, o espírito que ele havia gerado em si (ou seja, sua própria vontade livre) manifestou-se e desejou triunfar sobre o divino nascimento, e exaltar- se acima do coração de Deus". (Aurora, XIV. 13, 32).

"Quando Lúcifer encontrava-se em tal forma majestosa, em tão alta glória, ele deveria ter se movimentado em Deus, assim como Deus se movimentava nele; mas isso ele não fez, pois depois que seus espíritos de origem foram tomados por tão gloriosa luz, foram preenchidos por tanta satisfação, que se revoltaram contra o direito natural (a lei), e desejaram uma qualificação ainda maior, mais magnificente e suprema do que o próprio Deus. Ocorreu então, que a qualidade adstringente contraiu sua essência a um tal estado de solidez que a água doce que ali existia se secou. Simultaneamente, o raio de luz ficou tão claro, que se tornou intolerável aos espíritos emergentes; isso porque o raio de luz foi até a qualidade adstringente de forma tão terrível, como se quisesse explodi-los repentinamente com grande satisfação". (Aurora, XIII. I. 16).

Não se deve pensar que Deus criou uma dor especial a fim de punir a Lúcifer por sua presunção pecaminosa; O próprio Lúcifer inaugurou um inferno para si ao voltar- se contra Deus e excitar as qualidades naturais inferiores.

“Deus não criou um inferno ou um estado especial de sofrimento para atormentar as criaturas que dele desertaram; mas tão logo os demônios deixaram a luz e tentaram governar através do poder do fogo sobre a beatitude no coração de Deus, no mesmo momento foram para fora de Deus, penetrando as quatro qualidades inferiores da natureza eterna. Com isso, foram mantidos aprisionados no abismo do inferno”. (Threefold Life, II.53).

O demônio não se afeta com nenhuma dor que venha de fora, mas (a causa de todo sofrimento) está dentro dele. Esse é o inferno tal como foi criado, e a luz de Deus é sua eterna desonra, porque ele é o inimigo de Deus, e não está mais na luz de Deus”. (Three Principles, IV. 36).

O fundamento do inferno existia desde a eternidade; contudo, não estava manifestado, mas oculto até se tornar desperto”. (Theosophical Questions, XV.I).

“Os quatro princípios inferiores sem a luz eterna são o abismo, a cólera de Deus, e inferno. A luz desses princípios é o terrível raio de luz, onde devem despertar a si próprios”. (Threefold Life, II. 50).

“O áspero e severo desejo movimentou-se em Lúcifer, despertando a dor e o desejo de angústia. Assim a bela estrela encobriu sua própria luz e pereceu, e sua legião atuou da mesma forma”. (Mysterium, IX.10).

A legião de Lúcifer não poderia ter atuado de outra forma, pois era a sua vontade atuando neles. Eles eram partes de Lúcifer. Todas as formas da natureza estão guerreando furiosamente umas contra as outras em Lúcifer, num estado de implacável animosidade. Elas geram nele um monstro negro e orgulhoso, ao invés de um filho de Deus, unido com Ele no amor.

“Se os espíritos que surgiam (em Lúcifer) tivessem interagido pacificamente e segundo a vontade de Deus, teriam gerado um filho, o qual seria como o Filho de Deus e seu amado irmão; mas quando surgiram num estado de absoluta ignição, geraram um filho triunfante, auto planejado, que, de acordo com a primeira qualidade, era duro, áspero, frio e escuro; e de acordo com o segundo princípio, de uma aparência ígnea, ardente e amarga. O som nele era um duro som-fogo, e no lugar do amor havia um

inimigo orgulhoso. Assim, na sétima forma da natureza apareceu um monstro orgulhoso que fantasiou estar acima de Deus, como não havia outro igual. O amor esfriou; o coração de Deus não podia mais tocar esse ser pervertido. Sempre que aquele coração, cheio de benevolência e graça, movimentava-se para encontrá-lo, o coração do monstro aparecia escuro, frio, duro e ígneo". (Aurora, XIII. 40-47).

"A qualidade adstringente foi a primeira assassina, ao perceber que o ser gerava uma bela luz, ela se contraiu de forma ainda mais dura do que quando Deus a criou. A segunda qualidade, a segunda assassina, partiu com grande força para a qualidade adstringente, como se quisesse transformar seu corpo em pedaços. O calor ou o terceiro espírito assassino matou sua mãe, a água doce. O som surgiu tão furioso que soou como um trovão; pretendia com isso, provar sua própria nova divindade; o fogo surgiu como um terrível raio de luz. Assim, o corpo todo se transformou num vale escuro; não houve conforto, nem ajuda. O amor transformou-se em inimigo, e o anjo da luz tornou-se um escuro demônio de trevas". (Aurora, XIV. 19-25).

Assim como os santos se tornam identificados com Deus, o fraco pode tornar- se identificado com o demônio. Ambos são uma encarnação daquele princípio que assegurou a auto consciência em si.

"Lúcifer ao conceber uma vontade inteiramente oposta ao divino e ao pretender colocar seus próprios produtos no lugar das formações de Deus, fez com que, não só Deus, mas também os anjos puros, especialmente Miguel e suas legiões, dele se separassem".

"Lúcifer viu a criação e conhecia seu fundamento. Portanto, ele também quis ser um deus, e governar em todas as coisas pelo poder do fogo. Ele quis trazer para a forma seus próprios pensamentos, e não aquilo que o Criador desejou. Assim, tornou-se um inimigo de Deus, e desejou destruir o que fora formado pela ação de Deus com o propósito de colocar em seu lugar seus próprios efeitos e figurações". (Theosophical Questions, X.I).

Quando Lúcifer abandonou a harmonia de Deus, o santo nome de Deus separou-se dele e permaneceu em sua própria unidade; mas Lúcifer permaneceu nas qualidades do fogo central, o qual havia despertado em si".

(Theosophical Questions, X.6).

"O reino escuro da fantasia e a criatura que está constituída pelos anjos caídos, são uma coisa só, uma vontade, um ser; e como essa vontade rebelada não quis residir e governar sozinha na fantasia, mas quis governar também no santo poder, onde apareceu de imediato, o santo poder repeliu-o para fora de si e se ocultou, logo em seguida – isso quer dizer, o céu interior se fechou, fora de seu próprio estado, a fim de que ele não visse a Deus. Assim é que morreu para o reino da boa vontade". (Grace, IV. 46).

"Quando Lúcifer provou ser tal tirante e corruptor de tudo o que era bom, todo o exército dos céus se voltou contra ele, que também se voltou contra todas as coisas. Então, a batalha começou, e o arque-príncipe Miguel com suas legiões lutou contra ele, e o demônio com suas legiões, nada conquistaram; ele foi afastado de sua posição como alguém que fora conquistado". (Aurora, XVI. 9).

A separação de Lúcifer do mundo da luz foi total, e não local no senso comum da palavra.

O mundo da luz nada sabe sobre os demônios, e os demônios nada sabem sobre o mundo da luz exceto que já pertenceram à ele". (Theosophical Points, V. 2).

"O céu está no inferno, e o inferno está no céu, e, no entanto, nenhum deles está revelado ao outro. Mesmo se o demônio estivesse viajando por muitos milhares de quilômetros, a fim de chegar ao céu, ele permaneceria sempre no inferno. Assim,

os anjos não enxergam as trevas; eles só enxergam a luz do poder divino; mas os demônios só enxergam as trevas da cólera de Deus". (Mysterium, VIII. 28).

Todo ser encontra-se naquele estado que constitui sua própria consciência.

O ser demoníaco ainda não adquiriu a plenitude de seu desenvolvimento. A existência do mundo terrestre, em cujas partes demoníacas os espíritos

malignos residem e operam, é um obstáculo para esse desenvolvimento.

EnquantoohomemperdeseuconhecimentodeDeus,perdecorrespondentemer seus poderes para o mal. Um homem não pode tornar-se um demônio completo antes de adquirir o conhecimento divino e poderes correspondentes.

"Como os demônios, levados pela concepção e devassidão, incendiaram-se a si próprios, foram completamente expulsos da geração da luz, e não podem concebê-la ou compreendê-la em toda eternidade. No entanto, a habitação de Lúcifer ainda não está completada, porque em todas as coisas nesse mundo ainda há amor e cólera residindo juntas, batalhando uma contra a outra. Aquelas coisas ou seres ainda não perceberam a luta da luz, mas somente a luta das trevas". (Aurora, XVIII.32).

"O ser demoníaco ainda não está totalmente manifestado; os demônios ainda terão que esperar por um julgamento maior. O sol e a água ainda mantêm seus reinos ocultos no dia do acerto de contas, é por isso que eles tanto temem o dia do julgamento". (Theosophical Questions, XIII.15).

"Há sempre dois reinos (estados a serem distintos nos elementos) em um reina o amor emanado de Deus, e no outro Sua cólera. Os demônios residem unicamente no reino da cólera, onde estão encerrados com a noite eterna, e não podem entrar em contato com os bons poderes dos elementos". (Theosophical Questions, XIII. 7).

Os espíritos maus são especialmente inimigos do homem; mas eles não o fazem mal algum se sua vontade está direcionada para o divino, e se ele não permite ser capturado pelo desejo demoníaco.

Nenhum homem, exceto aquele que está regenerado no espírito, é livre e é seu próprio mestre. Sempre há influências divinas ou diabólicas atuando através dele; mas ele está imbuído de certa quantidade de razão divina para escolher uma ou seguir a outra.

"Se nos lançarmos no desejo terrestre, seremos por ele capturado, e a angústia do abismo será o nosso senhor. Mas se pelo poder de nossa vontade nos elevarmos acima deste mundo, então o mundo da vida irá

capturar nossa vontade, e Deus será nosso Senhor". (Theosophical Points, VI.5)

"Que nenhum homem pense que está no poder do demônio arrancar de seu coração as obras produzidas pela luz. Ele nem pode vê-las e nem compreender o que são. Portanto, mesmo se na mais externa geração, o demônio se enfurece e causa tempestade, enquanto você não transferir os produtos da cólera para a luz do seu coração, sua alma será salva de ser prejudicada pelo demônio, pois ele é cego e surdo na luz". (Aurora, XIX.97).

Lúcifer antecipou a miséria que estava atraindo sobre si; mas seu conhecimento era apenas uma "ciência", ou seja, não era uma condição plenamente realizada por sua experiência; tinha mais um caráter teórico do que um real auto conhecimento, e tendo perdido o poder espiritual da fé que poderia auxiliá-lo a manter sua posição, essa "ciência" não foi suficiente para evitar sua queda. Mais que nada, ele estava curioso por conquistar algo inteiramente novo.

"Quer dizer que Lúcifer não sabia sobre o julgamento de Deus e sobre a queda? Sim, ele sabia muito bem; mas esse conhecimento não estava em seu "sentimento" (ele não o percebeu como uma experiência real); o que ele possuía era apenas uma ciência, um conceito intelectual". (Mysterium, IX.9).

"Lúcifer sabia que não era Deus, também conhecia a extensão de seu poder; mas ele quis uma experiência totalmente nova, ele quis ser maior que Deus, elevando seu poder acima de todos os reinos, e de toda Divindade". (Aurora, XIV. 14).

Deus também sabia, em Sua sabedoria eterna, que a queda de Lúcifer aconteceria.

"Na eterna sabedoria, ou melhor, dizendo, na natureza eterna, a queda do demônio (e também do homem) fora prevista antes da criação do mundo". (Three Principles, IX.22).

"A imagem do ser criado foi vista na sabedoria, com seus aspectos de

cólera e amor. Aqui também o Espírito de Deus, emanando eternamente da luz e do fogo do Pai, previu a queda, ou seja, que essa imagem, moldada num ser corporal, seria atraída pela cólera, e perderia seu esplendor divino". (Stief. III. 58).

Embora Deus tenha previsto aquela queda, no entanto, ela não tinha como ser evitada.

"Pode ser que se pergunte: Por que Deus não restringiu Lúcifer do desejo maligno? Mas como isso poderia ser feito? Se esse ser de fogo fosse levado ainda mais para a humildade e para o amor, sua luz gloriosa se manifestaria ainda mais para ele, e sua ígnea vontade própria cresceria ainda mais com isso. Deveria Ele educá- lo punindo-o? O Objetivo de Lúcifer já era o de excitar em si a fundação mágica, e brincar com o centro das qualidades". (Mysterium, IX.14).

Lúcifer queria conhecer as trevas, e não tinha nenhum desejo pela luz. O homem deve conhecer o mal, a fim de perceber o bem, após isso ele se volta para o bem; mas como todas as coisas buscam seu princípio correspondente, aquele em quem o mal se tornou soberano irá permanecer no mal.

Observe um cardo ou uma urtiga. Quando mais recebem a luz do sol e o poder, mais ferimentos causarão. Assim, se Deus derramar Seu amor no demônio, os produtos deste serão a raiva e o ódio". (Grace, IV.37).

O fim do tormento infernal é inconcebível. Tal fim envolveria ou uma mudança no orgulho de Lúcifer para humildade, ou uma destruição de toda a obra da criação.

"Se Lúcifer quiser novamente se tornar um anjo, terá que extrair novamente da unidade e do amor de Deus; seu fogo-vida terá que ser consumido pelo amor, transformado-se em humildade; mas isso o fundamento infernal (a vontade) nos demônios recusa a permitir". (Theosophical Questions, VII.5).

A essência demoníaca, tendo um fundamento eterno, não pode perecer, a menos que toda a criação deixe de existir e a natureza eterna em sua própria

graça seja extinta. Mas nesse caso o reino da alegria também se perderia". (Theosophical Questions, V.3).

A natureza ou o terceiro principio



"Deus criou o homem à Sua própria imagem. Masculino e feminino (em um) Ele o criou".

O Homem em seu aspecto cósmico é um ser bem superior ao "homem" descrito em livros de antropologia, anatomia, etc. Tais ciências externas lidam apenas com o corpo material grosseiro do homem terrestre externo, enquanto que o corpo essencial do homem macrocósmico e microcósmico, está além da observação externa. No estudo do homem como ser cósmico há três sujeitos a serem considerados, embora sejam apenas três facetas de um aspecto único. Esses três sujeitos são: Deus, a Natureza e o Homem; nenhum deles pode ser compreendido em sua essência interna sem a compreensão dos outros dois. A ciência externa, a "filosofia natural" e a teologia tendem a separá-los. Todas se referem ao homem como um ser separado, distinto e independente da natureza, e a natureza como algo independente do homem; de Deus eles nada sabem e consideram o poder divino, causa de toda vida, algo externo à natureza e ao homem, como se estivesse além de seu alcance. Por essa razão, o "homem" da ciência moderna tornou-se um ser não natural, sem nenhum objeto concebível para sua existência; a natureza é para ele um organismo envolvido pela flexão, sujeita a nenhuma outra lei senão àquela que funciona mecanicamente. Os poderes divinos, espirituais, criativos e ocultos no homem e na natureza estão totalmente afastados do campo da percepção "racionalista".

O homem, como um todo, pode ser concebido como um ser planetário, uma auto consciência, esfera luminosa de extensão inimaginável; no momento, a esfera mental do homem, de fato, não tem limites definidos; ela alcança tão longe quanto seus pensamentos forem capazes de ir. Ele foi criado com o propósito de ser a imagem de Deus. A glória de Deus residia nele, e ele encontrava-se tomado pela luz do amor divino.

No homem tudo está contido: Deus, o Cristo, os anjos, os reinos celeste e terrestre e os poderes do inferno. Fora dele não é nada daquilo que ele concebe; não há como conhecer nada senão aquilo que está em sua mente. Nenhum deus ou demônio, nenhum espírito, seja qual for seu poder, pode atuar com o homem, a menos que penetre a sua constituição. Só aquilo que existe nele, tem existência para ele. Sem a percepção desse fato, os mistérios da religião permanecerão

incompreensíveis. Pode ser interessante e fantástico especular sobre os diferentes deuses e hostes celestiais que formam os Panteões das várias nações, mas tal estudo não constitui conhecimento real. Só quando as percepções espirituais do homem se desenvolverem e ele se ater ao conhecimento divino do ser, então conhecerá o Cristo e todos os poderes celestiais; aquele que agregar esses poderes irá formar o reino de Deus existente dentro de si mesmo.

"O espírito de Deus reside de eternidade em eternidade unicamente no céu, ou seja, em Sua própria essência, no poder da majestade. Quando ele foi soprado na imagem de um homem, surgiu o céu no homem; pois, Deus quis revelar-Se no homem, como numa imagem criada à Sua própria semelhança, e manifestar as grandes maravilhas de Sua sabedoria eterna". (Stiefel, I. 36).

"Simultaneamente à introdução de Sua divina imagem, Adão recebeu também a palavra viva de Deus (inteligência espiritual) para fornecer alimento à sua alma". (Menschwerdung, I 3 24).

"Deus criou Adão para (desfrutar) a vida eterna, no Paraíso, num estado de perfeição paradisíaca. O amor divino iluminava o seu interior, assim como o sol ilumina o mundo" (Stiefel, I. 36).

“No Paraíso existe a vida perfeita, sem distúrbios, e o dia perpétuo; o homem paradisíaco é claro como um vidro transparente, plenamente penetrado pela luz do sol divino”. (Signature, XI.51).

Seu corpo aparece luminoso, porque sua substância terrestre foi absorvida na essência celeste. Ele irradia uma luz pura e divina.

“A corporalidade santa interior do elemento puro penetrou os quatro elementos e manteve consigo o Limo da terra, ou seja, o corpo sulfúrico (terrestre) exterior, como num estado de absorção; este corpo estava realmente presente, mas do mesmo modo que as trevas habitam na luz, não podendo manifestar-se, por causa da luz”. (Mysterium, XVI. 6).

“Todas as qualidades do corpo santo e interior, juntamente com as qualidades externas, encontravam-se no homem primordial sintonizadas em uma só harmonia. Nenhuma delas vivia em seu próprio estado de desejo; o desejo de cada uma estava na alma, onde a luz divina manifestava- se. A luz divina irradiava através de todas as qualidades, produzindo nelas uma temperatura equilibrada e harmoniosa”. (Mysterium, XVI. 5).

“O homem interior mantinha o homem exterior aprisionado em si mesmo e o penetrava tal qual o ferro incandescente é penetrado pelo fogo, de forma que parece ser ele o próprio fogo. Mas quando o fogo se extingue, então o ferro negro e duro se manifesta”. (Mysterium, XVI 7).

“O elemento puro penetra o homem externo e subjuga os quatro elementos; além do mais, o poder do calor e do frio estava na carne. Mas, como a luz de Deus brilhava ali, estavam numa harmonia equilibrada, de forma que nenhuma delas se manifestava diante da outra. Assim, Deus o Pai, é chamado de Deus colérico e ciumento, um fogo consumidor; Ele é realmente tudo isso com relação as suas qualidades; mas destas qualidades nada se torna manifestado na Sua luz”. (Stiefel, XI 75).

“O homem primordial ainda fixo no Paraíso, encontrava-se num estado tal como o tempo está diante de Deus e Deus no tempo. Assim como o tempo é um mero espetáculo diante de Deus, a vida externa do homem era um espetáculo diante do homem santo e interior, a verdadeira imagem de Deus”. (Mysterium, XVI 8).

No mesmo sentido, o Bhagavad Gita diz que o verdadeiro eu, o Deus, Atma, ou "Cristo", não é um participante, mas um mero espectador naquilo que se refere às ilusões externas.

"O corpo interior era um lugar onde a Divindade podia habitar, uma imagem da divina substancialidade. Naquele corpo, a alma tinha a sua brandura, e seu fogo havia se tornado brando, pois ela havia recebido o amor e a brandura de Deus". (Tilk. I 233).

Devido a essa semelhança com Deus, a vontade e os pensamentos de Adão eram como que uma única coisa. Sua mente era pura, simples, infantil, sem sofisticação e devotada à Deus; ele não precisava de nenhum espetáculo sobre o desconhgcido, pois tinha o poder de perceber o que queria saber. Ele desfrutava da percepção das coisas divinas e terrestres.

"A mente de Adão era inocente como a de uma criança, brincando com as maravilhas de seu Pai. Não havia nele nenhum auto conhecimento da vontade demoníaca, nenhuma avareza, orgulho, inveja, raiva, mas um puro desfrutar do amor". (Threefold Life, XI 23).

"Quando Adão foi criado no Paraíso, sua alma queimava como uma chama de óleo puro. Portanto, sua percepção era celestial, e sua inteligência superava e compreendia coisas além da natureza". (Signature, VII. 2).

"O homem interior permanecia no céu; suas essências estavam no Paraíso; seu corpo era indestrutível. Ele conhecia a linguagem de Deus e dos anjos, e a linguagem da natureza, como se pode perceber ao vermos Adão dando nomes a todas as criaturas, cada uma segundo sua própria essência e qualidade". (Quarenta Questões, IV 7).

"Adão, depois de ter sido criado por Deus, encontrava-se no Paraíso num estado de satisfação, glorificação e beleza, pleno de conhecimento. Deus então, trouxe diante dele, como senhor do mundo, todos os animais, a fim de que os observasse e desse um nome a cada um, segundo a essência e poder específico. Adão sabia que ele estava dentro de cada criatura, e deu a cada um seu nome apropriado. Deus pode ver nos corações de toda as coisas, e o mesmo podia ser feito por Adão." (Three Principles, X 17).

Neste estado de ser-deus, Adão tinha poder sobre todas as coisas; pois todas as coisas existiam nele e ele em todas as coisas, e nada podia causar-lhe qualquer dano externo. Para expressar em outras palavras, todas as coisas existiam subjetivamente em sua mente, e agora existem em nossas mentes, mas essa mente era seu corpo, onde o centro de sua consciência estava, ali estava sua "forma".

"Sendo Deus um Senhor de todas as coisas, o homem no poder de Deus deveria ser o senhor deste mundo". (Menschwerdung, i 4, 7).

"A alma no poder de Deus penetra todas as coisas, e é poderosa sobre tudo, como o próprio Deus; pois ela vive no poder de Seu coração". (Three Principles, XXII 17).

"Assim como o ouro é incorruptível no fogo, o homem não estava subjugado a nada, somente ao Deus Único que nele habitava e Se manifestava pelo poder de Seu ser santo". (Mysterium, XVI 12).

"Todas as coisas estavam sujeitas a Adão; seu governo estendia-se do céu à terra, a todos os elementos e estrelas, pois o poder divino estava nele manifestado" (Mysterium, XVI 2).

"A vontade-espírito do homem penetrava todas as criaturas, sem ser injuriada por nenhuma delas, pois nenhuma podia alcança-la. Nenhuma criatura pode apreender o poder e a luz do sol em sua vontade própria, mas deve permanecer passiva para ser penetrada por ela; esse era o caso da vontade-espírito do homem". (Grace, VII 2).

"Antes de sua queda, o homem podia governar o sol e as estrelas. Tudo estava em seu poder. O fogo, o ar, a água e a terra não podiam subjuga-lo; nenhum fogo o queimava, nenhuma água o afogava, nenhum ar o sufocava; tudo o que vivia o temia". (Threefold Life, XI 23). "Nenhum calor, frio, doença, acidente ou medo algum podia tocá-lo ou terrificá-lo. Seu corpo podia passar pela terra e pedras sem que nada fosse quebrado; pois um homem que fosse subjugado pela natureza terrestre, ou que pudesse ser quebrado em pedaços, não seria eterno". (Menschwerdung, I 2 13).

Do mesmo modo, aquela natureza que o rodeava, chamada de Éden, era

iluminada pela luz celeste, o que a tornava exaltada à magnificência paradisíaca.

"Adão encontrava-se no Paraíso, ou seja, na temperatura. Ele encontrava-se numa certa localidade, a saber, onde o mundo santo estava florescendo pela terra e gerando os frutos do Paraíso". (Grace, V.34).

"'Éden', quer dizer a localidade, mas 'Paraíso' é o fluxo ou a vida de Deus na harmonia divina". (Cartas, XXXI 28).

"No Paraíso, a substância do mundo divino penetrou a substância pertencente ao tempo, comparável ao poder do sol penetrando uma fruta que cresce na árvore, dotando-a de qualidades que a tornava linda à vista e boa ao paladar". (Mysterium, XVII 5).

"Assim o santo mundo divino era predominante nos três princípios da qualidade humana, e havia um acordo igual, sendo que nenhum inimigo ou vontade oposta estava manifestado entre os princípios". (Mysteium, XVII 20).

Havia no Paraíso todos os produtos que encontramos no mundo terrestre, mas num estado etéreo e de beleza supernatural. Contudo, essa beleza paradisíaca não estava manifestada em todas as partes do mundo.

"No Paraíso há plantações, assim como neste mundo, mas não com a mesma tangibilidade. Lá o Céu está no lugar da terra, a Luz de Deus, no lugar do sol e o Pai Eterno no lugar do poder das estrelas". (Three Principles, IX 20).

"O Paraíso não é algo corpóreo ou tangível num sentido terrestre, mas sua corporeidade e tangibilidade são como a dos anjos. Trata-se de uma substância clara, visível, como se fosse material, e é realmente 'material', mas formada apenas do poder, sem qualquer adição de matéria terrestre, e é, portanto, perfeitamente transparente". (Three Principles, IX 18).

"O mundo tangível ou natureza, antes da cólera de Deus, era tênue, etéreo, amoroso e claro, de modo que os espíritos originais pudessem olhar através de todas as coisas e nelas penetrar. Não havia ali nem terra, nem

pedras, não havia a necessidade da luz criada, tal como é agora; mas a luz foi gerada em todas as coisas no meio de cada coisa, e tudo se encontrava na luz". (Aurora, XVIII 29).

"Todo o mundo seria um só Paraíso se não tivesse sido corrompido por Lúcifer. Mas como Deus sabia que Adão iria cair, produziu em um só lugar, onde o homem pudesse encontrar uma morada apropriada e ali fosse fortificado". (Mysteium, XVII 7).

"Deus viu e sabia que o homem iria cair, por isso o Paraíso não floresceu e gerou frutos em todo o mundo por meio da terra, embora estivesse manifestado em todo lugar, mas apenas no Jardim do Éden, onde Adão foi tentado, é que ele se tornou revelado em sua total magnificência". (Cartas, XXXIX 28).

Por tudo isso, o homem, embora tenha sido dotado de grande esplendor pelo Criador, ainda não havia desfrutado da verdadeira similitude de Deus.

"Em Adão estava manifestado o reino da graça, a vida divina, porque vivia na temperatura (harmonia) das qualidades, mas ele não sabia que Deus estava revelado nele. Do mesmo modo sua vontade-própria não sabia o que era bom, pois até então não havia experimentado mal algum. Como poderia haver qualquer satisfação se nenhuma dor era conhecida?" (Grace, IX 15).

"A alma encontrava-se em sua própria essência na eternidade, mas como algo criado, foi formada para representar a imagem de Deus no momento da criação do corpo. No entanto, ela não é, per se, a verdadeira imagem, mas apenas um fogo essencial para a sua produção". (Tilk. i 8 I).

"A alma do homem, soprada por Deus, é do Pai Eterno; mas ela ainda não apreendeu o nascimento do Filho, onde é o fim da natureza, e de onde nenhum ser criado emana". (Three Principles, IX 13).

O homem só pode conquistar a real similitude de Deus e perfeita beatitude através de uma vontade decisiva de colocar sua vontade no Filho, como Coração ou Luz do Pai.

“Deus possui a eterna e imutável vontade para gerar Seu Coração e seu Filho, e assim a alma deveria colocar sua vontade imutável no coração de Deus. Então ela estaria no céu e no Paraíso, desfrutando da felicidade inexprimível de Deus o Pai, a que Ele desfruta no Filho; a alma ouviria então as palavras inexpressíveis no coração de Deus”. (Three Principles X 14).

“Adão foi concebido no amor de Deus e nasceu neste mundo. Tinha posse de uma substancialidade divina e sua alma era de vontade, o primeiro princípio, a qualidade do Pai. Essa vontade deveria ser dirigida, juntamente com sua imaginação, no coração do Pai, ou seja, no Verbo e no Espírito do amor e da pureza. A alma humana reteria então, a substância de Deus no Verbo da Vida”. (Menschwerdung, i 10 2).

“A alma viva, desde a vontade eterna do Pai, foi soprada no homem, e essa vontade não tem outro propósito senão o de dar à luz ao Seu único Filho. Foi desta vontade que Deus o pai infundiu no homem, e essa é a alma eterna do homem. A alma deve colocar sua vontade regenerada na vontade eterna do Pai, no coração de Deus. Então irá receber o poder de Seu coração e também Sua luz eterna e santa, onde surge o Paraíso, o reino celestial e a alegria eterna”. (Three Principles XXVI 16).

“Se a alma mergulha sua vontade na humildade, ou seja, na obediência de Deus, torna-se uma fonte do coração de Deus, recebe o poder divino e todas as suas essências tornam-se angélicas e deleitosas. Suas essências ásperas também se tornam úteis, aparecendo-lhe mais humildes e úteis do que se tivessem sido inteiramente doce e humilde desde sua origem”. (Three Principles XIII 31).

Estava em seu poder decidir, e ele encontrava-se livre para tanto, pois não havia nele apenas o princípio da luz, mas também o princípio-fogo; não apenas percepção, mas vontade.

“A luz e o poder da luz é um desejo, e quer possuir a nobre imagem feita à semelhança de Deus, porque foi criada para o mundo da luz. O mundo das trevas ou a cólera aguda deseja o mesmo, pois o homem tem todos os mundos em si, e há uma grande batalha ocorrendo dentro dele. Aquele princípio com o qual ele se identifica em seu desejo e vontade, é o que o

governará". (Tilk i 38 I).

"Sendo a alma essencial e sua substância um desejo, fica claro que está em dois tipos de Fiat. O primeiro é sua própria propriedade-alma; o outro pertence ao segundo princípio, emanado da vontade de Deus na alma. A alma deseja Deus, a fim de se tornar Sua imagem e semelhança; esse desejo de Deus atua como um Fiat em seu próprio centro; pois o desejo de Deus quer possuir a alma. Por outro lado, ela própria deseja possuir o centro no poder do fogo, onde a vida da alma se origina". (Eye, VII).

"A vontade da alma é livre, e ela pode mergulhar no nada de si mesma e se conceber como o nada, quando irá despontar como um ramo da árvore da vida divina, e provar do amor de Deus; ou poderá em sua vontade-própria surgir no fogo e desejo de se tornar uma árvore separada". (Forty Questions II. 2).

Existia no homem também o terceiro princípio, onde reside o desejo sensual. Ele não estava dotado deste princípio para se render a ele, mas para que pudesse introduzi-lo na luz de Deus e glorificá-lo através desta luz.

"O Homem era uma individualidade mista, destinada a ser uma imagem de acordo com o mundo interior e também de acordo com o mundo exterior; mas como o símbolo de Deus, deveria governar com a consciência interior sobre a consciência exterior". (Menchwerdung i 3 13).

"Quando o homem permanece em uma ordem harmoniosa, de modo que não deixa um mundo dentro do outro, é então a semelhança de Deus; mas a imagem ou o espelho do mundo da luz deve necessariamente ser introduzida no mundo externo". (Six Theosophical Points, VI 12).

"Não se pode permitir que a constelação (influências astrais) do macrocosmo governe o homem; ele possui em si sua constelação própria (o espírito, a idéia), capaz de sintonizar-se à harmonia do alto e à evolução do mundo divino". (Cartas, i 8).

"Todo o desejo do homem deveria ser colocado na luz; então a luz teria se mostrado em suas essências e desejo, preenchendo todas as coisas como se fosse uma só vontade". (Tilk, i 542).

“A alma de Adão poderia ter governado poderosamente sobre o princípio externo, caso tivesse entrado novamente com sua vontade no coração de Deus, na palavra do Senhor”. (Forty Questions IV 2).

Havia um plano através do qual o esplendor paradisíaco deveria ser continuamente espalhado e acrescentado sobre a natureza terrestre, e todos os tesouros ocultos da natureza deveriam ser revelados, sendo o homem um instrumento desta realização.

“O mundo externo também é de Deus e pertence à Deus; o homem foi criado ali, para que pudesse trazer novamente o externo para o interno; o fim para o princípio”. (Cartas, XI 18).

“Adão também foi criado na qualidade externa, para manifestar em formas e executar em obras aquilo que havia sido percebido na sabedoria eterna”. (Menschwerdung, i 4).

“O Homem foi criado no Paraíso, que brotou sobre a terra, e da terra do paraíso foi criado o corpo de Adão, pois ele era um senhor da terra; ele estava destinado a revelar as maravilhas da terra. Se esse não fosse seu propósito, Deus o teria dotado de um corpo angélico; mas nesse caso o ser substancializado com suas qualidades maravilhosas não seria revelado”. (Menschwerdung, II 12).

Mas enquanto que emAdão todos os três princípios encontravam-se originalmente em unidade e harmonia, algo o atraia exteriormente, de forma poderosa, não só o coração de Deus, mas também o demônio e o reino do mundo terrestre.

“O homem permanecia nos três princípios, que se encontravam em igual concordância dentro dele, mas não fora dele; pois o mundo de trevas tinha um desejo diferente daquele do mundo de luz; da mesma forma, o mundo externo tinha um desejo diferente daquele do mundo de trevas e do mundo de luz. Assim, a imagem de Deus estava entre os três princípios, onde todos em seu desejo eram condutores àquela imagem. Cada um deles queria se manifestar em Adão, para tê-lo em seu próprio regimento ou como governador, e para manifestar suas maravilhas através dele”. (Mysterium, XVII 34).

“Tudo atraía Adão e queria tomar posse dele. O coração de Deus queria tê-lo no Paraíso e nele residir, dizendo: ‘Ele é a minha imagem e semelhança’. O reino da cólera o queria, e dizia: ‘Ele é meu, pois foi emanado de minha fonte, da mente eterna das trevas. Eu estarei nele, e ele viverá em meu poder; Através dele manifestarei grande e forte poder’. Finalmente, o reino do mundo disse: ‘Ele é meu, pois carrega a minha imagem; ele vive em mim e eu nele; ele deve ser obediente a mim, pois tenho todos os meus membros (órgãos) nele e ele tem seus membros em mim, e eu sou maior do que ele. Ele deve ser meu servo e manifestar meu poder e maravilhas’” (Three Principles, XI 33).

Adão, fazendo um uso pervertido da liberdade que lhe foi concedida, permitiu que suas qualidades inferiores fossem despertadas para um desejo demoníaco, ou seja, o desejo pelo mundo terrestre, que está dividido em si mesmo.

“No homem primordial, antes da queda, as qualidades para a diferenciação e auto satisfação estavam em igual poder-vontade, e o desejo de cada uma era introduzido na unidade de Deus. Isso provocou a inveja do demônio e ele enganou as sete qualidades da vida, despertando nelas um desejo pervertido, persuadindo-as de que eram boas, e que se tornariam sábias, se as qualidades de cada uma de acordo com sua espécie, entrasse em harmonia própria, e que nesse caminho o espírito provaria e reconheceria o bem e o mal”. (Tabuloe Principoe, 68).

“A alma de Adão apaixonou-se pela criação da palavra formada em sua diferenciação, sem a conscientização do poder de distinção, ela entrou na concupiscência, na diferenciação”. (Grace, VI 33).

“A alma queria conhecer como seria se a temperatura se separasse, ou seja, se dividisse, como o calor e o frio, a umidade e a secura, a dureza e a moleza, o azedo e o doce, o amargo e o salgado; ela queria provar estas e as outras qualidades separadamente, embora isso tivesse sido proibido a Adão, por Deus”. (Grace, III 34).

Devido a esse desejo pervertido, cresceu nele a árvore da tentação, onde as qualidades terrestres, como tais, tornaram-se manifestadas.

“O espírito de Adão buscava o fruto terrestre, pertencente à natureza da terra corrupta, portanto a natureza formou para ele uma árvore semelhante à terra corrupta; pois Adão era o coração na natureza; desta forma, ele auxiliou na formação dessa árvore, da qual desejava comer”. (Aurora, XVII 20).

“A árvore da tentação cresceu pelo poder da fome de auto conhecimento do bem e do mal. Não se pode dizer que se tratava de alguma outra espécie de produto, diferente do resto das árvores; a diferença é que estava manifestado ali o desejo terrestre de consciência do bem e do mal; enquanto que as outras árvores e plantas encontravam-se penetradas pelo santo e paradisíaco Mercúrio, de modo que as qualidades estavam em igual harmonia; o calor e o frio não estavam manifestados de forma separada”. (Stiefel II. 80).

“Na árvore do autoconhecimento do bem e do mal havia as qualidades em maldição, como acontece agora, ou seja, cada uma delas estava manifestada em si mesma, buscando preponderar. Elas saíram de sua harmonia, e desta forma todos os três princípios estavam manifestados naquela árvore, separadamente. Portanto, Moisés (sabedoria) a denomina árvore do conhecimento do bem e do mal”. (Mysterium, XVII 15)

O surgimento da árvore da tentação não é algo de se admirar, já que Adão era dotado de grandes poderes e de uma forma terrestre como proteção contra os poderes do inferno.

“A Razão (o raciocínio do homem) diz: ‘Por que Deus permitiu que Adão extraísse a árvore da tentação da terra, através de sua imaginação?’ O Cristo diz: ‘Se você tiver fé do tamanho de uma semente de mostarda, e disser à montanha: mova-se para o mar; assim será feito’. A alma-espírito (alma espiritual) foi produzida da onipotência divina, do centro da natureza eterna, onde todos os seres foram criados. Por que então não seria ela poderosa? Ela era uma centelha de fogo emanada do poder de Deus, mas depois de ter sido reunida num ser criado (individualizada como um organismo) deu passagem a seu próprio desejo egoísta, rompendo-se com o todo, causando corrupção em si mesma. O poder da alma, antes da invasão da vaidade, era tão grande que não podia ser subjugado a nada; o mesmo ocorreria agora, hoje mesmo, se a compreensão não tivesse sido retirada”.

(Mysterium, XVII 41).

“A previsão divina reconheceu que o demônio estava preste a separar a humanidade, introduzindo-a no desejo demoníaco; portanto, Deus colocou diante dela a árvore da vida e a do conhecimento do bem e do mal; com isso deu-se início à ruptura (morte) do corpo externo. Ele assim o fez para que o homem buscasse o centro do mundo de trevas” (Mysterium, XVII 38).

Primeiramente Adão pertencia ao mundo celestial e à eternidade; mas agora, a imagem de Deus enfraqueceu-se nele; ele afundou-se no estado terrestre, e conseqüentemente na impotência e no sono.

“Uma pessoa razoável perceberá facilmente que não haveria sono em Adão enquanto ele permanecesse na imagem de Deus, pois naquele tempo ele era uma imagem como nós seremos na ressurreição dos mortos. Não necessitaremos então dos elementos, nem do sol, nem da lua, nem de sono algum; nossos olhos estarão abertos para ver a glória de Deus, sempre e eternamente”. (Three Principles XII 17).

“A imagem de Deus não dorme. Nela não há tempo. Com o sono, o tempo se manifesta no homem. Ele adormeceu no mundo angélico, e despertou relativamente para o mundo externo”. (Mysteerium, XIX 4).

“Após Adão ter sido dominado, a tintura, onde a bela virgem havia habitado previamente, tornou-se terrestre, fraca e frágil. A fonte poderosa da tintura, de onde a Virgem tinha seu poder, sem ser subjugada ao sono, deixou Adão e foi para seu próprio princípio”. (Three Principles, III 8).

“Assim Adão tornou-se vítima da magia, e sua magnificência se foi. Sono significa morte e entrega. O reino terrestre o conquistou e o dominou”. (Menschwerdung, I 5).

“Depois que o brilho do espírito deste mundo conquistou Adão, ele caiu no sono. Então seu corpo celeste tornou-se carne e sangue, e seu forte poder tornou-se rígidos ossos. A Virgem Celeste partiu para o éter celeste, para o princípio do poder”. (Three Principles, XIII 2).

Essa impotência deveria ser um meio de salvação para Adão; além do

mais, foi lhe dado a mulher terrestre, no lugar da Virgem Celeste, que dele se afastou. Isso foi feito para evitar que ele atingisse uma profundeza de degradação ainda maior.

"Quando Adão deixou Deus e penetrou o egoísmo, Deus permitiu que um grande sono caísse sobre Adão. Se não fosse por estas circunstâncias, ele poderia, em todo seu egoísmo, ter até mesmo se tornado um demônio, pelo poder do fogo". (Stiefel ii 363).

"Quando o demônio viu que a luxúria residia em Adão, ele agiu ainda mais poderosamente sobre o Salitre em Adão, e o infectou mais fortemente. Era tempo de Deus construir-lhe uma esposa, quem mais tarde faria com que o pecado fosse cometido, aquela que comeu do fruto do pecado. Ao contrário, se Adão houvesse comido da árvore antes da mulher ter sido feita dele, teria sido bem pior". (Aurora, XVII 21)

Portanto a mulher (espiritualidade) é, e sempre será a salvadora do homem.

A mulher foi extraída de todos os poderes de Adão. Relativamente à sua substância, ela foi formada de uma "costela" que naquele tempo, ainda não havia se degenerado a um osso.

"Eva foi extraída de Adão, não como um mero espírito, mas inteiramente substancial. Poderia se dizer que Adão recebeu uma fenda, e que a mulher está carregando o espírito, a carne e o osso de Adão". (Three Principles, XIII 14).

"A razão diz: 'Se Eva foi feita da costela de Adão, ela deve ser bem inferior ao homem'. Isso não é verdadeiro; o Fiat em seu aspecto de atração aguda (a primeira qualidade), tomou-a de todas as essências e qualidades de cada poder de Adão". (Three Principles XIII 18).

"O corpo de Adão ainda não havia recebido ossos e substâncias provenientes dos ossos. Isso só ocorreu quando Eva provou da maçã, oferecendo-a a Adão para que dela provasse. É verdade que a infecção e a morte terrestre já se encontravam nele como uma tendência e uma doença mortal, mas os 'ossos' e as 'costelas' ainda eram poder e força, e assim Eva

foi criada desse poder ou força que (mais tarde) se tornaria costela". (Three Principles XIII 13).

Eva não foi mal formada. Ela vivia com Adão no Paraíso; mas a pura semelhança de Deus não estava ali com nenhum dos dois.

"Não havia má formação em Eva, sua forma era amorosa; no entanto, ela também carregava os sinais (da corrupção), e não podia ser mais nada além de esposa de Adão. Ambos ainda estavam no Paraíso, e se não tivessem provado do fruto, mas tivessem se voltado para Deus, mudando a imaginação, eles teriam permanecido no paraíso". (Three Principles XIII 36).

"Adão e Eva ainda tinham uma consciência paradisíaca, mas ela encontrava-se misturada com o desejo terrestre. Eles estavam nus, e tinham órgãos animais para procriação; mas eles não sabiam disso, nem tampouco se envergonhavam, pois o espírito do grande mundo ainda não tinha obtido o governo sobre eles antes de terem provado do fruto terrestre". (Menschwerdung I 6 15).

"Ninguém pode afirmar que Eva, antes de ter contato com Adão, tinha sido uma virgem pura e casta, porque, tão logo Adão acordou de seu sono, ele a viu ao seu lado. Ele prontamente imaginou nela (apaixonou-se por ela). Ele a tomou para si e disse: 'Esta é carne de minha carne e osso de meu osso. Ela se chamará mulher, pois foi extraída do homem. Do mesmo modo, Eva começou a colocar sua imaginação em Adão, e cada um acendeu o desejo do outro. Onde está então a pura castidade e virgindade? Isso não é animal? A imagem externa não se tornou animal?" (Forty Questions, XXXVI 6).

Deus ordenou a humanidade que não provasse dos frutos da árvore da tentação; mas o demônio pensou em induzi-los a desobedecer ao mandamento; eles foram, mais que nada, induzidos a fazê-lo pelo espírito do mundo e pelo seu próprio desejo pervertido.

"O santo Verbo de Deus, após a Trindade da Divindade insondável, concedeu à inteligência ígnea da alma o mandamento: 'Não comerás da árvore do conhecimento do bem e do mal; se assim o fizerem irão morrer na

imagem de Deus, no mesmo dia'. Quer dizer, 'a alma ígnea irá perder sua luz; a mortalidade, qualidade do mundo de trevas, do centro dos três primeiros princípios, irá se aproximar e se manifestar na árvore, engolindo o Reino de Deus'" (Grace, VI 17).

"Quando Adão e Eva encontravam-se no Paraíso como homem e mulher, ainda em posse de uma essência celeste, ainda que misturada (com materialidade), o demônio não podia suportar, pois sua inveja era grande. Então, depois que Adão foi trazido à queda e privado de sua forma Angélica e viu que Eva era sua esposa, o demônio pensou que eles pudessem gerar filhos no Paraíso e lá permanecerem. Ele se convenceu de seduzi-los a comer do fruto proibido, a fim de que com isso se tornassem terrestres". (Menschwerdung, i 7).

"Adão foi incitado pelo poder da árvore, que também estava com ele, de modo que uma luxúria infectou a outra. Ele também foi incitado pelo espírito do grande mundo, sua força foi subjugada".(Three Principles, XI 40).

Com o propósito de seduzir a humanidade, o demônio colocou-se especialmente à serviço da serpente, símbolo vivo da árvore da tentação; ele fez com que o homem imaginasse que comendo do fruto proibido, se tornariam semelhantes à Deus.

"O demônio introduziu sua imaginação venenosa na qualidade humana. Daí resultou no homem o ardente desejo de provar do bem e do mal e de viver na vontade-própria; quer dizer, sua vontade deixou a harmonia da unidade e foi para a multiplicidade das qualidades. O demônio, através da serpente, representou à ele que seria como Deus, e que seus olhos se abririam; isso realmente ocorreu na queda, de modo que agora ele reconhece, prova, vê e sente o bem e o mal" (Mysterium XVII 37).

"O demônio misturou mentiras e verdades, e disse aos primeiros seres humanos que seriam como Deus. Ele deixou isso claro, segundo o primeiro princípio da cólera; mas sobre o paraíso ele nada falou". (Three Principles XVII 96).

"A substância da serpente, seu aspecto celestial, era um grande poder,

assim como havia um grande poder no demônio, pois ele era um príncipe de Deus. Desta forma, ele introduziu sua esperteza e mentiras num forte estado de vontade, a fim de que a humanidade se iludisse e o visse como se fosse seu próprio Deus". (Mysterium XX 16).

"A imaginação do demônio envenenou a substância da serpente, a fim de que essa, em conseqüência da divisão de seus poderes, estava em unidade paradisíaca, adquirisse a formação de uma serpente. A serpente passou a ser usada como seu instrumento". (Cartas, XXXIX 21).

"A serpente era um símbolo vivo da árvore da tentação. A árvore da tentação encontrava-se num poder mudo e a serpente num poder vivo e a serpente uniu-se à árvore, sendo de sua própria natureza". (Mysterium, XX 20).

Depois que Adão introduziu seu desejo pervertido em Eva. Ela foi a primeira a ser seduzida a se afastar de Deus.

"A luxúria originou-se em Adão, mas esse desejo pervertido encontrou existência na mulher". (Stiefel, II 375).

"Eva buscava o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, mas havia a proibição diante dela, e ela temia à Deus, e não queria atuar contra a proibição. Então o demônio penetrou a substância e a esperteza da serpente, transformando esse poder e artimanha, de modo que Eva pudesse ver e saber que a serpente era bastante astuta e ágil. Ela se apegou à árvore proibida, e esta não a danificou; mas ela olhou para a serpente e se apaixonou por sua esperteza e astúcia, também pela sua agilidade a artimanha, e ela quis provar da árvore. A serpente aconselhou que ela assim procedesse através do som e da voz do demônio, fingindo que sua astúcia e esperteza originavam-se da árvore". (Mysterium XX 22).

"O demônio disse-lhe que o fruto não iria prejudicá-la, mas que os olhos de sua compreensão se abririam, e ela seria como Deus. Ela pensou que seria bom ser uma deusa e consentiu. Ao consentir, caiu da harmonia, da paz e da fé divina, penetrando com seu desejo na serpente e na astúcia, o desejo e a vaidade do demônio". (Mysterium, XX 25).

Enquanto o demônio desejava diretamente o fogo-vida, o homem primeiramente, ó desejava as coisas terrestres, mas com isso o brilho do orgulho começou a surgir.

"O demônio penetrou o fundamento ígneo com a sua imaginação, mas Adão penetrou a qualidade aquosa". (Signature, VII 4).

"Ao contrário de Lúcifer, Adão não desejou realmente despertar o primeiro princípio; seu desejo era mais o de provar do bem e do mal, ou seja, a vaidade da terra". (Mysterium, XVIII 31).

Na parte externa da alma originou-se o brilho terrestre das qualidades múltiplas; mas na sua parte ígnea interior originou-se o brilho pelo orgulho, o desejo de conhecer o bem e o mal, e de ser igual a Deus". (Mysterium, XVIII 300).

Assim, o primeiro ato do grande drama terminou, e um deus se tornou homem. No segundo ato Ele surge novamente em direção ao Seu estado divino primordial, não mais inocente e ignorante demoníaco, mas escolarizado pela experiência, conhecedor e sábio, um conquistador da "matéria", um verdadeiro Senhor de tudo.

A geração



“O ímpio busca Deus fora de seu próprio ser; os sectários buscam um Cristo pessoal na história; o homem de Deus e o verdadeiro Cristão conhecem Deus e o Cristo dentro de sua própria alma”.

“Certamente acreditamos num Cristo pessoal e histórico; mas somente depois que Cristo se tornar pessoal dentro do homem é que ele irá perceber a verdadeira natureza e vocação de Jesus, o filho de Iahweh ”. Johannes.

A imagem de tudo o que já existiu estava na luz quando Deus começou a criar um novo mundo. O mundo externo, ao qual Adão tornou-se sujeito em conseqüência de sua degradação, tem sua origem na natureza eterna de Deus e seu protótipo em Sua sabedoria, onde estava espiritualmente contido desde o princípio. Podemos comparar o mundo externo à imagem vista numa tela, sobre a qual é projetada a luz de uma lanterna mágica. As imagens representam o mundo, as figuras no slides o éter, e a luz propriamente dita é o Espírito de Deus.

“O terceiro princípio, espírito e tormento deste mundo, estava oculto desde a eternidade na natureza eterna; ele foi revelado pelo espírito de luz-flamejante na sabedoria de Deus e na tintura divina. Então a divindade movimentou-se de acordo com a natureza da mãe produtiva, surgiu então, o grande Mysterium, contendo tudo que está no poder da natureza eterna. Isso, contudo, era apenas um Mysterium e não tinha semelhança a nenhum ser criado. Ali tudo estava junto (misturado), como uma nuvem de poeira”. (Menschwerdung i I 10).

“Se considerarmos corretamente a criação deste mundo e o espírito do terceiro princípio, ou o espírito do grande mundo com suas estrelas e elementos, encontramos ali as qualidades do mundo eterno como que num estado de mistura; onde Deus quis manifestar as maravilhas eternas até então ocultas, trazendo-as para uma existência objetiva”. (Six Theosophical Points II 6).

“Tendo nascido (vindo à objetividade), o mundo externo faz para si um novo principium ou começo. A geratriz temporal é uma reprodução da geratriz eterna; o tempo origina-se na eternidade e mesmo aqui a eternidade, com suas produções maravilhosas, aparece em seus poderes e capacidades, numa espécie de forma e molde temporal”. (Mysterium VI 10).

Nesse mundo externo chamado terceiro princípio, dois poderes se manifestam o poder santo e divino e o poder das trevas. O último é o preponderante.

“O terceiro princípio, ou o mundo elemental visível é uma espécie de produto do primeiro e segundo princípios, produzidos pelo movimento e respiração do poder divino e da vontade divina. Nisso está figurado o mundo espiritual segundo a luz e as trevas, e trazido a uma condição criada (objetiva)”.(Tabuloe Principoe, 5).

“O mundo externo foi soprado do mundo santo e do mundo de trevas. Ele é, portanto, bom e mal, amor e cólera; mas, comparado com o mundo espiritual, não passa de uma fumaça ou neblina”. (Mysterium III 10).

“A palavra movimentou o Fiat em todas as formas da natureza eterna, na harmonia com o mundo de luz e o mundo das trevas; assim, o desejo da qualidade dos dois mundos passaram a existir. Isso fez com que o bem e o mal tivessem sua origem na essencialidade, e através disso foi criado o mundo visível externo, com as estrelas e elementos como uma vida particular”. (Stiefel, i 31).

“Esse mundo terrestre está baseado no mundo das trevas, e se o bem não estivesse também corporificado ali, não haveria outro feito senão o do mundo das trevas; mas isso é evitado pelo poder divino e pela luz do sol”.

(Six Theosophical Points, IX 17).

"Esse mundo está enraizado no bem e no mal, e não pode haver um sem o outro. Mas o grande infortúnio de tudo isso, é que o mal é preponderante; a cólera é maior que o amor, e isso devido ao pecado do demônio e do homem, que excitou a natureza por seus desejos pervertidos, de modo que o mundo encontra-se poderosamente qualificado na cólera, atuando como um veneno dentro do corpo". (Mysterium, XI 15).

Que as trevas tenham obtido tanto poder neste mundo não é culpa de Deus, isso se deve a Lúcifer, que corrompeu a criação primordial; como conseqüência da queda de Adão, Lúcifer se encontra agora ainda mais capaz de atuar segundo o elemento obscuro da natureza.

"Dentro de toda natureza há uma contínua luta, batalha e consumação, de modo que este mundo pode ser verdadeiramente chamado de 'vale de dor', cheio de problemas, perseguições, sofrimentos e trabalho; pois, quando o espírito da criação foi para o meio, teve que formar o mundo do meio do reino do inferno" (Aurora, XVIII 112).

"A natureza, até o dia do julgamento, tem duas qualidades inerentes; uma é amorosa, celestial e santa; a outra, colérica e demoníaca. A qualidade boa trabalha com grande diligência a fim de produzir bons frutos sob a influência do Espírito Santo; do mesmo modo, a qualidade demoníaca trabalha com o propósito de produzir frutos demoníacos, recebendo poder e incitamento do demônio". (Aurora, Preface X 10).

"O demônio reside neste mundo, infectando continuamente a natureza externa; mas ele tem seu poder somente na cólera, no desejo amargo". (Menschwerdung, i 2, 4).

Deus age com o santo poder de seu mundo interno contra o poder de corrupção de Lúcifer, mas o mundo externo não é modificado com isso, em sua própria essência particular.

"O mundo interno, o mundo de luz, habita no mundo externo, o qual recebe poder do primeiro. A luz floresce no poder externo, mas esse poder nada sabe sobre ele". (Six Theosophical Points VI 2).

“Os poderes da eternidade trabalham através dos poderes do tempo, como o sol que brilha através da água, enquanto que a água não apreende o sol, mas somente recebe o calor; ou, como o fogo, que brilha no ferro, mas o ferro continua sendo ferro”. (Mysterium XII 20).

“O mundo espiritual está oculto no mundo elementar visível, e atua através dele; através do separador, ou da alma do mundo exterior, ele se amolda em todas as coisas, de acordo com o caráter e qualidade de cada coisa; mas o ser visível recebe o invisível não em seu próprio poder, nem o que é externo se transforma em algo interno; o poder interno simplesmente toma forma ali, como podemos observar no crescimento das plantas, árvores e nos metais”. (Contemplations III 19).

“Vemos que a terra tem uma grande fome e desejo pelo poder e luz do sol; da mesma forma, o ser externo anseia pelo interior. Com isso ele recebe a forma do último como uma luz e poder, sem, contudo, ser capaz de alcançar o espírito interior propriamente dito; pois o espírito não habita no exterior, mas tem possessão de seu próprio ser em seu próprio estado interior” (Six Theosophical Points, VI 9).

Deus exercita esse poder especialmente através do sol, que sendo uma verdadeira imagem do coração divino do amor, ilumina todo o mundo visível, e restringe a cólera do mundo de trevas.

“A Divindade, a luz divina, é o centro de toda vida, e como na manifestação de Deus o sol é o centro da vida”. (Signature, IV 17).

“Deus o Pai gera amor através de Seu coração, e o sol simboliza o coração eterno de Deus, que dá toda sua força a todos os seres e existência”. (Signature, IV 39).

“Deus deu ao mundo externo a luz, soprando Seu poder através dos raios de Sua luz, e com o sol e a lua governa com as coisas deste mundo. As estrelas tomam a luz do sol e da lua, da radiação se derrama de Sua luz, e por meio dessa mesma luz Deus ornamenta a terra com belas plantas e flores e torna belo tudo que vive e cresce”. (Prayer, XLVII).

“Este mundo possui um Deus natural que lhe é próprio, o sol; mas ele

toma sua existência do fogo de Deus, e este da luz de Deus. Assim, o sol oferece seu poder aos elementos, e os elementos dão sua força as criaturas e eras da terra". (Six Theosophical Points, V. 13).

"O abismo do inferno está neste mundo, e o sol é a causa única da existência da água, e do fato da profundeza acima da terra ser amorosa, prazerosa, branda e deleitosa". (Threefold Life VI 36).

"Tudo o que é poderoso na essência do mundo santo está oculto na cólera e na maldição de Deus na qualidade do mundo de trevas; mas floresce através do poder do sol e da luz da natureza externa através da maldição e da cólera". (Mysterium, XXI 8).

Como o sol governa sobre todo o mundo terrestre, ele está presente em essência e poder em todo lugar deste mundo.

"O sol não é tão diferente da água; a água possuía a qualidade e a essência do sol. Sem isso a água não receberia sua luz. Embora o sol seja um corpo que possui uma forma, sua essência também está na água, mas não manifestada. De fato, reconhecemos que o mundo como um todo é um sol, e que seu lugar seria em todos os lugares se Deus quisesse inflamá-lo e torná-lo manifesto, pois toda existência começa na luz do sol" (Seis Pontos Teosóficos), VI 10).

"Se Deus inflamasse a luz através do calor, todo o mundo seria sol manifestado, pois o poder do sol está em todo lugar, e antes da existência do corpo do sol toda a localidade do mundo brilhava da mesma forma como o sol agora se apresenta, mas não tão insuportável, mas de forma branda e deleitosa". (Aurora, XXV 63)

Os planetas também são governados pelo sol, de onde recebem seu poder; os planetas, por sua vez, transmitem esses poderes aos objetos terrestres.

"O sol é o centro da constelação (sistema solar) e a terra é o centro dos elementos. Ambos, se comparados, são como espírito e corpo, homem e mulher. Mas a constelação possui uma outra mulher, onde lança sua substância, ou seja, a lua, esposa de todos os planetas, mas especialmente

do sol". (Mysterium XI 31).

"Como as estrelas, cheias de desejo, atraem para si o poder do sol, do mesmo modo o sol também penetra poderosamente as estrelas, de modo que recebem sua luz do poder do sol. As estrelas enviam novamente seu poder inflamado, como produto próprio, aos elementos". (Grace, II 26).

Mas como as estrelas têm sua origem no mundo da luz e no mundo das trevas, não só o bem, mas o mal que existe no mundo terrestre procede delas.

"Com a criação da constelação o bem e o mal se manifestaram, pois neles está manifestado o poder ígneo e colérico da natureza eterna, assim como o poder do santo mundo espiritual, como uma essência soprada. Assim, há muitas estrelas escuras que não podemos ver, e há muitas estrelas brilhantes que podemos ver" (Mysterium, X 36).

"O bem e o mal em todas as coisas vem das estrelas; e como as criaturas sobre a terra estão mergulhadas em suas qualidades, o mesmo ocorre com as estrelas". (Aurora II 2).

"Tudo o que vive e existe é despertado e trazido à vida pelas estrelas, pois elas não são apenas fogo e água, mas também possuem dureza e maciez, amargura e doçura, todos os poderes da natureza e tudo o que está contido na terra". (Threefold Life VII 46).

"A constelação é a causa das artes e da ciência, assim como de toda ordem e harmonia neste mundo, pois desperta as árvores e metais, permitindo que cresçam. Na terra estão todas as coisas contidas nas estrelas; a constelação inflama a terra, e tudo isso junto é senão um espírito" (Threefold Life, VII 48).

Em suas relações com a terra e elementos, as estrelas atuam como a parte mais elevada, viva e, por assim dizer, como poder masculino.

"As estrelas são a quinta-essência, na quinta forma dos elementos, e por assim dizer, a vida dos quatro". (Threefold Life, VII 45).

"O céu estrelado governa em todas as criaturas como se estivesse em sua

própria propriedade. Esse céu é o homem, e a 'matéria' ou a forma aquosa, é sua mulher, que dá á luz ao que o céu cria". (Three Principles VII 33).

"O superior deseja o inferior e vice-versa. A fome daquilo que está acima é direcionado poderosamente para a terra, e a fome da terra busca aquilo que está acima. Assim, se compararmos um ao outro, são como corpo e alma, ou como homem e mulher, gerando filhos". (Grace V 19).

Mas é preciso compreender que há uma vida distinta na terra. Isso está provado por seus produtos, também pelo seu desejo pelo sol, em conseqüência do que ela está sempre girando.

"Se você observar a terra e as pedras irá reconhecer que há uma vida ali; pois, se assim não fosse, não haveria nem ouro, nem prata, nem ervas, nem grama". (Aurora, XIX 57).

"Cada existência deseja a outra. A que está acima, deseja a que está abaixo; a que está abaixo deseja a que está no alto. Desta forma, a terra anseia as estrelas e o espiritus mundi, de modo que não tem paz". (Clavis, 110).

"A terra está girando porque possui dois fogos, o fogo frio e o quente, e aquilo que está embaixo sempre deseja elevar-se em direção ao sol, porque a terra recebe espírito e poder unicamente do sol. Portanto, ela está girando. O fogo, seu desejo de luz, a faz girar, pois ela deseja ser inflamada e ter vida própria. Tendo, contudo que permanecer na morte, até que deseje e atraia a vida que está acima, abrindo seu centro para sempre receber a tintura e fogo do sol". (Threefold Life XI 5).

Os quarto elementos são realmente apenas qualidades do verdadeiro elemento único, oculto atrás dos quatro elementos externos.

"Aquilo que chamamos de quatro elementos, de fato não são elementos, mas meras qualidades do elemento único e verdadeiro". (Three Principles, XIV 54).

"A quinta-essência é uma substância paradisíaca no mundo celestial, mas encerrada no mundo externo; ou seja, não aprisionada ali, mas apenas

invisível". (Clavis Specialis).

"Fogo, ar, água e terra foram produzidos do centro da natureza, e consistem na inflamação de uma substância. Desde que essa ignição ocorreu, eles apareceram em quatro formas, chamadas de 'elementos'; mas eles ainda são interiores e na verdade só existe um elemento. Não há quatro elementos no céu, mas apenas um; mas os quatro estados estão contidos ali". (Threefold Life V 105).

Desta base supraterrestre surgiram os elementos terrestres externos. O primeiro a ser separado foi o fogo, depois o ar, água e finalmente o elemento terra.

"Do fogo origina-se o ar e do ar a água e da água a terra; ou seja, uma substância que é de natureza terrestre; os elementos são meramente uma manifestação externa do elemento eterno interior e um fumaça inflamada do último". (Mysterium, VII 19).

Os elementos tendo sido emitidos de sua unidade original desejam fortemente uns aos outros, mas ao mesmo tempo há disputa e luta entre eles.

"Os quatro elementos são apenas qualidades de um elemento indiferenciado. Portanto há uma grande ansiedade e desejo entre eles. Eles constituem interiormente um só princípio, e, portanto desejam instintivamente uns aos outros, sendo que cada um busca o princípio interior no outro". (Clavis 106).

"Os quatro elementos surgiram do elemento único, que possui uma única vontade; eles existem agora num único corpo, havendo entre eles muita luta e disputa. O calor está contra o frio, o fogo contra a água; o ar está contra a terra e cada um causa a morte e o rompimento do outro". (Signature XV 4).

Em muitos dos produtos da terra –por exemplo, em muitos minerais – a verdadeira essência parece estar totalmente oculta na morte; mas em outras, especialmente nos metais nobres e pedras preciosas, ainda manifestam seu brilho.

“Pode parecer estranho para a mente racional, se observarmos a terra com suas pedras sólidas e sua aparência áspera e dura, que grandes pedras tenham sido criadas, sendo em parte inúteis e muitas vezes um obstáculo para as criaturas deste mundo”. (Mysterium X I).

“A consciência terrestre corrompeu a celeste, e a primeira tornou-se a Turba da última. Da mesma forma, o Fiat fez a terra e as pedras a partir da essencialidade eterna”. (Menschwerdung I 9).

“Mas na terra encontramos ainda uma outra tintura oculta que é como a celeste, especialmente nos metais preciosos”. (Six Theosophical Points, VI 2).

“O ouro está intimamente ligado á substancialidade divina ou corporeidade celestial. Isso seria visto se pudéssemos dissolver o corpo morto do ouro e o tornássemos volátil, espírito ativo, mas isso só é possível através do poder de Deus”. (Signature III 39).

“Pelo que se sabe sobre pedras preciosas, granada oriental, delfins, rubis, ônix, etc. elas tem sua origem lá onde o raio de luz surgiu no amor. Esse raio nasce na humildade, e é o coração no centro dos espíritos. É por isso que tais pedras são tão singelas, graciosas e, ao mesmo tempo, tão poderosas”. (Aurora, XVIII 17).

O que ocorre no mundo mineral, também ocorre no mundo vegetal e animal. Ali, os poderes da morte também penetraram todas as coisas; mas também existem formações que mostram uma relação com o paraíso.

“Antes da queda, o paraíso florescia por todas as árvores e frutos que Deus criou para o homem. Mas quando a terra foi amaldiçoada, essa maldição penetrou todos os frutos, tornando todas as coisas boas e más. Houve morte e podridão em tudo o que anteriormente encontrava-se na única árvore, chamada de árvore do conhecimento do bem e do mal”. (Threefold Life IX 15).

“Os frutos da terra não estão inteiramente na cólera de Deus, pois a palavra incorporada, sendo imortal e imperecível, estava florescendo novamente no corpo da morte, produzindo frutos do corpo mortificado da

terra”. (Aurora, XXI 24).

“Alguns animais, especialmente os mansos, estão intimamente relacionados ao elemento único; outros, principalmente os ferozes, estão mais relacionados com os quatro elementos”. (Three Principles, XVIII 10).

“Há animais peçonhentos e vermes crescendo da qualidade colérica, formados depois do centro do mundo de trevas. Eles amam habitar unicamente nas trevas, e se escondem da luz. Além do mais, há muitas criaturas formadas pelo spiritus mundi a partir do reino da fantasia, tais como macacos, certos animais e pássaros, que adoram pregar peças, atormentar e perturbar outras criaturas, de modo que um é inimigo do outro, e estão sempre brigando. Por outro lado, há também criaturas boas e delicadas, feitas segundo modelos do mundo angélico, tais como os animais mansos e os pássaros: entre eles, contudo, encontra-se também os de má qualidade”. (Grace, V 20).

Em cada coisa externa está oculto algo eterno e inapreensível, que emerge novamente de forma etérea fora do corpo degradado da substância terrestre.

“Em cada coisa externa há duas qualidades, uma que se origina do tempo e outra da eternidade. A primeira qualidade ou temporal está manifestada, a outra, oculta”. (Signature, IV 17).

“Nos seres deste mundo encontramos em todo lugar dois seres em um – primeiro, um ser eterno, divino e espiritual e depois um que tem um princípio, que é natural, temporal e corruptível. O desejo soprado, ou seja, o amor do poder divino pela natureza, de onde a natureza e a vontade- própria se originaram – busca livrar-se da vontade natural pervertida, e está destinada, no final dos tempos, a ficar livre da ilusão adquirida, e a ser trazida para uma natureza clara e cristalina”. (Contemplations, I 30).

“Observem a árvore. Externamente possui uma casca grossa e áspera, parecendo morta e incrustada; mas o corpo da árvore possui um poder vivo, que se rompe através da casca seca e dura gerando vários novos corpos, galhos e folhas, todos enraizados no corpo da árvore. Isso ocorre em todas as casas deste mundo, onde a luz santa de Deus parece ter se extinguido,

porque foi atraída pelo princípio deste mundo, portanto parece morta, embora ainda exista em Deus. Mas o amor sempre e sempre rompe esta mesma casa de morte, gerando galhos celestiais e santos nesta grande árvore, enraizada na luz". (Aurora, XXIV 7).

Todas essas formações externas procedem da vida-fogo por meio da tintura e da qualidade oleosa, espiritual, que manifesta seu poder e atividade em contraste com os elementos.

"Cada coisa é como um fogo. Contudo, a tortura do fogo não é uma vida verdadeira, mas a tintura que se origina do fogo". (Threefold Life VIII 18).

"Como o espírito está em uma coisa, assim é a tintura, pois a tintura emana do espírito e é sua luz". (Three Principles, XIII 45).

"Onde existe um desejo, existe um fogo, pois o fogo deseja substancialidade, a fim de ter algo para consumir. Ele não pode fazer para si qualquer substancialidade, mas faz uma tintura e essa tintura produz a substancialidade". (Threefold Life VIII 33).

"A tintura produz todas as cores, porque introduz a qualidade do fogo e da luz na água. Assim, ela também transforma água em sangue". (Six Mystical Points, i 5).

A qualidade oleosa está nas pedras, metais, ervas, árvores, animais e homens. A qualidade mortal está na terra, na água, no fogo, no ar. Essas quatro qualidades são, de fato, como um corpo morto; mas o óleo ali é como uma luz ou uma vida, de onde resulta o desejo ou o crescimento, o desabrochar desta qualidade mortal. A qualidade oleosa não podia, contudo ser uma vida se não fosse uma ansiedade da morte. A última faz surgir a primeira, tornando-a móvel, porque a qualidade oleosa deseja fugir da ansiedade e dali se manifestar, e assim o crescimento ocorre. A morte deve ser a causa da vida e do movimento". (Signature, VIII 5).

A aparência externa ou signatura das coisas é um símbolo do que realmente são em sua essência interior ou do princípio preponderante em seu caráter, aqui se encontra a base da linguagem da natureza.

“Todo o mundo visível externo, em todos os seus estados, é um símbolo ou figura do mundo espiritual interno. Aquilo que uma coisa realmente é em seu interior está refletido em seu caráter externo”. (Signature, IX I).

Aquele princípio que no espírito de sua ação é superior ao resto grava seu caráter principalmente sobre o ser corpóreo, e as outras qualidades são adições secundarias a ela, como se pode observar em todas as criaturas vivas”. (Signature, IX 4).

A forma interna caracteriza o homem, também em sua face. O mesmo se pode dizer dos animais, ervas e árvores. Tudo é marcado externamente com aquilo que é internamente e essencialmente. Pois o ser interno trabalha continuamente para se manifestar exteriormente. Assim cada um tem sua própria boca a fim de se revelar, e aqui está baseada a linguagem da natureza, através da qual cada coisa fale a partir de sua própria qualidade, e represente aquilo do qual pode ser útil e bom”. (Signature, i II – 17).

O Cristo



“O elemento interno que sustenta todo o corpo deste mundo tornou-se o eterno corpo de Cristo; pois, a Divindade em sua totalidade, na palavra e coração de Deus, penetrou ali na eternidade; e a mesma Divindade tornou-se um ser criado; mas tal criatura pode estar em todo lugar, como a própria Divindade”. (Princ. XXIII 20).

“Sem o especial auxílio divino, a humanidade teria caminhado para a perdição eterna, por conta do pecado”. (Hamberger).

“Adão teria se perdido eternamente se o coração de Deus com a palavra da promessa, não tivesse penetrado sua alma, despertando a esperança espiritual que o manteve”. (Forty Questions, viii 5).

“Se o princípio divino do amor ainda não impregnasse toda a natureza neste mundo terrestre, e se nós pobres seres criados não tivéssemos conosco o guerreiro na batalha, com certeza pereceríamos no horror do inferno”. (Aurora, XIV 104).

Deus desejou ajudar a humanidade com sua infinita misericórdia.

“Deus deseja que toda a humanidade seja salva. Ele não deseja a morte do pecador, mas que ele se transforme, e volte-se novamente para Deus, encontrando Nele a vida”. (Three Principles, Preface, I 6).

“A razão (superficial) representa Deus como um ser sem misericórdia, ensinando que Ele lançou sua cólera sobre o homem, e o amaldiçoou com a

morte, pois descobriu no homem a desobediência. Não se deve acreditar nisso. Deus é amor e bondade. Nele não há pensamento de raiva. O homem estaria bem se não tivesse punido a si mesmo". (Three Principles, X 24).

Não havia outro modo de salvar a humanidade, a não ser que o Filho ou a Luz de Deus nela penetrasse.

"Quando a alma afastou-se da Luz de Deus e penetrou o espírito deste mundo, deu-se início ao tormento do primeiro princípio. Ela viu e sentiu que não estava mais no reino de Deus, até que o coração de Deus veio e se colocou entre ela e o reino divino, possibilitando-o penetrar ali e regenerar-se". (Three Principles, IX 6).

"Não havia outra salvação para a imagem divina no homem a menos que a divindade se movimentasse de acordo com o segundo princípio, ou seja, de acordo com a luz da vida eterna, e pelo poder do amor reascendendo a substancialidade (da alma) que estava aprisionada na morte". (Menschwerdung, i II 22).

"A alma separou sua vontade da vontade do Pai g penetrou na luxúria desta vida. Não haveria outra forma de redenção, exceto que a vontade pura do Pai penetrasse outra vez em sua substância trazendo-a novamente ao estado que ocupava primeiramente, de modo que sua vontade fosse novamente direcionada para o coração e luz de Deus". (Three Principles, XXII 67).

"Para auxiliar a alma, o coração de Deus com sua luz, e não o Pai propriamente dito, tinha que penetrá-la, pois no Pai ela já estava de qualquer modo; mas encontrava- se afastada da entrada para a geração do coração (o início da auto consciência divina) de Deus, e seus desejos estavam direcionados para o mundo externo". (Three Principles, XXII 68).

As preparações para esta redenção já haviam sido feitas antes da criação deste mundo, já que o nome de Jesus estava incorporado no homem.

"O nome de Jesus incorporou-se na tintura da alma no Paraíso, quando Adão caiu, e mesmo antes de Adão ser criado; como Pedro menciona em sua primeira carta (I.20), dizendo que nós havíamos sido beneficiados em

Cristo, mesmo antes da fundação do mundo" (Menschwerdung. I 8 I).

"O nome Jesus foi incorporado na imagem da eternidade como um futuro Cristo, a fim de que pudesse se tornar um redentor dos homens, e da morte da cólera pudesse regenera-los em puros seres do poder paradisíaco e divino". (Stiefel, II 74).

"A palavra que Deus pronunciou com relação ao poder que esmagaria a cabeça da serpente, era uma centelha de luz do divino coração de Deus, e ali o Pai, desde a eternidade, viu e elegeu a humanidade. Nesta centelha de luz-amor divino todo o mundo deveria viver, e Adão já se encontrava ali quando ocorreu sua criação, como foi expresso por Paulo (Ep. I 13), dizendo que o homem foi eleito no Cristo antes que a fundação deste mundo fosse estabelecida". (Three Principles, XVI 107).

Enquanto Adão não deixou de ser semelhante a Deus, o Redentor dentro dele não se fez perceptível.

Contudo, isso ocorreu imediatamente depois da queda.

"Desde toda eternidade estava o nome de Jesus em amor imóvel no homem como a imagem de Deus. Mas quando a alma perdeu a luz, então o Verbo pronunciou o nome de Jesus naquilo que era móvel; nas enfraquecidas insígnias da substância do mundo celeste". (Grace, VII 34).

"Antes da queda, Adão recebeu a luz divina de Iahweh , ou seja, do Deus único, onde se encontrava oculto o nome de Jesus. Mas durante o tempo do sofrimento, quando a alma caiu, Deus manifestou o tesouro de Sua glória e santidade, e por meio da viva voz do Verbo, Ele incorporou-Se com o fogo divino na imagem eterna, representando o estandarte da alma, o qual ela seguiria como a um guia. Mas se ela não fosse capaz de penetrar ali, sendo como morta com relação a Deus, o sopro divino a penetraria, advertindo-a a interromper sua atividade maligna, a fim de que sua voz voltasse a ser ativa na alma". (Grace, VII 32).

"Assim que Adão manifestou em si o centro da cólera, Deus instituiu oposição ao demônio, e manifestou nele o poder que esmaga a cabeça da serpente, o qual, anteriormente, quando o pecado ainda não havia

aparecido, encontrava-se oculto (latente) no poder de Deus, e em Jesus como o amor de Deus, na unidade divina". (Stiefel, II 161).

O poder do futuro Redentor manifestou-se, em primeiro lugar, em Eva.

"A expressão interior do demônio, a que lhe deu origem, ocorreu em Adão enquanto ele ainda era homem e mulher, sem ser nem um nem outro, mas uma imagem de Deus. De Adão penetrou em Eva, que começou a pecar. Ocorreu então a expressão interior de Deus, primeiro em Eva, como mãe da humanidade, e através dela se opôs à consciência do pecado que havia começado a se manifestar em Adão". (Grace, VII 47).

"Não é na tintura do homem, que representa a essência ígnea, que a palavra da promessa desejou incorporar-se, mas na tintura da luz, no centro virginal, quem Adão, geraria magicamente, na substância celeste da santa geratriz porque na tintura da luz a alma-essência ígnea era mais fraca do que na natureza ígnea do homem". (Mysterirum, XXIII 43).

"Não foi através da tintura-fogo de Adão que esse evento ocorreu, mas em e através da tintura-luz de Adão, onde o amor estava queimando, que se separou dele para constituir a mulher, a mãe de toda a humanidade. Foi nela que a voz de Deus prometeu introduzir novamente a viva e santa substância do céu, e gerar de forma nova e no poder divino a enfraquecida imagem de Deus que estava contida ali". (Grace, VII 18).

Contudo, isso não ocorreu em seu corpo terrestre, mas em sua essência celeste, que por causa do pecado havia se enfraquecido.

"Quando Deus disse: 'Eu colocarei inimizade, e a semente da mulher esmagará a cabeça da serpente', então a santa voz partiu de Iahweh para a enfraquecida substância celestial da mulher com o propósito de introduzir ali um novo estado celestial e vivo, e conquistar a inflamada cólera de Deus através do mais exaltado amor divino, fazendo com que a monstruosidade e seu desejo fosse inteiramente morto e exterminado". (Mysterium, XXIII 29, 37).

"A voz de Deus, falando a Eva, penetrou a semente da mulher; mas a verdadeira mulher era a virgem eterna, e essa virgem tornou-se revelada

pelo poder da voz falando a ela em nome de Jesus, nome que se desenvolveu de Iahweh , e prometeu que quando o tempo se completasse, a santa e celeste essência-amor, seria novamente introduzida na imagem enfraquecida". (Grace, VII 33).

De Eva, o Salvador como uma encarnação manifestaria na plenitude do tempo, o poder bem aventurado radiado e expandido sobre toda a humanidade.

"Deus falou na imagem de Adão, enfraquecida com relação à sua vida divina, Sua palavra santa, 'A semente da mulher esmagará a cabeça da serpente'. Pela ação desta voz a alma destituída recuperou a vida divina, e essa mesma voz (consciência interna) foi perpetuada de homem a homem como o pacto da misericórdia". (Grace, VII 16).

"O Cristo foi perpetuado em todos os homens como uma centelha brilhante da luz divina, de acordo com a qualidade da imagem verdadeira e como uma potencialidade (ou semente do ser imortal), mas, é claro que não na carne externa do mundo terrestre, mas dentro do segundo princípio". (Stiefel, II 318).

"A palavra que tinha sido incorporada na semente de Eva perpetuou-se de homem a homem em sua parte celestial como um som (consciência) ou centelha da divina e santa luz ígnea, até o tempo em que Maria foi despertada, quando o tempo do cumprimento do pacto havia chegado e as portas da câmara fechada foram abertas". (Mysterium, XXIII 31).

Esse evento não poderia ter ocorrido antes, por causa da grande corrupção da alma humana, mas nas mentes daqueles que desejavam submeter-se à misericórdia divina, tal poder resistiu a Satã, e chegou a despertar profetas entre eles.

"Cristo permaneceu em Adão e Eva como um mistério divino, e não tomou substância divina em neles. Ele permaneceu sem movimento até chegar o tempo (de Sua manifestação); só então Ele movimentou-se na semente da mulher". (Stiefel, 448).

"A semente da mulher recebeu sua unção através do movimento do nome

de Jesus, somente em Maria, mas não em Adão, Abel, Enoque, Noé, Isaac, Jacó e Davi. Os antigos profetas não conheciam o Cristo em sua semente, nem que Ele havia movimentado-se dentro de sua semente carnal, mas somente dentro de seu espírito e alma, no desejo de fé (conhecimento espiritual). (Stiefel, II 453).

"A alma (astral) de Adão e Eva e de todos os seres humanos encontrava-se ainda muito bruta, não maleável e impregnada pelo primeiro princípio. Portanto o Verbo e a esmagadora da cabeça da serpente não tomaram forma dentro de suas almas; mas ficou na mente daqueles dispostos a se renderem a tal trabalho, opor-se aos demônios e ao reino do inferno". (Three Principles, XVIII 26).

"Os santos de Deus sendo profetas, e profetizando no espírito de Jesus, falavam objetivando o pacto, ou seja, a partir do Verbo prometido, que se movimentou novamente na carne; isso é dizer que, o Verbo estava contido dentro da imagem interior enfraquecida, e se desdobrou e indicou ao homem exterior o que aconteceria com ele no futuro, quando se manifestaria, destruindo ali a morte e a repugnância resultante da batalha que ocorre nas formas de vida". (Stiefel 385).

Como nossos progenitores (quanto ao aspecto terrestre) eram governados pela razão externa, Eva acreditava que dando à luz a Caim, a esmagadora da cabeça da serpente já viria ao mundo.

"Ouça e veja qual era o desejo de Adão e Eva antes e depois da queda. Eles desejaram o reino terrestre e a mente de Eva estava direcionada para as coisas terrestres. Quando ela deu à luz a Caim, disse: 'Eu tenho o Homem, o Senhor'. Ela pensou que ele era aquele cujo calcanhar esmagaria a cabeça da serpente, afastaria o demônio. Ela não pensou que deveria morrer quanto a sua vontade carnal, terrestre e falsa e renascer na vontade divina. Tal vontade (egoísta) ela carregaria com sua semente, e Adão, da mesma forma, resultando a vontade na essência-alma. A árvore produziu um galho de sua própria natureza, pois os pensamentos de Caim tiveram a mesma propensão, tornando- se senhor desta terra. Quando Caim viu que Abel era maior do que ele no amor de Deus, sua vontade animal livre surge com o propósito de matar Abel, pois ele preocupava-se apenas com a possessão do mundo externo, e de ser seu senhor, enquanto Abel procurava apenas o

amor de Deus". (Mysterium, XXVI 23).

Como uma antítese de Caim, um outro filho nasceu de Adão; Abel, não era tanto uma imagem de sua terrestrialidade, mas de sua essencialidade celeste, que havia sido restaurada a certo ponto, pela misericórdia divina.

"Depois da queda, Iahweh pronunciou o nome de Jesus em Adão numa vida real; ele o manifestou no ser celeste, enfraquecido por conta do pecado. Em conseqüência desse pronunciamento, houve um despertar da morte espiritual ou do estado de morte, onde Adão havia mergulhado; um desejo divino foi novamente despertado, era o princípio da fé. Esse mesmo desejo separou-se da qualidade do falso desejo, formou uma imagem e Abel veio à existência; mas Caim era o produto da qualidade da alma de Adão, de acordo com sua luxúria terrestre". (Grace, IX 101).

Assim, Abel no contexto geral, e especialmente por causa de sua morte forçada, representava uma espécie de antítese do Redentor.

"Com relação ao seu estado humano externo, Abel também foi pecador; mas em seu interior o mundo angélico e a imagem do Paraíso, floresciam. Então o homem interior colocou seu calcanhar sobre o monstro-serpente do falso desejo, e por outro lado, o monstro-serpente mordeu o calcanhar de sua vontade Angélica" (Mysterium, XXVIII 2).

"O assassinato do corpo externo de Abel, por Caim, simboliza que o homem externo tem que ser mortificado na cólera de Deus. A cólera tem que matar e consumir a imagem externa que cresceu na cólera, mas de sua morte surgiu a vida eterna". (Mysterium, XXVIII 14).

"Abel, representando uma antítese do Cristo, que sofreu a morte pela humanidade, havia que passar pela morte sem ter produzido ramos ou frutos; pois o fruto que Cristo havia que gerar era a árvore da humanidade; essa tinha que renascer no espírito, e não gerar novos ramos da velha árvore. Assim, Abel, como a antítese do Cristo, não tinha que produzir novos ramos de suas entranhas". (Mysterium, XXIX 22)

No lugar de Abel, Adão produziu um terceiro filho, Sete, em quem se perpetuaria a linhagem de geração da qual o Salvador nasceria na carne.

“Adão, através de sua Eva, produziria ainda um novo ramo da árvore da vida, um filho, cuja imagem poderia ser similar e semelhante à Adão, chamado Set (uma raça); nele um raio da vontade-amor está preservado dentro da vontade ígnea; tal raio ainda se encontrava aprisionado pela essência do mundo externo, a casa corrupta (matéria que mais tarde se tornaria) carne”. (Mysterium, XXIX 24).

“Com Sete, a linha do pacto foi perpetuada; nela o Cristo viria a se manifestar com relação a árvore da humanidade”. (Mysterium, XXIX 26).

A misericórdia do Senhor também foi mostrada a Caim. O Senhor o protegeu contra seus inimigos demoníacos, a fim de que pudesse arrepender-se.

Caim temia que os espíritos (elementais) que o haviam influenciado a cometer assassinato o matassem. Para evitar isso, Deus decretou que quem quer que tire a vida de Caim seria punido eternamente através das sete qualidades do mundo das trevas”. (Mysterium, XXIX 55, 58).

“Pelo mandamento: ‘Sobre aquele que matar Caim a vingança será setenária’, o terrível vingador, o abismo do inferno, foi afastado de Caim, a fim de que ele não fosse vítima do desespero. Caim afastou-se de Deus, mas, no entanto, o reino dos céus estava diante dele para permitir que voltasse e penetrasse o arrependimento. Deus não quis rejeitar Caim, apenas seu assassínio fraco e sua falsa crença”. (Three Principles, XX I).

Caim e seus descendentes, contudo, preferiram se entregar às ocupações e desejos mundanos, enquanto que a geração de Sete penetrou a contemplação divina.

Caim foi feito de carne e sangue e não compreendeu as palavras sobre morte eterna; mas estando seguro de que ninguém o mataria, tornou-se novamente satisfeito, voltando-se para as artes terrestres; não só para a agricultura, mas também para o trabalho com os metais”. (Three Principles, XXI 5).

“Dos descendentes de Caim resultaram as artes como uma maravilha da sabedoria divina atuando na natureza e através da natureza, mas em Sete o

Verbo entrou em contemplação espiritual". (Mysterium, XXX 2).

Os descendentes de Noé – Sem, Ham e Jafé – representam as tendências mentais das três principais raças da humanidade antes do dilúvio.

"Depois que o primeiro mundo terrestre da qualidade humana se afundou no dilúvio, sua forma tornou-se reconstituída em Noé e em seus três filhos". (Mysterium, XXIV 30).

"Sem representa o mundo da luz; Jafé, o mundo do fogo, onde a luz é visível. Jafé representa também uma imagem do Pai, Sem a do Filho; mas Ham é uma imagem do mundo externo". (Mysterium, XXXI 10).

Destas direções fundamentais resultam os diferentes destinos destas raças, tais como já haviam sido previstos por Noé.

"A configuração de Sem desceu sobre Abraão e Isaac, pois o Verbo do pacto foi manifestado e continha em si o som; mas a configuração de Jafé passou pela sabedoria da natureza no reino da natureza, e daí originou-se os gentis (povo intelectual, mas não espiritual) que deram atenção (proeminentemente) à luz da natureza (coisas naturais). Assim, Jafé, ou seja, a alma destrutiva, aprisionada, pertencente à natureza eterna, vivia entre as "cabanas" de Sem, quer dizer, dentro do pacto, pois a luz da natureza vive na luz da graça, constituindo uma forma ou um estado concebido da luz informada de Deus. A linha descendente de Ram encobriu o homem animal, formado do Limus da terra, onde está a maldição, de onde surgiu a raça sodomita semi-animal, que não presta atenção nem na luz da natureza nem na luz da graça, no pacto". (Mysterium, XXXIV 14).

"Noé disse: 'Louvado seja o Deus de Sem, e Jafé deve viver nas cabanas de Sem'. Pela expressão 'Deus de Sem', compreende-se o Verbo santo no pacto, e como se manifestaria, de modo que os Jafitas ou gentis, aqueles que viviam apenas pela luz da natureza, chegariam à luz da graça, manifestada em Sem, penetrando assim a 'morada de Sem' e passariam a viver ali. Mas Ham, o espírito da luxúria carnal, deveria tornar-se um servo dos filhos da luz, segundo sua qualidade, porque os filhos de Deus o forçariam a se tornar submisso à Ele, afastando sua desprezível vontade própria" (Mysterium, XXXIV. 31).

O nome de Abraão não tinha um significado terrestre, neste e em outros aspectos, ele era uma espécie de antítipo de Cristo.

"O grande nome que Deus deu a Abraão em sua semente, não era para ser tomado num sentido terrestre; Abraão era sobre a terra como um estrangeiro, possuindo nenhuma principalidade ou reino. Era para ser na semente prometida e abençoada, um estranho sobre a terra, e assim assemelhar-se ao Cristo, cujo reino também não era deste mundo". (Mysterium, XXXVII 23).

No entanto, os filhos de Abraão representam a mesma antítese de Noé e Adão.

"Isaac não foi feito inteiramente de essência celeste, mas de ambas, ou seja, da essência Adâmica de Abraão e da palavra concebida da fé, ou a substância do Cristo; mas Ismael tinha apenas a natureza própria de Adão, de acordo com a qualidade corrupta, e não da palavra concebida da fé, que estava atuando com força superior sobre Isaac". (Mysterium, XL 13).

O mesmo pode ser dito sobre os filhos de Isaac, onde está plenamente representado uma imagem do primeiro e segundo Adão, e a conquista final do primeiro pelo segundo.

"Tanto Esaú como Jacó, além das suas raças descendentes, originaram-se de uma semente. O primeiro, procedendo unicamente da natureza Adâmica, era o maior, comparável ao primeiro homem que Deus criou em sua própria imagem; imagem que se tornou corrupta e morta com relação a Deus. O outro (Jacó) também procedeu da mesma natureza Adâmica; mas nesta natureza encontrava-se o reino da graça na essência da fé, constituindo um conquistador. Mesmo que o último fosse inferior, segundo a natureza Adâmica, no entanto, Deus estava (mais) revelado em Jacó, de modo que o maior deveria servir e se subjugar ao menor. Não é mostrado que Esaú tenha se subjugado a Jacó, mas a história representa-nos um símbolo espiritual, mostrando como o reino da natureza no homem deveria subjugar-se e submeter-se em humildade ao reino da graça; mostra como se tornaria inteiramente submerso na humildade divina, e como desta humildade se tornaria regenerado". (Mysterium, LII 29).

“De Esaú segue-se Jacó como a imagem do Cristo, concebido na essência da fé e assegurando-se no calcanhar de Esaú. A imagem Adâmica criada por Deus havia primeiro que nascer e viver eternamente, mas não em seu estado animal e grosseiro de existência. Com a expressão ‘Jacó apegando-se ao calcanhar de Esaú’, está simbolizado que o outro Adão, ou seja, o Cristo, deveria nascer depois do primeiro Adão, e alcança-lo por trás, atraindo-o de volta da direção de sua vontade própria para a primeira matriz, onde a natureza originou-se, a fim de que renascesse”. (Mysterium, LII 37).

“Esaú nasceu de pais santos, e representava uma imagem da natureza corrompida somente com relação ao seu estado de separação. Deus separou também a imagem do Cristo da mesma semente dos pais de Esaú (assim como Jacó), e a colocou diante dele, como um contraste para seu irmão (Esaú). Além do mais, Jacó, através de seu dom e humildade excitou a grande compaixão em Esaú; portanto não se pode condenar a Esaú”. (Grace, IX 121).

Mais importante que estas oposições são aquelas dos descendentes de Jafé, pois escolheram para si falsos deuses dos poderes da natureza, e foram guiados por eles através dos oráculos.

“A idolatria dos gentis consistia no abandono do Deus único e no voltar-se para a geração mágica da natureza, selecionando falsos deuses dos poderes da natureza”. (Mysterium, XI 6).

“Os gentis adoravam o sistema planetário e os quatro elementos; eles tinham o conhecimento de que esses regiam a vida externa de todas as coisas. Assim, através da palavra concebida intelectualmente penetravam a igualmente a palavra concebida e formada (manifestada). Por outro lado, o espírito da palavra formada da natureza tornou-se parte deles, sendo que um intelecto passava para o outro. O intelecto humano movimentou a inteligência com a alma do mundo externo tão longe o desejo

deste permitiu, e através desta inteligência (que reside na luz astral ou mente do mundo externo) o espírito profético para fora do Espírito de Deus indicando a eles, como que nos tempos futuros a palavra formada da naturezxa externa se manifestaria na construção e na destruição dos reinos, etc. Fora desta alma do mundo, os gentis recebiam respostas através de suas

imagens e ídolos, porque a fé que introduziram neles tão fortemente, os movimentavam; esta não foi, portanto, uma total obra do demônio, como". supunham aqueles que, nada sabendo sobre os mistérios, tornam o demônio responsável por tudo, enquanto ignoram até mesmo o que Deus e o diabo são". (Mysterium, XXXVII 10-13).

Aqueles gentis que levavam uma vida pura e sem culpa, chegavam a um conhecimento dos símbolos das coisas celestiais através da habilidade de enxergar no espelho da natureza externa.

"Os gentis ficaram com sua magia própria. Aqueles que deixaram o desejo da corrupção e penetraram a luz da natureza, porque não conheciam à Deus, mas que, no entanto, viviam na pureza, eram filhos da vontade livre, e neles o espírito da liberdade desenvolveu grandes maravilhas, como pode ser visto nas obras da sabedoria que deixaram". (Terrestrial and Celestial Mysterium, VIII.9).

"Nos gentis altamente intelectualizados na luz da natureza o santo reino interior estava espelhado; a verdadeira inteligência divina estava fechada e eles captassem apenas um reflexo exterior; no entanto, na restauração de todas as coisas, quando o véu será removido, viverão na cabana de Sem". (Mysterium, XXV 24).

Não apenas nos Israelitas (raças espiritualmente despertadas), mas também nos gentis (raças que viviam num plano mais material) estava ativo o poder do Redentor (o Verbo), que havia sido pronunciado em Eva, e por este intermédio, também em toda humanidade.

"Adão surgiu de um único Deus, penetrou uma individualidade uma ignorância, levando todos nós para esta ignorância (ou mal-entendido); Surgiu então a graça, procedente do mesmo e único Deus, que se oferece a todo aquele que se julga ignorante, sejam gentis ou Judeus". (Mysterium, LXX 78).

"Os gentis não eram daquela semente de Abraão com a qual Deus fez um pacto; mas o primeiro pacto, a palavra pronunciada na misericórdia, era como uma fundação neles. Portanto, diz Paulo (Rom. IX 24), que Deus não havia chamado e eleito meramente os Judeus em seu pacto, mas também

os gentis no pacto de Cristo, e que Ele chamou de “Meu Povo” e Meus “Bem-amados” aqueles que não O conheciam, e que, não O conhecendo, não eram seu povo num sentido externo. A proposição da graça, que havia se incorporado através do pronunciamento no Paraíso, após a queda, estava contida neles, e por causa disso Deus os chamou de bem amados. Somente os filhos da cólera podem ser exceção, porque neles a incorporação do nome de Jesus não ocorre, somente a incorporação da cólera. Essa, no entanto, nunca estende-se sobre a totalidade das raças, mas meramente sobre aqueles indivíduos entre elas que são como a praga entre o milho”. (Grace, X

“Antes da encarnação de Cristo a humanidade redimia-se através da palavra incorporada em nome de Jesus. Aqueles que direcionavam sua vontade em Deus e para Deus receberam a palavra da promessa, porque a alma foi aceita. Assim, toda a lei relacionada ao sacrifício nada mais é do que um antítipo da humanidade de Cristo. Aquilo que o Cristo fez como homem, quando através de seu amor reconciliou a cólera divina, foi feito (simbolicamente) através do sangue dos animais. A palavra da promessa estava no pacto, e no meio tempo Deus concebeu uma figura (símbolo), e pelo poder do pacto fez com que fosse reconciliado simbolicamente, pois o nome de Jesus estava no pacto, e através da imaginação reconciliou a fúria e a cólera da natureza do Pai”. (Menschwerdung, I 7 12).

“Os sacrifícios eram símbolos do objeto o qual Deus havia proposto a Si mesmo. A imaginação divina enxergou através do objeto do pacto, o sangue animal, enquanto Israel realizava o sacrifício. O homem havia se tornado terrestre, e, portanto Deus colocou diante de Si o objeto para um pacto de misericórdia, a fim de que Sua imaginação não penetrasse a consciência terrestre do homem, e que Seu fogo-cólera não fosse inflamado pela materialidade e pecados da humanidade”. (Tilk. I 289).

Essa reconciliação (ou acordo) certamente não resultaria de um ato meramente externo de sacrificar animais, mas através da fé que o acompanhava. Essa fé necessitava de uma ação ou forma externa, na qual pudesse ser concebida.

“Todo sacrifício sem fé e desejo divino é uma abominação diante de Deus, e não alcança o portão da glória divina; mas se o homem penetrar ali

com o poder da fé, renderá ao ato sua vontade livre e seu desejo, e através desta instrumentalidade, penetrará a vontade livre e eterna de Deus". (Mysterium, XXVII 13).

"Por que os irmãos (Caim e Abel) desejaram fazer sacrifício a Deus, sendo que o pacto só é encontrado no sincero desejo pela misericórdia de Deus, na oração e no convencimento do próprio homem da necessidade de abandonar sua vontade própria e demoníaca, da necessidade de transformar e arrepender-se e de trazer sua fé e esperança para a misericórdia de Deus? A vontade livre da alma é tênue como um nada; ainda que seu corpo (material) esteja envolvido por algo (substancial), sua essência concebida e própria encontra-se num estado de falso desejo, devido ao pecado. Se, então, essa vontade livre, com seu desejo (acompanhada pelo) deve atuar em direção a Deus, terá, em primeiro lugar, que se projetar de seu próprio algo ilusório, e toda vez que de lá se projetar, estará nua e impotente, e novamente dentro do nada original. Se a vontade deseja penetrar em Deus, deve morrer para seu próprio egoísmo e deixar o (eu) ilusório; toda vez que a vontade abandona o eu, fica como que nada e não pode agir, lutar ou realizar nada. Se a vontade deseja mostrar seu poder, deve estar dentro de algo onde possa conceber e formar a si mesma, como é o caso da fé; pois, se há uma fé ativa, então essa fé deve conceber algo (ter algum objeto) onde possa agir. Até mesmo a vontade livre de Deus concebeu a si mesma (tem como objeto) o mundo espiritual interno, através do qual atua. Assim, a vontade livre da alma do homem, tendo sua origem no abismo (a vontade incognoscível e primordial), deve conceber a si mesma em algo, a fim de manifestar-se e movimentar- se diante de Deus". (Mysterium, XXVII. I 4-6).

A substância impura e terrestre da vítima seria destruída pelo fogo, mas esse fogo não era de uma espécie terrestre e sim celeste.

"O espírito do homem foi emanado de Deus, e partiu de Deus (o Eterno) através dos tempos; no temporal, tornou-se impuro. Agora, é preciso deixar essa impureza, e através do sacrifício penetrar novamente em Deus". (Mysterium, XXVII 34).

"O corpo de Adão foi criado do Limus da terra, e também do Limus do céu da santidade; mas o Limus do céu, onde a vontade livre poderia

conceber-se numa forma celeste e assim mover-se, agir, pensar e orar diante de Deus estava enfraquecido em Adão, e, portanto, os dois irmãos inflamaram (sacrificaram) os frutos da terra. Caim trouxe dos frutos da terra (matéria), mas Abel trouxe do primogênito seus rebanhos (do espírito), e isso foi inflamado através do fogo". (Mysterium, XXVII 7).

"Um intermediário animal, chamado de a carne dos animais, deveria estar no santo fogo(-vontade) de Moisés, porque o homem havia adquirido uma natureza animal, de modo que, a natureza animal, através do fogo-cólera do Pai, fosse consumida, e para que o fogo-amor pudesse inflamar o fogo da alma humana, através do desejo introduzido na vítima. Assim, o desejo de Deus no Verbo, percebeu o desejo do homem através do fogo, pois no fogo (divino) a vaidade animal na vontade do homem, havia sido consumida, através da cólera, e a vontade humana purificada, com a graça paradisíaca incorporada, penetrou como um doce odor no fogo-amor de Deus". (Communion, I 31).

"Embora madeira e animais haviam sido usados nos sacrifícios, o fogo usado ali não fora produzido por meios externos, mas originado da mais elevada tintura da fundação paradisíaca. Esse fogo santo consumiu as vítimas através da imaginação e inflamação de Deus, e assim, a vontade humana, introduzida ali e que ainda estava inclinada à condição terrestre, foi (e ainda é) purificada no fogo e redimida do pecado. A grosseria dos elementos havia de ser consumida, e desta consumação pelo fogo deveria emanar a imagem espiritual, bela, pura e verdadeira, criada em Adão; a qual, enquanto contida no fogo da cólera divina, não podia aparecer em sua clareza através desse fogo santo". (Batismo, II 2 16).

O homem tinha que penetrar, com a mente, esse fogo santo, onde estava representada a luz do Cristo e também a reconstituição do homem ao seu estado de ser, reunindo-se assim com Deus.

"Nos tempos do Antigo Testamento o acordo pelo sacrifício aconteceu através do fogo santo, que era um símbolo da cólera de Deus. que haveria de consumir o pecado junto com a alma. A qualidade do Pai na cólera estava manifesta nesse fogo, e a qualidade do Filho, no amor e na humildade introduziu-se na cólera. Eles sacrificaram a carne dos animais, mas introduziram a imaginação e oração na graça de Deus". (Baptism, I 2,

23).

"Havia uma qualidade animal, a alma animal, originária dos planetas, anexada à mente do homem, em conseqüência da qual sua vontade e oração não eram puras diante de Deus, portanto o fogo- cólera de Deus consumiu esta vaidade animal dos homens através do sacrifício; mas a concebida imagem da graça seguiu com a oração para o fogo santo. Assim, os filhos de Israel foram reconciliados com Deus e libertados de seus pecados de forma espiritual, e com relação a futuros, porque o Cristo estava por vir, tomar o estado humano e penetrar em Deus como um sacrifício para o Seu fogo-cólera, transformando a cólera em amor". (Baptism, II 25).

"A vítima, a madeira, a fumaça, tudo era terrestre, assim como o homem era terrestre, no que se refere ao seu corpo externo; mas depois que o objeto sacrifical fora inflamado (pelo fogo mágico) tornou-se de natureza espiritual, pois da madeira surgiu o fogo, que recebeu e consumiu o objeto. Desta consumação resultou a fumaça do fogo, seguida pela luz, e essa luz foi o símbolo em que a imaginação do homem e a de Deus, produziram uma conjunção".(Mysterium, XXVII 29 – 30).

"Deus desejou cheirar (durante o sacrifício) nada além do que a vontade do homem, ou seja, a vida humana, a qual, antes do tempo deste mundo encontrava-se dentro da palavra de Deus – não ainda como um ser criado, mas como um poder, soprado na imagem criada. Isso é o que foi "cheirado" por Deus através do sacrifício e na essência de Cristo ou a graça, comunicada ao homem e foi o que reajustou a vontade por meio da graça no fogo resultante da combinação do fogo-vida humano e do fogo-amor divino, constituindo assim um verdadeiro sacrifício do pecado e da restituição, porque o pecado foi sacrificado ao fogo da cólera divina, para que ali fosse consumido". (Communion, I 32).

"Os sacrifícios dos filhos de Deus, especialmente os primeiros pais depois de Adão, nada mais foram do que símbolos, representando como a alma (animal) fora sacrificada no fogo-cólera de Deus e transformada em um fogo-amor; ou seja, ela teve que penetrar um estado de morte e morrer com relação à vontade própria, para que seu falso desejar fosse consumido e para que pudesse emanar numa luz clara, através do fogo e pela graça não comunicada, para com isso penetrar um novo nascimento; não obscuro, mas

claro e radiante. Além do mais, tudo isso demonstrou como o veneno introduzido na alma pela serpente tinha que ser eliminado, com a separação da fumaça e do fogo, a fim de que o fogo aparecesse como um esplendor claro e radiante, e não mais aprisionado (latente), como no caso da madeira (antes de ser inflamada). Assim, os filhos de Deus representaram o processo de regeneração através do sacrifício do fogo, e imaginaram o esmagador da cabeça da serpente no fogo; imaginaram como, no fogo da alma, Ele transformaria o fogo-cólera de Deus num fogo de luz e amor, e como o inimigo se separaria da alma, e como a alma se transformaria num anjo através da morte do Cristo e da penetração do amor de Deus nesse fogo". (Baptism, I 2 10).

Assim, os fiéis "Israelitas" (os filhos da luz) receberam, com o pacto abençoado e na carne do sacrifício, simbolicamente, a carne e o sangue de Cristo.

"A alma, ou seja, a boca da fé dentro da alma, provou a doce e divina graça na hora do sacrifício, não como uma substância, mas no poder (espiritualidade) e no conhecimento antecipado de realizações futuras, quando aqueles poderes se tornariam manifestos na carne. Assim, o corpo comeu do pão e da carne abençoados, onde encontrava-se o poder da graça, ou seja, a imaginação do pacto. Desta forma,

os "Judeus" comeram da carne de Cristo e beberam Seu sangue, simbolicamente, pois o poder ainda não havia se tornado carne e sangue; mas eles desfrutaram da palavra da graça que mais tarde tornou-se humano". (Communion, I 34).

"A carne animal sacrificada ao Senhor e mais tarde comida, fora santificada pelo homem, porque a imaginação de Deus penetrou ali, e, portanto Moisés a chamou de carne santa, e havia também um pão santo". (Communion, I 33).

A redenção



“Deus também vive no homem. Portanto, se amamos e buscamos, não mais que ao nosso (verdadeiro) ser, então amamos a Deus. Aquilo que fazemos uns aos outros fazemos a Deus. Aquele que busca e encontra seu irmão e irmã buscou e encontrou a Deus. Nós estamos Nele, todos em um só corpo com muitos membros, sendo que cada um tem sua própria função”. (Threefold Life, XI 106).

Foi da vontade de Deus tornar-se humano, a fim de restaurar o homem ao seu estado de glória em que fora criado originalmente; ele que em conseqüência do pecado degenerou-se a um ser terrestre.

Podemos ser mal compreendidos por conta de idéias teológicas antigas, sempre prontas a despertarem nas mentes.Tentaremos, então, expressar o significado desta afirmação de maneiras diferentes. Deus, a vontade da sabedoria eterna, quis que Sua sabedoria se manifestasse numa forma humana, porque o homem universal, tendo se tornado absorvido pelas atrações do plano sensual, havia perdido aquele estado divino de consciência que confere a capacidade de percepção da verdade divina. Pois, só a verdade no homem pode reconhecer a verdade universal, e esse princípio havia se tornado inativo; conferir ao homem verdade, auto consciência e vivência com a luz, equivale a restaurá-lo em sua posição inicial, aquela que ocupava no macrocosmo antes de afundar-se na materialidade e na degradação.

“O espírito desse mundo capturou o corpo, tornando-o terrestre; o corpo

e a alma tornaram-se corruptos. Desta forma, não mais estamos em posse do elemento puro necessário para a formação de um corpo (puro), mas de uma protuberância dos quatro elementos em combinação com a influência das estrelas. Este corpo não pertence à Divindade. Deus não Se revela num corpo impuro, mas somente no homem santo (interiormente regenerado), na pura imagem que Ele criou no princípio. Nada mais havia de ser feito além de regenerar a imagem através do coração e da luz de Deus". (Three Principles, XXIII 21).

"O homem deve, novamente, deixar o espírito dos planetas e elementos e penetrar um novo nascimento, na vida de Deus. Isso a alma não pode realizar pelo próprio e, portanto, a vida de Deus que emana do amor e da misericórdia veio até nós em carne e tomou nossa alma humana novamente para si, na vida divina, no poder da luz; assim, nesta vida devemos ter um novo nascimento e penetrar em Deus" (Threefold Life, I 17).

"Para o espírito humano (como tal) seria impossível sair da tormenta de angústia e penetrar a região do céu; Deus teve que surgir novamente, no seio da humanidade e ajudar o espírito humano a romper as portas das trevas, a fim de poder penetrá-lo (revestido) de poder divino". (Threefold Life, XXI 21).

"O Cristo veio para curar o dano que Adão sofreu quando morreu para o reino celeste; para despertar o homem interior, desaparecido em Adão; para regenerá-lo em Seu poder; para esmagar, para sempre, a cabeça da serpente, cheia de ira e falsidade, (ou seja), para matar a vontade terrestre (egoísta)". (Stiefel, ii 168).

Para efetuar tal reconstituição, a ação direta de Deus para com a humanidade não seria suficiente. Sem a encarnação, uma real união entre Deus e o homem, e uma ressurreição da morte, nada teria sido possível.

"Foi da vontade de Deus transmutar a humanidade numa qualidade celeste, após esta ter se tornado terrestre, transformar a terra humana (elemento material) em céu, fazer dos quatro elementos apenas um e transformar a ira de Deus, na qualidade humana, em amor. Mas a ira de Deus, tento sido inflamada no homem, era um poder de fogo e fúria, ao qual se deve resistir e transformar em amor, era necessário que o amor

propriamente dito, penetrasse a ira, circundando-a totalmente. Não bastava para tanto, que Deus permanecesse no céu (em Sua própria auto consciência divina) olhando para a humanidade de forma amorosa. Isso não teria subjugado o poder da fúria e da cólera, a humanidade tão pouco poderia penetrar um estado de amor". (Signature, XI. 7).

"A essência humana não poderia ser concebida na santidade de Deus, sem a presença de um mediador apropriado; a vontade encontrava-se separada dessa essência. Portanto, Deus tornou-se homem, a fim de que pudesse doar ou abençoar a humanidade com Sua divindade, e para que Ele pudesse ser concebido por nós". (Baptism, ii. 36).

"Antes de ocorrer a encarnação, o Verbo podia redimir a alma, a fim de que ela suportasse o teste diante do Pai, no fogo; mas não (o teste) no amor e deleite diante da luz da Santíssima Trindade. Um levantar da tumba não ocorreria. Para que o homem surgisse da tumba, o Verbo teve primeiro que tornar-se homem" (Three Principles, XVI 35).

"Os piedosos se revestiram em Cristo antes de Sua encarnação, no pacto da promessa, não em substância, mas meramente em poder; não na carne, mas meramente no espírito". (Stiefel, II 442).

Em conseqüência do pecado, o poder da morte passou a governar, e, portanto o Próprio Redentor penetrou a morte a fim de conquistá-la, e a fim de obter novamente para nós a plenitude da vida divina.

"Como conseqüência do pecado, não havia salvação para o homem; a menos que o Verbo eterno, coração de Deus, se tornasse humano e penetrasse o terceiro princípio, a carne e o sangue humano e tomasse para si (o estado de) uma alma humana, penetrando a morte de uma alma destituída, através da qual pudesse afastar da morte o seu poder e do inferno a sua picada terrível, conduzindo assim a alma para fora da morte e redimindo-a do inferno". (Threefold Life, VII 39).

"A alma de Adão havia se afastado de Deus e morrido com relação a essencialidade da luz. O segundo Adão trouxe novamente a alma para o fogo, ou seja, na fonte da cólera, e acendeu novamente a luz na morte. A luz foi portanto novamente manifestada nas trevas, e a morte morreu, e para a

cólera ou inferno foi criada uma praga". (Tilk i. 513).

"Como nos afastamos da liberdade do mundo angélico e adentramos a tortura escura, o poder e o verbo da luz tornou-se homem, e nos conduziu para fora das trevas, através da morte no fogo para a liberdade da vida divina, na essencialidade divina. O Cristo tinha que morrer e penetrar a essencialidade divina através do inferno e através da cólera da natureza eterna, para abrir um caminho para a nossa alma através da morte e através da cólera, onde devemos entrar com Ele pela morte, na vida divina". (Menschwerdung, i 3, 7).

"Quando os dois reinos, a cólera de Deus e o amor de Deus estavam lutando um contra o outro, o Cristo surgiu como herói. Desejando render-Se à cólera (ao sofrimento causado pelos princípios baixos despertados para a consciência em conseqüência do pecado), Ele a extinguiu com Seu amor. Ele veio de Deus para este mundo e tomou nossa alma para Si, a fim de poder nos tirar do estado terrestre para Si próprio e nos conduzir à Deus. Ele nos regenerou em Si próprio, para que fossemos capazes de viver novamente em Deus, e para que pudéssemos colocar nossa vontade Nele. Com Ele fomos conduzidos ao Pai, à nossa primeira morada, ou seja, ao Paraíso, o qual Adão havia deixado". (Menschwerdung, i II 6).

"O Verbo tomou nossa própria carne e sangue na essencialidade divina, e quebrou o poder que nos mantinha aprisionado na cólera da morte e fúria. Ele quebrou aquele poder na Cruz, ou seja, no centro da natureza (a quarta forma natural, cujo símbolo é a Cruz), e inflamou novamente em nossa alma (que havia se tornado trevas) um fogo-luz branco e ardente". (Menschwerdung, II 6 9).

"Cristo sacrificou nossa imagem humana à cólera de Seu Pai, para ser engolida na morte, e nesta morte introduziu Sua vida; mas Ele manifestou Seu amor naquela vida que a morte havia devorado, e assim, Ele trouxe aquela vida para fora da morte através de Seu amor (com o qual havia se tornado um e imortal). Assim como uma semente plantada na terra deve morrer (quanto a forma), a fim de que desta morte um novo corpo cresça, o corpo corrupto de Adão tinha que ser sacrificado à morte e à cólera, de onde surgiu o corpo do amor de Deus". (Mysterium, xxviii 17).

De certo modo, a conquista do poder da morte ocorreu já na ocasião da resistência à tentação do Redentor, causada, como no caso de Adão, pela inveja do demônio, mas com a qual o mesmo fora conquistado pelo Senhor.

"Adão deveria tomar posse do trono real de Lúcifer, pois este havia se voltado contra Deus. Daí resulta a grande inveja e rancor do demônio contra a humanidade. Dai origina-se também a tentação de Cristo no deserto, porque o Cristo deveria tomar posse do trono que o demônio exigia, para quebrar seu poder, e se tornar o juiz que o rejeitaria eternamente". (Grace, VI 13).

"Tudo o que seduziu e tornou Adão prisioneiro, na morte das trevas, foi oferecido ao Salvador na ocasião da tentação". (Signature, VII 46).

"A tentação é a dura batalha no jardim do Éden, onde Adão caiu; mas o novo guerreiro saiu vitorioso, e permaneceu como o conquistador". (Three Principles, XII 91).

"Quando o Cristo resistiu à tentação, no lugar de Adão, o recém introduzido Ens celestial quebrou a espada na morte do corpo externo de Cristo; através da santa substância Ele trouxe o corpo externo, tomado da semente de Maria, para o estado santo, pela espada da cólera Neste mesmo poder o corpo externo surgiu da morte, conquistando tanto a morte como a espada ígnea". (Mysterium, XXIV 24).

O primeiro momento da tentação foi quando se sugeriu ao Cristo que tomasse o alimento terrestre ao invés do nutriente celeste; com isso Ele poderia satisfazer o desejo de Seu corpo.

"Depois que o Espírito de Deus conduziu o Cristo para o deserto, o demônio teve permissão para abordá-Lo no reino da cólera e tentar o segundo Adão, da mesma forma como havia tentado o primeiro. Não havia ali nenhum alimento ou bebida terrestre, e a alma de Cristo sabia muito bem que se encontrava em Deus, e que poderia transformar pedras em pão terrestre, já que não havia outro pão ali. Mas ela não desejou comer, com seu corpo celeste, senão o pão celestial, e deixar o corpo terrestre com sua fome, porque a divindade em Cristo disse: 'Coma da palavra do Senhor e irás sair do homem terrestre e repousar no reino do céu; viva no novo

homem, e o velho morrerá por causa do novo'. Contudo, o demônio falou para a alma: 'Teu corpo terrestre está faminto, e como não há pão, transforma tu as pedras em pão'. Então, a alma forte em Cristo permaneceu firme como um guerreiro e disse: 'Nem só de pão vive o homem, mas da palavra que passa através da boca de Deus'. Desta forma, ele rejeitou o pão e a vida terrestre, e colocou sua imaginação na palavra de Deus e dela se alimentou. A alma estava então viva no reino do céu, mas o corpo ficou como morto; isso quer dizer, ele se tornou o servo do céu e perdeu o poderoso governo (sobre a alma)". (Three Principles, XXII 100 – 105).

O demônio pensou ainda em afastar o redentor da vontade divina excitando o espírito da vaidade.

"Depois que a alma de Cristo recebeu o pão celeste, era preciso observar se ela se manifestaria no poder do fogo da vaidade, ou, se plena de humildade, se manteria unicamente no coração e na vontade de Deus, entregando Sua alma e se tornando um anjo da humildade. Nota-se aqui, a astúcia do demônio, pois ele toma as Escrituras e diz: 'Os anjos irão conduzi-lo sobre suas mãos'. Esta passagem tem sido mal aplicada, pois não se refere ao corpo físico, mas à alma. Isso ele quis introduzir no orgulho, para que se confiasse em 'ser carregado pelos anjos'; mas o Redentor disse: 'Também está escrito: Tu não tentarás o Senhor teu Deus'. Desta forma, ele venceu o orgulho do demônio para penetrar a humildade e o amor de Seu Pai celestial". (Three Principles, XXII 108).

Finalmente, ele ofereceu ao Salvador o governo do mundo externo; mas o Senhor não aceitou tal coisa das mãos do demônio, mas de Seu Pai celestial.

"Após o demônio ter falhado por duas vezes, ele se aproximou com a última e poderosa tentação (dizendo) que lhe daria todo o mundo se ajoelhasse e o adorasse. Adão já havia estado ansioso pela possessão deste mundo; ele desejou torná-lo seu; mas ao proceder desta forma, Adão afastou-se de Deus e foi capturado pelo espírito deste mundo. Agora, o segundo Adão havia que se submeter à essa tentação do primeiro Adão. Havia que ser testado se a alma permaneceria com o homem novo, santo e celestial, vivendo na graça de Deus ou no espírito deste mundo. Mas a alma de Cristo disse ao demônio: "Afasta-te de mim, Satã! Pois está escrito:

‘Deves adorar ao Senhor teu Deus, e Servir à Ele unicamente!’. Assim, o valente guerreiro conquistou, e o demônio teve que partir; tudo o que é terrestre foi superado pelo Cristo. Agora o Senhor está acima da lua, e tem todo o poder no céu e no inferno; Ele é Mestre da vida e da morte. Ele deu início ao Seu reino sacerdotal com sinais e milagres. Ele transformou a água em vinho, tornou são o doente, fez com que o cego enxergasse, e o coxo andasse e até despertou o morto para a vida. Ele se sentou na cadeira de Davi e passou a ser o verdadeiro sacerdote na ordem de Melquisedeck”. (Three Principles, XXII 3).

Mas a vitória que o Redentor conseguiu sobre Satã, na ocasião da tentação, não poderia ser suficiente para a redenção da humanidade. Para esse fim, uma transmutação completa se fazia necessária; conseqüentemente, a morte (corporal) do Senhor tinha que acontecer.

“Quando o Cristo nasceu o céu existia na terra – do homem; mas isso não bastava. Os dois mundos tinham que lutar entre si. Portanto, ocorreu a tentação, e como o mundo divino conquistou, as grandes maravilhas (do mundo espiritual) revelaram-se no mundo humano externo. Tudo isso, contudo, não era suficiente, porque a qualidade humana ainda estava ativa no eu (auto consciência) com a cólera móvel. Era necessário que o estado humano fosse transmutado em estado celeste, e para isso não havia outro caminho senão que o nome de Jesus no amor divino e essencialidade celeste se entregasse totalmente para ser devorado pela cólera. Assim, o Filho foi obediente ao pai colérico, até mesmo na morte sobre a cruz”. (Signature, ii 12-17).

A morte física assim como a tentação do Redentor foi causada por Satã, que com esse propósito excitou a animosidade das autoridades mundanas e clericais contra o Senhor.

O Cristo disse que Ele era um rei do amor e Filho de Deus, tendo vindo para salvar o Seu povo do pecado. O demônio então, pensou que perderia seu reino e as autoridades pensaram: “Se este é um rei e filho de Deus, nossa supremacia estará perto do fim”; enquanto que o clero dizia a si mesmo: “Ele é insignificante demais para nós, queremos um Messias que nos dê poder temporal e glória; um que nos torne ricos no mundo e nos conceda altos postos na sociedade, para que todos tenhamos as honras deste

mundo. Esse homem nós não queremos. Ele é pobre demais, e se o seguirmos perderemos o apoio das autoridades mundanas. Permaneçamos em nossa glória e poder, e deixemos este rei entregue aos mendigos e com Seu reino de amor". (Signature, X 78).

Através de Sua morte corporal, a cólera, ou aquilo que se encontrava em antagonismo à magnificência celestial, seria extraído do ser externo do Redentor.

A vida-fogo humana existe no sangue, e ali governa a cólera de Deus. Portanto, um novo tipo de sangue, nascido da essência-amor de Deus, havia que ser trazido para o sangue humano colérico. Ambos, contudo, teriam que penetrar a cólera da morte, para que a cólera de Deus fosse extinta no sangue divino. Desta forma, a natureza humana externa havia que morrer em Cristo, a fim de não mais existir na qualidade da cólera, a fim de que o poder do sangue celestial, ou seja, o Verbo pronunciado pudesse por si só viver na natureza humana externa e governar em seu próprio poder divino no homem interno e externo; isso equivale a dizer que o sentido do Eu (o egoísmo ou ilusão do isolamento e separação) deixa de existir na humanidade; o Espírito de Deus deve ser tudo em tudo, e a personalidade apenas Seu instrumento vivente na humildade". (Signature, II. 10).

"Na carne externa do Redentor encontrava-se a parte demoníaca, aquela que surgiu em Adão ao morrer para Deus. Ora, esse produto tinha que ser novamente recebido no amor de Deus, como Isaias afirmou sobre o Cristo: 'Ele tomou todos os nossos pecados para Si'. O Adão amaldiçoado ficou pendurado na Cruz, como uma maldição, mas o Cristo o redimiu pela dor do sofrimento inocente e pelo derramamento de Seu sangue. O corpo de Adão morreu na Cruz e Cristo, nascido de Jesus e da semente santificada da mulher, o tingiu (abençoou) com Seu precioso sangue de amor". (Stiefel, ii 494).

"Cristo, o homem interior, tomou nossos pecados para Si, e deixou o corpo, no qual havia derramado a maldição de Deus, pendurando na Cruz como uma maldição de Deus. Assim Ele morreu, e em Sua morte espalhou Seu sangue, o sangue do homem santo, na essência do homem externo, onde reside a morte. Mas quando seu sangue santo penetrou a morte (com a essência externa), então a morte se tornou terrificada diante da vida santa, e

a cólera, terrificada diante do amor, e caiu em seu próprio veneno, como que morta ou aniquilada". (Stiefel, II 205).

Através desta morte espiritual o Senhor se sacrificou inteiramente a Seu Pai celestial não só a vontade-própria humana (o que já havia alcançado na tentação), mas também Sua santa vontade- amor.

"Quando o Verbo pronunciado de Deus na qualidade humana aprisionou- se no Redentor, a essencialidade que havia morrido em Adão, mas que se tornou novamente viva em Cristo, clamou juntamente com a alma: 'Meu Deus! Meu Deus! Por que me abandonastes?' Isso significa que a cólera de Deus havia penetrado, através da qualidade da alma, a imagem da essencialidade divina, e que havia absorvido a imagem de Deus, porque era essa a imagem da serpente na alma ígnea, a cabeça da cólera de Deus, para transformar seu poder ígneo na vida-sol eterna. Como uma vela se extingue ao queimar-se, e assim como desta morte surge a luz e o poder, da mortificação e da morte de Cristo havia que surgir o sol divino e eterno na qualidade humana. Assim, havia que morrer, neste caso, não só o egoísmo da qualidade humana, ou seja, a vontade-própria da alma com relação à (seu desejo pela) vida no poder do fogo, e se perder na imagem do amor; mas, essa mesma imagem do amor havia que penetrar a cólera da morte, a fim de que tudo mergulhasse na morte e através da morte e da humildade perfeita, e na vontade e misericórdia de Deus, surgisse novamente na substancialidade paradisíaca, a fim de que o espírito de Deus pudesse ser tudo em tudo". (Signature, XI 87).

Em conseqüência do sacrifício de Sua vontade total, a vida-alma humana do Redentor não se tornou aniquilada, mas penetrou inteiramente a vontade divina.

"A humanidade de Cristo se entregou como sacrifício à cólera do Pai, penetrando inteiramente em Seu fogo-essência; o amor-espírito de Deus venceu a essência colérica do fogo, de modo que esta não pode consumir a humanidade (a qualidade humana). Ele simplesmente retirou da humanidade sua vontade-própria, trazendo-a novamente para a vontade universal primordial, de onde a vontade foi originalmente concedida ao homem. A vontade humana veio novamente ao encontro da vontade do Pai, como se estivesse em sua primeira raiz (fonte ou origem)". (Mysterium,

XXXIX 24).

"A crença de que o Cristo teve uma morte natural em Sua qualidade humana não deve ser compreendida como se Sua alma criada houvesse morrido, e menos ainda que Ele houvesse perecido em Seu aspecto de ser divino, ou com relação à Sua essencialidade celeste e tintura celeste. Ele morreu unicamente com relação à Sua egoidade, ou seja, com relação à vontade e regime do mundo externo que governava no homem. Ele morreu com relação à vontade própria e aos poderes próprios da egoidade criada. Ele entregou tudo isso inteiramente nas mãos do Pai, o fim da natureza, o grande mistério do Pai; mas não para que isso fosse a morte, mas para que o Espírito de Deus estivesse ali, com toda a sua vida, e o poder divino existisse na personalidade de Cristo". (Signature, XII I).

Nem mesmo o ser externo do Redentor se perdeu através de Sua morte corporal, mas penetrou em sua verdadeira e exaltada substancialidade.

"Quando o Cristo morreu, Ele não jogou fora o corpo que havia estado em Sua possessão sobre a terra, nem o deixou ser consumido pelos quatro elementos, mantendo (ou tomando) um corpo totalmente estranho (para a forma terrestre); Ele simplesmente repousou o sofrimento (a consciência exterior) deste mundo, e Se revestiu da imortalidade, a fim de que Seu corpo pudesse viver no poder divino, e não no espírito deste mundo". (Three Principles, XXV 53).

"De fato, o Cristo assumiu a substância terrestre, mas em Sua morte, ou seja,

como Ele superou a morte, o ser divino fez com que o estado terrestre desaparecesse tirando dele a sua supremacia. Não que o Cristo tenha colocado algo de lado (o que Ele não fez), mas aquele ser externo fora conquistado, e por assim dizer, consumido". (Menschwerdung i 8 II).

"A verdadeira essencialidade em Cristo não afastou a consciência terrestre, mas a penetrou como senhor e conquistador. A verdadeira vida deveria ser a primeira a ser conduzida à morte e à cólera de Deus. Isso ocorreu na Cruz, ocasião em que a morte foi destruída e a cólera aprisionada e extinta pelo amor, conseqüentemente conquistada".

(Menschwerdung, IX 16).

"Quando Jesus venceu a morte em (Sua) humanidade e afastou o sentido do ego, Ele não descartou a qualidade humana, onde residia a morte e a cólera de Deus, mas as aceitou na plenitude de sua extensão; isso quer dizer, foi só neste momento que Ele extraiu o reino externo do interno". (Signature, XI 41).

"A atividade externa e a vida sensível, onde a cólera de Deus estava queimando, morreram, mas não que se tornaram um nada, apenas descenderam ao nada; ou seja, neste caso, na vontade de Deus, em Sua ação e sentimento. Com isso, ela se tornou livre da vontade do mundo externo, cuja vontade é boa e má, e não mais viveu no mundo e nas constelações com os quatro elementos, mas buscou a natureza do Pai, no elemento puro e divino. Assim, a verdadeira vida humana veio novamente a ocupar a posição que havia sido perdida por Adão, e entrou novamente no Paraíso". (Signature, XII 5).

O ser terrestre do Redentor foi santificado por Seu sangue celestial. E desta forma foi preparado para a ressurreição.

"Quando o Cristo derramou Seu sangue celestial, o desejo ígneo aceso na humanidade transformou- se em desejo-amor, e da angústia da morte nasceu a alegria e a força do poder divino". (Signature, XI 5).

"Quando o Filho de Deus derramou Seu sangue santo em Cristo, o veneno da cólera na carne, alma e espírito de Adão, que tomou para Si, foi santificado e transformado em amor. Assim, a inimizade cessou e Deus tornou-se Emanuel; ou seja, homem com Deus e Deus com o homem. Então a carne de Adão foi tingida e preparada para a ressurreição" (Stiefel II 209).

Pelo poder da glorificação alcançada pelo Redentor através de Sua penetração na morte, Ele superou o poder do inferno; isso proporcionou que a vida surgisse novamente da morte.

"É errôneo supor que a alma de Cristo havia deixado o corpo e descendido ao inferno, e que ali, havia, no poder divino, atacado os demônios, atando-os com correntes, destruindo com isso o inferno. É

melhor compreender que no momento em que o Cristo prostou o reino deste mundo, Sua alma penetrou a morte e a cólera de Deus, e com isso a cólera foi reconciliada no amor. Os demônios e todas as almas descrentes na cólera foram aprisionadas em si mesmas, e a morte foi rompida; mas a vida floresceu através da morte". (Three Principles, XXV 76).

"A morte estava lutando com o homem externo (com a vida do), pensando que agora, a alma deveria permanecer na Turba; mas havia um forte poder na alma, ou seja, o Verbo de Deus. Esse verbo capturou a morte e a destruiu, extinguindo a cólera. Trava-se de um grande veneno para o inferno quando a luz o penetrou, e o Espírito de Cristo aprisionou o demônio, conduzindo-o da alma-fogo para as trevas, trancando-o ali, na dureza colérica e no amargor". (Forty Questions, XXXVII 13 – 15).

"Pelo poder da tintura celestial Deus acendeu o fogo que havia se tornado escuro na essência da alma, dali por diante, aquele fogo passou a queimar num poder limpo, branco e majestoso, na luz e glória, e a cólera de Deus foi extinta na essência da alma e foi feita amor". (Tilk ii 259).

"A alma de Cristo veio com a luz de Deus para a cólera, e os demônios tremeram; pois a luz aprisionou a cólera, e Sua alma tornou-se um paraíso, enquanto que a cólera permaneceu no inferno. A luz encerrou o princípio do inferno, de modo que nenhum demônio tem a permissão de aparecer na luz. Mas isso ele também não vê, e a luz é seu terror e sua vergonha". (Tree Principles, XXV79).

Como conseqüência da morte corporal de Cristo, os santos do passado que ansiaram por Sua vinda, alcançaram a ressurreição.

"Os santos, que colocaram sua fé no Messias, receberam então o elemento puro para um novo corpo, de acordo com a promessa. Pois, como o herói prometido penetrou a morte através da vida, suas almas se revestiram do corpo de Cristo, como num novo corpo, e viveram Nele através de Seu poder. Eram eles os santos patriarcas e profetas, que neste mundo foram ungidos no poder do Verbo de Deus, esmagando a cabeça da serpente e quem, pelo poder do Verbo havia profetizado e realizado milagres. Eles tornaram-se vivos no poder de Cristo". (Three Principles, XXIV 52).

“Os patriarcas judeus não conheceram o Cristo na carne, mas apenas em seu protótipo, e se revestiram unicamente do poder que possuíam, procedente do primeiro pacto incorporado e verbo; mas agora se revestiram em Sua substância, pois todos aqueles que colocaram sua fé Nele e se revestiram do pacto no espírito, nestes o pacto fora preenchido com substância celestial. Portanto, muitos se elevaram com Ele após a sua ressurreição, e se fizeram visto em Jerusalém, para testemunharem de que foram elevados em Cristo”. (Grace, X 45)

Esta conquista do inferno e da morte foi acompanhada por um certo fenômeno sobre a terra, indicando a aproximação da destruição de todo o mundo terrestre.

“Como as prisões do mundo de trevas deveriam ser destruídas na morte de Cristo, a terra tremeu e o sol se tornou negro, simbolizando que, como a luz eterna havia renascido, a luz temporal havia que deixar de existir”. (Grace, VII 8).

“Quando a terra recebeu o sangue de Cristo, tremeu e chacoalhou, pois a cólera de Deus fora conquistada, e nela penetrou o sangue vivo, procedente do céu e da substancialidade de Deus”. (Menschwerdung, I 10).

“A cólera do pai havia que consumir a vida de Cristo, na morte; mas quando a cólera engoliu a vida na morte, a vida santa do mais profundo amor de Deus movimentou-se na morte e na cólera, engolindo a cólera. Então a terra começou a tremer, as pedras rolaram e as tumbas dos santos foram abertas”. (Mysterium, XXVIII 123).

“Depois que o Pai trouxe a alma do redentor, que havia penetrado Sua cólera, de volta ao amor, ou seja, na imagem do Paraíso, que havia desaparecido, o mundo tremeu no terror da morte, como se fosse um terror de alegria, alegria que penetrou os corpos mortos daqueles que haviam esperado pela vinda do Messias, e os despertaram para a vida. Foi esse mesmo terror que rasgou a cortina do Templo, ou seja, o véu de Moisés, pendurado diante da clara face de Deus, a fim de que o homem não visse à Deus”. (Signature, XI 71).

O corpo no qual o próprio Cristo surgiu dos mortos era paradisíaco e

divino, não podendo ser apreendido por nada de natureza terrestre; mas como o corpo terrestre havia sido absorvido ali, o Senhor podia se fazer visível a Seus discípulos.

"O corpo no qual o Cristo surgiu dos mortos não podia ser detido por pedras ou lápides. Ele passa por todas as coisas sem nada quebrar; ele se apodera deste mundo, mas este mundo não pode apreendê-lo. Nada o pode fazer sofrer, pois nele encontra-se toda a plenitude da Divindade". (Three Principles, XXV 87).

"Não havia necessidade de remover uma pedra para liberar o corpo do Senhor da tumba. Isso ocorreu unicamente para mostrar aos judeus a tolice de imaginarem poder brecar Deus, e também para os discípulos de pouca fé, para que pudessem ver que Cristo havia verdadeiramente se elevado". (Three Principles, XXV 85).

"Embora o Cristo nem sempre caminhava visivelmente entre os discípulos, Ele freqüentemente se mostrava visível, tangível e substancialmente a eles, na forma do corpo que havia ocupado sobre a terra, e o qual o novo corpo havia absorvido, tendo o poder de representar novamente". (Three Principles, XXIV 97).

O Céu que o Redentor penetrou após a Sua ressurreição é a plenitude do poder divino, por meio da qual Ele é Senhor sobre o mundo terrestre e sobre o mundo do inferno.

"O fundamento interno deste mundo, onde os quatro elementos tiveram sua origem, é o céu, e neste poder interno o Cristo rege como verdadeiro Deus e Homem no mundo externo. Ele diz: ' A mim foi dado todo o poder sobre o céu e sobre a terra', e também, 'Eu estou com vocês todos os dias até o fim do mundo'; além do mais, é dito sobre Ele: 'Ele governará sobre Seus inimigos até serem esmagados sob Seus pés', tudo isso se refere a Seu reino interno; Ele governa o interior acima do externo e terrestre, acima do mundo infernal". (Baptism, ii I 29).

A história encontrada na Bíblia sobre a vida do Cristo e sobre os milagres que realizou, é uma descrição do processo que ocorre na vida interior do regenerado.

Em Jesus Cristo observamos o antítipo daquele que é o único Redentor do mundo, como um todo, e de cada individual separado. Cada objeto ou pessoa que vemos no mundo nada mais é do que um símbolo de idéias existentes; cada evento que ocorre na vida externa é um resultado de forças invisíveis atuantes. A correção histórica das ocorrências descritas na Bíblia pode ser questionada, mas o que descrevem são fatos conhecidos daqueles que os experimentaram. A verdade da religião de Cristo não depende da verificação de eventos históricos externos; O verdadeiro Cristianismo não está baseado nem no conhecimento cosmológico, nem histórico, mas no amor.

"O fundamento mais interno no homem é Cristo; mas não de acordo com a natureza humana do homem, mas segundo a natureza de Cristo, a qualidade divina em Sua essência celestial, a qual Ele regenerou. O segundo fundamento é a alma, ou seja, a natureza eterna, onde o Crksto (a luz) se revelou; e o terceiro fundamento é o homem exterior, proveniente do limus da terra com as estrelas e os quatro elementos. No primeiro fundamento está a vida ativa do amor divino; no segundo fundamento está a vida-fogo natural da alma criada, onde Deus é chamado de Deus ígneo; e no terceiro, está a criação de todas as qualidades nas quais Adão permaneceu na temperatura, e que foi objetificada na queda". (Grace, IV 37).

"Cristo significa um penetrador; o ato de afastar o poder da cólera; a iluminação das trevas pela luz; a transmutação (na alma do homem), pela qual a satisfação do amor rege sobre o brilho do fogo em seu aspecto colérico; a superioridade da luz sobre as trevas". (Signature, VII 32).

O "Cristo amor" significa simplesmente amar a luz divina da sabedoria e da verdade, e é praticada obedecendo-se à lei divina.

A regeneração



“Tu és um mestre de Israel, e nada sabe sobre estas coisas?” (João, III, 10) “Todo aquele que me segue, negue-se a si mesmo, tome sua cruz diariamente, e siga-Me”.(Lucas IX, 23).

Nenhum homem pode alcançar o auto conhecimento espiritual sem ser espiritual, pois não é o homem intelectual quem conhece o Espírito, mas o divino Espírito é o que alcança o auto conhecimento no homem.

“O Cristo disse: ‘A menos que vos tornais como as crianças, não verás o reino de Deus”; Disse também: ‘Quem não nascer da água e do Espírito, não poderá entrar no Reino de Deus’ (João 3,5); pois aquele que nasce da carne é carne, e o que nasce do Espírito é espírito’. Na Bíblia é mostrado, claramente, que o homem natural, carnal, não concebe o Espírito de Deus. Esse Espírito é para ele uma tolice, e ele não pode compreende-lo”.

“É evidente, e não necessita de mais provas o fato de que somos todos feitos de carne e sangue, e que somos mortais. No entanto, nos é ensinado que somos templos do Espírito Santo, que habita em nós. Também nos é ensinado que o Cristo deve tomar forma em nós, e que Ele nos dará a Sua carne como alimento e o Seu sangue como bebida. Ele diz que aquele que não come da carne do Filho do Homem não terá a vida eterna. Portanto, devemos refletir seriamente que tipo de homem há dentro de nós mesmo, similar a Deus e capaz de tornar-se divino”. (Regeneração, I).

“Pois, aquilo que é feito de carne mortal irá retornar a terra. Nela reside a

vaidade deste mundo. A carne deseja o que não é de Deus, e não pode ser considerado um Templo do Espírito Santo. Muito menos pode ocorrer ali uma regeneração espiritual da carne terrestre, porque ela morre e se dissolve, e é morada dos pecados. Mas o verdadeiro Cristão nasce de Cristo, e aquele que é regenerado é um templo do Espírito Santo que habita em nós". (Regeneração, i).

Para compreender o processo de regeneração espiritual do homem é inútil se apegar meramente à crença histórica de um Cristo que supostamente morreu para pagar nossos débitos a um Deus colérico. É necessário comer a carne e beber o sangue do Cristo vivo dentro de nós, ou seja, devemos permitir que nossa alma seja preenchida pela substancialidade divina do corpo de Cristo, e experimente o poder paradisíaco de Cristo.

"Para se produzir um verdadeiro Cristão, não basta satisfazer-se com uma crença meramente histórica e científica, no Filho de Deus, que um dia viveu sobre a terra. Não seremos recompensado por uma espécie de Deus externo, que nos atribuirá retidão, por conta de nossa confissão em tal crença; mas, o reconhecimento da verdade divina deve nascer e ser recebida dentro de nós de forma pueril. A carne está condenada à morte, e temos que nos tornar como uma criança que nada sabe, mas que se apega (instintivamente) a mãe que lhe deu à luz. Da mesma forma, a vontade do Cristão deve morrer para a sua vontade própria e auto afirmação, tornar- se como uma criança em Cristo. Então, se a vontade e o desejo da alma é dirigido unicamente à sua fonte, irá surgir do espírito de Cristo uma nova vontade e obediência na justiça divina, a partir da morte da vontade-própria; não mais será uma vontade pecadora". (Regeneração, i).

Para formar uma correta concepção sobre a regeneração do homem, e do tipo de ser que deve se trazer à vida dentro de nós; precisamos aprender a conhecer o que é eternidade e tempo, luz e trevas, bem e mal, e especialmente a origem e a geração do homem. Encontraremos então que o homem possui um aspecto tríplice. Em um aspecto ele habita continuamente no céu, e é um membro do corpo de Cristo; num outro aspecto, ele está sujeito aos poderes das trevas, e num terceiro aspecto é feito de carne mortal. No entanto, não há três homens em um ser humano, ele é apenas um.

Em nenhum lugar é dito que Deus é um templo do homem, e que podemos Nele entrar com nosso egoísmo humano, por mais refinado que o egoísmo possa ser. A regeneração espiritual do homem ocorre pelo poder divino de Deus que penetra e se torna auto consciente no homem, de modo que todo o seu ser fica repleto de Deus, assim como as trevas são preenchidas pela luz.

"Observamos o mundo eterno com suas estrelas e os quatro elementos onde vivem os homens e todas as criaturas. Isso não é Deus, e não é chamado de 'Deus'. Deus habita ali, mas a essência do mundo externo não O compreende. Da mesma forma, a luz brilha nas trevas, e as trevas não a compreende".

"Deus habita no mundo e preenche todas as coisas; no entanto, Ele nada possui. A luz habita nas trevas, mas não a possui; o dia habita na noite e a noite habita no dia, o tempo na eternidade e a eternidade no tempo; o mesmo ocorre com o homem. Ele próprio é o tempo, e vive com ele segundo seu aspecto externo; é desta mesma forma que o mundo externo existe no tempo; mas o homem interior é eternidade, mundo e tempo espiritual, tal como é criado na luz, de acordo com o amor de Deus, e nas trevas de acordo com Sua cólera. Seu espírito vive naquele princípio que nele está manifestado, seja nas trevas, seja na luz. Cada um deles habita em si mesmo; nenhum deles possui o outro; mas, se um penetra o outro e deseja possuí-lo, este o outro irá perder sua supremacia e poder. Se a luz se manifesta nas trevas, então as trevas deixam de ser trevas; e se as trevas surgem na luz, então a luz e seu poder serão extintos. As trevas eternas da alma constituem o reino do inferno; a luz eterna na alma é seu céu. O homem, portanto, é criado e vive nos três mundos. Um é o mundo das trevas eternas que surge do centro da natureza – natureza eterna – onde nasce o fogo como o tormento eterno; o outro mundo, é o da luz eterna, onde reside a alegria e o Espírito de Deus. É neste mundo de luz que o espírito de Cristo assume substancialidade humana. O terceiro mundo onde vive o homem, e do qual foi gerado, é o mundo visível externo, com seus quatro elementos, e as estrelas visíveis". (Regeneração, i).

Pode surgir a questão: "Como o homem pode realizar o processo de regeneração espiritual?" A resposta é: o homem, não sendo um deus, nada

pode conseguir por sua própria vontade e poder; isso só pode ser alcançado pela desmerecida graça de seu deus interior. Ninguém pode lhe dar algo que ele não possua; nenhum homem pode atrair para si o brilho do sol, através do exercício de sua vontade. Tudo o que o homem pode fazer é implorar os poderes recebidos de Deus a fim de que não haja impedimento criado por sua vontade-própria que possa evitar a ação do Espírito Santo em sua própria alma. Para conseguir tal coisa ele deve elevar-se, por ajuda do Espírito divino dentro de si, acima dos elementos inferiores de sua própria natureza, rendendo toda sua vontade-própria a Deus, e praticar o que está expresso no significado original da palavra "ORAÇÃO".

"A regeneração espiritual, não depende de aprendizado ou conhecimento científico; é preciso haver uma intensa e poderosa sinceridade, uma grande fome e sede pelo Espírito de Cristo. A ciência pura não é fé; a fé é uma intensa fome e sede por aquilo que desejo, de modo que se forma numa imagem dentro de mim, e pela avidez de minha imaginação torna-se minha propriedade. Essa fome e desejo moldam a substância de Cristo, sendo ele a substância celestial, na imagem enfraquecida, onde a palavra do poder de Deus é a vida ativa".

"Se, então, a alma participa deste alimento celestial, ela é acesa pelo grande amor que habita no nome Jesus. Sua angústia se converte em grande alegria e um sol real surge dentro dela, enquanto se torna regenerada em uma outra vontade. Ocorre então o casamento do Cordeiro, do qual os cristãos da boca para fora, falam sem nada compreenderem". (Regeneration, IV).

"No nome de Jesus, Deus abriu para nós a porta de Seu ouvido; podemos ouvir a Deus realmente falando em nós; em Sua misericórdia Ele fala através deste portal aberto do pensamento. A alma, também fala com Deus através desta porta e durante esta conversa interior ela é nutrida, restaurada, iluminada e renovada pelo pronunciamento de Deus". (Prayer, XXXI).

"Para que a alma receba um real benefício e proveito da oração, então sua vontade deve se afastar de todas as criaturas e coisas terrestres e permanecer pura diante de Deus. Que a carne com seus desejos não co-opere (na oração) a fim de que os desejos terrestres não sejam introduzidos no efeito divino na alma". (Prayer, XXXIV).

“Cada oração que não encontra e toma o que pede é fria e insípida, obstruída por coisas temporais terrestres; ou seja, a alma não se aproxima de Deus em pureza.

Ela não deseja sacrificar a si mesma inteiramente à Deus, mas busca os amores terrestres que a mantém aprisionada, não podendo alcançar o reino de Deus”. (Prayer, XVIII).

Nenhum homem pode orar verdadeiramente em espírito e em verdade por seu poder próprio; só o que é divino pode relacionar-se com o Divino. A oração não é um mero desejo ou petição, mas uma ação dentro do poder do Deus Onipotente.

A oração é a união com Deus efetivada pelo sacrifício da vontade pessoal. Ela é, portanto, a única “Yoga Prática”, que merece séria atenção.

“A vontade necessária para realizar a oração é fraca na medida em que estiver em nosso poder o fato de orarmos ou não, mas se ela atua pelo poder divino ela se torna desperta, ígnea, e cheia de desejo. Dentro deste desejo o próprio Deus está atuando. Assim, o homem fala com Deus em verdade, e Deus fala em verdade com a alma do homem”. (Prayer, XXIX).

“Aquele que verdadeiramente ora co-opera com Deus internamente, enquanto que externamente produz bons frutos”. (Prayer, XXIV).

“A mera repetição de palavras, sem a exaltação do pensamento e do desejo divino é unicamente algo externo. Nada agrada a Deus exceto aquilo que Ele próprio faz”. (Prayer, i 2).

O Cristo diz: “Nem todos os que dizem, Senhor! Senhor! Irão entrar no reino do céu, mas aqueles que fazem a vontade de meu Pai que está no céu”. É evidente que nenhum ser inferior ao Pai no céu possa fazer a vontade do Pai, porque ninguém pode fazer a vontade do Deus a menos que esteja em possessão da vontade de Deus, e, portanto ser um com Deus. Assim, aquele que quer orar verdadeiramente ou praticar “Yoga” deve entrar no céu, ou seja, no estado celeste da vontade.

A nova vida que corresponde ao homem através de sua regeneração no

poder da fé e oração não é um mero espírito, mas corporal e substancial. O "corpo da ressurreição", mesmo que invisível aos olhos mortais é muito mais durável e indestrutível que qualquer forma física imaginável.

"Enquanto o Cristo se alimenta da fé e da oração de nossa alma, a fé humana, juntamente com a oração e o louvor a Deus, torna-se corporal na palavra do poder; esse novo ser passa a ser um com a substância da corporeidade celestial de Cristo, o corpo eterno de Cristo". (Mysterium, LXX).

"A pobre alma aprisionada, encerrada nas trevas da morte, é um fogo mágico faminto, que atrai da encarnação de Cristo, a substancialidade reaberta de Deus, e deste engolir ou nutrição, produz um corpo similar ao da Divindade. Assim, a pobre alma será revestida com um corpo de luz, comparável ao fogo de um pavio". (Cartas, XI 21).

"O novo homem não é um mero espírito, mas vive na carne e no sangue, comparável ao ouro na rocha, que não é apenas espiritual, mas possui um corpo; não só um corpo como o da pedra densa, mas um corpo que pode suportar o teste do fogo". (Menschwerdung, I 14).

A criação deste novo corpo é o princípio de união do homem com a glória divina, mas não é a sua perfeição. O processo de regeneração, como aquele da regeneração física, tem seus estágios de desenvolvimento. Após o batismo pela "água", segue o de "sangue" e finalmente o de "fogo".

"Através da introdução da vontade divina o homem reúne-se a Deus e renasce em sua natureza emocional. Ele começa a morrer com relação ao egoísmo do falso desejo (dentro dele) e a se regenerar em novo poder. Ainda há a qualidade carnal atraída a ele, mas no espírito ele caminha com Deus; desta forma, nasce no homem de carne terrestre um novo homem espiritual com percepções divinas e com uma vontade divina, matando dia após dia, a luxúria da carne, e pelo poder divino, começa a render o mundo, ou seja, a vida externa; Ele começa a fazer com que o céu, ou o mundo espiritual interior, se torne visível no mundo externo; Deus torna-se homem e o homem Deus, até que a árvore, finalmente, atinja a sua perfeição, quando a casca externa irá cair, e ela aparecerá como árvore espiritual da

vida no jardim de Deus". (Mysterium, Supplement, VIII).

Este embeber do "Elixir da Vida" nenhum homem pode alcançar por seu próprio poder mortal. Tudo o que pode fazer é colocar-se receptivo ao poder divino. O resto é feito pelo Espírito de Deus.

A nova vida do regenerado está exposta a grandes perigos, continuamente, durante toda a existência terrestre; esses perigos procedem de três fontes: do egoísmo da natureza humana, do demônio (vontade má) e dos desejos da carne e do sangue mortais.

"Ninguém deve se imaginar seguro após ter obtido a coroa de pérolas, pois pode perdê-la novamente. A alma, durante sua vida terrestre, está acorrentada por três temerosas correntes. Primeiro pela severa cólera de Deus, o abismo e as trevas do mundo, que é o centro da vida criada da alma, cuja raiz mais íntima é o desejo. A segunda corrente é a ânsia ígnea do demônio pela alma, que tenta a alma e busca, incessantemente, tirá-la do repouso da verdade divina para cair na vaidade, no orgulho, na avareza, na inveja e na raiva; através destas propensões malignas, ele procura ventilar o fogo na alma, a fim de que se afaste de Deus e penetre o egoísmo. Mas a terceira e mais perigosa corrente é a do corpo e do sangue, corruptíveis, fúteis, terrestre e mortal, cheios de desejos e inclinações malignas, juntamente com a região astral (plano astral), onde, como num grande oceano, a alma está flutuando, o que a faz ser, diariamente, inflamada e infectada pelo pecado". (Three Principles, XXV 7).

Há um perigo contínuo para a alma de afundar-se novamente na raiz ácida de sua existência, e ao mesmo tempo de se expor às agressões do demônio.

"Se uma pessoa está na ansiedade do inimigo, e a picada da morte e da raiva move-se dentro dele, tornando-o avarento, invejoso, raivoso e irritável, não se deve permanecer na essência maligna; é preciso parar, considerar e atrair (da fonte eterna) uma outra vontade, ou seja, a vontade de sair da malícia e penetrar na liberdade de Deus, onde há perpétuo repouso e paz. Se sua angústia provar da liberdade, então a tortura da angústia ficará terrificada, e neste terror de morte, será destruída; pois esse terror serve de grande satisfação e consiste num assassinar a vida de Deus.

Por esse intermédio, o ramo de pérolas aparece, e o homem permanece numa alegria trêmula, mas também em grande perigo, pois a morte e a tortura da angústia são sua raiz; do mesmo modo, a angústia na natureza externa possui a qualidade que sai do demônio, ou seja, da angústia nasce grande vida. Da natureza, por exemplo, um belo ramo verde cresce, tendo, é claro, uma constituição, um odor e um estado diferente (de vida) daquele que o produziu" (Menschwerdung, XI 8).

"A pobre alma está tão cega que nem mesmo reconhece as pesadas correntes às quais está atada. Todo o mundo está cheio de armadilhas arrumadas pelo demônio, com o propósito de capturá-la. Se o homem exterior tivesse seus olhos (espirituais) abertos, ficaria aterrorizado. Tudo o que o homem vê ou toca, ali há uma armadilha do demônio, e se o Verbo do Senhor, tendo se tornado humano, não estivesse ocupando o meio, o demônio capturaria e devoraria todas as almas". (Menschwerdung, XI 6).

"Enquanto o homem terrestre viver a alma estará em contínuo perigo, pois o demônio tem uma inimizade com ela, lançando seus raios com uma falsa imaginação no espírito das estrelas e dos elementos; ele alcança, assim o fogo-alma, e deseja envenená-la com um desejo terrestre e demoníaco. A nobre imagem deve, neste caso, (na consciência interna do homem) levantar-se em defesa; muita luta pela coroa dos anjos se faz necessária, e sempre surge ali, dentro do velho Adão, dúvidas e descrenças". (Menschwerdung, XI. 6).

"Mesmo depois que a jóia preciosa é semeada, ela não se torna imediatamente uma árvore. O demônio, freqüentemente, sopra sobre ela, desejando exterminar a semente de mostarda. A alma tem que enfrentar muitas tormentas. Normalmente ela se engana com o pecado, e tudo parece estar contra ela. É preciso lutar continuamente contra o demônio. Então a árvore de pérola irá crescer como a relva na tempestade e na chuva; mas quando ela cresce e dá flores, se pode ter a certeza de obter os frutos". (Three Principles, XXIV 37).

A nova vida do Espírito desenvolve-se no ser mais interior, e o homem terrestre é simplesmente penetrado pela luminosidade divina.

"Não é a alma mortal, mas a alma interior (espiritual) do eterno Verbo de

Deus a que se casa com Sophia. A alma exterior está casada com a constelação (funções mentais) e elementos. Essa alma externa raramente lança um só olhar para a Sophia, pois contém em si a morte e a mortalidade. Passado este tempo ela deve ser novamente transformada na primeira imagem que Deus criou em Adão". (Mysterium, Lii 13).

"Enquanto a casa mortal existe, nossa alma não habita na fonte de Deus, de modo a apreender essa fonte em si mesma. O sol brilha através de um vidro, provendo-o de luminosidade; no entanto, o vidro não se torna o sol. Ele simplesmente permanece (por um tempo) na luz e poder do sol, que brilha em sua substância e através de sua substância. O mesmo ocorre com a alma em seu estado terrestre". (Mysterium, L ii 3).

"Assim como o fogo queima no ferro quente, os raios do Espírito Santo, às vezes, penetra o outro princípio; ou seja, o novo homem penetra o novo. Mas como o ferro, seja dentro ou fora da forja, sempre será ferro, o mesmo se passa com o homem terrestre. Sem dúvida, ele tem que se tornar um servo do homem interior, sempre que este o penetre com seu fogo divino incandescente; o homem espera que isso ocorra, uma vez que este queimar do fogo está dentro dele, mas ele não consegue transformar-se em reino interior. 'A carne e o sangue externos não herdarão o reino dos céus', disse o Cristo. Eles irão dissolver-se, como a casca do grão semeado num campo". (Stiefel, i 24).

É muito raro, mas especialmente no momento da regeneração, ocorre no ser humano a viva sensação de uma existência celestial.

"Que ninguém pense que a árvore da fé Cristã possa ser vista ou conhecida no reino deste mundo. O homem externo não a reconhece, e mesmo que o Espírito Santo se manifestasse no espelho exterior, a vida externa tornar-se-ia satisfeita e tremeria de prazer, e pensaria ter recebido o convidado esperado; ela então acreditaria, ainda que não ocorra ali uma duração perfeita; o Espírito de Deus não permanece constantemente na mente terrestre. Ele quer ter um vaso limpo, e sempre que retorna a seu princípio – sendo este a verdadeira imagem – o ser externo torna-se duvidoso e cheio de medos". (Menschwerdung, CXI 8).

"A alma coloca sua grinalda, mas ela é novamente retirada e colocada de

lado. O mesmo ocorre com a coroa de um rei, que posteriormente é mantida num tesouro. Isso ocorre com a alma porque ela ainda está rodeada pela casa do peado, de modo que, se ela cair novamente, sua coroa não se solidifica". (Repentance, i 27).

O primeiro e maior perigo para o ser recém-nascido, surge do orgulho; como ilustra o Novo Testamento, pois tão logo o Salvador recém-nascido é colocado numa manjedoura, entre o boi do egoísmo e o asno da ignorância, num estábulo, representado pela constituição animal do homem, o rei do orgulho (Herodes) vê seu reino ameaçado e manda matar a criança, que governaria a nova Jerusalém na consciência do homem.

"As crianças iluminadas de Deus são amedrontadas por grandes perigos; muitas das que desfrutaram da grande visão da santidade de Deus, nas quais o triunfo da vida é alcançado, a razão carnal se espelha ali e busca introduzir seu egoísmo no centro interior, de onde a luz brilha. Disso resulta o orgulho miserável e o auto conceito; a razão egoísta – sendo, mais que nada, um reflexo da luz eterna – fantasia ser mais do que isso. Ela pensa agora poder fazer o que quer, e que, o que quer que faça, é a vontade de Deus fazendo por ela, acredita ser um profeta. No entanto, ela não penetra lugar algum, senão com seu próprio ser, e se movimenta com seu próprio desejo, através do qual o centrum naturae logo começa a aparecer. Surge então, o demônio da bajulação e o homem se torna embriagado pelo auto conceito,

persuadindo a si mesmo que é Deus quem o compele a agir de tal forma. É assim que ele arruína o bom princípio, durante o qual a luz de Deus começa a brilhar na Natureza, e a luz de Deus o abandona. Nada fica, senão a luz da natureza exterior na criatura, mas o convencimento se manifesta e fantasia ser ela a luz original recebida de Deus". (Calmness, i 8).

O estado velho e terrestre e o estado novo e celeste habitam juntos na constituição humana, e isso, necessariamente, causa dentro do regenerado uma contínua batalha durante a duração desta vida terrestre. Essa batalha entre a consciência baixa e elevada, entre os desejos terrestres e a satisfação celestial, é experimentada por todos, mas é especialmente marcada naqueles que, por causa do alto grau de espiritualidade, a sensibilidade espiritual é mais marcante.

“Não é na essência terrestre que Deus se manifesta em nós, mas na verdadeira imagem que se desperta em Adão; mas o externo agarra-se ao interno, o homem interior manifesta o mistério divino, e o externo manifesta o mistério externo ou o espelho das maravilhas. Disso resulta a batalha no homem recém-nascido. O novo homem quer ser o senhor, pois percebe o mundo divino; mas o homem terrestre se opõe e também quer reinar, pois percebe o mundo externo”. (Forty Questions, XVII 14).

“Acausa do antagonismo entre a carne eo espírito pode facilmente ser encontrada; o espírito interior tem o corpo de Deus, nascido da doce essencialidade, e o espírito externo tem o corpo do espírito ígneo da cólera, que busca, continuamente, a cólera despertada; ou seja, as grandes maravilhas que estão no Arcanum, na inflexibilidade da alma. O amor-espírito interior protesta e não irá deixar o espírito externo surgir e incendiar a alma; pois isso seria perder sua própria felicidade e forma, que seriam destruídas pela cólera”. (Forty Questions, XVII 14).

“Há dois tipos de vontade a serem distinguidas na constituição do homem. Uma surge com o lírio e cresce no reino de Deus; a outra afunda nas trevas da morte e desejos pela terra, sendo ela sua mãe.

Essa irá lutar contra o lírio, constantemente, e o lírio voa para longe de sua aspereza. Um broto cresce da terra, e assim a substância da qual é formada voa da terra e é atraída para a luz do sol até se tornar uma planta ou uma árvore. Então o Sol divino atrai o lírio humano, ou seja, o novo homem em seu poder, fora da substância do demônio, até que ele finalmente se torne uma árvore no reino de Deus. Ele deixa a árvore má ou a casca cair na terra, sua mãe que tanto busca, para deixar crescer a nova árvore”. (Menschwerdung, XI 8).

As árvores não crescem no ar, mas requer o solo negro e o adubo, a fim de se enraizar e extrair os nutrientes da terra; da mesma forma, o homem interior necessita do exterior, a fim de adquirir experiências e auto conhecimento.

“Na pedra bruta pode-se encontrar o ouro precioso em crescimento, e a aspereza da pedra auxilia o seu crescimento, embora a aspereza não seja como o ouro. Do mesmo modo, o corpo terrestre deve auxiliar na geração

do Cristo em si, mesmo que aquele corpo não seja o Cristo, e nunca será o Cristo na eternidade". (Grace, VIII 94).

"Somos de natureza terrestre, mas também possuímos uma existência celeste dentro da terrestre. Durante nossa vida temporal, uma se mistura à outra, mas não atuam uma na outra; cada uma é meramente a habitação da outra, assim como no caso do ouro na pedra. A pedra não é o ouro, simplesmente seu veículo. A aspereza da pedra não é o que produz o ouro, o que é feito através da tintura do sol atuando ali". (Menschwerdung, i 14).

Nesta luta entre a natureza celeste e terrestre não precisamos ser agressivos, mas ficarmos na defensiva. Isso significa que é inútil resistir ao mal ou combatê-lo se mantendo no mesmo nível que ele. Nos livramos do conflito quando nos elevamos acima do lugar da batalha; essa elevação se consegue quando nos entregamos ao Supremo; usando outras palavras, quando conquistamos a carne, quando nos sacrificamos ao espírito eterno em Cristo.

"O homem adâmico pode viver no paraíso segundo o elemento interior, desenvolvido em sua mente, isso não permite que ele seja afetado pela malícia e o entrega completamente ao coração de Deus. É neste momento que a virgem que há no elemento interior o recebe e ilumina seu coração, a fim de que ele domine o corpo Adâmico". (Three Principles, XV 20).

"Estamos sempre expostos às tentações, mas podemos ser vitoriosos em Cristo, o conquistador, pois Sua alma é nossa alma e Sua carne é nossa carne, provando que nele confiamos e a Ele nos entregamos inteiramente, assim como o Cristo rendeu-Se totalmente a Seu Pai". (Forty Questions, i 10).

Mais fácil ainda é superar o desejo pelo mal do que destruí-lo depois que seja incorporado pela realização.

"O desejo é a introdução (da vontade) em algo, e do desejo resulta a formação de um ser corpóreo (no plano astral). Ali está oculta a fonte do pecado. É muito mais fácil afastar o desejo do que destruir o corpo (formado pela ação). Isso é muito difícil. Portanto, é aconselhável que se volte os olhos para longe dos maus desejos, para que a tintura (o princípio

da vida) não penetre a essência e a mente não seja preenchida por eles, pois é através da mente que o desejo se torna substancial, o que exigirá uma ruptura (forçada)". (Three Principles, XX 28).

"Muito mais fácil é destruir o desejo do que destruir depois a substância com grandes dores. Se a vontade livre, já no começo (de um desejo) destrói o desejo, a fim de que ele não se torne substancial, então o médico (para a cura da doença) já nasceu, não haverá a necessidade de grande empenho, como é preciso para aquele que quer sair da companhia de monstros que ele mesmo criou, a fim de destruir o ser que ele trouxe à forma dentro de sua própria alma".211 (Mysterium, XXIV 25).

Se os homens reconhecessem sua verdadeira natureza como veículos do espírito divino, veriam o quão tola é a ânsia por tudo o que é agradável e útil unicamente do ponto de vista material, sem benefício ao espírito. Do ponto de vista espiritual,

os prazeres externos, nada instrutivos, não são apenas desperdícios, mas um real impedimento para a aquisição de nosso tesouro permanente; pois, ao estreitar os laços que unem o homem à matéria perdemos a ligação que nos conecta ao céu.

"É uma grande tolice para o homem anelar o que não é seu (mas sim um mero atrativo para o ser com o qual está ligado durante sua carreira terrestre), e introduzir em seu desejo aquilo que o infecta de doenças, e que por último lhe conduz para longe de Deus, excluindo-o em corpo e alma de seu estado celestial". (Mysterium, XXIV 16).

"Aquele que deseja tornar-se mestre de si mesmo e um cidadão celeste, não deve dormir muito, nem encher o abdômen com grandes quantidades de comida e bebida, onde os elementos do demônio começam a se qualificar; ele deve ser equilibrado, sóbrio e desperto, como um guerreiro diante do inimigo, pois a cólera está sempre contra ele, e ele já tem muito que fazer para se defender (sem criar obstáculos artificiais)".(Six Theosophical Points, X 23).

"O comer demais e a intoxicação causam o pecado, porque a vontade pura que emana do fogo-vida fica aprisionada e afogada no desejo, o que

torna o homem impotente na batalha". (Six Theosophical Points, CXI 29).

Como o poder do homem interior sobre o homem exterior cresce, o primeiro muda as qualidades do segundo até certo ponto. No entanto, o corpo físico não pode ser completamente transformado no corpo espiritual de Cristo, já que é grosseiro demais para tal propósito. Enquanto ele existir no mundo físico, será queimado pelas substâncias físicas.

"Devemos morrer continuamente em Cristo e continuamente matar o homem do pecado dentro de nós, a fim de que o novo homem possa viver; mas não podemos destruir completamente o primeiro; podemos meramente mantê-lo aprisionado, derramando sobre sua essência ígnea água da humildade de Deus". (Stiefel, i 63).

"A vontade, quando reta, é fé, e como tal pode dar ao corpo uma nova forma, de acordo com o espírito externo; pois o homem interior é o senhor do exterior; este tem que obedecer ao primeiro, e o interior pode colocá-lo sob nova forma, mas não permanentemente". (Forty Questions, VI 10).

"Se o homem penetra a regeneração ele pode ser bem sucedido na subjugação do homem externo, de modo que esse faça o que não deseja, porque o primeiro tira a força do segundo, e o penetra; mas como o ouro numa pedra bruta, e a aspereza da pedra não se torna ouro, o homem terrestre não se torna Deus". (Stiefel, i 59).

"O homem interior mata continuamente o exterior através do amor e doçura de Deus, a fim de que o externo não possa introduzir na alma-fogo seu desejo terrestre venenoso, que está infectado pelo demônio; mas o homem exterior não pode ser inteiramente destruído, pois se isso ocorresse o reino deste mundo o deixaria inteiramente". (Stiefel, i 51).

"Mesmo que o Cristo nasça em nós, não podemos dizer: 'Eu sou o Cristo', pois o homem externo não é o Cristo. Honestamente só podemos dizer: 'Estou em Cristo, e Cristo tornou-Se humano em mim'". (Stiefel, i 54).

A grande maioria das pessoas não percebe o homem interior, ou tem dele uma vaga e nebulosa imagem; alguns se apercebem das qualidades divinas

do homem interior e desejam entrar em harmonia com elas, mas geralmente são poderosamente atraídos pela vida exterior em sua constituição,e não sabem como superar o homem de carne, exterior e pecador.

"Algumas vezes, uma pessoa é tão mal constituída externamente, pelas influências das estrelas, que estão fadadas a passarem por muitos problemas. Parar e refletir faz com que o indivíduo penetre em si mesmo e se abstenha do pecado. No entanto, não se sabe como se livra do malicioso homem exterior". (Three Principles, XX 83).

Observamos na natureza externa que quanto mais o sol e a chuva favorecem o campo, mais rica será a vegetação que ali crescerá, não só quanto as plantas boas, mas também quanto as nocivas. Assim, o poder do sol espiritual, atuando na alma do homem, fará com que os germens brotem e cresçam, sejam eles bons ou maus. Por esse motivo, as pessoas dotadas de grandes poderes espirituais, algumas vezes, inclinam-se para as más práticas, enquanto outros levam uma vida abençoada, meramente porque não possuem virtudes ou poderes algum dentro de si, nem para o bem, nem para o mal.

"Muitos santos dirigidos pelo Espírito de Deus saíram deste estado de submissão, de volta para o egoísmo; ou seja, para seu próprio raciocínio e vontade própria". (Calmness, i 34).

Durante nossa vida terrestre não é possível nos livrarmos inteiramente do velho e pecaminoso Adão, mas é preciso tentar viver acima de seu plano; isso significa dizer, que devemos manter nosso ponto de gravitação em Deus.

"A vida do homem, durante a presente existência, é como uma roda viva; de repente ela vira para cima o que estava para baixo. A vida se inflama em cada substância e com isso se corrompe; mas, se purificada na água da humildade, onde se movimenta o coração de Deus e sai de onde está, sua vida-fogo pode envolver a substância celestial". (Six Mysterious Points, ii 13).

"Nossa vida deve ser um arrependimento constante, pois é também uma contínua corrente de pecado. Na verdade, o nobre ramo de lírios, recém

nascido em Cristo, não peca; no entanto, o homem terrestre peca em corpo e alma, e busca destruir a nobre flor". (Stiefel, XI 537).

"Um verdadeiro Cristão abomina a vontade da carne e a rejeita. Ele é, constantemente, seu próprio acusador, e considera-se indigno, e de todo coração desejará penetrar a misericórdia de Deus. Nunca irá dizer coisas do tipo, 'Sou um Cristão'; lutará para penetrar a misericórdia de Deus e desejar Sua graça, a fim de se transformar num verdadeiro Cristão. Toda sua vida é um arrependimento contínuo, sempre desejando alcançar a graça divina, na medida em que essa graça o alcança". (Communion, IV 27).

Nenhum Cristão deve contemplar sua própria santidade, ou fantasiar ser melhor do que os outros; antes, deve reconhecer sua própria indignidade, e lamentar o estado pervertido de si mesmo e da humanidade como um todo.

"Ninguém deve querer conhecer seu estado de santidade enquanto viver neste mundo, mas continuar extraindo a seiva de Cristo de sua própria árvore, permitindo que ela dê os ramos ou brotos que escolher". (Stiefel, CXI 345).

"Um Cristão sincero, nada quer saber sobre sua própria santidade; ele só vê suas imperfeições, nas quais o demônio batalha contra ele. Suas imperfeições estão sempre diante de si, mas sua santidade ele não conhece enquanto viver nesta terra. Essa santidade encontra-se oculta pelo Cristo, aos pés de Sua Cruz, a fim de que o demônio não a perceba". (Threefold Life, XV).

"Para o piedoso, a luz surge das trevas e o dia da noite. Para eles a fortuna resulta do infortúnio, e da maldição e da malícia deste mundo cresce para eles o paraíso. São Paulo diz: 'Para aqueles que amam à Deus, tudo acontece para o melhor'". (Mysterium , LXVI).

"Sempre que Deus conduz seus filhos para a turbulência e a angústia, eles ali estão para produzirem um novo ramo na árvore da fé. Sempre que o Espírito de Deus aparece apresenta um novo crescimento, do qual a nobre imagem é extremamente satisfeita". (Menschwerdung, CXI 8).

As condições pelas quais o homem é envolvido durante sua vida terrestre

podem impedir que o efeito de seu desenvolvimento espiritual seja plenamente manifestado durante esse tempo, mas na hora da morte do corpo físico, quando os obstáculos apresentados pela carne desaparecem, então o homem interior irá apreciar suas perfeições.

"O reino celeste nos santos é ativo e consciente em sua fé, por onde sua vontade se integra a Deus; mas a vida natural é cercada pela carne e pelo sangue e está relacionada, ao contrário, à cólera de Deus. Assim, a alma está sempre na angústia quando o inferno precipita-se sobre ela, desejando nela se manifestar; mas ela mergulha na esperança da graça divina, e permanece como uma bela rosa entre os espinhos, até que na morte do corpo o reino deste mundo dela se afasta. Só então, quando não há mais nada que a obstrua, ela será plenamente manifestada no reino de Deus". (Supersensual Life, XXXIX).

O objetivo de nossa vida deveria ser o de morrer continuamente com relação ao nosso egoísmo humano, e viver unicamente no amor de Deus, trabalhando em Seu serviço. Assim, nossa atividade será abençoada.

"Não me alegro por viver em meu próprio senso do eu, mas porque no meu eu estou na morte de Cristo e estou morrendo perpetuamente, e desejo morrer inteiramente com relação ao meu egoísmo, e viver inteiramente em Deus, a fim de nada ser, senão um instrumento de Deus, e não querer saber mais nada sobre meu eu (separado)". (Stiefel, XI 527).

"Onde quer que o eu não habite, ali habita o amor. Na tranqüilidade do fundo da alma, onde ela morre para si mesma, e onde ela nada deseja senão o que Deus deseja (nela), ali reside o amor. Na medida em que a vontade própria morre, a mesma medida é ocupada pelo amor. No lugar onde antes se encontrava a vontade própria, agora não há nada, e toda vez em que não houver nada, só ali estará ativo o amor de Deus". (Supernatural Life, XXVIII).

"Um verdadeiro Cristão sabe ser um servo de Deus, cujo dever é atender às Suas obras, apropriadamente. Ele não é propriedade seu, e o corpo terrestre que habita, não é seu verdadeiro lar. Ele pode buscar, plantar, cultivar, lutar e agir como quiser, mas está sempre consciente de que faz aquilo para Deus, e que terá que prestar contas sobre isso. Ele deve

lembrar-se sempre que entre essas obras é um estranho, uma visita, um servo". (Signature, XV 44).

"Aquele que espera realizar algo bom e perfeito, onde possa regozijar-se eternamente e disso desfrutar, que saia de seu egoísmo e vontade-própria e penetre a submissão na vontade de Deus. Mesmo que o desejo terrestre pelo egoísmo o perseguir em sua carne e sangue, se sua vontade-alma não é infectada por aquele desejo do eu, tal eu não será capaz de produzir nada; pois a vontade interna da alma, repousando na submissão de Deus, destrói continuamente a essência da auto afirmação, e desta forma a cólera de Deus não pode alcançá-la. Se a cólera atingisse a essência, então a vontade submetida surgiria ali com seu poder, e permaneceria ali, firme, diante de Deus, como um produto da vitória que irá herdar a infância". (Calmness, XI I).

É evidente que nenhuma posse terrestre, de qualquer espécie, irá beneficiar o espírito, mas a aquisição de tais possessões não será um obstáculo para ela, desde que a possuímos, e não permitimos ser por ela possuídos.

"Cara alma, se desejas a luz de Deus, e também a luz deste mundo, se desejas alimentar seu corpo (e mente), e (ao mesmo tempo) busca os mistérios de Deus, faça aquilo que o próprio Deus faz. Um olho de sua alma olha a eternidade, o outro a natureza. Esse busca continuamente no desejo e cria um espelho atrás do outro. Que assim seja. Assim deve ser, pois Deus assim o quer. Mas o olho voltado para a eternidade não pode se voltar para o desejo (longe de Deus); é através dele que se busca virar o outro para si mesmo, e não deixá-lo se desviar de ti; ou seja, não deixe ele se afastar do olho que mira a liberdade. Coloque sua vontade naquilo que está fazendo, lembrando de que é um servo da vinha de Deus; quer dizer, do Eterno; mergulhe sua vontade a cada instante na humildade diante de Deus; então sua imagem irá caminhar na humildade com sua vontade na majestade de Deus, e será iluminada perpetuamente pela triunfante luz de Deus". (Forty Questions, XII 28).

Todas as fortunas e infortúnios terrestres com as quais podemos nos deparar, não dizem respeito ao eu divino real, mas apenas à personalidade com a qual estamos conectados durante nossa vida terrestre. Essa

personalidade nos é dada, a fim de adquirirmos experiência, seja ela boa ou má, e, portanto, devemos estar sempre satisfeitos e permanecermos conectados em Deus.

"No fim, todas as coisas devem ser uma e a mesma coisa para o homem. Ele deve ser um com a fortuna e com o infortúnio, com a pobreza e com a riqueza, com a alegria e com o pesar, com a luz e com as trevas, com a vida e com a morte. O homem passa então a ser um nada para si mesmo, pois está morto com relação a tudo em sua vontade. Deus está em tudo e através de tudo, e, no entanto, Ele é um nada, e nada pode compreendê-Lo. Tudo se torna manifestado através Dele, e Ele próprio é tudo. No entanto ele nada tem (objetivamente), porque aquilo que está diante Dele, nada é em sua compreensão, pois não O compreende. Este será o estado de uma pessoa segundo sua vontade submetida, caso ela se renda totalmente à Deus. Então sua vontade irá recuar para a vontade insondável de Deus, de onde surgiu no princípio, adquirindo a forma da vontade insondável, onde Deus reside e realiza Sua vontade". (Mysterium, LXVI).

"A vontade, entregue a Deus diz: 'Senhor, se é Vosso desejo que eu esteja na prisão ou na miséria, assim desejarei estar. Se me levas ao inferno, convosco irei, pois Vós estais no Céu. Se eu tiver unicamente a Vós, porque me preocuparia com o céu ou com o inferno? Mesmo que meu corpo e minha alma pereçam, em Vós devo permanecer e Vós em mim. Ao Vos possuir, tenho tudo o que quero. Usa-me segundo a Vossa vontade". (Mysterium, LXVI).

Ao conquistar o desejo terrestre e entrar na submissão de Cristo, alcançamos o poder interno sobre a natureza externa, primeiro sobre nós mesmos e depois sobre a natureza "de fora", estando essa, afinal, com Deus, nosso próprio eu divino.

"Se teu domínio sobre todas as criaturas é apenas exterior (através de meios externos), sua vontade encontra-se numa qualidade animal, e teu governo é do tipo exterior, lidando apenas com formas. Seu desejo será então levado para uma essência animal, que irá te infectar e capturar, e irás receber qualidades animais. Mas se deixares aquilo que está relacionado unicamente com a forma, serás superior a ela, e capaz de governar sobre todas as criaturas, no fundamento, onde foram criadas". (Supersensual Life,

VIII).

“Se não permitires que nada penetre teu desejo, serás livre de todas as coisas e terás poder sobre todas elas. Não terás nada em tua receptividade, e serás como um nada para todas as coisas, e todas as coisas serão como um nada para você, no mesmo sentido que Deus governa sobre todas as coisas e tudo vê; mas, não há nada que o compreenda”. (Supersensual Life, IX).

“Por teu próprio poder não há como manter a tranqüilidade, que nenhuma criatura pode alcançar. Deves te entregar completamente à vida de nosso Senhor Jesus Cristo, oferecendo a Ele toda tua vontade própria e desejo, a fim de que não desejes nada fora Dele. Estarás então neste mundo e em suas qualidades, no que concerne ao teu corpo. Com tua vontade estarás nos pés da Cruz de Cristo, e com tua vontade irás caminhar no céu, no ponto de onde surgem todas as criaturas, e para onde todas retornarão”. (Supersensual Life, IX).

O corpo celestial é formado de corpo terrestre. Não há regeneração depois que o corpo morre.

“A alma propriamente dita não é nada corporal; mas o corpo na tintura cresce tanto celestial como infernal. Não é um corpo tangível, num aspecto externo, mas um corpo de poder; o corpo de Deus; o corpo celeste de Cristo”. (Forty Questions, VII 18).

“Após esta vida não há regeneração, pois os quarto elementos com seus princípios já partiram”. (Threefold Life, i I).

Aparições



“A alma origina-se de três princípios; ela vive, portanto numa angústia ternária, e está presa por três laços. O primeiro laço liga a alma à eternidade e alcança o abismo do inferno (a vontade ígnea); o segundo é o reino do céu; o terceiro é a região das estrelas com os elementos. O terceiro reino não é eterno, mas tem um certo período de existência; no entanto, é o reino que faz o homem crescer, dotando-o de hábitos, vontade e desejos relacionados ao bem e ao mal. Ele lhe confere beleza, riqueza e honras, e o torna um rei terrestre. Este reino permanece com ele até o fim de seu tempo, depois o abandona; da mesma forma que o auxilia a obter a vida, o auxilia na morte, libertando-o da alma astral”.

“Primeiro os quatro elementos se afastam do elemento único, interrompendo a atividade no terceiro princípio; a separação dos quatro elementos é terrível; depois, a tintura com a sombra (do que era homem) entra no outro elemento, e com essa sombra permanece na raiz do elemento, de onde os quatro elementos tiveram sua origem e de onde emanaram. Este rompimento, por si só, é dor e sofrimento; é a destruição da casa sensível da alma”.

“Ocorre que se as essências da alma, no primeiro princípio, estiveram muito apegadas aos caminhos deste mundo, a ponto de desejarem apenas o luxo, a honra temporal, o poder e pompa; a vontade, a alma, ou seja, as essências do primeiro princípio, ainda reterão as essências astrais como seu tesouro mais precioso, e desejará habitar ali; mas, como essas essências não estão privadas de sua mãe, os quatro elementos, tornam-se gradualmente

consumidas nas essências do primeiro princípio.

"A alma, em sua vestimenta astral, flutuando nas portas da profundeza, passa por grandes dificuldades, devido ao seu estado terrestre, e pelo poder que pertence à sua constituição astral, ela pode reaparecer em sua forma corpórea prévia, pedindo algo, tal como era seu desejo antes da morte, buscando obter repouso; ela pode também ir a lugares assombrados e tentar manifestar sua presença na luz, de acordo com seu espírito sideral, produzindo ruídos de várias espécies".

"Aquilo com o que se revestiu durante a vida será seu ornamento. Se for a luxúria, a ambição, o luxo, as riquezas, a malevolência, a ira, as mentiras ou a ilusão do mundo, então o forte poder das essências do primeiro princípio apega-se á essas coisas através do espírito sideral, dando-lhe atividade de acordo com a qualidade astral. O espírito sideral busca, incessantemente, aquilo que deseja, como diz o Cristo: 'Onde quer que esteja seu tesouro, ali está seu coração'. Portanto, os fantasmas dos mortos são freqüentemente vistos vagando sem descanso. Aquilo com o que a alma se revestiu aqui no corpo (em sua vontade e pensamento), constitui sua angústia, e segundo sua angústia será sua forma e aparência no estado astral, até que esse estado e angústia sejam consumidos. Sua habitação eterna é o profundo abismo sem fim ou número, e as obras realizadas aqui são incorporadas nas formas de sua tintura, e a perseguem.

"Não há luz, nem deste mundo, nem de Deus, apenas a luz da ignição de seu próprio fogo, sendo ele um terrível inimigo, a carne de sua cólera. O tipo de angústia destas almas diferem segundo à qualidade daquilo que a alma se carrega. Para tal alma não há auxílio; ela não pode penetrar a luz de Deus; e mesmo que São Pedro tivesse deixado mil chaves sobre a terra, nenhuma delas abriria a porta, pois ela já rompeu o laço que a conectava com a Divindade". (Veja: Three Principles, XIX).

ASCETISMO

"Está escrito que é muito difícil um homem rico entrar no reino dos céus. Isso não se refere à posse de bens, mas a uma vida vã e avarenta; pois enquanto o homem engorda, Deus é esquecido. Ninguém deve imaginar ser abençoado por ser pobre. Se ele é um incrédulo e descrente, está então no

reino do demônio, além de sua pobreza. Nem o homem rico deve jogar fora seu dinheiro, nem dá-lo ao gastador, pensando com isso alcançar a benção eterna. O reino de Deus está na verdade, na justiça, e no amor para com os necessitados. Ele não condena ninguém que use apropriadamente o que tem. Não se deve deixar o cetro e ficar num canto lamentando-se. Isso não passa de hipocrisia. Você pode servir muito melhor a lei da justiça e ao reino de Deus, mantendo seu cetro, protegendo o fraco e oprimido e trabalhando pelo certo e pelo justo; não segundo sua avareza, mas no amor e temor de Deus". (Principles, XXV 74).

ESPÍRITO ASTRAL

"Tudo o que fazemos, pensamos e desejamos em nosso ser exterior é obra do espírito deste mundo, atuando em nossa constituição; pois o corpo nada mais é do que o instrumento daquele espírito onde opera, e como todos os outros instrumentos que nascem do espírito deste mundo, irá, por fim, se desfazer e se decompor. Portanto, nenhum homem deve desprezar ou condenar outro homem, caso este não possua as mesmas qualidades que ele; pois o céu natural (a constelação) constrói cada homem segundo a natureza das influências regentes. Ele fornece a cada pessoa seus caminhos, modos e caracteres, além de seus desejos e intintos, e isso não pode ser arrancado do homem externo enquanto o céu externo não romper sua constituição animal. Mas se o homem externo não faz o que o espírito do mundo externo deseja nele, mas é forçado a abandonar o que é falso e ilusório, então tal poder não procede do céu externo, mas do novo homem interior, que precede da eternidade e batalha contra o homem terrestre"; normalmente ele alcança uma vitória sobre o segundo". (Three Principles, XXV 6).

SINTONIA

"Se queres seguir o caminho (da luz), é preciso grande sinceridade. Não pode ser só palavras e pretensão, enquanto o coração encontra-se longe; pois deste modo nada conseguirás. É preciso unificar toda sua mente, com todos os seus sentidos e razão, em uma só vontade, se queres ser restaurado e sair de suas abominações. É preciso colocar seu sentido em Deus, em Sua caridade, com plena confiança e segurança, então irás conseguir. Se o demônio em ti disser: 'Não pode ser, és um grande pecador', não se deixe

aterrorizar, pois ele é um mentiroso, e o pai da dúvida".

"Não há mais do que dois reinos movendo-se no homem. Um é o reino de Deus, onde está o Cristo, desejando-o; o outro é o reino do inferno, onde está o demônio, desejando-o também. A pobre alma terá que batalhar, pois está no meio. Cristo oferece a ela o novo manto, e o demônio as roupas do pecado; sempre que o homem tem um bom pensamento ou desejo por Deus, desejando entrar em verdadeira sintonia (tornar-se um com o Divino), esse pensamento, com certeza, não vem dele, mas do amor de Deus, e a nobre virgem o chama para que venha, e para que não desistas de seus esforços. Mas, se neste caminho, o homem se depara com seus grandes pecados, que tentam dete-lo como montanhas, de modo que não encontra paz em seu coração, isso é, com certeza obra do diabo, que o faz pensar que Deus não quer ouvi- lo. Nestes momentos não deixe que nada te detenha ou te terrifique; pois o demônio é teu inimigo. Está escrito que se os pecados dos homens fossem vermelhos como sangue eles se arrependessem verdadeiramente, os mesmos se tornariam brancos como a neve". (Principles, XXIV 34).

"Assim, a jóia preciosa é semeada; mas, lembra-te bem, ela não se transforma imediatamente em árvore. O demônio irá, freqüentemente, insinuar-se e tentará destruir a semente de mostarda; a alma terá sempre que suportar pesadas tormentas, e ser coberta com as sombras de seus pecados. Mas, se há uma batalha constantemente contra os poderes do demônio, então a árvore irá crescer e florir, e tu obterás o fruto". (Three Principles, XXIV 37).

A CRUZ

A cruz com a imagem de uma pessoa ali pregada morrendo, é o símbolo da regeneração e da iniciação. Este símbolo recorda ao verdadeiro seguidor de Cristo, que deve passar pela morte mística e regenerar-se no espírito antes de poder entrar na glória da vida eterna. A cruz representa a vida terrestre, e a coroa de espinhos os sofrimentos da alma dentro do corpo elementar, mas também a vitória do espírito sobre os elementos das trevas. O corpo está nu, indicando que o candidato à imortalidade deve despir-se de todo desejo das coisas terrestres. O corpo está pregado na cruz, o que simboliza a morte e a rendição da vontade-própria, e que não se deve

pretender realizar qualquer coisa por seu poder próprio, mas meramente servir como instrumento no qual a vontade Divina é executada. Acima da cabeça estão inscritas as letras:

INRI

O significado mais importante destas letras é: In Nobis Regnat Jesus (Em Nós Reina Jesus)

Mas o significado desta inscrição só pode ser praticamente conhecido por aqueles que realmente morreram para o mundo dos desejos, colocando-se acima da tentação pela existência pessoal; ou, usando outras palavras, aqueles que se tornaram vivos em Cristo, e em quem, portanto, o reino de Jesus (a santa vontade- amor que emana da vontade de Deus) tenha sido estabelecido.

Tal símbolo será irreconhecível para o tolo, sofista e cínico, e nas mãos do fanático e hipócrita é um símbolo de sua desgraça, um testemunhal de sua própria descrença e auto condenação.

"O mundo externo ou a vida externa não é um vale de sofrimento para aqueles que o aproveitam, mas apenas para aqueles que conhecem uma vida superior. O animal desfruta da vida animal; o intelectual desfruta do reino intelectual; mas aquele que penetrou a regeneração reconhece sua existência terrestre como um peso e uma prisão. Com esse reconhecimento, toma para si a Cruz de Cristo". (Epistles. Ii 34).

MORTE

"O homem celeste e santo, oculto no homem monstruoso (externo), está tanto no céu quanto Deus, e o céu está nele, e o coração e a luz de Deus é gerada e nasce dentro dele. Assim, Deus está nele e ele está em Deus. Deus está mais perto dele do que seu corpo bestial".

"O corpo animal não é seu lugar de origem, próprio dele, onde está em casa; o verdadeiro homem, regenerado e recém-nascido em Cristo, não está neste mundo, mas no paraíso de Deus; e embora o corpo animal morra, nada acontece ao novo homem, que surge da vontade contrária e da casa do

tormento para o seu lugar de origem. Não há necessidade de remoção para qualquer lugar ou distância, pois Deus encontra-se revelado em nele, por toda parte". (The Epistles, XXV 13).

DÚVIDA

"O nada, onde o demônio reside. A dúvida é a negação daquela fé que é Deus. É o resultado do egoísmo e da cegueira que não permite ao homem reconhecer a possessão do que ele já tem". (Threefold Life, XIV 41).

DEUS

"Deus é a unidade eterna, o imensurável bem único, não tendo nada antes ou depois dele que pudesse dotá-Lo de algo ou movimentá-Lo. Não há Nele qualquer inclinação ou qualidades, não há princípio no tempo, dentro de si apenas a unidade. É a própria pureza, sem nenhum contato; não necessita lugar ou localidade para sua habitação, estando ao mesmo tempo fora e dentro do mundo. Em sua profundidade nenhum pensamento pode penetrar, nem pode sua grandiosidade ser expressa em números, pois é infinito. Tudo o que pode ser contado ou medido é natural ou

figurativo, mas a unidade de Deus não pode ser definida. Ele é tudo, e tem sido reconhecido como bom, e é chamado "bom", pois é eterna brandura e beneficência com a sensibilidade da natureza e da criatura, o mais doce amor. Pois, a unidade em seu aspecto bom, emana de si mesma, introduzindo-se em vontade e movimento. Ali, a unidade vive e penetra a vontade ou o movimento, os quais experimentam a brandura da unidade. Este é o fundamento do amor na unidade, do qual Moisés diz: 'O Senhor ou Deus é um Deus santo, e não há outro além dele'" (Theosophical Questions i I).

HUMILDADE

"Deus é o centro do homem, mas ele reside apenas em si mesmo, a menos que o espírito do homem torne-se um espírito com Deus; neste caso, ele se tornará manifesto na natureza humana, na alma, na mente e no desejo, por onde se tornará perceptível aos sentidos interiores do homem. A vontade envia os sentidos para Deus, e Deus grava os sentidos e se torna

um ser com eles. Então, os sentidos passam a carregar o poder de Deus para a vontade, e a vontade os recebe com gratidão, mas com tremor; pois reconhece ser indigna e sabe que vem de uma morada instável. Assim, ela recebe aquele poder ao mergulhar-se diante de Deus e de seu triunfo surge a doce humildade. Essa é a verdadeira essência de Deus, e essa essência concebida na vontade é o corpo celestial, e é chamado de fé verdadeira e justa, recebida pela vontade, no poder de Deus. Ela mergulha na mente e reside no fogo da alma". (Menschw. X 8).

JESUS CRISTO

"Na quinta qualidade a glória e majestade de Deus manifesta-se como luz de amor. Está escrito que Deus reside na luz, na qual ninguém pode penetrar. Isso significa que nenhum ser criado nasceu do fogo central do amor, pois este é o mais sagrado fogo, o próprio Deus em Sua Trindade. Deste fogo santo foi emanado o JAH, um raio da unidade sensível. Este é o precioso nome de Jesus, redimindo a pobre alma do fogo-colérico, e ao tomar a natureza humana, abandona-se ao fogo central de Deus na alma, na cólera de Deus dentro da alma; acendendo-a novamente com o fogo- amor, e unindo-a à Deus". (Theos. Quest. III 25).

"O Cristo é aquele que se regenerou da qualidade humana; a mãe da regeneração, o ungido". (Veja, Stief. 19).

O HOMEM, TERRESTRE E CELESTE

"A virgem diz: Algo em ti me contraria. Eu te criei e te tirei do meio dos espinhos. Quando eras um animal selvagem, eu te configurei em minha própria imagem. Mas o animal selvagem está entre os espinhos: isso eu não vou tomar em meu peito. Você ainda vive com seu animal selvagem. Quando o mundo tomar esse animal, já que a ele pertence, então eu te tomarei. Assim, cada um irá tomar o que lhe pertence. Por que então amas tanto aquele animal selvagem que não te causa mais nada além de dor? Não podes carregá-lo contigo. Ele não te pertence, mas ao mundo. Que o mundo o use como puder, mas permaneças tu comigo. Será por pouco tempo; logo seu animal

irá se quebrar, e tu dele te livrarás, e permanecerás comigo. Como irás

regozijar-te, se pensares naquele animal, que te afligia dia e noite, e ver que dele estas livres. Como uma flor cresce da terra, tu te elevarás acima de teu animal selvagem. Tu dizes: 'Sou teu animal; tu nasceste em mim'. Ouça, meu animal! Sou maior que tu. Quando estavas por vir, eu era tua construtora. Minhas essências saem da raiz da eternidade; mas tu pertences a este mundo. Tu irás te quebrar, mas eu permaneço eternamente em meu poder. Portanto sou muito mais nobre que tu. Tu vives na cólera; mas eu irei colocar minha cólera assustadora na luz, na alegria eterna. Minhas obras estão no poder, enquanto as tuas permanecem como sombras. Quando eu estiver livre de ti, nunca mais irei te aceitar como meu animal; mas, (tomo) meu novo corpo, o qual estou regenerando na mais profunda raiz do elemento santo". (Principles, XXI 69).

NATUREZA

"Eleve tua mente no espírito, veja que toda a natureza, com todos os seus poderes, com sua profundidade, largura e peso, céu e terra, e tudo que ali se encontra e acima dos céus, é o corpo de Deus, e os poderes das estrelas são as artérias do corpo natural de Deus neste mundo".(Aurora, ii 16).

"A Natureza não é Deus, não mais do que o corpo de um homem é o homem. A Natureza é o eco e a imagem da natureza eterna, manifesta pelos poderes do Verbo". (Tabuloe Principioe, li).

O CAMINHO

"Nem no céu, nem na terra; nem dentre as estrelas ou elementos, podemos encontrar algum caminho que nos leve ao repouso. Mal entramos na vida, e depois disso é o fim, quando nosso corpo nascerá de volta na terra e todas as nossas obras, trabalhos, ciências e glórias serão herdadas por outros, que também se incomodam por um tempo, com as mesmas coisas, e então nos seguem (para a morte). Isso ocorre desde o princípio do mundo até o seu fim. Durante nossa miséria nunca poderemos saber onde permanece nosso espírito quando o corpo cai e se torna cadáver, a menos que sejamos recém-nascidos, fora deste mundo; de modo que, embora vivamos neste mundo, em nosso corpo, habitamos na nossa alma e espírito em outra vida, nova, perfeita e eterna. Ali, um novo homem será encontrado em nosso espírito e alma, e ali deverá ele viver eternamente. Somente nesta

nova forma aprenderemos a conhecer o que somos e onde está nossa verdadeira casa". (Principles, XXII 5).

PLANETAS

Os sete planetas não se referem apenas a sete estrelas visíveis, mas às sete qualidades da natureza eterna, a saber:

Saturno – Adstringência; trevas.

Júpiter – O desejo ativo dentro da adstringência. Marte – A força ígnea.

Sol – A luz da natureza

Vênus – O princípio da substancialidade

Mercúrio – Vida; som; o verbum fiat. Lua – Corporeidade.

"Se as três primeiras qualidades possuem sua superioridade no princípio das trevas, então as outras qualidades estão adormecidas em seus centros; e todas as sete são más"

Saturno – Avareza Júpiter – Esperteza Marte – Ira

Sol – Orgulho Vênus – Lascívia Mercúrio – Inveja Lua – a carne

"Se as três primeiras qualidades possuem sua superioridade no princípio da luz e nascem do centro de trevas, então possuirão em si a natureza da luz. Todas as sete serão boas":

Saturno – Caridade Júpiter – Sabedoria Marte – Brandura Sol – Humildade Vênus – Castidade

Mercúrio – Beneficência

Lua – A substancialidade do corpo de Cristo".

PRINCÍPIO

"Um princípio (início) nada mais é do que um novo nascimento, uma nova vida. Só há um princípio onde se encontra a vida ou a divindade eterna; esta não se manifestaria se Deus não tivesse criado em si criaturas

como os homens e anjos, que conhecem o laço indissolúvel, e como o nascimento da luz eterna em Deus ocorre". (Principles, V 6).

"Deus não tinha outro material do qual criar algo, senão sua própria essência. Mas Deus é um espírito, intangível, que não possui nem princípio, nem fim. Sua profundeza e grandeza é tudo. Um espírito nada faz senão que surge, incita-se, movimenta-se e dá à luz a si mesmo. Neste nascimento há especialmente três formas

– o amargor, a adstringência e o calor; mas nestas três formas não há uma primeira, segunda ou terceira; mas todas as três são uma só, sendo que uma dá nascimento à outra". (Principles, L 3).

SEXO

"O homem é a cabeça; ele possui o regimento superior, com a tintura do fogo, e em sua tintura, possui a alma que deseja Vênus como sua matriz corporal. A alma deseja ter espírito e corpo, e isso está na matriz mulher. Mas o regimento inferior é

o feminino, e seu regimento encontra-se na Lua; pois o Sol fornece o calor, Vênus a tintura, não de natureza ígnea, mas aquosa".

O espírito fornece o ar, e sua tintura não está no calor.

"A Fêmea deseja o macho, e a Lua busca o Sol; pois ela é de natureza material, e deseja um coração celeste. Assim, a matriz feminina deseja o coração do homem e a alma feminina deseja sua tintura; pois a alma é um bem eterno. Assim, existe o desejo sexual entre todas as criaturas; elas desejam misturar-se uma com as outras. O corpo não compreende isso, nem tampouco o espírito-ar; mas, as duas tinturas, a masculina e a feminina, conhecem muito bem". (Threefold Life, IX 106).

SOPHIA

"A alma ígnea, pura como o ouro limpo, testada no fogo de Deus, é o esposo da nobre Sophia, pois ela é a tintura da luz. Se a tintura do fogo é perfeitamente pura, então a Sophia se unirá à ela e Adão receberá novamente a noiva mais nobre, que foi dele afastada durante seu sono; ele a

tomará em seus braços. Não se trata de homem ou mulher, mas um ramo na árvore de pérolas que encontra-se no paraíso de Deus. Mas como a noiva recebe seu noivo na qualidade-ígnea clara e brilhante dele, e como lhe dá um beijo de amor, isso só será compreendido por aqueles que estiveram no casamento do Cordeiro. A todos os outros isso permanecerá um mistério". (Mysterium Magnum, XXV 14).

SUBSTANCIALIDADE

"Se te dizes um Cristão, por que então não acreditas nas palavras de Cristo, quando diz: 'Eu estarei contigo até o final do mundo'; diz ainda que Ele nos dará seu corpo por alimento e Seu sangue como bebida. Tu perguntas: 'O Cristo foi para o céu, como poderia estar neste mundo?' Talvez concordes com o fato de que Ele esteja presente conosco em Seu espírito Santo. Mas o que seria do homem recém-nascido em ti, se fosse alimentado unicamente pelo espírito, sendo esse unicamente alimento para a alma? Cada vida alimenta-se de sua própria mãe. A alma é espírito, como do alimento espiritual; o homem recém-nascido prova do elemento puro, e o homem externo daquilo que provém dos quatro elementos".

"Qual o benefício do corpo (etéreo) se a alma alimenta-se da divindade pura? Pois sabes que a alma e o corpo não são um e a mesma coisa. A alma é espírito, e necessita do alimento espiritual. Ou pensas que podes alimentar o novo homem com o alimento terrestre? Se pensares assim, é porque estais longe do reino de Deus". (Principles, XXIII 6).

SÚLFUR, SAL E MERCÚRIO.

"A palavra Sul e é a alma de algo; pois na palavra Súlfur ela é o óleo ou a luz, que nasce da sílaba Phur. É a beleza ou a bondade de algo; seu amor ou o amado. Na criatura é a inteligência e o sentido, é o espírito nascido da sílaba Phur. A palavra ou sílaba Phur é a Prima Matéria, penetrando o terceiro princípio em si mesmo, o Macrocosmo de onde nasce a essência ou o reino (terrestre) elemental; mas, no

primeiro princípio é a essência da geração mais interna, de onde Deus, o Pai, desde a eternidade dá nascimento a Seu Filho. No homem também é a luz que nasce do espírito sideral em outro centro do Microcosmo, mas no

Spiraculum é um espírito- alma no centro interior. É a luz de Deus, que por si só, possui aquela alma que está no amor de Deus, pois ela é iluminada e soprada pelo Espírito Santo". (Three Principles, ii 7).

"O Sal é a Prima Materia, adstringência. Na adstringência forte surge o amargor; pois, a poderosa atração surge na dificuldade do espírito. Por exemplo, se uma pessoa se torna raivosa, seu espírito atrai aquilo que a faz ficar amargurada e trêmula; e se ela não resiste e se abate, então o fogo da cólera se acende em seu interior, a fim de que queime na malícia. Então, em sua mente e alma isso se torna substancial, um ser". (Three Principles, i 9).

"Mercúrio, um fogo-sulfur-água amargo adstringente; o mais terrível de todos os estados; mas não o imagine como sendo uma Matéria ou algo tangível; trata-se de espírito e a fonte do primeiro princípio da natureza". (Three Principles, i 10). "Isso compreende as quatro qualidades, de onde surge a vida; mas, não tem seu princípio no centro, como o Phur, mas de acordo como a carne-ígnea, no terror da qualidade das trevas". (Threefold Life, ii 42).

VERBO

"Todo o poder do Pai se expressa nas qualidades do Verbo, ou seja, o Filho de Deus. O mesmo verbo, ou o mesmo som, expressado pelo Pai expressa do Salniter, ou os poderes do Pai, e do Mercurius ou som do Pai. Assim, o Pai expressa o verbo de si mesmo, e o mesmo som é a glória de todos os seus poderes; depois que ele é expresso, não mais está contido nos poderes do Pai, mas soa e toca na totalidade do pai em todos os poderes. Esse poder expressado pelo pai tem tal força que o som do verbo imediatamente e rapidamente penetra por toda profundeza do Pai, e sua força é o Espírito Santo, pois, o verbo pronunciado permanece como uma glória ou um mandamento majestoso diante do rei; mas o som, emanando através do verbo, executa o mandamento do Pai pronunciado por Ele através do Verbo, e aqui ocorre o nascimento da Santíssima Trindade. O mesmo ocorre no homem ou no anjo. O poder na totalidade de seu corpo possui todas as qualidades como em Deus o Pai". (Aurora VI 2).

"No espírito do verbo é que se deve compreender a divindade como um todo, com todos seus poderes e efeitos, e com toda sua essência; é sua

admiração, penetração e transformação; toda a ação e toda a geração". (Aurora XIX 72).

"Assim, cada criatura possui seu próprio centro para sua própria expressão ou o som do verbo formado em si mesmo, tanto nos seres temporais como eternos; tanto no homem racional como no irracional; pois o primeiro Ens foi pronunciado do som de Deus, pela sabedoria, de seu centro no fogo e luz e foi formado no Fiat, e entrou em "compactação". O Ens emana do eterno, mas a compactação emana do temporal; portanto, em todas as coisas há algo eterno oculto no tempo". (Mysterium Magnum, XXII 2).

"Naquela qualidade em que cada palavra na voz humana no ato do pronunciamento se forma e se manifesta, até no amor de Deus, assim como nos santos Ens, ou na cólera de Deus; na mesma qualidade ele irá ser tomado novamente, após ter sido pronunciado. A palavra falsa torna-se infectada pelo demônio, e selada pelo (futuro) detrimento, e é recebida no Mysterium da cólera, como na qualidade do mundo de trevas. Cada coisa retorna com seu Ens para aquele lugar de onde teve sua origem". (Mysterium Magnum, XXII 6).

O verbo está perto de ti, em teus lábios e coração; Deus é o próprio verbo que está em teus lábios e coração".

Confissões de Jacob Boehme



JACOB BOEHME, que nos revela aqui alguns dos segredos de sua vida interior, foi um dos mais originais dentre os grandes místicos Cristãos. Possuidor de um gênio natural para tudo que se refere ao espírito, Boehme também apresenta muita das características de uma mente visionária; sua influência na filosofia tem sido, no mínimo tão grande quanto sua influência no misticismo religioso.

Nenhum místico nasce formado. Boehme foi, como os outros homens, o produto tanto da educação como da natureza. A Tradição e o ambiente condicionaram sua visão e forma de pensar. Sua difícil e, porque não dizer, peculiar doutrina é mais bem compreendida quando se lança um olhar sobre sua vida exterior e as influências recebidas. Nasceu numa família de camponeses em 1575, em uma vila perto de Görlitz, nos arredores da Saxônia e da Silesia; quando menino era lavrador. De uma disposição meditativa, sonhadora e piedosa, mesmo na infância já tinha experiências visionárias. Como não era forte o suficiente para o trabalho no campo, passou a ser aprendiz de sapateiro; contudo, suas rígidas idéias morais provocaram discussões com um outro trabalhador, Boehme foi dispensado e se tornou um sapateiro ambulante. Durante seu exílio forçado, que coincidiu com o mais impresionável período da juventude, aprendeu algo sobre a insatisfatória condição religiosa de seu tempo: as amargas discussões e a intolerância mútua que dividiam a Alemanha protestante e o formalismo vazio que se passava por Cristianismo. Entrou em contato com especulações teosóficas e herméticas que colocavam o pensamento alemão

contemporâneo em destaque, e que para muitos parecia oferecer um escape para regiões mais espiritualizadas do que as encontradas nas ilusões das instituições religiosas. Ele próprio encontrava-se cheio de dúvidas e de conflitos internos. Torturado não só pela ânsia de uma certeza espiritual, mas também pelos impulsos desordenados e desejos passionais da adolescência aquela "poderosa contrariedade" da qual ele tanto comenta – era freqüentemente sentida pelo místico em sua forma mais exagerada. Suas necessidades religiosas eram simples: "Nunca desejei saber nada sobre a Divina Majestade... busquei apenas o coração de Jesus Cristo, para que pudesse me ocultar ali da terrível cólera de Deus e dos violentos assaltos do Demônio". Do mesmo modo que Santo Agostinho em seu estudo sobre os Platônicos, Boehme buscava "um lugar que não fosse apenas uma visão, mas um lar"; com isso ele já demonstrou ser um verdadeiro místico. Sua ânsia e esforços para alcançar a luz foram recompensados, do mesmo modo como geralmente acontece com os buscadores no começo de suas investigações, por uma intuição da realidade, aliviando por um tempo a desarmonia que o atormentava. O Conflito cedeu lugar a um novo sentido de estabilidade e a uma "paz abençoada". Isso durou por sete dias, durante os quais se sentiu "cercado pela Luz Divina": uma experiência paralela às vividas por muitos outros contemplativos.

Aos dezenove anos, Boehme retorna á Görlitz, onde casa com a filha de um açougueiro. Em 1599 torna-se um sapateiro mestre e se estabelece neste ofício. No ano seguinte, ocorre sua primeira grande iluminação. As características de tal evento foram peculiares, indicando sua diferenciada constituição psíquica. Tendo passado recentemente por um novo período de entusiasmo e depressão, ele olhava fixamente e com grande concentração para um prato de cobre que captaram e refletiram os raios do sol. Tal fato, sem que nenhum psicólogo pudesse compreender, o trouxe a um estado de extrema sensibilidade; a faculdade mística tomou posse do campo mental, num ato abrupto. Foi como se tivesse uma visão interna do verdadeiro caráter e significado de todas as coisas criadas. Mantendo esse estado de lucidez, tão maravilhoso em seu sentido de renovação, a ponto de o comparar com a ressurreição dos mortos, ele saiu para o campo. Como uma raposa, possuído pela mesma consciência extática, descobriu que "toda criação exalava um outro perfume, muito além do que as palavras ousariam dizer". Boehme penetrava o coração das ervas e das plantas, e percebia toda

a natureza inflamada pela luz interna do Divino.

Foi uma intuição pura, que excedeu seus poderes de falar e pensar: mas ele meditou sobre isso secretamente, "trabalhando no mistério, como uma criança que vai à escola", e sentiu seu significado "desabrochando em seu interior" e gradualmente desabrochou como "uma jovem planta". A luz interior não era constante; sua desregrada natureza inferior persistiu e freqüentemente impediu que rompesse com a mente exterior. Este estado de desequilíbrio psíquico e conflitos morais, durante os quais leu e meditou profundamente, durou cerca de doze anos. Por fim, em 1610, uma outra experiência colocaria um fim em tudo isso, coordenando todas as suas intuições dispersas em uma grande visão da realidade. Boehme sentiu-se impulsionado a escrever alguns relatos do que havia visto, dando início, nas horas vagas, a seu primeiro livro: Aurora. O título desta obra, que ele descreve como "A Raiz ou Mãe da Filosofia, Astrologia e Teologia", mostra até que ponto havia absorvido as noções teosóficas de sua época; mas, seu relato vivo – um dos mais notáveis manuscritos involuntários ou inspirados que existe – mostra também como sua mente superficial pouco participara na composição deste livro, que ele "produziu diligentemente no impulso de Deus".

Boehme, tal qual os antigos profetas e muitos visionários menores, estava possuído por um espírito, quer seja considerado por nós como um poder externo ou uma face de sua própria natureza complexa, dissociado do controle de sua vontade; ele "vinha e ia como uma ducha repentina". Derramava-se em correntes de estranha e potente eloqüência, intocável pela ação crítica do intelecto. Afirmou que durante os anos em que as visões estiveram lúcidas em seu interior "revisou atentamente muitas obras primas da literatura". Com certeza, isso incluía as obras de Valentine Weigel e seus discípulos, e outros livros herméticos e teosóficos; o fruto destes estudos meio que compreendidos está manifestado no simbolismo astrológico e alquímico que tanto aumenta a obscuridade de seu estilo. Como muito visionários, era extremamente sensível ao poder evocativo das palavras, usando-as freqüentemente, tanto por suas qualidades sugestivas, quanto pelo seu significado. Conta-se que ao ouvir pela primeira vez a palavra grega "Idea", ficou extasiado e exclamou: "Vejo uma donzela pura e celestial". É a esta faculdade que devemos, certamente atribuir seu amor

aos símbolos alquímicos e aos jargões mágicos de sua época.

Uma cópia do manuscrito do livro "Aurora Nascente" caiu nas mãos de Gregorius Richter, o Pastor Primaz de Görlitz. Boehme foi violentamente atacado por suas opiniões não ortodoxas, sendo ameaçado de exílio imediato. Teve finalmente permissão para permanecer na cidade, mas fora proibido de escrever. Obedeceu a tal decreto por cinco anos, período considerado por ele como sendo de luta e melancolia, durante o qual foi torturado entre o respeito pela autoridade e a imperativa necessidade de auto-expressão. Suas opiniões, contudo, tornaram-se conhecidas. Elas lhe trouxeram muita perseguição: – "vergonha, infâmia e reprovação", diz ele, "que ao meu redor nasciam e cresciam, todos os dias" – mas também fizeram com que ganhasse muitos amigos e admiradores da classe mais culta, especialmente entre os estudantes locais da filosofia hermética e do misticismo. Foi sob a influência deles que Boehme – com seu vocabulário agora muito mais enriquecido e com suas idéias bem mais esclarecidas como resultado de numerosos intercâmbio de experiências - começa a escrever novamente, em 1619. Em cinco anos entre esta data e sua morte, escreveu suas principais obras. A magnitude, obscuridades e repetições de seus escritos testemunham a fúria com que o espírito direciona a mão do escritor". Algumas destas obras, contudo, parecem terem sido, de fato, escritas com consciência, esclarecendo pontos especiais de dificuldades; as primeiras intuições confusas e ocultas de Boehme acerca da realidade aos poucos deram lugar a uma visão mais lúcida. A "Aurora Nascente" tornou-se um "lindo dia brilhante", no qual seu vigoroso intelecto fora capaz de lidar com o que havia visto "oculto e envolvido nas profundezas da Divindade". Assim, as "Quarenta Questões" fornece respostas às questões levantadas pelo erudito Dr. Walther, diretor do laboratório químico de Dresden. Sua fama já se espalhava por toda a Alemanha; eminentes sábios vinham até sua sapataria para aprender com ele. Em 1622 abandonou sua profissão para se devotar inteiramente a escrever e expor suas idéias.

A publicação do belo "Caminho para Cristo", impresso de forma privada por um de seus admiradores em 1623, causou novo ataque por parte de seu velho inimigo Richter. Pela primeira vez, Boehme cede à controvérsia, replicando com dignidade às violentas acusações de blasfêmia; a heresia recaiu sobre ele. Boehme foi convencido pelos magistrados a deixar a

cidade, onde já contava com um grande número de discípulos. Dirigiu-se primeiramente a corte eleitoral de Dresden; encontrou ali os chefes teológicos da época, que ficaram profundamente impressionados com seu esclarecimento profético e piedade intensa, e recusaram a acusação de heresia. Em agosto de 1624, a morte de Richter permitiu que ele voltasse a Göerlitz, mas já estava muito doente, morrendo em 21 de novembro do mesmo ano, aos 49 anos.

Ao tentar avaliar a característica dos ensinamentos de Boehme, é importante analisar as fontes de suas principais concepções. Suas primeiras revelações, surgidas abruptamente da região do inconsciente, o fizeram crer que nada pertencia à razão, ainda que não se possa negar terem sido fortemente influenciadas pela memória da leitura de livros, por crenças aceitas e experiências vividas. "O raio de luz" no qual teve suas visões repentinas do Universo, iluminou também sua própria mente conferindo à ela uma nova autoridade e significado. Assim, muito freqüentemente, trata-se de seu próprio drama que ele vê refletido na tela cósmica; um procedimento que a doutrina "teosófica" do homem como microcosmo do Universo o ajudou a justificar. Seu temperamento instável, com alterações entre iluminação e depressão, seu constante sentimento de luta, seus abruptos mergulhos na luz – a "poderosa contradição" com a qual "permaneceu em perpétuo combate" – foram condições do quadro de seus eternos conflitos entre luz e trevas no próprio coração da criação; a matéria bruta de natureza lutadora e o formativo Espírito de Deus. O "Fogo fluente e vivificante" que ele sentia em seu próprio espírito, é a sua certeza sobre a energia criativa ígnea Divina.

Além do mais, o cristianismo Luterano que formava a base de sua vida religiosa contribuiu com muitos elementos em seu esquema. Origina-se ai o intenso dualismo moral, a oposição Paulínia entre o "mundo de trevas" da natureza degenerada e o "mundo de luz" da graça, as doutrinas da Trindade e da regeneração, e em geral aqueles símbolos crédulos que Boehme freqüentemente usava num sentido teosófico. A Bíblia lhe é familiar a qual faz constantes referências e, não raramente, fantástico uso de sua linguagem e imagem. Finalmente, os místicos e filósofos herméticos alemães do Renascimento, os quais lia com profundidade, conferiu a Boehme muito da matéria-prima de sua filosofia. AAlquimia de sua época era uma espécie de

brinquedo favorito das mentes especulativas, sendo compreendida parte em seu sentido físico, parte em seu sentido transcendental. A "Doutrina das Signaturas", objeto de uma das últimas obras de Boehme, ainda era tomada seriamente como um guia da medicina prática; o crocodilo de pelúcia pendurado no laboratório, o sapo e a aranha eram cuidadosamente destilados. Mas para os alquimistas espirituais a busca da Pedra era a busca da perfeição sobrenatural, e a natureza humana era a verdadeira matéria da "grande obra". Essa "ciência hermética", na qual a química, a magia e o misticismo se combinavam, atraia a Boehme fortemente, ainda que a influência da ciência hermética sobre sua obra nem sempre tenha sido afortunada. Contudo, seu débito a escritores mais genuinamente místicos do século XVI, especialmente o reformador Silesian, Caspar Schwenckfeld e Valentine Weigel, não representa grande importância; Certamente foi através de Weigel que ele tomou conhecimento de Paracelsus, cuja doutrina de humanidade como sendo a soma de três ordens: a natural, a astral e a divina adotou em sua "Threefold Life of man" e no "Três Princípios da Essência Divina". Foi também através de Weigel que ele traçou sua descendência dos maiores místicos alemães do século XIV, pois o santo pastor de Zschopau penetrava as obras de Tauler, que editou a pérola do misticismo cristão: "Teologia Germânica". Boehme, portanto, estava longe de ser um fenômeno espiritual isolado. Ele foi alimentado por várias fontes; mas tudo o que recebeu foi fundido e refeito na fornalha de sua própria vida interior. O resultado foi uma nova criação, tão única quanto a Pedra Branca que o alquimista faz a partir de seu mercúrio, enxofre e sal; mas nós não mais falaremos sobre isso por ignorar os elementos dos quais provém.

Não é possível extrair das vastas, prolixas e difíceis obras de Boehme um sistema fechado de filosofia. Ele freqüentemente usa da repetição, às vezes se contradiz ou oculta o significado por trás de uma neblina de símbolos inconsistente; pois seus escritos nunca perderam o caráter inspiracional. Mas, na medida em que estudamos estes escritos, gradualmente começamos a distinguir certas linhas de direção, certas características fixas que nos ajudam a encontrar um caminho no labirinto. No meio da complicação há a possibilidade de reconhecer ordem e significado naquilo que é aparentemente um caos, para apreciar e compreender algo sobre a revelação que transformou o simples sapateiro saxônio num profeta do reino de Deus.

Assim como ocorre com a maioria dos místicos, o mapa da realidade de Boehme está baseado no número três e conta com vários pontos interessantes de contato com o Neoplatonismo. “O universo em sua essência consiste de três mundos, que não são outra coisa senão Deus propriamente dito em Suas obras maravilhosas”. Fora e além da natureza encontra-se o Abismo da Divindade, “o Bem Eterno que é o Eterno Um”: uma definição Platônica do Absoluto que deve ter chegado à Boehme através de Eckhart e sua escola. Os três mundos constituem a trindade das emanações através da qual a Unidade transcendente chega à auto-expressão. Boehme os chama de mundo-fogo, mundo- luz e mundo-trevas. Eles não constituem esferas mutuamente exclusivas, mas têm o aspecto de um todo. Através delas “compreendemos um Ser ternário, ou três mundos um no outro”; e todos têm sua parte na produção do mundo externo do sentido, no qual vivemos.

O Fogo é a eterna e energética evontade Divina para a criação; aquela vida sem repouso, nascida de uma ânsia, a qual inspira o mundo natural das possibilidades. “O que quer que venha a ser deve conter Fogo”: este é a auto-expressão do Pai. Do fogo primordial ou fonte da geração em sua agudez nascem os pares de oposições através dos quais a energia Divina é manifestada: o “mundo- trevas” do conflito, do mal e da cólera, que é a Natureza Eterna em si mesma, e o mundo-luz da sabedoria e do amor, que é o Espírito Eterno propriamente dito – o Nous platônico, o Filho da teologia Cristã. O mundo-trevas representa aquela qualidade na vida que é recalcitrante a tudo que chamamos de divino; “natureza não regenerada”, que para Boehme não se tratava de ilusão, mas de um fato horrível. É a esfera da luta não moral e indeterminada, e de todo “golpe, ódio e esforço da arrogante vontade-própria entre homens e bestas”. O mundo-luz é a esfera de toda bondade determinada e beleza; o estado do ser ao qual o impulso ígneo do vir a ser se direciona. É o Verbo, ou o “Coração de Deus”, distinto de Sua Vontade. O mundo-luz preserva todos aqueles valores os quais nos referimos como sendo divinos. Na Luz está “o original eterno de todos os poderes, tinturas e virtudes”. Aqui, mais uma vez, percebemos o ancestral Platônico de uma das idéias mais características de Boehme. Nesta e através desta Luz as lutas brutais da força-luz ígnea são sublimadas; seu interesse titânico é transformado no “desejo de amor e satisfação”. As trevas lhe são necessárias, pois “nada pode se manifestar sem oposição”.

O mundo externo no qual habitamos com o corpo é a criação do fogo e da Luz. Ignorando a existência separada do mundo-trevas, que é então observado como um aspecto do Fogo, Boehme fala desta ordem física como sendo o terceiro Princípio Divino, ou esfera do Espírito Santo, o "Senhor e Doador da Vida"; ele assume uma posição muito próxima da psique plotiniana, ou "alma do mundo". Esse mundo exterior, diz ele, é "tanto mal como bom, terrível e adorável", já que dentro dele ocorre a luta do amor e da cólera. "A vida-natureza trabalha no Fogo, e o Espírito-vida na Luz". O mesmo ocorre no Universo e na vida humana, a essência de sua "salvação", é trazer a

Luz para fora de sua origem ígnea – extrair a beleza espiritual das chagas da natureza energética. Este perpétuo ataque da vida desde a natureza-trevas até o espírito-luz é, ás vezes, denominado por Boehme de "o novo nascimento de Cristo" e, ás vezes de "o crescimento do Lírio". Isso ocorre o tempo todo é a triunfante auto-realização da perfeição de Deus. Ele vê o universo como um vasto processo alquímico, um caldeirão fervente, destilando perpetuamente os metais básicos em ouro celestial.

Assim como é no macrocosmo é no microcosmo, no homem. Ele, também está em processo de vir a ser. A "grande obra" dos hermetistas deve ser realizada em seu interior; é preciso aceitar sua "angústia" – o conflito entre o fogo e a luz. "O homem deve estar em guerra consigo mesmo, se deseja ser um cidadão celeste". O combate é inevitável, e a vitória é possível, porque temos a essência dos três mundos em nós, e somos "feitos de todos os poderes de Deus". A Luz eterna "brilha" em toda consciência. "Quando vejo um homem correto", diz Boehme, "ali vejo os três mundos". Desta forma, a vida humana é "uma luta entre luz e trevas; aquela a qual se entrega a vida, ali será queimada". Suas possibilidades de aventura são infinitas. O arco através do qual deve oscilar é tão amplo quanto a diferença entre o céu e o inferno. Do Fogo angústia, esforço e conflito – a vida não escapa; essa é a manifestação daquela vontade que é vida. Mas ela pode escolher entre o tormento de seu próprio fogo de trevas separado – a ânsia autocentrada que é a essência do pecado- e o auto- abandono ao fogo divino da vontade de Deus, incansável em direção á perfeição. Cada um estabelece um vórtice dentro do processo eterno: o outro contribui com seu estoque de energia e amor para aquela obra universal que transmuta os elementos de

trevas em luz, e cura a aparente separação entre “natureza” e “espírito”. “Nosso santo ensinamento”, diz Boehme, “não é nada mais do que como um homem deveria acender em si o mundo-luz de Deus”. Esse mundo está aqui e agora; e seu objetivo único seria abrir os olhos de outros homens para a proximidade e penetração desta realidade. Tudo repousa na direção da vontade: “Aquilo que fazemos de nós, é o que somos”.

Para ele, o universo era primariamente um fato religioso: suas energias ígneas, seus impulsos em direção ao crescimento e às mudanças eram significantes, aspectos da vida de Deus. Sua visão cósmica era uma observação direta da experiência espiritual; ele falou sobre ela, porque desejava estimular a vida espiritual em todos os homens, fazendo com que compreendessem que “o Céu e o Inferno estão presentes em todos os lugares, e é senão a direção da vontade seja para o amor de Deus ou para Sua cólera, o que introduz o homem em cada um deles”.

Quando a incansável tendência de vir a ser, a ânsia, que deveria levar tanto o cosmo como a vida humana ao seu nascimento, volta-se para si mesma e se torna um desejo ígneo e autodestruidor, uma “roda de angústia”, o processo alquímico ocorre em erro. Então se produz a condição que Boehme denomina de turba; A turba é a essência do inferno. Mas todos aqueles que se rendem ao impulso da Luz conserva essa mesma atitude no céu do coração de Deus, pois “O Céu nada mais é do que uma manifestação do eterno Um, onde tudo trabalha e deseja em silencioso amor”.

Assim, no fim desta vasta e dinâmica visão da impressionante harmonia do universo científico e cristão, descobrimos que o imperativo que governa a entrada do homem na verdade são morais: paciência, coragem, amor e rendição da vontade. Essas virtudes evangélicas são as condições para o conhecimento da realidade; pois “Deus habita em todas as coisas, nada o compreende a menos que seja um com Ele”. Essa é a doutrina de todos os grandes místicos, que tiveram essa verdade comprovada em suas próprias vidas. Tal sintonia do humano com a vida divina é o verdadeiro objetivo do Cristianismo: não devemos esquecer que Boehme era, antes de tudo, um Cristão praticante, para quem a religião era um processo vital, não apenas um credo. Ele lamentava que os ortodoxos de seu tempo se contentavam em acreditar que Cristo havia morrido por eles; mas a aceitação deste fato

histórico não salvou ninguém. “Um verdadeiro Cristão não é apenas um novo homem histórico” – é um feito biológico, a coroação da “grande obra” da alquimia espiritual. A história Cristã é apenas “o berço da Criança”; a moldura onde a lei da regeneração é manifestada perpetuamente, e o “homem celeste”, cidadão do eterno “mundo-luz”, é trazido à tona no mundo do tempo. Diz Boehme, “desejamos de coração que os cristãos de nome e da boca para fora possam um dia encontrar a experiência vivida em seu interior, passando da história para a substância”. Foi a partir da plenitude de suas próprias experiências que ele escreveu, como revela suas declarações pessoais. Com isso observamos a ligação entre sua vida interior e sua visão “mística”; a moral elevada demanda e perpetua conflitos que condicionaram o seu conhecimento intuitivo da realidade. Esse conhecimento foi o fruto de uma “busca sincera” perseguida desde a adolescência até o fim de sua vida terrestre: de uma vontade e ânsia persistente ainda que humilde, estabeleceu o único objeto racional do desejo, voltando para esse propósito cada elemento de sua natureza ternária. A completa dedicação é o fundamento de todo místico sano e opera naqueles que atingem uma verdadeira mudança de consciência, uma vida inconcebível para os outros homens. “Faça esse esforço e rapidamente irás ver e sentir um outro homem, com outros sentidos, pensamentos e compreensão”, dizia Boehme. “Falo aquilo que sei e que tenho encontrado através da experiência; um soldado sabe o que se passa na guerra. Escrevo a partir do amor como alguém que fala no espírito, sobre o que ocorreu em si, para que sirva de exemplo a outros, tentando que alguém o siga e comprove a veracidade deste processo”.

A ciência nada escreveu aqui, nem há como determinar pontualmente como foi feito, segundo o sentido literal; tudo foi ordenado segundo as direções do Espírito, sempre com grande diligência. Desta forma, em muitas palavras podem faltar letras e em alguns lugares uma letra pode significar uma palavra. A mão do escritor, por razões as quais ele próprio desconhece, treme muitas vezes; muito embora eu pudesse ter escrito de forma mais apurada, justa e plena, não o fiz pelo fato de que o fogo ardente freqüentemente me impulsionava em alta velocidade, sendo que a mão e a pena tinham que se acelerar para segui-lo; pois aquele fogo vem e vai como uma ducha repentina. Não posso escrever nada que seja de minha autoria; escrevo apenas como uma criança, que nada sabe e nada compreende e que

nunca nem mesmo foi ensinada. Só escrevo aquilo que o Senhor concede ser conhecido em mim, na medida em que Ele próprio se manifesta em meu interior.

Nunca desejei conhecer coisa alguma acerca do Mistério Divino, muito menos compreendia o caminho de buscá-lo e compreendê-lo. Nada sabia sobre isso. Essa é a condição dos leigos em sua simplicidade.

Tudo o que busquei foi o coração de Jesus Cristo, para que pudesse me ocultar ali da terrível cólera de Deus e dos violentos assaltos do Demônio. Busquei o Senhor sinceramente, pelo seu Santo Espírito e sua graça, a fim de que ele pudesse, por misericórdia, me abençoar e me guiar até Ele, e para que arrancasse de mim tudo o que Dele me afastava. Resignei-me totalmente a ele, de modo que não mais vivesse para a minha vontade, mas para a sua; pois somente Ele poderia me conduzir e orientar, a fim de que no final pudesse ser um filho em Seu Filho Jesus.

Neste meu sincero e cristão desejo e busca (pelo qual sofri grandes rejeições, mas no qual estava determinado a me arriscar e jamais abandonar), a Porta me foi aberta, de modo que em um quarto de hora vi e soube mais do que se tivesse passado muitos anos em uma Universidade, o qual admirei excessivamente e pelo qual louvo a Deus.

Não só me maravilho diante de tal fato como também me regozijo; atualmente veio poderosamente em minha mente colocar esta experiência num papel, para a minha recordação, embora dificilmente poderia apreendê-la em meu ser externo e expressá-la com uma pena. Contudo, devo começar a trabalhar neste grande mistério como uma criança que vai à escola.

Eu vi como que numa grande profundidade, no interior, uma completa visão do Universo, como uma complexa e vivificante plenitude onde todas as coisas estão ocultas e veladas, mas era impossível para mim explicá-las.

No entanto, elas se revelaram em mim, de tempos em tempos, como numa tenra planta. Estiveram comigo cerca de doze anos, como se estivessem em geração. Encontrei em mim uma forte instigação antes de poder externá-las de forma escrita; mas tudo o que pude apreender com o princípio externo de minha mente, foi registrado. Depois disso, contudo, o

Sol brilhou sobre mim por um bom tempo, mas não de forma constante; algumas vezes o Sol se ocultou, então eu nada sabia e nada compreendia de meu próprio trabalho. O homem deve confessar que seu conhecimento não lhe pertence e sim a Deus, que manifesta as Idéias de Sabedoria para a alma, na medida que Lhe apraz.

Não se deve pensar que a minha razão seja maior ou mais elevada que a de outros homens, sou apenas o broto ou ramo do Senhor, e uma tímida e pequena centelha de sua luz; ele pode me colocar onde quer, não posso impedi-lo.

Não pertence à minha vontade natural realizar tal coisa por minha própria e pequena habilidade; pois se o Espírito fosse retirado de mim, então não reconheceria e nem compreenderia nenhum de meus escritos.

Ó graciosa e cordial Bem-aventurança e grande Amor, quão doce és Tu! Como és amável e cordial! Bondoso e amoroso é teu sabor! Quão doce e arrebatador é teu perfume! Ó nobre Luz, e Glória brilhante, quem poderia apreender tua beleza excedente? Tão minuciosamente e bondoso é teu amor! Tão curiosas e extraordinárias são tuas cores! E tudo isso eternamente. Quem poderia expressá-lo?

Por que e o que escrevo eu, cuja língua treme como uma criança que aprende a falar? Com o que poderia comparar tal experiência, a que seria semelhante? Poderia compará-la ao amor deste mundo? Não, ele não passa de um vale escuro.

Ó imensa Grandeza! Não poderia te comparar a nada, senão com a ressurreição dos mortos; ali o Amor-Fogo ressurge em nós, reacendendo nossos poderes mortos, obscuros, frios, amargos e adstringentes, nos envolvendo da forma mais cordial e amável.

Ó gracioso, afável e abençoado Amor; clara Luz brilhante permaneça conosco, eu te imploro, pois a noite está próxima.

Sou um homem mortal e pecador, como qualquer outro; tenho que me esforçar, combater e lutar contra o Demônio, que aflige minha natureza corrupta e perdida, no poder colérico que se encontra em minha carne e na

de todos os homens, continuamente.

Num momento estou no melhor de mim, de repente ele me é impossível; não obstante, ele não me dominou e nem me conquistou, ainda que sempre tire vantagem sobre mim.

Se me dá um golpe, devo me retirar e me afastar, mas o poder divino vem novamente em meu auxílio; então ele também recebe uma corrente de força, e freqüentemente perde o dia na luta.

Mas quando ele é dominado, então o portão celeste se abre em meu espírito, que contempla o Ser divino e celestial, não externamente além do corpo, mas na fonte do coração. Ali surge um raio da luz na sensibilidade ou pensamentos do cérebro, e ali o espírito efetivamente contempla.

Pois o homem é feito de todos os poderes de Deus, de todos os sete espíritos de Deus, da mesma forma que os anjos. Mas agora ele é corrupto, portanto o movimento divino nem sempre revela seus poderes e opera em nele. E mesmo que surja em seu interior, e brilhe ali, ainda é incompreensível para a natureza corrupta.

Pois o Espírito Santo não será apreendido na carne pecadora, mas surgirá como um raio de luz, como centelhas e raios de fogo que surgem com os golpes do homem em uma pedra.

Mas quando o raio é apreendido na fonte do coração, então o Espírito Santo surge, nos sete espíritos fontes revelados, no cérebro, como o amanhecer do dia, o vermelhidão da manhã.

Nesta Luz um vê o outro, sente o outro, cheira o outro, prova o outro e ouve o outro, como se a Divindade surgisse ali plenamente.

Ali o espírito vê na profundidade da Divindade; pois em Deus perto ou longe tudo é um e esse mesmo Deus está na trindade, assim como no corpo de uma alma santa, como no céu.

Deste Deus extrai meu conhecimento e de nenhuma outra coisa; tampouco irei conhecer coisa alguma além deste mesmo Deus. Ele próprio

coloca esta segurança em meu espírito, a fim de que eu confie e acredite firmemente em nele.

Um anjo do céu poderia me ter dito tais coisas, já que eu não acreditava ou não me atinha a certas coisas, de modo que ficaria sempre na dúvida se assim é ou não. Mas o próprio Sol surgiu em meu espírito, e, portanto tenho absoluta certeza.

A alma vive em grande perigo neste mundo; portanto, essa vida é precisamente denominada de vale da miséria, cheia de angústias, uma perpétua confusão, um arrastar e puxar, guerrear, lutar e contrapor.

Mas o corpo frio e meio morto nem sempre compreende essa luta da alma. O corpo não sabe o que se passa com ela, ele é pesado e ansioso; ele passa de uma atividade a outra, e de um lugar para outro, busca o fácil e o repouso.

Quando alcança o que queria, descobre que não é nada do que esperava. Então as dúvidas e as descrenças recaem sobre ele; às vezes, é como se Deus o tivesse banido. Ele não compreende a luta do espírito, como que o mesmo espírito algumas vezes está tão baixo e às vezes tão elevado.

O que escrevo aqui não é um simples relato de um conto ou uma história. Devo permanecer neste combate, repleto de pesadas lutas nas quais freqüentemente sou lançado ao chão, do mesmo modo que outros homens.

Mas por causa da violenta luta e de nossa sinceridade, essa revelação me foi concedida, além da veemente direção ou impulso de trazer, passar e registrar num papel.

As conseqüências de tudo isso, o que pode acontecer, não sei bem. Apenas algumas vezes futuros mistérios me são revelados na profundidade.

Pois quando a carne surge no centro, se vê, mas não se apreende ou se apodera de nada; é o que acontece quando há tempestade de relâmpagos, quando o raio de fogo aparece e rapidamente desaparece.

O mesmo ocorre com a alma quando atravessa o seu combate. Ela

apreende a Divindade como um relâmpago; mas a fonte e o desdobramento dos pecados a cobrem novamente. Pois o velho Adão pertence à terra, e não pertence à Deus, com a carne.

Neste combate, encontrei grandes provas, para aflição de meu coração. Meu Sol foi freqüentemente eclipsado ou extinto, mas surgiu novamente; e quanto mais era eclipsado, mais claro e brilhante ressurgia.

Não escrevo tudo isso para me vangloriar, mas para que o leitor saiba onde se encontra meu conhecimento, para que não busque em mim aquilo que não possuo, ou pense ser eu algo que não sou.

Mas o que sou, são todos os homens que combatem em Jesus Cristo Nosso Senhor pela coroa do Júbilo eterno, os quais vivem na esperança de perfeição.

Muito me admiro que Deus tenha se revelado plenamente a um homem tão simples, e que o tenha impelido a tudo escrever; há tantos homens eruditos que poderiam ter se expressado muito melhor, e demonstrado mais exata e plenamente do que eu, um tolo e uma escória para o mundo.

Mas não vou e nem quero me opor a Ele; já lutei muto contra Ele, que se não fosse por seu impulso e vontade, ficaria satisfeito em se retirar de mim, mas descobri que em minha luta contra Ele, simplesmente juntava pedras para esta construção.

Agora, estou tão elevado que não me atrevo a olhar para trás, pois o medo e a vertigem me tomariam; Só me resta agora um curto pedaço de escada ao marco que todo o desejo, ânsia e deleite de meu coração quer alcançar plenamente. Quando me elevo não tenho vertigem alguma; mas quando olho para trás e pretendo voltar, tremo e temo cair.

Portanto, coloquei minha confiança no Deus forte; vou conseguir e ver o que surgirá de tudo isso. Não tenho, mais que um corpo, mortal e corrupto; Eu o venceria se a luz e o conhecimento de meu Deus permanecesse comigo, então teria o suficiente para esta vida e para a que vem.

Assim não devo me irritar contra meu Deus, embora por causa de seu

Nome tenha que enfrentar a vergonha e a infâmia; à reprovação que surge, cresce e multiplicam- se todos os dias, já estou quase que habituado: Irei cantar com o profeta Davi: “Ainda que meu corpo e minha alma desfaleçam, Tu, Ó Deus, és minha fortaleza e confiança, és também minha salvação e o conforto do meu coração”.

Os homens sempre acreditaram que o céu está longe, a muitos quilômetros da face da terra, e que Deus habita unicamente neste céu.

Alguns tentaram medir tal distância e altura, produzindo monstruosos artifícios. De fato, antes de meu conhecimento e revelação de Deus, pensava ser este o único céu, que numa circunferência, de luz azul clara, se estendia acima das estrelas; supunha que Deus tinha ali seu Ser peculiar, governando este mundo unicamente pelo poder de seu Espírito Santo.

Masquandoesseconceitogerouemmimumgolpeeumarepulsa,indubitavelme por parte do Espírito, que ha muito ansiava por mim, senti uma profunda melancolia e enorme tristeza, ao apreender e contemplar a grande Profundidade deste mundo, também o sol e as estrelas, as núvens, a chuva e a neve, e considerei em meu espírito a totalidade da criação do mundo.

Encontrei, em todas as coisas, o bem e o mal, o amor e o ódio; nas criaturas inanimadas, na madeira, nas pedras, na terra e nos elementos, assim como nos homens e nas bestas.

Além do mais, percebi a pequena centelha de luz, o homem, que deveria ser o mais estimado por Deus em relação a esta grande obra e trama do céu e da terra.

Ao perceber que em todas as coisas há o bem e o mal, tanto nos elementos como nas criaturas, e que neste mundo temos que conviver com o malvado e o virtuoso, com o honesto e o piedoso; e também que os povos bárbaros possuem os melhores países, e são mais prósperos do que os virtuosos, honestos e piedosos, me senti muito melancólico, perplexo e extremamente perturbado; nenhuma Escritura podia me confortar ou satisfazer, ainda que as conhecesse muito bem e nelas fosse muito versado; o Demônio, por sua vez, não estava ocioso, e me atacava com muitos pensamentos pagãos, os quais prefiro não mencionar aqui.

Durante esta aflição e tormenta elevava meu espírito (que a razão ignorava a causa de sua aflição), me dirigia a Deus sinceramente, como numa grande tormenta ou assalto, a fim de que abrigasse toda minha mente e meu coração, todos os meus pensamentos, toda a minha vontade e todas minhas resoluções, lutando incessantemente com o Amor e a Misericórdia de Deus; não desistia a menos que ele me abençoasse, ou seja, a menos que ele me iluminasse com seu Espírito Santo, de modo que pudesse compreender sua vontade e me livrar de tamanha tristeza. Então, o Espírito efetivamente era o vencedor.

Mas quando em meu determinado fervor dava um tremendo assalto, formava uma tormenta e me lançava violentamente à Deus e sobre os portas do inferno, como se possuísse uma reserva inesgotável de virtudes e poder, com a determinação de apostar minha vida nele (o que não poderia fazer sem o auxílio do Espírito de Deus), de repente meu espírito atravessava as portas do inferno, penetrando os impulsos mais internos da Divindade, e ali era envolvido no amor, assim como uma noiva abraça seu amado noivo.

A grandiosidade do triunfo que alentava meu espírito não posso expressar, nem oralmente, nem por escrito; nem poderia ser comparado a nada, senão à geração da vida no meio da morte. É como a ressurreição dos mortos.

Sob esta luz meu espírito percebeu tudo; repentinamente, viu o interior de todas as criaturas; até mesmo nas ervas e no mato reconheci a Deus, quem é, como é e qual é a Sua vontade. Subitamente, sob esta mesma luz e mediante um poderoso impulso, minha vontade decidiu descrever o Ser de Deus.

Mas como não podia compreender a profundidade dos impulsos de Deus, nem apreendê-los com a minha razão, quase doze anos se passaram antes que o exato entendimento de tudo aquilo fosse concedido a mim.

O que se passou comigo foi o mesmo que se passa a uma árvore plantada na terra: primeiro ela é tenra e jovem, depois cresce aos nossos olhos, especialmente se acompanhada do vigor; mas ela não gera frutos imediatamente, e ainda que tenha

flores, estas caem; o frio, a neve e os ventos fortes à castigam antes que alcance um maior crescimento e produza seus frutos.

O mesmo se passou com meu espírito: o primeiro fogo foi só um princípio e não uma luz constante e duradoura; e mesmo que muito vento frio tenha soprado sobre ele, jamais o extinguiu.

A árvore também se sentia tentada a gerar seus frutos e lhe nasceram flores; mas seus botões permaneceram fechados até aquele exato momento, no qual gerou seus frutos.

Desta luz obtive meus conhecimentos, minha vontade, meu impulso e meu direcionamento; portanto, irei registrar esse conhecimento segundo o meu dom, e deixarei que Deus opere sua vontade. E ainda que eu possa encolerizar o mundo inteiro, o Demônio, e as portas do inferno, irei observar e esperar o que o Senhor deseja com isso.

Pois sou muito, muito fraco para conhecer seu propósito; e embora o Espírito permita, na luz, que algumas coisas que estão por vim sejam conhecidas, segundo o homem externo sou muito fraco para compreendê-las.

O espírito essencial ou animado, que envolve seus poderes e se une a Deus, compreende muito bem; mas o corpo animal não tem mais do que uma pequena noção; do mesmo modo que um relâmpago. Esse é o estado do movimento mais interno da alma, quando rompe o exterior numa elevação ao Espírito Santo. Mas o exterior constantemente se aproxima, pois a cólera se apodera de Deus, assim como saltam chispas da pedra, que retém o fogo cativo em seu poder.

Então o conhecimento do homem externo desaparece, e ele caminha para cima e para baixo, aflito e ansioso, como uma mulher em trabalho de parto, desejosa de dar à luz, mas que não pode e padece de terríveis dores.

O mesmo se passa com o corpo animal uma vez que tenha provado a doçura de Deus. Ele tem sede e ânsia desta doçura, constantemente; mas o Demônio se opõe à cólera de Deus, o mesmo faz o homem, nestas circunstâncias de angústia; não há outro remédio senão guerrear e lutar por

Ele.

Não escrevo nada disso para minha própria glória, mas para confortar o leitor, e caso ele tenha disposição para caminhar comigo sobre minha estreita ponte, não se desanime, desfaleça ou desconfie, quando as portas do inferno e a cólera de Deus apareçam pelo caminho e se apresentem diante dele.

Quando estivermos juntos, sobre esta estreita ponte do trabalho carnal, a fim de chegar até a campina verde onde a cólera de Deus não alcança, então seremos plenamente recompensados por todos os males e feridas suportadas; mesmo que o mundo nos tome por tolos, e que tenhamos que tolerar o domínio, a investida e o furor do Demônio sobre nós.

Lembre-se de que se fixar seus pensamentos nas coisas do céu, concebendo em sua mente o que são, onde estão e como são, não é preciso enviar seus pensamentos a milhares de quilômetros, pois este lugar, este céu, não é teu céu.

Mesmo que o céu esteja unido com teu céu como um corpo, não sendo mais do que um corpo de Deus, você não se converterá numa criatura naquele lugar tão distante, mas você está no céu deste mundo, que contém em si uma Profundeza imensurável.

O verdadeiro céu está em todas as partes, onde quer que você esteja ou vá; e quando seu espírito pressiona através do astral e do carnal, e compreende o impulso mais interno de Deus, então seu espírito está, claramente, no céu.

Mas há, com certeza, um céu glorioso e puro em todos os três mundos superiores, na profundidade insondável deste mundo, no qual o Ser de Deus juntamente com os santos anjos surgem de forma muito pura, brilhante, belíssima e jubilosa, isso é inegável. Quem nega isso não é filho de Deus.

Deves saber que este mundo em seu interior desdobra suas propriedades e poderes em união com o céu elevado, acima de nós; há então um Coração, um Ser, uma Vontade, um Deus, tudo em tudo.

O impulso externo deste mundo não pode compreender o impulso interno do céu acima deste mundo, pois são um para o outro como que a vida e a morte, ou como a relação entre um homem e uma pedra.

Há um forte firmamento dividindo o exterior deste mundo do exterior do céu superior; esse firmamento é a Morte, que rege e reina em todo lugar deste mundo, e que estabelece um grande abismo entre ambos.

O segundo impulso deste mundo está na vida; é o astral, do qual é gerado o terceiro e sagrado impulso; ali, o amor e a cólera lutam entre si.

O segundo impulso reside nas sete fontes espirituais deste mundo, e está em todos os lugares e em todas as criaturas, assim como no homem. Mas o Espírito Santo também governa e reina neste segundo impulso, e auxilia a gerar o terceiro, o impulso sagrado.

O terceiro é o céu claro e sagrado que se une ao Coração de Deus, se distingue de todos os céus acima, como um só coração.

Portanto, você, filho do homem, não se desencoraje, não seja tão tímido e medroso; se em teu fervor e pura sinceridade semear as sementes de suas lágrimas, não semearás na terra, mas no céu; Pois com seu impulso astral você semeia; no impulso de tua alma você colhe, e no reino dos céus possui e desfruta.

Se os olhos do homem fossem abertos, ele veria à Deus em todos os lugares de seu céu; pois o céu está em todo lugar, no impulso mais interno.

Além do mais, quando Estevão viu o céu se abrir e o Senhor Jesus ao lado direito de Deus, seu espírito não se lançou ao céu superior, mas penetrou o impulso mais interno, onde o céu está em todo lugar.

Tampouco se deve pensar que Deus é uma espécie de Ser que está unicamente no céu superior, e que a alma, quando se separa do corpo, sobe a muitos quilômetros de distância. Isso não é necessário; ela se fixa em seu movimento interno e está com Deus e em Deus, e com todos os santos anjos, e pode de repente estar acima, de repente estar a baixo; ela não é impedida por nada.

Porque no mais íntimo a Divindade inferior e a superior formam um corpo e uma porta aberta. Os santos anjos conversam e movimentam-se para cima e para baixo no mais íntimo deste mundo com nosso Rei Jesus Cristo; assim como nas mais elevadas regiões, em seus quadrantes, cortes ou regiões.

Onde então poderia ou deveria estar a alma do homem senão com seu Rei e Redentor Jesus Cristo? Pois perto e longe em Deus é uma única coisa, uma compreensibilidade: Pai, Filho e Espírito Santo, em toda parte.

A porta de Deus no céu superior não é outra, nem mais brilhante do que já é neste mundo. E onde haveria maior satisfação do que naquele lugar onde a toda hora, a cada momento, belas, amorosas e queridas crianças recém-nascidas e anjos vêm à Cristo, passando da morte para a vida? Onde haveria maior prazer do que ali, no meio da morte onde a vida é gerada continuamente? Não traz cada alma consigo um novo triunfo? Então para ela nada mais há do que saudações e boas vindas extremamente amigáveis.

Vocês consideram meus escritos demasiadamente terrestres? Se viessem até esta minha janela não diriam que são terrestres. Ainda que eu tenha que usar a linguagem terrestre, há uma compreensão celestial ali expressa, a qual sou incapaz de expressar em meu impulso superior.

Sei muito bem que a palavra referente aos três impulsos não pode ser compreendida ou apreendida pelos corações humanos, especialmente naqueles muito íngremes, saturado ou mergulhado na carne. Mas não há como mudar isso é assim mesmo; e ainda que eu escreva com o espírito, de fato e em verdade, tais corações só compreendem como carne.

Não pensem que aquilo que escrevo seja uma opinião duvidosa, passível de ser questionável se assim é ou não é; pois as portas do céu e do inferno estão abertas ao espírito, é a Luz que o faz passar ou que o detém no umbral, a fim de prová-lo e examiná-lo.

Muito embora o demônio não possa retirar-me a Luz, ele freqüentemente a esconde com os impulsos exteriores e carnais, de modo que o astral torna-se ansioso e apurado, como se estivesse aprisionado.

Mas isso não passa de seus golpes que cobrem e obscurecem a semente do paraíso. Sobre isso o santo Apóstolo Paulo dizia que um grande espinho lhe havia sido cravado na carne e que suplicava ao Senhor para que lhe fosse retirado, sendo que o Senhor respondia: “Que minha Graça seja suficiente a ti”.

Ele também veio a este lugar e gostaria de obter a Luz em seu movimento astral sem obstruções e embaraços. Mas isso não pôde ser, pois a cólera habita o impulso carnal, e era preciso suportar ali a corrupção. Se a cólera pudesse ser totalmente eliminada do astral, ele teria sido como Deus e conheceria todas as coisas da mesma forma que Deus.

Estas coisas a alma só conhece nesta vida caso desenvolva seus poderes em união com a Luz de Deus, e mesmo essa alma não pode trazer tudo perfeitamente de volta ao astral. Assim como uma maçã não pode trazer seu perfume e seu sabor de volta para a macieira ou para a terra, ainda que tenha sido um fruto da árvore, o mesmo se passa com a natureza do homem.

O santo homem Moisés era tão elevado e profundo nesta Luz que também glorificou, purificou e iluminou o astral, tornando o exterior de sua carne e de sua face pura, brilhante e glorificada.

Ele também desejava ver perfeitamente a luz de Deus no astral, mas não conseguiu, pois a barreira da cólera estava diante dele. Nem mesmo a natureza completa e universal do astral deste mundo pode captar a Luz de Deus; portanto, o Coração de Deus está oculto, ainda que habite em todos as partes e tudo compreenda.

Sabe-se que a cólera de Deus na natureza exterior permanece oculta e repousa, e não pode ser despertada a menos que os homens o façam; dinamizam seus impulsos carnais a fim de unirem seus poderes com a cólera na natureza mais exterior.

Portanto, nenhum condenado ao inferno deveria afirmar que Deus assim o fez ou que esta é a sua vontade. O homem é quem desperta a cólera ardente em si mesmo, e se isso cresce queimando, ele se une à cólera de Deus e ao fogo infernal, como um todo.

Porque quando se extingue a Luz, se cai nas trevas. A cólera de Deus encontra-se oculta nas trevas, se o homem a desperta, nela irá queimar.

Há fogo até numa pedra: se não é golpeada, o fogo permanece oculto; quando golpeada, o fogo se manifesta, e se há qualquer matéria combustível por perto, irá se incendiar e queimar, numa grande fogueira. O mesmo se passa com o homem, quando ascende a cólera ardente que poderia estar em repouso.

Quando se contempla o espaço insondável sobre a terra, não se pode afirmar que não seja a porta de Deus onde Ele habita em sua santidade: Não, não, se pensa que não, pois a Santíssima Trindade, Deus o Pai, o Filho e o Espírito Santo, habitam o centro abaixo do firmamento celeste, ainda que esse firmamento não possa compreendê-la.

De fato, é como se fosse um só corpo, o impulso mais externo e o mais interno, junto com o firmamento celeste, e também o impulso astral, onde a cólera de Deus se desdobra; mesmo assim, eles são um para o outro como o governo, a marca e a constituição do homem.

A carne marca o impulso externo, que é a casa da morte. O segundo impulso do homem é o astral, onde reside a vida, e onde o amor e o ódio lutam entre si. Por isso o homem mau conhece a si mesmo, pois o astral gera a vida no externo, ou seja, na carne. O terceiro impulso é gerado entre o astral e o externo, e é denominado de impulso animado, anímico, ou alma, e é tão grande como todo o homem.

Este impulso o homem externo não conhece e não compreende, nem o astral o compreende; mas cada fonte espiritual compreende sua origem nata, semelhante ao céu.

O homem animado ou a alma deve passar através do firmamento celeste à Deus, e viver com Deus, se bem que nem todos os homens podem entrar no céu com Deus.

O homem não pode estar livre do ódio e do pecado, já que os impulsos do insondável neste mundo não estão completos diante do Coração de Deus; o amor e o ódio sempre combatem entre si.

No segundo impulso, o astral, onde agora o amor e a cólera encontram-se um contra o outro, encontra-se um espírito de vida e do firmamento do céu, que é do centro do espírito.

O Demônio só pode alcançar metade deste impulso, o mesmo que alcança o ódio, não mais. Portanto, ele não pode conhecer como se origina a parte do impulso astral, que habita no amor; este é o firmamento celeste que mantém cativa a cólera inflamada, juntamente com todos os demônios, pois eles não podem penetrar seu interior. Neste céu mora o Espírito Santo, que emana do Coração de Deus, e ataca o ódio, gerando para si mesmo um templo no meio da ferocidade da cólera de Deus.

Neste céu vive o homem que teme a Deus, inclusive enquanto vive neste corpo sobre a terra; pois esse céu está no homem, assim como o espaço profundo está sobre a terra. E como está o profundo sobre a terra, assim está o homem, tanto no amor como no ódio, até a partida da alma; quando a alma abandona o corpo, vive então ou no céu do amor ou no ódio.

Neste céu vivem os santos anjos entre nós; os demônios vivem na outra parte. Neste céu o homem vive entre o céu e o inferno, e deve sofrer pelo ódio e suportar muitos e graves golpes, tentações e perseguições, quando não tormentos e opressões.

O ódio é chamado de Cruz, e o amor celeste de Paciência, e o espírito que surge ali é denominado fé e esperança, que se une a Deus e combate o ódio até superá-lo e alcançar a vitória.

Sim, caros teólogos, aqui o espírito abre uma porta para vós! Caso vocês não enxerguem e não alimentem suas ovelhas e cordeiros num pasto verde, ao invés de levá-los a pastar num campo seco e estéril, serão responsáveis por isso diante do severo, formal e colérico julgamento de Deus; portanto trabalhem bem!

Tomo o céu como testemunha de que faço aqui o que devo fazer. O Espírito me conduz, de modo que me encontro totalmente cativo, sem poder me liberar, aconteça o que acontecer venha o que vier.

O terceiro impulso no corpo de Deus encontra-se oculto neste mundo.

Nele está o todo poderoso e santo Coração de Deus, onde nosso rei, Jesus Cristo, com seu corpo natural, senta-se ao lado direito de Deus, como Rei e Senhor de todo o corpo deste mundo.

O corpo de Cristo não é palpável, senão de modo divino, com uma natureza angélica. Nossos corpos, na ressurreição, já não terão carne nem ossos, sendo como o dos anjos; e ainda que possuam todas as formas e poderes, não terão a palpabilidade.

Após a sua ressurreição, o Cristo disse a Maria Madalena no jardim de José de Arimatéia, diante do Sepulcro: "Não me toque, pois ainda não ascendi ao meu Deus e ao teu Deus", como se afirmasse já não possuir o corpo animal, embora pudesse se mostrar à ela na forma , já que de outro modo, ela não o veria com os olhos da carne.

Então, durante os quarenta dias após a sua ressurreição, não era sempre que ele caminhava de forma visível dentre seus discípulos, mas sim de forma invisível, de acordo com suas propriedades angelicais e celestes. Quando ele falava ou se dirigia a seus discípulos, então ele se mostrava de forma palpável, para que assim pudesse dirigir-se a eles com palavras naturais, pois a corrupção não pode apreender o divino. Ele mostrava apenas o suficiente de seu corpo angélico, e com isso chegava a seus discípulos através das portas fechadas.

Saibam que Seu corpo está unido a todos os sete espíritos na natureza no impulso astral do lado do amor; e mantém o pecado, a morte e o Demônio cativos no lado do ódio. Observem também como que, neste mundo, vocês se encontram no céu e no inferno, e habitam entre o céu e o inferno em grande perigo. Vejam como o céu está presente num homem santo, e que, em toda parte, onde quer que se encontre, vão ou permanecem, se teu espírito coopera com Deus, está parte encontra-se no céu e tua alma está em Deus. Portanto, diz o Cristo: "Minhas ovelhas encontram-se em minhas mãos, nenhum homem pode afastá-las de mim".

Da mesma forma, observem como se encontra no inferno entre todos os demônios, quanto a parte colérica; se teus olhos fossem abertos, veriam coisas maravilhosas, mas como se encontram entre o céu e o inferno, não podem contemplar nenhum dos dois, e por isso caminham sobre uma ponte

muito estreita.

Alguns homens já entraram em êxtase, conhecendo, nesta vida, os portões do céu e do inferno; eles mostraram e declararam como muitos homens vivem o inferno com seus corpos vivos. Tais homens sofreram escárnios, desprezo e gozações, mas providas da ignorância e da incredulidade, pois a verdade é exatamente como declararam.

O simples afirma que Deus criou tudo do nada; mas ele não conhece a Deus, nem a si próprio. Quando observa a terra e o espaço insondável, pensa que nada disso é Deus; ou ainda, que Deus não está ali. Imagina consigo mesmo que Deus habita unicamente acima do céu azul das estrelas, e governa, por assim dizer, através de algum espírito que dele emana e que Seu corpo não está presente aqui sobre a terra ou na terra.

Já li os mesmos dogmas e opiniões nos livros e escritos de Doutores, sendo que há muita controvérsia, discussões e opiniões sobre esse assunto entre os eruditos.

Ver a Deus abre para mim as portas de seu Ser em seu grande amor, lembrando- me dos pactos que contraiu com o homem. Portanto, irei fiel e devidamente abrir todas as portas de Deus, de acordo com os dons a mim concedidos, e se Ele conceder a Sua permissão.

Talvez o que escrevo não seja bem compreendido, já que não sou nenhum especialista nestes assuntos, mas quem sabe me farei entender.

O Ser de Deus é como uma roda, onde se encontram muitas rodas estão uma dentro da outra, girando acima, abaixo, lateralmente, girando ao mesmo tempo continuamente.

Quando o homem capta a roda fica maravilhado por não poder aprendê-la e concebê-la instantaneamente. Quanto mais ele observa a roda, mais aprende sobre sua forma; e quanto mais a compreende, mais se encanta, pois vê continuamente algo que é mais e mais maravilhoso, de forma que um homem jamais a observa ou a compreende o suficiente.

O mesmo ocorre comigo. Aquilo que não posso descrever completamente

com relação a esse grande mistério, será encontrado em outro lugar; não posso, devido a minha incapacidade, descrever a grandeza deste mistério, que será encontrado em outra parte.

Aqui se encontram os primeiros brotos ou vegetações deste pequeno ramo, que brota de sua mãe, e é como uma criança aprendendo a caminhar, incapaz de fazê-lo com muita pressa.

Embora o espírito veja a roda e queira compreender toda sua forma, não consegue por causa do giro da roda. Mas na medida em que vai se fixando no movimento da roda, vai conhecendo mais da sua forma e acaba por deleitar-se com ela, desejando-a cada vez mais.

Observem: A terra possui tantas qualidades e maneiras de expressá-las ou espíritos-fontes, como a profunda imensidade que há sobre a terra, ou como há no céu, e todas pertencem a um único corpo. Esse corpo é o Deus Universal. O pecado é a causa pela qual tu não a ves e não a conheces em sua plenitude. Com o pecado e pelo pecado, te encontras dentro deste grande corpo divino, fechado na carne mortal; o poder e a virtude de Deus estão ocultos de ti, assim como a medula dos ossos está oculta da carne.

Mas se com teu espírito rompes através da morte da carne, então verás o Deus oculto. Pois a carne mortal não pertence ao impulso vital, de modo que não pode receber ou conceber a Vida da Luz que lhe é própria; mas a Vida da Luz em Deus se separa da carne e se gera a si mesma, formando outro corpo vivo e celeste, que conhece e compreende a Luz.

O corpo mortal nada mais é do que um germe do qual surge o novo corpo, como ocorre com um grão de trigo na terra. O germe não cresce e nem volta a viver, tal qual o grão, e continua sendo a mesma coisa, na morte.

Observe o mistério da terra: do mesmo modo que ela floresce, tu também deves florescer. A terra não é aquele corpo gerado, mas a mãe do corpo; do mesmo modo, tua carne não é o espírito, mas a mãe do espírito.

Em ambos os casos, a Luz da clara divindade está oculta; ela surge e forma um corpo para a terra e outro para tua carne, de acordo com tua

espécie.

Segundo a mãe, é o filho: o filho do homem é a alma que nasce do impulso astral da carne; e o filho da terra são as ervas, os vegetais, as árvores, a prata, o ouro e todos os minerais.

Da terra nascem as ervas, os vegetais e as árvores; na terra estão a prata, o ouro e todos os tipos de minerais ocultos. No espaço que há sobre a terra, surge a maravilhosa formação de poder e virtude.

Convido agora todos os amantes do que é sagrado e elevado, que estimam as artes filosóficas e teológicas, a se situarem diante deste espelho, onde me encontro, e a que abram a raiz e o fundamento destas questões.

Não usarei seus cálculos, fórmulas, esquemas, regras e caminhos, pois não foi deles que obtive meu conhecimento. Tenho um outro mestre, que é o manancial vivo da natureza.

O que poderia eu, um simples leigo, ensinar ou escrever acerca de tão elevada ciência se não me fosse concedido pelo Espírito da natureza, no qual vivo e existo? Poderia impedir que o Espírito se abra onde e em quem quer que deseje?

Ó tu filho do homem, abre os olhos de teu espírito, pois irei te mostrar a verdadeira e real porta de Deus.

Cuidado! Esta é a verdade única: tu foste criado unicamente de Deus e em nele vives; quando compreenderes o espaço imenso, as estrelas e a terra, então observarás teu Deus. Nele vives e possui teu ser; esse mesmo Deus te governa e dele possui teus sentidos. Tua és uma criatura dele e nele vives; de outro modo nunca teria existido.

Talvez irás dizer agora que escrevo de forma pagã. Veja bem! Observe a diferença, porque eu não escrevo de forma pagã, mas no amor da sabedoria; não sou pagão toda vez que possuo o verdadeiro conhecimento do único e grande Deus que é o Todo.

Quando compreendas a imensidade, as estrelas, os elementos e a terra,

não verás e nem compreenderás com teus olhos a resplandecente e clara Divindade, ainda que esteja presente em tudo isso; mas se vê e se compreende, com teus olhos, primeiro a morte, depois a cólera de Deus.

Mas se elevas teus pensamentos e considera onde Deus se encontra, compreenderás o impulso astral, onde o amor e o ódio lutam entre si. E quando pela fé te aproximas de Deus que governa este domínio, de forma santa, tu repousarás em Seu Sagrado Coração.

Feito isso, serás como Deus, que é o céu, a terra, as estrelas e os elementos.

Onde irás buscar a Deus? Busque-o em tua alma, que procede da natureza eterna, o manancial vivo das forças que ajudam a obra divina.

Quisera possuir a pena de um homem sábio e ser capaz de escrever sobre o espírito do conhecimento! Não posso mais do que tatear os Grandes Mistérios, como uma criança que começa a falar; a língua terrestre pode tão pouco expressar daquilo que o espírito compreende. Mesmo assim, irei me esforçar para que se busque a pérola do verdadeiro conhecimento, e colaborar com a obra de Deus em meu paradisíaco jardim de rosas; pois o desejo da eterna mãe-natureza me impulsiona a escrever e a me exercitar neste meu conhecimento.

Nem o dinheiro, nem a ciência, nem os bens, nem o poder pode te dar o descanso eterno do paraíso eterno, mas sim o conhecimento que elevará tua alma. Esta é a pérola que nenhum ladrão pode roubar; busque-a e encontrará o nobre tesouro.

Nossa habilidade e compreensão são tão estreitas e limitadas que já não possuímos nenhum conhecimento sobre o paraíso. E ainda que renasçamos, o véu de Moisés permanecerá continuamente diante de nossos olhos e supomos que se falava do paraíso quando se escreveu: “Deus colocou Adão no jardim do Éden, que ele havia plantado, a fim de que ele o cultivasse”.

Ó, homem amado! O Paraíso é o gozo divino. É o gozo divino e angelical, que não se encontra fora deste mundo. Quando falo do manancial e do gozo do paraíso e de sua substância, tal como é, não encontro

semelhança com ele neste mundo; sinto a necessidade do conhecimento e da palavra para expressá-lo; e ainda que os possuísse não poderia expressá-lo com essa língua. Compreende-se bem na mente, quando a alma viaja na carruagem do Espírito, mas não posso expressar com a linguagem; no entanto, irei gaguejar como as crianças até que uma outra boca me seja concedida para falar.

Ver que algo me é concedido pela graça do poder de Deus, pelo que poderia conhecer o caminho do paraíso, ver também que cabe a todos colaborar com as obras de Deus, não irei negligenciar minha tarefa, mas irei em frente o quanto puder.

Embora eu mal possa soletrar as letras neste caminho tão elevado, minha tarefa servirá para que muitos aprendam e jamais se esqueçam, por todas as suas vidas. Aquele que pensa conhecer bem o caminho, ainda não aprendeu a primeira letra do paraíso, pois não há doutores nesta escola, apenas alunos.

Não há nada mais perto de ti do que o céu, o paraíso e o inferno. Para eles caminhas e te inclinas, de modo que nesta vida estáis mais perto deles. Há um impulso entre ambos e tu tens os dois impulsos dentro de ti. Deus te chama por um, e o Diabo te chama pelo outro; tu és quem decide com quem irás. O Diabo tem em suas mãos o poder, as honras, o prazer e a felicidade mundana; a raiz de tudo isso é a morte e o fogo infernal. Deus tem em suas mãos cruzes, perseguições, miséria, pobreza, ignomínia e o pesar; a raiz de tudo isso também é um fogo. Mas neste fogo há uma luz, e na luz há virtude e na virtude está o paraíso. No paraíso estão os anjos, e entre os anjos está o Gozo. Os olhos obscurecidos e carnais não podem captá-lo; mas quando o Espírito Santo visita a alma, ela renasce em Deus, e se converte num filho do paraíso, que possui a chave do Paraíso e vê por esse intermédio.

Quem nasce em Deus, compreende Deus, o paraíso, o reino do céu e do inferno, a entrada para as criaturas e a criação deste mundo; caso contrário, o véu cegará teus olhos, assim como ocorreu com os olhos de Moisés. Portanto disse o Cristo: “Busque e encontrarás, bate e a porta se abrirá”.

Se não compreendes o que aqui escrevo, busque o humilde Coração de Deus, isso colocará uma pequena semente da árvore do paraíso em tua

alma; e se tiveres paciência, desta semente crescerá uma grande árvore, do mesmo modo que ocorre com esse autor. Pois ele deve ser considerado uma pessoa simples, se comparado com os grandes eruditos; mas o Cristo disse: "Meu poder fortalece os fracos; meu Pai se alegra em ocultar estas coisas dos sábios e prudentes, revelando-as aos pequeninos e lactantes; a sabedoria deste mundo é uma loucura diante de teus olhos. E ainda que as crianças do mundo sejam mais espertas em sua geração do que os filhos da luz, a sabedoria que possuem, não passa de corrupção, enquanto que a sabedoria da luz é eterna". Busque a nobre pérola; ela é muito mais preciosa do que todo este mundo e jamais te abandonará. Onde estiver a pérola, ali também estará teu coração; não precisarás mais buscar o Paraíso, o gozo e o deleite celestial neste mundo; não busques mais nada além da pérola, e quando a encontrares terás encontrado o Paraíso e o Reino dos Céus.

Tenho examinado muitas obras literárias, na esperança de encontrar a mais alta e profunda sabedoria de Deus, a pérola que é a compreensão humana; não pude encontrar nada daquilo que minha alma anelava. Encontrei muitas opiniões contrárias e algumas que me proibiam de continuar buscando, ignoro o motivo, a não ser que aqueles que me proíbem tenham os olhos vendados.

Com tudo isso minha alma se inquietou interiormente, cheia de pesares e angústias, como uma mulher em trabalho de parto; não havia como por um fim em tudo isso antes de começar a seguir as palavras de Cristo, quando disse: "É preciso nascer de novo, se quiseres ver o Reino de Deus". A princípio isso me confundiu, pensei que tal coisa não pudesse acontecer neste mundo, mas apenas no momento de abandoná-lo. Minha alma se angustiou, ansiando por encontrar a pérola, mas, cedendo a seus impulsos, por fim a conseguiu. Portanto escreverei como uma memória para mim mesmo e para lançar uma luz àqueles que buscam. Pois o Cristo disse: "Não se acende uma luz para colocá-la embaixo da cama, mas para colocá- la sobre a mesa, a fim de que ilumine a todos que se encontrem na casa". É para esse fim que ele concede a pérola, a prudência e os conhecimentos divinos aos que buscam, que devem compartilhá-los com os que desejam serem curados, segundo Ele ordenou.

De fato, Moisés escreve que Deus criou o homem do pó da terra. Essa é a

opinião de muitos. Eu mesmo não sabia como compreender, nem através de Moisés, nem através dos comentários acerca destas palavras. O véu teria permanecido diante de meus olhos, ainda que isso me incomodasse bastante. Mas quando encontrei a pérola, olhei no rosto de Moisés, e descobri que seu escrito era perfeito; eu é que não havia compreendido.

A questão é: Qual é a imagem de Deus? Considere a Divindade, e te iluminarás. Deus não é um homem animal; o homem deveria ser a imagem e semelhança de Deus, ali onde Deus pode habitar. Deus é um espírito; três princípios se encontram nele, que são as origens dos poderes das trevas, da luz e deste mundo. Ele criou esta imagem fundamentada nestes três princípios, à Sua semelhança. Por conseguinte, Moisés tinha razão ao dizer que Deus criou o homem e não que o fez a partir de um punhado de terra. Mas o poder criador com que Deus o criou é a matriz da terra, a partir da qual a terra foi gerada; a matéria com a qual ele criou o homem é a quinta-essência das estrelas e dos elementos, surgida da matriz celeste, que é também a raiz da terra.

A alma encontra-se diante de duas portas, e toca dois princípios: a eterna obscuridade e a luz eterna do Filho de Deus, assim como faz o próprio Deus Pai. Isso pode ser o Paraíso e o céu, gozando do inefável júbilo que Deus Pai tem em seu Filho e ouvindo as palavras inexprimíveis do Coração de Deus.

Ali a alma se alimenta de todas as palavras de Deus, porque são os alimentos da vida; e entoa os cantos paradisíacos de louvor relacionados ao gratificante fruto do paraíso, que cresce na virtude divina e é o alimento do corpo eterno e celestial.

Pode isso não ser gozo e júbilo? Não seria prazeroso comer do pão celeste, na companhia de milhares de anjos, e regozijar-se em sua comunhão e fraternidade? O que poderia ser mais gratificante? Onde não há temor, ira ou morte; pois ali é onde cada voz e discurso falam da salvação divina, do poder, da força e da vontade, e essa voz chega até a eternidade. Esse é o lugar onde Paulo ouviu palavras indizíveis, que nenhum homem pode expressar.

Dou graças a Deus por ter me regenerado pela água e pelo Espírito Santo,

tornando-me um ser vivo, a fim de que em sua Luz possa ver os grandes vícios de minha carne.

Deste modo, vivo segundo o espírito deste mundo, em minha carne, a qual serve o espírito deste mundo; mas minha mente serve a Deus. Minha carne se regenerou neste mundo e é governada pela quinta-essência das estrelas e dos elementos, que nela habita e domina o corpo e a vida externa; mas minha mente está regenerada em Deus e ama a Deus. E ainda que não possa compreender e captar a sabedoria divina, pois que cai em pecado, o espírito deste mundo não será sempre um cativeiro para minha mente.

Porque a virgem, a Sabedoria Divina, prometeu não me deixar na miséria; ela virá em meu socorro e auxílio com o Filho da Sabedoria. Devo me unir a ele, quem me levará até ela no paraíso. Vou me aventurar, atravessando as matas e os espinhos, da melhor forma que puder, até encontrar meu lugar de origem, onde reside a Sabedoria. Confio em sua promessa sincera, quando me apareceu dizendo que transformaria toda a minha aflição em grande alegria. Quando estava no monte, à meia-noite, com todas as árvores debatendo-se sobre mim, com a tempestade me açoitando e o Anticristo tentando me devorar com suas enormes mandíbulas, ela apareceu e me consolou, levando-me consigo. Portanto, sinto-me alentado e não me importa o anticristo, que só governa a casa transitória da carne, da qual é o senhor; ele pode tomá-la imediatamente, mas neste caso poderei voltar ao meu lugar de origem.

Pois, ele não é o senhor absoluto desta casa, mas apenas o asno de Deus, já que um asno pratica todo tipo de truque e travessuras para ser divertido e ficaria satisfeito em ser a besta mais perfeita do mundo, eis a razão para se comportar desta forma. Seu poder pende na grande árvore deste mundo e um vendaval pode soprá-lo para longe.

O leitor poderá perguntar: O que é a nova regeneração? Ou como ela ocorre no homem? Ouça e observe, não bloqueie tua mente, não permita que ela seja invadida pelo espírito deste mundo, que é apenas poder e pompa. Atue sobre tua mente e atravesse completamente o espírito deste mundo; entregue tua mente ao gratificante amor de Deus; tenha o firme propósito de superar o prazer deste mundo e não contemplá-lo. Considere que este mundo não é teu lar, mas aqui és um estranho, cativo em uma

prisão; grite chamando por aquele que possui a chave da prisão; inclina-te à ele em obediência, retidão, humildade, pureza e verdade. Não busque o reino deste mundo, pois sem buscá- lo ele já se encontra aferrado a ti. Logo, a Virgem pura, a Sabedoria de Deus te encontrará no alto e profundo de tua mente e te conduzirá até àquele que possui a chave da porta do profundo. Deves te prostrar diante dele e Ele te dará de comer do maná celestial, o qual te proporcionará frescor e vigor. Serás forte e cruzarás a porta do espaço profundo e insondável, como faz a estrela matutina, e ainda que à noite esteja aqui cativo, os raios do amanhecer irão aparecer a ti, no paraíso, onde tua Virgem pura se encontra, esperanto por ti com o júbilo dos anjos, que irão recebê-lo em tua nova mente e novo espírito. Mesmo que aqui, tenhas que caminhar, com teu corpo, no escuro da noite, a nobre Virgem continuará te auxiliando.

Veja bem, não bloqueie tua mente e entenda; quanto tua mente disser Gira, saiba que és chamado pela sabedoria de Deus; gire imediatamente e considere o lugar onde está alojado, e em que tipo de prisão se encontra tua alma; busque a origem de tua alma e procure fazer com que ela volte a este ponto.

Se seguires o conselho da Sabedoria de Deus, descobrirás em ti mesmo, não só após esta vida, mas também em tua vida de regeneração, que a Sabedoria te socorre prontamente. Comprovarás então de que tipo de espírito escreve este autor.

Meu querido leitor, digo que todas as coisas possuem um impulso em sua própria forma. Sempre abrigam aquilo com que o espírito está impregnado; o corpo deve sempre se ocupar daquilo que mais gosta o espírito.

Quando considero e penso porquê escrevo tantas maravilhas e não as deixo para outros mais engenhosos, vejo que meu espírito gosta desta matéria da qual escrevo; pois em meu espírito circula um fogo vivo sobre estes temas, que vem à tona continuamente, de modo que sou cativo da tarefa que devo realizar. Por conseguinte, vendo que meu espírito me impulsiona a esta tarefa, a irei registrar como um memorial, tal qual a conheço em meu espírito e tal como a compreendo; irei colocá-la como a sinto, a fim de não ser tachado de mentiroso diante de Deus.

Bem, se alguém tiver o desejo de me seguir e chegar ao conhecimento do que escrevo, aconselho a que me acompanhe neste caminho, não com a pena, mas com um trabalho mental; assim, descobrirá como pude escrever tudo isso.

Como tenho em mãos a questão do arrependimento, asseguro ao leitor, que está pena me foi concedida, e que o Opressor a teria arrancado. Com ele iniciei uma séria batalha; ele me teria lançado ao chão, sob seus pés se o Espírito de Deus não tivesse me auxiliado, de maneira que já estou de pé.

Portanto, se queremos falar desta grave questão, devemos ir de Jerusalém a Jericó; observar como nos deitamos entre assassinos, os quais nos tem agredido e nos ferido, a ponto de nos deixar quase mortos; devemos buscar o Samaritano com sua besta, que pode curar nossas feridas e nos levar à sua pousada. Quão lamentável e miserável é o assassino, que embora tenha nos feridos e quase nos levado à morte, não sentimos mais a dor! Ah, se o médico pudesse vir e curar nossas feridas, a fim de que nossa alma pudesse reviver e viver, como nos regozijaríamos. Assim fala o desejo, com afã no coração; muito embora o médico tenha chegado, a mente não pode compreendê-lo, por estar tão ferida e quase morta.

Minha cara Mente, pensas estar sã, mas na verdade te encontras tão deteriorada que nem sentes mais teus males. Não te encontras perto da morte? Como podes então te considerar sã? Ó querida Alma, não brinques com tua saúde. Tu te encontras aferrada por pesadas correntes, num obscuro calabouço. Nadas em um fosso profundo e a água sobe até teus lábios, motivo pelo qual espera constantemente a morte.

Além disso, o Opressor, que é tua própria natureza corrupta, está atrás de você, em companhia de teus piores inimigos, te arrastando para baixo continuamente, através de suas correntes e em direção à terrível profundidade, o abismo do inferno; seus amigos te atacam, e te enrolam por todos os lados, como lobos sobre ovelhas.

Diante disso, diz a Razão, Por que fazem tal coisa? Ó, cara Alma, eles possuem grandes razões para isso; tu foste sua presa, mas fugiu do parque; ademais, tu és tão forte que quebrou o cerco e tomou posse de sua morada. Tu és o pior inimigo deles, e eles o teu; e se tivesses apenas abandonado a

clausura, isso os deixaria contentes, mas como tu ainda permaneces ali, a luta continua, e não tem fim até a chegada do final dos Dias, que os separarão.

Pensas que escrevo estas coisas por estar louco? Se eu não visse ou não soubesse, ficaria em silêncio. Tu ainda dirás que te encontras no jardim de rosas? Acreditas estar ali? Vejas bem se não te encontras nas pastagens do Demônio, na condição de sua presa mais apreciada, aquela que ele engorda ao máximo para que quando te mate sejas seu melhor alimento.

Ó querida Alma, volte-se, e não permita que o Demônio te capture; não ligue para o escárnio do mundo; todo o seu pesar deve se converter em grande júbilo. E ainda que neste mundo não tenhas grandes honras, poderes ou riquezas, não importa; tu não sabes se amanhã será o dia de tua morte. Por que então lutas e compete tanto pela honra mundana que é transitória? É melhor lutar pela árvore do paraíso, que podes levar contigo e onde te regozijará eternamente pelo seu vigor e frutos.

Ó! Não se vive acaso um bem-estar bendito quando a alma se atreve a olhar o interior da santíssima Trindade, que a toma por completo, de modo que seu poder cresce e floresce no paraíso, onde cantos de louvores ecoam, onde o fruto maduro nasce eternamente, de acordo com teu desejo, onde não há medo, inveja nem dor; onde há o amor fraterno, onde todo o mundo se regozija ante a forma e beleza alheia?

Querida Mente, se teus desejos seguem este caminho e se realizam, é preciso ter grande seriedade; não podes falar da boca para fora, com o coração em outro lugar. Não, isso não é possível! Deves aglutinar em tua mente todos os teus propósitos, toda a tua razão, tudo junto em uma só vontade e resolução, com o anelo de abandonar suas abominações; deves conduzir teus pensamentos a Deus e sua Bondade com firme confiança em sua piedade. Desta forma seus desejos se tornaram realidade. Deves continuar firme neste propósito; e ainda que não tenhas forças em teu coração, e ainda que o Demônio ate tua língua, a fim de que não ore a Deus, deves ficar firme e prosseguir com estes pensamentos e propósito.

Quanto mais avançares no caminho, mais fraco será o Demônio. Quanto mais te separares do Demônio e seus pecados, mais perto de ti estará o

reino de Deus. Cuida para que este desejo não se separe de tua vontade, antes de ter recebido a jóia, a pérola da sabedoria divina e do conhecimento; e ainda que se separe de ti da manhã para a noite ou de um dia para o outro, se teu reto propósito é grande, também será grande a jóia que receberás por ocasião tua vitória.

Ninguém sabe o que isso significa, além daquele que a encontrou através da experiência. É uma visita das mais preciosas; quando penetra a alma ocorre ali um grande triunfo; o esposo abraça sua querida esposa e o aleluia do paraíso se faz ouvir. Ó! Não vibraria e estremeceria o corpo humano diante disso? Ainda que ignore o que ela é, todos os seus membros regozijam. Quão maravilhoso é o conhecimento que traz consigo a Virgem da Divina Sabedoria! Na verdade, torna sábios os ignorantes, e ainda que alguém fosse estúpido, sua alma seria coroada pelas preciosidades da obra de Deus, e deveria pregar suas maravilhas; não houvesse nada na alma além do desejo de fazê-lo, o demônio já teria partido, debilitado e desvanecido.

Assim, a semente do paraíso é semeada. Mas, observe bem: ela não se converte em árvore num instante. Quanta tempestade deve suportar e sofrer a alma! Quantas vezes se vê desgarrada por causa dos pecados! Pois tudo neste mundo está contra ela, é como se estivesse sozinha e esquecida; até mesmo os filhos de Deus a atacam; e o Demônio realmente ataca a pobre alma, tentando desvia- la, com bajulações ou com a carga dos pecados na consciência. Ele não para nunca, e por isso deves lutar constantemente contra ele; é assim que a árvore do paraíso cresce, igual ao milho sob os ventos tempestuosos. Se crescer muito alto e floresce, gozarás de seus frutos; irás compreender melhor o que escreveu esta pena e o que me levou a escrever. Porque estive nesta condição por muito tempo, muitas tormentas se abateram sobre minha cabeça. Portanto, este será um memorial duradouro e uma lembrança constante para mim.

Diz a Razão, já não vejo em ti o que vejo nos demais pecadores; tua pretensão deves ser hipócrita; além disso, diz a Razão, eu também estive em tal caminho, e persisto na maldade e faço o que não deveria fazer; Ainda sou movida pela cólera, pela inveja e pela cobiça. Qual é o problema que impede o homem de realizar o que se propõe, senão que faz aquilo que reprova nos outros, e que ele sabe não estar correto? Com isso não se

discerne a árvore do paraíso.

Cuidado, cara Razão, essa árvore não é semeada no homem exterior, ele não é digno dela e pertence à terra; e a pobre alma é freqüentemente trazida aos pecados que não consente, sendo arrastada pelo corpo, para coisas que rejeita. Quando isso ocorre, não é a alma que opera. A alma diz, isso não é justo, não está bem; mas o corpo diz: devemos viver assim e basta. Isso ocorre uma vez atrás de outra. Se um Cristão não conhece a si mesmo, como poderia conhecer os demais? O Demônio também pode ocultá-lo muito bem, a fim de que não seja descoberto; sua grande obra é esta, fazer cair um verdadeiro Cristão na perversão, fazendo com que peque, sem que se dê conta do jogo; no entanto, reprova o pecado dos outros, enquanto ele próprio está pecando exteriormente.

Não digo que o pecado do velho homem não fira; embora, de fato, não possa afetar o novo homem,

o escandaliza. Devemos, com o novo homem, viver para Deus e servi-lo, ainda que não seja possível falar em perfeição neste mundo; devemos continuar e persistir porque o novo homem está num terreno árido, frio, amargo e desprovido de vida.

O sofista me acusará de orgulho, por ter visto tão longe na Profundidade insondável. Mas ele só observa a sabedoria deste mundo: eu não a estimo, nem me importa; a sabedoria deste mundo não me proporciona qualquer gosto. Regozijo-me, no entanto, que minha alma se comova tremendamente ao louvar a Deus, e por isso conheço suas obras maravilhosas, nas quais minha alma se deleita.

Ora, conhecendo as maravilhas, deveria me calar? Por acaso não nasci, como todas as criaturas, para estar aberto aos prodígios de Deus? Portanto, sigo em minha obra e os outros que sigam na sua; que o sofista orgulhoso faça o que quiser.

Estamos todos no campo de Deus e crescemos para a sua Glória e para suas obras maravilhosas, tanto o malvado quanto o piedoso. Mas cada fruto cresce segundo sua própria espécie; quando o lavrador o cortar, cada um vai parar em seu próprio cesto, cada uma recebe o que necessita. Então, o

campo em sua natureza, de onde saiu cada fruto, deve se manifestar; há dois centros na eternidade, o amor e a cólera, cada centro produz sua própria colheita.

Portanto, considere, ó homem, aquilo que condena, para não cair sobre a espada do espírito de Deus, e para que tua obra não seja consumida no fogo da cólera.

O sofista corre voluntariamente em direção ao Demônio, para o benefício próprio, para a volúpia transitória e a honra; ele não vê a porta que o Espírito mostra. Se não a vê, é tal como digo: "Tocamos a flauta, e não dançastes". Nós te chamamos, mas tu não vieste conosco; Tive fome e não me destes de comer; não cresceste em meu jardim de rosas, portanto não é o meu alimento; teu coração não foi encontrado entre os que me louvam, portanto não é meu alimento. E o noivo se foi, veio outro e juntou o que havia no cesto.

Ó, filhos queridos! Se entendessem isso, com gosto pisariam nos argumentos dos sofistas! Muitos deles estão aqui, e os vereis mais adiante, pois é meu dever mostrá-los; que ninguém se sinta cegado ou ofendido pela sinceridade destas mãos.

Para entrar no reino dos céus devemos ser como crianças, e não sábio e esperto na compreensão deste mundo; é preciso se apartar da razão terrestre e penetrar a obediência, nossa primeira Mãe Eterna. Desta forma, receberemos o espírito e a vida de nossa Mãe, e conheceremos a sua morada.

Nenhuma faculdade própria jamais alcançará a coroa do mistério de Deus. Ela é de fato revelada nos escritos dos Santos, mas o espírito deste mundo não a compreende. Nenhum Doutor, por mais que tenha estudado, possui qualquer habilidade em si mesmo, para alcançar a coroa dos mistérios ocultos de Deus.

Ninguém pode apreender ou ensinar ao outro qualquer coisa das profundezas de Deus, pelo próprio poder; todos somos crianças e aprendizes em seu A B C. Embora escrevo e falo segundo a linguagem das alturas, a compreensão não é propriamente minha, pois o espírito da Mãe

pronuncia através de seus filhos aquilo que quer; ela revela-se de muitas formas, de um modo e não de outro, pois sua sabedoria maravilhosa é um poço sem fundo, e não é de se admirar que os filhos de Deus não falem de outra forma, toda vez que se referem à sabedoria da eterna Mãe-Natureza, cuja diversidade é infinita.

A meta é o Coração de Deus; todos correm para lá, onde se encontram as provas para saber se um homem fala por Deus ou pelo demônio.

Com isso sabemos que somos filhos de Deus, regenerados por Ele. Deus é o Ser de todos os seres; somos como Deuses em Nele, através dos quais Ele revela- se a si próprio. Portanto, coloco diante de ti o campo dos céus, as estrelas e os elementos, para que possam distinguir o celestial do terrestre, o transitório e mortal do eterno e imorredouro; com este fim me propus a escrever; não para me gabar de meu elevado conhecimento, senão pelo amor a Cristo, como seu servo e ministro.

Porque o Senhor tem a vontade e a tarefa em suas mãos; não posso fazer nada; além disso, minha razão terrestre nada compreende: Refugio-me no seio de nossa Mãe, e faço aquilo que ela me mostra; Nada do que sei procede de outra pessoa, não nasci com conhecimento proveniente da sabedoria deste mundo, nem a compreendo; mas o que me foi conferido, isso eu confiro também. Não tenho outro propósito aqui, nem sei com que fim devo escrever temas tão elevados: o que o Espírito me indica, eu escrevo.

Assim trabalho em meu vinhedo, onde o Amo da casa me colocou; esperando também provar das deliciosas e doces uvas, que tenho recebido freqüentemente, do Paraíso de Deus. Vou falar então para o bem de muitos, e ainda que pense escrever tudo isso para mim mesmo, uma vontade ígnea me impulsiona a falar para muitos; não obstante, nada sei sobre o tema enquanto escrevo.

Portanto, aquele que lê o que escrevo, não deve atribuí-lo à minha razão exterior, já que procede do mais íntimo, do mais oculto do homem, segundo o qual essa mão escreve sem pensar nos demais.

Exorto o leitor a penetrar em si mesmo e contemplar o homem interior;

então serei bem recebido por ele. Falo isso com toda lealdade e seriedade.

Quando consideramos ter compreendido corretamente este conhecimento, percebemos claramente o quanto nos trancamos e como nos comportamos como cegos. A sabedoria deste mundo nos aprisionou com sua arte e razão, de modo que fomos feitos para ver com seus olhos. E esse espírito que nos têm mantido cativo por tanto tempo, pode ser denominado Anticristo, pois não encontro outro nome na luz da natureza, com o qual poderia denominá-lo senão o Anticristo de Babel.

A lei de Deus e a forma de vida estão escritas em nossos corações; não se fundamentam em nenhuma suposição do homem, nem em qualquer opinião histórica, mas na boa vontade e no bem fazer. A vontade nos conduz a Deus ou ao Demônio; de nada interessa se somos Cristãos, pois a salvação não consiste nisso. Um herege e um turco estão tão perto de Deus quanto tu, sob o nome de Cristo; se manifestares uma falsa vontade em tuas obras, estará tão desprovido de Deus como o herege que não O deseja e nem O ama. E se um turco busca a Deus ardorosamente, ainda que ande às cegas, faz parte da companhia daqueles que são Seus filhos sem sabê-los, e alcança Deus como os meninos, que mal sabem falar; pois tal coisa não se baseia no conhecimento, mas na vontade.

Somos todos cegos com relação a Deus; mas colocamos nossa sincera vontade Nele e em Sua bondade, e por isso O desejamos; O recebemos em nosso desejo, e assim nascemos em Nele com nosso desejo.

Tens orgulho de teu chamado, de ser um Cristão? Que teu discurso esteja de acordo com esse chamado, do contrário és como um herege na vontade e nas obras. Aquele que conhece a vontade de seu Mestre e não obedece, deve ser açoitado.

Ignoras o que disse o Cristo a respeito dos dois filhos? Quando o Pai ordenou a um deles: “Vá cuidar da vinha”, o filho disse que iria mas não foi; O outro filho, disse que não iria, mas acabou indo, cumprindo a vontade de seu pai;

Todos somos iguais, uns e outros; ostentamos o nome de Cristo, nos denominamos cristãos e nos encontramos dentro do pacto: dissemos Sim,

iremos fazer; mas aqueles que assim dizem, não são mais do que criados desobedientes que vivem sem servir a vontade do Pai.

Os Turcos e os Judeus fazem a vontade do Pai, ainda que tenham dito não ao Cristo, e não o reconheçam; quem irá ser o juiz e considerá-los fora da vontade do Pai? Não é o Filho o coração do Pai? Se eles honram ao Pai, também permanecem em Seu coração, pois além de Seu Coração não há Deus.

Supões que os encorajo em sua cegueira e que continuem com o que fazem? Não: Mostro-lhes a cegueira deles, ó tu que carrega o nome de Cristo! Julgas aos outros, e fazes a mesma coisa que condenas nos outros, e assim voluntariamente traz o julgamento de Deus sobre ti.

Aquele que diz: “Ame a seus inimigos, faz o bem àqueles que te perseguem”, não te ensina a condenar e a desprezar, mas te ensina o caminho da humildade; deverias ser uma luz para o mundo, para que os ateus possam ver que sois filho de Deus.

Se nos considerarmos de acordo com o verdadeiro homem, que é uma semelhança e uma imagem de Deus, então encontramos Deus em nós mesmos, ainda que estejamos sem Ele. O único remédio é penetrar novamente em nós mesmos e, consequentemente em Deus, que está em nosso homem oculto. Se inclinarmos nossas vontades em uma verdadeira, sincera e única mente para Deus, então saímos com Cristo deste mundo; saímos das estrelas e dos elementos e entramos em Deus; pois na vontade da razão terrestre somos filhos das estrelas e dos elementos, e o espírito deste mundo nos governa.

Ao sairmos da vontade deste mundo e penetrar em Deus, Seu Espírito passa a nos governar e nos toma por seus filhos. Então, a guirlanda do paraíso também é colocada sobre a alma, que se torna uma criança sem a compreensão deste mundo. Ela perdeu o regente deste mundo, aquele que uma vez a governou e a deixou na razão terrestre.

Ó homem! Considere quem te guia e te conduz, pois a eternidade é muito longa. As honras e os bens temporais não passam de escória aos olhos de Deus; tudo cai na cova junto a ti e se transforma em nada: mas estar na

vontade de Deus significa riqueza e honra eterna; lá, não há mais cuidado, mas nossa Mãe olha por nós que vivemos em seu seio, como filhos.

Tua honra temporal é tua ruína e tua miséria; teu jardim de rosas encontra-se na esperança e na confiança divina.

Tu ainda supões que falo sobre rumores? Não, falo da vida verdadeira em minha própria experiência; não sobre uma opinião da boca de outro, mas de meu próprio conhecimento. Vejo com meus próprios olhos, dos quais eu não me gabo, pois o poder é o da Mãe. Exorta-te a penetrar o seio da Mãe, e aprender também a ver com seus próprios olhos: enquanto estiveres no embalo de um berço desejando o olhar dos outros, não passarás de um cego. Mas, se tu te levantas do berço e te diriges efetivamente até a Mãe, então discernirá a Mãe e seus filhos.

Ó, quão bom é enxergar com os próprios olhos! Estamos todos adormecidos no homem exterior, nos deitamos no berço e nos deixamos ser embalado pela razão exterior, até pegarmos no sono; vemos com os olhos da dissimulação de nossos atores, que tocam sinos e balbuciam em nossos ouvidos e berços, a fim de nos fazer adormecer ou pelo menos balbuciar, para que eles possam ser os senhores e mestres da casa. Levanta-te de teu berço: não és um filho da Mãe? E mais que tudo, um filho e senhor da casa, um herdeiro de seus bens? Por que permite que teus servos assim te usem? O Cristo diz: “Eu sou a Luz do Mundo, aquele que me segue terá a luz da vida eterna”. Ele não nos dirige aos atores, somente a Ele próprio. Com os olhos interiores devemos ver em sua luz: assim o veremos, pois ele é a Luz; e quando o vemos, caminhamos na luz.

Ele é a Estrela da Manhã, gerado e manifestado em nós, Ele que brilha em nossa escuridão carnal. Ó que grande triunfo há na alma quando ele surge! Então o homem vê com seus próprios olhos, e sabe que se encontra num abrigo estranho, segundo o que aqui escrevo, vejo e conheço na luz.

Declaro que o Ser eterno, e também este mundo, são como o homem. Aeternidade nada traz à Luz, senão o que é igual à si própria; a eternidade é exatamente como é o homem. Considere o homem em corpo e alma, no bem e no mal, na alegria e na tristeza, na luz e nas trevas, no poder e na fraqueza, na vida e na morte: tudo está no homem, tanto o céu como a terra,

as estrelas e os elementos; assim como o Deus ternário.

Ó homem! Busca a ti mesmo e te encontrarás. Abra os olhos de teu homem interior e vejas corretamente.

Esta é a nobre pedra preciosa, a pedra dos filósofos, a que o homem sábio encontra. Ó tu brilhante coroa de pérolas, não és mais brilhante que o sol? Não há nada como tu; tu és tão plenamente manifesta e, ao mesmo tempo, tão secreta que dentre os milhares deste mundo, mal te conhecem. Ainda assim, muitos que não te conhecem falam de ti.

O Cristo diz, "Busqueis e encontrarás". A nobre pedra deve ser semeada; o preguiçoso não a encontra; ainda que ele a carregue consigo, ele não a conhece. Aquele a quem ela se revele, encontrará grande satisfação, pois sua virtude é infinita. Aquele que a possui, não a entrega; Nada adianta compartilha-lha com o preguiçoso, que não mergulhou nas virtudes da pedra para aprender.

O buscador encontra a pedra, suas virtudes e benefícios juntos. Quando a encontra e tem convicção, ocorre uma satisfação maior do que o mundo é capaz de apreender; nenhuma pena pode descrever, nenhuma língua pode expressar numa forma mundana.

Aos olhos do mundo não és mais do que pedregulhos sob os pés. Se o homem lança sobre ela alguma luz, isso é imediatamente rechaçado como algo incerto. Ninguém questiona, embora não haja ninguém sobre a terra que não a deseje. Todos os grandes homens e sábios buscam por ela. De fato, eles encontram uma e pensam ser a verdadeira; mas se enganam. Eles atribuem força e poder a ela e pensam possuí-la e mantê-la. Mas a verdadeira pedra não é assim: ela não necessita que se lhe atribua nenhuma virtude, todas as virtudes permanecem ocultas em si. Aquele que a possui, e a conhece, se buscar, pode encontrar todas as coisas, no céu e na terra. É a pedra rejeitada pelos construtores, a pedra angular.

Ó Sofistas! Que por inveja freqüentemente injuriam os honrados corações para o vosso prazer, como poderão continuar retendo esses cordeiros, os quais deveriam conduzir às pastagens verdes e frescas dos caminhos de Cristo, na senda do amor, da pureza e da humildade?

Não falo isso com o desejo de reprovar nenhum homem; Só descubro a cova fumegante do demônio, por onde se vê o que é o homem, tanto um quanto outro, a menos que volte a nascer e resista às empreitadas do Demônio, afastando-o para longe de si.

Há um outro demônio mais astuto e habilidoso que este: um anjo resplandecente com pés fendidos. Quando vê uma pobre alma assustada, com desejo de arrepender- se e se retificar, diz: "Ore, e seja devota; arrependa-se de uma vez". Mas quando a pobre alma está a ponto de orar, esse anjo desliza- se em seu coração, subtraindo a compreensão do coração, colocando em seu lugar não mais que dúvidas, como se Deus não a ouvisse.

O coração murmura e repete as palavras de uma prece, como se tivesse aprendendo a recitar algo sem livro; e a alma não pode alcançar o centro da natureza; só pronuncia palavras ensaiadas, não do espírito de uma alma, no centro onde o fogo está aceso, mas apenas da boca do espírito deste mundo. Suas palavras se desvanecem no ar, como as de quem toma o nome de Deus em vão.

É preciso orar com verdadeira unção, já que orar é invocar, suplicar e falar com meu Deus; é sair da mansão do pecado e entrar na de Deus. Se o Demônio decide impedi-lo, o próprio inferno se enfurece. Coloque-se contra ele, assim como ele se coloca contra ti, então descobrirá o que é dito aqui. Se se opõe fortemente, oponha-se tu de maneira ainda mais forte; tu tens, em Cristo, poder maior do que ele.

Fixe tua confiança e esperança na promessa de Cristo, e deixe que passe a tormenta infernal pela morte de Cristo, por seus sofrimentos e feridas, e por seu amor. Não penses mais nos pecados, pois o Demônio tratará de te envolver neles, a fim de que entres em desespero. Se duvidares da graça de Deus, aí sim pecarás enormemente, pois Ele é sempre misericordioso. Ele não pode ser outra coisa; Seus braços estão abertos para o pobre pecador, noite e dia.

Pratique desta forma diariamente, e rapidamente verás e sentirás que és um novo homem, com outras sensações, pensamentos e compreensão. Falo porque sei por experiência própria; um soldado sabe como é a guerra. Escrevo isso por amor, como alguém que diz em espírito o que com ele

aconteceu, como um exemplo para outros, para ver se alguns o siga, descubrindo a verdade.

Deus colocou a luz e as trevas diante de todos nós; tu podes escolher aquilo que mais gostes, mas não alterarás a Deus em seu ser. Seu Espírito sai Dele e vai ao encontro daqueles que o buscam. Sua busca é a tua busca, pela qual deseja a humanidade; pois a humanidade é a sua imagem, a que criou segundo seu próprio ser, de modo que a vê e a conhece por si mesmo. Sim, Ele habita no homem; por que então nos custa tanto encontrá-lo? Tratemos de conhecer a nós mesmos, e quando nos encontrarmos, encontraremos tudo; não precisamos correr para lugar nenhum, a fim de buscar à Deus, pois desta forma não lhe prestamos serviço algum; se buscarmos o amor uns nos outros, amaremos à Deus; pois, o que fazemos uns aos outros é o que fazemos à Deus; aquele que busca e encontra seu irmão e irmã, buscou e encontrou à Deus. Com ele formamos um só corpo de muitos membros, cada um com sua função, seu governo e seu trabalho; esta é a grandiosidade de Deus.

Antes do tempo deste mundo já éramos conhecidos por sua sabedoria e nos criou para que fôssemos a sua diversão. As crianças são nossos mestres; com toda a nossa engenhosidade e astúcia não passamos de tolos para elas; a primeira lição é que brincam consigo mesma e quando crescem brincam entre si. Assim, Deus tem brincado conosco em nossa criança oculta desde a eternidade em sua sabedoria: quando nos criou com conhecimento e habilidade deveríamos ter brincado uns com os outros; mas o Demônio invejou e nos fez abandonar o jogo. Como conseqüência, estamos sempre em desacordo e em controvérsia; mas não temos nada por que lutar senão pelo nosso jogo; uma vez terminado o jogo, descansamos e nos dirigimos à nossa morada. Logo outros chegam para jogar e também riem e disputam até o anoitecer, quando vão dormir em seu lugar de origem.

Queridas crianças, o que é que pretendemos, sendo tão obedientes ao Demônio? Por que lutamos por um tabernáculo que não construímos? Discutimos por um ornamento, porque um irmão tem o ornamento mais ígneo que o outro; acaso não somos todos filhos de nossa Mãe?

Sejamos filhos obedientes, e então nos regozijaremos. Vamos ao jardim de rosas, onde há muitos lírios e outras flores; fazemos uma guirlanda para

nossa irmã e ela se alegra conosco; queremos dançar e todos damos as mãos e dançamos. Alegremo-nos todos, pois nenhum poder poderá nos causar mal algum, já que nossa Mãe cuidará de nós. Coloquemo-nos de baixo da figueira, quão abundante são seus frutos! Quão belos são os pinheiros no Líbano! Alegremo-nos e regozijemo-nos, a fim de que nossa Mãe se alegre conosco.

Cantemos a canção do Opressor que nos tem mantido em desacordo. Já está cativo! Onde está agora seu poder? Como é pobre! Ele nos dominava, mas agora se encontra atado. Ó, grande Poder, que já és desdenhado! Tu que voavas orgulhoso sobre os cedros, encontras-te agora por terra, desprovido de poder. Regozijem-se os céus e os filhos de Deus, pois aquele que foi nosso Opressor, que nos aplacava dia e noite, está cativo. Regozijem-se anjos de Deus, porque os homens se liberaram; a malícia e a perversidade desapareceram.

Queridos filhos e irmãos em Cristo, juntemos, neste mundo, nossos corações, mentes e vontades com humildade, em um amor, que deve ser o de Cristo. Se avançarem muito no poder, na autoridade e na honra, sejam humildes, não desprezem o simples e o miserável; não humilhem o oprimido, não aflijam o aflito. Se forem limpos, belos e gentis de corpo, não sejam orgulhosos; sejam humildes a fim de que vossos irmãos e irmãs se regozijem em vós, e ofereçam vossa beleza para a glória de Deus.

Que os ricos deixem suas riquezas penetrar as casas dos miseráveis, as fim de que suas almas possam abençoa-los.

Caros irmãos e irmãs da congregação de Cristo, estejam comigo. Regozijemo- nos uns com os outros: eu vos amo de coração e falo pelo Espírito da eterna Sabedoria de Deus. O Cristo nos ensina o amor, a humilde e a compaixão; o motivo pelo qual Deus se fez homem foi a nossa salvação e felicidade, e por isso não devemos rechaçar o seu amor: Deus ofereceu seu coração para que sejamos seus filhos e assim permaneçamos para todo o sempre. Portanto, filhos queridos e amados, não rejeitem e nem afastem de vós o amor e a graça de Deus, do contrário irão lamentar eternamente. Aprendam a sabedoria divina, e aprendam a conhecer o que é Deus; não coloque nenhuma imagem à vossa frente, pois não há outra imagem senão a de Cristo. Vivemos e estamos em Deus; o céu e o inferno

encontram-se em nós.

Aquilo que fazemos de nós é o que somos: se nos fazemos anjos, e habitamos na Luz e no Amor de Deus em Cristo, somos anjos; mas se nos convertemos em um demônio de falsidade e crueldade que muda todo o amor e humildade em simples cobiça, em fome e sede de avareza, somos demônios. Depois desta vida tudo será distinto; o que a alma aqui abraça é o que terá lá; portanto, ainda que o exterior quebre na morte, a vontade retém aquilo que foi abraçado como sendo propriedade sua e lhe servirá de alimento. Pense sobre como essa vontade irá subsistir no paraíso de Deus e diante de seus anjos; isso eu vos proclamo, como um alerta, do modo como me foi concedido.

Quando Cristo perguntou a seus discípulos: “Quem, dizem os homens, que é o Filho do Homem?” Eles responderam: uns dizem que és Elias, outros, que és João Batista, outros Jeremias. Então ele perguntou: “E vós o que dizeis que sou?” Pedro respondeu, dizendo: “Tu és o Cristo, Filho do Deus vivo. O Cristo respondeu: Não foi a verdade, nem o sangue, nem a carne que isso te revelou, mas o meu Pai que está no Céu”.

Sendo uma obra familiar, íntima e nata para os filhos de Deus, na qual devem se exercitar diariamente e a cada minuto, avançando desde a razão terrestre para penetrar a encarnação de Cristo, e desta forma, nesta vida miserável, nascer no nascimento de Cristo, me encarreguei de escrever sobre esses altos mistérios, de acordo com meu conhecimento e dons, para um memorial. Como eu, juntamente com outros filhos de Deus e de Cristo, vivo por este nascimento e escrevo como um ato de fé, pelo qual minha alma pode se revigorar em sua seiva e virtude, como um ramo da árvore Jesus Cristo.

Não com a sabia e elevada eloqüência da arte, nem pela razão deste mundo, mas segundo o conhecimento que tenho de Cristo. Mas ainda que eu busque sublime e profundamente e escreva de forma muito clara, é preciso dizer ao leitor que sem o Espírito de Deus tudo não passará de um mistério oculto.

Devemos compreender corretamente a encarnação de Cristo, o Filho de Deus, assim: ele não se fez homem somente pela Virgem Maria, de modo

que sua divindade fique confinada a isso. Não, ocorreu de outra maneira.

Assim como Deus, a plenitude de todas as coisas, habita só, em um lugar solitário, assim também Deus se manifestou em uma centelha de sua luz.

Deus é imensurável; para Ele não existe um lugar, a menos que ele o forme em uma criatura e não além dela. Ele não é divisível, mas total, em todo lugar; onde quer que Ele se manifeste, ali se manifesta totalmente.

Compreenda bem: Deus desejou ser carne e sangue; e, ainda que a pura e cristalina Divindade continue sendo Espírito, se converteu no Espírito e na Vida da carne e trabalha na carne. Assim, podemos dizer que quando nós, com a imaginação penetramos em Deus, e nos entregamos totalmente a Ele, penetramos Sua carne e Seu sangue de Deus e vivemos em Deus. Porque o Verbo se fez homem, e Deus é o Verbo.

Portanto, não afastemos de nós a criatura de Cristo, como se não fosse uma criatura; farei uma comparação com o sol e seu brilho onde o sol seria a criatura de Cristo, que de fato é um corpo; e diremos que toda a imensidade deste mundo é o Verbo eterno no Pai.

Ora! Vemos claramente que o sol brilha em toda a imensidade, fornecendo calor e poder. Mas não podemos dizer que na imensidade, que está além do corpo do sol, também não chegue a sua força e brilho; se não fosse assim a imensidade insondável não receberia o poder e o brilho do sol, o mesmo que recebe os outros; a imensidade com seu brilho está oculta.

Se Deus quisesse, toda a imensidade seria um sol; e seu brilho resplandeceria em todo lugar.

Saibam também, que compreendo que o Coração de Deus tem repousado desde a eternidade; mas, que com o impulso e a penetração de sua Sabedoria, se manifesta em todas as partes; embora em Deus não haja nem lugar, nem sinal, senão a criatura de Cristo onde, toda a Sagrada Trindade tem se manifestado em uma criatura e com ela, em todo o céu. Ele tem ido e preparado para nós o lugar onde veremos sua luz e viveremos em sua sabedoria, compartilhando sua divina substancialidade. Não saímos, no

princípio, da substancialidade de Deus? Por que não vivemos nela?

Para isso é que o Coração de Deus movimentou-se, destruindo a morte e regenerando a Vida. Por isso, o nascimento e a encarnação de Cristo é um assunto de extremo júbilo. O profundo Coração de Deus movimentou-se; e com isso a substancialidade celeste que estava encerrada na morte, ressuscita.

Agora, podemos dizer com uma boa base que o próprio Deus reprimiu sua cólera, e que com o centro de seu Coração, que preenche a eternidade, abriu-se novamente, afugentando o poder da morte, e rompendo o aguilhão da cólera ígnea, ao mesmo tempo em que o amor se abriu, extinguindo o poder do fogo.

Em nossa imaginação temos nos impregnado de seu Verbo aberto e da força da substancialidade divina e celeste, que de fato não é estranha, embora assim pareça à nossa condição terrestre.

O Verbo se abriu em todos os lugares, para a luz e a vida dos homens; aguardando somente que a alma-espírito se renda as alturas. Deus nasceu nesta alma-espírito.

A razão exterior questiona: Como pode um homem deste mundo ver a Deus em outro mundo e declarar o que Ele é? Isso é impossível! Só pode ser uma fantasia com a qual o homem se diverte e se engana.

Por mais que essa razão avance, não pode alcançar além daquele ponto em que repousa; se eu a sigo tenho que dizer o mesmo; pois quem nada vê, diz que nada existe; e o homem só vê, só conhece e só sabe daquilo que está diante de seus olhos.

Ririam de mim se cada homem da terra perguntasse se o céu é cego, assim como o inferno e o próprio Deus, ou se haveria alguma visão do mundo divino; também, se o Espírito de Deus vê tanto no mundo amor-luz como no mundo da cólera.

Perguntariam os homens: há algo que ver ali? Se nada vêem é porque deveriam ver o que normalmente miram com os olhos do Demônio com sua

enorme malícia.

Se o homem quisesse afugentar o Demônio, veria a grande loucura a que foi levado por ele. Mas está tão cego, que ignora ver com os olhos do Demônio.

O homem santo vê com os olhos de Deus; eis a Sua proposta: que o Espírito de Deus no novo nascimento veja com os olhos do homem justo a imagem de Deus. Trata-se de uma obra e uma visão muito sábia.

Pelo caminho da morte de Cristo o novo homem vê no mundo angélico; torna- se muito mais fácil e claro conhecê-lo e compreendê-lo do que o mundo terrestre; compreende-se com a realidade e não com a fantasia, mas com olhos autênticos, com os olhos deste espírito que surge do fogo da alma.

Esse espírito vê o céu; capta a Deus e a eternidade. É a nobre imagem à semelhança de Deus.

Desta visão escreve esta pena, não de outros mestres, não a partir de conjecturas de que seja verdade ou não.

Ainda que seja uma criatura, trata-se, na realidade de uma obra e não de uma total consumação, de modo que vemos apenas em parte; o que aqui é escrito deve ser penetrado, pois é fundamental.

A Sabedoria de Deus não pode ser escrita, já que é infinita, sem número, nem compreensão; só conhecemos uma parte dela.

E ainda que saibamos muito mais, a língua terrestre não pode se exaltar e revelar: ela só fala palavras deste mundo e não palavras do mundo interior, ainda que a mente as retenha no homem oculto.

Portanto, um sempre compreende as coisas de forma diferente do outro, segundo cada um é dotado de Sabedoria; e desta forma também as entende e as aplica.

Todos entenderão meus escritos, segundo o meu significado e sentido;

nenhum ficará sem compreender, mas cada um de acordo com seus dons, para o seu próprio proveito; uns mais que outros, segundo a propriedade que o Espírito tenha sobre ele.

Pois o Espírito de Deus freqüentemente está sujeito aos espíritos dos homens que querem saber o que é o bem e o mal; e se um homem assim deseja, suas obras não serão obstaculizadas posto que, acima de tudo, é preciso cumprir com a vontade e o desejo de Deus.

O que é que existe de estranho em nós que nos impede de ver a Deus? Este mundo e o Demônio são as causas que nos impedem de ver com os olhos de Deus, toda vez que nada o impede.

Se alguém diz: "não vejo nada de divino", deveria considerar que a carne e o sangue, juntamente com as sutilezas e astúcia do Demônio são um estorvo para ele, e que em sua elevada mente, em sua própria honra, anseia por ver a Deus, apesar de estar sempre cheio e cegado pela malignidade terrestre.

Que olhe para os passos de Cristo e penetre uma nova vida; doe a si mesmo sob a cruz de Cristo, desejando unicamente penetrá-Lo; o que então lhe impedirá de ver o Pai, o Cristo seu Salvador e o Espírito Santo?

É o Espírito Santo cego quando habita no homem? Escrevo tudo isso para me gabar?

Não, mas para que o leitor possa esquecer o erro, e com os olhos divinos possa ver as maravilhas de Deus, e assim cumprir a Sua vontade. É com esse objetivo que esta pena tem escrito tanto, não por sua honra ou por conta dos prazeres desta vida.

Queridos filhos de Deus que buscam com suspiros e lágrimas nos olhos, falo com toda sinceridade: nosso olhar e nosso conhecimento estão em Deus; ele se manifesta a todos neste mundo tanto quanto quiser, tanto quanto entende ser proveitoso para os seres humanos.

O que vê por Deus, tem que cumprir a obra de Deus; deve e pode ordenar, falar e fazer aquilo que vê por Ele, do contrário perderá a visão;

pois esse mundo não é digno da visão de Deus.

Mas por causa das maravilhas e da revelação de Deus a muitos é dado o dom de ver; é permitido a eles que o Nome de Deus seja revelado ao mundo. Não é a nós mesmos que servimos, mas a Ele sob esta luz. Nada sabemos de Deus; Ele, Deus propriamente dito, é o nosso conhecimento e a nossa vista; não somos nada se Ele não está em nós. Estaríamos cegos, surdos e mudos e não conheceríamos vida em nós, a não ser que nossa vida, visão, e obra sejam as suas.

Em caso de realizarmos algo bom, nossa língua deve calar. Não somos nós, mas o Senhor quem faz em nós; louvado seja seu Santo Nome. Mas o que faz esse mundo malvado? Se alguém diz: "Isso é feito por Deus", se for algo bom o mundo responde "Louco, você é quem fez; Deus não está em você, é mentira". Desta forma, tomam de louco e mentiroso o Espírito de Deus. Quando perceber que o mundo luta contra ti, que te persegue, despreza e calunia devido ao teu conhecimento e ao Nome de Deus, considere que tens o Demônio negro diante de ti. Respire, e deseje que o reino de Deus venha até nós, e que seja destruído o veneno do Demônio, a fim de que o homem, tão influenciado pelo Demônio, possa ser libertado, através de teu desejo, suspiros e rogatórias.

Então se trabalhará corretamente no vinhedo de Deus e se privará o Demônio de seu reino.

Com amor e humildade voltamos a nascer fora da cólera de Deus; com amor e humildade devemos combater o Demônio neste mundo. Pois o amor é seu veneno; é um fogo aterrorizador no qual não pode subsistir. Se houvesse a menor chama de amor em si ele a afastaria imediatamente ou destruiria a si próprio, a fim de se livrar dela. Portanto, o amor e a humildade são nossas armas, com a quais devemos lutar contra o Demônio e o mundo.

O amor é o fogo de Deus; o Demônio e o mundo são inimigos deste fogo. O amor tem os olhos de Deus e vê em Deus; a raiva tem os olhos da cólera ígnea que vê no inferno, no tormento e na morte.

O mundo supõe que o homem deve ver a Deus com os olhos da terra e

das estrelas; ignora que Deus habita em nosso interior e não no exterior.

Se não vê nada admirável ou maravilhoso nos filhos de Deus, o mundo diz: “Não passam de tolos, idiotas e melancólicos”, isso é tudo o que compreende o mundo”.

Ouçam atentamente! Sei bem o que é ser melancólico; Sei bem o que vem de Deus. Conheço bem as duas coisas, e te conheço também em sua cegueira; mas, esse conhecimento não se deve à melancolia, mas à luta pela vitória.

A grinalda não é concedida a ninguém sem luta, a não ser que seja um vaso escolhido de Deus; se assim não for é preciso lutar muito por ela.

De fato, muitos são os escolhidos ainda no ventre materno; eleitos para revelar e proclamar as maravilhas que Deus pretende manifestar; mas nem todos são escolhidos assim. Muitos também são aceitos em sua zelosa busca; pois o Cristo diz: “Busqueis e encontrarás, batei e se vos abrirá” e ainda “Aquele que vier até mim, não será rechaçado”.

É preciso ver o espírito de Cristo, do reino de Deus, no poder do Verbo, com os olhos de Deus e não com os olhos deste mundo e da carne exterior.

Mundo cego! Saiba onde enxergamos quando falamos e escrevemos sobre Deus, e abandone teus falsos critérios: veja com teus olhos e deixe que os filhos de Deus vejam com os deles; reflita com teus dons, deixe que os outros reflitam com os deles.

Como todos são chamados, deixe que vejam e conversem. Nem todos possuem o mesmo discurso, mas cada um a leva segundo seus dons e o chamado para servir a honra e os propósitos de Deus.

O Espírito de Deus não suporta ser atado ou aprisionado, como supõe a razão externa, por decretos, cânones e concílios, de forma que uma cadeia do Anti-Cristo está sempre ligada à outra, fazendo com que os homens julguem o Espírito de Deus, e mantenham seus próprios conceitos e emendas aos pactos de Deus, como se Ele não estivesse em casa neste mundo, ou como se eles fossem Deus sobre a terra.

Afirmo que se todos esses convênios e ataduras são o Anticristo e a incredulidade, há que deixar que vejam como quiserem. O Espírito de Deus é indomável, não penetra tais compactos e obrigações, mas penetra livremente a mente humilde, inferior; penetra á mente buscadora segundo seus dons e capacidade.

No entanto, o Espírito de Deus está sujeito a esta mente, se ela o deseja fervorosamente; então, o que podem fazer as instituições que possuem o ingênuo testemunho e a prudência humana deste mundo a favor de tal mente, posto que pertence à honra de Deus?

As conferências e os colóquios amigáveis são bons e necessários, quando um oferece e divide seus dons aos outros; mas os convênios constituem uma cadeia contra Deus.

Deus fez um pacto conosco em Cristo; este basta por toda eternidade, não haverá outro mais. Ele introduziu toda a humanidade ao pacto e o selou com sangue e morte; isso basta.

Não é nada fácil ser um bom Cristão, é algo sumamente difícil; a vontade deve ser como um soldado para lutar contra os desejos corrompidos. Deve mergulhar fora da razão terrestre, na morte de Cristo, e romper o poder dos desejos terrestres.

Isso deve ser feito com tanto ardor e coragem que a ponto de rasgar a vida terrestre, não pare até romper os desejos terrestres, o que em mim tem significado uma grande batalha. Não é fácil lutar pela grinalda da vitória, porque ninguém vence sem a tudo superar, o que ninguém consegue por si só.

Deve ter sua vontade como morta e assim viver em Deus, submerso em Seu amor; ainda que viva agora no reino exterior.

Refiro-me a grinalda da vitória que o homem alcança no mundo paradisíaco, se nele penetrar; pois ali se semeia a nobre semente, e se recebe a preciosa promessa e a intensidade do Espírito Santo, que depois o vai guiar e direcionar.

E ainda que neste mundo deva vagar por um vale de trevas, onde o Demônio e a maldade do mundo o persiga tumultuosamente para atrapalhá-lo, enchendo o homem exterior de maldades e escondendo a nobre semente, ele não terá que sofrer pela volta ao paraíso.

Desta forma, a semente se converte em uma árvore no reino de Deus, apesar de todas as artimanhas e emboscadas do Demônio, de seus seguidores e de seus dependentes.

Quanto mais cuidado se tiver com a árvore, mais rapido e robusta ela crescerá, sem que nunca seja abatida, ainda que custe a vida externa.

Deus em Cristo se converte em homem; e o espírito da fé em Cristo nasce no homem. Por isso, o espírito da vontade conversa ou caminha em Deus, porque é um espírito em Deus, e trabalha em Sua divina obra.

E ainda que a vida terrestre a oculte tanto, que o homem nada saiba sobre a obra gerada pela sua fé, compreenderá quando rompa com o corpo terrestre. Sabendo isso, não devemos permitir que o medo ou o terror nos empeça de avançar, posto que regozijaremos e felicitaremos eternamente. O que aqui semeamos com angústia e esgotamento, nos consolará eternamente. Amém.

Não podemos dizer que o mundo exterior seja Deus ou o Verbo, ou que o homem exterior seja Deus. Trata-se apenas do Verbo expressado que se uniu fortemente com os elementos. Afirmo que o mundo interior é o céu onde Deus habita; e o mundo exterior expressa o interior, através do impulso do Verbo eterno pronunciado, confinado entre um princípio e um final. No mundo interior vive o Verbo eterno. O Verbo eterno fala com o Ser através da Sabedoria, que surge de seus próprios poderes, características e virtudes, como o grande mistério da eternidade. Esse Ser é a respiração do Verbo na Sabedoria; possui a força de gerar-se em si mesmo, e se introduz nas distintas formas, segundo a geração do Verbo eterno, ou, como poderia dizer, pela Sabedoria do Verbo.

Não há nada perto ou longe de Deus; um mundo está no outro e todos formam um, tal qual o corpo e a alma estão um no outro, e como o tempo na eternidade. O Verbo eterno tudo governa; trabalha de eternidade em

eternidade; e embora não possa ser compreendido e nem concebido, sua obra é concebida, porque é o Verbo formado, do qual o Verbo operante é a vida.

O Verbo eterno é a divina compreensão, o som. Aquilo que se transforma desde o amor-desejo em sistemas ou formas, ou seja, o entendimento natural e material que estava no Verbo; como é dito: “Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens”.

A harmonia de ouvir, ver, sentir, provar e cheirar, é a verdadeira vida intelectiva. Quando uma força penetra a outra, se abraçam no som; e quando se fundem em uma só força se despertam mutuamente e se conhecem entre si. Neste conhecimento consiste o verdadeiro entendimento, que segundo o caráter da eterna sabedoria, é imensurável e abismal, sendo do Um que é o Todo.

Uma vontade única, iluminada pela luz divina, pode brotar deste manancial e manter a infinidade. Desta contemplação escreve esta pena.

Na luz de Deus (chamada de Reino dos Céus) o som é completamente suave, grato, amável e puro; sim, é como o silêncio comparado com nossos grosseiros sons e palavras. É como se a mente realmente interpretasse uma melodia em um reino de júbilo e escutasse de maneira totalmente interior uma melodia suave e agradável; ainda que exteriormente não se ouça e nem se compreenda nada. Pois na luz divina tudo é sutil, tal como os pensamentos tocam e compõem uma melodia mútua entre si.

Trata-se de um modo de falar e um som real, inteligível, usado pelos anjos, de acordo com suas propriedades, no reino da glória. As forças do Verbo formado e manifestado, em seu amor-desejo se introduzem segundo as propriedades de todos os poderes, num ser externo, onde, como em uma mansão, podem interpretar seu jogo amoroso, e assim, em todas as partes compõem e interpretam mutuamente entre si, em seu combate amoroso.

Deus, que é um Espírito, por meio de sua manifestação, se introduziu em espíritos distintos, que são as vozes de sua harmonia fecunda e eterna no Verbo manifestado de seu grande reino de júbilo: constituem o instrumento de Deus, com o qual Seu espírito toca sua melodia no reino do júbilo; são

os anjos, as chamas do fogo e da luz, um domínio vivo e assimilado.

Não devemos pensar que os santos anjos vivem somente acima das estrelas, além deste mundo, como a razão externa, que nada sabe sobre Deus, fantasia. De fato, vivem em um lugar além do domínio deste mundo, assim como no lugar deste mundo (embora os "lugares" não existam na eternidade); além disso, o lugar além deste mundo, é para eles uma coisa só. Nós homens não vemos nem os anjos nem os demônios com nossos olhos. Mesmo assim, eles se encontram ao nosso redor constantemente. Os anjos do bem e do mal vivem muito perto uns dos outros, embora haja uma imensa distância entre eles. Pois o céu está no inferno e o inferno está no céu, ainda que um não veja o outro. Mesmo que o Demônio percorresse milhões de milhas desejando penetrar o céu apenas para vê-lo, continuaria no inferno e não o veria!

Se o mal não fosse conhecido, não haveria júbilo. Mas se há júbilo, então o Verbo eterno fala com alegria, pois com esse fim foram criados o Verbo e a natureza. Aquele que isso vê e compreende não tem mais questionamento sobre coisa alguma, pois vê que vive e subsiste em Deus, e que pode saber e querer mais por Ele e que pode falar o que e como queira. Tal homem busca unicamente a submissão e a humildade, já que só Deus é considerado o Altíssimo.

Meu anseio espiritual que está na humanidade de Cristo vive em Seu espírito; Seu poder pode fornecer a seiva para a árvore seca, que pode se elevar ao som da trombeta do alento divino, na voz de Cristo, que é também a minha voz em seu alento, e brota fresca no paraíso. O paraíso está em mim; tudo o que Deus possui e é aparecerá em mim como uma imagem do divino ser do mundo; todas as características, poderes e virtudes de sua Sabedoria eterna se manifestarão em mim; como a sua semelhança serei a manifestação do mundo espiritual e divino e um instrumento do Espírito de Deus, que compõe por si mesmo as melodias, com essa voz que sou eu. Serei seu instrumento, um órgão de sua Voz e Verbo expressado; e não somente eu, mas todos os membros do glorioso coral e todos os instrumentos de Deus. Todos somos cordas no concerto de seu júbilo; o espírito, com sua boca, arranca a nota e a melodia de nossas cordas. Portanto, Deus se fez homem, a fim de poder reparar seu glorioso

instrumento de louvor, que não soava de acordo com o desejo de seu júbilo e de seu amor.

Ele trouxe novamente o verdadeiro som do amor para as cordas; trouxe novamente a voz que soa em sua presença para dentro de nós; ele se tornou àquilo que sou e fez de mim aquilo que sou, tal como Ele é, para que possa dizer que em minha humildade sou nele sua trombeta, o som de seu instrumento e sua voz divina.

Falarei agora àqueles que sentem um irreprimível desejo de arrepender-se e, apesar disso, não chegaram ao conhecimento exato de seus pecados e nem, a saber, lamentá-los; a carne diz constantemente à alma: "basta, já está bem" ou "deixa para amanhã"; no dia seguinte a carne repete: "amanhã"; enquanto isso, a alma suspirando debilmente, não sente um verdadeiro pesar pelos pecados cometidos e nem o menor consolo. Para tal homem escreverei um processo ou caminho, o qual eu mesmo trilhei, a fim de que saiba o que fazer e como ocorreu comigo, se porventura esteja inclinado a percorrer o mesmo caminho.

Ao homem que encontra a si mesmo, tendo sua mente e consciência presenteada pelo desejo e fome de arrependimento, mas não experimenta um verdadeiro pesar pelos pecados cometidos, mas apenas a fome e o desejo de sentir tal sofrimento, de modo que a pobre alma cativa continuamente suspira, teme e necessita sentir- se culpada de tais pecados diante do julgamento de Deus, digo: "não há caminho melhor que unir seus sentidos, sua mente e seu coração e forjar instantaneamente, tão logo sinta o desejo de arrependimento, um firme propósito, uma firme resolução, de que a cada hora, a cada minuto se arrependerá de seu caminho equivocado, sem ser interferido pelo poder e desprezo do mundo". Sim, se necessário, esquecerá e se desinteressará de todas as coisas em benefício do verdadeiro arrependimento; e jamais se apartará desta resolução, ainda que seja tomado de idiota pelo mundo e ainda que todos te desprezem; pois com a força e inclinação de tua mente abandonará a glória e os prazeres deste mundo e pacientemente penetrará a paixão e morte de Cristo, colocando todas as suas esperanças e confiança na vida futura; que agora mesmo em verdade e honestidade irá entrar no vinhedo de Cristo e através dele na vontade de Deus; que no Espírito e vontade de Cristo irá começar e finalizar todas suas

ações neste mundo; e por causa da palavra e promessa de Cristo, que guarda para nós uma recompensa celestial, desejando tomar para si cada adversidade e cruz, a fim de que seja admitido na comunhão e irmandade dos filhos de Cristo. Deve imaginar, com firmeza, que o grande amor de Deus envolve sua alma nesta convicção; que com firme propósito obterá o amor de Deus em Cristo Jesus; que Deus cumprirá Sua promessa, dando-lhe o Espírito Santo, como Consolador; que pela humanidade de Cristo voltará a nascer, e que o Espírito de Cristo renovará sua mente com amor e poder, fortalecendo sua fé fraca. Também, por sua fome divina receberá a carne e o sangue de Cristo como alimento e bebida, no desejo de sua alma, faminta e sedenta por esse alimento apropriado; e com a sede da alma beberá a água da vida eterna proveniente da fonte pura de Jesus Cristo.

Deve imaginar o grande amor de Deus, diante de si. Deve se convencer que Deus em Cristo irá ouvi-lo prontamente e recebê-lo na graça; que Deus no amor de Cristo, no mais querido e precioso nome de Jesus, não pode desejar mal algum; que não há nenhum traço de cólera neste Nome, mas apenas o mais elevado e profundo amor e confiança, a maior doçura de Deus.

Nesta consideração deve imaginar firmemente que nesta exata hora e instante Deus está realmente presente dentro e fora dele. Deve saber e crer que seu homem interior está realmente diante de Deus, para quem sua alma deu as costas; deve, com os olhos de sua mente, mostrando temor e profunda humildade, começar a confessar seus pecados e indignidade diante da face de Deus de uma maneira mais ou menos assim:

Ó tu, Deus insondável, Senhor de todas as coisas; Tu que em Cristo Jesus, por grande amor para conosco, te manifestou à nossa humanidade: Eu, pobre, ser inferior, fraco pecador, venho diante de tua presença, embora não seja digno de levantar meus olhos para ti, reconhecendo e confessando que sou culpado de romper com teu grande amor e com a graça que livremente derramaste à todos nós. Minha alma não conhece a si mesma devido aos pecados; mas contempla diante de ti uma pobre criança, indigna de desejar tua graça.

Ó Deus em Cristo Jesus, Tu que por causa dos pobres pecadores tornou-se homem para nos auxiliar, a Ti clamo. O Demônio me envenenou, a fim

de que não conheça o meu Salvador; Tornei-me um galho selvagem da árvore. Tornei-me um louco; Estou nu e descalço, minha vergonha está diante de meus olhos, não posso ocultá-la. Teu julgamento me aguarda. O que devo dizer diante de Ti, que é o Juiz de todo o mundo?

Ó Deus misericordioso, é devido ao teu amor e sofrimento que ainda não me encontro no inferno. Deito-me diante de ti como um moribundo, cuja vida lhe escapa dos lábios, como uma chispa de vida que se vai; ascenda-a, Ó Senhor, e levanta o sopro de minha alma diante de ti.

Um homem deve pensar seriamente nesta obra. Se ele um dia obtiver o amor divino e a união com a nobre Sabedoria de Deus, deve fazer um voto sincero neste propósito e mente. Amado Leitor, por amor a ti não ocultarei o que a mim foi revelado. Se ainda amas a vaidade da carne, e não está plenamente decidido a obter um novo nascimento, a fim de ser um novo homem, não pronuncies as palavras destinadas à oração; ou elas formularão um julgamento de Deus em ti.

Não deves tomar os Nomes Sagrados em vão, pois pertencem à alma sedenta.

Mas se tua alma tem sede descobrirá por si mesma quais são as palavras.

Amada Alma, o Cristo foi tentado no deserto; se quereres seguí-lo, deve passar por todo o processo, desde a encarnação até a ascensão. Embora não tenhas que passar por tudo o que Ele passou, ainda assim deves penetrar por completo em seu processo e morrer continuamente para a corrupção. Pois a Virgem, a Sagrada Sabedoria, não se oferece à alma, exceto àquela alma que através da morte de Cristo, brote como uma nova planta no céu.

Portanto, preste atenção em tudo o que faz: quando fizer uma promessa cumpre-a; então a Sabedoria te coroará mais rápido do que tu o farias. Mas deves estar seguro de que quando o Tentador vier a ti com o prazer e a glória do mundo, tu o rejeite. O livre arbítrio de tua alma deve permanecer firme como um guerreiro e campeão. Se o Demônio não prevalece contra tua alma com a vaidade, te atacará com suas baixarias e sua enorme lista de pecados. Deves lutar com afinco, pois é um combate terrível para o pobre pecador, que a razão exterior pensa que o está extraviando, ou possuído por

um espírito maligno. Neste tipo de combate o céu e o inferno lutam um contra o outro. Só um soldado que já esteve na guerra pode dizer como lutar e ensinar a outro que possa estar na mesma situação.

Coloquei aqui, para auxiliar o leitor, uma oração muito sincera para a tentação:

Ó profundo Amor de Deus em Cristo Jesus, não me abandones nesta aflição. Confesso ser culpado dos pecados que neste momento surgem em minha mente e consciência; se me abandonares, perecerei. Mas não me prometestes, com tuas palavras, dizendo: "Se uma mãe esquecer seu filho (o que dificilmente ocorre), ainda assim tu jamais me esquecerias? Tu me destes como sinal, tuas mãos transpassadas por pregos afiados, e do teu lado aberto, de onde escorreram sangue e água. Sou um desgraçado! Nada posso fazer diante de ti. Afundo-me em tuas feridas e morte; em ti afundo-me na angústia de minha consciência; faça de mim o que quiser".

Amado Leitor, essa não é uma questão leve; aquele que assim a considerar ainda não passou pela trilha. Sua consciência ainda está adormecida. Feliz é aquele que passou por esse fogo durante sua juventude, antes que o demônio tenha construído em nele uma fortaleza; deve provar ser um trabalhador no vinhedo celeste, e semear sua semente no jardim de Cristo, onde, no devido tempo, irá colher o fruto. Este processo dura muito tempo para muitas almas, vários anos na verdade, caso não colocam prontamente a armadura de Cristo. Mas para aquele que com firme propósito consegue abandonar a senda da tentação, não será tão difícil, e nem durará tanto tempo. No entanto, é preciso permanecer firme até alcançar a vitória sobre o Demônio. Esse valente se verá poderosamente assistido e no final ficará imensamente grato; de modo que depois, quando o dia raiar em sua alma, tudo será um enorme louvor e glória a Deus.

Toda dor, angústia e temor com relação às coisas espirituais, pelas quais um homem se deixa abater e terrificar procede da alma. O espírito exterior, que procede das estrelas e dos elementos, não é perturbado desta forma e nem se surpreende, pois vive na matriz de onde nasceu. Mas a pobre alma penetrou uma morada estranha, o espírito deste mundo, que não é seu verdadeiro lar. Por isso esta bela criatura está obscurecida e desfigurada, cativa numa tenebrosa prisão.

A alma, em seus princípios, é um manancial mágico de fogo, da mesma natureza de Deus. Ela busca intensa e incessantemente a Luz divina.

Por isso, a alma, que anseia pelo mágico espírito do fogo, busca a virtude espiritual a fim de sustentar e preservar seu fogo vital e saciar a ânsia em sua origem.

Contudo, a alma é faminta; desde o ventre de sua mãe, está envolvida no espírito do grande mundo e seu temperamento se alimenta desde seu nascimento, já no sei materno, com o espírito deste mundo.

A alma ingere o alimento espiritual de acordo com o seu temperamento e é o que aviva seu fogo. O combustível de seu fogo deve ser o seu temperamento ou a substância divina de Deus.

Assim, podemos compreender a causa da infinita variedade existente nos desejos e ações dos homens. Aquilo que a alma ingere, aquilo que aviva seu fogo, é o que conduz e governa a energia vital.

Se sair de seu temperamento e penetrar o ardente amor de Deus, na substancialidade celestial que é a do Cristo, a alma se alimenta de Cristo e da misericórdia da luz de sua majestade, onde está a fonte da vida eterna.

Logo a alma obtém uma vontade divina, e ordena ao corpo que faça aquilo que, de acordo a sua inclinação natural e o espírito deste mundo, não faria. Nesta alma o temperamento não governa, domina apenas o corpo exterior. Esse homem deseja continuamente a Deus.

Freqüentemente, quando sua alma aspira a essência divina do amor, esta lhe procura uma exaltação triunfante, e um sabor divino para o próprio temperamento. De maneira que todo o corpo é tomado pelo júbilo, sendo elevado a um tal grau de sensação divina, que é como se estivesse nos limites do paraíso.

Mas este estado de êxtase raramente possui longa duração. A alma é rapidamente envolvida por algo de outra natureza, proveniente do espírito deste mundo, com o qual forja um espelho com o qual começa a especular com sua imaginação exterior. Assim, surge do Espírito de Deus e, às vezes,

se mistura na sujeira do mundo, se a Virgem da Sabedoria Divina não a chama de novo ao arrependimento e a voltar para seu primeiro amor. Então, se a alma se purifica nas águas da vida eterna, através de seu arrependimento, fica renovada no amor ardente da misericórdia de Deus e do Espírito Santo, como uma nova criança; e começa a beber novamente desta água, recuperando, aos poucos, sua vida em Deus.

Não há temperamento no qual a vontade e as sugestões do demônio possam ser descobertas com mais facilidade; uma vez que a alma seja iluminada, pronto. Aquele que está na melancolia ou o homem tentado que conseguiu recuperar suas forças com firmeza e resolução, bem o sabe.

Quão sutil e maliciosa é a forma com que o Demônio espalha suas teias para esse tipo de alma, como o caçador faz com as aves! Ás vezes ele a aterroriza em suas orações, especialmente à noite, quando está escuro, injetando ali suas sugestões e enchendo-a de apreensões temerosas de que a ira de Deus está pronta para alcançá- la e destruí-la. Desta forma, monta todo um espetáculo, como se tivesse o poder sobre a alma do homem, enquanto que na realidade não tem poder nem para tocar um só fio de sua cabeça. A menos que a alma se desespere e acabe por se entregar ao Demônio, este não se atreverá nem real, nem espiritualmente a tocá-la.

Ele guarda mais que uma tentação para as almas melancólicas. Pois, se não puder levá-las ao desespero, fazendo com que se entreguem, ataca-as quando estão tomadas por temores e tristes apreensões sobre sua condição atual e de seu destino futuro, impacientes sobre o peso de seus pecados, com idéias e desígnios de suicídio. Ele não se atreve a destruir o homem; o próprio homem é quem destrói a si mesmo. Porque a alma goza de inteira liberdade. Se resistir ao demônio e não seguir seus conselhos, aquele, por mais que tente, não tem poder para tocar o corpo externo e pecador.

A conturbação mental da qual falamos está mais sujeita à compaixão de Deus do que à sua Cólera. Ele não irá quebrar o junco ferido e nem apagará o linho fumegante. Nosso Senhor Jesus Cristo, em seu abençoado chamado e promessa diz, “Venham a mim os cansados, os esgotados e encontrarão o repouso. Tomem meu jugo e aprendam de mim que sou manso e humilde de coração e encontrareis descanso para vossas almas”.

O jugo de Cristo nada mais é do que a Cruz da essência e providência. Esse é o jugo que o homem deve aceitar e levar com paciência, seguindo Cristo, em completa submissão. Por sua parte, a aflição, seja ela qual for, não prejudica a alma, mas lhe faz muito bem. Pois enquanto se permanece na mansão da dor, não se está na casa do pecado, ou do orgulho, ou da vaidade e dos prazeres do mundo. Deus proíbe, da mesma forma que um pai proíbe seu filho, o prazer pecador deste mundo.

A alma atribulada pode sentir-se confusa e atormentada, por não poder fazer brotar com seus desejos, o manancial de júbilo divino em seu coração. Suspira, lamenta e teme que Deus não lhe ajude, porque sente o consolo de sua visível presença.

Isto ocorreu no momento de minha iluminação e elevado conhecimento. Passei por um longo e doloroso combate antes de obter minha nobre grinalda. Depois, aprendi que Deus não mora no coração da carne, mas no centro da alma, segundo seu próprio princípio.

Percebi em meu espírito que o próprio Deus me havia atraído para Si, por meu desejo. Não havia entendido antes; pensava que o bom desejo havia sido meu e que Deus estava muito longe dos homens. Mas, descobri imediatamente, e com isso me regozijo, que Deus é compassivo para conosco. Portanto, escrevo como exemplo e advertência para os outros, não para que se desesperem quando o Confortador demorar a chegar, mas para que pensem no estimulante consolo dado no salmo de David: “A tristeza pode durar uma noite, mas a alegria chega ao amanhecer”.

Assim ocorreu com os santos de Deus. Tiveram que lutar por muito tempo, com grande esforço, para receberem a nobre grinalda. Por isso, nenhum homem será coroado a menos que se esforce e vença a batalha.

Ele será coroado em sua alma, mas se deseja ser coroado durante a vida mortal, deve lutar por isso. Se não a conquistar neste mundo, com certeza a receberá depois de abandonar este tabernáculo terrestre. Pois Cristo disse: “No mundo encontrarás ansiedade e tribulações, em mim, paz. E eu venci o mundo, para meu consolo”.

Nem com minha pluma, nem com minhas palavras posso expressar até

que ponto é maravilhosa a graça de Deus em Cristo. Por experiência me encontrei neste caminho: o que escrevo tem um fundamento. Do fundo de meu coração gostaria de compartilhar o mesmo com meus irmãos no amor de Cristo. Se seguirem meus leais conselhos, saberão por experiência própria que minha mente sincera conhece e compreende grandes mistérios.

O discípulo perguntou ao Mestre: "Mestre, como posso alcançar a via suprasensual, para poder ver, ouvir e falar com Deus?".

O Mestre respondeu: "Filho, quando tu puderes te lançar Naquilo, onde não mora criatura alguma, ainda que seja por um único momento, ouvirás o Teu Deus".

Quando estiveres imóvel, sem pensar em ti mesmo, sem desejar nada; quando teu intelecto e tua vontade estiverem aquietados, e passivos à impressão do Verbo e do Espírito eterno; e quando tua alma se elevar acima de tudo o que seja temporal, com os sentidos exteriores e a imaginação encerrada na santa abstração, então a escuta, a visão e a linguagem eterna serão reveladas em ti. De modo que Deus ouvirá e verá através de ti, que passa a ser o órgão de Seu Espírito; assim, Deus fala em ti e sussurra a teu espírito, e teu espírito escuta a Sua voz.

Três coisas são requisitos fundamentais para alcançar este estado: Primeiro, resignar tua vontade a Deus, e mergulhar teu ser profundamente em Sua misericórdia. A segunda é desprezar tua vontade e se proibir de fazer aquilo que ela te empurra. A terceira, é curvar tua alma debaixo da Cruz, submetendo-se de todo coração à ela, e ser capaz de resistir as tentações da natureza e da criatura. Se assim proceder, ouvirá, meu Filho, o que o Senhor fala em ti. Embora, neste momento, ames a sabedoria terrestre, verás que toda sabedoria do mundo é uma loucura, quando fores revestido pela Sabedoria Celeste.

Desta maneira conseguirás resistir a toda tentação e a levar uma vida por cima do mundo e dos sentidos. Neste contexto, odiarás a ti mesmo; Eu te digo: ame a ti mesmo, mais do que jamais tenha amado.

Ao amar a ti mesmo, não te ame como a algo próprio; mas com o amor concedido a ti pelo amor de Deus; amarás em ti o fundamento divino, pelo

qual e no qual ama a sabedoria divina, a bondade divina, a beleza divina. Amarás também as maravilhosas obras de Deus, e neste mesmo contexto ama teus irmãos. Quando odiar a ti mesmo, odeie apenas aquela parte tua onde o mal se aferra. Ou seja, não pode haver egoísmo no amor; pois são contrários entre si. O amor, ou seja, o amor divino, (e só dele que falamos) despreza qualquer egoísmo malvado. É impossível que os dois subsistam em uma mesma pessoa; por uma imperiosa necessidade da natureza, um expulsa o outro.

A altura do amor é tão grande quanto a Deus; e faz que tu sejas tão alto quanto o próprio Deus, unindo-te à Ele. Sua magnitude é a magnitude de Deus: há uma latitude de coração no amor que não pode ser expressa; ela expande a alma tanto quanto a expansão de toda a criação de Deus. Isso será experimentado por ti, além do ritmo das palavras, quando o trono do amor se instale em teu coração. Seu poder sustenta os céus e contém a terra; sua virtude é o princípio de todos os princípios, a virtude de todas as virtudes. É o que opera todas as coisas, a energia vital que surge através de todos os poderes naturais e sobrenaturais. É o poder de todos os poderes, sendo que nada é capaz de cortar ou diminuir sua onipotência, ou resistir ao seu poder penetrante. Se o encontras, chegas a esse manancial de onde todas as coisas procedem, o terreno onde subsistem todas as coisas; tu és, então, um Rei sobre todas as obras de Deus.

Portanto, cale-se, e cuide de tua oração, para que tua mente esteja disposta a encontrar essa jóia, que ao mundo se parece como nada, mas que é tudo para os filhos da Sabedoria. O caminho do amor é uma loucura para o mundo, mas é a Sabedoria para os filhos de Deus, para quem o que é desprezado pelo mundo, consiste no mais precioso tesouro; sim, trata-se de um tesouro tão grande que vida alguma pode expressá-lo, nenhuma língua pode nomeá-lo, tão inflamável, tão conquistador amor de Deus.Mais resplandecente que o sol; mais doce que qualquer doçura; mais forte que qualquer fortaleza; mais nutriente do que qualquer alimento; embriaga o coração mais do que qualquer vinho; é mais gratificante do que qualquer prazer deste mundo. Aquele que o obtém, é mais rico do que qualquer monarca na terra; aquele que o ganha é mais nobre do que um imperador e mais poderoso e absoluto do que todos os poderes e autoridades da terra.

O Caminho para Cristo



Caro Leitor, se desejas usar este livro corretamente, e tens seriedade e determinação, certamente encontrarás muito benefícios. Mas é meu desejo que tu sejas alertado, caso não tenhas seriedade, a não te intrometer com os preciosos nomes de Deus, nos quais e pelos quais a Altíssima Santidade é invocada, movimentada e poderosamente desejada, a fim de que não se inflame a ira de Deus em tua alma. Pois não devemos abusar dos santos nomes de Deus. Este pequeno livro dirige- se unicamente àqueles capazes de se arrependerem e que possuem o desejo de começar. Eles irão descobrir o uso das palavras e de onde surgiram. Que tu sejas aqui, confiado à eterna bondade e misericórdia de Deus. do verdadeiro arrependimento

Quando o homem penetrar o arrependimento, e com suas orações se voltar para Deus; antes de começar a orar, reflita seriamente o estado de sua própria alma. Veja como ela se encontra total e completamente afastada de Deus, como se tornou infiel a Ele, unicamente voltada para esta vida temporal, frágil e terrestre; carregando nenhum amor sincero para com Deus e para com o próximo, apenas luxúria; como caminha contra os mandamentos de Deus, e busca a si mesma unicamente na luxúria temporal e transitória da carne.

Em seguida, observe que tudo isto representa os inimigos exteriores de Deus, os quais Satã fez surgir e trabalhar nele, através de sua influência sobre nossos primeiros pais; por causa desta abominação sofremos a morte, e submetemos nossos corpos à corrupção.

Observe as três horríveis correntes que atam nossas almas durante esta

vida terrestre. A Primeira é a severa cólera de Deus, o abismo e mundo de trevas, que é o centro, a raiz ou princípio constituinte da vida da alma. A Segunda é o desejo do demônio contra a alma, pelo qual ele a analisa e a seduz continuamente, empenhando- se sem interrupção em atirá-la da verdade de Deus, para seu elemento e natureza própria, ou seja, para o orgulho, a avareza, a inveja e o ódio; com seu desejo, pretende soprar e ascender aquelas propriedades demoníacas na alma, através das quais sua vontade dá as costas para Deus e penetra o eu, a personalidade. A Terceira e mais dolorosa de todas as correntes, pelas quais a pobre alma se encontra atada, é a corrupção e a futilidade terrestre, a carne e o sangue mortal, cheios de inclinações e desejos demoníacos.

O homem precisa entender que aqui ele permanece prisioneiro, de corpo e alma, na lama de pecados, na ira de Deus, na garganta do diabo: a ira de Deus queima dentro dele, no corpo e na alma, e que ele é aquele repugnante guardador de porcos, que gastou toda a herança de seu Pai, ou seja, o precioso amor e a misericórdia de Deus, com os gordos porcos do demônio, nos prazeres terrestres, sem preservar o caríssimo pacto e a expiação da inocente paixão e morte de Jesus Cristo; pacto que Deus, por pura graça, deu ou colocou na humanidade, nos reconciliando Nele. Considere homem, que esquecestes completamente o pacto do Santo Batismo, no qual prometestes ser fiel e verdadeiro para com seu Salvador; ao contrário, manchastes e obscurecestes Sua retidão com o pecado (retidão que Deus entregou livremente a ele em Cristo); que agora o homem se erga diante da face de Deus, com as justas vestimentas da inocência de Cristo, as quais maculou, como um sujo, roto e remendado guardador de porcos, que tem comido continuamente as cascas da vaidade juntamente com os porcos do demônio, e que não é digno de ser chamado de um filho do Pai e membro de Cristo.

Reflita seriamente, a morte colérica o aguarda a cada momento e a cada hora, e permanecerá contigo em seus pecados e em suas vestes de guardador de suínos e o lançará na cova do inferno como uma pessoa estranha; o homem é aquele que perdeu a fé, que deve ser colocado numa obscura masmorra de morte até o julgamento de Deus.

Pense no seríssimo e severo dia do julgamento final, quando deverá ser

apresentado vivo, com suas abominações, diante do tribunal de Deus. Para que todos aqueles a quem tiver ofendido ou prejudicado por palavras e obras, e feito com que praticassem o mal (sendo que por sua instigação e compulsão também cometeram o mal) possam se pronunciar contra ti, maldizendo-o diante dos olhos de Cristo e de todos os santos anjos e homens. Lá estará o homem, com grande vergonha e ignomínia, e também com grande terror e desespero; isto irá lhe molestar a ponto de fazê-lo refletir sobre o estado de salvação e felicidade, tão glorioso e eterno que esnobastes, em troca de um prazer de tão pouca duração; neste curto tempo, o homem não teve nem o cuidado de assegurar a si próprio uma parcela da comunhão dos santos, a fim de desfrutar com eles a luz eterna e a glória divina.

Observe que o homem descrente perdeu sua nobre imagem; Deus o criou na e para a Sua imagem, uma representação em forma de criatura, ao invés disso ele tomou para si uma forma monstruosa ou disforme, como a de um verme desprezível ou uma besta horrorosa. Nesta situação o homem é um inimigo para Deus, para o céu e para todos os santos homens e anjos; sua comunhão é e será para sempre, com os demônios e vermes nas trevas tenebrosas.

Pense seriamente na punição eterna e na tortura do condenado; como serão atormentados pelas abominações que cometeram aqui, no horror eterno e provavelmente nunca verão a terra dos santos por toda eternidade, nem tão pouco receberão qualquer alívio, como se vê pelo exemplo de Dives, o homem rico.

Tudo isto deve ser levado em consideração pelo homem, de forma séria e honesta, sem esquecer que Deus o criou, originalmente, em tal justa e gloriosa imagem, à Sua própria semelhança, na qual Ele Próprio poderia habitar. Deus o criou de Sua bondade para a própria felicidade e glória eterna do homem, a fim de que pudesse habitar com os santos anjos e filhos de Deus em grande felicidade, poder e glória; na luz eterna; na prazerosa e melodiosa harmonia do divino e angélico reino da alegria; onde o homem poderia regozijar-se continuamente com os filhos de Deus, sem medo de nenhum fim; onde nenhum pensamento diabólico pudesse lhe atingir, nem preocupação, nem problema, nem o calor, nem o frio; onde a noite não é

conhecida; onde não há mais dia ou tempo limitado, mas uma benção sem fim, onde o corpo e a alma estremecem de contentamento; onde o próprio homem deveria regozijar-se diante das infinitas maravilhas e virtudes que surgem no brilho das cores, e na variedade do esplendor aberto e exposto pelas glórias e poderes onipotentes de Deus, sobre a nova terra cristalina, que será como um vidro transparente. O homem insiste em perder toda a glória eterna e a felicidade, devido à falta e má qualidade de tempo, que mesmo neste estado de vaidade e corrupção, na vida diabólica da carne voluptuosa, está cheio de miséria, medo e vexações exteriores; tempo que caminha com o fraco e com o correto, onde um deve morrer, também morrerá o outro; somente a morte dos santos representa uma entrada para o descanso eterno, enquanto que a morte do fraco é uma introdução à angústia eterna.

Veja o curso deste mundo, tudo não passa de uma brincadeira, onde o homem passa seu tempo em grande inquietude; e isto vale tanto para o rico e poderoso, como para o pobre e o mendigo. Todos nós vivemos e nos movemos nos quatro elementos, igualmente; e que o ganho árduo da porção do pobre é tão saboroso e apetitoso para ele, em seu trabalho, como a iguaria do rico em suas aflições. Todos nós subsistimos por um fôlego, o homem rico não tem nada a mais do que seu vizinho pobre, senão os prazeres do palato e a luxúria dos olhos, por algum tempo, pois o fim dos dois é o mesmo. Ainda assim, por causa desta luxúria de pouca duração, muitos absurdos ocorrem, afastando a felicidade e levando os homens a uma extrema e eterna miséria.

Refletindo profundamente sobre estas valiosas verdades, o homem irá sentir em seu coração e mente, especialmente se, ao mesmo tempo, enxergar e preparar seu próprio fim, um suspiro no coração e um desejo pela misericórdia de Deus, e começará a lamentar seus pecados; sentirá pesar por ter passado seus dias tão doente, e não ter percebido e considerado que permanece neste mundo como que num campo, em crescimento, para ser uma fruta ou no amor ou na ira de Deus. Descobrirá então, que ainda não trabalhou, de forma alguma, no vinhedo de Cristo, mas que é um galho seco sem frutos da Videira. Assim, um dentre muitos, é tocado pelo espírito de Cristo, surge ali muito pesar, mágoas e lamentação interna, pelos dias de fraqueza gastos na vaidade, sem nenhum trabalho no

vinhedo de Cristo.

Tal homem trazido pelo espírito de Cristo ao sofrimento e ao arrependimento, a fim de abrir seu coração, tanto para conhecer como para lamentar seus pecados, pode ser auxiliado facilmente. É preciso mais que nada, atrair para si a promessa de Cristo, ou seja, Deus não quer a morte do pecador, mas deseja que todos eles venham até Ele, e Ele os irá aliviar; há uma grande alegria no céu por um pecador arrependido. Que cada pecador atente para as palavras de Cristo, e se envolva com Sua meritosa paixão e morte.

Falarei agora àqueles que, de fato, sentiram em si um desejo de arrependimento, mas que não podem conhecer ou lamentar os pecados cometidos. A carne, diz continuamente à alma, fique tranqüila, está tudo bem; ou, amanhã haverá tempo; enquanto isso, a alma, suspirando e desfalecendo, não concebe nenhum pesar verdadeiro diante dos pecados cometidos, nem conforto algum. Para eles digo,

"Escreverei um Processo ou Caminho, que eu mesmo percorri, para que saibam o que devem fazer e o que se passou comigo, se por ventura estejam inclinados a tomar este caminho e buscar o mesmo objetivo; com isto eles irão compreender o que se segue.

O Caminho para a conversão

Quando qualquer homem se encontra, pelas considerações citadas acima ou quaisquer outras, pressionado em mente e consciência, sentindo uma fome ou desejo de arrependimento, mas mesmo assim não sente pesar dentro de si pelos pecados cometidos, o que acontece com a alma? A pobre alma cativa observa, teme continuamente, e deve reconhecer-se culpada pelos pecados, diante do julgamento de Deus. Tal homem, digo, não pode tomar caminho melhor do que reunir seus sentidos, mente e razão e tomar uma resolução, instantaneamente, tão rápido tenha percebido em si, algum desejo de se arrepender; que a partir daquele instante penetrará o arrependimento e deixará seu caminho de fraquezas, e que não buscará, de forma alguma, o poder e o respeito do mundo. Se for necessário, renunciará

e desistirá de todas as coisas pelo verdadeiro arrependimento; e que nunca mais abandonará esta resolução, ainda que se torne um tolo, desprezado pelo mundo. Mas, com toda inclinação e força de sua mente irá deixar a beleza e o prazer do mundo, para adentrar, pacientemente, na paixão e morte de Cristo, na cruz e sob a cruz, e colocar toda a sua esperança e confiança na vida que está por vir. Que mesmo agora na retidão e verdade, ele irá adentrar o vinhedo de Cristo, e realizar a vontade de Deus. Que no espírito e verdade de Cristo irá iniciar e finalizar todas as suas ações neste mundo, e por causa da palavra e promessa de Cristo, que nos assegura uma recompensa celeste, tomará e aceitará livremente toda adversidade e toda cruz, a fim de ser admitido na comunhão ou irmandade dos filhos de Cristo, e no sangue do Cordeiro Jesus Cristo ser incorporado e unido à Sua Humanidade.

Ele deve imaginar firmemente para si, e envolver sua alma nesta persuasão, que em tal propósito obterá o amor de Deus em Jesus Cristo, que Deus lhe concederá, de acordo com Sua fiel promessa, aquela nobre garantia, o Espírito Santo, para o justo; que, na humanidade de Cristo, como para a substância celeste, é preciso nascer de novo em si mesmo, que o espírito de Cristo renovará sua mente com Seu amor e poder, reforçando sua Fé fraca. Também, que em sua fome divina deve obter a carne e o sangue de Cristo como bebida e comida, no desejo de sua alma, que busca nesta fome e nesta sede, seu alimento próprio; com a sede da alma beba a água da vida eterna que brota da doce fonte de Jesus Cristo, como é a mais verdadeira e imutável promessa de Cristo.

Ele deve ainda, imaginar firmemente consigo mesmo, e dispor diante de si, o grande amor de Deus. Que Deus não deseja a morte do pecador, mas o arrependimento e a crença; que Cristo chama os pobres pecadores muito delicada e graciosamente para Si, e irá aliviá-los; que Deus enviou Seu Filho ao mundo, para buscar e salvar aquilo que estava perdido, ou seja, o pobre arrependido e o pecador que regressa; e que por causa do pobre pecador Ele deu Sua vida à morte, morrendo por ele em nossa humanidade que tomou para Si.

Além do mais, deve se convencer firmemente de que Deus em Jesus Cristo irá muito mais prontamente ouvi-lo e recebê-lo na graça, do que ele

está disposto a vir a Ele; e que Deus no amor de Cristo, no querido e precioso nome de Jesus, não pode desejar mal algum. Que não há, de forma alguma, nenhum semblante irado neste nome, mas que ele é o mais alto e profundo amor e fidelidade, a grande docilidade da Divindade, no grande nome Jehovah, que Ele manifestou em nossa humanidade, corrupta como é, e pereceu em sua parte celestial, que desapareceu no paraíso através do pecado. E Ele foi portanto, movido em Seu coração a fluir a nós com Seu doce amor, a fim de que a fúria de Seu Pai, inflamada em nós, pudesse ser extinta e transformada em amor. Tudo foi feito por causa do pecador, a fim de que ele obtenha, mais uma vez, um portão da graça aberto.

Levando isto em consideração, deve imaginar firmemente que nesta hora, neste exato instante ele se coloca diante da face da Santa Trindade, e que Deus está realmente presente dentro e fora dele, como a Santa Escritura testemunha, dizendo: “Não sou Eu Aquele que preenche todas as coisas?” e em outro lugar: “A palavra está perto de ti, em tua boca e em teu coração”. E também, “Nós viremos a ti e em ti faremos nossa morada” e “ Eu estarei sempre contigo, até o fim do mundo”. “O reino de Deus está dentro de ti”.

O homem precisa saber e acreditar com convicção, que internamente ele realmente se encontra diante da face de Jesus Cristo, até mesmo diante da Santa Divindade, para quem sua alma deu as costas; analisar que neste instante irá voltar seus olhos e o desejo de sua alma novamente para Deus, que volta ao pai juntamente com o filho perdido. É preciso, com o olhar de sua mente se subjugar no medo e na mais profunda humilhação, para confessar seus pecados e desonra diante da face de Deus, da forma que se segue.

Cada um, de acordo com seu caso e necessidade, deve organizar e ampliar esta confissão, segundo o ensinamento do Espírito Santo. Irei apenas estabelecer uma pequena direção.

Ó Tu, grande Deus intocável, Senhor de todas as coisas; Tu que, em Jesus Cristo, por grande amor para conosco, manifestastes a Ti mesmo, com Tua santa substância, em nossa humanidade: Eu, pobre, pecador e indigno miserável, venho diante de Tua presença, manifestada na humanidade de Jesus Cristo, embora não seja digno de levantar os olhos a Ti, reconhecendo e confessando diante de Ti que sou culpado de

infidelidade, de romper com Teu grande amor e graça que Tu assegurastes livremente a nós. Abandonei o pacto, que pela graça Tu fizestes comigo no Batismo, pelo qual me recebestes como criança e herdeiro da vida eterna; coloquei meu desejo na vaidade deste mundo, e com ela empurrei minha alma a um desfiladeiro, tornando-a bestial e terrestre. Com isto, minha alma não conhece a si mesma, por causa do lodo de pecados; mas se considera uma criança estranha diante de Tua face, indigna de desejar Tua graça. Repouso na culpa e na corrupção do pecado, e a vaidade de minha carne corrupta, inunda minha alma; tenho não mais do que uma centelha de fôlego vivificante em mim, que deseja Tua graça. Estou morto no pecado e na corrupção, e nesta condição miserável, não ouso sequer levantar os olhos a Ti.

Ó Deus em Jesus Cristo, Tu que por causa de pobres pecadores Te tornastes homem para socorrê- los, a Ti lamento, para Ti ainda tenho um pequeno refúgio em minha alma. Não considerei a Tua herança, garantida a nós pobres homens através de Tua morte amarga, mas me fiz parte da herança da vaidade, na fúria de meu Pai no curso da terra, e mergulhei no pecado; me encontro quase que morto para Teu reino. Permaneço na fraqueza enquanto Tua força e a morte colérica me aguardam. O Gênio do Mal me envenenou, a fim de que eu não conheça meu Salvador: Me tornei um galho selvagem em Tua árvore, e consumi, com os porcos do demônio, minha herança que está em Ti. O que direi diante de Ti, eu que não sou digno de Tua graça? Permaneço no sono da morte, que me cativou, e me encontro atada por três fortes correntes. Ó Tu que Interrompes através da morte, assista-me, eu Te imploro, não posso, não sou capaz de fazer nada! Estou morto em mim mesmo, não tenho força diante de Ti, de tanta vergonha, não ouso levantar os olhos diante de Ti. Pois sou o degradante guardador de porcos, e gastei minha herança com a falsa e adúltera prostituta da vaidade, na luxúria da carne; busquei a mim mesmo em minha própria luxúria, e não a Ti. Agora, me tornei um tolo; estou nu e exposto; minha vergonha permanece diante de meus olhos; Não posso escondê- la; Teu julgamento me aguarda. O que devo dizer diante de Ti, que és o Juiz de todo o mundo? Nada tenho para trazer diante de Ti. Permaneço aqui nu e exposto em Tua presença, e caio diante de Tua face lamentando minha miséria, e recorro à Tua grande misericórdia, embora dela não seja digno; receba-me ainda que em Tua morte, e deixe-me apenas morrer da minha

morte na Tua. Oro para que Tu me arranques do solo de meu ser inato, e mate este meu ser através de Tua morte, a fim de que eu não viva mais para mim, visto que não opero em mim mais do que o pecado. Portanto, rogo a Ti, arranca da terra esta besta fraca, que está cheia de fraudes falsas e desejo próprio, e liberta esta minha pobre alma destas pesadas amarras.

Ó Deus misericordioso, é pertencendo ao Teu amor e longo sofrimento que ainda não me encontro no inferno. Submeto-me, com toda minha vontade, sentido e mente, à Tua graça e rogo à Tua misericórdia. Clamo a Ti através de Tua morte, daquela pequena chispa de vida em mim, rodeada pela morte e pelo inferno, que abrem suas gargantas contra mim, prestes a me engolir totalmente na morte; a Ti clamo, Tu que prometestes que não irias extinguir o linho. Não tenho outro caminho a Ti senão o de Tua própria e amarga morte e paixão, porque Tu tornastes nossa morte em vida pela Tua humanidade, e quebrou as correntes da morte, e portanto mergulho o desejo de minha alma em Tua morte, no portão de Tua morte, que Tu rompestes para abrir.

Ó Tu, grande fonte do amor de Deus, eu te imploro, auxilia-me, a fim de que possa morrer para a vaidade e para o pecado na morte de meu Redentor, Jesus Cristo.

Ó Tu, sopro do grande amor de Deus, eu Te imploro, vivifica meu fraco sopro em mim, para que possa ter fome e sede de Ti. Ó Senhor Jesus, doce força, eu Te imploro, dê de beber à minha alma de Tua fonte de graça, Tua doce água da vida eterna, a fim de que possa despertar da morte e ter sede de Ti. Ó, quão fraco me encontro pelo desejo de Tua força! Ó Deus misericordioso, transforma-me Tu, pois não posso transformar a mim mesmo. Tu que vencestes a morte, rogo-Te, auxilia- me a lutar. O inimigo me prende firmemente com suas três correntes, e não posso experimentar o desejo de minha alma de estar diante de Ti! Vem Tu e toma o desejo de minha alma para Ti. Sejas Tu quem me leva para o Pai, e libera-me das amarras do demônio! Não olhes para minha deformidade por estar nu diante de Ti, por ter perdido Teu ornamento! Rogo a Ti, faças Tu uma vestimenta de vida, da vida que ainda resta em mim e pulsa diante de Tua graça; e que assim ainda possa ver a Tua salvação.

Ó Tu amor profundo, rogo a Ti, toma o desejo de minha alma para Ti:

arranque-o das garras da morte através de Tua morte, em Tua Ressurreição, em Ti. Vivifica-me em Tua força, que o meu desejo e minha vontade possa começar a surgir e florescer. Ó Tu vencedor da morte e da ira de Deus, conquista meu interior; quebre minha vontade e fira minha alma, para que ela tema diante de Ti, e se envergonhe de sua vontade própria diante de Teu julgamento, que ela possa ser sempre obediente a Ti, como um instrumento Teu. Subjugue-a nas garras da morte; tire dela seus poderes, a fim de que não deseje mais nada senão a Ti.

Ó Deus, Espírito Santo em Cristo meu Salvador, ensina-me, rogo a Ti, o que devo fazer para me voltar a Ti. Atraia-me em Cristo para o Pai, e auxilia-me, para que de agora em diante eu possa deixar a vaidade e o pecado, e nunca mais a eles retornar. Forje em mim um arrependimento verdadeiro pelos pecados cometidos. Ó, mantenha-me em seus laços, e não permita que eu me perca de Ti, temo que o demônio me ameace em carne e sangue e me traga novamente para a morte da morte. Ó, ilumina Tu meu espírito, para que eu possa ver a passagem divina e caminhar ali continuamente. Livrai-me de tudo aquilo que me afasta de Ti e dai-me tudo aquilo que me faz voltar a Ti: tira-me inteiramente de mim mesmo, e me dê inteiramente a Ti mesmo. Não me deixe começar nada, querer, pensar e fazer nada sem Ti! Ó Senhor quanto tempo! De fato não sou digno daquilo que desejo de Ti, rogo para que os desejos de minha alma habitem senão nos portões de Tua corte; torne-a uma serva de Teus servos. Preserve-a daquela cova horrível, onde não há conforto e nem alívio.

Ó Deus em Cristo Jesus. Sou um cego, e não conheço a mim mesmo por causa da vaidade. Tu te tornastes oculto a mim em minha cegueira, e mesmo assim Tu estás perto de mim; mas Tua ira despertada pelo meu desejo me encheu de trevas. Ó, tome senão o desejo de minha alma para Ti; prove-o, Ó Senhor, e esmague-o, a fim de que minha alma possa obter um raio da Tua doce graça.

Permaneço diante de Ti como um homem que está morrendo, cuja vida está deixando seus lábios, como uma pequena chispa que se vai; inflame-a, Ó Senhor, e faça surgir a vida de minha alma diante de Ti. Senhor, eu espero a Tua promessa, que fizestes dizendo: “Enquanto Eu viver, não viverei a morte de um pecador, mas que ele se volte e viva”. Mergulho na

morte de meu Redentor Jesus Cristo, e espero por Ti, cuja palavra é verdade e vida. Amém.

Da mesma forma, todos devem confessar seus pecados, como se cada um se encontrasse num exame de consciência, reconhecendo a que pecados entregou sua alma. Se seu propósito é ser verdadeiramente honesto, como se faz necessário, para o espírito de Deus, que neste instante está na vontade da mente, uma oração será feita por ele mesmo, em seu interior. Pois só o espírito de Deus é um verdadeiro e honesto desejo que opera o arrependimento, intercedendo pela alma diante de Deus, através da morte de Cristo.

Mas não irei ocultar do caro Leitor, que tem uma intenção cristã como que Ele caminha normalmente com aqueles que possuem este firme propósito e resolução. Ainda que, de fato, caminha com um e com outro, dependendo se seus propósitos são mais ou menos honestos e fortes. Pois o espírito de Deus não está preso, e costuma traçar caminhos ou processos de acordo com o que sabe caber a cada um. Se bem que um soldado que esteve nas guerras pode dizer como lutar, instruindo outros que possam vir a ocupar a mesma posição.

Quando um coração, com forte resolução e propósito fica diante de Deus, e adentra o arrependimento, acontece com ele o mesmo que com a mulher de Cananéia, ou seja, parece que Deus não irá ouvir. O coração permanece sem conforto; seus pecados, tolices e negligências, também se apresentam, fazendo-o se sentir indigno de qualquer coisa. A mente permanece como que sem palavras; a alma geme profundamente; o coração nada recebe, e não pode mais do que derramar sua confissão diante de Deus; mas é como se o coração e a alma permanecessem calados. A alma poderia buscar a Deus, mas a carne a mantém cativa: o demônio, também a confina fortemente, apresentando-lhe, mais uma vez o caminho da vaidade, agradando-lhe com os luxos da carne, e dizendo-lhe internamente “Espere, faça isso ou aquilo primeiro; junte dinheiro suficiente ou bens, primeiramente, para que não passes necessidades no mundo, mais tarde adentre uma vida santa e de arrependimento; haverá tempo suficiente”.

Quantos perecem num começo deste, caso se voltem novamente para a vaidade; e se tornam como um enxerto novo quebrado pelo vento ou seco

pelo calor!

Amada alma, note: Se quiseres ser uma vitoriosa em teu Cristo Salvador, contra a morte e o inferno e pretende que seu enxerto cresça, tornando-se árvore no Reino de Cristo, deves seguir em frente, permanecendo firme em teu primeiro e sincero propósito. Isto é tão precioso quanto tua herança paterna, quanto seu corpo e sua alma também, seja que te tornes um anjo em Deus ou um demônio no inferno. Se pretendes ser coroada, deves lutar; deves vencer em Cristo e não ceder ao demônio. Teu propósito deve permanecer firme, não deves trocá-lo por honras e posses temporais. Quando o espírito da carne diz: "Espere, não é conveniente ainda"; a alma deve dizer; "É chegada a hora de voltar para minha terra natal, de onde meu pai Adão me tirou. Nenhuma criatura deve me deter, e embora este corpo terrestre possa decair e perecer, entrarei agora com todo o meu desejo e vontade, no jardim de rosas de meu Redentor Jesus Cristo; através de Seu sofrimento e morte estarei com Ele, e na morte de Cristo te subjugarei, corpo terrestre, tu que engoliste a pérola que havia em mim, dada por Deus a meu pai Adão, no paraíso. Irei romper a vontade de tua voluptuosidade, que está na vaidade; irei te prender, como a um cachorro louco, com a corrente de meu firme propósito; e ainda que com isto, tu te tornes um tolo diante dos homens, deves obedecer a firme resolução de minha alma. Nada deve te liberar desta corrente, senão a morte temporal. Neste instante Deus e sua força me auxiliarão".

Como a pobre alma deve se apresentar mais uma vez diante de Deus; como deve lutar pela nobre coroa; que tipo de armas deve usar, se for lutar contra a ira de Deus, contra o demônio, contra o mundo e o pecado, conta a carne e o sangue, contra as influências das estrelas e dos elementos, e todos os seus outros inimigos.

Amada alma, para isto se requer determinação, não apenas um mero recital de palavras! Não, só a determinação conduzirá ao trabalho, nada mais terá resultado. Pois, se a alma pretende obter a coroa triunfante de Cristo, da nobre Sophia, ou Sabedoria Divina, deve cortejá-la em grande desejo de amor. Deve rogar-lhe, por Seu mais santo nome, vir diante dela com a mais modesta humildade, não como um especulador ambicioso ou um Vênus atrevido. Enquanto for assim, ninguém deve buscar tais coisas;

pois não irão obtê-las, e ainda que alguma coisa seja obtida em tal estado de impureza, não será mais do que um lapso da verdadeira glória. Mas uma mente casta e modesta prevalecerá até ter a alma em sua nobre imagem, a que morreu em Adão, vivificada na corporalidade celeste, assim como na região interna; sobre ela encontrava-se a coroa preciosa. Se, mais uma vez, a coroa preciosa for arrancada da alma, deixada de lado como aquela coroa que uma vez coroou seu rei, tal alma ficará aprisionada e reprimida. O mesmo começa a ocorrer com a coroa ou o dom celestial. Este é novamente tirado da alma, pois esta ainda se encontra comprometida com a casa do pecado. A alma sofre então, uma nova queda, sua coroa pode não mais vir a ser usada. Isto é plenamente revelado pelas Crianças que sabem e já provaram que: Nenhum dos fracos é digno de conhecer mais sobre eles mesmos.

Um Homem deve trazer uma mente séria para este trabalho. Deve vir diante de Deus com sincera determinação, profunda humildade e grande pesar no coração por seus pecados, trazendo uma resolução firme e deliberada de não mais entrar no velho e amplo caminho da vaidade. E muito embora o mundo todo possa tê-lo como um tolo, e venha a perder honra e bens, além da vida temporal, por causa de sua nova escolha, ainda assim ele deve resolver firmemente se conformar.

Se pretende algum dia, obter o amor e o casamento da nobre Sophia, deve fazer uma promessa como esta, em seus propósitos e mente. O próprio Cristo diz: “Aquele que não renunciar à sua esposa e filhos, irmãos e irmãs, bens e dinheiro, e a tudo que tenha, até mesmo à sua vida terrestre, para me seguir, não é digno de mim”. Aqui Cristo fala sobre a mente da alma; portanto, se houver qualquer coisa que possa manter a mente afastada da alma, ainda que seja a mais justa e gloriosa pretensão ou aparição neste mundo, a mente não deve levar isto em consideração, de forma alguma, mas ao contrário, partir com o amor da nobre virgem Sophia, no germinar e florescer de Cristo, em Sua doce humanidade em nós assim como na corporalidade celeste. Pois, esta é a flor no Sharon, a rosa no vale de Jericó, com a qual Salomão se deleitava e designava como seu querido amor, sua virgem casta que tanto amava; como, de fato, fizeram todos os santos antes e depois dele; aquele que a obteve e a chamou de sua Pérola.

Esta pequena direção é seguida pela maneira que devemos orar por ela. O trabalho em si deve estar comprometido com o Espírito Santo, Ele forma e modela a oração para a alma, em cada coração onde é aspirado.

Eu, uma pobre e indigna criatura, venho diante de Ti, Ó grande e santo Deus, levanto meus olhos a Ti. Embora não seja digno, Tua grande misericórdia e Tua fiel promessa em Tua Palavra, me encorajam a levantar os olhos do desejo de minha alma até a Ti. Pois minha alma se encontra agora ligada à Palavra de Tua Promessa, ela a recebe e com ela vem até a Ti. Embora ainda seja não mais do que uma criança estranha que fora desobediente para contigo, desejo agora ser obediente; e realmente me envolver com Seu desejo neste Verbo que se tornou homem, que se tornou carne e sangue, rompendo o pecado e a morte em minha humanidade. Ele que transformou a ira de Deus em amor na alma, quem destituiu a morte de seu poder, e o inferno de sua vitória sobre a alma e o corpo; abriu um portão para minha alma que leva ao encontro à limpa face de Tua força e poder. Ó grande e santíssimo Deus, trouxe a fome e o desejo de minha alma a este santíssimo Verbo, agora venho diante de Ti e em minha fome Te chamo; Tu fonte viva, através de Teu Verbo que se tornou carne e sangue. Teu Verbo tendo se tornado a vida em nossa carne, eu O recebo firmemente no desejo de minha alma como minha própria Vida; penetro em Ti com o desejo de minha alma através do Verbo na carne de Cristo; através de Sua santa concepção na Virgem Maria, Sua encarnação, Sua santa natividade, Seu batismo no Jordão, Sua tentação no deserto, onde subjugou o reino do demônio e este mundo na humanidade. Por todos os milagres que fez na terra; por toda sua difamação e ignominia, Sua paixão e morte inocente, o derramamento de Seu sangue, pela qual a fúria de Deus na alma e na carne foi extinta. Por Seus restos no sepulcro, quando despertou nosso pai Adão, caído em sono profundo para com o reino do céu. Por Seu amor, que penetrou a fúria e destruiu o inferno na alma. Por Sua ressurreição da morte, Sua ascensão, o envio do Espírito Santo para nossa alma e espírito, e por todas Suas promessas; uma das quais é: “que Tu, Ó Deus o Pai, dê o Espírito Santo àqueles que pedirem, em nome e pelo Verbo que se fez homem”.

Ó Tu vida da minha carne e da minha alma em Cristo meu Irmão, rogo a Ti na fome de minha alma, imploro com todos os meus poderes, ainda que

sejam fracos, dá-me aquilo que prometestes, e livremente conferiu a mim em meu salvador Jesus Cristo, Sua carne por alimento, Seu sangue por bebida, para aliviar minha pobre alma faminta, a fim de que possa ser vivificada e fortalecida no Verbo que se tornou homem, o qual deve almejar e desejar.

Ó Tu amor mais profundo, no mais doce nome de JESUS, entrega a Ti mesmo ao desejo de minha alma. É por isto que Tu Te movimentas e de acordo com Tua grande doçura Te manifestastes na natureza humana, nos chamando a Ti: nós que temos sede e fome de Ti, e a quem prometestes aliviar. Abro os lábios de minha alma a Ti, Ó Tu doce verdade; ainda que não seja digno de desejar algo de Tua santidade, venho a Ti por tua amarga paixão e morte: Tu que borrifastes minha impureza com Teu sangue, santificando-me com a Tua humanidade, abrindo um portão para mim através de Tua morte, para o doce amor em teu sangue. Por Tuas cinco santas chagas, através das quais derramou Teu sangue, trago o desejo de minha alma para o teu amor.

Ó Jesus Cristo, Filho de Deus e homem, rogo para que Tu recebas a herança adquirida, dada por Teu Pai. Clamo em mim para que possa entrar em Ti através de Teu santo sangue e morte. Abre-Te em mim, para que o espírito de minha alma possa Te alcançar e Te receber em seu interior. Que a minha sede seja a Tua sede; traga Tua sede diante dos homens, aquela que tivestes na cruz, que seja a minha sede, e que seja aliviada com Teu sangue. Que a morte em mim, a qual me mantém cativo seja submergida no sangue de Teu amor, e que minha extinta ou suprimida imagem, desaparecida em meu pai Adão, para o reino do céu através do pecado, possa se tornar viva através de Teu poderoso sangue, e que minha alma seja novamente revestida por ela, assim como com o novo corpo que habita no céu. Imagem na qual habita Teu santo poder e o Verbo que se fez homem, imagem que é o Templo do Espírito Santo, que habita em nós, de acordo com a Tua promessa: Viremos a Vós, e com Vós faremos a nossa morada".

Ó Tu grande amor de Jesus Cristo, não posso fazer mais do que mergulhar meu desejo em Ti; Teu Verbo que se tornou homem, é verdade; Tu ordenastes que eu viesse, venho agora. Que seja de acordo com Teu Verbo e vontade. Amém.

Amada alma, se fores sincera, sem intermissão, certamente serás favorecida por um beijo da nobre Sophia (ou Sabedoria Divina) no santo nome JESUS; pois Ela permanece sempre diante da porta da alma, batendo e alertando o pecador sobre seu caminho perigoso. Se alguma vez ele desejar seu amor, Ela está pronta para ele, e o beija com os raios de seu doce amor, de onde o coração recebe alegria. Mas Ela não se une imediatamente à alma, ou seja, Ela não desperta imediatamente a extinta imagem celeste na alma, desaparecida de Adão no paraíso. Não, pode ser muito perigoso para o homem; pois se Adão e Lucifer caíram, manifestando esta queda em si próprios, o mesmo pode facilmente acontecer ao homem, que ainda está tão fortemente atrelado à vaidade.

O laço de tua promessa deve ser firme e imutável, antes que Ela te coroe; tu deves ser tentado e testado: Ela retira de ti os raios de seu amor, mais uma vez, para ver se podes provar fidelidade; Ela te deixa, como se tivesse à distância, não te responde senão com um olhar de seu amor. Pois antes de te coroar, deves ser julgado, a fim que possas testar a poção amarga dos detritos, com os quais tu encheste a ti mesmo em tuas abominações. Tu deves vir diante dos portões do inferno, primeiro, e lá mostrar tua vitoria por Ela em seu amor, nesta força Ela te apoiará em oposição à influência maligna do demônio.

O Cristo foi tentado no deserto, se pretendes seguí-Lo, deves passar pelo mesmo progresso ou jornada, desde Sua encarnação até à Sua Ascensão. Ainda que tu não sejas capaz e preparado para fazer o que Ele fez, deves entrar completamente em Seu processo, e ali morrer continuamente para a corrupção da alma. Pois a Virgem Sophia não se torna a esposa da alma, exceto nesta propriedade que nela surge através da morte de Cristo, como uma nova planta no céu. O corpo terrestre não a pode compreender durante a vida, pois é preciso antes, que a vaidade corruptível morra; mas, a imagem celeste desaparecida em Adão, ou a verdadeira Semente da Mulher, pela qual Deus se tornou homem, e para a qual Ele trouxe Sua semente viva, a substancialidade celeste, é suscetível à Pérola, após a maneira com que passou por Maria, no fim ou cumprimento do pacto.

Portanto, livra-te daquilo que fazes. Quando fizeres tua promessa, mantenha-a, e então Ela irá te coroar mais rápido do que imaginas. Mas

deves estar completamente certo, quando a tentação te abordar com o prazer, a beleza e a glória do mundo, que tua mente a rejeite dizendo: “Devo ser um servo e não um mestre no vinhedo de Cristo; Não sou senão um administrador de Deus em tudo e sobre tudo que tenho, e devo fazer tudo aquilo que Seu Verbo me ensina; meu coração deve se sentar com os simples e humildes, no pó, e ser sempre humilde”. Qualquer que seja o estado ou condição em que vivas, a humildade deve estar à frente, ao contrário não obterás a nobre virgem em casamento. A vontade livre de tua alma deve se apresentar como campeã, pois se o demônio não puder prevalecer contra a alma pela vaidade, e nem pegá-la pela tentação, então surge com seu indigno repertório de pecados. Deves então lutar seriamente, e os méritos de Cristo devem ser colocados à frente, se assim não for, não há como a criatura prevalecer contra o demônio. Pois neste conflito ele ataca tão terrivelmente como um pobre pecador, que a razão exterior o toma como que desviado ou tomado por um espírito mal. O demônio se defende tão terrivelmente em alguns, especialmente naqueles que já foram sua presa ou onde já teve um grande forte, que estes poderão ser repentinamente violentados antes que ele parta e deixe este castelo. Neste tipo de combate o céu e o inferno estão lutando um contra o outro.

A alma persistente alcança a vitória sobre o demônio em todos os seus assaltos, desestimando todas as coisas temporais pelo amor de sua nobre Sophia, então a nobre coroa será colocada sobre a alma como símbolo ou insígnia de vitória.

Aqui a virgem (que se manifesta no querido nome de Jesus Cristo, Aquele que pisou na Serpente, o Ungido de Deus) vem até a alma e a beija com seu mais doce amor, na essência mais interior, impregnando seu amor no desejo da alma, como selo de vitória. Aqui Adão, em sua parte celeste, surge novamente da morte no Cristo. Sobre o qual não posso escrever, pois não há caneta neste mundo que possa expressá-lo! É o casamento do Cordeiro, onde a nobre Pérola é semeada com grande triunfo, ainda que no começo seja pequena, como um grão de semente de mostarda, como disse o Cristo.

Contra a ira de Deus na consciência, contra a carne e o sangue, quando a tentação chegar a alma e com ela lutar.

Mais profundo amor de Deus em Cristo Jesus, não me deixes nesta aflição. Confesso, sou culpado dos pecados que agora surgem em minha mente e consciência; se Tu me abandonar irei perecer. Mas não prometestes a mim, em Tua palavra, dizendo: Se uma mãe pudesse esquecer seu filho, o que dificilmente poderia ocorrer, ainda assim Tu não me esquecerias? Tu me colocastes como um sinal em tuas mãos, traspassadas com pregos afiados, em Teu lado aberto, de onde correm água e sangue. Pobre miserável que sou, fui pego em Tua ira, minha habilidade nada vale diante de Ti, mergulho em Tuas chagas e morte.

Ó grande misericórdia de Deus, rogo-Lhe para que me livres dos laços de Satã. Não tenho refugio em nada, senão em Tuas santas chagas e morte! Em Ti mergulho na angústia de minha consciência, faça comigo a Tua vontade. Em Ti agora irei viver ou morrer, como quiseres, deixa-me, pelo menos, perecer e morrer em Tua morte; sepulta-me senão em Tua morte, a fim de que a angústia do inferno não me toque. Como posso me perdoar diante de Ti, que conhece meu coração e minhas entranhas e que coloca meus pecados diante de meus olhos? Sou culpado de todos eles e me rendo ao Teu julgamento; cumpra Teu julgamento sobre mim, através da morte de meu Redentor Jesus Cristo.

Lanço-me a Ti, Tu reto juiz, através da angústia de meu Redentor Jesus Cristo, quando Ele, realmente suou sangue, suou no Monte das Oliveiras por minha causa; foi condenado por Pôncio Pilatos por mim; sofreu com a coroa de espinhos, enterrada em Sua cabeça, a fim de derramar Seu sangue.

Ó Deus reto, não foi Tu quem O colocastes em meu lugar? Ele era inocente, mas eu era culpado, e por mim Ele sofreu, por que então me desespero diante da Tua ira? Ó, apaga em mim a Tua cólera, através da angústia, paixão e morte de Jesus Cristo; Suportarei em Sua angústia e paixão, diante de Ti, faça de mim a Tua vontade, só não me separes da angústia de Cristo; Tu a destes a mim livremente, extinguindo Tua ira Nele: E ainda que eu não O tenha aceitado, pois me encontro separado Dele e sou infiel, mesmo assim Tu me destes esta promessa preciosa em minha carne e minha alma, na carne e no sangue celestiais de Cristo, saciando a cólera em minha carne e alma Nele, com Seu sangue celeste. Assim sendo, receba-me em Seu pagamento e coloque Sua angústia, paixão e morte em Tua ira,

inflamada em mim no sangue do amor de Cristo.

Ó grande Amor! Pelo sangue e morte de Jesus Cristo, eu Te imploro, rompa a fortaleza da presa que o demônio criou e construiu em mim, onde ele me impede de seguir o caminho da graça. Conduza-o para fora de mim, a fim de que não me domine, pois nenhum ser vivo pode permanecer diante de Tua vista, se Tu tirar dele a Tua mão.

Venha, Ó Tu que rompes a ira de Deus, destrua seu poder, e auxilia minha pobre alma a lutar e vencê-la. Leve-me à vitória e me sustente em Ti; destrua em pedaços o seu trono em minha vaidade, inflamada em minha alma e carne. Mortifica o desejo

de minha vaidade na carne e no sangue, vaidade inflamada pelo demônio através de seu falso desejo, através dos diabólicos desespero e angústia. Extingue-o com Tua água de vida eterna, expulsando minha angústia através de Sua morte. Mergulho meu ser completamente em Ti; ainda que minha alma e meu sangue, neste momento, desfaleçam em mim e perecendo em Tua ira, não O deixarei partir. Ainda que meu coração diga, energicamente, não, não, o desejo de minha alma se apegará em Tua verdade, a qual nem a morte, nem o demônio irá tirar de mim; pois, o "Sangue de Jesus Cristo o Filho de Deus nos limpa do pecado"; esta é uma verdade que está comigo, e que a ira de Deus faça a sua vontade com os meus pecados, que o demônio ruja sobre minha alma na fortaleza de vítimas que criou, o quanto queira: nem o demônio, nem a morte e nem o inferno me tirarão das chagas de meu Salvador. Tu deves finalmente estar dissimulado em mim, demônio malicioso, tua fortaleza de vítimas deve ser destruída, pois eu a mergulharei no amor de Jesus Cristo; então podereis habitar neste amor, se é que podes. Amém.

Caro leitor, esta questão não está para brincadeiras; aqueles que assim a considerou, não a provou e nem passou pelo julgamento; sua consciência ainda está adormecida. Ainda que a deixe para seus últimos dias, o que é bastante perigoso, mesmo assim é preciso passar por este julgamento ou prova de fogo. Feliz aquele que passa por ela durante a juventude, antes que o demônio construa sua fortaleza de vítima; ele pode mais tarde, provar um trabalho nos vinhedos celestes, plantando sua semente no jardim de Cristo; ali, no devido tempo, deve colher seu fruto. Este julgamento dura um longo

tempo sobre muitas pobres almas, vários anos, caso não se coloque sinceridade, assumindo rapidamente o amor de Cristo; ao contrário, esperam até que o julgamento da aflição o conduza ao arrependimento. Mas aquele que emana de si mesmo, de seu mais sincero propósito, empenhando- se em deixar os caminhos do mal, a tentação ou prova não será tão dura e não durará tanto tempo. É preciso permanecer firme até que a vitória seja conquistada sobre o demônio, pois ele deverá ser auxiliado e tudo acabará bem. Assim, quando o dia romper em sua alma, deve dedicar à grande honra e glória de Deus, a derrota de seu grande inimigo e perseguidor em conflito.

Para obter a obra, a proteção e o domínio divino; indica como a mente deve trabalhar com Deus e em Deus, no Cristo, a árvore da Vida.

Ó Tu Fonte Vivificante, em Ti exalto o desejo de minha alma e clamo com meu desejo de entrar em Ti através da vida de meu Salvador Jesus Cristo.

Ó Tu Vida e Poder de Deus, desperta-Te na fome de minha alma, com Teu desejo de amor, através da sede que Jesus Cristo sentiu na cruz diante dos homens; carregue minha débil força com Tua mão poderosa, através de Teu espírito; sejas Tu o trabalho e a vontade em mim, com Tua própria força. Desenvolva a força de Jesus Cristo em mim, para que eu possa gerar o louvor a Ti, o verdadeiro fruto de Teu reino. Não permita que meu coração e meu desejo se afastem de Ti.

Estou mergulhado na vaidade, neste vale de miséria, neste exterior, no sangue e carne terrestres. Minha alma e minha nobre imagem, semelhante a Ti, estão cercadas de inimigos por todos os lados; com o desejo do demônio contra mim, com o desejo da vaidade na carne e sangue; há também a oposição de todos os homens que não conhecem Teu nome. Flutuo com minha vida exterior nas propriedades das estrelas e dos elementos, meus inimigos mentem e me esperam, em todos os lugares, interna e externamente, junto com a morte, a destruidora desta vida vã. Busco a Ti, ó santa força de Deus, vendo que Te manifestastes com Tua misericórdia em nossa humanidade, através de Teu santo nome Jesus, e que o concedestes, a fim de que fosse nossa companhia e guia. Imploro a Ti, deixes que os anjos de Jesus, Seus administradores, assistam minha alma e a dos meus,

acampando perto de nós, defendendo-nos das flechas agudas do desejo do fraco, que nos lança diariamente, pelo curso da cólera de Deus, despertada em nossa carne terrestre. Afasta por Tua força divina a influência maligna das estrelas em oposição; por onde o fraco e inimigo da humanidade se mistura com seu desejo e imaginação, a fim de envenenar a alma e a carne, nos atraindo a desejos falsos e demoníacos, para a enfermidade e a miséria.

Afasta estas influências demoníacas com Teu santo poder Jesus, de nossas almas e espíritos, a fim de que nos atinja; deixe que Teu santo e bom anjo fique perto de nós, afastando os efeitos nocivos de nossos corpos.

Ó grande Amor e doce Força, Jesus, Tua Fonte de Doçura Divina, fluindo do grande e eterno nome Jehovah, clamo com o desejo de minha alma para vir em Ti. Minha alma clama por aquele espírito, do qual foi soprada no corpo e que a formou à imagem e semelhança de Deus. Em sua sede, ela deseja atingir a doce fonte que brota de Jehovah em si mesma, para aliviar o ígneo hálito de Deus, a fim de que o tão doce amor de Jesus possa surgir neste hálito , através da fonte Jesus jorrando de Jehovah. Que Cristo o Santíssimo se manifeste e se torne homem em minha imagem desaparecida, a corporalidade espiritual e celeste, para que minha pobre alma possa receber novamente em Seus braços, sua amada noiva, com quem poderá ser feliz para todo o sempre.

Ó Emanuel! Tu, Câmara de Núpcias, Deus e Homem, eu me rendo aos braços de Teu desejo para conosco, em nós; és Tu quem desejo. Apago em mim a cólera de Teu Pai com Teu amor; manifesto Tua força em minha fraqueza, para que possa subjugar e dominar o mal da carne e do sangue, para então servir a Ti em santidade e retidão.

Ó Tu grande e santíssimo nome e majestade de Deus, Jehovah, que se movimentou com Seu mais doce poder Jesus, no marco da promessa pactuada com nosso pai Adão, na Semente da Mulher, na Virgem Maria, em nossa humanidade celeste desaparecida, trazendo a essencialidade vivificante de Teu santo poder na Sabedoria Virgem de Deus, para nossa humanidade, que se encontrava extinta para contigo. Tu nos deste-a para ser a nossa vida, regeneração e vitória;

Imploro a Ti com toda a minha força, gere uma nova vida santa em mim,

pelo Seu doce poder JESUS; que eu possa estar em Ti e Tu em mim; que assim o Teu reino possa se manifestar em mim, e que a vontade e conversão de minha alma estejam no céu.

Ó grande e incompreensível Deus, Tu que preenches todas as coisas, sejas Tu o meu céu, onde o meu Novo Nascimento em Cristo Jesus possa habitar: Permita que meu espírito seja o instrumento, harmonia, som e alegria de Teu Espírito Santo; rompa minhas amarras, em Tua imagem regenerada, e torna minha harmonia em Teu reino divino de alegria, no grande amor de Deus, nas maravilhas de Tua glória e majestade, na comunhão da santa harmonia angelical. Constrói Tu a cidade santa de Sião em mim, na qual, como crianças de Cristo vivamos todos juntos em uma cidade, que é Cristo em nós. Em Ti eu mergulho inteiramente, faça de mim a Tua vontade. Amém.

A ser usada por uma alma na tribulação sob a cruz de Cristo, quando é assaltada por inimigos externos; inimigos que a perseguem e a desprezam por estar no espírito de Cristo, eles a difamam e a envergonham como a um malfeitor.

Pobre homem que sou, ando cheio de angústia e problemas em meu retorno ao país de origem, do qual perambulei em Adão, para onde estou voltando através dos cardos e espinhos deste mundo atribulado. Ó Deus, meu Pai, os espinheiros me ferem em todos os lados; sou afligido e desprezado por meus inimigos. Eles escarnecem de minha alma, insultando-a como uma malfeitora que com eles rompeu; ridicularizam minha caminhada em direção a Ti, considerando-a uma bobagem. Pensam que sou insensato por cursar este estreito e penoso caminho, por não acompanhá-los em seu amplo e hipócrita caminho.

Ó Senhor Jesus Cristo; lanço-me a Ti sob a cruz: Ó querido Emanuel, receba-me, carrega-me em Ti, através do caminho de Tua peregrinação; caminho que realmente cursastes neste mundo; através de Sua encarnação, pobreza, desprezo e escárnio; também através de Sua angústia, paixão e morte. Torna-me conformado com Teu exemplo; envia Teu bom anjo junto a mim, a fim de me mostrar o caminho em meio a horrível e penosa selva deste mundo. Auxilia-me em minha miséria; conforta- me com Teu conforto, o mesmo com o qual o anjo Te confortou no Jardim, quando

orastes a Teu Pai, suando grandes pingos de sangue. Suporta-me em minha angústia e perseguição, sob a repulsa dos demônios e dos homens fracos, que não conhecem a Ti, recusando-se a trilhar seus caminhos. Ó grande amor de Deus, eles não conhecem o Teu caminho, estão cegos pelo engano do demônio. Apiada-Te deles e tire-os de suas trevas para tua luz, a fim de que aprendam a se conhecerem e a saber que são cativos na imundice e na lama do demônio, numa masmorra escura, preso por três correntes. Ó grande Deus, tenha misericórdia de Adão e seus filhos, resgate-os em Cristo, o novo Adão.

Lanço-me a Ti, Ó Cristo, Deus e homem, nesta peregrinação, nesta jornada através deste vale de trevas, repleta de pesares e de problemas, por todos os lados, sou considerado um fraco descrente. Ó Senhor este é Seu julgamento sobre mim; que meus pecados e corrupção inata sejam julgados nesta peregrinação terrestre diante de Ti; sou como um curso a ser percorrido, um espetáculo aberto, onde Tua cólera deve se saciar, levando a reprovação eterna para longe de mim. É o sinal de Teu amor; pelo qual me trouxestes na reprovação, angústia, sofrimento e morte de meu salvador Jesus Cristo, para que eu pudesse morrer para a vaidade e surgir em Seu espírito com uma nova vida, através de Sua reprovação, ignominia e morte.

Rogo-Te, Ó Cristo, Tu paciente Cordeiro de Deus, conceda-me a paciência neste meu caminho da cruz, através de toda Tua angústia e reprovação, Tua morte e paixão, Teu desprezo e desrespeito na cruz, onde fostes desprezado em meu lugar. Faça de mim um paciente cordeiro, em Tua vitória. Deixe-me viver Contigo em Ti: converta Tu os meus perseguidores, que (desconhecidos de si próprios) através de Sua reprovação, sacrifique minha vaidade e meus pecados inatos diante de Tua cólera. Eles não sabem o que fazem; pensam que me fazem o mal, mas me fazem o bem! Fazem por mim o que eu mesmo deveria fazer diante de Ti. Deveria me abrir diariamente e conhecer minha vergonha, minha mesquinhez perante a Vós; com isto, mergulhar na morte de Teu Filho amado, a fim de que a minha vergonha morra em Sua morte. Mas tenho sido muito negligente, fraco, medíocre; estou sempre cansado, por isto Tu usas estes meus inimigos em Tua cólera, para abrir e descobrir minha mesquinhez diante de Ti, quando Tua ira toma conta de mim, mergulhando-me na morte de meu Salvador.

Ó Deus misericordioso, minha vã carne não sabe quão boa é a Tua intenção para comigo, quando fizestes com que meus inimigos arrancassem a maldade de mim, sacrificando-a diante de Ti. Minha mente terrestre acredita que Tu me afliges por causa de meus pecados, me encontro totalmente perplexo diante disto; mas Teu espírito, em meu Novo Homem interior, me diz que é por Teu amor a mim e que com isto intende o meu bem. Quando Tu faz com que meus inimigos me persigam, é melhor para mim que eles realizem a obra em meu lugar, desenrolando meus pecados diante de Ti, em Tua ira; que com este ato possam extinguir a culpa que é deles e não me sigam a meu lugar de origem. Pois meus inimigos ainda são fortes e poderosos em Tua ira, podendo realizar a obra melhor do que eu, já fraco e desfalecido na vontade da vaidade. Isto Tu conheces muito bem, Ó Deus Reto. Rogo-Te portanto, ó Deus Reto, já que Tu os usa como meus amigos, para fazerem por mim um trabalho tão bom, embora minha razão terrestre não saiba, faça-os também compreenderem e seguirem meu curso, envie-lhes tais amigos também. Mas primeiro traga-os à Luz, para que Te conheçam e Te agradeçam.

Ó Deus misericordioso em Cristo Jesus, rogo-Te, de Teu profundo amor para com os pobres homens, amor que manifestastes em mim, no homem oculto, chama a todos nós em Ti, para Ti. Movimenta-Te em nós mais uma vez, neste último problema; Tua ira tendo sido inflamada em nós, oponha-Te a ela, a fim de que não acabe com a alma e com o corpo.

Ó Tu, despertar da Primavera de Deus, vá ao fundo! Tu já não surgistes? Manifesta Tua cidade santa Sião, Tua santa Jerusalém, em nós. Ó grande Deus! Vejo a Ti nas profundezas de Teu poder e força. Desperta-me completamente em Ti, para que eu possa ser saciado em Ti. Arranca a árvore de Tua cólera de nós, e deixe teu amor surgir e desabrochar em nós. Ó Senhor, deito-me ao Teu lado e te busco, não para que Tu nos repreenda em Tua cólera. Não somos nós Tua possessão? Perdoe todos os nossos pecados, e nos livre do mal de Tua ira, da malícia e da inveja do demônio; traga-nos sob Tua cruz, com paciência, de volta ao paraíso. Amém.

A seguir, uma Oração ou Diálogo entre a pobre alma e a nobre Virgem Sophia, no interior do homem, ou seja, entre o Espírito de Cristo no Novo Nascimento que ocorre em nossa humanidade e a alma. Mostrando a grande

alegria que há no céu do Novo Homem Regenerado; quão doce e graciosa a nobre Sophia se apresenta ao seu noivo, quando este se arrepende, e como a alma se comporta quando Ela lhe aparece.

Os portões do jardim das rosas



Quando o Cristo, a pedra Angular, se movimentar na extinta imagem do homem, na conversão e arrependimento de seu coração, então a Virgem Sophia aparecerá, na atividade do espírito de Cristo, na imagem extinta, em sua veste virginal diante da alma. Diante desta aparição, a alma fica tão surpresa e admirada em sua obscuridade, que todos os seus pecados despertam imediatamente, o que a faz estremecer. Neste instante, o julgamento passa sobre os pecados da alma, para que retome sua indignidade, envergonhe-se na presença de seu caro amor e se interiorize, sentindo e conhecendo a si mesma totalmente indigna de receber tal jóia. Isto é compreendido por nossos irmãos, que provaram deste dom celeste, por ninguém mais. Mas a nobre Sophia age perto da essência de nossa alma, e a beija de maneira amigável, tingindo seu fogo negro com seus raios de amor, e brilha através dela com sua influência brilhante e poderosa. Penetra com a forte sensação e sentimento de que a alma mergulha em seu corpo para uma grande alegria e na força de seu amor virginal, exulta e louva o grande Deus, por seu abençoado dom da graça.

A seguir, faço uma pequena descrição sobre o que ocorre quando a noiva abraça o noivo, por consideração ao leitor, que talvez, ainda não tenha estado nesta câmara nupcial. Pode ser que ele decida nos seguir, entrando para o coral interior, onde as almas se dão as mãos e dançam com a Sophia ou Sabedoria Divina.

Quando o que foi dito acima ocorre, a alma regozija-se em seu corpo e diz:

Louvado, agraciado, força, honra e toda glória sejas Tu, Ó grande Deus, em Teu poder e doçura, pois Tu me redimistes da agonia do condutor ígneo. Ó Tu Amor justo! Meu coração Te abraça; onde estiveste por tanto tempo? Acredito que me encontrava no inferno, na ira de Deus. Ó Amor gracioso! Fique comigo, eu Te imploro, e seja minha alegria e meu conforto. Conduza-me no caminho reto. Eu me entrego ao Teu amor. Sou obscuro diante de Ti, ilumina-me Tu mesmo. Ó nobre Amor, dai-me Tua doce Pérola; rogo-Te para que a coloque em mim.

Ó grande Deus em Cristo Jesus, eu Te louvo e Te dignifico agora, em Tua verdade, em Teu grande poder e glória, pois Tu perdoastes meus pecados e me enchestes de Tua força. Clamo por alegria diante de Ti, em minha nova vida, exaltando em Teu firmamento de céu, onde nada pode se abrir senão Teu espírito, em Tua misericórdia.

Meus ossos regozijam-se em Tua força, e meu coração se deleita em Teu amor. Graças a Ti para todo o sempre, pois Tu me livrastes do inferno, e transformastes a morte em vida em mim. Ó doce Amor! Que eu nunca mais me separe de Ti. Conceda- me Tua Grinalda de Pérolas, e habite em mim. Sejas minha própria possessão, a fim de que me regozije em Ti para sempre.

Sobre isto, a Virgem Sophia diz para a alma:

“Meu nobre noivo, minha força e poder, tu és mil vezes bem vindo. Por que me esquecestes por tanto tempo, me contraindo em grande aflição por permanecer sem a porta e sem o bater? Não tenho eu sempre te chamado e suplicado? Mas tu voltastes o rosto contra mim, e teus ouvidos ignoraram meus pedidos. Tu não pudestes ver a minha luz, pois tu caminhavas no vale das trevas. Eu me encontrava bem perto de ti, chamando-te continuamente, mas o teu pecado te mantinha cativo na morte, a fim de que não me conhecestes. Vim até a ti com grande humildade e te chamei, mas tu estavas suntuoso no poder da cólera de Deus, e não se importou com minha humildade e solidão. Tu tomastes o mal como teu superior, que assim o aceitou, construindo seu forte de rapina em ti, te afastando de meu amor e o fazendo acreditar em seu reino hipócrita de falsidade; onde tu cometestes muitos pecados e fraquezas e virastes tua vontade para fora do meu amor. Tu rompestes o laço do matrimônio e dedicou teu amor e afeição a um

estranho, me fez sofrer, eu tua noiva, a quem Deus, de fato, te deu para que permanecesse por si só na substância extinta, sem o poder de tua força ígnea. Não pude me alegrar sem tua força ígnea, pois tu és meu marido; o brilho de meu esplendor se manifesta através de ti. Tu não podes manifestar minhas maravilhas ocultas em tua vida ígnea, nem traze-las à majestade; sem mim, tu és uma casa escura, onde não há nada senão angústia, miséria e tormentos horríveis".

"Ó nobre noivo, permaneça com teu semblante voltado para mim, me dê teus raios de fogo. Traga teu desejo para o meu interior e com este ato me inflame, então trarei os raios de meu amor, de minha meiguice para a tua essência ígnea, permanecendo unida a ti para sempre".

"Ó meu noivo, estou bem, agora que me uni a ti? Beije-me com teu desejo, com tua força e poder, então lhe revelarei toda a minha beleza, me exultarei e serei consolada com teu doce amor e esplendor em tua vida ígnea. Todos os santos anjos se exultam ao nos ver novamente unidos. Meu querido Amor, te imploro para que habites em minha fé, e nunca mais vire teu rosto para mim. Opera tuas maravilhas em meu amor, foi para isto que Deus te criou e te deu a existência".

A alma fala novamente com a Nobre Sophia, seu Amor, que renasceu.

Ó minha nobre Pérola, chama de luz em minha ansiosa vida ígnea, que me transformastes em tua alegria! Ó Amor belo, perdi a minha fé em Ti, em meu pai Adão e com minha força ígnea me voltei para o prazer e a vaidade do mundo exterior. Apaixonei-me pelo que é estranho, sendo obrigado a caminhar no vale das trevas neste estranho amor, caso Tu não tiveste vindo na casa de minha miséria, com grande

fé, através de Tua penetrante destruição da cólera, inferno e morte negra de Deus e restaurado Tua meiguice e amor em minha vida ígnea.

Ó doce Amor, trouxestes a água da vida eterna da montanha de Deus para o meu interior, saciando minha grande sede, vejo em Ti a misericórdia de Deus, até então oculta por causa de meu estranho amor. Em Ti posso regozijar-me; Tu transformastes minha angústia de fogo em grande alegria. Ó afável Amor, conceda-me Tua Pérola, a fim de que eu continue nesta

alegria para sempre.

Diante disto, a nobre Sophia responde à alma dizendo:

Meu querido amor e tesouro fiel, muito me alegras em tua iniciação. De fato, já rompi em ti os profundos portões divinos, através da cólera de Deus, através do inferno e da morte, na casa de minha miséria. Ofereci meu amor graciosamente a ti, libertando-te das correntes e laços pelos quais te encontravas firmemente amarrado. Continuei fiel a ti, embora tu não permanecestes fiel a mim. Mas, tu desejas algo excessivamente grande de mim, que não posso confiar em tuas mãos. Queres minha Pérola como sendo tua. Lembre-se, Ó meu amado noivo, roguei para que tu não a perdesses displicentemente, em Adão; tu permaneces em grande perigo, caminhando em dois perigosos reinos. Pois em teu fogo original, caminhas por aquelas terras onde Deus chamava a Si mesmo um Deus forte e ciumento e um fogo que consome. O outro reino no qual caminhas, é o mundo exterior, onde habita a vã e corrupta carne e sangue, onde os prazeres do mundo e os assaltos do demônio te perseguem a cada instante. Tu poderás talvez, em tua grande alegria trazer outra vez as coisas terrenas para junto de minha beleza, obscurecendo minha Pérola. Poderás te tornar orgulhoso, como

Lúcifer, quando tinha a Pérola em seu poder, e se afastar da harmonia de Deus, como ele fez, então ficarei privada de meu amor para sempre.

Não, guardarei minha Pérola em mim, e habitarei no céu em ti, em tua extinta, mas agora revivida humanidade em mim; reservarei minha Pérola para o paraíso, até que tu afastes as coisas terrenas de ti, então permitirei que tu a possuas. Irei contudo, lhe mostrar meu amável semblante e os doces raios da Pérola, durante o curso desta vida terrestre. Irei habitar com a própria Pérola no coral interno e serei tua amável e fiel noiva. Não posso me expor a tua carne terrestre, pois sou uma Rainha celeste, e meu reino não é deste mundo. Ainda assim, não irei por um fim em tua vida exterior, mas aliviá-la freqüentemente com meus raios de amor; pois tua humanidade exterior pode voltar. Não posso aceitar a besta da vaidade, nem Deus a criou em Adão com o propósito de ser tão rude e terrestre. Mas, em Adão, teu desejo através do poder de sua forte luxúria, formou esta grosseria bestial utilizando-se de todas as essências da vaidade despertada da

propriedade terrestre, onde o calor e o frio, a dor e a inimizade, a divisão e a corrupção, subsistem.

Ora, meu caro amor e noivo, não faça outra coisa senão submeter-se à minha vontade; não irei te desamparar nesta vida terrestre, no perigo. Ainda que a ira de Deus deva passar sobre ti, a fim de que temas e seja desapegado, ou pense que eu tenha desistido de ti, ainda que irei estar contigo, preservando-te pois, tu nada sabes sobre teu trabalho. Tu deves, durante esta vida, trabalhar e gerar frutos. Tu és a raiz desta Árvore de Pérola; galhos devem ser gerados de ti, todos eles devem brotar na angústia. Mas eu também surjo com teus galhos, na seiva, produzindo frutos em teus ramos, e tu nada sabe sobre isto; pois o Altíssimo assim ordenou, que eu habitasse contigo e em ti.

Revista-se pois de paciência, e se livre dos prazeres da carne. Afaste daí o desejo e a vontade; coloque rédeas como a um cavalo indisciplinado. Assim, irei visitá- lo freqüentemente na essência ígnea e te dar o meu beijo de amor. Irei trazer comigo, do paraíso, uma grinalda como prova de minha afeição, a colocarei sobre ti, o que te deixará muito feliz. Mas não te darei minha Pérola para que possuas durante a vida terrestre. Deves permanecer na resignação, ouvindo o que o Senhor toca em Seu instrumento, na harmonia que há em ti. Mais que isto, tu deves dar o som e a essência ao teu tom a partir de minha força e virtude, pois tu és agora um mensageiro de Seu Verbo, e deve buscar Sua benção e glória. - É por esta causa que eu renovei meu pacto contigo, colocando minha grinalda triunfante sobre ti, a qual conquistei durante a batalha contra o demônio e a morte. Mas a Coroa de Pérola com a qual te coroei, está reservada a ti. Tu não mais a usará até que te tornes puro aos meus olhos.

A alma acrescenta dizendo:

“Ó Tu, doce e justa consorte, que devo dizer diante de Ti? Permita me comprometer inteiramente contigo, não posso me preservar. Se Tu não me dá Tua Pérola, me submeto à Tua vontade; mas me dê Teus raios de amor e conduza-me com segurança durante minha peregrinação. Desperte realmente o que desejas em mim; Daqui para frente serei só Teu. Não desejarei nada para mim mesmo, senão aquilo que Tu desejas através de mim. Tenho desprezado Teu doce amor e rompido minha fidelidade para

contigo, o que estava me fazendo cair na cólera de Deus. Mas vendo que por amor Tu viestes ao meu encontro na angústia do inferno, me livrando do tormento e me recebendo, mais uma vez, como consorte, irei agora deixar minha vontade de lado por causa de Teu amor; serei obediente a Ti, esperando por Teu amor. Estou satisfeito agora que sei que Tu estais comigo em todos os meus problemas e que não irás me abandonar".

"Ó gracioso Amor, volto minha face ígnea para Ti. Ó justa Coroa, toma-me rapidamente para Ti, tira-me da inquietude: serei Teu para sempre e nunca mais Te deixarei".

A nobre Sophia responde seguramente dizendo:

"Meu nobre noivo, fique tranqüilo. Guardo comigo o teu compromisso em meu mais alto amor e me comprometo contigo com toda minha fidelidade. Estarei contigo para sempre, até o fim do mundo. Virei até a ti e contigo farei minha morada, em tua câmara interior. Tu irás beber de minha fonte pois, agora sou tua e tu és meu, o inimigo não irá nos separar. Trabalha em tua propriedade ígnea e eu colocarei meus raios de amor em tua obra. Iremos assim, plantar e fertilizar a vinha de Jesus Cristo. Disponha da essência do fogo, eu irei dispor da essência da luz, e do crescimento. Sejas tu o fogo, eu serei a água; juntos iremos realizar esta obra neste mundo, que Deus nos designou, servindo-O em Seu templo que somos. Amém".

UMA ORAÇÃO PARA O AMANHECER

Nos recomendando a Deus ao levantar, antes que qualquer outra coisa entre em nós.

Abençoa-me, Ó Deus, o Pai, o Filho e o Espírito Santo, Deus único e verdadeiro. Agradeço a Ti através de Jesus Cristo nosso Senhor e Salvador, pela Tua preservação em mim, e por todos os outros benefícios. Me coloco em Tuas mãos, de corpo e alma, assim como tudo o que me designastes fazer em meu trabalho ou chamamento, dentro de Tua proteção. Sejas Tu o início de minhas concepções, meus empreendimentos e tudo o que faço. Trabalha Tu em mim, a fim de que eu dê início a todas as coisas para a glória de Teu nome, que eu possa concluir todas elas em Teu amor para o

bem e serviço de meu próximo. Envia Teu santo anjo para me acompanhar, para desviar todas as tentações do demônio e da natureza corrupta para longe de mim. Preserva- me da malícia dos homens maus, faça com que todos os meus inimigos se reconciliem comigo e traga minha mente para Teu vinhedo, a fim de que eu exerça meu ofício em meu trabalho, comportando- me como um obediente servo de Tua vinha. Abençoa- me, assim como tudo pelo o que irei passar e fazer neste dia, com a benção de Teu amor e misericórdia. Perdure Tua graça e amor em Jesus Cristo sobre mim, e me dê uma mente alegre para seguir Tuas direções e executar Tuas ordenações. Deixe teu Espírito Santo guiar-me em meu princípio, em meu progresso até o final; sejas a vontade, o trabalho e a realização de tudo em mim. Amém.

UMA ORAÇÃO PARA A NOITE

Quando terminamos nosso trabalho diário, e nos preparamos para descansar.

Ergo meu coração a Ti, Ó Deus, Tu Fonte da Vida Eterna, agradecendo através de Jesus Cristo teu Filho bem amado, nosso Senhor e Salvador, por ter me protegido e preservado neste dia de todo dano que pudesse ter me ocorrido. Coloco ao Teu dispor minha condição e meu trabalho, juntamente com as obras de minhas mãos e humildemente as repouso em Ti. Assim, encha minha alma com Teu espírito e que nem aquele grande inimigo o demônio, nem qualquer outra má influência ou desejo, possa nela encontrar abrigo. Permita que minha mente apenas se deleite em Ti, em Teu templo e deixe que Teu anjo bom esteja comigo, para que eu possa descansar com segurança em Teu poder e sob Tua proteção. Amém.

Apocalipse 21,6. “Eu sou o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim; e a quem tem sede eu darei gratuitamente da fonte de água viva. O vencedor receberá esta herança, e eu serei seu Deus e ele será meu filho”.

O caminho para cristo



A pessoa de Cristo, assim como a sua encarnação, não pode ser conhecida pela compreensão comum ou pela letra das Santas Escrituras, sem a Iluminação Divina. E ainda, sobre a origem do Ser Divino e Eterno.

Quando Jesus perguntou a seus discípulos: “Quem, dizem os homens ser o Filho do Homem?” Disseram: “Uns afirmam que é João Batista, outros que é Elias, outros ainda, que é Jeremias ou um dos profetas” Então lhes perguntou: “E vós, quem dizeis que eu sou?” Simão Pedro, respondendo disse: “Tu és o Cristo, o filho do Deus vivo”. Jesus respondeu-lhe: “Bem-aventurado és tu, Simão, filho de Jonas, porque não foi carne ou sangue que te revelaram isso, e sim o meu Pai que está nos céus. Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedraedificarei minha Igreja, e as portas do Inferno nunca prevalecerão contra ela. Eu te darei as chaves do Reino dos Céus e o que ligares na terra será ligado nos céus, e o que desligares na terra será desligado nos céus”. Em seguida, proibiu severamente os discípulos de falarem a alguém que ele era o Cristo. A partir dessa época, Jesus começou a mostrar aos seus discípulos que era necessário que fosse a Jerusalém e sofresse muito por parte dos anciãos, dos chefes dos sacerdotes e dos escribas, e que fosse morto e ressurgisse ao terceiro dia”. (Mt.16, 13-21). Sua intenção era mostrar que a razão pessoal, no conhecimento e sabedoria deste mundo, não poderia conhecer ou compreender a pessoa que era Deus e homem; mas que essa pessoa seria corretamente conhecida daqueles capazes de entregar-se inteiramente a ele, e por seu Nome suportar a cruz, a tribulação e a perseguição, de forma fiel. De fato, embora essa

pessoa vivesse visivelmente entre nós neste mundo, era pouco conhecido pelo sábio da razão. E embora caminhasse nas maravilhas Divinas, a razão exterior era tão cega e tola que aquelas grandes maravilhas ou milagres foram atribuídos, pelos mais sábios da ciência da razão, ao demônio. Exatamente como no tempo em que vivia visivelmente neste mundo, ele permanece desconhecido da razão e do conhecimento pessoal, de modo que é e continua sendo, até agora, irreconhecível e desconhecido da razão exterior.Tantas contentas e disputas surgiram sobre a sua pessoa, na medida em que a razão exterior sempre acredita ter compreendido o que é Deus e o homem, e como podem ser uma só pessoa. Essa disputa preencheu a terra, pois a razão pessoal sempre pretendeu ter apoderado-se da pérola, sem refletir que o reino de Deus não pertence a este mundo e que a carne e o sangue não podem conhecer ou compreendê-lo, muito menos penetrá-lo.

Do mesmo modo, convém a todos que pretendem falar sobre os mistérios Divinos ou mesmo ensiná-los, que possuam o Espírito de Deus, e que saibam à luz Divina o que expressar como verdade; nunca se deve extrair o ensinamento de sua própria razão, nem se apoiar meramente na letra, sem o conhecimento Divino, arrastando-se nas Escrituras, como faz a razão. Muitos erros surgem daqui, pois os homens tem buscado o conhecimento Divino em sua própria compreensão e ciência, passando da verdade de Deus para a razão pessoal, considerando a encarnação de Cristo como algo remoto e distante, enquanto todos devemos nascer novamente de Deus, nesta encarnação, se pretendemos escapar da cólera da natureza Eterna.

Cabe aos filhos de Deus uma obra íntima e inerente, com a qual deveriam ocupar- se de hora em hora, diariamente, a fim de penetrar continuamente a encarnação de Cristo, deixar a razão terrestre, e assim, durante esta vida de sofrimento, nascer no nascimento e encarnação de Cristo, caso queiram ser os filhos de Deus em Cristo: Eu me propus a escrever sobre este alto mistério, de acordo com meu conhecimento e dons, para um memorial, para que eu possa assim, ter a oportunidade de recriar e renovar a mim mesmo cordialmente com meu Emanuel, - pois, encontro-me como outros filhos de Deus neste nascimento, - para que eu tenha um memorial e um apoio, caso os trevosos e terrestres, carne e sangue, colocarem em mim o veneno do demônio, obscurecendo minha imagem. Proponho este trabalho como um exercício de fé, através do qual minha alma possa, como um ramo em sua

árvore, Jesus Cristo, renovar-se com sua seiva e poder. Assim, não com instrução e grandes discursos da ciência ou luzes da razão deste mundo, mas segundo o conhecimento que tenho de minha árvore que é o Cristo, para que meu ramo também possa florescer e crescer, ao lado de outros, na árvore e vida de Deus. Embora meu fundamento seja elevado e profundo, explicarei de forma clara; contudo devo dizer ao leitor, que sem o espírito de Deus, tudo será para ele um mistério incompreendido. Portanto, que cada um reflita sobre o julgamento que emprega, a fim de não cair no julgamento de Deus, ser agarrado por sua própria turba, e derrotado pela razão. Digo isto com boa intenção e afeição, para reflexão do leitor.

Se iremos escrever sobre a encarnação e nascimento de Jesus Cristo, o Filho de Deus, corretamente, devemos refletir sobre a causa, considerando o que movimentou Deus a tornar-se homem, tendo em vista que isso não era necessário para a realização de seu ser. Não se pode dizer que o ser de Deus, propriamente dito, tenha sido modificado na encarnação. Deus é imutável, e ainda assim tornou-se o que Ele não era; mas sua propriedade permaneceu, ao mesmo tempo, imutável. Foi unicamente por causa da queda e salvação do homem, para que Ele pudesse trazê- lo novamente ao Paraíso. É preciso considerar o primeiro homem, da forma que era antes da queda, o que motivou a movimentação da Divindade.

Sabemos que Moisés diz: “Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus ele o criou, homem e mulher ele os criou” (Gn 1,27). Compreenda, então, que Deus, que é um Espírito, olhou a si mesmo numa imagem, como numa semelhança. Ele também criou este mundo, para que pudesse manifestar a Natureza Eterna em essência e substância, assim como nas criaturas e figuras viventes, para que tudo isso pudesse ser uma semelhança e uma produção da Natureza Eterna do primeiro Princípio. Semelhança, que antes dos tempos do mundo, permanecia na sabedoria de Deus, como uma magia oculta, e que foi vista na sabedoria pelo Espírito de Deus, que no princípio deste mundo movimentou a Natureza Eterna, manifestando e revelando a semelhança do mundo divino oculto. Pois, o mundo ígneo encontrava-se como que absorvido e oculto na luz de Deus, a luz da Majestade reinava sozinha em si mesma. Não se deve pensar, no entanto, que o mundo ígneo não existia. Existia; mas separado em seu próprio princípio, e não estava manifestado na luz da Majestade de Deus. Podemos

conceber este fato, observando o fogo e a luz; o fogo é, de fato, a causa da luz, e a luz habita no fogo, sem ser capturada por ele, e tendo uma outra vida além do fogo. Pois, o fogo é ferocidade e consome, e a luz é brandura, e de seu poder surge a substancialidade, como a água ou súlfur de algo, que o fogo atrai para si e usa para sua força e vida, formando com isso um laço eterno.

Este fogo e a luz divina permaneceram, desde a eternidade, em si mesmos, cada um em sua ordem, em seu princípio, sem possuir fundamento ou começo. Pois o fogo tem em si sua própria forma como fonte, a saber, o Desejo, no qual e do qual todas as formas da natureza são geradas, uma como causa da outra, como já foi detalhado em outros escritos. Encontramos, na luz da natureza, que o fogo em sua essência própria, na fonte amarga do desejo, era trevas, e estava como que absorvido na brandura de Deus, sem inflamação; embora queimasse, só era perceptível como um princípio especial, na brandura de Deus. Pois, desde a eternidade só haviam dois princípios: o mundo ígneo, em si mesmo, e o outro também contido em si mesmo, o mundo da luz-flamejante; embora não estivessem separados, como o fogo e a luz não estão separados, a luz habitava o fogo, sem ser capturada por ele.

Devemos compreender dois tipos de espíritos unidos um no outro, ou seja, primeiro um espírito ígneo, em conformidade com a essência da natureza severa e amarga, procedendo do fogo essencial feroz que é frio e quente, conhecido como sendo o espírito da cólera de Deus, pertencente à propriedade do Pai, de acordo com a qual ele se denomina um Deus ciumento e colérico; um fogo consumidor pelo qual o Primeiro Princípio é compreendido. Segundo, um espírito gentil de luz-flamejante, que desde a eternidade recebe sua transformação no centro da luz; pois no Primeiro Princípio, na propriedade do Pai, esse é um espírito ígneo, e no segundo Princípio, na luz, um espírito brando de luz-flamejante, gerado desta forma desde a eternidade, sendo um, não dois. Mas que é compreendido numa fonte dupla, ou seja, no fogo e na luz, segundo a propriedade de cada fonte, como pode ser suficientemente compreendido em qualquer fogo exterior, onde a fonte do fogo origina um espírito feroz e consumidor, e a fonte da luz fornece um espírito amoroso e brando, ainda que originalmente haja senão um espírito.

Da mesma forma, devemos considerar o Ser da eternidade ou a Santa Trindade, que na luz da Majestade reconhecemos como sendo a Divindade, e no fogo como sendo a Natureza Eterna. Pois o espírito todo poderoso de Deus, com os dois Princípios, tem sido desde a eternidade o Todo; não há nada anterior a ele, ele é o próprio fundamento e o não fundamento. O Ser divino é considerado especialmente como uma única existência em si, habitando fora da natureza e propriedade ígnea, na propriedade da luz, e é chamado Deus; não da propriedade do fogo, mas da propriedade da luz, embora as duas propriedades sejam inseparáveis. Como vemos neste mundo, que um fogo oculto permanece oculto nas profundezas da natureza e em todos os seres, sem o qual nenhum fogo exterior poderia ser produzido. Observamos como a brandura da água mantém esse fogo oculto aprisionado em si mesma, a fim de que ele não possa ser revelado; pois está como que absorvido na água, sendo portanto essencial e não substancial, sendo conhecido e qualificado ao despertar-se; tudo era um nada e um não fundamento sem o fogo.

Assim, compreendemos também que o terceiro Princípio, ou a fonte e o espírito deste mundo encontrava-se oculto, desde a eternidade, na Natureza Eterna da propriedade do Pai, e que fora visto pelo Espírito de luz-flamejante na santa Magia, na sabedoria de Deus e na tintura divina. Consequentemente, a Divindade movimentou- se de acordo com a natureza da genetrix, manifestando o grande mistério, onde encontra-se tudo o que a Natureza Eterna pode fazer. Isso era, contudo, apenas um mysterium, e não assemelhava-se a nenhuma criatura, mas que continha tudo em si, como num caos. A natureza colérica e feroz gerou um caos escuro, e a natureza de luz- flamejante, em sua propriedade, gerou chamas na Majestade e na brandura, que tem sido, desde a eternidade, a fonte de água e causa da santa e divina essencialidade. Era somente poder e espírito, sem paralelo, nada era discernido ali, senão o Espírito de Deus numa fonte e forma dupla, ou seja, a severa fonte do fogo, fria e quente, e a branda fonte do amor, na forma de fogo e luz.

É como um mistério que penetra um no outro, sem que um compreenda o outro, mas que ao mesmo tempo permanecia em dois princípios. Aqui então o azedume ou o pai da natureza busca a essência no mistério, onde quer que tivesse sido formada como que numa imagem, ainda que não houvesse

nenhuma imagem, mas como que a sombra de uma imagem. Tudo sempre teve, no mistério, um eterno começo, e não se pode dizer que algo tenha surgido sem ter sua figura como sombra na grande Magia eterna; mas não havia ser, somente uma vibração espiritual, uma na outra, constituindo a Magia das grandes maravilhas de Deus, onde sempre houve origem, onde não havia nada, senão uma existência infundada. Este nada, na natureza do fogo e da luz, avançou para um fundamento, ainda que tenha saído do nada senão do espírito da fonte, que não é um ser, mas uma fonte que origina-se de si mesma em si mesma em duas propriedades, e da mesma forma, separa-se em dois princípios. Não há separador ou realizador, nem qualquer causa de sua própria criatividade, ela própria é a causa.

Assim, somos capazes agora de reconhecer a criação deste mundo, incluindo tanto a criação dos anjos como a do homem e de todas as criaturas. Tudo foi criado a partir do grande mistério. Pois, o terceiro Princípio posicionou-se diante de Deus como uma magia, não sendo manifestado por inteiro. Deus não tinha nenhuma semelhança, na qual pudesse manter seu próprio ser, mas somente a sabedoria. Este era seu anseio, e estava lá em sua vontade, com seu espírito, como uma grande maravilha na magia divina de luz-flamejante do Espírito de Deus. Pois, a sabedoria era a morada do Espírito de Deus, e não uma genetrix, mas a revelação de Deus, uma virgem e causa da divina essencialidade, pois nela encontra-se a tintura divina de luz-flamejante para o coração de Deus, assim como para o Verbo da vida da Divindade, a revelação da Santa Trindade. Não que a sabedoria tenha manifestado a Deus através de seu próprio poder e produtividade, mas o centro divino, ou seja, o coração de Deus ou ser, manifestou-se nela. A sabedoria é como se fosse o espelho da Divindade; pois nenhum espelho produz ou mantém qualquer imagem, apenas recebe a imagem. Da mesma forma esta virgem da sabedoria é um espelho da Divindade, no qual o Espírito de Deus se mantém, assim como todas as maravilhas da magia, que chegaram à existência com a criação do terceiro Princípio. Tudo foi criado a partir do grande mistério, e a virgem da sabedoria de Deus permaneceu no mistério e nela o Espírito de Deus viu as formas das criaturas. Pois isto é aquilo que é pronunciado, aquilo que o Pai pronuncia através do Espírito Santo, a partir de seu centro da propriedade divina de luz-flamejante, do centro de seu coração, do Verbo da Divindade. A sabedoria permanece diante da Divindade como Seu reflexo ou espelho,

onde a Divindade se mantém, e nela repousa o reino divino da alegria e da vontade divina, ou seja, as grandes maravilhas da eternidade, que não tem começo nem fim, nem número, mas tudo é um eterno começo e um eterno fim, e juntos assemelham- se a um olho que vê, onde contudo não há nada a vista, ainda que a vista surja da essência do fogo e da luz.

Assim, compreenda na essência do fogo, a propriedade do Pai e o primeiro Princípio; na fonte e propriedade da Luz a natureza do Filho ou o segundo Princípio; e o Espírito governante que procede destas duas propriedades compreenda como o Espírito de Deus, que no primeiro Princípio é colérico, severo, amargo, azedo, frio e feroz, o espírito propulsor na cólera. Portanto ele não reside na cólera e na ferocidade, mas sai e sopra o fogo essencial, unindo-se novamente à essência do fogo, pois as essências ígneas atraem o espírito novamente para si, já que o espírito é a sua fonte e a sua vida; novamente, no fogo inflamado na luz, o espírito procede do Pai e do Filho, revelando as essências ígneas na fonte da luz, através da qual as essências ígneas queimam num grande desejo de amor, e a fonte austera rigorosa não é conhecida na fonte da luz, a fim de que a severidade do fogo seja apenas uma causa da majestade da luz-flamejante e o amor desejoso.

Assim, devemos compreender o Ser da Divindade e também da Natureza Eterna. Compreendamos sempre o ser divino na luz da majestade, pois a luz branda torna a natureza severa do Pai gentil, amorosa e misericordiosa, quando Deus é denominado um Pai de misericórdia, de acordo com seu coração ou Filho. Pois a propriedade do Pai encontra-se no fogo e na luz. Ele é o Ser de todos os seres.

Ele é o não fundamento e o fundamento, e no nascimento eterno divide-se em três princípios, embora na eternidade haja senão dois princípios no ser, e o terceiro é como um espelho dos dois primeiros, do qual este mundo foi criado como uma existência palpável num começo e fim.

Visto que houve um mistério desde a eternidade, consideraremos agora a sua manifestação. Podemos falar da eternidade somente como se falássemos de um espírito, pois o todo era unicamente espírito; mesmo assim, da eternidade gerou a si mesmo em substância, através da ânsia e do desejo.

Não podemos dizer que na eternidade não havia substância, pois nenhum fogo existe sem substância. Tampouco há brandura, sem a produção de substância. Pois a brandura produz a água e o fogo a absorve, transformando-a em si mesmo, uma parte nos céus e firmamento, e a outra parte no súlfur, onde o espírito-ígneo com sua roda de essências, produz um mercúrio e desperta o Vulcão (lança fogo), através do qual o terceiro espírito ou o ar é gerado. No meio encontra-se a tintura pura, como um lustre de cores, e que possui sua origem da sabedoria de Deus. Cada cor permanece com sua essência, na brandura da fonte de água, obscura, a qual tem sua origem da ferocidade amarga.

Cada forma anseia pela outra, e pela ânsia do desejo, uma forma é impregnada pela outra, sendo que uma traz a outra à existência, de forma que a eternidade permanece num perpétua magia, onde a natureza encontra-se num processo de crescimento e fortalecimento, o fogo a consome e a origina, formando um laço eterno. Mas a luz da Majestade e da Trindade de Deus é imutável; pois o fogo não pode apreender a luz, que vive livre em si mesma.

Reconhecemos e observamos, contudo, que a luz do amor deseja as maravilhas e imagens na sabedoria; em tal desejo, este mundo foi percebido, desde a eternidade, como um modelo (forma espelhada), na sabedoria, na profunda e oculta magia de Deus; pois o desejo de amor busca o fundamento e o não fundamento. O desejo da cólera, ou seja, da fonte severa e amarga na natureza e propriedade do Pai, aqui encontra-se misturado, desde a eternidade. Assim, a imagem dos anjos e homens na propriedade divina, assim como na propriedade da cólera, os demônios, foram vistos na sabedoria de Deus desde a eternidade: ainda não como algum ser, mas da mesma forma que um pensamento surge nas profundezas da mente, sendo trazida diante de seu próprio espelho da alma, onde um objeto que não tem ser, aparece freqüentemente.

Assim as duas genetrixes, a da cólera no fogo e a do amor na luz, trouxeram sua forma na sabedoria, onde o coração de Deus desejou, no amor, produzir sua forma espelhada numa imagem angélica, composta pela essência divina, a fim de que estas formas pudessem ser imagem e semelhança da Divindade e habitar na sabedoria de Deus, preenchendo a

ânsia da Divindade e para o eterno deleite do divino reino da alegria.

Precisamos considerar agora o Verbum Fiat, que os abarcou e os trouxe a uma substância e a um ser corporal, pois a vontade desta imagem surgiu do Pai, da propriedade do Pai, no Verbo ou coração de Deus desde a eternidade, como uma vontade que deseja a criatura e a manifestação da Divindade. Porque, contudo, Deus não colocou-se em movimento até o momento da criação dos anjos; portanto, não ocorreu criação alguma até a criação dos anjos. Mas a razão e causa disto não cabe a nós conhecermos; Deus guardou em seu poder, como foi que alguma vez se colocou em movimento, sendo que é, de fato, um Deus imutável. Não devemos ir além nesta questão, o que iria nos confundir.

Mas sobre a criação temos o poder de falar, pois trata-se de uma obra no ser de Deus. Compreendemos, que a vontade do Verbo ou o coração de Deus, é retida pelo Fiat amargo, no centro da natureza do Pai, com seus sete espíritos e formas da Natureza eterna, e que na forma de um trono, através do qual o Fiat amargo apareceu não como um realizador, mas como um agente na propriedade de cada essência, ou seja, nas grandes maravilhas da sabedoria. Assim como as imagens foram retidas, desde a eternidade na sabedoria, foram agora abarcadas pelo Fiat na Vontade-espírito de Deus, e não foram tomadas de forma alienatória, mas da essência de Deus, ou da natureza do Pai. Elas foram, com a Vontade-espírito de Deus, introduzidas na luz da Majestade, onde passaram a ser os filhos de Deus e não estranhos; nasceram e foram criadas, da natureza e propriedade eterna do Pai, e o espírito de sua vontade foi direcionada à natureza e propriedade do Filho. Eles podiam se alimentar e deveriam fazê-lo do amor e essencialidade de Deus, na luz da Majestade; com isso, sua propriedade feroz, proveniente da natureza do Pai, era transformada em amor e alegria. Assim procederam todos, com exceção de um trono e reino, que se voltou para longe da luz do amor, e desejou, na severa natureza- ígnea, reinar sobre a brandura e o amor de Deus. Consequentemente, este trono foi dirigido para fora da propriedade do Pai, fora do lugar próprio da criatura para as trevas eternas, para o abismo do Fiat adstringente; ali deve permanecer em sua própria eternidade; desta forma, a cólera da Natureza Eterna também foi satisfeita.

Mas não se deve pensar que o Rei Lúcifer não poderia ter permanecido

firme. Ele possuía a luz da Majestade diante dele, da mesma forma que os outros anjos- tronos. Se sua imaginação tivesse ocorrido na luz, teria permanecido um anjo; mas ele se retirou do amor de Deus, e penetrou a cólera, passando a ser um inimigo do amor de Deus e de todos os santos anjos.

Além do mais, precisamos considerar aqui, a hostil inflamação dos espíritos expulsos, quando ainda encontravam-se na propriedade do Pai; como acenderam, através da imaginação, a natureza da essencialidade, fazendo com que a terra e as pedras fossem produzidas da Essência celeste, e o espírito brando da água, na qualificação do fogo, tornou-se o firmamento abrasador. Imediatamente sucedeu-se a criação deste mundo como o terceiro Princípio; este mundo foi provido de uma outra luz, ou seja, o sol; com isso, o demônio foi privado de sua pompa, sendo fechado nas trevas como um prisioneiro, entre o reino de Deus e o reino deste mundo, a fim de que seu domínio neste mundo não se estenda além da turba, onde a cólera e a ira de Deus é despertada, e ali ele é um carrasco. Ele é um perpétuo mentiroso, caluniador e enganador das criaturas; ele transforma tudo o que é bom naquilo que é mal, assim que tem a oportunidade. O que quer que seja terrível e resplandecente, ali ele exibe seu poder, desejando sempre estar acima de Deus. Mas o céu, criado do meio das águas como um firmamento brando, abate sua pompa e orgulho, assim ele não é um príncipe soberano deste mundo, mas um príncipe da cólera.

Mas visto que o demônio foi expulso de seu lugar, este lugar ou trono (destituído de sua hoste angélica) desejou enormemente o seu príncipe; mas ele havia sido expulso. Deus então, criou um novo príncipe para este lugar, Adão, o primeiro homem, que também era um príncipe-trono diante de Deus. É preciso considerarmos aqui esta criação corretamente, assim como sua queda, o que fez com que o coração de Deus se movimentasse e se tornasse homem.

A criação do homem não é uma questão trivial, pois foi por causa de sua queda que Deus tornou-se homem, a fim de poder restaurá-lo. Portanto, sua queda não consiste no simples ato de se morder uma maçã; sua criação não ocorreu da forma que a razão acredita, na medida em que compreende o

primeiro Adão, em sua criação, como sendo um mero torrão de terra. Não, cara alma, Deus não tornou-se homem por causa de um torrão de terra; também não foi uma mera questão de desobediência, diante da qual Deus tornou-se tão colérico a ponto de sua cólera não ser apaziguada, a menos que ele se vingasse de seu Filho e o matasse.

Para nós homens, após a perda da imagem paradisíaca, isto é um mistério e permaneceu oculto, exceto para alguns que conseguiram apreender novamente o mistério celeste; para estes, algo foi revelado, de acordo com o homem interior. Pois, em Adão estamos mortos para o Paraíso e devemos, através da morte e da putrefação do corpo, florescer novamente no Paraíso, como num outro mundo, na vida de Deus, na essencialidade e corporalidade celeste. Mas ainda que o mistério possa estar em alguns, para terem adquirido novamente na alma, a essencialidade de Deus (ou o corpo de Cristo), ainda assim o Adão terrestre e corrupto encobriu o santo e puro mistério, sendo que o grande segredo permaneceu oculto da razão. Deus não habita neste mundo, no Princípio externo, mas sim no Princípio interno. Certamente, ele habita no lugar deste mundo, mas este mundo não o apreende. Como então poderia o homem terrestre apreender os mistérios de Deus? Se algum homem pretende apreendê-los, deve fazê-lo de acordo com o homem interior, nascido novamente de Deus.

Mas, visto que o Mistério divino irá então, revelar-se inteiramente, apresentando- se ao homem de forma compreensível, a fim de que ele compreenda o segredo claramente, é preciso refletir bem sobre o que isso significa, - nada menos do que a colheita deste mundo. Pois o início encontrou o fim e o meio foi colocado em separação. Que isto seja dito a vós, sim aos filhos, que herdarão o reino de Deus: É hora de grande seriedade; o campo deve ser preparado; o bem e o mal devem ser separados; o dia se vai; isto é um fato!

Se iremos falar do homem, compreendê-lo corretamente, do que foi feito, devemos considerar a Divindade como Ser de todas os seres, pois o homem foi criado à semelhança de Deus, a partir dos três princípios, uma imagem completa e semelhante a toda esfera de existência. Ele não era para ser somente uma imagem deste mundo, pois a imagem deste mundo é animal, e não foi por causa de uma imagem animal que Deus tornou-se homem. Nem

Deus criou o homem para viver assim, na propriedade animal, como vivemos agora, após a queda, mas Ele o criou no Paraíso, na Vida eterna. O homem não tinha esta carne animal, mas a carne celestial; com a queda, ela tornou-se terrestre e animal. Não devemos, no entanto, entender que o homem nada tinha deste mundo em si, mas os quatro elementos não reinavam nele, pois estavam reunidos em um, e o reino terrestre permanecia oculto. Ele deveria viver na qualidade celestial; embora tudo estivesse despertado no homem, ele deveria reinar com a qualidade celeste do segundo Princípio; a qualidade terrestre, o reino e a qualidade das estrelas e elementos deveriam estar sujeitas à qualidade paradisíaca. Nenhum calor, frio, doença ou miséria, nenhum temor deveria atingi-lo ou amendontrá-lo. Seu corpo poderia passar através das pedras e da terra sem prejudicar nenhum deles. Não havia nenhum homem eterno, que pudesse ser controlado terreamente e que fosse frágil.

Portanto, é preciso considerar o homem corretamente. Não se trata de uma questão de sofisticação ou imaginação, mas de saber e compreender no espírito de Deus. É dito: "É preciso renascer, se quiseres ver de novo o reino de Deus, o qual abandonastes". A ciência nada ajudará, senão o espírito de Deus, que abre a porta do céu à imagem do homem, para que ele veja com os três olhos. Pois o homem vive numa vida ternária, se é filho de Deus; caso contrário, vive somente uma vida binária. Sabemos, muito bem, que Adão abandonou, com a reta e santa imagem, que era a semelhança da Santa Trindade, o Ser Divino e imaginou na terrenidade, introduzindo o reino terrestre na imagem divina, o que provocou a sua corrupção e obscuridade; com isso, perdemos também a vista paradisíaca. Além do mais, Deus retirou o Paraíso do homem, o que o deixou frágil, fraco e sem poder ; imediatamente, os quatro elementos e as estrelas tornaram-se poderosos no homem; portanto, com Adão caímos sob a sua influência. Esta foi também a causa da mulher; Deus dividiu Adão quando não pode permanecer firme, trazendo-o para duas tinturas, de acordo com o fogo e a água, uma fornecendo a alma, outra o espírito. Após a queda, o homem tornou-se uma entidade animal, devendo propagar-se através de uma propriedade animal, já que o Céu, o Paraíso e a Divindade tornaram-se um mistério para ele; aquilo que é eterno no homem , ou seja, a alma pura, ainda existe, mas coberta por uma vestimenta terrestre, obscura e infectada pela qualidade terrestre, envenenada pela falsa imaginação, o que o impede

de ser reconhecido como filho de Deus; foi por causa disso que Deus tornou-se homem, a fim de libertar a alma da obscura terrenidade e introduzi-la novamente na essencialidade celestial, na carne e sangue de Cristo que preenche os céus.

Embora isso já tenha sido explicado suficientemente em outros livros, como nem todos os tem em mãos, é necessário que se faça um resumo sobre a criação do homem, a fim de que a encarnação de Cristo seja, mais à frente, bem compreendida. Também por causa das pérolas, as quais no curso de sua busca, cabem mais e mais ao homem, sendo reveladas e concedidas à ele. Recriar a mim mesmo com Deus, produz em mim grande satisfação.

A criação do homem ocorreu em todos os três Princípios, ou seja, na natureza e propriedade eterna do Pai, na natureza e propriedade eterna do Filho, e na natureza e propriedade deste mundo. No homem, criado pelo Verbum Fiat, foi soprado o espírito ternário para sua vida, a partir de três princípios e fontes. Por um Fiat triplo ele foi criado, compreenda o que é corporal e essencial; a vontade do coração do Pai introduziu no homem o espírito, de acordo com todos os três Princípios. Compreenda isso da seguinte forma:

O homem foi criado inteiramente à semelhança de Deus. Deus manifestou-se na humanidade numa imagem, que deveria ser como Ele próprio. Pois Deus é tudo e tudo surgiu dele; como nem tudo é bom, consequentemente o tudo não é chamado Deus. Pois, com relação à pura divindade, Deus é um espírito de luz-flamejante e habita em nada, unicamente em si mesmo; não há nada como ele mesmo. Mas com relação à propriedade do fogo, de onde a luz é gerada, conhecemos a propriedade do fogo como sendo a natureza, que é a causa da vida, movimento e espírito, de outra forma não haveria nenhum espírito, nenhuma luz, nenhum ser, mas uma eterna quietude; não haveria características, nem virtudes, mas somente um não fundamento sem nenhum ser.

Embora a luz da Majestade habite o não fundamento (falta de fundamento) sem ser capturada pela natureza e propriedade ígnea, devemos considerar o fogo e a luz, da seguinte forma: O fogo possui e produz uma

fonte terrível e consumidora. Ora, há na fonte um decair, como um morrer, ou uma livre desistência. Esta livre rendição atinge a liberdade fora da fonte, como na morte, sem que haja morte alguma; mas ela descende um grau mais profundo em si mesma sendo libertada do tormento da angustia do fogo, mantendo a aspereza do fogo – mas não na angústia e sim na liberdade.

Com isso, a liberdade e o não fundamento passam a ser uma vida, e tornam-se uma luz; pois a liberdade recebe um lampejo da fonte angustiante e passa a desejar a substancialidade; o desejo se faz fecundo com a substancialidade da liberdade e da brandura. Pois aquilo que se aprofunda ou se volta para longe da fonte da angústia, regozija-se por estar livre da angústia, atraindo a satisfação para dentro de si e passa, com sua vontade, para fora de si, penetrando a vida e o espírito de alegria. Para expressar tal fato necessitaríamos de uma linguagem angélica. Mas na seqüência, ofereceremos ao leitor que ama à Deus, uma curta notificação para sua reflexão, a fim de compreender a substancialidade celeste.

Em Deus tudo é poder, espírito e vida; mas o que é substância não é espírito. Aquilo que descende do fogo, no não poder, é substância. Pois o espírito continua no fogo, mas separado em duas fontes: a do fogo e a que se inclina para a liberdade e para a luz. Esta última é chamada Deus, pois é branda e amorosa, contendo em si o reino da satisfação. O mundo angélico é compreendido na liberdade que descende da substancialidade.

Por termos abandonado a liberdade do mundo angélico para penetrarmos a fonte de trevas, cujo abismo é o fogo, não haveria remédio para nós, a menos que o poder e o Verbo da luz, como um Verbo da Vida Divina, torna-se um homem, a fim de nos tirar das trevas, através do tormento do fogo, da morte no fogo, penetrando novamente a liberdade da Vida divina, a essencialidade divina. Portanto, o Cristo tinha que morrer e com o espírito da alma passar pelo fogo da Natureza eterna, ou seja, pelo inferno e pela cólera da Natureza eterna, para a essencialidade divina, fazendo de nossa alma um caminho através da morte e da cólera, neste caminho devemos com Cristo e em Cristo penetrar a morte para a Vida divina eterna.

Mas com relação a essencialidade divina, ou seja, com relação a corporalidade divina, devemos compreender o seguinte: A luz fornece a

brandura como um amor ; ora, a angústia do fogo deseja a brandura, capaz de saciar sua grande sede; pois o fogo é um desejar e a brandura um ceder, já que cede a si mesma. Assim, no desejo da brandura, o ser é produzido, como uma essencialidade substancial que escapou da ferocidade, que doa livremente sua própria vida: tal é a corporalidade. Pois, através do poder na brandura, torna-se substancial, sendo atraída e retida pelo amargor, ou seja, pelo Fiat eterno. Chama-se substancialidade ou corporalidade porque encontra- se rebaixada à fonte-ígnea e espírito, estando relativamente fraca, morta ou sem poder, embora seja uma vida essencial.

É preciso que o leitor entenda bem. Quando Deus criou os anjos, apenas dois Princípios estavam manifestados no ser, ou seja, a existência no fogo e na luz, quer dizer, primeiro envolvendo a essencialidade ígnea no Fiat severo e amargo, com as formas da natureza ígnea; em segundo lugar, envolvendo a essencialidade celeste do santo poder com as fontes-aquosas da brandura da vida de satisfação, na qual, como no amor e na brandura, o divino súlfur foi gerado, seu Fiat foi a vontade desejosa de Deus.

Desta Essência divina, assim como da Natureza de Deus, os anjos foram criados como criaturas. O espírito dos anjos, ou fonte de vida, continua no fogo; pois sem fogo não existe espírito algum. Mas passam do fogo para a luz, onde recebem a fonte do amor. O fogo foi apenas a causa de suas vidas; mas a ferocidade do fogo foi extinta pelo amor, na luz.

Lucifer desprezou isso e permaneceu um espírito de fogo. Assim, ele se elevou e acendeu a essencialidade em seu locus, de onde a terra e as pedras foram produzidas; ele foi banido. Começa aqui a terceira corporalidade e o terceiro Princípio, juntamente com o reino deste mundo.

Como o demônio foi banido do terceiro Princípio para as trevas, Deus criou uma outra imagem à Sua semelhança para esta região. Mas se esta imagem deveria ser a imagem de Deus, segundo todos os três Princípios, tinha que ser tirada de todos os três, e de cada entidade desta região, assim como o Fiat tinha, na criação, se manifestado no éter, em conexão com o trono principesco de Lúcifer. Pois o homem ocupou o lugar de Lúcifer; desde então, a grande inveja dos demônios não atribui ao homem esta honra, mas o tem guiado continuamente pelo caminho corrupto e demoníaco, a fim de poderem aumentar seu reino. Fazem isso em rebeldia à

brandura ou ao amor de Deus. Além do mais, acreditam, por viverem na ferocidade do forte poder, serem maiores do que o Espírito de Deus, que consiste de amor e brandura.

Assim, a Vontade-Espírito de Deus ou o santo Espírito dispôs o Fiat duplo em dois princípios, ou seja, o interno no mundo angélico e o externo neste mundo, criando o homem (Mesch ou Mensch) como uma pessoa mista. Pois deveria ser uma imagem do mundo interior e exterior, devendo reinar pela qualidade interior sobre a qualidade exterior: desta forma ele seria a semelhança de Deus; pois a natureza exterior estava suspensa na natureza interior. O paraíso florescia através da terra e o homem estava neste mundo, na terra, no Paraíso. O fruto paradisíaco crescia para ele até a queda. Quando o Senhor amaldiçoou a terra, o Paraíso passou para o mistério, tornando- se para o homem um mistério ou segredo; contudo, se o homem nascer de novo de Deus, habitará pelo homem interior, no Paraíso, mas pelo homem exterior, neste mundo.

Iremos mais além no que se refere à origem do homem. Deus criou seu corpo da matriz da terra, de onde a terra foi criada. Tudo encontrava-se misturado, e ainda assim dividido em três Princípios coexistentes com os três tipos de essências, no entanto aquela da cólera feroz não era conhecida. Se Adão tivesse permanecido na inocência, teria vivido o tempo todo deste mundo em dois Princípios unicamente, e teria reinado por um sobre todos; o reino da cólera feroz nunca teria sido manifestado ou conhecido, embora este reino estivesse dentro dele.

O corpo de Adão foi criado pelo Fiat interno, a partir do elemento interior, onde permanece o firmamento interno e o céu com as essências celestes; foi criado também, pelo Fiat externo, a partir dos quatro elementos da natureza externa e das estrelas. Pois, na matriz da terra o Fiat interno e externo encontravam-se misturados. O paraíso estava lá, e o corpo foi criado mais que nada para o Paraíso. Ele possuía a essencialidade terrestre e divina em si; mas a terrestre encontrava-se como que absorvida na essencialidade divina ou desprovida de poder. A substância ou matéria da qual o corpo foi feito ou criado era uma massa, ou uma água e um fogo, com as essências dos dois Princípios; embora o primeiro também estivesse contido nele, não estava ativo. Cada Princípio deveria permanecer em seu

lugar, sem se misturar com os outros, como ocorre em Deus: desta forma, o homem seria uma completa semelhança do ser de Deus.

O corpo é uma semelhança, de acordo com a substancialidade de Deus, e a alma e o espírito uma semelhança, de acordo com a Santíssima Trindade. Deus deu ao corpo sua substancialidade a partir dos três Princípios, e o espírito e a alma a partir da fonte do Espírito ternário da Divindade Onipresente. Devemos compreender que a alma com sua imagem e seu espírito exterior surgiu dos três Princípios, sendo soprada e introduzida no corpo, como afirma Moisés:

"Deus soprou nas narinas do homem o sopro da vida, e o homem tornou-se uma alma vivente" (Gen. 2,7).

Ora, o sopro e o espírito de Deus incluem três tipos de fontes. No primeiro Princípio é um sopro-ígneo ou espírito, que consiste na verdadeira causa da vida e que encontra-se na qualidade do Pai, como no centro da natureza ígnea. No segundo Princípio, o sopro e o espírito de Deus é a luz-flamejante ou espírito-amor, o verdadeiro espírito da Cabeça de Deus, cujo espírito é conhecido como Deus o Espírito Santo. No terceiro Princípio, como na similitude de Deus, o sopro de Deus é o espírito-ar, sobre o qual o Espírito Santo se movimenta, como diz Davi: "O Senhor caminha sobre as asas do vento" (Ps. Civ. 3); e Moisés: "O Espírito de Deus moveu-se pela face das águas, sobre o golfo de onde surge o vento (spiritus mundi) (Gen.1,2).

Esse espírito ternário contém o Deus completo soprado e introduzido na imagem criada, a partir de todos os três Princípios. Primeiro, o espírito-fogo, que Deus introduziu no homem de dentro, não pelas narinas, mas no coração, na dupla tintura do sangue interno e externo, embora o exterior não fosse conhecido, pois era um mistério. O sangue interior contudo, estava em evidência e possuía duas tinturas, uma que derivava-se do fogo e outra da luz. Esse espírito-fogo é a verdadeira alma essencial, pois possui o centrum naturae com suas quatro formas como seu fogo- poder. Ela mesma inflama o fogo, transformando-se na roda das essências.

Este não é, de fato, a verdadeira imagem de acordo com a Divindade, mas um fogo mágico e sem fim, que nunca teve um início, nem tampouco

terá fim. Compreenda que Deus introduziu o eterno fogo sem origem (que desde a eternidade existe por si só, na Magia eterna, ou seja, na vontade de Deus, no desejo da natureza eterna, como um eterno centro parturiente) nesta imagem, que deveria ser a Sua imagem.

Em segundo lugar, ao mesmo tempo, o fogo essencial da alma, o Espírito Santo, introduziu a luz-flamejante do espírito-amor, de si mesmo no homem, unicamente no segundo Princípio, onde a Divindade é compreendida; não nas narinas, mas como o fogo e a luz encontram-se suspensos um para o outro sendo um, embora em duas fontes. Assim o bom espírito-amor foi introduzido em seu coração, com o espírito-fogo essencial, e cada fonte trouxe consigo sua tintura própria, como uma vida especial de si mesma. Na tintura-amor compreende-se o verdadeiro espírito, a imagem de Deus, uma semelhança da pura e verdadeira Divindade, que assemelha-se ao homem completo e preenche todo o homem, mas em seu Princípio.

A alma é, por si só, um olho de fogo ou um espelho de fogo, no qual a Divindade se manifestou, segundo o Primeiro Princípio, ou seja, de acordo com a natureza; pois ela é uma criatura, sem ter sido criada como semelhança. Mas sua imagem, gerada a partir de seu olho de fogo na luz, é a verdadeira criatura, por causa da qual Deus tornou-se homem e trouxe-a novamente para o santo ternário, resgatando-a da cólera da Natureza eterna.

Certamente, a alma e sua imagem são juntas um espírito; mas a alma é um fogo faminto e deve ter substância, caso contrário torna-se um abismo obscuro e faminto, como ocorreu com os demônios. A alma produz o fogo e a vida, e a brandura da imagem produz o amor e a essencialidade celeste. Assim, o fogo da alma é moderado e repleto de amor; pois a imagem contém água da fonte de Deus, e flui para a vida eterna; essa água é amor e brandura, extraindo estas qualidades da Majestade de Deus. Como se pode ver num fogo aceso, o fogo em si possui qualidade fervente e ígnea, e a luz uma qualidade branda e graciosa; e como nas profundezas deste mundo, a água é produzida da luz e do ar, o mesmo ocorre aqui.

Em terceiro lugar, Deus soprou nas narinas do homem, ao mesmo tempo e de uma só vez, o espírito deste mundo, com a fonte das estrelas e dos elementos, ou seja, o ar (spiritus mundi). Ele deveria ser um administrador

no reino externo e revelar as maravilhas do mundo exterior, foi para este fim que Deus criou o homem também na vida exterior. Mas o espírito exterior não deveria transgredir a imagem de Deus, nem a imagem de Deus deveria abrigar em si o espírito exterior, permitindo que este governasse sobre Si, pois seu alimento provinha do Verbo e poder de Deus. O corpo exterior recebia o alimento paradisíaco- que não era tomado no estômago ou carcaça, já que o homem não possuía este apêndice. Além disso, ele não possuía forma masculina ou feminina, pois era os dois, contendo as duas tinturas, ou seja, a da alma e a do espírito, do fogo e da luz, e deveria produzir de si mesmo um outro homem, segundo a sua semelhança. Ele era uma virgem casta no puro amor; amava a si mesmo e se fazia fecundo pela imaginação, e desta forma ocorria a sua reprodução. Ele era o senhor das estrelas e dos elementos, a semelhança de Deus. Como Deus habita nas estrelas e nos elementos, sem que nada O apreenda, Ele reina sobre todas as coisas: da mesma forma foi criado o homem. A fonte terrestre não encontrava-se totalmente ativa nele. De fato, ele possuía o espírito-ar, mas o frio e o calor não o afetava, pois a essencialidade de Deus tudo penetrava. Como o Paraíso germinava e florescia pela terra, também a essencialidade celeste cresce no ser externo de seu corpo e espírito exterior. O que parece estranho a nós na vida terrestre, certamente é possível em Deus.

Em quarto lugar, através da introdução de sua pura imagem celeste no Espírito de Deus, Adão recebia também o Verbo vivificante de Deus, esse era o alimento de sua alma e imagem. O mesmo Verbo vivificante era envolvido pela divina Virgem da sabedoria; a imagem da alma permanecia na imagem virgem, que na Divindade havia sido vista desde a eternidade. A pura imagem de Adão surgiu da sabedoria de Deus. Pois Deus desejou ver e manifestar a si mesmo assim, numa imagem, esta era a semelhança, segundo o Espírito de Deus, segundo a Trindade, uma imagem inteiramente casta, como os anjos de Deus. Nesta imagem Adão era o filho de Deus, não apenas uma semelhança, mas um filho, nascido de Deus, do Ser de todas as coisas.

Mostramos assim, de forma breve, que tipo de imagem era Adão antes de sua queda e como Deus o criou, a fim de melhor compreendermos o motivo pelo qual o Verbo de Deus tornou-se homem, como isso ocorreu e o que foi com isso realizado.

O demônio possui muitos argumentos, através dos quais procura desculpar-se, dizendo que Deus também o criou, embora sua forma angélica primitiva, sua fonte e sua imagem, sempre o revelam um mentiroso. Ele faz o mesmo com o pobre homem caído: introduz nele, continuamente, o reino terrestre, com seu poder e faculdade, para que o homem tenha sempre um espelho diante de si e acuse à Deus de tê-lo criado terrestre e mal. Mas ele deixa longe de vista o que há de melhor, o Paraíso, onde o homem foi criado, e também a onipotência de Deus, que o homem não vive só de pão, mas do poder e do Verbo de Deus, e que o Paraíso reinava com sua fonte sobre a terrenidade. Ele mostra ao homem somente sua forma nua, carnal, miserável e pesada; mas a forma na inocência, quando Adão não sabia que estava nu, ele esconde-a, a fim de iludir o homem.

Isso se encontra totalmente oculto de nós, pobres filhos de Eva, e de fato o miserável terrestre não é digno de conhecer, ainda que este conhecimento seja bastante necessário a nossas mentes; é fundamental recorrer ao verdadeiro porteiro (aquele que possui a chave), suplicá-lo e nos entregarmos totalmente a ele, a fim de que queira nos abrir o portão do Paraíso, no centro interno de nossa imagem, para que a luz paradisíaca brilhe sobre nós, em nossas mentes e possamos, assim, nos tornarmos desejosos de habitar novamente com nosso Emanuel, segundo o interno e novo homem, no Paraíso; pois, sem esta abertura, nada compreendemos do Paraíso e de nossa imagem primitiva na inocência.

Mas, como Cristo, o Filho de Deus, nos gerou novamente quanto a forma paradisíaca, não devemos ser tão indolentes a ponto de confiar na ciência e na razão terrestre. Não encontraremos o Paraíso e o Cristo (que deve tornar-se homem em nós, se quisermos ver a Deus) em nossa razão. Nela tudo é cego e morto. Devemos abandonar a razão e penetrar a encarnação de Cristo; para tanto, devemos ser instruídos por Deus. Então, teremos poder para falar sobre Deus, sobre o Paraíso e sobre o Reino do Céu. Na razão terrestre, que tem sua origem apenas nas estrelas, somos tolos diante de Deus, se tentarmos falar sobre o mistério de forma celeste, pois falamos de algo que não conhecemos e nunca vimos. Mas um filho conhece sua mãe. Da mesma forma, todo aquele que nasceu novamente de Deus conhece sua mãe, não com os olhos terrestres, mas com os olhos divinos e com os olhos da mãe de quem nasceu. Falamos com toda sinceridade ao leitor, a fim de

que reflita sobre o que deve fazer, e com que espírito e compreensão iremos escrever.

A razão do mundo exterior insiste em afirmar que Deus criou o homem no domínio externo, na fonte das estrelas e dos quatro elementos. Se assim fosse, teríamos sido criados na angústia e na morte, pois estas são as condições do céu astral; quando a razão atinge este céu astral, ela abandona a criatura da qual era líder. Então, o domínio e o ser da criatura, sujeita ao céu exterior, morre; vemos, de fato, como decaímos e morremos quando o céu exterior, com os elementos nos abandona, a ponto de até mesmo uma criança no ventre estar velha o bastante para morrer; além do mais, freqüentemente perece quando ainda está sem vida, no Fiat do domínio exterior, no processo de crescimento do corpo, antes que o centrum naturae acenda o fogo da alma. Sem dúvida, conhecemos a morte e a agonia através da queda de Adão (tão logo tornou-se terrestre), Adão morreu no Paraíso e tornou-se morto para o reino de Deus; portanto necessitávamos de regeneração, de outra forma não poderíamos ser revividos.

Deus realmente proibiu Adão de tocar o fruto terrestre, o qual era misto; além disso, realmente criou senão um homem, com propriedade feminina e masculina, com as duas tinturas, ou seja, a do fogo e a da luz no amor, trazendo-o de uma só vez ao Paraíso (sim, o homem foi criado no Paraíso); assim, não podemos admitir as conclusões da Razão que, em conseqüência da infeção do demônio, diz que o homem foi criado terrestre. Pois, o que quer que seja criado sozinho e isolado na vida ou fonte terrestre animal, tem um começo e um fim, não compreende a eternidade, já que dela não procede. Ora, aquilo que não procede do Eterno é transitório, um mero espelho, onde a sabedoria eterna manteve a si mesma em imagem e semelhança. Dela permanece ali senão uma sombra, sem vida ou ser; ela passa como um vento, que surge e se vai. Não foi por causa de tal criatura que o Verbo de Deus tornou-se homem; o Eterno não penetrou a natureza perecível por causa do que é transitório. Nem tampouco penetrou o que é terrestre a ponto de fazer surgir e introduzir o terreno e perecível no poder da Majestade; mas por causa daquilo que surgiu do poder da Majestade, mas que tornou-se mal e terrestre, e que foi como que eclipsado na morte, para que possa ser vivificado, despertar novamente e surgir no poder da majestade, nas alturas onde se encontrava, antes de ser uma criatura.

Devemos compreender o homem de forma diferente do que temos feito até aqui, no que se refere ao homem como um animal. De fato, ele tornou-se um animal, de acordo com a propriedade deste mundo; ao morrer em Adão, passou a viver para este mundo e não para Deus. Mas se ele penetrasse com o espírito de sua vontade em Deus, a Vontade-Espírito obteria novamente a imagem pura e viveria de acordo com essa imagem em Deus e de acordo com a propriedade animal neste mundo. Assim, ele estaria na morte, embora ainda estivesse vivo. Assim, o Verbo de Deus tornou-se homem, a fim de poder uni-lo novamente à Deus, para que possa nascer novamente, de forma completa, em Deus, e que o Paraíso possa ser perceptível nele.

Devemos considerar a imagem paradisíaca da seguinte forma: Sabemos e afirmamos que Adão foi criado bom, puro e sem vergonha, assim como Lúcifer, com suas hostes. Ele possuía olhos puros e duplos. Pois possuía os dois reinos em si, ou seja, o reino de Deus e o reino deste mundo. Como Deus é Senhor de tudo, também deveria o homem, no poder de Deus, ser o senhor deste mundo; do mesmo modo que Deus governa todas as coisas e passa através de todas as coisas, imperceptivelmente, o homem divino e oculto era capaz de passar e ver através de todas as coisas. O homem externo encontrava-se, de fato, no externo, mas senhor do externo; este estava submetido a ele e não o restringia. Ele poderia, sem esforço, quebrar pedras. A tintura da terra não estava distinta para ele; ele teria descoberto todas as maravilhas da terra. Pois para este fim Adão havia sido criado, também na vida externa, para que pudesse manifestar em imagens e realizar obras que haviam sido vistas na sabedoria eterna; pois ele tinha a virgem Sabedoria em si.

Ouro, prata e metais preciosos, ao deixarem a magia celeste, também foram encerrados pela inflamação. Temos aqui algo diferente da terra. O homem ama os metais preciosos e os emprega para seu sustento, mas não conhece seu fundamento e origem. Não é por nada que são amados pela mente; se refletirmos sobre eles, veremos que possuem uma origem elevada. Mas não diremos nada sobre isto aqui, pois mesmo sem dizer nada o homem já os amam demasiadamente, e com isso abandonam o Espírito de Deus. Não se deve amar o corpo mais que ao espírito, pois o espírito é a vida.

Mas saibam que eles foram dados ao homem para seu divertimento e ornamento, o homem os tinha por direito da natureza, pertencem a ele, a saber, ao corpo externo, pois a tintura do corpo externo e a tintura metálica possuem um parentesco próximo. Mas quando a tintura do corpo exterior foi corrompida pelo desejo mal do demônio, a tintura metálica também tornou-se oculta e hostil para a tintura humana, pois ela é mais pura que a tintura corrupta no homem exterior.

Que isto fique claro a vós, que buscam a tintura metálica: Se queres encontrar a lápis philosophorum, atenham-se ao novo nascimento em Cristo, ao contrário será difícil apreendê-la. Pois ela possui considerável comunhão com a substancialidade celeste, o que seria notável caso fosse libertada da cólera feroz. Seu brilho indica algo que certamente reconheceríamos, se tivéssemos olhos paradisíacos. O fundamento afetivo (das Gemüth) nos mostra isso, mas a compreensão e completa cognição encontram-se mortas quanto ao Paraíso. Por usarmos o que é nobre para desonrar à Deus e para nossa própria perdição, e não louvarmos à Deus com isso, não penetramos com nosso espírito o Espírito de Deus, mas abandonamos o espírito e nos apegamos à substância; a tintura metálica tornou-se um mistério para nós, porque nós nos tornamos alienados à ela.

O homem foi criado para ser um Senhor da tintura, que foi sujeita à ele; mas ele tornou-se seu servo, e além do mais, alienado à ela. Assim, ele busca somente o ouro e encontra a terra. Porque ele abandonou o espírito e penetrou a substancia; esta o tomou prisioneiro e o encerrou na morte. Como a tintura da terra está encerrada na cólera, até o julgamento de Deus, também está o espírito do homem, encerrado na cólera, a menos que ele saia e nasça em Deus. Pois o demônio desejou ser o príncipe soberano com sua cólera na Essencialidade celeste; portanto ela se fechou para ele, tomando a forma de terra e pedras, portanto ele não é um príncipe, mas um prisioneiro na cólera, e a essencialidade não o beneficia em nada. Pois ele é espírito e desprezou a Essencialidade celeste, e inflamou a mãe natureza, que com isso tornou todas as coisas corpóreas; Deus juntou tudo isso num amalgama. Mas a essencialidade poderia ser conhecida do homem. Ele tinha o poder para revelar a tintura e manifestar a pérola pura para sua alegria e satisfação, assim como para a honra e magnificência de Deus, caso tivesse permanecido na inocência.

Com relação ao comer e beber do homem, através dos quais ele deveria fornecer substância e alimento ao seu fogo, ocorria o seguinte: Ele tinha dois tipos de fogo dentro de si, o fogo da alma e o fogo exterior, do sol e das estrelas. Ora, todo fogo tem que ter súlfur ou substância, ao contrário, não subsiste, ou seja, não queima. Com isso compreendemos que a natureza divina deveria ser o alimento do homem. Pois, como já foi dito acima, o fogo da alma é alimentado com o amor, a brandura e a essencialidade de Deus, com tudo aquilo que o Verbo, como o centro divino, manifesta. Pois a alma procede do fogo mágico eterno; consequentemente, a alma necessita de alimento mágico, ou seja, via imaginação. Se a alma possui a imagem de Deus, imagina o amor de Deus, na essencialidade divina, e toma do alimento de Deus, do alimento dos anjos. Mas se ela não possui a imagem de Deus, então se alimenta daquilo que sua imaginação penetra, ou seja, da fonte terrestre ou hostil. Ela também cai nesta matriz, não como uma substância, mas fica repleta de substância, que começa a operar na alma, da mesma forma que um veneno na carne.

Conhecemos bem a alimentação do corpo exterior. Havia, de fato, o homem exterior, mas encontrava-se metade absorvido pelo homem interior. O homem interior reinava completamente, como o fogo no ferro incandescente, e cada vida tomava seu alimento de sua propriedade. A imagem de Deus, ou o espírito da alma alimentava-se da essencialidade divina e celeste, o corpo exterior alimentava-se do fruto paradisíaco na boca, não no estômago. Pois como o corpo exterior encontrava-se meio absorvido pelo interior, o mesmo ocorria com o fruto do paraíso. A essência divina brotava através da essência terrestre, tendo absorvido a essência terrestre no fruto paradisíaco, desta forma, o fruto não era conhecido como terrestre. Consequentemente, o desabrochar através da cólera era chamado de Paraíso, já que o amor de Deus florescia na cólera e produzia frutos.

Isso nos leva a compreender melhor como é que Deus habita neste mundo, e o mundo está como que absorvido em Nele. O mundo Nele é desprovido de poder, sendo Ele o todo poderoso. Assim era o homem e assim alimentava-se: sua alimentação terrestre, era celeste. Da mesma forma que devemos nascer novamente, o fruto paradisíaco nascia novamente da cólera, na essência celeste; como da terra amarga cresce uma erva boa e doce, a qual o sol qualifica de forma diferente daquela que a

terra havia qualificado. Desta forma o homem santo qualificava o fruto paradisíaco em sua boca, a fim de que a terrenidade fosse absorvida como um nada, e não tocasse o homem; sabemos que no final, a terra será absorvida, deixando de ser um corpo palpável.

Assim ocorria até mesmo com a alimentação externa do homem. Ele comia o fruto com sua boca, não necessitava de dentes para tanto, pois neste instante aparecia a separação do poder. Havia dois centros de poder na boca de Adão, cada um tomava o que lhe cabia. O que era terrestre transformava-se em qualidade celeste, exatamente como devemos ser transformados em nosso corpo, a fim de adquirirmos um corpo de poder celeste. A transformação na boca ocorria da mesma forma; o corpo recebia o poder, pois o reino de Deus encontrava-se no poder. Com isso o homem continuava no reino de Deus, pois ele era imortal e um filho de Deus. Mas trazendo o seu alimento para o intestino, provocando tamanho mal cheiro como agora, pergunto à Razão se isto pode ser o paraíso, e se o espírito de Deus pode habitar ali; do mesmo modo que o Espírito de Deus deveria habitar em Adão, como na criatura de Deus.

Sua obra no paraíso, na terra, era pueril, mas com sabedoria celestial. Ele deveria plantar árvores e ervas, à vontade. Ali crescia para ele o fruto paradisíaco, tudo era puro para ele. Ele fazia o que tinha vontade, e fazia corretamente. Ele não tinha lei, senão aquela da imaginação e do desejo; estes ele deveria colocar, com seu espírito, em Deus; assim deveria permanecer eternamente. Ainda que Deus tenha transformado a terra, mesmo assim o homem poderia ter permanecido sem a necessidade e a morte; tudo poderia ser transformado, por ele, em essência celeste.

O mesmo se aplica ao beber. O homem interior bebia a água da vida eterna, que vinha da natureza de Deus e o homem exterior bebia água na terra. Mas como o sol e o ar absorvem a água sem serem preenchidos por ela, o mesmo ocorria na boca do homem: tal absorção dissolvia-se no mistério. Tudo o que era terrestre tinha que, pela boca do homem, penetrar novamente aquilo que era antes da criação do mundo. O espírito e a virtude portanto pertenciam ao homem, e não um corpo terrestre; pois Deus criou para ele de uma só vez um corpo, que era eterno. Ele não necessitava de outro ato criador. Ele era um trono principesco (compreenda Adão), feito de

céu, terra, estrelas e elementos, assim como da essência de Deus, um senhor do mundo e um filho de Deus.

Observem isso, vós Filósofos! Este é o verdadeiro fundamento e o alto conhecimento. Não misture a ela nenhuma verborréia proveniente das escolas, ela é suficientemente clara. Palpites não ajudam em nada; somente o verdadeiro espírito, nascido de Deus, conhece isso bem. Toda opinião sem conhecimento não passa de tolice terrestre, compreendendo a terra e os quatro elementos; mas o Espírito de Deus compreende um só elemento, onde quatro permanecem ocultos. O quatro não deveria reinar em Adão, mas um sobre quatro; o elemento celeste sobre os quatro elementos deste mundo. Assim precisamos voltar a ser, se pretendemos possuir o Paraíso; é por isso que Deus tornou-se homem.

Que isto lhe seja dito, competidores acadêmicos: vocês caminham em círculos e não conseguem entrar, como um gato, que teme o calor, caminha ao redor do caldo quente; assim são vocês, temerosos e envergonhados diante do fogo de Deus. Tão pouco quanto o gato aproveita o caldo cheirando ao seu redor, pouco aproveita o homem do fruto paradisíaco, a menos que deixe a pele de Adão, solidificada pelo demônio, e penetre o novo nascimento de Cristo. Ele deve penetrar o círculo, abandonar a pele da razão; então obterá a compreensão humana e o conhecimento divino; nenhum aprendizado terá valor, somente o nascimento.

Para descrever claramente a encarnação de Jesus Cristo, é necessário expor- lhes as causas pelas quais Deus tornou-se homem. Não se trata de algo sem importância ou de pouco valor como consideram os Judeus e os Turcos, e mesmo entre os Cristãos, fica meio que sem sentido; não pode ser senão uma causa importante, o que colocou o Deus imutável em movimento. Guarde bem isso, iremos expor-lhes as causas.

Adão era um homem e uma imagem de Deus, uma completa semelhança de Deus, embora Deus não seja imagem. Ele é o reino e o poder, também a glória e a eternidade, tudo em tudo. Mas a profundidade infundada desejou manifestar-se em similitudes; de fato, tal manifestação ocorreu da eternidade, na sabedoria de Deus, como numa imagem virginal, que contudo não era uma genetrix, mas um espelho da Divindade e da eternidade, como se apresenta no fundamento e no não fundamento, um

olho da glória de Deus. De acordo com este mesmo olho, foi criado ali os tronos dos príncipes como anjos e por fim, o homem, que tinha novamente o trono em si; ele foi criado da magia eterna, da Essência de Deus, do nada para algo, do espírito para o corpo. Como a magia eterna o gerou de si mesma, no olho das maravilhas e sabedoria de Deus, da mesma forma ele poderia e deveria gerar de si mesmo um outro homem, de forma mágica, sem a dilaceração de seu corpo; pois o homem foi concebido no desejo ardente de Deus, sendo gerado e trazido à luz pelo desejo de Deus. Consequentemente, ele possuía o mesmo desejo ardente em si, para sua própria fecundação. Pois, a tintura de Vênus é a matriz, e se torna fecunda com a substância, como com o súlfur no fogo, o qual ainda obtém à substância na água de Vênus. A tintura do fogo oferece a alma; a tintura da luz oferece o espírito; a água ou a substância oferece o corpo; o Mercúrio ou o centrum naturae oferece a roda das essências e a grande vida no fogo e água, celeste e terrestre; o Sal, celeste e terrestre, mantém tudo isso no ser, pois ele (o Sal) é o Fiat.

O homem tem em si a constelação externa, que é a sua roda das essências do mundo exterior e a causa da fundação afetiva (Gemüth); mas ele tem também a constelação interna, do centro das essências ígneas e, no segundo princípio, aquela das essências divinas de luz-flamejante. Ele tinha toda a magia do Ser de todas as coisas em si. A possibilidade estava nele: ele era capaz de criar de forma mágica, pois amava a si mesmo, desejando, de seu centro, a semelhança. Tendo sido concebido do desejo de Deus, e trazido à luz pela genetrix no Fiat, da mesma forma deveria trazer à luz sua hoste angélica ou humana.

Mas se tudo deveria ser gerado de um, ou seja, do trono principesco, ou um do outro, não é necessário saber. Basta-nos saber o que somos e qual é o nosso reino. Contudo, acredito, no fundo, no centro, que um surgia do outro; pois o centro celeste, assim como o terrestre tem seus momentos, que estão sempre surgindo, já que a roda das essências em todos os três Princípios está sempre em movimento, revelando continuamente uma maravilha após a outra. Assim foi construída e composta a imagem do homem, na sabedoria de Deus, onde encontram-se inumeráveis maravilhas; estas deveriam ser reveladas pela hoste humana. Sem dúvida, com o curso do tempo, uma maravilha maior seria revelada, mais em um do que no

outro, sempre de acordo com as maravilhosas variações da criação celeste e terrestre; de fato, este é o caso atual, onde encontramos uma maior ciência e compreensão em um indivíduo do que em outro. Portanto, concluo que um homem nascia e dava origem a outro, em conexão com as grandes maravilhas e para a alegria e deleite do homem, já que cada homem criaria seu próprio companheiro. Desta forma, a raça humana teria permanecido num processo de nascimento até Deus colocar o terceiro Princípio deste mundo em seu éter novamente, pois este é um globo com começo e fim. Quando o começo atinge o fim, e o que era último for o primeiro, tudo está consumado. Então o meio será purificado e penetrará novamente aquilo onde encontrava-se antes dos tempos deste mundo, exceto as maravilhas que persistem na sabedoria de Deus, na grande magia, como uma sombra deste mundo.

Visto que Adão era uma imagem tão gloriosa, e além do mais, que estava no lugar de Lúcifer, que havia sido expulso, o demônio invejou sua posição, teve um ciúme violento, estabelecendo seu alvo e sua ânsia continuamente diante de Adão, deslizou com sua ânsia na terrenalidade do fruto, fazendo com que Adão acreditasse que a grande glória residia em sua terrenidade incandescente. Se bem que Adão não o conheceu; pois ele não apareceu em sua forma própria, mas na forma de serpente, como na forma de uma besta argilosa; ele praticou truques simiescos como um tolo, que seduz os pássaros e os captura. Ele havia mais que nada, com seu ímpeto de orgulho, infectado e aniquilado metade do reino terrestre, que tornou-se inteiramente corrompido e vão, ainda que tivesse sido gradualmente libertado da vaidade. E como o demônio sentiu que Adão era um filho de Deus, que possuía glória e poder, ele o perseguiu veementemente. A cólera incandescente de Deus também perseguiu Adão, a fim de se deleitar nesta imagem viva.

Como vemos, tudo atraía Adão e desejava possuí-lo. O reino do céu desejava-o para si, pois ele havia sido criado para esse reino. Da mesma forma, o reino terrestre o desejava, pois tinha uma parte nele; o reino terrestre desejava ser seu mestre, já que ele era apenas uma criatura. A cólera feroz lançou suas garras, desejando tornar-se criatura e essencial, a fim de saciar sua grande e aguda fome. Adão então, foi tentado por quarenta dias, tanto quanto o Cristo foi tentado no deserto e Israel, no monte Sinai,

quando Deus deu a eles a lei, para ver se aquele povo teria condições de permanecer firme na qualificação do Pai, na lei, diante de Deus; ver se o homem poderia continuar em obediência, de tal forma que poderia colocar sua imaginação em Deus, a fim de que Deus não precisasse se tornar homem: por conta disso, Deus realizou aquelas maravilhas no Egito, para que o homem visse que há um Deus, e que amasse e temesse a Ele. Mas o demônio era um mentiroso e um enganador, Israel foi afastada por ele, construindo um bezerro, ao qual adorou como a um Deus. Não foi mais possível permanecer firme. Portanto, Moisés desceu da montanha com as tábuas onde a lei havia sido escrita e as quebrou, matando os adoradores de bezerro. Com isso, Moisés não deveria conduzir o povo à terra prometida; isto era impossível. Josué teria que fazê-lo e posteriormente Jesus, que na tentação permaneceu firme diante do demônio e da cólera de Deus, aquele que venceu a cólera e despedaçou a morte, como fez Moisés com as tábuas da lei. O primeiro Adão não conseguiu permanecer firme, ainda que estivesse no Paraíso e o reino de Deus estivesse diante de seus olhos. A cólera de Deus encontrava-se muito mais inflamada, atraindo Adão; a cólera encontrava-se muito mais inflamada na terra, por causa da imaginação e vontade poderosa do demônio.

A Razão diz: Será que o demônio tinha tanto poder? Sim, caro homem, e o homem também tem; ele pode remover montanhas, se a penetrar fortemente com sua imaginação. O demônio procedeu da grande magia de Deus e era um príncipe ou rei de seu trono. Ele penetrou o forte poder do fogo, com a intenção de ser senhor de todas as hostes celestes. Assim, a magia tornou- se inflamada e a grande turba foi gerada, a qual lutou com Adão para ver se ele era forte o bastante para possuir o reino do demônio e reinar ali, em outra fonte. O espírito da razão de Adão, é verdade, não compreendeu isso; mas as essências mágicas, de onde surgem o desejo e a vontade, satisfizeram uma a outra, até que Adão começasse a imaginar a terrenidade e desejasse obter o fruto terrestre. Assim foi feito. Pois sua imagem pura, que deveria alimentar-se unicamente do Verbo de Deus, tornou-se infectada e obscurecida: a árvore terrestre da tentação cresceu imediatamente, pois assim desejou e permitiu a luxúria de Adão. Ele tinha que ser tentado, para ver se permaneceria firme. Surge então o severo mandamento de Deus, que disse à Adão: “Podes comer de todas as árvores do Jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás,

porque no dia em que dela comeres terás que morrer" (Ge. 2. 16,17). Quer dizer, morrer para o reino do céu e tornar-se terrestre. Adão conhecia muito bem o mandamento, portanto não comeu, mas imaginou ali e foi tomado prisioneiro de sua imaginação, e totalmente sem vigor, fraco e debilitado, foi vencido; Adão caiu então no sono.

Desta forma, ele caiu diante da magia e sua glória foi perdida. Pois adormecer indica morte e subjugação. O reino terrestre o subjugou e desejou governá-lo. O reino sideral desejou possuir Adão e realizar suas maravilhas através dele, pois nenhuma outra criatura havia jamais sido tão elevada quanto o homem, capaz de conter o reino sideral. Portanto, Adão foi atraído e devidamente tentado, para ver se poderia ser senhor e rei das estrelas e elementos. O demônio estava a serviço e também pensou em atrair o homem e trazê-lo sob o seu poder, a fim de que este trono pudesse finalmente permanecer seu reino; pois ele sabia muito bem que se o homem deixasse a vontade de Deus, ele se tornaria terrestre. Sabia também que o abismo do inferno encontrava-se no reino terrestre; portanto, ele tinha muito o que fazer. Pois se Adão tivesse se manifestado magicamente, o Paraíso teria continuado na terra. Isso não interessava ao demônio, ele não gostava do Paraíso e nem o queria em seu reino; pois esse não cheirava a enxofre e fogo, mas a amor e doçura. Então, pensou o demônio: Tu não irás comer desta erva, pois deixarias de ser um senhor no fogo.

Assim, a queda de Adão permanece inteiramente na essência terrestre. Ele perdeu a essência celeste, de onde surge o amor Divino, e adquiriu a essência terrestre, de onde surge a cólera, a malícia, o veneno, a doença e a miséria; perdeu também os olhos celestes. Além do mais, não mais podia comer de forma paradisíaca, mas imaginava o fruto proibido, no qual o bem e o mal estavam misturados, como ainda estão hoje em dia, todos os frutos na terra. Assim, os quatro elementos tornaram-se ativos e operaram efetivamente nele, pois sua vontade, através da imaginação, tomou o reino terrestre para habitar o fogo da alma. Desta forma, abandonamos o Espírito de Deus para penetrar o espírito das estrelas e dos elementos; estes o receberam e regozijaram-se nele, pois ali vieram a ser vivos e poderosos. Anteriormente, eram compelidos a serem submissos e contraídos; mas agora haviam obtido o domínio.

Com isso, o demônio deve ter rido e zombado de Deus; mas ele não sabia o que estava por trás; ele ainda nada sabia sobre a esmagadora da serpente, que afastaria o seu trono e destruiria seu reino. E assim Adão afundou-se no sono, na magia, pois Deus viu que ele não permaneceria firme. Portanto, disse: "Não é bom que o homem esteja só. Vou fazer uma auxiliar que lhe corresponda" (Gen. 2. 18). Através da qual pudesse edificar sua descendência e se propagar. Pois ele viu a queda e veio ao seu auxílio de outra forma, já que não desejava que sua imagem perecesse.

A Razão pergunta: Por que Deus deixou crescer a árvore pela qual Adão foi tentado? Deve ter sido de Sua vontade que Adão fosse tentado. A Razão irá então atribuir a queda à vontade de Deus, e pensa que Deus quis que Adão caísse. Deus, segundo ela, desejou ter um certo número de individualidades no céu e um certo número no inferno, senão teria evitado o mal e preservado Adão, a fim de que ele continuasse bom e no paraíso. Assim julga o mundo presente. Pois, diz, se Deus não fizesse nada que fosse mal, não haveria nada mal, já que tudo é dele proveniente, e só ele é o criador, quem tudo fez. Seguindo este raciocínio, ele fez o que é mal e o que é bom. A Razão insiste em manter esta posição. Pensa também que se não houvesse nada com que o demônio e também o homem fosse cativado, vindo a ser mal, o demônio teria permanecido um anjo e o homem no Paraíso.

Resposta: Sim, cara Razão, agora atingistes o ponto; não podes fracassar se não és cega. Ouça atentamente: Por que falas da luz, já que padeces no fogo? Que deleites não terias, caso não habitasse o fogo. Colocaria minha tenda junto a ti, mas tu habitas o fogo; Eu não posso. Tudo o que tens a fazer é dizer à luz: saia do fogo, então serás esplendida e encantadora. E se a luz te obedecer, encontrarás um grande tesouro. Como irás te regozijar se puderes habitar a luz! Quando o fogo não puder te queimar. Assim tão longe vai a Razão.

Mas veja corretamente com os olhos mágicos, compreenda com os olhos divinos e também com os olhos naturais, então isso lhe será mostrado, ou seja, se não fores cega e morta. Observe, digo isso para que compreenda por analogia, visto que a Razão é tola e nada compreende sobre o espírito de Deus. Imagine, então, que eu tivesse o poder de tirar a luz do fogo (o que

não pode ser) e ver o que se segue. Reflita! Se eu separar a luz do fogo, (1) a luz perde a sua essência. Através da qual brilha; (2) ela perde a sua vida e se torna desprovida de poder; (3) ela é perseguida e superada pelas trevas, extinta em si mesma e se torna um nada, pois ela é a liberdade eterna e um não fundamento; enquanto brilha, é boa, e quando se extingue é um nada.

Observe mais! O que eu ainda conservo do fogo se separar dele a luz e o brilho? Nada, senão um desejo seco e trevas. Ele perde essência e vida, perde o desejo e se torna como um nada. Seu súlfur anterior é morte; consome a si mesmo enquanto existir essência. Quando não mais houver essência, haverá um nada, um não fundamento, onde não permanecerá vestígio algum.

Então, cara alma que busca, medite sobre isto: Deus é a luz eterna, sua fonte e poder reside na luz. A luz produz brandura, e da brandura o ser é produzido; esse ser é o ser de Deus, e a fonte da luz é o Espírito de Deus, que é a origem. Não há outro Deus do que este Deus. Na luz está o poder, e o poder é o reino. A luz e o poder possuem apenas uma vontade-amor, que não deseja nada mal; ela, de fato, deseja ser, mas a partir de sua própria essência, ou a partir do amor e da doçura, pois isso é como a luz. Mas, a luz surge do fogo, e sem o fogo ela não seria nada, não haveria essência sem o fogo. O fogo provoca a vida e o movimento e é a natureza, mas tem uma vontade diferente da luz. Pois ele é uma fúria ou voracidade e seu único desejo é consumir. Ele só tira e cresce no orgulho; enquanto que a luz nada tira, mas oferece, sendo assim preservado o fogo. A fonte do fogo é a ferocidade, sua essência é amarga, seu ferrão é hostil e desagradável. Ele é um inimigo em si, e se auto consome; e se a luz não vier em seu auxílio, ele se devora, a fim de se tornar um nada.

Portanto, cara alma que busca, reflita sobre isto, e logo irás alcançar o objetivo e a paz. Deus é, desde a eternidade, o poder e a luz, sendo chamado de Deus, de acordo com a luz e de acordo com o poder da luz, de acordo com o espírito da luz e não segundo o espírito do fogo. Pois o espírito do fogo é chamado de sua ira, cólera e não é denominado Deus, mas um fogo consumidor do poder de Deus. O fogo é chamado natureza e a luz não é chamada natureza; é verdade que ela possui a propriedade do fogo, mas transmudada, de cólera em amor, de devoradora e consumidora

em realizadora, de inimigo e dor amarga em doce beneficência, desejo amigável e plenitude perpétua; pois o desejo-amor extrai a brandura da luz e é uma virgem fecundada, ou seja, fecundada com a compreensão e sabedoria do poder da Divindade.

Assim, estamos altamente qualificados para reconhecer o que é Deus e a natureza, o fundamento e o não fundamento, e também a profundeza da eternidade. Reconhecemos, então, que o fogo eterno é mágico e que é gerado na vontade que deseja. Se o eterno e insondável é mágico, também é mágico o que nasce do eterno, pois a partir do desejo surgiram todas as coisas. O céu e a terra são mágicos, assim como a mente e as essências; se pudéssemos ao menos conhecer a nós mesmos!

Ora, o que pode fazer a luz se o fogo captura e absorve algo, quando, contudo, o objeto capturado pelo fogo também é mágico? Se tem uma vida, poder e compreensão da luz, por que então corre para o fogo? O demônio era um anjo e Adão uma imagem de Deus; ambos possuíam o fogo e a luz, e mais que isso, possuíam a compreensão divina em si. Por que o demônio imaginou no fogo e Adão na terra? Eles eram livres. Não foi a luz e o poder de Deus o que atraiu o demônio para o fogo, mas a cólera da natureza. Por que seu espírito consentiu? A Magia fez por ele, aquilo que ele tinha dentro de si. O demônio fez para si o inferno, era isso o que ele tinha. Adão se fez terrestre, é isso o que ele é. Deus não é uma criatura, nem um realizador, mas um Espírito e um Revelador. Com o evento da criação, a posição pode ser considerada e apreendida da seguinte forma: O fogo e a luz despertaram, ao mesmo tempo, no desejo, e desejaram um espelho ou imagem de acordo com a eternidade; o conhecimento real nos diz, que a ferocidade ou a natureza do fogo não é realizadora; ela não tornou nada substancial de si mesma, pois isto não pode ser; mas ela tem feito fonte e espírito. Ora, nenhuma criatura tem sua subsistência apenas na essência. Se uma criatura tiver que existir, deve ser através da substância, assim como pelo poder ou súlfur, deve consistir do sal espiritual; então, do fogo-fonte surge um mercúrio e uma verdadeira vida essencial; além disso ela deve ter brilho, caso se queira encontrar nela inteligência e cognição.

Assim, sabemos que toda criatura tem sua subsistência no súlfur, mercúrio e sal espiritual. Mas o espírito por si só não realiza tudo isso; deve

haver súlfur, onde há o Fiat, ou seja, a matriz salgada para o centrum naturae, onde o espírito é mantido; é preciso haver substância. Pois onde não há substância, não há forma. Um espirito criaturalizado não é um ser compreensível; ele precisa atrair substância para si, através da imaginação, caso contrário não subsiste.

Se o demônio atraiu ferocidade em seu espírito, e o homem a materialidade, o que poderia o amor da essencialidade de Deus fazer com relação a isso? Pois o amor e a brandura de Deus, com a essência divina, estava presente e se ofereceu ao demônio, assim como ao homem. Quem pode acusar a Deus? Que a essência colérica era demasiadamente forte no demônio, a ponto de extinguir a essência-amor: o que Deus pode fazer? Se uma boa árvore for plantada, e mesmo assim morrer, o que pode a terra fazer? Ela concede à árvore, no entanto, seiva e energia. Por que a árvore não as toma para si? Tu poderás dizer: Suas essências são muitos frágeis. Mas o que pode a terra fazer, ou mesmo aquele que plantou a árvore? Sua vontade é apenas que cresça, para sua satisfação, uma boa árvore, e pensa em aproveitar o seu fruto. Se ele soubesse que a árvore fosse perecer, nunca a teria plantado.

Temos que reconhecer que os anjos foram criados, não como uma árvore que foi plantada, mas a partir do movimento de Deus, a partir dos dois princípios, ou seja, da luz e das trevas, onde o fogo está oculto. O fogo não queimou no ato da criação e no movimento, como não queima agora, pois ele tem seu princípio próprio. Por que Lúcifer o despertou? A vontade surgiu de seu ser criaturalizado, e não de fora dele. Ele desejava ser o senhor do fogo e da luz; desejou extinguir a luz, e ignorou a brandura; ele desejou ser o senhor-fogo. Vendo que ele desprezou a luz e o seu nascimento na brandura, acabou sendo simplesmente expulso. Desta forma, perdeu o fogo e a luz, tendo que habitar no abismo das trevas. Se ele tivesse o fogo, ele o inflamaria com sua malícia, na imaginação. Além disso, este fogo não queima propriamente para ele, mas somente na fonte essencial feroz, de acordo com as quatro formas no centrum naturae que fornece o fogo em si mesmas. A primeira forma é azeda, dura, áspera e fria; a segunda forma, no centro, é amarga, aguda, hostil; a terceira forma é ansiedade, dor e tormento; e com a ansiedade, como no movimento e na vida, ele (Lúcifer) lançou fogo na dura amargura, entre a dureza e o amargor azedo, a fim de

brilhar como um raio de luz, que é a quarta forma. E se não há brandura ou essência da brandura, não se produz a luz, mas unicamente um lampejo; pois a angústia terá a liberdade, mas é muito aguda, e a tem senão como um lampejo, ou seja, fogo, ainda que não possua nenhuma estabilidade ou fundamento. Assim, o demônio deve habitar nas trevas, e tem apenas o lampejo ígneo em si mesmo; além do mais, toda a imagem de sua habitação é como um lampejo ígneo, como se houvesse um trovão: assim a propriedade infernal se apresenta na fonte.

Desta mesma forma devemos compreender a árvore da tentação, a qual Adão despertou através de sua imaginação: ele desejou, e a matrix naturae apresentou- lhe aquilo que ele desejava. Deus o proibiu de tocá-la; mas a matrix terrestre teria Adão, pois ela reconheceu nele o poder divino. Isto porque o poder divino havia se tornado terrestre através da inflamação do demônio, embora não estivesse morto, ele buscava ser o que era antes, ou seja, buscava a liberdade, para ficar livre da vaidade; e em Adão estava a liberdade.

Foi assim que ela atraiu Adão, a fim de que ele começasse a imaginar; e Adão cobiçou a vontade e o comando de Deus, como encontramos em Paulo: “Pois a carne tem aspirações contrárias ao espírito e o espírito contrárias à carne” (Gal. 5, 17). A carne de Adão era metade celeste e metade terrestre, e assim o espírito de Adão também havia trazido, pela imaginação, um poder para a terra, e a matrix naturae deu a ele aquilo que ele desejou. Ele havia que ser tentado, para ver se podia permanecer firme, como um anjo no lugar de Lúcifer. Portanto, Deus não o criou meramente como um anjo, a fim de que, se ele caísse e não permanecesse firme, Ele poderia ajudá- lo, para que ele não perecesse na cólera feroz, como Lúcifer. Por causa disso, Adão foi criado da matéria, e seu espírito foi introduzido na matéria, ou seja, num súlfur de água e fogo, para que Deus fosse capaz de gerar nele uma nova vida: como uma bela flor, doce e perfumada, cresce da terra. Este era o objetivo de Deus também porque ele sabia que o homem não ficaria firme. Paulo também diz: “Somos pré ordenados em Cristo Jesus antes da fundação do mundo”, ou seja, quando Lúcifer caiu, a fundação do mundo ainda não estava estabelecida, mas o homem já havia sido visto na sabedoria de Deus. Se, contudo, ele haveria de ser criado a partir dos três princípios, já havia perigo, por conta do súlfur inflamado dos materiais.

Embora ele houvesse sido criado acima da terra, mesmo assim o súlfur havia sido extraído da matrix da terra, como uma floração da terra, o perigo já existia. Aqui, o doce nome de Jesus introduziu-se formativamente, como um salvador e um regenerador; pois o homem é o maior mistério produzido por Deus. Ele tem a imagem na qual se vê como a Natureza Divina tem, desde a eternidade, se gerado a partir da ferocidade, a partir do fogo, mergulhando, perecendo, num outro princípio, de uma outra fonte. Assim, ele também é resgatado da morte, e cresce da morte num outro princípio, de outra fonte e poder, onde é totalmente libertado da terrenidade.

É extremamente benéfico para nós que tenhamos, com relação a parte terrestre, caído a ponto de dividir a terra, se é que ao mesmo tempo, obtenhamos a parte divina. Pois desta forma, fazemos de nós mesmos praticamente puros, voltando ao reino de Deus totalmente perfeitos, apesar de qualquer anelo do demônio. Somos um mistério muito maior do que os anjos. Devemos também superá-los em essência divina. Pois eles são chamas de fogo, iluminados pela luz; mas nós possuímos a grande fonte de brandura e amor que surge na santa essência de Deus.

Portanto, comportam-se falsa e erroneamente aqueles que dizem que Deus não quis ter todos os homens no céu. Ele quis que todos fossem salvos; é a própria falta do homem, o que não permite que ele seja salvo; muito embora, muitos tenham uma tendência má, isto não procede de Deus, mas da matrix naturae. Poderias tu acusar à Deus? Mentes; o Espírito de Deus não se extrai de nenhum outro. Expulsa tua fraqueza, penetra a brandura, a verdade, o amor e te entrega à Deus, então serás salvo; foi por isso que Jesus nasceu, porque ele quis salvar. Tu dizes: Estou preso, não posso. Realmente! Tu irás então desejar; assim como o demônio desejou. Se és um cavaleiro, por que não lutas contra o mal? Mas se lutas contra o bem, és um inimigo de Deus. Pensas que Deus irá colocar uma coroa angélica sobre o demônio? Se és um inimigo, não és amigo. Se pretendes ser um amigo, abandona a inimizade e vá até ao Pai, então serás um filho. Onde quer que seja, quem quer que seja que acuse à Deus é um mentiroso e um assassino como o demônio. Tu és, de fato, teu próprio realizador, por que te fazes mal? Embora sejas um material de má espécie, Deus deu a ti seu coração e espírito. Use estes dons para a realização de si mesmo, e farás de ti algo bom. Mas se usas a inveja e o orgulho, e também o prazer da vida

terrestre, o que Deus pode fazer? Irá Deus se posicionar junto ao teu orgulho desprezível? Não, esta não é sua fonte. Mas tu dirás: Eu sou uma fonte mal, e não posso, estou preso. Bem, deixe a fonte demoníaca de lado e penetre com tua Vontade-Espírito no amor-espírito de Deus, entrega- te à Sua misericórdia; algum dia, certamente serás libertado da fonte má. Esta nasce da morte. Quando a terra recebe o corpo, ela pode tomar para si a maldade que pertence ao corpo; mas tu és e continuas sendo um espírito na vontade de Deus, em seu amor. Deixe que o mal Adão morra; um novo e bom irá florescer do velho, em ti, como uma bela flor floresce do adubo mal cheiroso. Tenha o cuidado de manter o espírito em Deus. Não há necessidade de grandes preocupações quanto ao corpo mal, que está repleto de maus efeitos. Se ele tiver uma inclinação à fraqueza, não lhe dê o que é bom; não lhe dê a oportunidade de exercitar a lascívia. Mantê-lo em restrição é um bom remédio; Mas abusar da bebida e da comida é afundar-se com o demônio na lama, onde ele se enlameia como um suíno. Ser sóbrio, ter uma vida equilibrada, é um excelente purgatório para o mal ignorante; não dar a ele aquilo que anseia, deixa-lo jejuar freqüentemente, a fim de que não impeça a oração, é extremamente benéfico. Ele recusa, é claro, mas a Compreensão deve ser mestre e senhora, pois contém a imagem de Deus.

Na verdade, isto não é nada agradável ao mundo da Razão, na esfera dos prazeres carnais. Mas por não ser agradável, e além disso atrair e beber nada além da sensualidade terrestre e má, a cólera mistura-se a ela, fazendo com que passe com Adão constantemente para fora do Paraíso, e com Lúcifer para o abismo. Lá irás comer e beber aquilo que, na vida presente atraiu voluntariamente para ti. Mas à Deus não deves acusar; senão serás um mentiroso e inimigo da verdade. Deus não habita em nenhum mal, nem há nele qualquer pensamento mal. Ele tem senão uma só fonte, ou seja, a do amor e da alegria; mas sua cólera feroz, ou seja, a natureza, tem muitas fontes. Portanto, que cada um tome cuidado com o que faz. Cada homem é seu próprio Deus e também seu próprio demônio: a fonte para a qual se inclina e para a qual se entrega, é aquela que o impele e o guia: ele se torna seu operário.

É uma grande miséria o fato do homem ser tão cego a ponto de não reconhecer o que é Deus, embora ele viva em Deus. Há homens que até

mesmo fazem disso assunto proibido, afirmando, que não se deve questionar sobre o que é Deus, ao mesmo tempo que são reconhecidos como mestres de Deus. Estes são mestres do demônio, trabalhando para que ele e seu reino de falsidades hipócritas não seja revelado e conhecido.

Quando o homem está exausto e esgotado, ele cai no sono, como na magia. É como se ele não estivesse neste mundo, pois todos as suas percepções sensoriais cessam, a roda das essências entra num estado de repouso, é como se o homem fosse essencial e não substancial. Ele assemelha-se unicamente à magia, pois nada sabe sobre seu corpo; ele deita-se como se estivesse morto, sem estar morto; seu espírito tranqüiliza-se. As essências satisfazem-se e só o espírito da alma enxerga. Então é revelado, no espírito sideral, tudo aquilo que o céu astral traz consigo, sendo colocado magicamente na mente, como em um espelho, no qual o espírito do grande mundo observa e conduz o que vê no espelho para as essências; as essências emergem ali, como se concluíssem seu trabalho no espírito; as essências, mais que nada, emanam suas obras no espírito, como sonhos e prefigurações.

Devemos reconhecer, então, que quando a terrenidade lutou com Adão e ele colocou nela a sua imaginação, foi prontamente infectado, tornando-se obscuro e feroz em sua alma; pois a terrenidade começou a ser operativa, como uma água que começa a ferver; a fonte astral manifestou-se, passando a ser senhora do corpo. Moisés disse verdadeiramente: “Deus fez com que um sono profundo caísse sobre Adão”. Ou seja, tendo em vista que sua Vontade-Espírito desejou a terrenidade, Deus o deixou cair. Pois com seu desejo ele introduziu a terrenidade na essencialidade celeste, e isto o Espírito de Deus, que é um Espírito de luz, não pôde aceitar. O espírito de Adão era uma criatura, que abandonou o amor-espírito de Deus. Certamente, Ele não o abandonou por vontade própria, mas a terrenidade já o havia capturado. Quando Ele o abandonou, este afundou-se numa falta de poder, caindo no poder do terceiro Princípio, ou seja, das estrelas e dos quatro elementos; o homem foi envolvido na magia terrestre. Mas ele não se tornou totalmente terrestre; ele permanece no mistério, oculto entre o reino de Deus e o reino deste mundo, já que os dois Fiat, o divino e o terrestre, estavam ativos em nele; os dois reinos, o reino de Deus e o reino do inferno, encontravam-se agora em conflito por causa do homem. Se o

precioso nome de Jesus, não tivesse sido imprimido em Adão, mesmo antes de sua criação, na essencialidade de Deus, onde estava a Virgem da sabedoria de Deus, onde Adão foi criado, ele ainda estaria, com certeza, dormindo, na morte terrestre.

Esta é a razão pela qual o segundo Adão, o Cristo, teve que descansar até o terceiro dia na terra, no sono do primeiro Adão, e fazer ressurgir o primeiro Adão fora da terrenalidade. Pois o Cristo também tinha uma alma e um espírito proveniente de Adão, e o Verbo precioso da Divindade, com o Espírito de Deus manifestou-se novamente na carne de Cristo a essencialidade morta do súlfur, ou o corpo que estava morto em Adão, restaurando-o no poder da Majestade de Deus; ali, todos nós fomos restaurados!

Todos aqueles que pela fé e desejo penetram a carne e o sangue de Cristo, em sua morte e repouso na terra, todos estes florescem em espírito e vontade na Essencialidade divina, e são uma bela flor na Majestade de Deus. Deus, o Verbo eterno e o poder, irá manifestar em si, no último dia, através de Seu Espírito, o corpo morto, o qual em Adão havia caído no poder da terra. Pois a alma e a carne de Cristo, que são também nossa alma e carne, ou seja, a parte que Adão recebeu da divina Essencialidade, contém Deus em si, e na morte de Cristo separou-se da natureza terrestre e elevou-se, introduzindo-se na Essencialidade divina, como era antes dos tempos, e como era em nós, em Cristo e por Cristo. Há em nós, hoje em dia, uma falta de rendição ou submissão tão grande, o que nos torna vulnerável ao demônio; pois nossa morte foi dissolvida, nosso sono tornou-se vida, em Cristo, por Cristo em Deus, e por Deus na eternidade, sendo que nosso fundamento passou ao não fundamento, ou seja, para a Majestade, sem a natureza do fogo.

Ó, cegueira, que não permite conhecermos a nós mesmos! Ó, tu, homem puro! Se conheceste a ti mesmo, quem és, como te regozijaria! Expulsarias o demônio, ele que luta, dia e noite, para tornar nossa mente terrestre, a fim de que não reconheçamos nossa terra verdadeira e nativa, a qual abandonamos! Ó miserável e corrupta Razão, se percebestes senão uma faísca de tua glória primordial, como lutaria por ela! Quão graciosa é a face da Essência Divina! Quão doce é a água da vida eterna, que jorra da

Majestade de Deus! Ó preciosíssima Luz, uma vez que te manifestastes, destrua o poder do demônio, que nos mantém cativo! Interrompa o poder do Anticristo e da inveja, e livrai-nos do mal! Desperta-nos, Senhor; temos dormido por um longo período, na armadilha do demônio, na fonte terrestre! Permita vermos, uma vez mais, a tua salvação, manifesta a nova Jerusalém! É dia, por que devemos dormir durante o dia? Venha, tu que rompes a morte, tu poderosa heroína e campeã, destrua o reino do demônio na terra! Dai- nos (a teu Adão doente) mais um alimento de Sion, para que possamos nos revigorar e voltar à nossa verdadeira e nativa terra! Vejam, todas as montanhas, colinas e vales estão repletos da glória do Senhor: Ele germina como uma planta, quem poderia impedi-lo? Aleluia!

Ora, quando Adão adormeceu, posicionou-se no mistério, como nas maravilhas de Deus; o que Ele fez com Adão estava feito. Assim, o nome impresso de Jesus colocou o Fiat em movimento, em duas formas, ou seja, na tintura do fogo e na tintura da água. Pois esta primeira imagem havia caído sob o poder do nome de Jesus, no Verbo da vida, e agora o Verbo da vida era o segundo criador (compreende, com o nome impresso de Jesus, que se tornaria homem). Este segundo criador separou as duas tinturas, a do fogo e a da água, uma da outra, não em poder mas em essência; pois na essência da tintura da luz encontrava-se o sulphur veneris do amor, ao qual Adão estava destinado e que o fazia capaz de se tornar fecundo. A tintura do fogo fornecia a alma e a tintura da luz fornecia o espírito, como uma imagem de acordo com a imagem exterior. O fogo-vida desejava a luz-vida, e a luz-vida desejava o fogo-vida, ou seja, desejava o poder essencial de onde brilha a luz; tal posição era uma em Adão, pois ele era homem e mulher. E o Verbo da vida tirou de Adão, a tintura de Vênus com o Fiat celeste e terrestre, tirou também uma costela de seu lado, e a meia- cruz T na cabeça, que é a marca da Santíssima Trindade, estampada com o Verbo da Vida, assim como o severo nome de Deus, que possuía a mesma caracterização. T indica a cruz de Cristo, na qual iria padecer a morte e regenerar Adão, e no nome de Jesus, introduzi-lo na Santíssima Trindade. O Fiat tomou tudo isso para si, com todas as essências da qualidade humana, da mesma forma que a propriedade do fogo da alma, mas na tintura de Vênus, não de acordo com o poder do centro; e dividiu inteiramente a forma do homem.

Assim foi feita a mulher, com todos os membros e propriedades femininas, as mesmas que ela ainda possui; pois o espírito majoris mundi tinha agora o Fiat mais forte, e figurou a mulher de acordo com esta forma. Pois a forma angélica havia partido; a geração passaria a ocorrer de forma animal. Desta forma, também foi dado à Adão, tendo em vista que ele havia caído no poder da magia terrestre, uma forma animal e a imagem de membros masculinos; a geração de Adão foi atribuída ao Fiat, que fez dele mesmo uma semelhança. Se sua mente tivesse permanecido celeste, ele poderia ter criado a si mesmo, de forma celeste. Esta geração foi feita então pelo Fiat terrestre e seu corpo exterior tornou-se um animal; ele perdeu também a compreensão celeste e a virtude do Todo-Poderoso.

Assim, caro leitor, deves saber que Cristo, o segundo Adão, não sofreu em vão a sua crucificação e a perfuração do lado direito pela lança, e nem seu sangue foi derramado em vão. Temos aqui a chave. Adão foi aberto em seu lado direito, junto à sua costela para a formação da mulher. Neste mesmo lado deve surgir a lança de Longines, com a cólera de Deus, pois ela penetrou Adão e através da terrenidade de Maria, também penetrou o lado de Cristo, e o sangue de Cristo tinha que extinguir a cólera e afastá-la do primeiro Adão; pois o segundo Adão tinha também o sangue celeste, e este tinha que extinguir a turba terrestre, a fim de que o primeiro Adão pudesse ser feito completo novamente.

Que seja dito a vós, filhos dos homens, pois isto foi conhecido na santíssima trindade, e não em opiniões e conceitos. A sua alma e o seu corpo estão em risco. Cuidado com o que fazes.

Teve início, então, a reprodução humana de forma animal. Pois Adão reteu o limbos, e sua Eva a matriz de Vênus, enquanto as tinturas haviam se separado. Ora, cada tintura é uma mágica completa, como um desejo ardente, no qual nasce o centrum naturae, no súlfur. Então a mágica desejosa, com a tintura, é novamente encontrada no súlfur, e ainda assim não pode se ater à vida, a menos que a tintura do fogo penetre a tintura de Vênus. A tintura de Vênus é incapaz de despertar um fogo, pois é muito fraca. Não podendo estar no fogo e visto que, ao mesmo tempo, as duas tinturas desejam a vida, têm início o violento desejo do homem e da mulher, sendo que um deseja misturar-se com o outro; pois a força das essências

deseja ser vital, e a tintura impele ali e também o deseja. Pois a tintura pertence à vida eterna, mas está encerrada na substância. Assim, ela deseja viver como vivia desde a eternidade; portanto, o homem deseja a matriz da mulher e a mulher deseja o limbos do homem.

A mulher tem uma tintura aquosa e o homem uma tintura ígnea. O homem semeia a alma, a mulher semeia o espírito e ambos semeiam a carne, ou seja, o súlfur. Desta forma o homem e a mulher são um corpo, e os dois produzem um filho; portanto, eles devem permanecer juntos, se alguma vez se fundiram, pois eles se tornaram um corpo. Mas aquele que se funde com outros, ou que se separa, quebra a ordem na natureza, assemelham-se a uma besta bruta, e não consideram que em sua semente reside a tintura eterna, onde está oculta a essencialidade divina, que neste caso será despertada na parte colérica. Além do mais, esta fornicação é uma obra que segue a sombra do homem, e no final desperta sua angústia na consciência. Pois a tintura na semente, tem sua origem na eternidade; ela é imperecível, aparece na forma de espírito e penetra na mágica do homem, de onde o homem a produziu e a manifestou.

Note isto, prostitutas e libertinos: o caminho que segues em segredo, freqüentemente com grande duplicidade, penetra a sua consciência e transforma-se para vós um verme mal e roedor. A tintura é um ser eterno e gostaria de viver no amor de Deus. Mas se, sob o impulso da região astral, através da infeção do demônio, tu a colocas num vaso falso e impuro, na abominação e na desordem, dificilmente irá conter o amor de Deus; ao contrário, passa desejando o primeiro lugar, em ti. Se a tintura se tornou falsa, num falso vaso, não podendo repousar, ela irá te corroer e trazer o abismo infernal para a consciência. Não se trata de ficção ou brincadeira. Não seja portanto, totalmente animal; pois um animal toma sua tintura unicamente deste mundo, mas tu a toma da eternidade. O que é eterno não morre. Ainda que tu corrompas o súlfur, ainda assim a vontade espírito no súlfur penetra a nobre tintura no mistério, e cada mistério toma aquilo que lhe pertence. E no último dia, quando o Espírito de Deus irá se movimentar em todos os três Princípios, o mistério será revelado: ali verás tuas boas obras.

Assim a grande misericórdia de Deus com relação à raça humana é

altamente reconhecida por nós; pois Deus quis ajudar o homem. Se, ao contrário, Deus tivesse desejado a propriedade animal, ele teria criado imediatamente e logo de início, um macho e uma fêmea; não teria feito um ser único, equipado com as duas tinturas. Mas Deus conhecia bem a queda do homem, assim como a fraude do demônio, que através de Eva fora transformado em escárnio. Quando Adão caiu e adormeceu, o demônio pensou: Agora sou senhor e príncipe da terra; mas a semente da mulher era para ele um obstáculo.

Devemos compreender o despertar de Adão. Ele adormeceu para o mundo celeste, e despertou para o mundo terrestre. O espírito do grande mundo o despertou. Então ele viu a mulher, e sabia que ela era sua carne e seu osso, pois a Virgem da sabedoria de Deus ainda estava nele. Ele olhou para ela e colocou sua imaginação ou desejo nela, já que continha a sua matriz, mais que tudo, a tintura de Vênus; imediatamente, uma tintura buscou a outra. Portanto, Adão a tomou para si e disse: Ela será chamada mulher, pois ela foi tirada do homem. Não se deve considerar Eva como uma virgem pura, assim como nenhuma de suas filhas. A turba destruiu a virgindade, e tornou o amor puro, em terrestre; o desejo terrestre destrói a verdadeira virgindade. A sabedoria de Deus é uma virgem pura, na qual o Cristo foi concebido e num verdadeiro e virgem vaso tornou-se homem, como veremos mais adiante.

Da mesma forma, a virgem terrestre não poderia permanecer no Paraíso. Embora, o homem e a mulher ainda estivessem no Paraíso, e ambos ainda possuíssem a natureza paradisíaca, mesmo que esta estivesse misturada com a ânsia terrestre. Eles estavam nus, e tinham seus membros bestiais para a procriação, mas eles ainda não conheciam estes órgãos e nem estavam envergonhados; pois o espírito do grande mundo não dominava sobre eles, antes de comerem o fruto terrestre. Então seus olhos foram abertos, pois a Virgem celeste da sabedoria de Deus retirou-se deles; Primeiro, eles conheceram o reino das estrelas e dos elementos. Quando o espírito de Deus se foi, o espírito terrestre na fonte fervente e feroz penetrou. Neste instante o demônio foi aceito, infectando e conduzindo-os à cólera e à malícia, como ocorre ainda em nossos dias. Pois a ira de Deus, que surge da Natureza eterna, e a qual o demônio acendeu e despertou, permaneceu no centro terrestre. Nenhuma vida pode nascer sem que o centro seja

despertado; pois o Princípio permanece no fogo, onde toda vida está enraizada, e o centrum naturae tem em suas formas ferocidade ou abrasamento. Portanto, é dito: Curve-se, penetre a humildade, e leve uma vida correta. Pois vida é fogo e a imagem da vida, que é a semelhança de Deus, está na luz, ou seja, no fogo do amor; o fogo-luz, contudo, não fornece o centrum naturae. Assim, o demônio ainda pensa que é um senhor maior do que a criatura no fogo-amor. Certamente ele é mais austero; mas ele vive nas trevas e devora a essencialidade adstringente, o que também o torna um inimigo do amor.

Devemos reconhecer que o demônio é a causa pela qual o homem foi criado em seu lugar, e que ele é culpado pela queda do homem, embora Adão e sua Eva, não puderam permanecer firme, quando Deus dividiu Adão. Eles estavam, de fato, no Paraíso, onde deviam se alimentar do fruto paradisíaco, de forma angélica. Mas eles não apreciaram isso, porque a árvore do conhecimento do bem e do mal era mais agradável a eles; e Eva, tão logo foi feita, imaginou na árvore da tentação. E embora Adão tenha lhe revelado o mandamento, o desejo estava unicamente direcionado à árvore; pois as essências terrestres ainda não estavam manifestadas em Adão e Eva, eles ainda estavam ligados; ocorreu que eles germinaram o mesmo desejo, pois desejavam ser senhores e mestres. Por aí surgiu a infeção do demônio, através de sua imaginação falsa e ascendente. Ele se colocou na forma de serpente sobre a árvore, oferecendo o fruto à Eva, com o efeito de que este fruto tornaria sábio aquele que o comece. Sim, realmente! Sábio para conhecer o bem e o mal; grande miséria; dois tipos de fonte para reinar em uma criatura. Não havia conhecimento melhor. Ele disse a ela verdade e mentiras, ao mesmo tempo, ela seria sábia e seus olhos seriam abertos. Claro, era o suficiente. Ela percebeu rapidamente que pela fonte terrestre ela havia caído no espírito deste mundo, que estava nua; ela reconheceu seus membros bestiais, adquiriu intestinos no corpo e uma carcaça fedorenta, cheia de pesar e miséria, na angústia e na tribulação, como está explicito no livro “De tribus principiis”. Temos diante de nossos olhos, que tipo de anjos do Paraíso éramos nós, como devemos nos gerar e nos sustentar na angústia, no pesar e na miséria, o que deveria ser feito de forma diferente.

Assim, conhecemos suficientemente a queda de Adão e por que ele não

podia permanecer no paraíso, o que era o Paraíso, que ainda existe. Mas ele não contém agora o fruto paradisíaco, e nós não temos a natureza e os olhos paradisíacos; nós não o vemos. Pois, Deus amaldiçoou a terra, por causa do homem, a fim de que o paraíso não mais florescesse sobre a terra. Ele se tornou para nós um mistério, e ainda o é; para este mistério partem as almas dos santos, quando o corpo terrestre se separa da alma. Ele está neste mundo e também fora deste mundo, pois a fonte do mundo não o toca. Todo o mundo poderia ter sido como um paraíso, se Adão tivesse permanecido na inocência; mas quando Deus amaldiçoou a terra, o Paraíso desapareceu; pois a maldição de Deus é uma retirada. A Sua retirada não é um recuar, mas um penetrar em outro Princípio, em si mesmo. O Espírito de Deus saiu de Deus para a essência; mas quando esta essência se tornou terrestre, e o demônio, inimigo de Deus, começou a nela habitar, então o Espírito de Deus penetrou o seu próprio Princípio, ou seja, no amor, retirando-se da terrenidade. Ali, isto é apresentado ao homem na luz da vida. Agora, aquele que deseja penetrar o amor de Deus, usa a sua vontade-espírito para atingir o Paraíso. Desta forma, o Paraíso floresce novamente em sua vontade-espírito, e ele passa a receber novamente, em união com sua imagem, a essencialidade celeste, onde reina o Espírito Santo.

Que isto seja uma pérola para vós, filhos dos homens; pois este é o verdadeiro fundamento. Aquele que o busca e o encontra tem expressado o seu deleite. É a pérola que permanece oculta no campo, do qual falou o Cristo, que um homem vendeu todos os seus bens e comprou a pérola (Mat. 13 – 45,46).

Devemos nos referir ao Querubim, que conduziu Adão e Eva para fora do Paraíso, como o anjo do rigor, o que significa o mutilador da vida terrestre do Paraíso, a fim de que o corpo e a alma se separassem.

Sabemos, de fato, que Adão e Eva foram conduzidos para fora de onde se encontrava a árvore da tentação, pois o fruto paradisíaco estava lá; estes eles não mais iriam ver ou comer, pois o que é celeste não pertence ao terrestre. Os animais também foram conduzidos por conta da árvore má; eles não foram capazes de desfrutar do fruto paradisíaco; mas qualquer animal podia comer desta árvore, pois ela era terrestre. Assim, Adão e Eva foram compelidos a deixarem o Paraíso, pois Deus havia, através do

espírito do grande mundo, os revestido com as peles das bestas, no lugar da vestimenta celeste e brilhante, e havia pronunciado a eles sentenças com relação ao que deveriam fazer neste mundo, o que deveriam comer e como deveriam conseguir o seu pão com sofrimento e na miséria, até que pudessem retornar à terra, de onde foram, em parte, extraídos.

Ver Adão e Eva no Paraíso, como marido e mulher, possuindo ainda a vida e a alegria celestial, embora mistos, era demais para o demônio, sua inveja era enorme. Após provocar a queda de Adão, privando-o de sua forma angélica, passou a observar Eva, como a mulher tirada de Adão, e pensou que poderiam gerar filhos no Paraíso e lá permanecer. Ele disse a si mesmo: "Teu desejo é seduzi-la, a fim de que coma do fruto proibido, isso a tornará terrestre; assim, tu poderás atingir seu coração e trazer teu desejo para dentro dela, então tome-a para o teu reino e continue sendo o príncipe sobre a terra, no terceiro Princípio". De fato, ele conseguiu, induzindo-a a ceder ao falso fruto, pegar da árvore, arrancar uma maçã e comer, oferecendo-a também à Adão. Vendo Adão que Eva não caíra e morrera imediatamente, também comeu, pois o desejo existia em ambos.

Tal foi o pedaço pelo qual o Céu e o Paraíso desapareceram, fazendo com que o Querubim ou mutilador parasse, com sua espada flamejante, diante da porta do Paraíso, e não mais permitisse que eles ali entrassem. Sua espada era o anjo destruidor, que agora corta o homem com o calor, o frio, a doença, com a necessidade e com a morte e por fim, separa a vida terrestre da alma.

Quando esta espada estava para ser quebrada na morte de Cristo, a terra tremeu e o sol se obscureceu; as pedras se romperam diante do forte poder de Deus, que dissolveu a morte. A sepultura dos santos foram abertas, e seus corpos se levantaram; pois a espada foi quebrada e o anjo que guardava o Paraíso, removido. Os corpos dos santos entraram novamente no Paraíso.

Quando Adão e Eva comeram do fruto terrestre, caíram em meio a assassinos, que os surraram e os despiram, deixando-os meio mortos. A saída deles do Paraíso, é a saída de Jerusalém para Jericó, pois deixaram o céu, rumo a este mundo corrupto e mal, para a casa do pecado, onde sem demora, em suas almas, no centrum naturae, a roda dos sentidos começou a

qualificar na fonte terrestre; onde cada sentido era adverso ao outro; onde a inveja, o orgulho, a avareza, a ira e a repugnância surgiram em profusão; pois a luz pura do amor havia sido extinta, aquela que tornava a fonte ígnea agradável, amigável e gentil, no qual o Espírito de Deus operava e a bela Virgem da sabedoria de Deus repousava: eles deixaram a bela sabedoria.

Deus havia criado Adão na Virgem casta de Sua sabedoria. Mas ele, ao contrário, tomou para si uma companheira terrestre, contrária e má, com a qual tinha que viver numa forma animal, em constante pesar, ansiedade e aflição. Do belo jardim de deleites, que havia dentro de si, surgiu um jardim adverso de espinhos e cardos, onde, de certa forma, ele ainda buscava o fruto virgem. O fruto estava com ele, como que com um ladrão, que se encontrava num belo jardim para guardá-lo e preservá-lo, mas o fruto havia sido retirado de lá por roubo; no entanto, ele comeria alegremente do fruto em questão, mas não pode alcança-lo; então, caminha em volta, do lado de fora, estendendo sua mão para alcançar o fruto, que o jardineiro tira dele, sendo forçado a se retirar contrariado, sem satisfazer seu desejo. Isto ocorre com o homem, em relação à mulher.

Quando Adão se encontrava no amor de Deus, e a mulher era nele uma virgem casta, na sabedoria e doçura de Deus, ele comia o frutos dela, e podia certamente se deleitar com seu próprio amor, na matriz de Vênus. Pois a tintura do fogo tem um grande deleite jubiloso na tintura da luz, e Adão tinha isso em si: ele era homem e mulher. Agora ele deve andar ao redor deste jardim, do lado de fora e tocar a tintura de Vênus somente com um membro; as tinturas internas então recebem uma a outra na semente, e assim operam para produzirem uma vida. Mas o corpo exterior não é digno de desfrutar da inqualificação ou da assimilação do reino interno da satisfação, onde a vida da alma é semeada. Somente as essências internas tem este privilégio, pois pertencem ao Eterno. Mas o homem animal exterior satisfaz unicamente um desejo bestial. Ele nada sabe sobre a alegria das essências, quando uma tintura penetra a outra; o que ocorre onde ainda há algo de Paraíso; mas a essência terrestre intercede imediatamente, e é somente um lance ou brilho jubiloso onde é gerada a vontade para a vida, que se mantém nesta direção e se torna fecunda com o súlfur, até atingir o Princípio e atrair o fogo no centro: então ela atinge uma vida verdadeira, e nasce outra alma.

Quando a bela imagem se retirou do amor de Deus, ela soube que passou para um estado diferente. Teve início o terror e o temor da cólera de Deus, que começou a se fazer sentida. Eles olharam um ao outro e se tornaram conscientes da forma animal e de que estavam nus. O demônio deve ter festejado e zombado de Deus. Eles estavam com medo e se esconderam entre as árvores; pegaram folhas de figo, trançaram-nas e as colocaram sobre a sua vergonha, pois a Virgem celeste havia partido. Eles reconheceram a queda e estavam envergonhados; quer dizer, a alma, que pertence ao Eterno, tinha vergonha da natureza bestial: o que ocorre até hoje, temos vergonha de nossos órgãos bestiais. Desde então, a mulher cobre sua vergonha com um pano branco, a fim de que o espírito da alma, que se apresenta nos olhos, não seja atormentado, pois conhece a matrix de Vênus e começa imediatamente, no macho, a imaginá-la; se a mulher se cobrisse de preto e velasse seus olhos, isso não ocorreria facilmente, a não ser pela imaginação; as duas tinturas, a do homem e a da mulher buscam uma à outra imediatamente nos olhos, onde o espírito se revela.

Quando Adão e Eva se aterrorizaram diante da cólera de Deus, Ele chamou Adão e lhe perguntou: “Onde estás?”, disse ele. “Ouvi teu passo no jardim”, respondeu o homem; “tive medo porque estou nu, e me escondi”. Ele retomou: “ E quem te fez saber que estavas nu? Comeste, então, da árvore que te proibi de comer!” O homem respondeu: “A mulher que puseste junto de mim me deu da árvore, e eu comi!”. Iahweh Deus disse à mulher: “Que fizestes?” E a mulher respondeu: “A serpente me seduziu, e eu comi”. (Gen. 3. 9,13).

Em relação a isso compreendemos o grande amor de Deus, que relembrou Adão, a fim de que conhecesse, buscasse e encontrasse a si mesmo, voltando-se novamente à Deus. Pois Adão havia estado em Deus, mas abandonou Seu amor, o segundo Princípio, o santo Paraíso de Deus, para penetrar o reino terrestre exterior deste mundo das estrelas e elementos, no terceiro Princípio. Portanto, Deus disse: “Onde estás Adão?”; “Não vês que não mais estás no céu?” Deus voltou novamente seu semblante gracioso para uma parte em Adão, ou seja, para a parte recebida da essencialidade celeste, aspectando-a novamente com Seu espírito, disse à serpente, no velho demônio: “Pelo que fizestes, serás amaldiçoada”. E tu, serpente criaturalizada, passou a ser uma criatura (pois o demônio havia se

transformado, tomando a forma de uma serpente, e como serpente deveria permanecer), Ele disse: “Sobre sua barriga deve se rastejar, e da terra deves provar”. Por ter seduzido o homem, que se tornou terrestre, a imagem do demônio também deveria ser terrestre e provar da qualidade terrestre colérica, ou seja, veneno: esta deveria ser sua característica.

É preciso saber que o demônio formou para si mesmo a imagem da serpente, das estrelas e elementos, através de sua imaginação, pois ele tinha grande poder até que o Senhor o amaldiçoou totalmente, e colocou o precioso nome de Jesus como uma marca divisória: então seu grande poder caiu. Pois Deus disse à Adão e Eva: “Porei hostilidade entre ti e a mulher, entre a tua linhagem e a linhagem dela. Ela te esmagará a cabeça e tu lhe ferirás o calcanhar” (Gen. 3, 15). Ou seja, na cólera de Deus, tu a mata, mas ela irá ressurgir da morte e esmagar tua cabeça, ou seja, afastar teu poder e superar a cólera com o amor. E neste lugar, o Verbo da promessa da semente da mulher, ou seja, o preciosíssimo nome Jesus, se imprimiu com seu sinal na luz vital; e neste mesmo sinal a preciosíssima Virgem da sabedoria de Deus, na qual o Cristo, aquele que venceu a morte, se tornaria um verdadeiro homem, destitui a morte de seu poder e destrói a ferida do demônio; ele pisaria a prensa de vinho da ferocidade e da cólera, penetraria a cólera como no centro do fogo, extinguindo o fogo com seu sangue celeste e com a água da humildade, que jorra da fonte do Espírito de Deus.

Tenham a certeza de que, se o Verbo da promessa não tivesse se imprimido na luz da vida, quando Adão e Eva caíram na fonte terrestre, o espírito da alma teria se tornado um demônio feroz e o corpo um besta má, como de fato é. Se a água elementar (que é santa) não abatesse o orgulho da ferocidade, veríamos muito bem como a maioria seria um demônio feroz.

Devemos considerar que o mundo, antes da encarnação de Cristo, foi salvo neste Verbo impresso e nome Jesus. Aqueles que inclinaram sua vontade para Deus, receberam o Verbo da promessa e teve a alma tomada ali. Pois toda a lei de Moisés com relação ao sacrifício, não é absolutamente nada senão um tipo de humanidade de Cristo. O que Cristo, em sua humanidade, fez através de seu sacrifício, mergulhando com seu sangue e seu amor a cólera de Deus, Moisés fez através de seu sacrifício com o sangue das bestas. Pois, o verbo da promessa estava presente no pacto por

similitude. O nome Jesus estava no pacto e reconciliou pelo desejo, a raiva e a cólera na natureza do Pai. Os judeus certamente não compreenderam, mas o pacto compreendeu; pois o homem animal não era digno de conhecê-lo, até o nascimento de Cristo. Então o som foi emitido, o qual contudo, após um curto tempo, fora novamente encoberto pelo Anticristo em Babel, pois o homem animal da iniquidade, não é digno do precioso nome Jesus; nem ele pertence à parte animal, mas unicamente à parte divina. A parte animal deve permanecer na terra selvagem e no último dia ser consumida pelo fogo de Deus. Mas a parte celeste deve ser introduzida no poder divino; assim, trata-se de uma abominação diante de Deus, que o homem brinque orgulhosamente com a parte animal. Ela não é a imagem de Deus, assim como o sacrifício de Moisés não era a reconciliação, como não havia no pacto senão o Verbo da vida e o pacto da graça.

A circuncisão dos judeus, sendo obrigatória unicamente nos meninos, continha em si a seguinte lei: Adão era o único homem criado por Deus, e nele estava a imagem de Deus. Eva, como sua esposa, Deus não quis criar; a imagem só deveria nascer de um. Mas visto que ele caiu, e que Deus teve que fazer a mulher para sua companhia, o pacto com a promessa passou novamente sobre um, a fim de que todos fossem regenerados e nascessem novamente de um, ou seja, do segundo Adão; não da mulher Maria, mas de Cristo, na qualidade de Adão celeste. Pois o sangue do primeiro homem ou primeiro Adão, recebido da essencialidade de Deus, tinha valor, e não o sangue terrestre da mulher teria que ser efetivo para ele. Portanto, só a espécie masculina era circuncidada, e no mesmo membro que é uma abominação diante de Deus e uma vergonha para a alma, pois a fecundação não estava destinada a ser bestial. A circuncisão era assim, um sinal e uma imagem, indicando que aquele membro deveria ser cortado do homem e não aparecer com ele na eternidade. O Cristo teve que tomar para si a forma de um homem, embora internamente permanece numa imagem virgem, para que o propósito do poder de Deus prevalecesse. Pois a propriedade do fogo ou do homem deve governar, e a propriedade da luz ou da mulher deve abrandar seu fogo e trazê-lo para a branda imagem de Deus.

O sangue da mulher não teria reconciliado a cólera de Deus, era necessário que o sangue do homem o fizesse. Pois a mulher pertence ao homem, e irá, no reino de Deus, ser uma virgem masculina, assim como era

Adão, não uma mulher. A mulher é salva no pacto do homem; pois o pacto foi feito por causa do homem, ou seja, da virgem masculina, para que pudesse ser reconciliada. Portanto, São Paulo diz: “Entretanto, ela será salva pela sua maternidade, desde de que, com modéstia, permaneça na fé, no amor e na santidade” (1 Tm. 2,15). E não só isso, mas também no pacto do homem, pois ela é uma parte tirada de Adão. Assim cada mulher individual deve ser subjugada ao homem, e ele deve ser o senhor. Deus oferece ao homem além do mais, a Sabedoria Virgem; ele deve governar a mulher, não como um tirano, mas como a sua própria vida. Deve amar sua mulher como seu próprio corpo, pois ela é sua carne e sangue, uma imagem tirada dele, sua colaboradora, seu jardim de rosas. Embora ela seja fraca e terrestre, o homem precisa compreender que ele é a causa disso, ter paciência com ela, e não deixar sua cólera predominar e destruí-la.

A mulher também deve entender que é salva no pacto e sangue do homem (o primeiro, virgem); ela é a costela e a tintura do homem e de Adão; a mulher é própria do homem. Ela deve ser humilde. Como um membro serve o corpo, a mulher deve servir o homem e amá-lo como a si mesmo. Ela deve lançar seu amor totalmente a ele, pois assim obtém a Virgem celeste com a Sabedoria divina, e o espírito do pacto.

Mas para virgens não casadas e homens sem mulheres, assim como para as viúvas, é dito que têm o pacto de Cristo como esposo ou esposa: diante de tal pacto, devem ser castos e humildes. Pois o Cristo é a noiva do homem, sua virgem casta, a qual Adão perdeu; Ele é também o noivo das virgens e das viúvas: Sua masculinidade é a masculinidade delas, a fim de que assim apareçam diante de Deus, como uma virgem masculina. Pois nossa imagem está sendo gerada agora, na vontade e na fé. Onde quer que estejam a nossa vontade e o nosso coração, lá está também nossa imagem e nosso tesouro.

Portanto, protejam-se da prostituição e do falso amor, pois a verdadeira imagem é por ela destruída. A prostituição é a maior fraqueza que o homem opera em si. Outros pecados saem dele para uma imagem; mas a prostituta continua nele; pois ele (ela) produz uma falsa imagem na qual a Virgem de Deus não é conhecida, mas somente uma forma bestial. Que isto seja dito ao homem: Há um horror tão grande por detrás da prostituição, que o céu

estremece, diante dela, assim como aquele que não penetram facilmente a imaginação bestial.

Muitos tomaram para si, o ato de escrever sobre a Virgem Maria, tendo acreditado que ela não era uma filha da terra. Para estes foi apresentado um reflexo da Virgindade eterna, o que os deixou longe do verdadeiro alvo. Alguns simplesmente acreditavam que ela não era a filha de Joaquim e Ana, pois o Cristo é chamado de semente da mulher, e de fato é, atestando ter vindo de cima, do céu; segundo eles, o Cristo deve então ter nascido de uma Virgem totalmente celeste. Mas isso seria pouco útil para nós, pobres filhos de Eva, que nos tornamos terrestres e que conduzimos nossas almas num vaso terrestre. Onde estariam nossas pobres almas, se o Verbo da vida eterna não as tivesse tomado para si? Se Cristo trouxe uma alma do céu, onde estaria nossa alma e o pacto com Adão e Eva, pelo qual a semente da mulher esmagaria a cabeça da serpente? Se Cristo tivesse desejado vir e nascer totalmente celeste, não precisaria ter nascido um homem sobre a terra. Mas onde estava o pacto, no qual o nome da promessa, Jesus, incorporou-se na luz da vida, na tintura da alma, imediatamente no Paraíso, quando Adão caiu, mesmo antes de Adão ser criado? Como diz Pedro: "conhecido antes da fundação do mundo, mas manifestado no fim dos tempos, por causa de vós" (1 Pd 1,20). Deus, em sua sabedoria, sabia da queda; assim, o nome Jesus incorporou-se ali no Verbo da vida, logo em seguida, envolvido pela Virgem da sabedoria, na imagem de Adão com a cruz. Pois a alma também é um nascimento crucial: quando o fogo da alma é aceso, produz no lampejo uma cruz, ou seja, um olho com a cruz e os três Princípios, de acordo com a característica da Santa Trindade.

Precisamos compreender que Maria, em quem o Cristo tornou-se homem, foi verdadeiramente, a filha de Joaquim e Ana, pela carne exterior, sendo gerada pela semente deles, de acordo com o homem exterior; mas pela vontade, ela era filha do pacto da promessa, pois ela era a meta para a qual o pacto apontava. Nela encontrava-se o centro do pacto; portanto, ela era altamente conhecida do Espírito Santo no pacto, e altamente abençoada diante e entre todas as mulheres, até mesmo Eva; pois o pacto nela se revelou.

Deves nos compreender de forma elevada e sublime: O Verbo com a

promessa, que com os judeus permaneceu como um protótipo, como num espelho, no qual Deus, o Pai colérico, imaginou e extinguiu sua cólera, este Verbo e promessa agora movimentou-se de forma essencial, que não ocorreu da eternidade. Pois quando Gabriel trouxe a mensagem à Maria, de que deveria ser fecundada, ela consentiu dizendo: 'Que seja feito segundo a tua palavra', então o centro da Santa trindade movimentou-se, revelando o pacto, ou seja, o revelou-se dentro dela, no Verbo da vida, a eterna virgindade que Adão havia perdido. Pois a virgem da sabedoria de Deus envolvia o Verbo da vida ou o centro da Santa Trindade. Assim, o centro foi movimentado, e o Vulcão celeste acendeu o fogo do amor, a fim de que o princípio da chama do amor fosse gerado.

Compreenda corretamente. A essência de Maria ou a essência virgem, corrupta em Adão e de onde ele deveria produzir uma imagem virgem, de acordo com a sabedoria de Deus, encontrava- se repleta de fogo e do princípio do amor inflamado; entenda por isso a semente de Maria, quando tornou-se fecunda com o espírito da alma ou com a tintura de Vênus; pois, na tintura de Vênus, ou seja, na fonte do amor, o primeiro fogo de Adão foi aceso no Verbo da vida, e no menino Jesus, as duas tinturas eram perfeitas como em Adão; o Verbo da vida no pacto, compreenda a Santíssima Trindade, era o centro, e o princípio apareceu na esfera do Pai. O Cristo tornou-se homem em Deus e também em Maria e ao mesmo tempo no mundo terrestre, ou seja, em todos os três Princípios. Ele tomou para si a forma de um servo, para que pudesse dar à mão à morte e ao demônio, pois ele seria um príncipe no locus deste mundo, no trono principesco angélico, no lugar e com a autoridade do anjo e príncipe anterior, Lúcifer, sobre todos os três Princípios. Se então (1) ele deveria ser senhor do mundo externo, era preciso habitar no mundo externo, possuindo sua natureza e propriedade; se (2) deveria ser o Filho de Deus, necessariamente deveria nascer de Deus; se (3) deveria extinguir a cólera do Pai, também deveria estar no Pai; se (4) era para ser o Filho do Homem, também deveria ser da essência e natureza do homem, tendo uma alma e um corpo humano, como todos nós temos.

Reconhecemos que Maria, sua mãe, assim como o Cristo, através de sua mãe, tinham uma essência humana, no corpo, alma e espírito, e que o Cristo recebeu uma alma da essência de Maria, mas sem a intervenção da semente do homem. O grande mistério de Deus ali foi revelado. O primeiro homem,

em seu esconderijo, caído na morte, foi aqui novamente gerado em sua vitalidade, compreenda no princípio de Deus. Por causa disto a Divindade se colocou em movimento, acendendo o fogo no princípio do Pai; assim, o súlfur morto, que havia morrido em Adão, foi novamente despertado; pois o Verbo possuía a essencialidade celeste em si e com ela se revelou na imagem virgem da Divindade. O mesmo ocorre com a Virgem casta, na qual o Verbo da vida tornou-se homem; assim, a Maria exterior foi adornada com a altíssima e abençoada Virgem celeste, sendo abençoada entre todas as mulheres deste mundo. Tudo o que estava morto e enterrado na humanidade, nela foi novamente revivido; portanto ela foi exaltada, como o primeiro homem diante da queda, tornando-se a mãe do Príncipe Real. Contudo, isso não ocorreu por seu próprio poder, mas pelo poder de Deus. Se o centro de Deus não tivesse se colocado em movimento dentro dela, ela não teria sido, de forma alguma, diferente de todas as filhas de Eva. Mas o verbo da vida havia estabelecido este objetivo, em conexão com o pacto da promessa; portanto ela é abençoada entre todas as mulheres e acima de todos os filhos de Eva. Não que ela seja uma deusa, a quem devemos louvar como Deus, pois ela não é o objetivo; e de fato ela disse: “Como pode ser, eu não conheço nenhum homem?” Mas o Verbo da vida no centro do Pai, que pelo movimento da Divindade doou-se para a humanidade e foi revelado na essência humana, é o objetivo: este é o objetivo que devemos buscar para a realização do novo nascimento.

O que ocorreu no caso do primeiro Adão, foi uma maravilha ainda maior. Pois o primeiro Adão foi criado dos três Princípios, recebendo seu espírito do próprio Espírito de Deus: neste caso, o Coração de Deus não precisava se movimentar especialmente; o Espírito de Deus, do Coração de Deus apenas moveu-se. Mas aqui o centro do coração de Deus foi colocado em movimento, centro este que havia repousado desde a eternidade; o fogo divino tornou-se aceso e inflamado.

O Portão Precioso

Precisamos compreender bem a encarnação de Cristo, o Filho de Deus. Ele não tornou-se homem apenas na Virgem Maria, como se sua divindade ou natureza divina permanecesse confinada lá em cima. Assim como Deus

habita em um só lugar, mas é considerado como a plenitude de todas as coisas, assim Deus movimentou- se unicamente em uma parte separada; pois ele não é divisível, mas inteiro em toda parte, e onde quer que ele se manifeste, manifesta- se completamente. Da mesma maneira, Deus não é mensurado, nem se encontra lugar algum para ele, a menos que ele faça um lugar para si numa criatura; mas assim ele estaria, ao mesmo tempo, com a criatura e fora da criatura.

Quando o Verbo se colocou em movimento para a revelação da vida, ele se revelou na essencialidade divina, na água da vida eterna; ele a penetrou e se tornou súlfur, ou seja, carne e sangue; produziu a tintura celestial, que envolve e preenche a Divindade, onde a sabedoria de Deus permanece eternamente com a magia divina. Compreenda corretamente: A Divindade desejou tornar-se carne e sangue; embora o puro e imaculado Deus permanece espírito, tornou- se o espírito e a vida da carne, operando na carne; assim, quando penetramos, através de nosso desejo, em Deus, nos doando totalmente a ele, podemos dizer que penetramos a carne e sangue de Deus, vivemos em Deus, pois o Verbo se fez homem e Deus é o Verbo.

Não abolimos, com isso, a criatura de Cristo, como se ele não fosse considerado uma criatura. Podemos comparar o sol à criatura de Cristo e a profundeza do mundo ao Verbo eterno no Pai. Vemos, contudo, que o sol brilha em toda a profundidade, oferecendo calor e poder; mesmo assim, não podemos dizer que nas profundezas, independente do corpo do sol, o poder e o brilho do sol não existam. Pois, se não existissem, não buscariam o poder e o brilho do sol, já que somente um pode buscar o outro. A profundeza está simplesmente oculta, com relação ao seu brilho; mas se for da vontade de Deus, toda a profundeza poderia ser senão sol. Bastaria acendê- la, a fim de que a água fosse engolida e se tornasse um espírito, então o brilho do sol brilharia em todo lugar; do mesmo modo, o centro do fogo se inflamaria, como no locus do sol.

Além disso, saibam que: Compreendemos que o coração de Deus repousava desde a eternidade; mas pelo movimento e penetração das essências, manifestou-se em todos os lugares, embora em Deus não haja lugar ou limite, exceto na criatura de Cristo. Ali, toda a santa Trindade se manifestou numa criatura, e através da criatura em todos os céus da criação.

Ele nos preparou o lugar onde veremos na sua luz, viveremos em sua essencialidade e dela provaremos; sua essencialidade preenche os céus e o Paraíso. No princípio, fomos feitos da Essência de Deus, por que não poderíamos nela viver? Assim como o ar e a água preenche este mundo, e todos nós deles desfrutamos, também existe um essencialidade divina oculta, a qual apreciamos, se com extrema honestidade nela imaginarmos e com a vontade nos doarmos a ela. Esta é portanto, a carne e o sangue de Cristo no poder divino; pois o corpo e o sangue da criatura de Cristo são ali encontrados, sendo uma realidade, um poder, um espirito, um Deus, uma plenitude, sem ser separado por lugar algum, ainda que estejam em seu próprio princípio. Um homem egoísta pode dizer: Como poderemos dele nos alimentar? Primeiro, procure alcança-lo, pois não irá dele se alimentar com a boca exterior. Ele é um princípio mais profundo, ainda que tenha se tornado exterior. Ele estava na Virgem Maria e também neste mundo, através do nascimento; no último dia, ele irá aparecer em todos os três Princípios diante de todos os homens e demônios.

Ele realmente tomou a natureza terrestre sobre si; mas, em sua morte, quando venceu a morte, a natureza divina absorveu a terrestre e afastou o seu domínio. Não que Cristo tenha colocado alguma coisa de lado, mas a natureza externa foi superada e absorvida; a vida que ele vive hoje, ele vive em Deus. O mesmo deveria ter ocorrido com Adão, mas ele não resistiu. Portanto o Verbo teve que se fazer homem e se doar à substância, a fim de que possamos receber poder e, com isso, sermos capazes de viver em Deus.

O Cristo trouxe novamente aquilo que Adão havia perdido, sim e muito mais. Pois o Verbo se fez homem em todo lugar, ou seja, está revelado em todo lugar, na essencialidade divina, onde encontra-se nossa humanidade eterna. Pois, na eternidade, viveremos na mesma essência corporal em que está a Virgem de Deus; devemos nos revestir da Virgem de Deus, pois o Cristo dela se revestiu. Ele tornou- se homem na Virgem eterna e também na virgem terrestre, embora esta última não fosse exatamente uma virgem. Mas a Virgem divina e celeste fez dela uma virgem na benção, ou seja, na revelação do Verbo e do pacto. Aquela parte em Maria, herdada de Adão, da essencialidade celeste, que Adão transformou em terrestre, aquela parte foi abençoada. Assim, o elemento terrestre simplesmente morreu dentro dela, o outro elemento passou a viver eternamente, voltando a ser uma virgem

casta, não na morte, mas na benção. Quando Deus revelou a si mesmo dentro dela, ela se revestiu com a bela Virgem de Deus, tornando-se uma virgem viril pela parte celeste.

Desta forma, o Cristo nasceu de uma Virgem correta, pura, casta e celeste, pois no momento da benção, ela recebeu o limbos de Deus em sua matriz, em sua semente. Nenhum elemento estranho, mas o próprio limbos de Deus desabrochou nela, no poder de Deus. Este limbos estava morto em Adão e foi vivificado pelo movimento de Deus. No Verbo da vida, a essência de Deus a penetrou, abrindo o centro da alma, a fim de que Maria se tornasse fecunda com uma alma e com um espírito, tanto de forma celeste como terrestre. Esta foi uma verdadeira imagem de Deus, uma semelhança de Deus, fundamentada na Santíssima Trindade, em todos os três Princípios.

É extremamente necessário para nós, pobres filhos de Eva conhecermos este assunto, pois nele reside a salvação eterna; este é o portão de Emanuel; nele reside toda a fé cristã, neste que é o portão do mistério maior. Permanece oculto aqui, o segredo do homem, no qual ele é a imagem e semelhança de Deus.

Toda a nossa religião consiste em três pontos, os quais cultivamos e ensinamos. Primeiro, com relação à criação, de qual essência, natureza e propriedade é o homem; se ele é eterno ou não é eterno, e como isso é possível; de onde ele veio, no princípio, e de que propriedade é a origem do homem.

Em segundo lugar, o que foi a sua queda, por causa da qual somos mortais e sujeitos à malignidade e a fonte da cólera.

Terceiro, no que consiste o novo nascimento, tendo em vista que Deus deseja nos receber novamente na graça; por conta deste desejo, ele nos deu leis e doutrina, confirmando-os com grandes milagres. Em que poder e espírito podemos renascer e ressurgir da morte.

Encontramos tudo isso representado em duas imagens, ou seja, na eterna e santa Virgindade, e na virgindade terrestre e perecível; enquanto que o novo nascimento é encontrado na imagem do Cristo, de forma plena e clara.

Pois, na Virgindade eterna, na essencialidade de Deus, onde a imagem e semelhança de Deus foi vista como em um espelho, desde a eternidade, sendo conhecida do Espírito de Deus, foi Adão o primeiro homem criado. Ele tinha a virgindade como possessão, como a verdadeira tintura-amor na luz, que deseja a tintura do fogo ou a propriedade das essências, para que possa se tornar uma vida ígnea no poder e glória, e seja na essência do fogo uma genetrix, o que não é possível na essência da luz, sem o fogo.

Reconhecemos então a Virgindade na sabedoria de Deus, na vontade desejosa da Essência divina, da eternidade. Não uma mulher que gera, mas uma imagem no espelho da sabedoria de Deus, uma imagem pura e casta sem ser, mas ainda em essência; embora não manifesto na essência do fogo, mas na fonte da luz.

Deus criou esta imagem num ser, com o auxílio dos três Princípios, para que pudesse ser uma semelhança, de acordo com a Divindade e a eternidade, como um espelho completo do fundamento e do abismo, do espírito e também da essência; este ser foi criado do eterno, não para uma existência frágil. Mas porque o terrestre e o frágil encontravam-se suspensos para o Eterno; o desejo terrestre introduziu-se no desejo celeste e eterno, infectando a propriedade celeste; pois desejou habitar no desejo eterno, sendo corrompido na cólera de Deus.

Assim, a qualidade terrestre corrompeu a celeste e transformou-se na turba desta última, como reconhecemos nas pedras e terra, que, de fato, têm a sua origem do eterno, mas que se deterioraram na cólera e na fonte do fogo: o Fiat fez da essência eterna terra e pedras. Por causa disto, o dia da separação está fixo, quando cada coisa individual penetrará novamente o seu éter, sendo provado pelo fogo.

O mesmo ocorre com o homem. Ele foi criado na Virgindade, na sabedoria de Deus, mas foi capturado pela cólera e ira de Deus; assim se tornou, de uma só vez, corrupto e terrestre. E como a terra passa e deve ser testada pelo fogo e penetrar novamente aquilo que era, o mesmo deve fazer o homem: deve penetrar novamente a virgindade na qual foi criado. Mas como não era mais possível que o homem ressurgisse da morte colérica feroz, a fim de penetrar num novo nascimento (pois sua virgindade encontrava-se enclausurada com ele na morte, motivo pelo qual Deus lhe

fez uma mulher, tirada dele mesmo), a Divindade teve que se colocar em movimento, revelar e tornar novamente vivo, aquilo que estava enclausurado.

Isto foi feito em Maria, a virgem enclausurada, ou seja, na virgindade que Adão herdou da sabedoria de Deus; não da parte terrestre do terceiro Princípio, mas da parte santa e celeste do segundo Princípio, que pela imaginação terrestre e pela sugestão havia sido enclausurada na morte terrestre, na cólera de Deus, e estava como que morta, assim como a terra parecia estar morta. Portanto, o coração de Deus se movimentou, venceu a morte sobre a cruz e gerou novamente a vida.

O nascimento e a encarnação de Cristo significa algo poderoso em operação; foi o movimento do próprio coração insondável de Deus, fazendo com que a essencialidade celeste, que se encontrava enclausurada na morte, se tornasse novamente viva, para que agora se possa dizer, com razão: o próprio Deus deteve a sua cólera, já que através do centro de seu coração, que preenchia a eternidade de forma ilimitada, revelou-se novamente, afastando o poder da morte e rompendo a dor da ira e da cólera feroz, vendo que o amor e a brandura haviam sido reveladas na cólera, extinguindo o poder do fogo.

Além do mais, é uma enorme glória para nós homens, que Deus tenha se revelado em nossa virgindade morta e em todas as coisas. E que o Verbo, o poder da vida de Deus, tenha se doado novamente à humanidade, à virgindade morta e abandonada, reabrindo a vida virgem, diante disto nós nos regozijamos; penetramos, com a nossa imaginação, o centro no qual Deus revelou a si mesmo na humanidade, ou seja, a encarnação de seu Filho, que se torna, em nossa imaginação, introduzida em sua encarnação, fecundo com seu Verbo revelado e o poder da essencialidade divina celeste – nada que seja estranho, mas ao mesmo tempo estranho ao que é terrestre. O Verbo se revelou em todo lugar, e em toda luz vital do homem; não falta

mais nada, a não ser que o Espírito da alma se entregue a ele. Então o espírito da alma se reveste novamente da Virgindade eterna, não como um ornamento, mas em sua própria essência: Deus nasceu ali. Pois Maria, juntamente com todas as filhas de Eva, nasceu terrestre, mas o pacto do amor de Deus evidenciou em sua essência, que Deus poderia abrir

novamente a vida dentro dela.

Com relação à virgindade de Maria, com relação à vida terrestre, antes da benção, antes do coração de Deus ter se movido, não podemos dizer, de forma alguma, se ela era uma virgem completa e perfeita, de acordo com a primeira virgem antes da queda; ao contrário, ela era uma filha natural de Eva. Mas se pode dizer com certeza, que em Maria, assim como em todos os filhos de Adão, a Virgindade eterna no pacto da promessa encontrava-se enclausurada, como se estivesse morta, ainda que não sem vida em Deus. Pois o nome Jesus, deixando o centro ou o coração de Deus, imprimiu-se como um espelho na Virgem da sabedoria de Deus, opondo o centro do Pai, ou seja, o centro do fogo e da ferocidade, não da ferocidade no fogo, na essência do fogo, mas no amor na luz, na essência da luz. Além do mais, o homem foi previsto nesta mesma essência no nome Jesus, antes que a fundação do mundo fosse estabelecida, quando Adão ainda existia na forma de essência celeste, sem um ser natural ou uma criatura. Pois a queda era conhecida na sabedoria, antes do homem se tornar uma criatura, segundo a propriedade do fogo, não na propriedade da luz, mas de acordo com o primeiro Princípio.

Segundo o nosso mais profundo conhecimento, afirmamos que Maria, antes da revelação e mensagem do anjo, era uma virgem como Eva, quando deixou o Paraíso, antes que Adão a conhecesse. Eva era, de fato, uma virgem, mas a verdadeira Virgindade estava oculta dentro dela e infectada pelo desejo terrestre; a propriedade animal estava manifestada. A imaginação terrestre quebrou a propriedade celeste, o que fez dela uma mulher e não uma virgem casta, sem mácula; ela era apenas uma porção da Virgindade celeste, a outra porção era Adão. Assim, de Eva não nasceu nenhuma virgem verdadeira e pura, que não estivesse dividida na natureza, - a turba destruiu a Virgindade em tudo, - até a chegada do vitorioso em combate: Ele era uma Virgem masculina na sabedoria de Deus, de acordo com a natureza celeste; o elemento terrestre pairava sobre ele, mas o elemento celeste governava sobre o terrestre; assim é que Adão deveria de ser, ele que não permaneceu firme.

Dizemos portanto, com fundamento, que Maria era filha de Joaquim, nascida de Ana e pela parte terrestre, continha a essência deles. Em segundo

lugar, afirmamos que ela era filha do pacto de Deus, que Deus nela fixou o alvo do novo nascimento; todo o Antigo Testamento buscou este alvo e todos os profetas profetizaram o mesmo alvo (referindo-se a que Deus revelaria novamente a Virgindade eterna). Este alvo foi abençoado; pois, de acordo com sua misericórdia, Deus incorporou a si mesmo neste alvo, pelo pacto da promessa, e o Verbo da promessa permaneceu no pacto, e confrontou a cólera na luz da vida. O primeiro mundo, antes e depois do dilúvio, foi salvo naquele pacto em que Deus colocou diante de si como um espelho. Pois a Virgindade eterna apareceu no pacto como no espelho de Deus, e Ele ali encontrou a satisfação. Quando Israel aceitou o pacto e realizou as suas obras, isto foi aceito por Deus como se a humanidade estivesse no espelho da sabedoria de Deus. Embora, Israel fosse terrestre e mal, mesmo assim, Deus habitou em Israel, em seu pacto, na sabedoria, segundo o seu amor e misericórdia.

Desta forma, as obras da lei estavam diante de Deus, no espelho, até que a vida ressurgisse do pacto, atingindo a plenitude. Então, as obras no espelho cessaram, e as obras da plenitude na carne e sangue, na essencialidade celeste, recomeçaram; pois em Maria estava o princípio. Quando o anjo lhe trouxe a mensagem, e ela disse: "Seja feita a sua vontade" (Lc 1,38), o centro da vida no Verbo de Deus, ou seja, o coração de Deus, movimentou-se imediatamente em sua semente celeste morta, despertou-a novamente e a gestação teve início. Pois todos os três Princípios da Divindade foram movimentados, e a tintura divina se fixou na essencialidade celeste morta. Não vamos imaginar que Deus tenha ficado sem essência, mas que o homem estava morto para a essência celeste. Mas com isso, o coração de Deus penetrou a morte, com a essencialidade divina e vivificante, despertando a essencialidade morta. Esta essencialidade divina não afastou a natureza terrestre, mas a penetrou como seu mestre e conquistador. Pois a verdadeira vida tinha que ser anunciada através da morte e da cólera de Deus, ela que foi concluída na cruz, quando a morte foi despedaçada e a cólera capturada, superada e extinta pelo amor.

Compreendemos agora, o que Maria se tornou com a concepção, ou seja, uma virgem pura e verdadeira, de acordo com a parte celeste. Pois quando o coração de Deus se movimentou, e o dia nela alvoreceu, a luz da claridade e pureza de Deus nela brilhou; pois sua Virgindade morta ou a sabedoria de

Deus foi revelada e se tornou viva, pois ela foi preenchida pela Virgindade divina, ou seja, pela sabedoria de Deus. Nesta mesma sabedoria e essencialidade divina, assim como na morta e agora viva essencialidade, o Verbo tornou-se carne no súlfur pelo centrum naturae, por meio das essências do pai e das essências de Maria; da morte surge a vida, um fruto com as duas tinturas em sua perfeição, sendo que as duas tinturas formam senão uma. E por Adão ter se tornado um homem, o Cristo também se tornou um homem, segundo o mundo exterior; pois não era a imagem de Eva, na tintura da mulher, que estava destinada a permanecer, mas a imagem de Adão, quando era homem e mulher. Um dos sinais deve aparecer em conseqüência do poder do Fiat externo, e que o vitorioso em combate deveria ser novamente estabelecido em todos os três Princípios, o campeão em combate recebeu o sinal masculino; pois o homem possui a tintura do fogo ou a propriedade do Pai. O Pai é a força e o poder de todas as coisas, e o Filho é seu amor. Assim, o Verbo tornou-se homem na essência feminina – mas tornou-se, contudo, um homem – para que seu amor pudesse extinguir a cólera e a ira no Pai; pois a tintura de Vênus possui a fonte-água, e a mulher possui a tintura de Vênus. Consequentemente, o fogo tinha que ser extinto pela água da vida eterna, e as essências ígneas do Pai no fogo, novamente extintas.

Conhecemos então Maria, a mãe de Cristo, em carne, alma e espírito, pela benção, como sendo uma virgem casta e pura; pois nisto constitui a sua benção, Deus nela se revelou. Ela carregou em seu corpo o Verbo da vida, e este nela se movimentou. Maria não movimentou o Verbo, mas o Verbo movimentou Maria, ambos os frutos que ela conduziu, e também sua alma juntamente com a parte da essencialidade morta, a fim de que sua alma fosse imediatamente envolvida pela essencialidade divina e vivificante: não de acordo com a parte terrestre ou com o terceiro Princípio, mas de acordo com a parte celeste ou segundo Princípio, para que assim a natureza terrestre apenas pairasse sobre ela. Pois sua alma também tinha que , com o Verbo da vida, que se tornou homem nela, penetrar a qualidade divina e celeste, através da morte e da cólera de Deus. Era necessário que seu homem exterior morresse para a qualidade terrestre, a fim de que este homem exterior pudesse viver para Deus. E por ser abençoada e por ter carregado o alvo no pacto, seu corpo não desapareceu, pois a natureza celeste absorveu a natureza terrestre e a mantém como uma eterna

prisioneira, para a glória e honra de Deus. Nunca se deve esquecer que Deus se tornou homem em Maria.

Mas aqueles que dizem que ela permaneceu inteiramente na morte, passando pela corrupção, devem examinar a sua razão de outra forma, pois o que é abençoado do alto é incorruptível. Sua parte celeste da essencialidade divina, que a abençoou, é incorruptível; além do mais, a essencialidade de Deus na benção podia mais uma vez cair e morrer, como aconteceu em Adão; foi por causa desta morte que Deus se tornou homem, para que Ele pudesse trazer de volta a vida. Maria de fato morreu, com relação à vida exterior ou qualidade terrestre, mas ela vive com relação à benção na essencialidade de Deus e também em sua própria raiz, ou seja, em um Elemento que encerra os quatro, no Paraíso e no elemento puro, na essencialidade divina, na vida de Deus.

Portanto, dizemos que Maria é a maior dentre de todas as filhas de Adão, porque Deus colocou o alvo do pacto nela e somente ela, dentre todas as filhas de Eva obteve a benção, a saber, a castidade virgem e pura, destruída em todas as filhas de Eva. Mas em seu caso, a Virgindade permaneceu no pacto até que o Verbo da vida lhe concedeu a alta benção: com isso ela tornou-se uma verdadeira Virgem, pura e casta, de quem Deus nasceu. Pois o Cristo também disse aos Judeus: “Eu sou do alto, mas tu és de baixo; Eu não pertenço a este mundo, mas tu és deste mundo” (Jo 8,23). Se ele tivesse se tornado homem num vaso terrestre, e não numa Virgem casta, pura e celeste, ele teria sido deste mundo; mas ele se tornou homem na Virgem celeste e a qualidade terrestre apenas pairava sobre ele. Pois a essência da alma havia sido infectada em nós, pobres filhos dos homens, pela qualidade terrestre; ele tinha que introduzir nossa alma na forma da essência celeste, nele mesmo, através do fogo de Deus na Santíssima Trindade. Pois a alma era de extrema importância, porque havia sido tirada do Eterno, sendo da vontade de Deus não abandoná-la.

Portanto, se questionados porque o Verbo e o coração de Deus se doaram, fazendo para si um corpo, se era uma matéria estranha vinda do céu ou se era a essência e semente de Maria: nossa resposta é que o coração de Deus nunca esteve sem essência, pois sua morada encontra-se na eternidade e na luz, e o poder na luz é o coração ou o Verbo do qual Deus falou desde a

eternidade. E a manifestação é o Espírito Santo de Deus, que com a manifestação sai do poder da luz, do Verbo pronunciado, para penetrar aquilo que foi manifestado. Aquilo que é manifestado é a maravilha e sabedoria de Deus; isto contém em si o divino espelho da sabedoria, onde o Espírito de Deus vê, e no qual revela suas maravilhas.

Compreenda então, que o Verbo, do coração de Deus o Pai (envolvido pela Virgem casta e celeste da sabedoria, que habita na essencialidade celeste) revelou- se na essência e essencialidade de Maria, em sua própria semente, ou seja, na semente do homem, tomando para si a semente de Maria, morta e cega para com Deus, despertando-a para a vida. A essencialidade vivificante veio até a essência metade morta de Maria, e tomou a essência metade morta como um corpo, - não como um corpo corruptível, condenado a desaparecer, mas como um corpo eterno que permaneceria eternamente, pois a vida eterna renasceu aqui.

A essencialidade da eternidade em Deus, em seu mais profundo fundamento, e a essencialidade do Adão morto na humanidade, tornaram-se uma essencialidade, um único e completo ser, a fim de que a criatura Cristo, com sua essencialidade, preenchesse, de uma só vez, todo o pai, que não tem limite ou fundamento. Mas, a alma criaturalizada tem permanecido e é uma criatura. E de acordo com o terceiro Princípio, no que se refere à criatura, este mesmo Cristo é uma criatura e um rei dos homens, assim como, de acordo com o segundo Princípio, é um filho do Pai insondável. Aquilo que o Pai é em sua profundeza insondável, o Filho é em sua criatura. Pois o poder na criatura, forma, com o poder fora da criatura, um só poder, uma essencialidade, onde habita os anjos e os homens. Isto proporciona o Paraíso e o deleite, mas na humanidade proporciona também a carne e o sangue; portanto, é e permanece uma criatura, mas incriada, ainda que manifestada, em uma parte de Deus e da eternidade, e em outra parte da humanidade. Deus e homem tornaram-se uma só pessoa, um Cristo, um Deus, um Senhor, uma Santa Trindade, na humanidade, e ao mesmo tempo, em todo lugar; portanto, quando vemos o Cristo, vemos a santa trindade em uma imagem. Sua criatura é como uma imagem, tirada de nós homens, nosso sacerdote e rei, nosso irmão, nosso Emanuel; Seu poder é nosso poder se nascermos novamente de Deus, através da fé Nele. Ele não é estranho ou terrível a nós, mas é nossa tintura de amor. Ele é com seu

Poder o apaziguador de nossas almas, nossa vida e a brisa de nossas almas. Quando o encontramos, encontramos o nosso ajudante, assim como Adão deveria o Ter encontrado; mas ele permitiu ser enganado, e por fim encontrou a mulher, dizendo: “Esta é a carne de minha carne, osso de meu osso, e a tomou para si como uma ajudante, para fazer-lhe companhia” (Gn 2,23).

Assim, quando nossa alma O encontra, diz: Esta é a minha virgem, aquela que perdi em Adão, quando foi transformada numa mulher terrestre. Agora encontro novamente minha cara Virgem, que saiu de meu corpo; nunca mais a deixarei partir; ela é minha, meu corpo e sangue, minha força e poder, aquela que perdi em Adão: ela irei manter. Ó, uma retenção amigável! Inqualificação amigável, beleza, fruto, poder e virtude.

Diante disto, a pobre alma encontra a tintura de sua luz perdida e sua cara Virgem. Na mulher encontra-se a nobre noiva, pela qual a matrix de Vênus sempre desejou, mas que encontrou apenas um súlfur masculino e terrestre, tendo sido obrigada a se tornar fecunda através de uma semente terrestre. Aqui ela toma a tintura do correto fogo e correto homem, e se torna também uma verdadeira virgem masculina, como era Adão em sua inocência.

Sobre o nascimento de Jesus Cristo, o Filho de Deus; como ele permaneceu fechado nove meses dentro do útero, igual a todos os filhos dos homens; o que é a sua encarnação propriamente dita.

Sempre houve grande discussões sobre a encarnação de Jesus Cristo, mas sempre levadas às cegas; muitas opiniões se formaram e acabaram afastando o homem desta questão, deixando intocável a verdadeira encarnação, esta que guarda nossa salvação eterna. Isto porque a encarnação foi investigada pela ciência e compreensão exterior, sem conexão com o verdadeiro alvo. Se tivessem penetrado a encarnação de Jesus Cristo e tivessem nascido de Deus, não haveria disputa alguma; o Espírito de Deus revela a encarnação de Cristo a cada um, em seu próprio ser; sem esse Espírito, nada se encontra. Como poderíamos encontrar na razão deste mundo o que não está neste mundo? Na razão exterior encontramos apenas um fraco reflexo; mas, no Espírito de Deus está o verdadeiro encontro.

A encarnação de Cristo é um mistério do qual a razão exterior nada sabe; pois ela ocorreu em todos os três Princípios e não pode ser penetrada, a menos que conheçamos totalmente o primeiro homem em sua criação, antes da queda; Adão deveria gerar de si próprio o segundo homem, de acordo com o caráter da Santíssima Trindade, onde o nome Jesus estava incorporado, mas isto não foi possível. Portanto, outro Adão teve que surgir, para quem isto era possível; pois o Cristo é a imagem virgem, segundo o caráter da Santíssima Trindade. Adão foi concebido no amor de Deus e nasceu neste mundo. Ele tinha a essencialidade divina, e sua alma era do primeiro princípio, da propriedade do pai. Ela deveria ser direcionada, através da imaginação, ao coração do Pai, ou seja, ao Verbo e espírito do amor e pureza; deveria alimentar- se da essencialidade do amor; desta forma, preservaria a natureza de Deus em si, no Verbo da vida, podendo se tornar fecunda pelo poder que brotava do coração do Pai; com isso, poderia imaginar, de si mesma, em suas essências; ela mesmo tornaria suas essências fecundas, a fim de que uma completa semelhança, de acordo com a primeira imagem surgiria através da imaginação e da vontade da alma, que a envolve, sendo concebida no poder da essência.

Mas como isto não ocorreu em Adão, por causa da terrenidade anexada à ele, veio a acontecer no segundo Adão, que é o Cristo. Desta forma ele foi concebido, através da imaginação e penetração de Deus na imagem do primeiro Adão.

Somos capazes de reconhecer, que, o primeiro Adão colocou sua imaginação na terra, tornando- se terrestre, o que contrariou o propósito de Deus; no entanto, o propósito de Deus tinha que prevalecer. Então, Deus estabeleceu seu propósito no filho de Adão, introduzindo sua imaginação na imagem corrupta, tornando-a fecunda com sua essencialidade e poder divino; isto fez com que a vontade da alma se voltasse para longe da terrenidade, para Deus; tanto que Maria engravidou daquela criança, da mesma forma como Adão deveria se tornar fecundo. Isto o poder próprio do indivíduo não poderia realizar e mergulhou no sono, como na magia; como conseqüência, de Adão foi feita uma mulher, que não deveria ter sido feita, pois Adão deveria se tornar fecundo, na matriz de Vênus e gerar magicamente. Como isso não ocorreu, Adão foi dividido, sua própria vontade de grande poder foi quebrada e encerrada na morte. Como ele não

colocaria sua imaginação no Espírito de Deus, seu grande poder tinha que sofrer uma paralisação na morte, permitindo que o espírito de Deus colocasse Sua imaginação ali, fazendo com ele aquilo que Ele quisesse.

Portanto, o Espírito de Deus fez surgir a vida para ele, desta morte, tornando- se o espírito desta vida, a fim de que a imagem e a semelhança de Deus (que era conhecida, desde a eternidade, na sabedoria de Deus) pudesse, por fim, nascer e resistir. Pois ela existia antes dos tempos do mundo e desde a eternidade no espelho virgem, na sabedoria de Deus, e em duas formas: segundo o primeiro Princípio, do Pai, no fogo, e no segundo Princípio do Filho, na luz, e só era manifestado na luz; no fogo estava apenas como na magia, ou seja, em uma possibilidade. Como o céu astral imprime, pelo seu poder, uma imagem na mente do homem, em seu sono, da mesma forma era representada a imagem no centro da natureza do fogo, quase invisível; mas na sabedoria, no espelho da Divindade, ela havia aparecido como uma figura, como uma sombra, ainda que sem ser material, na essência do espírito. Este espírito, mantendo-se no espelho da sabedoria, conheceu e viu esta imagem, desejando trazê-la à uma substância, a fim de que Deus pudesse ter uma imagem ou semelhança, no ser substancial, não precisando mais se manter como num espelho, mas encontrar-se em substância. Portanto, quando a primeira imagem imaginou no severo poder e como conseqüência tornou-se terrestre e morta, o Espírito de Deus encaminhou sua vontade e vida para a morte, e retomou da morte a primeira vida em si, a fim de que a primeira vida pudesse permanecer em completa obediência à Deus, e Ele unicamente pudesse ser a vontade e a realização.

Assim, sabemos que Deus penetrou a imagem metade morta, ou seja, Maria, com a mesma forma virgem, enclausurada na morte, na qual Adão deveria se tornar fecundo e gerar uma imagem semelhante a si mesmo, em castidade virgem. Nesta enclausurada e metade morta matriz virgem, o Verbo ou o coração de Deus, ou seja, o centro da Santíssima Trindade, tornou- se, sem violação de seu ser, uma imagem de homem. Apesar de que a primeira matriz virgem e viva em Adão não ter sido obediente à Deus, tornou-se sim, obediente à Deus quando ressurgiu da morte, doando-se humilde e ardentemente à vontade de Deus. Estava novamente presente em figura, a verdadeira imagem virgem em obediência à Deus; pois a primeira vontade deveria permanecer na morte, assim como aquele que imaginou

contra a vontade de Deus, e uma vontade obediente e pura foi manifestada, permanecendo na brandura celestial e no ser, não mais passando pelo fogo, na esfera do Pai, para nela se inflamar, mas permanecendo em uma fonte; como de fato a Divindade vive apenas em uma fonte, ou seja, na luz, no Espírito Santo, ainda que mantenha seu controle em todos os três Princípios.

O mesmo devemos compreender com relação à encarnação de Cristo. Quando o Espírito de Deus fez ressurgir em Maria a vida virgem, que na essência terrestre permanece enclausurada na morte e na cólera, então esta vida se voltou unicamente para a vontade e amor de Deus, doando- se para o Espírito de Deus. É desta forma que ela se torna fecundada com a verdadeira imagem virgem, o que deveria ter ocorrido com Adão, mas que não se realizou; uma imaginação recebeu a outra; A imaginação de Deus recebeu a imaginação na morte e a trouxe de volta para a vida; e esta vida imaginou novamente em Deus e se tornou fecunda com Deus, e da união entre Divindade e humanidade surgiu uma pessoa. A Divindade encontrava-se suspensa para a essência celeste, que desde a eternidade havia existido com o reino, poder e glória, ou seja, como o reino do Paraíso e do mundo angélico, como espírito e as sete formas em conexão com o centrum naturae. E a humanidade encontrava-se suspensa para o reino deste mundo. Mas tendo em vista que a vontade da humanidade se doou para a Divindade, esta imagem virgem tornou-se em Cristo Jesus apenas um visitante deste mundo, e Sua divindade era senhora deste mundo; o mesmo deveria ter ocorrido com Adão, a fim de que o fraco e inferior pudesse ser subjugado ao maior e Todo-Poderoso. Mas como a vontade de Adão penetrou o que era frágil e impotente, ele próprio tornou-se impotente, mergulhando no sono, e caiu novamente com relação ao Criador. Porém, com Cristo esta imagem persistiu na essencialidade divina, e a natureza terrestre a ele foi submetida na qualidade de um servo; não mais como mestre, como em Maria sua mãe antes da alta benção e revelação da Divindade, mas como servo; pois esta imagem encontrava-se agora, no Espírito e poder de Deus, senhor do terceiro Princípio deste mundo.

A Razão pergunta: O que ocorreu então nesta encarnação? A vida surgiu imediatamente, no momento da concepção, no curso natural, a fim de que a parte de Maria, ou seja, da semente da mulher, tivesse vida? Não, pois

tratava-se de uma semente essencial, e era movida a seu próprio tempo natural, com alma e espírito, como todos os filhos de Adão; mas a parte da Divindade, envolvida pela essencialidade e sabedoria, tem tido vida de eternidade em eternidade. Nem tampouco nada saiu da Divindade; o que ela era, ela continuou sendo, e aquilo que ela não era é o que ela veio a ser. A Divindade, com sua essência divina e celeste entregou-se à essência e substância de Maria; a essência de Maria e a essência de Deus tornaram-se uma pessoa. Mas a essência de Maria era mortal, e a de Deus, imortal. Portanto, a essência de Maria tinha que morrer na cruz e passar da morte para a vida. Para tanto, as essências de Deus contribuíram, ao contrário nada seria possível. A essência de Deus nos ajudou, e ainda nos ajuda, através da morte de Cristo, na essência e vida de Deus.

Compreendemos, então, a encarnação de Cristo de forma natural, igual a de todos os filhos dos homens. Pois a essência divina e celeste, doou-se a si mesma, com sua vida, para a essência terrestre metade morta. O mestre submeteu-se ao servo, a fim de que o servo se tornasse vivo. Assim o Cristo, em nove meses, tornou-se um homem perfeito e ao mesmo tempo continuou a ser um verdadeiro Deus, e nasceu neste mundo nos mesmos moldes que todos os filhos de Adão, da mesma maneira que todos os homens. E isso não porque havia necessidade, ele poderia ter nascido magicamente, mas Ele desejou e estava destinado a remediar o nosso nascimento animal e impuro e a penetrar esta vida. Ele deveria entrar para este mundo pela nossa entrada, e nos conduzir para fora deste mundo pela entrada de Deus, nos trazendo para fora da qualidade terrestre.

Pois, se ele tivesse nascido magicamente, de forma divina, então Ele não poderia, por natureza, ter estado neste mundo. Pois a essência celeste teria, necessariamente, absorvido a qualidade terrestre e Ele não teria sido como nós. Como então Ele pôde desejar, penetrar e romper a morte? Mas não é assim. Ele é verdadeiramente a semente da mulher; adentrou a este mundo da forma natural, como todos os homens; mas foi embora através da morte, de forma divina, no poder e essencialidade divina. Foi a Sua essencialidade vivificante e divina, que permaneceu firme na morte, o que rompeu e desprezou a morte, conduzindo a humanidade ferida, da morte para a vida eterna. Pois a parte terrestre, recebida de sua mãe Maria, em Si mesmo, na natureza divina, morreu na cruz para a natureza terrestre. A alma estava na

essencialidade de Deus, e desceu como um conquistador ao inferno do demônio, ou seja, na cólera feroz de Deus, saciando-a com o amor e a brandura de Deus que caracteriza a essencialidade amorosa e divina. O fogo do amor penetrou o fogo da cólera e extinguiu a cólera, em que o demônio desejou ser Deus. O demônio tornou- se cativo das trevas e perdeu seu domínio. Quebrou-se aqui a espada do querubim. Esta é a razão pela qual Deus tornou-se homem, a fim de poder nos conduzir da morte para a vida eterna e saciar, com Seu amor, a cólera que queimava dentro de nós.

Compreenda bem, como a cólera de Deus foi amenizada. Ela não foi apaziguada pelo sangue mortal de Cristo, que ele derramou, e do qual os Judeus fazem brincadeiras, mas pelo sangue da vida eterna da essência de Deus, que era imortal e continha em si a fonte de água da vida eterna. Este foi derramado na cruz juntamente com o sangue exterior; quando este último afundou na morte, o sangue celeste afundou também, ainda que não fosse mortal.

Assim, a terra recebeu o sangue de Cristo, o que a fez estremece; a cólera de Deus estava agora dominada e na terra penetrou o sangue vivo vindo do céu, da essência de Deus. Este sangue celeste abriu o túmulo dos santos, e também a morte. Ele fez um caminho através da morte, e a morte tornou-se uma exibição aberta. Pois, quando o corpo de Cristo levantou-se da morte, ele fez em seu corpo uma morte aberta; pois o poder da morte fora rompido.

Nós, pobres filhos de Eva, estávamos todos mortos em Adão; vivíamos, de fato, mas apenas para este mundo e a morte nos aguardava, engolindo um após o outro. Não haveria remédio para nós, se Deus não tivesse nos gerado novamente a partir de seu ser; nós não teríamos reaparecido em corpo na eternidade, e nossa alma teria permanecido eternamente na fonte da cólera de Deus, com todos os demônios. Mas a encarnação de Jesus Cristo tornou-se para nós algo poderoso em operação; Deus tornou-se homem por nossa causa, a fim de poder trazer nossa humanidade de volta para ele, fora da morte, libertando nossas almas do fogo da cólera de Deus. Pois, a alma é em si uma fonte ígnea, contendo em si o primeiro Princípio, a austeridade amarga, que em si mesma trabalha somente no fogo. Mas se a brandura e o amor de Deus forem extraídos desta geração de almas, ou se ela for misturada com uma matéria dura e não resistente, então ela

permanece uma fonte nas trevas, uma aspereza severa, que se auto devora e que, ao mesmo tempo, está sempre gerando na vontade, um novo desejo. Pois uma existência que não tem início e nem fundamento, também não tem fim; mas ela própria é seu fundamento, ela se produz.

Contudo, isto não significa que a alma não tenha um princípio. Ela tem, mas apenas com relação à criatura, não com relação à essência. Sua essência pertence à eternidade, pois o Fiat divino a abarcou no centro da Natureza Eterna, trazendo-a para um ser substancial, mais que nada com a inteira + , segundo o caráter da Santíssima Trindade, como uma semelhança do espírito ternário da Divindade, onde Deus habita. Mas isso pode ser feito tanto no amor como na cólera, ou seja, tanto no fogo como na luz, onde quer que a alma imagina; é com isso que ela se torna fecunda; pois ela é um espírito mágico, uma fonte em si mesma. Ela é o centro da eternidade, um fogo da Divindade no Pai, ainda que não na liberdade do Pai, mas na Natureza Eterna. Ela não é anterior ao ser, mas no ser; a liberdade de Deus é independente do ser, mas habita no ser. Pois no ser, Deus é manifestado. Não haveria Deus sem ser, mas uma paralisação eterna, sem fonte. Mas na fonte ou fonte-princípio o fogo é gerado, e do fogo a luz. Aqui, dois seres se separam, carregando dois tipos de qualidade, ou seja, uma qualidade feroz, ávida e sedenta, no fogo e uma qualidade branda, amorosa e doadora, na luz, pois a luz dá e o fogo tira. A luz dá a brandura e da brandura surge a substancialidade, e este é o alimento do fogo; um espírito é feroz, ávido pelas trevas, se não tem a natureza da luz; como num veneno faminto. Mas se o espírito se atém à substancia da brandura, ele atrai isto para si e ali habita, usando esta brandura como alimento e também como um corpo, pois torna-se permeado e impregnado por ela; pois seu ser substancial é a sua satisfação ou consolação, a ponto de acalmar a ânsia.

Devemos considerar a alma humana da seguinte forma: ela foi tirada do centrum naturae, não do espelho do Eterno, como se fosse tirada da fonte deste mundo, mas da essência eterna do Espírito de Deus, do primeiro Princípio, da propriedade do Pai, de acordo com a Natureza. A alma não foi tirada de uma substância ou de algo; o próprio Espírito da Divindade soprou-lhe a vida, na imagem em Adão, a partir dos três Princípios. Soprou dentro dele o centrum naturae, da fonte ígnea para a vida e também a brandura do amor, a partir do ser da Divindade, ou seja, o segundo

Princípio com a essencialidade celeste e divina, assim como o espírito deste mundo, como o espelho e o modelo da sabedoria de Deus com suas maravilhas.

Mas o espírito deste mundo é corrompido pela inflamação do demônio e pelo veneno lançado por ele; pois o demônio habita neste mundo, infectando constantemente a propriedade e a natureza externa, embora seja poderoso unicamente na cólera e no desejo amargo. Mas ele coloca sua imaginação e sua falsa tintura até mesmo no amor, infectando a maior jóia da alma; ele infectou a alma de Adão com sua imaginação ou cobiça, com seu espírito ávido e mal, a fim de que Adão buscasse a qualidade terrestre, e com este desejo, a alma tornou-se fecundada pela qualidade terrestre; consequentemente, o reino exterior foi introduzido no interior; isto fez com que a luz no fogo do primeiro Princípio fosse extinta, e sua essencialidade divina, na qual deveria viver eternamente, ficou enclausurada na morte terrestre.

Assim, não havia remédio para esta imagem e alma humana, a menos que a Divindade se colocasse em movimento, de acordo com o segundo Princípio, ou seja, de acordo com a luz da vida eterna deste princípio, iluminando novamente, com o brilho do amor, a essencialidade que estava enclausurada na morte. Isto foi feito na encarnação de Cristo. Esta foi a maior maravilha feita por Deus, colocar-se em movimento na semente da mulher através do centro da Santíssima Trindade. O coração de Deus não se revelou no fogo, na tintura do homem, mas na tintura do espírito, no amor da vida; isto para que o fogo na tintura do homem pudesse ser atingida pela brandura e pelo amor de Deus. A vida eterna tinha que florescer novamente da morte enclausurada: encontra-se aqui a raiz de José e o verdadeiro bastão de Aarão, que floresceu e gerou belos frutos. O Paraíso foi fechado na morte, em Adão, quando este se tornou terrestre; mas em Cristo ele floresceu da morte.

De Adão, todos nós herdamos a morte; de Cristo herdamos a vida eterna. O Cristo é a imagem virgem, a qual Adão tinha que ter gerado de si mesmo, com as duas tinturas. Como ele não conseguiu, foi dividido, passando a ter que gerar a partir de dois corpos, até a vinda de Shiloh, ou seja, o Filho da virgem, nascido de Deus e do homem. Ele é o libertador,

de quem falaram os profetas, crescendo como uma planta. Ele floresce como uma árvore de louros, na essência de Deus. Ele rompeu a morte quando entrou na essência humana desfalecida, pois ele cresceu, imediatamente, na essência humana e divina. Ele trouxe consigo, para a nossa humanidade a castidade virgem da sabedoria de Deus; Ele envolveu o fundamento de nossa alma com a essencialidade celeste; Ele se tornou vencedor no combate, no qual os dois reinos, ou seja, o da cólera e o do amor, encontravam-se em conflito; Ele se entregou voluntariamente à cólera, extinguindo-a com o seu amor, compreenda na essência humana. Ele veio de Deus para este mundo, e tomou nossa alma para si, a fim de nos conduzir da materialidade deste mundo, novamente para si e para Deus. Ele nos regenerou em si, para que estejamos novamente qualificados para vivermos em Deus. De Sua livre vontade nos gerou, a fim de que colocássemos Nele a nossa vontade. Desta forma ele nos trouxe novamente para o Pai, em nossa terra nativa primordial, ou seja, no Paraíso, de onde Adão saiu. Ele se transformou em nossa fonte, sua água brota em nós; Ele é a fonte, nós somos as gotas nele. Ele se tornou a plenitude de nossa natureza, a fim de que Nele, possamos viver em Deus. Pois Deus se fez homem. Ele introduziu seu ser insondável e imensurável na humanidade; Seu ser, que preenche os céus, foi manifestado na humanidade. Com isso, o ser do homem e o ser de Deus tornaram-se um só ser, uma plenitude de Deus. Nosso ser é o seu movimento em seu céu. Somos seus filhos, sua maravilha, seu corpo insondável em movimento. Ele é Pai, e nós somos seus filhos. Vivemos nele e ele em nós. Somos seus instrumentos, através dos quais ele busca e faz o que quer. Ele é o fogo e também a luz com relação a cada ser, ele está oculto, e a obra o torna manifesto.

Assim, sabemos que Deus é um Espírito, e sua vontade eterna é mágica ou desejosa. Do nada ele faz continuamente o ser, e numa fonte dupla, ou seja, de acordo com o fogo e luz. Do fogo surge ferocidade, elevação, orgulho, a recusa de se unir à luz, uma vontade inflexível e colérica, o que não o faz ser chamado de Deus, mas de fogo feroz e consumidor. Este fogo não está manifestado na pura Divindade, pois a luz absorveu o fogo em si, oferecendo ao fogo o seu amor, sua essencialidade, sua água, a fim de que na natureza de Deus só haja amor, alegria e beatitude, nenhum fogo é conhecido. Mas o fogo é apenas uma causa do desejo da vontade e do amor, assim como da luz e da majestade; de outra forma não haveria ser.

Podemos perceber agora onde reside nosso novo nascimento (visto que, de fato, nos encontramos neste mundo cobertos pelo tabernáculo terrestre e submetidos à vida terrestre), ou seja, unicamente na imaginação: com ela devemos penetrar a vontade de Deus, nos unindo e nos entregando totalmente a ele, o que é chamado de fé. A palavra fé não é histórica; é um extrato da natureza de Deus, o alimento da natureza de Deus, a introdução da natureza de Deus pela imaginação no alma, a fim de apaziguar sua fome e revesti-la da natureza de Deus, não como um ornamento, mas como um corpo da alma. A alma deve ter a natureza de Deus em seu fogo; ela deve alimentar-se do pão de Deus, se pretende tornar-se filho de Deus.

Desta forma, ela será uma recém nascida também na natureza de Deus, quem a enxertou do campo da ferocidade e da cólera para o campo do amor, da brandura e da humildade de Deus; ela gerou uma nova flor, que cresce no amor de Deus, no campo de Deus. Esta flor, que cresce no amor de Deus, é a real e verdadeira imagem de Deus, aquela que Ele desejou quando criou Adão à Sua semelhança; esta imagem foi então regenerada para nós, por Jesus Cristo, o Filho de Deus e do homem. Pois o Seu novo nascimento, a partir da natureza de Deus e da nossa natureza é o nosso novo nascimento; Seu poder, vida e espírito é todo nosso; e não precisamos fazer nada mais para efetiva-lo, exceto penetrar com nossa vontade-espírito a natureza de Deus, através de Jesus Cristo. Então nossa vontade renasce na vontade de Deus, recebendo a essência e o poder divino. Não se trata de uma essência estranha, mas da nossa essência primordial, com a qual penetramos, em Adão, a morte: ela se encontra novamente despertada para nós, por aquele que primeiro nasceu da morte: o Cristo. Ele é Deus, mas nasceu de nós, a fim de poder nos receber da morte: não na forma de uma vida estranha, a qual não teríamos aqui neste mundo, mas na forma de nossa própria vida. Pois o propósito de Deus deve prevalecer, a flor e a imagem pura deve crescer do campo corrupto e também no campo puro.

Da virgem deveríamos renascer e não do homem da cólera, da tintura do fogo, mas da virgem do amor, da tintura da luz. Através de nossa resignação ou auto rendição, nos revestimos da virgem de Cristo, nos tornando a virgem da modéstia, da castidade e da pureza no Ternarius Sanctus, no mundo angélico, no espelho da Santíssima Trindade, no qual Deus se projeta, e esta virgem Ele tomou para si como esposa. Ele é nosso marido, o

qual noivamos, desposamos e incorporamos em Cristo. Desta forma somos Maria no pacto da graça, de quem nasceu Deus e o homem. Maria foi a primeira na alta bendição, pois nela encontrava-se o alvo para o qual o pacto apontava; ela era conhecida em Deus, no precioso nome Jesus, antes que a fundação do mundo fosse estabelecida. Não que ela esteja relacionada com o trazer a vida da morte, mas Deus quis nela trazer a vida da morte. Portanto, ela foi altamente abençoada e a castidade pura e virgem nela foi colocada. Da mesma virgindade da qual Cristo nasceu, todos devemos nascer. Pois, devemos nos tornar virgens e seguir o Cordeiro de Deus, ao contrário não veremos à Deus. O Cristo disse: "Deves renascer através da água e do Espírito Santo, se quiseres ver o reino de Deus". A água é a virgindade, pois a virgem carrega a tintura da água e da luz, ou seja, da brandura e do amor. O Espírito, do qual devemos nascer, é aquele que com o movimento da Divindade se entregou à semente da mulher, aquele que rompeu a morte; que fez brotar da água uma flor de luz flamejante. Pois ele é o espírito e a vida da flor: não segundo a fonte ígnea da cólera, mas segundo a fonte de luz na humildade.

Nós, pobres filhos de Eva, não encontramos em nós nenhum pensamento virgem e casto; pois a mãe Eva, que era uma mulher, nos fez feminino e masculino. Em Adão e Eva nos tornamos homens e mulheres; só seremos novamente virgens se penetrarmos, com nossa vontade desejosa, a virgindade celeste, na qual Deus nos gerou de Cristo. Não segundo a vida terrestre, onde não há castidade nem pureza, mas segundo a vida da virgem celeste, na qual o Cristo se fez homem, aquela que foi colocada em Maria através do abrigo do Espírito Santo, que não tem fundamento, limite ou fim, que está em todo lugar diante da Divindade e é um espelho e imagem da Divindade. Nesta virgem, onde habita a Santíssima Trindade, onde fomos vistos antes dos tempos do mundo pelo Espírito de Deus, conhecido no nome Jesus, devemos penetrar com nossa vontade espírito. Pois nossa verdadeira imagem, onde somos a semelhança de Deus, desvaneceu-se e se tornou terrestre em Adão e Eva. Isto ocorreu pelo desejo ou imaginação; consequentemente, o semblante claro de Deus foi ocultado de nós, pois havíamos perdido a castidade celeste.

Mas, tendo em vista que Deus, por intercessão e amor para conosco, revelou novamente o seu semblante luminoso, na encarnação de Cristo, a

questão reside apenas nisto: que assim como em Adão imaginamos na ânsia terrestre, o que nos tornou terrestre, devemos agora, colocar nossa vontade desejosa novamente na virgem celeste, depositando ali a nossa ânsia; nossa imagem sai então da mulher terrestre e recebe a essência e a propriedade virgem, onde Deus habita, onde a imagem da alma possa novamente alcançar o semblante de Deus.

A Razão exterior diz: Como poderemos nascer novamente da virgem que gerou o Cristo? Ela assim compreende Maria; mas nós a compreendemos de forma diferente, uma virgem criaturalizada, nós mesmos nos tornamos criaturas virgens, na castidade virgem imaterial. Penetramos agora a encarnação de Cristo, não segundo a vida exterior dos quatro elementos, mas segundo a vida interior, em um elemento, onde o fogo de Deus absorve os outros quatro; e, novamente, em sua luz, ou seja, no segundo Princípio, no qual o homem e a mulher exteriores devem penetrar, através da morte, a ressurreição de Cristo, desabrochamos na verdadeira sabedoria virgem de Deus; uma virgem em um elemento, onde todos os quatro se encontram ocultos. Devemos morrer para o homem e para a mulher e crucificar o Adão corrupto. Ele deve morrer com Cristo e ser lançado na cólera de Deus. Essa absorve o homem e a mulher terrestre e dá à alma, através da encarnação de Cristo, uma imagem virgem, na qual o homem e a mulher tornam-se senão uma imagem, com seu próprio amor. Agora, o homem coloca o seu amor na mulher e a mulher no homem; mas se os dois amores são transformados em um, não há mais desejo de misturar-se na imagem única, mas a imagem ama a si mesma.

Ora, no princípio a imagem foi criada na sabedoria virgem de Deus, a partir da essência divina. Vendo que a essência tornou-se terrestre, caindo na morte, o Verbo que se fez homem despertou-a novamente. Desta forma, a natureza terrestre permanece na morte da cólera e o que está despertado permanece no Verbo da vida, na castidade virgem. Consequentemente, em uma pessoa carregamos um homem duplo, neste mundo, ou seja, uma imagem viva nascida da encarnação de Cristo, e uma imagem terrestre, masculina ou feminina, encerrada na morte e na cólera de Deus. A terrestre deve carregar a cruz, sofrer injúrias, perseguições e tormentos na cólera, sendo aos poucos entregue à morte; então a cólera absorve a imagem terrestre no fogo qualificativo de Deus. Se o Verbo da vida, que em Maria

tornou- se homem, fizer parte da imagem terrestre, então o Cristo, quem trouxe de Deus o Verbo da vida, surge da morte, conduzindo a essência do fogo qualitativo, ou seja, a essência humana, que deixa a morte, pois surgiu da morte e vive em Deus; sua vida tornou-se a nossa vida, a sua morte a nossa morte; somos enterrados em sua morte, mas renascemos em sua ressurreição e vitória, em sua vida.

Compreenda o correto significado de tudo isso. Adão era a imagem virgem, ele tinha o amor apropriado, pois o Espírito de Deus o soprou em seu interior. O que mais pode o Espírito de Deus soprar de si mesmo senão aquilo que é? Ele é tudo, e mesmo assim não é chamado Deus segundo todas as fontes; mas em todas as fontes há um único Espírito que é Deus, ou seja, de acordo com o segundo Princípio na luz, lembrando que não há luz sem fogo. Mas no fogo ele não é o espírito de amor ou o Espírito Santo, mas a cólera da natureza e uma causa do Espírito Santo, uma fúria e um fogo consumidor; no fogo, o espírito da natureza é libertado, e o fogo essencial gera a natureza e é a natureza em si.

Compreendemos, contudo, que há senão um Espírito Santo na luz. Embora tudo seja um ser, acreditamos que a matéria gerada da brandura da luz esteja como que impotente e obscura. Essa o fogo atrai e absorve, mas oferece da fonte material, do fogo, um espírito poderoso que está livre da matéria e do fogo. Embora seja mantida pelo fogo, este não atinge sua qualidade; da mesma forma que a luz habita no fogo sem possuir a qualidade do fogo, mas um qualidade branda e amorosa, o que não poderia ser se a matéria não tivesse morrido e sido consumida no fogo.

Consideremos então o primeiro Adão. Ele era composto de essência e natureza da luz; mas como deveria penetrar uma existência criaturalizada, sendo uma completa semelhança de Deus, de acordo com toda a realidade, com todos os três Princípios, ele foi abarcado pelo verbum Fiat em toda a esfera dos três Princípios, sendo trazido para um ser criaturalizado. Todos os três Princípios encontravam-se, de fato, livres nele, estando um no outro, cada um em sua ordem; ele era uma completa semelhança de Deus. De acordo e derivado do ser de todos os seres. Mas como sabemos, o terceiro Princípio ou a fonte deste mundo, havia se tornado colérica, sedenta e mal, por causa da inflamação de Lúcifer, e que esta fonte em Adão buscou

saciar sua sede imediatamente no segundo Princípio, ou seja, na matéria celeste, fazendo com que a cobiça surgisse em Adão. Pois a fonte do puro amor que surge do Espírito Santo havia rejeitado tal fonte. Mas quando o amor de fato penetrou a fonte terrestre, a fim de satisfazer sua sede inflamada, o amor puro e imaterial recebeu a cobiça corrupta, terrestre e desejosa. Aqui se extinguiu o segundo Princípio, não como uma morte, no sentido de se tornar um nada, mas foi capturado na sede impetuosa. Tendo em vista que Deus é uma Luz, a pura fonte de amor permanece encerrada na morte, fora da luz de Deus. A imagem foi corrompida e capturada na cólera de Deus, e o amor apropriado perdeu seu poder, pois encontrava-se encerrado na terrenidade corrupta, amando a terrenidade.

Desta imagem, então, a mulher teve que ser feita, e as duas tinturas, ou seja, a essência do fogo e a essência aquosa da matriz, tiveram que ser divididas em homem e mulher, a fim de que o amor pudesse se movimentar numa fonte dupla, e que uma tintura pudesse amar e desejar a outra, podendo fundirem-se, proporcionando a continuidade e preservação desta linhagem.

Mas esta raça de homens, assim contida na fonte terrestre, não podia conhecer ou ver à Deus, pois o puro amor, sem mácula, encontrava-se encerrado numa fonte de sede terrestre, aprisionado na sede da cólera da Natureza Eterna, inflamada por Lúcifer; pois a cólera havia atraído o amor para si, através da terrenidade. Ora, neste amor aprisionado reside a castidade virgem da sabedoria de Deus, que, com o segundo Princípio, com a essencialidade celeste, estava incorporada ao corpo de Adão, e ainda mais, o espírito da essencialidade branda, através da insuflação do Espírito Santo, soprado em Adão.

Não haveria remédio, a menos que a Divindade movimentasse a Si própria na virgem divina, de acordo com o segundo Princípio, na virgindade encerrada na morte, e outra imagem deveria surgir da primeira. Sabemos e compreendemos bem que a primeira imagem teve que ser entregue à cólera, a fim de saciar sua sede, penetrar a corrupção, o fogo essencial, embora a essência não sofra corrupção ou morte. Por causa disto, Deus decretou um dia, no qual ele irá provar a essência do velho e primeiro Adão através do fogo, quando ela ficará livre da vaidade, da cobiça do mal e da cólera da

Natureza Eterna.

Além disso, compreendemos como Deus trouxe novamente em nós a vida de seu santo Ser ao colocar-se em movimento, com seu próprio coração ou Verbo e com o poder da vida divina na virgindade, que encontrava-se encerrada na morte, ou seja no verdadeiro e puro amor; Ele reacendeu este amor e introduziu sua essencialidade celeste, com a virgindade pura, na virgindade encerrada na morte; a partir da virgindade celeste e da virgindade encerrada na morte e na cólera, Ele gerou uma nova imagem.

Compreendemos ainda, que esta nova imagem teve que ser novamente introduzida na essencialidade divina e celeste, através da morte e da ferocidade do fogo, no Ternarius Sanctus; pois a cobiça terrestre, possuída pelo demônio, tinha que continuar na cólera do fogo e foi dada a ele como alimento; isto o tornou um príncipe, segundo a fonte de cólera da Natureza Eterna; pois o demônio é o alimento da cólera feroz, e a cólera feroz é o alimento do demônio.

Então, o Verbo da vida eterna movimentou-se novamente em nosso gélido amor e na virgindade encerrada na morte, tomando para si nossa virgindade corrupta, e tornou-se homem interna e externamente, introduzindo o centro, ou seja, o fogo de nossa alma, em seu amor: nós reconhecemos o seu amor e virgindade, que foi introduzida em nós como se fosse nossa própria virgindade; pois seu amor e virgindade tomou como sua esposa o nosso gélido amor e virgindade, entregando-se a eles, a fim de que Deus e o homem possam ser eternamente uma só pessoa.

A Razão dirá: Isto ocorreu com Maria, e só; só com uma pessoa, e eu? O Cristo não nasceu em mim.

Ó, nossa grande miséria e cegueira não nos deixa compreender nada! Como a ânsia material terrestre nos cegou e o demônio nos afastou através do abominável Anticristo em Babel, a ponto de nos recusarmos a compreender qualquer coisa! Considere o que tu és, vil e miserável Razão! Nada, senão uma mulher indecente com relação à Deus. Como mais poderia te denominar, se és perjúrio e traição para a virgindade pura, que é de Deus? Não tens tu o espírito, a alma e a carne de Adão; não viestes tu de Adão? Não surgistes da água e fogo de Adão? Tu és, de fato, filha de Adão. Faça o

que fizer, deves te submeter e ser resignada; tu mergulhas no mistério de Adão, tanto na vida como na morte.

O Verbo de Deus, verdadeiramente, se fez homem na virgindade de Adão, que estava encerrada na morte. O coração de Deus se movimentou na virgindade de Adão e da morte, através do fogo de Deus, a introduziu na fonte divina. O Cristo tornou- se Adão, não o Adão dividido, mas o Adão virgem, tal como era antes de seu sono. Ele trouxe o Adão corrupto para a morte, para o fogo de Deus e trouxe o Adão puro e virgem da morte através do fogo. O Seu filho és tu, caso não permaneça na morte como madeira verde que não qualifica, que estando no fogo não exprime essência alguma, mas que toma a forma de cinzas negras.

A Razão dirá então: Como posso ser um membro de Cristo e filho de Deus, se não O encontro e não O sinto? Resposta: Sim, eis o atrito, caro pedaço de madeira sólida! Cheira o teu âmago; a que fedes? Ânsia demoníaca, ou seja, a prazer temporal, orgulho, honra e poder. Preste atenção, esta é a vestimenta do demônio. Despoja-te desta pele, jogue-a fora. Coloque o teu desejo na vida, no espírito, na carne e sangue de Cristo; imagine ali, assim como imaginastes na ânsia terrestre, então tu revestirás o teu corpo, a tua carne e o teu sangue, com o Cristo; te transformará no Cristo; a Sua encarnação irá desta forma começar a ser sentida em ti, e tu renascerás em Cristo.

A Divindade ou o Verbo, que movimentou-se em Maria e tornou-se homem, também tornou-se homem, ao mesmo tempo, em todos os homens descendentes de Adão, que haviam entregado e comprometido seu espírito à Deus ou ao messias prometido; Ele passou também sobre todos aqueles que ainda deveriam nascer do Adão corrupto, e serem despertado pelo Verbo, pois o primeiro homem compreende também o último. Adão é o tronco, somos todos os seus galhos; Cristo, contudo, tornou-se a nossa seiva, virtude e vida. Ora, se um galho da árvore secar, o que pode fazer a virtude e a seiva da árvore? A virtude não é dada a todos os galhos? Por que o galho não atrai a virtude e a seiva para si? A dificuldade reside no fato de que o homem atrai para si a essência e o poder demoníaco, ao invés da essência divina, e permite ser extraviado pelo demônio na ânsia e desejo terrestre. O demônio conhece bem o galho que cresceu para ele, em seu primeiro

domínio, e que ainda cresce. Assim como no princípio ele era um mentiroso e assassino, ele continua sendo, infectando os homens, porque sabe que eles caíram no domínio exterior das estrelas, em sua ânsia mágica. Ele é um constante envenenador do complexo; onde quer que ele cheire uma faísca que o sirva, esta ele sempre apresenta diante do homem; se um homem ali imagina, ele o infecta imediatamente.

Portanto, é dito: Vigia, ore, seja sóbrio, leve uma vida equilibrada, pois o demônio, seu adversário, ronda como um leão que ruge, buscando aquele que possa devorar (Pe. 1,8). Não busque, então, a avareza, o dinheiro, o bem, o poder e a honra, pois em Cristo não somos deste mundo. Este Cristo foi ao Pai, ou seja, ao Ser divino, a fim de que O seguíssemos com nossos corações, mentes e vontade; Ele diz que estará conosco todos os dias, até o fim do mundo (Mat. 18,20); mas não na fonte deste mundo. Devemos forçar um caminho para fora da fonte deste mundo, fora do homem terrestre, entregar nossa vontade à Sua vontade, introduzir nossa imaginação e desejar nele; com isso nos tornamos fecundos em sua virgindade, que ele despertou novamente em nós e recebemos o Verbo, que se movimento nele, em nossa virgindade encerrada na morte, e renascemos em Cristo dentro de nós mesmos. Assim como a morte passa por todos nós através de Adão, o Verbo da vida passa por todos nós proveniente do Cristo. Pois, o movimento da Divindade na encarnação de Cristo permanece ativo e está aberto a todos os homens; há falha unicamente no poder de entrar, quando o homem permite ser recapturado pelo demônio. O Cristo não tem necessidade de deixar o seu lugar e nos penetrar, quando renascemos nele; pois o ser Divino, no qual ele nasceu, contém o segundo Princípio, em todo lugar. Onde quer que seja dito que Deus está presente, também pode ser dito que a encarnação de Cristo está presente; pois ela foi revelada em Maria remontando anteriormente até Adão e para frente até o último homem.

A Razão diz então: Só a fé é que pode alcançar tal feito! Sim, certamente, é na fé verdadeira que a gestação tem início; pois a fé é espírito e requer substância. A substância, mais que tudo, existe em todos os homens; nada mais é necessário além de que o espírito da fé a apreenda. Se a substância for apreendida, o belo lírio cresce e desabrocha, não apenas um espírito, mas a imagem virgem nasce da morte para a vida. A vara de Aarão, que está

seca, floresce da morte seca e tira seu corpo da morte, a nova vida bela e virgem da virgindade meio morta. A vara de Aarão a exprime; Zacarias, Abraão e sua velha Sara confirmam, eles que estavam como que mortos, de acordo com o mundo exterior e não mais frutificavam. Mas a promessa do novo nascimento iria se realizar, a vida deveria florescer da morte. O velho Adão, que era terrestre, não deveria ser senhor; nem Isaú o primogênito, a quem, de fato, caberia a herança, se Adão tivesse permanecido firme; mas o segundo Adão, o Cristo, que surgiu do primeiro através da morte, deve permanecer o Senhor. Não é o homem ou a mulher quem devem possuir o reino de Deus, mas a virgem que nasce da morte do homem e da mulher é quem deve ser a rainha dos céus: um sexo, não dois; uma árvore, não muitas. O Cristo era o tronco, porque era a raiz do novo corpo que floresceu da morte, trazendo a virgem morta novamente para a condição de um belo ramo; todos nós somos os galhos que repousam sobre um tronco, o Cristo.

Somos então, os galhos de Cristo, seus ramos, suas criancinhas e Deus é o Pai de todos nós, e também do Cristo. Nele vivemos, nos movemos e temos o nosso ser. Carregamos a carne e o sangue de Cristo em nós, se alcançarmos o novo nascimento; pois no Espírito de cristo renascemos. Ele quem em Maria, na humanidade morta, tornou-se um homem vivo, sem contado de qualquer homem; da mesma forma, ele se torna em nós, em nossa virgindade morta, um novo homem; e nada se faz necessário, senão que expulsemos o velho Adão, ou debulhemos a morte, a fim de que o tormento da vida terrestre nos deixe e possamos, assim, abandonar o domínio do demônio.

Não se trata de algo simplista , pois o velho Adão não deve ser totalmente expulso, mas só a aspereza ou casca, na qual a semente está oculta. O novo homem deve brotar no movimento de Deus na antiga essência, como um espalhar do grão, assim que Cristo nos atinja. Portanto, a essência deve ser lançada na cólera de Deus, ser perseguida, torturada, desprezada e afundar sob a cruz; pois, da cólera-ígnea de Deus é que o novo homem deve nascer; ele deve ser testado e aprovado no fogo. Nós caímos no poder da essência da cólera, mas o amor de Deus apresentou- se na cólera, saciando-a com o amor no sangue da essencialidade celeste na morte de Cristo. Assim, a cólera reteve a casca ou o homem corrupto, compreenda a natureza terrestre, e o amor reteve o novo homem. O sangue celeste não

deverá ser derramado por algum outro homem, mas somente o sangue mortal terrestre. Pois unicamente o Cristo, concebido sem a intervenção de homem e mulher, poderia fazer isso; pois, em Sua essencialidade celeste não havia o sangue terrestre. Contudo, Ele derramou seu sangue celeste no sangue terrestre, a fim de poder libertar a nós, pobres homens terrestres, da cólera. Pois, seu sangue celeste tinha que, em seu derramamento, mistura-se com o terrestre, para que a turba presente em nossa materialidade, que nos mantinha prisioneiros, pudesse ser afogada e a cólera extinta pelo amor do sangue celeste. Ele entregou sua vida à morte por nós, por nós ele desceu ao inferno, na qualidade ígnea do Pai; Ele deixou novamente o inferno para Deus, a fim de que pudesse romper a morte, afogar a cólera e fazer um caminho para nós. Quando o Cristo foi crucificado e morreu na cruz, nós nos crucificamos com ele e nele; nele morremos, ressurgimos da morte e nele vivemos eternamente, como membros de seu corpo. Assim, a semente da mulher esmagou a cabeça da serpente; O Cristo realizou este ato em nós e nós em Cristo: a essência humana e a essência divina o realizaram.

Portanto, a questão agora é esta: devemos seguí-lo. O Cristo, certamente rompeu a morte e saciou a cólera. Mas se desejamos nos tornarmos como a sua imagem, devemos seguí-lo também em sua morte, tomar sua cruz sobre nós, sofrermos a perseguição, o escárnio, a ridicularização e o assassínio. Pois, a velha casca pertence à cólera de Deus; ela deve ser eliminada, visto que não é o velho homem que deve viver em nós, mas o novo. O velho é entregue à cólera. Pois, da cólera floresce o novo, assim como a luz surge do fogo. O velho Adão deve ser portanto, lenha para o fogo, a fim de que o novo possa nascer na luz do fogo; este tem que subsistir no fogo. Nada é eterno se não puder subsistir no fogo, e que não originalmente não surja do fogo.

Nossa alma vem do fogo de Deus, e o corpo vem do fogo da luz. Compreenda sempre por corpo, uma substancialidade muda, que não é espírito, mas um fogo essencial. O espírito é muito mais elevado, pois sua origem é o fogo da cólera, da qualidade colérica; e sua verdadeira vida ou corpo, que carrega consigo, é a luz da brandura; ela habita no fogo e dá ao fogo o alimento brando ou amor; ao contrário, o fogo não subsistiria; ele terá algo para alimentar. Pois, Deus o Pai diz: “Eu sou um Deus colérico, ciumento e irado, um fogo que consome (Deut, 4,24); além disso, Ele é

chamado também de Deus amável e clemente (1 Jo 4,8), em referência à sua luz, ao seu coração. Portanto Ele diz: “Eu sou misericordioso, pois na luz nasce a água da vida eterna, que extingue o fogo e a cólera do Pai.

Tudo o que é ensinado, escrito, pregado ou falado no velho Adão, com relação ao Cristo, seja resultado da ciência ou o que for, pertence à morte, não possui compreensão e nem vida; pois o velho Adão está morto em relação ao Cristo. Somente o novo Adão, nascido da virgem pode fazê-lo; só ele compreende a palavra da regeneração e entra no redil das ovelhas, pela porta de Cristo. O velho Adão tenta entrar pela ciência e pela investigação. Ele acredita que o Cristo pode ser suficientemente compreendido pela letra. Sustenta que todo aquele que estudou as ciências e as línguas, que leu bastante, é apontado por Deus e chamado a ensinar; que o Espírito de Deus deve falar através de sua pregação, mesmo que ele seja o velho e corrupto Adão. Mas o Cristo diz: “quem não entra pela porta, no redil das ovelhas, mas sobe por outro lugar, é ladrão e assaltante” (Jo 10,1). E diz mais: “Eu sou a porta. Se alguém entrar por mim, será salvo; entrará e sairá e encontrará pastagem” (Jo 10,9). Pois aquele que não está comigo está contra mim.

Um mestre deve, necessariamente, nascer do Cristo, ao contrário ele é um ladrão e assaltante e se exibe, pregando, por conta própria. Ele faz isso por dinheiro e honra, ensina sua própria palavra e não a palavra de Deus. Mas se ele nascer novamente do Cristo, ensinará a palavra de Cristo, pois vive na árvore do Cristo, e emite seu som da árvore de Cristo, na qual vive. Por isso há tanta contrariedade na terra, porque os homens amontoam mestres para si, para falarem a eles o que seus ouvidos querem ouvir, aquilo que o velho Adão está pronto para ouvir, o que ministrar para sua elevação e prazer carnal, o que conduz ao poder e à magnificência.

Sim, mestres demoníacos, como irão se apresentar diante da cólera de Deus? Por que ensinam, se não são enviados de Deus? Vós sois enviados de Babel, da grande prostituta, da mãe da grande prostituição espiritual sobre a terra. Vós não nascestes da virgem, mas da mulher adúltera. Pois não só ensinam ficções humanas, mas também perseguem os enviados, que nasceram do Cristo. Vocês lutam por causa da religião, mas em religião não há luta: há diversidade de dons, mas um único e mesmo espírito fala. Como

uma árvore possui muitos galhos e os frutos diferentes formas, nunca são exatamente iguais; ou como a terra produz diversas ervas e flores, sendo a mãe única: o mesmo ocorre com aqueles que falam através do espírito de Deus; cada um deles fala através da maravilha de seus dons. Mas a árvore ou o campo deles, sobre o qual repousam, é o Cristo em Deus. Com vocês, ataduras do espírito, isto não ocorre. Pois insistem em calar a boca de seu Cristo, sobre quem ensinam sem conhecerem, com a língua terrestre, insistindo em atrelá-lo à sua lei. Ó, a verdadeira igreja de Cristo não possui lei alguma! O Cristo é o templo no qual devemos entrar. Um amontoado de pedras não faz o novo homem. Mas o templo de Cristo, onde o espírito Deus ensina, desperta a imagem meia morta, a fim de que comece a germinar. É uma questão de indiferença, Deus não liga para a ciência ou eloquência, mas aquele que vem a Ele, não será expulso por Ele. O Cristo veio ao mundo para chamar e salvar pobres pecadores; Isaias diz: “Quem é tão simples como meu servo? Portanto, a sabedoria deste mundo não irá servir para nada, ela só traz orgulho e inflamação da razão, ela tem altas pretensões, desejando ser sua senhora. Mas o Cristo diz: “Aquele que não abandonar casas, terras, bens, dinheiro, esposa e filhos, por minha causa, não é digno de mim”. Nada que está neste mundo deve ser mais querido do que o precioso nome Jesus. Pois tudo o que este mundo contém é terrestre, mas o nome Jesus é celeste, e em nome de Jesus devemos renascer da virgem.

Portanto, o filho da virgem é oposto ao velho Adão. Esse mostra a si mesmo através dos desejos do prazer temporal, da honra, do poder e da autoridade; ele é um dragão feroz e horrível, que busca unicamente devorar, como o apresenta a Revelação de João. O filho da virgem, contudo, está acima da lua, e usa uma coroa de doze estrelas; pois tem sob seus pés o que é terrestre ou a lua; ele cresceu da lua terrestre, como uma flor cresce da terra. Da mesma forma, a imagem virgem está acima da lua. Contra ela, o dragão feroz lança água de sua boca, na forma de dilúvio, e tenta afogar, continuamente, a imagem virgem. Mas a terra vem em auxílio da imagem e engole o dilúvio, trazendo a virgem para o Egito, onde a imagem virgem deve colocar-se em servidão. Mas a terra, ou a cólera de Deus, cobre a imagem virgem e engole a torrente do dragão. Muito embora este subjugue a imagem virgem com suas abominações, calúnias e injúrias, isto não provoca nenhum dano ao filho da virgem; pois a cólera de Deus recebe a

injúria derramada sobre o filho puro, a terra sempre significando a cólera de Deus. Assim o filho virgem permanece sobre a terra, ou seja, na lua terrestre, e deve sempre fugir do dragão terrestre, rumo ao Egito. Lá deve servir ao faraó; mas está acima da lua, não abaixo. O príncipe Ieoschua ou Jesus o traz a Jerusalém, pelo rio Jordão. Ele deve através da morte, entrar em Jerusalém e renunciar à lua. Ele não passa de um hospede neste mundo, um estranho e um peregrino; deve cumprir a sua jornada através da terra do dragão. Quando o dragão lança sobre ele a sua torrente, ele deve se curvar e se colocar debaixo da cruz; então a cólera de Deus recebe o fogo do dragão.

Sabe-se que o velho Adão nada conhece ou compreende acerca do novo; ele compreende tudo de forma terrestre. Ele não sabe o que é e onde está Deus; ele age como hipócrita, atribuindo pena a si mesmo e pensa servir à Deus, mas serve apenas ao velho dragão; sacrifica-se e seu coração é fiel ao dragão; ele será um devoto genuíno e com o que é terrestre se eleva ao céu, embora humilhe os filhos do céu. Com isto ele se mostra um alienado no céu; ele só é mestre sobre a terra e demônio no inferno.

Entre tantos espinhos e cardos, os filhos de Deus devem crescer. Eles não são conhecidos neste mundo, pois a cólera de Deus os ocultam. Nem mesmo um filho de Deus se conhece corretamente; ele vê unicamente o velho Adão que pesa sobre ele, que sempre busca afogar o filho da virgem. A menos que o filho da virgem obtenha um lampejo no Ternarius Sanctus; então ele se conhece, quando a bela coroa cavalheiresca é colocada sobre ele; neste caso, o velho Adão olha para traz e não sabe o que acontece com ele. Ele é alegre, mas dança como aquele que dança ao som de instrumentos de cordas: quando a música para, sua alegria tem um fim e ele continua sendo o velho Adão; pois ele pertence à terra e não ao mundo angélico.

Tão logo um homem atinge o ponto em que a imagem virgem começa a florescer do velho Adão, a alma e o espírito do homem se entregam à obediência de Deus; começa o combate, pois o velho Adão, na cólera de Deus, luta contra o novo Adão, no amor. O velho Adão deseja ser o senhor na carne e no sangue, e nesta conexão o demônio pode alcançar, infectar e possuí-lo. O ramo virgem o demônio não suporta, mas ele não deve tocá-lo. Porque a sua própria habitação nas trevas do abismo não o agrada, ele deseja habitar no homem; pois ele é um inimigo de Deus e fora do homem

não tem poder algum. Portanto ele possui o homem, conduzindo-o, como lhe aprouver, na ira e cólera de Deus, assim ele pode zombar do amor e da brandura de Deus; é que ele ainda supõe, por ser uma fonte de fogo ígnea, ser maior que a humildade, visto que ele pode se movimentar rapidamente. Mas como ele não deve atingir o ramo virgem, faz uso de nada mais que da astúcia e da corrupção, cobrindo tal ramo, para que não seja conhecido neste mundo; ao contrário, muitos ramos novos nasceriam nas tão chamadas suas terras, o que não o agrada. Ele traz seus servos orgulhosos até o homem, com humilhação e molestação, a fim de que ele seja perseguido, ridicularizado e tomado como louco. Isto ele faz através da sabedoria racional mundana, através daqueles que se auto denominam pastores de Cristo, e assim são reconhecidos pelo mundo, a fim de que o ramo de lírio não seja conhecido; se assim não fosse, o homem poderia se aperceber, muitos ramos cresceriam e o demônio perderia seu domínio entre os homens.

Mas o nobre lírio cresce na humildade e na paciência, e recebe sua essência, poder e perfume do campo de Deus, ou seja, da encarnação de Cristo. O espírito de Cristo é o seu poder, a essência de Deus é o seu corpo. Não de uma propriedade estranha, mas de sua própria essência, encerrada na morte, que floresce no espírito de Cristo é que cresce o lírio virgem. Ele não busca e nem deseja a beleza deste mundo, mas a do mundo angélico; pois ele não cresce neste mundo, no terceiro Princípio, mas no segundo Princípio, no mundo paradisíaco. Portanto, há grande discussão na carne e no sangue, na razão exterior. O velho Adão nada sabe sobre o novo e ainda resiste à ele: o novo não deseja nada do que deseja o velho, ele está sempre conduzindo o segundo à abstinência. Isto aflige o velho Adão, que só deseja o prazer, possessões e honra temporal e não suporta o desprezo ou a tribulação. Mas

o novo Adão tem satisfação em carregar as marcas de Cristo, a fim de poder tornar-se como a imagem de Cristo. Portanto o velho Adão está sempre se lamentando, pois vê que deve ser considerado um tolo; não sabe o que será dele, pois não conhece a vontade de Deus, tudo o que tem é a vontade deste mundo: o que ali brilhar ele terá, ele busca sempre ser mestre, diante do qual as pessoa reverenciam. Mas o novo Adão curva-se diante de seu Deus; ele nada deseja, não tem vontade de nada, mas anseia por seu Deus, como uma criança anseia por sua mãe; ele se acomoda no seio de sua

mãe e se entrega à mãe celeste no espírito de Cristo; de sua mãe eterna ele deseja comida e bebida; alimenta-se no seio de sua mãe, assim como uma criança no ventre. Pois enquanto estiver encoberto pelo velho Adão, ele ainda estará em processo de encarnação; mas quando o velho Adão morre, o novo nasce do velho: ele abandona o vaso, no qual estava e torna-se uma criança virgem, para a terra e para o julgamento de Deus; ele nasce como uma flor no reino de Deus. Então, quando o dia da restauração vier, todas as suas obras, realizadas no velho Adão, irão seguí-lo; a iniquidade do velho Adão, contudo, deverá ser queimada no fogo de Deus e servida ao demônio, como alimento.

Aqui a Razão diz: Se o novo homem neste mundo, no velho Adão, está apenas em processo de encarnação, ele não é perfeito. Resposta: Isto não é diferente do que acontece com uma criança, a semente é semeada com as duas tinturas, masculina e feminina, unidas, e daí a criança cresce. Pois tão logo o homem se volta para Deus, de todo coração, mente e vontade, deixando o caminho ímpio, entregando-se sinceramente à Deus, então começa a gestação no fogo da alma, na imagem velha e corrupta; a alma busca em si mesma o Verbo que se colocou em movimento em Maria, no centro da Santíssima Trindade, que se entregou à Maria, à virgem meia morta, com a altíssima, casta, abençoada e celeste Virgem da sabedoria de Deus, fazendo-se um verdadeiro homem. Este Verbo, que se moveu em Maria, no centro da Santíssima Trindade, que se desposou com a virgem meia morta e encerrada, é mantido pelo fogo da alma, e a gestação começa imediatamente na imagem da alma, ou seja, na luz da alma na brandura, na essência virgem aprisionada. Pois a tintura- amor do homem, busca a tintura-amor de Deus, e a semente é semeada no Espírito Santo, na imagem da alma.

Preste atenção! Quando o sinal virgem se apresenta no amor de Deus, tal ramo pode realmente nascer, pois em Deus tudo é perfeito. Mas enquanto ele estiver coberto no velho Adão, e permanece na essência apenas como uma semente, grande perigo o cerca, pois muitos só se apercebem deste ramo no final da vida; e ainda que tenha trazido tal semente desde o ventre de sua mãe, ele pode deteriorar-se e até mesmo partir-se e materializar-se.

O mesmo ocorre com o pobre pecador. Quando se arrepende, mas

posteriormente torna-se novamente mal, ocorre o mesmo que ocorreu com Adão, que era uma imagem bela e gloriosa, criada por Deus e altamente iluminada; mas quando se permitiu ser dominado pelo desejo, tornou-se terrestre e sua bela imagem ficou aprisionada na fonte terrestre, na cólera de Deus: isto ainda ocorre. Falamos isso, por termos recebido a iluminação na graça de Deus e por termos dedicado muito tempo em busca desta coroa: aquele que permanece firme, com uma real sinceridade, até que seu ramo se torne uma árvore, não terá seu ramo facilmente quebrado durante a tempestade; pois o que é frágil tem também uma vida frágil. Não é assim que penetramos a divindade. Ao contrário, a situação é natural e, de fato, tudo passa naturalmente; pois o Eterno tem a sua natureza própria, e uma procede da outra. Se este mundo não tivesse sido envenenado pela malícia e cólera do demônio, Adão teria permanecido neste mundo no Paraíso, não teria havido tal cólera nas estrelas e elementos; pois o demônio era um rei e grande senhor no lugar deste mundo: ele movimentou a cólera. Portanto, Deus criou o céu do meio das águas a fim de que a natureza ígnea, ou seja, o firmamento ígneo, pudesse estar sujeito ao céu aquoso, para que sua cólera fosse extinta. Se a água desaparecesse, certamente veríamos o que teria neste mundo: nada, senão uma queimação ígnea amarga e fria, além de trevas, pois não haveria luz, uma vez que ela só existe na brandura; assim também como não pode haver fogo brilhante, a menos que contenha essencialidade branda. Reconhecemos que Deus transmudou a essencialidade celeste em água, o que foi feito naturalmente quando Deus, o Pai, colocou-se em movimento e o demônio caiu, aquele que desejava ser o senhor ígneo da brandura; assim, uma barreira foi colocada diante de sua malignidade venenosa, de modo que ele é agora um imitador de Deus e não um senhor, um raivoso e realizador na fonte colérica.

Sabendo que estamos rodeados pela cólera, devemos ter cuidado com nós mesmos e não nos subestimar; pois nosso ser não é só deste mundo, mas também do mundo divino, que permanece oculto neste mundo e está perto de nós. Devemos viver e, ao mesmo tempo, estarmos em três mundos, se desabrocharmos novamente da vida demoníaca com a imagem virgem. Pois vivemos: 1º - no primeiro Princípio, no mundo do Pai, no fogo, segundo a alma essencial, ou seja, segundo a fonte ígnea, no centro da natureza da eternidade; 2º - com a verdadeira imagem virgem e pura vivemos no mundo paradisíaco, na luz flamejante, embora não esteja manifestado no lugar

deste mundo, mas é conhecido na imagem virgem no Espírito Santo, e no Verbo que habita na imagem virgem; 3º - vivemos com o velho Adão neste corrupto e externo mundo destemperado, junto com o demônio em seu desejo aceso; portanto, é necessário ser cauteloso. O Cristo diz: "Sede prudentes como as serpentes e sem malícia como as pombas" (Mat. 10,16). Acautelai-vos de vós mesmos. No reino de Deus não há necessidade de malícia, somos apenas crianças no seio da mãe; mas neste mundo devemos estar sempre atentos, carregamos o nobre tesouro num vaso terrestre. Ele é rapidamente arruinado, perde a Deus e o reino dos céus, que depois disso não pode ser alcançado. Aqui, estamos no campo, e como sementes, estamos em processo de crescimento; mesmo que o galho se quebre, a raiz ainda está presente e um outro galho pode crescer.

Nesta vida a porta da graça permanece aberta ao homem. Por maior que seja o pecador, se ele se voltar e produzir frutos honestos de arrependimento, ele pode renascer daquilo que é mal. Mas aquele que deliberadamente lança sua raiz ao fogo do demônio (corrupção) desperdiça o seu florescimento: quem irá ajudar aquele que não ajuda a si próprio? Mas se ele voltar sua vontade para Deus, então Deus o terá. Pois aquele que deseja na cólera de Deus, a cólera de Deus terá; mas aquele que deseja no amor, o amor de Deus terá. Paulo diz: "Um homem pode fazer de si o que quiser: ele tem as duas coisas diante de si, o fogo e a luz. Se ele for um anjo na luz, então o Espírito de Deus em Cristo o ajuda a entrar na hoste angélica; se ele for um demônio no fogo, então a cólera e a fúria de Deus o ajuda, atraindo-o para o abismo, para o demônio. Além do mais, ele toma a predominância daquilo que desejou. Mas se ele rompe o primeiro desejo e entra em outro, adquire então uma outra predominância; mas o primeiro desejo adere à ele de forma muito forte, lutando continuamente para possuí-lo de novo. Portanto, o nobre grão deve estar freqüentemente em restrição, deixar-se espetar pelos espinhos, pois a serpente sempre pica a semente da mulher, ou seja, o filho da virgem, no inferno. A picada da serpente permanece no velho Adão, ela sempre pica o filho da virgem, no ventre da mãe, no inferno. Portanto, a vida neste mundo está conosco, pobres homens, aprisionada num vale de dores, cheia de ansiedades, tribulações, misérias e aflições. Somos aqui, visitantes estranhos em nosso caminho de peregrinação. Temos que atravessar uma grande ruína, lugares selvagens, cercados por bestas demoníacas, com cobras e serpentes, lobos e nada mais

do que bestas horríveis, e a besta mais demoníaca, carregamos em nosso seio. É neste estábulo vil e demoníaco, que se aloja nossa bela virgem.

Sabemos disso e com razão dizemos que, quando o ramo nobre cresce e se torna forte, o velho Adão neste homem deve se tornar servo, deve andar atrás e normalmente fazer o que não quer. Deve sofrer tribulações, desprezo e morte. Ele não faz nada disso por vontade própria, mas a imagem virgem em Cristo o obriga; pois ele seguiria o Cristo com satisfação, Ele que é seu noivo, e se tornaria como Ele na tribulação e na aflição.

Certamente, ninguém é coroado com a coroa virginal de doze estrelas, usada pela mulher na Revelação de João, ou seja, com os seis espíritos celeste, e seis espíritos terrestres, a menos que permaneça firme contra a tormenta do dragão e fuja para o Egito, ou seja, sob a cruz e as pragas do Egito. Deve carregar a cruz de Cristo e colocar Sua coroa de espinhos; sofrer escárnio, desprezo e ser tomado como tolo, se quiser colocar a coroa de Cristo e da virgem. Primeiro deve usar a coroa de espinhos, se quiser usar a coroa celeste de pérolas no Ternarius Sanctus.

Revelamos aos iluminados um outro grande mistério: quando a pérola é semeada, a alma coloca a coroa pela primeira vez, no Ternarius Sanctus, com grande honra e satisfação, diante dos anjos de Deus e todas as santas virgens. Ocorre aqui grande satisfação, pois Deus se faz homem. Mas esta coroa se oculta novamente. Como não poderia haver satisfação naquele lugar? O velho Adão também dança, mas como um asno ao som da lira; mas a coroa está designada à encarnação.

Se fosses um campeão, poderias, mantendo os passos de Cristo, lutar contra o velho asno, assim como lutar contra o demônio. Se conquistares, tiver consciência e se aceitar como um corajoso filho de Deus, a coroa da mulher, de doze estrelas, será colocado sobre ti. Essa deverás usar, até que a virgem nasça da mulher, de tua morte ou pela tua morte; ela irá colocar sobre ti a coroa ternária, de grande honra, no Ternarius Sanctus. Pois, enquanto a imagem virgem estiver encerrada no velho Adão, ela não obtêm a coroa angélica, já que ainda corre perigo. Mas quando nasce, na morte do velho Adão, emergindo da casca ou da concha, então é um anjo que não mais pode perecer e a coroa certa que lhe corresponde, na qual Deus se fez homem, é colocada sobre ela. Mas a coroa com as doze estrelas é retida por

ela, como um sinal eterno; pois nunca se deve esquecer que Deus novamente revelou a virgindade e se fez homem na mulher terrestre. A Divindade é espírito, e o Elemento puro e santo nasce do Verbo da eternidade; o mestre passou a servo, diante disso todos os anjos do céu maravilharam-se: é a grande maravilha realizada desde a eternidade, pois é contra a natureza, e deve ser definida como amor. Os seis signos terrestres da coroa de doze estrelas, devem permanecer como uma maravilha eterna, um eterno hino de louvor, em que Deus nos redimiu da morte e da destruição; os seis sinais celestes devem ser a nossa coroa e glória, a prova de que superamos o que é terrestre pelo o que é celeste, de que éramos homens e mulheres, mas nos tornamos virgens castas repletas de amor próprio. Assim devem permanecer, por toda eternidade, os sinais de vitória, através dos quais se deve reconhecer a relação entre Deus e a humanidade, e como o homem é a maior maravilha no céu, diante da qual os anjos se regozijam.

Como estamos mergulhados na carne e sangue terrestres, neste mar de sofrimento, e nos transformamos numa natureza terrestre, onde estamos encerrados na obscuridade da reflexão, a mente não para de questionar sobre o seu verdadeiro lugar e para onde está destinada a ir. Ela sempre diz: Onde então está Deus? Quando poderei ver a Sua face? Onde estará a minha nobre pérola? Onde está o filho da virgem? Não posso vê-lo! Como posso desejar aquilo que não sou capaz de ver? Certamente, O anseio e O desejo, mas não posso ver nada em que meu coração possa repousar. Estou sempre como uma mulher que ficaria feliz ao dar à luz; como ficaria feliz ao ver meu fruto, prometido por meu Deus! A mulher deseja dar à luz, continuamente, um dia após o outro, de manhã e ao entardecer, de dia e de noite; na privação, aguarda o momento em que a estrela da manhã surgirá, trazendo repouso à alma; ocorre com a alma, o mesmo que ocorre com a mulher, que entra em trabalho de parto, que sempre espera pelo sinal de seu fruto, com ânsia e desejo.

Isso sucede com todos nós, caros filhos de Deus. Pensamos que estamos longe de tudo isso, mas já estamos em trabalho de parto. Damos à luz com grande ânsia na angústia, e não conhecemos a semente que damos à luz, pois ela está oculta. Não damos à luz para este mundo; como então poderíamos ver o fruto com os olhos deste mundo? O fruto não pertence à

este mundo.

Mas tendo em vista que recebemos o verdadeiro conhecimento, não de acordo como o homem exterior, mas de acordo com o homem interior, iremos descrevê-lo ao leitor, com prazer e deleite.

Ao nos observamos binários, com duplo sentido e vontade, o melhor que podemos fazer para nos conhecermos é considerar a existência criaturalizada. O que se vê são pedras brutas, algumas ocultam o melhor ouro. Assim, o ouro brilha na pedra, mas a pedra é inerte e não sabe que contém em si um ouro tão nobre. O mesmo ocorre conosco: somos um súlfur terrestre, mas possuímos um súlfur celeste, sendo que cada um está em sua própria possessão. Durante está vida, ambos estão juntos, mas não se qualificam um com o outro; um é o mero receptáculo e moradia do outro, como vemos no ouro. A pedra bruta não é o ouro, mas apenas o seu receptáculo. A aspereza da pedra não deixa o ouro aparecer, mas a tintura do sol na pedra bruta o produz. A pedra bruta é a mãe e o sol, o pai; o sol impregna a pedra bruta, já que possui o centrum naturae, ao qual o sol deve a sua origem.

O mesmo ocorre com o homem: o homem terrestre é indicado pela pedra bruta e o Verbo que se fez homem é indicado pelo sol, que torna o homem corrupto fecundo. A causa disso é a seguinte: O homem corrupto é, de fato, terrestre, mas contém em si o centrum naturae eternamente; ele anseia pelo sol de Deus, pois na sua criação, o sol de Deus foi tomado em seu ser. A pedra bruta, contudo, cobriu e engoliu o sol, e este misturou-se com o súlfur bruto, a menos que seja purificado no fogo, a fim de que o que seja bruto derreta-se, e o sol permaneça isolado. Compreenda assim a morte e a corrupção, na qual a carne terrestre e inferior se dissolve, e a carne espiritual e virgem continua, sem a outra.

Compreenda bem o que queremos dizer; falamos solene e verdadeiramente, da forma como conhecemos. O novo homem não é um mero espírito; ele vive na carne e no sangue; assim como o ouro na pedra não é um mero espírito, ele tem corpo; não um corpo como a pedra bruta apresenta, mas um corpo que no centrum naturae subsiste ao fogo. O fogo não pode consumir seu corpo, pois o ouro tem outro princípio. Mas ele permanece como que mudo, pois a terra não é digna do ouro, ainda que o

carregue e o produza. Da mesma forma o homem terrestre não é digno da jóia que carrega; ainda que ajude a produzi-la, ele nada mais é do que uma terra negra, comparado com o filho da virgem, nascido de Deus.

Assim como o ouro possui um corpo real, que se encontra aprisionado e oculto na pedra bruta, a tintura virgem no homem terrestre também possui um corpo real, divino e celeste, na carne e sangue, mas não como os terrestres; trata-se de um corpo que resiste ao fogo, passa através da pedra e da madeira e não se encontra exposto. Como o ouro penetra a pedra bruta, sem quebrá-la e sem quebrar a si mesmo, e a pedra nada conhece do ouro; o mesmo ocorre com o velho homem terrestre: quando ele recebe o Verbo da vida, que em Cristo se fez homem, o recebe no súlfur corrupto de sua carne e sangue, no centro virgem encerrado na morte, centro em que Adão era uma imagem virgem; ali a terra bruta ocultou de seu ouro a essencialidade cândida e divina, a fim de que a natureza celestial permanecesse na morte, no centro do fogo. No mesmo centro, o Verbo da vida, que em Maria se fez homem, movimentou-se; ali a essência encerrada na morte, obteve uma tintura viva. Neste ponto o ouro nobre ou a essência celeste começa a florescer na morte, e a possui em si, de uma só vez, no verbo da vida, o Espírito Santo, procedente do Pai e do Filho; a Sabedoria ou a virgem celeste, como espelho e imagem da Divindade, forma como que um súlfur puro, um puro sangue e carne, onde o Espírito Santo habita, não na forma de essência terrestre, mas na forma de essência divina, por meio da essencialidade celeste. Esta é a verdadeira carne e sangue de Cristo, no Verbo da vida que se fez homem, que rompeu a morte, a fim de que a tintura divina desabrochasse novamente e produzisse seres de si mesma, pois tudo nasce e surge do desejo de Deus. Mas como Deus é um fogo e também uma luz, sabemos muito bem de onde surgiu cada coisa individual. Não poderíamos dizer outra coisa senão que do amor surge o amor; pois uma vontade desejosa boa concebe em sua imagem o que lhe é semelhante, ela faz para si o que lhe é semelhante pela ânsia de seu próprio desejo

Reconhecemos, então, que por ter desejado um espelho, uma imagem de si mesmo, o Divino, desejando em sua auto fecundação, gerou em sua vontade o que é bom e adorável, uma verdadeira semelhança de acordo com o Bem, de acordo com a pura Divindade. Mas o fato de o elemento terrestre ter se misturado à ela, consiste na falta da cólera desejosa, do fogo, do

demônio, quem a inflamou pela sua cobiça.

Reconhecemos, igualmente, que Deus não abandonaria o que lhe pertence (ou seja, o que lhe é melhor e mais querido, criado à sua semelhança para ser um ser criaturalizado); ao contrário, ele mesmo se tornou tal ser, como o havia criado, a fim de regenerar da corrupção o que havia sido corrompido e transformá-lo no que é de melhor, onde ele poderia habitar eternamente. Dizemos com convicção, que Deus habita no novo homem, se auto sustentando, não por um reflexo ou brilho externo, mas essencialmente, ainda que em seu princípio. O homem exterior não o toca, não o atinge. Além do mais, a carne e o sangue do novo homem não é Deus, é essencialidade celestial. Deus é Espírito, Deus não decai ou perece; embora decaído e perecido, Deus permanece nele. Não possui a necessidade de partir, pois não faz uso de nenhuma entrada; mas se manifesta na carne e no sangue, é o seu prazer de possuir uma semelhança.

Se então, nos conhecermos bem, seguindo o caminho, descobriremos que esse homem (o homem completo) é a verdadeira semelhança de Deus. Pelo corpo e vida terrestre, ele pertence à este mundo, e pelo corpo e vida virgem, ele pertence ao céu; a essência virgem possui uma tintura celeste e torna a carne celeste, na qual Deus habita. Assim como o ouro na pedra tem uma tintura diferente da pedra bruta, e essa tintura tem um outro corpo; cada corpo surge de sua própria tintura, assim como a terra foi gerada da fonte feroz, do centro do fogo frio e azedo, do súlfur da austeridade na angústia para o fogo.

Do mesmo modo, um bom corpo é produzido de uma boa essência, pois a essência faz a vida, embora não seja a vida propriamente dita. A Vida tem a sua origem no Princípio ou no fogo, seja ele frio ou quente, ou no fogo da luz; cada um deles consiste num princípio especial, mesmo que não haja separação.

Falaremos agora, com base na verdade, sobre a encarnação ou humanidade, usando uma linguagem clara, plena e desvelada; não nos basearemos em conjecturas ou opiniões, mas em nosso próprio e verdadeiro conhecimento, que nos foi dado por Deus na iluminação:

1. O novo homem regenerado, que se encontra oculto no velho, como o

ouro na pedra, possui uma tintura celeste e um corpo e sangue também celeste; o espírito desta carne, não é espírito de outro, mas dele próprio, gerado de sua própria essência.

2. Reconhecemos e afirmamos que o Verbo, que se fez homem em Maria, a Virgem, é a causa primordial da tintura que teve início no súlfur; Reconhecemos que o espírito de Cristo, que preenche todos os céus, reside nesta tintura.

3. Reconhecemos esta carne celeste como a carne de Cristo, onde o Espírito Santo habita de forma indivisível.

4. Confessamos a possibilidade deste mesmo sangue e carne tornarem-se corruptos através da imaginação e do desejo, durante a existência do velho Adão, o que ocorreu com Adão.

5. Dizemos que no processo de corrupção, nada surge da Divindade, nem ela é tocada por nada que seja mal; pois aquilo que o amor de Deus perde, é lançado à cólera de Deus. Aquilo que se afasta da luz é caçado pelo fogo, e o Espírito de Deus permanece incorruptível.

6. Afirmamos que existe, em todos os homens, a possibilidade de um novo nascimento, senão Deus estaria dividido, e não num lugar assim como em outro. Reconhecemos que o homem é atraído pelo fogo e pela luz: para onde inclina sua vontade, ali cai; ele pode, no curso deste tempo levantar novamente o fiel da balança ou a vontade. Dizemos que a Divindade pura não deseja nenhum mal, nenhum demônio; deseja, muito menos, ver um homem no inferno, na cólera de Deus. Mas como não há luz sem fogo, reconhecemos que o demônio, pelo desejo, colocou sua imaginação no fogo-colérico. Desta forma todos os homens condenados não serão auxiliados, eles preenchem a fonte ígnea gananciosa. Eles se deixam ser atraídos, ainda que seria perfeitamente possível permanecerem firmes.

7. Dizemos que o verdadeiro templo no qual o Espírito Santo prega, encontra- se no novo nascimento; morto, mudo, falso, cego e imperfeito é aquele que não é ou que não ensina do Espírito de Deus; o Espírito Santo não mistura-se ao som da boca do ímpio; nenhum deles é pastor de Cristo. Pois, embora no homem santo, o tempo é parado pela voz do ímpio, o que

também poderia ser feito pelo grito de uma besta, se seu grito fosse inteligível, ou se o precioso nome de Deus fosse mencionado. Pois tão logo o nome de Deus é mencionado, provocando um som, o outro som fica aprisionado no lugar onde está soando, ou seja, na alma santa. Mas nenhum ímpio desperta outro ímpio da morte, pois ambos se encontram na cólera de Deus, fechados na morte. Se nós mesmos tivéssemos sido capazes de surgir da morte, nos tornando vivos, o coração de Deus não necessitaria de se tornar homem. Portanto, dizemos com razão, que somente aquele Verbo que se fez homem pode despertar o pobre pecador de sua morte para o arrependimento, gerando uma nova vida. Desta forma, nenhum dos blasfemadores ímpios beneficia-se do templo de Cristo. Mas aquele que possui o espírito de Cristo, estes são os Seus pastores.

8. Dizemos que todos os mestres que professam serem servos e ministros de Cristo, mas que não trilham o caminho da regeneração, por causa da honra e do orgulho, são Anticristo e a mulher no dragão na Revelação de João (Ver. 17.3,4).

9. Dizemos que toda tirania injusta e poder usurpador, pelo qual o fraco é oprimido, sugado, esmagado e atormentado, através do qual ele se torna inconstante e perdido, sendo levado e atraído para todo tipo de excessos e injustiça, é a horrível e abominável besta, onde o Anticristo se esconde.

10. Sabemos e afirmamos que aproxima-se o tempo e o dia em que esta besta mal e a prostituta irão para o abismo. Amém, Aleluia, Amém.

A Razão Externa diz: Não teria sido suficiente que Deus se fizesse homem em nós? Por que o Cristo teve que sofrer e morrer? Será que Deus não poderia ter introduzido o homem no céu, através de seu novo nascimento? Será que Deus não é poderoso o bastante para realizar a Sua vontade? Qual o prazer de Deus diante da morte e da agonia, a ponto de, não só, permitir que seu próprio Filho morresse na cruz, mas que todos nós também tenhamos que morrer? Se Deus nos redimiu pela morte de seu Filho, se ele pagou por nossos pecados, por que também temos que morrer e apodrecer? Assim, divaga a Razão.

Diante deste espelho, poderíamos atrair o Anticristo, que se denomina ministro e pastor de Cristo, assim como todas as universidades deste mundo

com sua leis e disputas e todos os filhos de Cristo que carregam a Sua cruz. Todos veriam o real fundamento, não uma visão para maltratar alguém com sua ignorância, mas a visão da verdadeira doutrina, que cada um deve buscar e revelar por si mesmo. Pois, isto será uma questão seríssima e irá tocar o homem; tal questão requisita seu corpo e sua alma, não se deve brincar com isso de forma alguma, pois aquele que revelou este conhecimento, preparou a sua trombeta; isto interessa à raça humana, que cada um arrume a sua lâmpada. Um grande rei de dupla espécie virá através de duas portas; ele é um em dois; ele possui o fogo e a luz; ele prepara a sua entrada na terra como no céu: deixemos que isto seja uma surpresa.

Caros filhos de Cristo, quando observamos a morte, e como devemos através da morte penetrar a vida, encontramos uma vida bastante diferente, que surge da morte. Logo descobrimos porque o Cristo teve que morrer, porque também temos que morrer na morte de Cristo, ressurgir Nele e com Ele, através Dele, entrar no reino de Deus.

Ora, se encontrarmos estas respostas, estaremos considerando a eternidade com referencia ao fundamento e ao não fundamento, ao contrário nada encontraríamos; só encontraremos isto onde está. Temos nossa origem na imagem de Deus, no fundamento eterno, mas com a alma e sua imagem, fomos introduzidos no que é temporal e perecível, ou seja, no sofrimento; a eternidade e o não fundamento é liberdade, fora ou além do sofrimento; portanto, é através da morte que iremos penetrar novamente a liberdade. Contudo, não se pode dizer que ali não haja vida; é a vida correta, que existe eternamente sem dor ou sofrimento. Dizemos tudo isso, para que se faça uma verdadeira comparação com o que é uma semelhança segundo o reino deste mundo; mas se adicionarmos a isso o mundo divino, isto passará a ser a própria realidade.

Bem sabes que nossa vida é enraizada no fogo, pois sem o calor não vivemos. O fogo tem um centro especial, seu realizador próprio em seu círculo, ou seja, as sete formas ou espíritos da natureza. Mas só as quatro primeiras formas estão relacionadas à natureza ou à fonte em que o fogo é despertado e inflamado; portanto, um princípio ou um centro-vida está presente; a matéria de combustão é formada nos próprios espíritos ou formas, sendo sempre consumida no fogo. Desta consumação o fogo produz

algo diferente, melhor do que a primeira coisa que o fogo produz. Pois o fogo mortifica e engole a natureza que o próprio fogo produz (compreenda o fogo essencial, nas formas para o fogo); ele a consome e produz da morte algo muito mais nobre e melhor, que ele não pode consumir. É o que se vê no fogo e na luz, que não consiste meramente numa verdadeira semelhança, mas na própria realidade; somente os princípios devem ser distinguidos. Tudo é, de fato, um fogo, mas que se diferencia segundo a sua fonte.

Para que isso seja bem compreendido, é necessário que informemos sobre a origem do fogo. Isto já foi explicado minuciosamente no livro "Os Três Princípios" e outras obras, no entanto, daremos aqui um resumo para a compreensão e referência do leitor, caso deseje investigar as sete formas da natureza.

O fogo possui basicamente três formas em si como centro. A Quarta forma é o fogo propriamente dito, que fornece o princípio, ou seja, vida com espírito; pois nas três primeiras formas não há um verdadeiro espírito, só a essência, a saber, (1) a adstringência, que é a vontade desejosa, a primeira e principal forma; (2) o Amargor, ardente, é a Segunda forma a causa das essências; (3) a Angústia como o círculo ou o centro da vida, a roda em movimento, que abarca em si os sentidos ou as essências amargas, engole-as como se estivessem na morte e lança (4) da câmara de tortura, assim como da morte, a mente, ou seja, outro centro. Compreenda da seguinte forma:

Na eternidade, ou seja, no não fundamento da natureza, não há nada senão uma quietude sem ser; não há nada que possa originar coisa alguma; é um eterno repouso, sem paralelo, uma falta de fundamento sem começo, nem fim. Não há ali nenhum limite ou lugar, nenhuma busca ou apreensão, nada em que haja uma possibilidade. Este Não Fundamento é como um olho, pois é seu próprio espelho. Ele não possui princípio essencial, não possui nem luz nem trevas, e é acima de tudo uma magia, e possui uma vontade, sobre a qual não devemos lutar ou questionar, pois ela nos confunde. Através desta vontade, compreendemos o fundamento da Divindade, que não tem origem, pois consiste de si mesma; diante da qual emudecemos, pois está fora da natureza.

Estando nós na natureza, não conhecemos a vontade na eternidade, pois

na vontade a própria Divindade é tudo, a origem eterna de seu próprio espírito e de todos os seres. Na vontade, a Divindade é toda poderosa e tudo sabe, mesmo assim, não é conhecida ou chamada como Deus, pois não há em si nem o bem, nem o mal. Temos aqui uma vontade desejosa, que é o princípio e o fim; pois o fim realiza, ao mesmo tempo, o início desta vontade, e o início novamente o fim. Isto faz com que todos os seres estejam incluídos em um olho, que é como um espelho, onde a vontade se fixa e descobre o que é; ao se fixar, torna-se desejosa da entidade que é ela mesma. Este desejo é uma atração, ainda que não haja nada para ser atraído; mas a vontade atrai a si mesma em seu próprio desejo, e em seu desejo representa a si mesma o que é; esta imagem representativa é o espelho em que a vontade vê o que é, pois é uma semelhança da vontade. Reconhecemos este espelho (no qual a própria vontade sempre se fixa e tem uma visão de si mesma) como sendo a sabedoria eterna de Deus, pois é uma virgem eterna sem ser substancial; ao mesmo tempo, é o espelho de todos os seres, no qual todas as coisas tem sido vistas desde a eternidade, seja o que fosse que tivesse que surgir.

O espelho não é a vista em si, mas a vontade que é faminta; quer dizer, a ânsia que sai da vontade é um espírito, que fabrica o espelho, na ânsia do desejo. O espírito é a vida, e o espelho é a manifestação da vida, sem o qual o espírito não se conheceria; pois o espelho ou a sabedoria é o seu fundamento, seu receptáculo; esta é a descoberta do espírito, já que o espírito encontra a si mesmo na sabedoria. A Sabedoria sem o espírito não é um ser, e o espírito sem a sabedoria não se manifesta, um sem o outro seria uma existência sem fundamento.

Assim, a sabedoria, como espelho do espírito da Divindade, é passiva, e é o corpo da Divindade ou do espírito, onde o espírito habita. É uma matriz virgem onde o espírito se revela, e é a essência de Deus, ou seja, uma súlfur santo e divino formado na imaginação do espírito, do Não fundamento da eternidade. E este espelho ou súlfur é o eterno primeiro princípio e o eterno primeiro fim, e em todo lugar assemelha- se à um olho, através do qual o Espírito vê o que é em si, e o que tem que revelar.

Este espelho não tem fundamento ou limite, da mesma forma, o espírito não tem fundamento, a não ser neste olho. Em todo lugar ele é inteiro,

indivisível, assim como sabemos que o Não fundamento não pode ser dividido, pois não há nada que possa dividir: não há outro movimento senão o do espírito. Somos capazes de reconhecer, o que é o espírito eterno na sabedoria, e o que é o eterno princípio e o eterno fim.

Reconhecemos que o princípio eterno no Não fundamento é em si uma eterna vontade, cuja origem nenhuma criatura conhecerá. Mas nos foi dado conhecer e reconhecer em espírito, o seu fundamento, onde ela produz a si mesma, onde ela repousa. Pois uma vontade é tênue como uma não existência; no entanto ela deseja e quer ser alguma coisa, a fim de que possa se manifestar em si mesma. Pois o nada causa a vontade, que se torna desejosa; esse processo do desejo é um meio da imaginação, já que a vontade se fixa no espelho da sabedoria. Desta forma, ela imagina do Não fundamento, em si mesma, e faz para si, na imaginação, um fundamento, torna-se fecunda com a imaginação e através da sabedoria, ou seja, através do espelho virgem, que é a mãe, sem dar à luz, sem vontade.

Afecundação não ocorre no espelho, mas na vontade, na imaginação da vontade. O espelho permanece eternamente virgem sem dar à luz, mas a vontade torna-se impregnada com o aspecto do espelho. Pois a vontade é o Pai, e a fecundação no Pai, ou na vontade, é o coração ou Filho, pois é o fundamento da vontade ou do Pai, já que o espírito da vontade reside no fundamento, e procede da vontade no fundamento dentro da sabedoria divina. Assim, a imaginação da vontade, ou seja, o Pai, atrai a visão do espelho ou forma, ou seja, as maravilhas do poder, cores e virtude, para si, tornando-se fecundo com o esplendor da sabedoria, com poder e virtude. Este é o coração da vontade ou do Pai, já que a insondável vontade obtém um fundamento em si, através da imaginação insondável eterna.

Reconhecemos, então, a fecundação do pai como sendo o centro do espírito da eternidade, onde o espírito eterno sempre busca a si mesmo. Pois a vontade é o princípio e movimento ou atração para a imaginação, pois para o espelho da sabedoria, é o espírito eterno e insondável. Isso surge na vontade e busca a si próprio no centro do coração, no poder da sabedoria como atração, sendo a vida e o espírito do coração. Como a vontade insondável e eterna estava como que muda, buscou na sabedoria (conhecida como coração ou centro) o verbo da vontade, pois este é o som ou o poder,

e é a boca da vontade que revela a vontade. Pois a vontade, ou seja, o pai, com o movimento do espírito expressa o poder no espelho da sabedoria. Com essa expressão o espírito procede da vontade, do verbo da boca de Deus, do centro do coração, naquilo que é expressado, ou seja, no espelho virgem, revelando o Verbo da vida no espelho da sabedoria, a fim de que a natureza ternária da Divindade se manifeste na sabedoria.

Assim, reconhecemos uma essência divina, insondável e eterna, e em sua natureza três pessoas, sendo que uma não é a outra. A primeira pessoa é a Vontade eterna, a causa de todos os seres. Esta vontade não é um ser propriamente dito, mas a causa de todo ser; ela está livre do ser, pois é o Não fundamento. Não há nada antes dela que pudesse constituí-la; ela se constitui de si mesma, daquilo que nós não temos conhecimento. Ela é tudo, e ao mesmo tempo, única em si; sem o ser ela é um nada. Nesta vontade única o princípio eterno surge da imaginação ou do desejo. No processo do desejo a vontade se fecunda pelo olho da sabedoria, que existe em co-eternidade com a vontade, sem fundamento e sem princípio. Essa fecundação é o fundamento da vontade e do Ser de todas as coisas, e é o Filho da vontade, pois a vontade cria este filho perpetuamente, de eternidade em eternidade; pois ele é o seu coração ou o seu verbo, como um som ou revelação do não fundamento da eternidade quieta; é a boca ou a compreensão da vontade. Ele é chamado de uma outra pessoa que não o Pai, pois é a revelação do Pai, seu fundamento e ser; a vontade não é um ser, mas a imaginação da vontade produz o ser.

Deste modo, a outra pessoa é o ser da Divindade (ou o ser da Santíssima Trindade), a boca ou a revelação do Ser de todos os seres, e o poder da Vida de todas as vidas.

A terceira pessoa é o Espírito, que procede do poder da fala, do alcance da vontade através da imaginação, da boca do Pai para o olho, assim como no espelho da sabedoria; este espírito é livre da vontade e do Verbo. Muito embora a vontade lhe dê origem através do Verbo, ele é livre, assim como o ar é livre do fogo. Vemos que o ar é o espírito e a vida do fogo, mas é algo diferente do fogo, embora seja dado pelo fogo. Vemos que o ar produz um céu de vida e movimento, que é brilhante e móvel; o mesmo ocorre com o Espírito Santo, a vida da Divindade, uma outra pessoa além do Pai e do

Filho. Ele tem, mais que nada, um trabalho diferente; ele revela a sabedoria de Deus, a fim de que as maravilhas apareçam, assim como o ar dá início a toda vida deste mundo, para que todas as coisas vivam e cresçam.

Esta foi uma curta notificação com relação à Divindade no não fundamento, indicando como Deus habita em Si mesmo, sendo ele mesmo seu centro parturiente. Mas a mente humana não repousa satisfeita com isso; ela questiona a natureza, de onde este mundo se originou e tudo foi criado. Por conta disto, segue-se o texto do Princípio, que oferecemos à Razão.

Já descrevemos como é a Divindade fora da natureza. É preciso compreender, que a Divindade, com relação as três pessoas é, com a sabedoria eterna, livre da natureza, e que a Divindade possui um fundamento ainda mais profundo que o Princípio do fogo. A Divindade, mais uma vez, sem o Princípio não se manifestaria. Compreenda a Divindade aparte do Princípio como um aspecto das grandes maravilhas, onde ninguém sabe ou pode saber o que é; onde todas as cores, poder e virtude brilham numa tremenda essência, a qual nenhuma essência se assemelha, mas que é como um terrível olho, onde nem o fogo, nem a luz e nem as trevas são vistos, mas somente o aspecto de um espírito correspondente, num profundo azul, verde e cores mistas, onde reside todas as cores, ainda que nenhuma seja conhecida da outra, mas que se assemelham a um tremendo lampejo, cujo aspecto confundiria e consumiria a tudo.

Assim, devemos conhecer a Essência eterna, ou seja, o Espírito eterno além ou fora do fogo e da luz; ela é uma vontade desejosa, que faz de si mesma um espírito. Esse espírito é a potência eterna do Não Fundamento, o Não fundamento transporta a si mesmo para um fundamento, de onde surgem todos os seres. Pois toda forma no espírito é uma fonte de imaginação, uma vontade desejosa, e deseja se manifestar. Cada forma fecunda a sua imaginação, e cada forma também deseja se manifestar. Portanto, o espelho do aspecto é uma maravilha do Ser de todos os seres; das maravilhas não há número, origem, nem fim; trata-se de maravilha pura, cujo conteúdo é impossível de escrever. Pois só o espírito da alma, que surge de tal maravilha, pode compreendê-la.

Em segundo lugar, compreendemos como essa vontade insondável deseja se manifestar, se encontrar e descobrir o que é, de eternidade em eternidade, a fim de transformar as maravilhas num ser, revelando a si mesma nas maravilhas. O processo do desejo é um molde da imaginação, já que a vontade se contrai e se torna fecunda, protegendo-se com a imaginação, a fim de que da vontade livre surja uma vontade oposta, liberada da proteção ou das trevas. Pois o que é atraído forma as trevas da vontade livre, já que aparte da imaginação estava livre, ainda que em si fosse como um nada: surge assim na vontade primordial, no processo do desejo, uma vontade oposta. Pois o desejo é interno, e a vontade primordial ainda não tem um ser, mas impregna-se com o desejo, a fim de se tornar repleta de ser, a saber, das maravilhas e poder que as encobrem e a torna trevas, com isso nos poderes atraídos outra vontade se forma para sair das trevas para a liberdade. Esta outra vontade é a vontade do coração ou do Verbo, pois é a causa do Princípio, uma causa que a roda da angústia acende um fogo. Passando da angústia pelo fogo, com o brilho da luz, ou da Majestade, na qual a natureza da Santíssima Trindade é revelada, recebendo aqui o santo nome de DEUS. Compreenda melhor:

A vontade primordial, ou seja, Deus o Pai, é e permanece sendo eternamente livre da fonte de angústia, no que se refere a vontade propriamente dita. Mas seu desejo torna-se fecundado, e no processo do desejo, pela primeira vez surge a natureza e as suas formas. A natureza habita na vontade, em Deus, e a vontade na natureza, apesar disto não há promiscuidade. Pois a vontade é efêmera como um nada, por isso não é alcançada, e não é aprisionada pela natureza. Caso ela pudesse ser capturada, haveria na Divindade senão uma só pessoa. Ela é, de fato, a causa da natureza, mas ela está e permanece na eternidade, em outro mundo, e a natureza, da mesma forma, permanece num outro mundo em si. A natureza existe em virtude da essência da qual o Princípio surge; mas a límpida Divindade na Majestade não existe na essência ou Princípio, mas na liberdade, fora ou além da natureza, e a luz brilhante que procede do Princípio faz a inapreensível e insondável Divindade manifesta. O Princípio fornece o brilho da Majestade, mas não a contém em si, mas a tira do espelho da sabedoria virgem, da liberdade de Deus. Pois se o espelho da sabedoria não existisse, nenhum fogo ou luz poderia ser gerado: tudo tem a sua origem no espelho da Divindade. Além do mais, isto pode ser

compreendido da seguinte forma:

Deus é em si o não fundamento, ou seja, o primeiro mundo, do qual nenhuma criatura sabe coisa alguma, pois vive de corpo e espírito unicamente no fundamento. Deus, também não se manifestaria a si próprio no não fundamento, mas da eternidade sua sabedoria transformou-se em seu fundamento, o qual a vontade eterna do não fundamento da Divindade desejou, por onde a divina imaginação surgiu, a fim de que a vontade insondável da Divindade, desde a eternidade na imaginação, se fecundasse do poder da visão ou forma do espelho das maravilhas. Ora, por fecundação entende- se a origem eterna dos dois princípios, ou seja, (1) As trevas eternas, de onde surge o mundo do fogo; (2) a essência da cólera nas trevas, onde compreendemos a cólera de Deus e o abismo da natureza; assim, reconhecemos o mundo do fogo como a grande vida.

Compreendemos, em segundo lugar, como que a luz é gerada do fogo, e como entre o mundo do fogo e da luz a morte aparece; como a luz brilha da morte, e como o mundo de luz flamejante é em si um princípio e uma fonte diferente do mundo ígneo, sendo que um não está separado do outro, e tampouco podem apreender um ao outro. Em terceiro lugar, compreendemos como o mundo de luz preenche a liberdade eterna, ou a vontade primordial, conhecida como Pai. Em quarto lugar, compreendemos também sincera e fundamentalmente como a vida natural que deseja habitar no mundo de luz flamejante deve passar pela morte e nascer da morte compreenda a vida que tem a sua origem das trevas, da essência da natureza de trevas, como a alma do homem, que em Adão, se afastou do mundo ígneo para a natureza de trevas. Em quinto lugar, compreendemos fundamentalmente e de forma exata porque Deus, ou seja, o coração de Deus, tornou-se homem. Porque ele teve que morrer, penetrar a morte e romper sua vida na morte, para trazê-la através do mundo do fogo para o mundo de luz flamejante; e porque devemos seguí-lo. Em sexto lugar, porque muitas almas permanecem no mundo do fogo, não podendo passar através da morte para o mundo de luz flamejante; o que é a morte; o que é a alma. Agora acompanhe este raciocínio:

Quando consideremos o que é a vida, encontramos que ela consiste principalmente de três elementos, ou seja, desejo, disposição e pensamento.

Se investigamos mais um pouco, o que ela é e o que a origina, encontramos o centro ou a roda essencial, que contém em si a própria forja ígnea. Com um pouco mais de reflexão sobre a origem do fogo essencial, descobrimos que esta origem está no desejo da vontade insondável e eterna, que pelo desejo faz para si um fundamento; pois cada desejo é adstringente ou atrativo daquilo que a vontade deseja, e ainda não há nada antes dela que se possa desejar, a não ser ela mesma.

Este é o grande olho que tudo vê, sem limite e fundamento, onde todas as coisas residem, e ainda é um nada, a não ser na vontade desejosa, onde se torna algo. Isto é efetivado pela imaginação, onde a vontade torna-se uma substância, embora ainda seja um nada, pois é apenas uma ofuscação da vontade livre. Esta substância ofusca a liberdade ou a vontade efêmera e insondável, provocando o surgimento de dois mundos: o primeiro, que em si é inatingível ou inapreensível, uma existência não fundamentada e liberdade eterna; o outro, que alcança a si mesmo e se transforma em trevas. Ainda não estão separados um do outro, somente por esta diferença, que as trevas não podem se apoderar da liberdade, pois ela é muito efêmera e também habita em si mesma, do mesmo modo que as trevas.

Ora, sabemos que (1) a outra vontade do Pai, a que Ele atrai para o espelho da sabedoria, para o seu centro do coração, torna-se fecunda na imaginação do Pai com a substância, e que esta fecundação é trevas em comparação à liberdade da primeira vontade (chamada de Pai), e nestas trevas ou substância todo poder, cores e virtudes permanecem envolvidas na imaginação, assim como todas as maravilhas. (2) o poder, as maravilhas e as virtudes devem se manifestar através do fogo, ou seja, no Princípio, onde tudo entra em sua essência; pois no Princípio a essência tem a sua primeira origem. (3) No Princípio, antes que o fogo surgisse, a morte apareceu, ou seja, a grande vida angustiante, que na verdade não é morte, mas uma fonte mortífera, áspera e amarga, de onde surge a grande e forte vida, ou a vida-ígnea, e do que morreu surge a vida-luz, com o poder do amor. Esta vida-luz habita com o amor na liberdade eterna, ou seja, na vontade primordial chamada de Pai; pois o Pai a requer em sua própria vontade, Ele é a própria vida-luz, e não necessita de mais nada.

Observe que não existe luz sem fogo, e não há fogo sem severa dor, dor

esta que se assemelha ao morrer; a substância do qual o fogo queima deve morrer e ser consumida. Do processo de consumo surge os princípios de duas grandes vidas: a primeira, na dor (Qual), é chamada Fogo; a outra, derivada da subjugação ou da morte, é chamada Luz, é imaterial e sem dor, ainda que contenha em si toda fonte ou qualidade (Qual), mas não aquela da cólera, pois a cólera permanece na morte. A vida-luz brota da morte como uma bela flor que brota da terra, e não mais é atingida pela morte. De fato, a luz habita no fogo e o fogo não pode movimentá-la; não há nada ali que possa movimentar a luz, pois ela é como a liberdade eterna, e habita a liberdade.

Compreende-se aqui como o Filho é uma outra pessoa que não o Pai, pois ele é o mundo-luz, ainda que habite no Pai, e o Pai o gera em sua vontade. Ele é verdadeiramente o amor do Pai, assim como a maravilha, conselho e poder, pois o Pai o gera em sua imaginação, em si mesmo, e o leva adiante através de seu próprio fogo, através do Princípio, através da morte, a fim de que o Filho faça e seja no Pai um outro mundo ou outro Princípio do que o mundo-ígneo nas trevas.

Compreenda como o Espírito eterno do Pai dividi-se em três mundos: Primeiro, ele é a vontade primordial que emerge da imaginação, do não fundamento chamado de Pai; através da emersão ele revela a sabedoria e habita na sabedoria, se revestindo dela como seu ornamento de grande maravilhas.

A demais, ele é a causa da contração para a existência das trevas, ou seja, do segundo mundo, e é a causa e espírito da origem do fogo essencial. Ele próprio é a fonte na angústia do Princípio, e também o mundo ígneo como a grande vida.

Em terceiro lugar, ele é aquele que, no morrer do Princípio, traz o poder a partir do fogo, onde o poder, emergindo da angústia, da morte, separa-se da morte e penetra a liberdade, habita a liberdade, produzindo o mundo-luz. Assim, ele é a chama do amor no mundo-luz. Neste lugar o precioso nome de Deus o Pai, Filho e Espírito Santo tem a sua origem. Pois no mundo do fogo ele não é chamado de Espírito Santo ou Deus, mas é conhecido como a cólera de Deus, a fúria de Deus, diante do que Deus chama a si mesmo de fogo consumidor. Mas no mundo-luz, no Filho de Deus, ele é a chama do

amor e o poder da própria vida santa e divina; aqui sim ele é chamado de Deus, o Espírito Santo. O mundo-luz é chamado de maravilha, conselho e poder da Divindade; é o Espírito Santo que o revela, pois ele é a vida . Todas as coisas juntas, onde quer que nossos corações e mentes possa alcançar, é nada senão aqueles três mundos: neles permanecem todas as coisas. Primeiro, a liberdade eterna, e nela a luz com o poder no espelho da sabedoria, e é chamado de Deus, o Pai, Filho e Espírito Santo. O segundo mundo é a natureza de trevas na imaginação, na vontade amarga e desejosa, a impregnação do desejo, onde tudo está nas trevas, na perpétua morte temível e angustiante. E o terceiro mundo é o mundo do fogo ou o primeiro Princípio, que surge na angústia e é a grande, forte e toda-poderosa vida, na qual o mundo-luz habita, mas inapreendida por parte do fogo.

Não iremos escrever veladamente , mas de forma demonstrativa. Sabemos que toda vida tem a sua origem na angústia, como em um veneno, que é a morte; ainda assim constitui vida, como acontece com o homem e toda criatura. Pois, sem a angústia ou veneno, não há vida, isso é evidente em qualquer criatura, particularmente no homem, que vive nos três Princípios; são eles: o fogo, onde encontra-se a grande vida-ígnea, ao qual pertence uma poção mortal, ou seja, o fel , cuja poção produz a câmara de tortura onde a vida-ígnea tem a sua origem. Da vida-ígnea surge o segundo Princípio ou a vida-luz, de onde surge a nobre mente com os sentidos, onde carregamos nossa nobre imagem; compreendemos como a vida ígnea no coração surge da morte do fel. Vemos o terceiro Princípio numa outra câmara de tortura, ou seja, o estômago, onde armazenamos os quatro elementos com o astrum; essa outra câmara de tortura ou o terceiro centro constitui, como reino deste mundo, um tormento mau e fedorento, onde nasce a terceira vida, a vida astral e elementar, que através do corpo exterior governa com a razão do terceiro Princípio.

Compreendemos muito bem que no coração, no centro do fogo, há um outro mundo oculto, incompreensível para a casa do tormento das estrelas e elementos; pois o coração anseia por esse mundo e o espírito que nasce fora da morte do veneno do coração e se torna um ser , possui esse outro mundo, já que é livre do veneno que inflama o fogo, ainda que habite no fogo do coração; é através de sua ânsia que o espírito toma o outro mundo da liberdade na imaginação, habitando na liberdade e deixando o tormento do

fogo, na medida em que haja o desejo de Deus.

Há como que um domínio ternário no homem. Isto é ainda mais verdadeiro fora do homem. Pois, se assim não fosse, não haveria como chegar ao homem. Onde nada existe, nada surge; mas o algo que surge é produzido do que ali há. Toda imaginação molda em si, apenas o que lhe é semelhante e se manifesta nesta semelhança. Assim, o Ser de todos os seres é uma eterna maravilha nos três Princípios, que também produzem unicamente maravilhas; cada Princípio produz segundo a sua propriedade e cada propriedade novamente, através de sua imaginação, o que demonstra que o Eterno é pura maravilha. É preciso meditar sobre tal maravilha e considerar a natureza e propriedade da genetrix eterna, pois não pode haver propriedade sem uma mãe que a origine.

Compreendemos agora a grande maravilha de todas as maravilhas, que é Deus e a eternidade com a natureza, em particular as sete mães, de onde surge o Ser de todos os seres. Cada uma delas consiste numa existência única, não há primeira ou última, as sete são igualmente eternas, sem princípio. O princípio de todas elas é a abertura das maravilhas de uma vontade eterna, chamada de Deus o Pai; as sete mães não se manifestariam se a vontade eterna, o Pai, não desejasse. Mas como ele deseja, passa a ser uma imaginação em si mesmo, uma ânsia de se encontrar. Ele se encontra na imaginação, em sete formas, onde uma não é a outra, ainda que uma não exista sem a outra; uma manifesta a outra. Se uma não existisse as outras também não existiriam; a vontade permaneceria um eterno nada, sem brilho ou esplendor.

Por ser desejosa, a vontade torna-se atrativa daquilo que está na imaginação; contudo, como não há nada, ela atrai a si mesma, fecundando-se na imaginação, não na vontade, pois a vontade é débil como um nada.

Todo desejo é adstringente, pois essa é a sua propriedade. Eis a primeira mãe e a atração da vontade no desejo, é a segunda mãe; trata-se de duas formas contrárias. A vontade ainda é como um nada, inflexível como a morte, a atração é o seu movimento. A vontade quieta na adstringência não pode sofrer atração e se contrai ainda mais violentamente, polindo sua própria vontade na atração; ela poderia encerrar e conter a atração através de sua contração adstringente, mas o único que faz é despertá-la. Quanto

mais a adstringência se retrai tentando suportar a dor, maior a dor, o atrito e o rompimento; pois a dor não se deixará ser capturada, embora seja mantida por sua mãe tão rigorosamente que não pode se retirar. Ela deseja estar acima, sua mãe deseja que esteja abaixo; pois a adstringência se contrai em si mesma, torna-se pesada e afunda- se; ela produz no súlfur o fur, e no mercúrio o sul. E produz no fur a forma amarga, um inimigo na adstringência, sempre desejando ficar livre da adstringência, mas não pode. Assim, um ascende, outro descende. Quando isso não é possível eles permanecem girando como uma roda, girando continuamente em si mesma. Essa é a terceira forma, de onde surge a essência e a maravilha da pluralidade, sem número ou fundamento. Por roda, entenda a maravilha ou poder que a vontade (a vontade primordial e insondável) atrai para si do espelho do não fundamento, para o seu centro ou coração; tal é a vontade do poder e maravilha. Nessa roda de grande angústia, surge a outra vontade, a vontade do Filho, que sai da angústia ainda na liberdade da vontade primordial insondável, pois a roda faz com que a natureza exista. É desta forma que a natureza tem a sua origem; isto forma o centro e o rompimento da eternidade quieta; isto não mata nada, mas constitui a grande vida.

Quando falamos em matar, entenda-se assim: Não se trata de matar, mas de sensibilizar; é que a vida anterior ao fogo é muda, sem sentimento; é apenas uma ânsia pela vida, assim como o mundo material, e em sua ânsia trabalha tanto, mesmo no Princípio, que captura o fogo, o que faz com que a vida exterior deste mundo surja. Não há possibilidade de ser de outra forma, a menos que a primeira matriz ou o desejo adstringente se rompa, ou seja, a rodas das três primeiras formas ou a adstringência; a atração da adstringência produz a esfera da angústia e do tormento. Trata-se de um terror em si mesmo, já que o nada deve alcançar a sensibilidade; temos aqui a fonte venenosa, quando surge a cólera e tudo o que é mau, mas é também a verdadeira origem da vida sensível. A vida encontra a si mesma, na angústia. Observe que a vida tem sua origem no sangue reprimido, em todas as criaturas; na agonia, seja a vida essencial ou da criatura, como no estrume fedorento da corrupção, onde na morte do grão surge a vida maior; na essência, nenhuma morte é conhecida, somente a angústia, já que a mãe sendo uma entidade muda, deve se separar como se percebe no grão, onde a vida essencial surge da ruptura.

O mesmo ocorreu com o centro da natureza. A dor da angústia é o verdadeiro centro e produz o triângulo na natureza e a carne-ígnea, ou seja, a quarta forma da natureza, faz do triângulo uma cruz; pois há o Princípio, separado em dois mundos ou dois Princípios, como numa dupla fonte e vida. A vida angustiante ou o fogo é, e permanece sendo, uma fonte; a outra fonte surge no rompimento da angústia. Compreenda assim: A primeira forma da Essência, ou a adstringência, na vontade desejosa insondável, deve se doar inteiramente à fonte da angústia, na roda da natureza, pois a dor torna-se excessivamente forte. Desta maneira, a adstringência cai como uma morte, ainda que não seja morte, mas uma fonte mortal; a dor se torna mestre e transforma a adstringência em sua propriedade, num lampejo impetuoso, numa dor angustiante, amarga, como na natureza do veneno. O veneno ou a morte possui três formas: a adstringência, a natureza da angústia do fogo.

Compreenda-nos corretamente! O não fundamento é desprovido de vida, mas numa propriedade nasce a vida eterna. O não fundamento não tem movimento ou sentimento, mas com a propriedade, ambos são gerados; é desta forma que o nada encontra a si próprio na vontade eterna, cujo fundamento não conhecemos, nem tampouco devemos buscar, já que nos confundiria. O que sabemos é que há uma vida essencial sem compreensão, como a terra, a morte e a agonia, onde há, de fato, uma fonte em si mesma, obscura, sem compreensão; pois a angústia adstringente se contrai, e o que é atraído em seu interior, causa as trevas, de modo que a vida angustiante encontra-se nas trevas. Pois todo ser é obscuro em si, a menos que possua a tintura da luz; a tintura é a liberdade das trevas; ela não é atingida pela dor da angústia, pois pertence ao mundo de luz. Embora esteja envolvida na essência, como num corpo escuro, sua natureza é do mundo de luz, onde não existe circunscrição.

Já falamos anteriormente, sobre o espelho da sabedoria das maravilhas de todo ser; e também sobre a trindade do Ser de todos os seres, mostrando como esta trindade surge de uma vontade eterna única, chamada de Pai de todos os seres, e como ele atrai em si uma outra vontade, a fim de manifestar ou encontrar a si mesmo, em si mesmo, ou como poderia ser dito, a fim de sentir o que é e como é.

Foi dito também, como esta outra vontade mágica, recém atraída, se sentiu em seu coração ou morada peculiar, e como a vontade primordial insondável foi fecundada na imaginação, a partir do espelho das maravilhas, que no mundo de luz é chamada de sabedoria. Expusemos então, como que a mesma vontade primordial insondável, juntamente com a fecundação e com o espelho das maravilhas ou sabedoria não é, em tal propriedade, anterior ao Princípio do fogo, corretamente chamado de ser divino, mas sim um mistério das maravilhas de todos os seres, mistério que recebe no fogo a separação em infinitas partes ou seres, embora permaneça como um único ser.

Falaremos agora sobre a outra vontade – aquela atraída pela vontade primordial em sua imaginação ou fecundação; é o grande mistério, através do qual a vontade primordial, chamada de Pai, busca, encontra e sente a si mesmo, como uma vida no coração; esta outra vontade é a matriz parturiente na fecundação daquilo que está impresso ou estampado na imaginação. Essa vontade é a causa das sete formas da natureza e da roda da angústia ou agonia. É essa vontade que, na angústia, passa da morte para a liberdade, despedaça a morte e fornece a vida; ela inflama o fogo e no fogo recebe o esplendor da majestade; na luz da majestade, ela habita o fogo, sem ser apreendida pelo fogo, como alguém que nada sente, que está morto para a fonte, tendo em si uma outra fonte, que não sente a primeira, para a qual está morto.

Para continuarmos informando ao leitor de forma breve, embora fundamental e exata, sobre a origem do fogo, reconhecemos a fundo e pela graça de Deus, que o fogo em sua origem depende de duas causas: uma delas é o espírito-vontade do coração, a outra vontade do pai, ou a propriedade do Filho; a Segunda causa é a da vontade, ou seja, a maravilha da roda da vida essencial ou a câmara da angústia. A angústia busca a vontade da liberdade e a vontade busca a manifestação; a vontade não pode se manifestar na liberdade, sem a vida essencial, a qual, na angústia ou na agonia se apega à manifestação, ou à grande vida.

Assim, a vontade está na angústia obscura e a angústia é as trevas. Tendo em vista que a angústia busca a vontade da liberdade como um lampejo, como um grande terror, como se a água fosse derramada no fogo.

Ocorre aqui a verdadeira morte, pois a angústia feroz e trevosa fica terrificada diante do lampejo, como as trevas diante da luz, pois as trevas passa a ser subjugada e morta; o terror é um terror de grande satisfação. Ali o veneno salgado e áspero cai na morte e se enfraquece, pois perde a dor e ainda assim não é morte. Ao contrário, a verdadeira vida de sentimento e desejo é inflamada: é como se o aço e a pedra estivessem juntos, eles que tem fome de essência e da vida. A vontade fornece a vida e a essência fornece a manifestação da vida. Como um fogo queima na vela, assim queima a vontade na substância essencial. A vontade não é a luz propriamente dita, mas o espírito da luz ou fogo; a luz surge da essência, e a essência, por sua vez, surge da vontade. O fogo essencial angustiante é a matéria do fogo brilhante e a vontade torna-se iluminada no fogo essencial, fornecendo o fogo branco e amoroso, que habita no fogo quente, sem sentir. A vontade tira seu sentimento da ferocidade do fogo essência, na quarta forma, a fim de se manifestar em si mesma e ainda assim permanecer livre da ferocidade, pois a fonte é transformada na iluminação, numa fonte branda de amor.

Aqui a outra vontade recebe seu nome: Espírito. Pois por meio do fogo essencial, ela se atém à própria de todas as maravilhas e também à vida reta do poder, sobre a vida-ígnea essencial, já que da natureza ela adquire poder e também tem em si a liberdade. A liberdade é uma quietude sem ser, que se doa à natureza da angústia, esta recebe a liberdade livre de dor, com a qual se torna tão prazerosa que a angústia é transformada em amor (a quinta forma da natureza); pois a vontade que se doou para a angústia, é desta forma libertada da morte e da angústia: com isso ela encontra-se na liberdade, deixando o atrito da angústia. Aqui a morte é quebrada, embora continue a ser a morte em si mesma. Mas o espírito-vontade, ou seja, a verdadeira vida santa, deixa a angústia na ocasião deste rompimento e também passa a ser um fogo, mas um fogo na liberdade, e queima na fonte do amor. Isso pode ser observado no fogo e na luz. O fogo essencial é uma dor que queima e a luz um deleite prazeroso, sem dor sensível; mesmo assim, a luz contém todas as propriedades do fogo, mas em outra essência, como uma essência beneficente graciosa, um verdadeiro aspecto do reino da alegria, e o fogo um aspecto do terror e da angústia; um habita no outro e um não é encontrado sem o outro, na fonte essencial.

Desta forma, dois mundos estão contidos um no outro; nada pode entrar para o mundo de luz senão através da morte; a imaginação deve Ter sobre a morte. A vontade angustiante deve buscar a liberdade do poder da luz, e se render totalmente, pela imaginação desejosa se apossar do poder da liberdade. Então, a vontade poderosa passa da morte das trevas, para o fogo essencial, rompe as trevas e cai no mundo- luz, habita o fogo livre de dor, no reino da satisfação. Esse é o portão para o Ternarius Sanctus, e a fé no Espírito Santo, caros filhos dos homens.

Aqui vós compreendeis a queda do demônio, aquele que voltou a vontade de seu espírito unicamente para o fogo essencial, e desejou ali governar a luz. Compreenda também a queda do homem, que voltou sua imaginação para a substância essencial material, saindo da luz; por causa disto, a vontade do amor do mundo-luz penetrou novamente a essencialidade material, na humanidade, e novamente se comprometeu e se entregou ao espírito-ígneo essencial no homem, quer dizer, na alma, trazendo-a através da morte e do fogo para o mundo-luz, no Ternarius Sanctus, na vontade da Santíssima trindade.

Que isto seja uma descoberta e um conhecimento para vós! Ainda que isto não esteja ao alcance de todos, por causa da grande profundidade, a razão é trevas às quais o homem se liga. Ao contrário, todos encontrariam este conhecimento, se o caminho terrestre fosse rompido e a má carne Adâmica não fosse tão estimada, o que é um obstáculo.

Já descrevemos como é a Divindade fora da natureza. É preciso compreender, que a Divindade, com relação as três pessoas é, com a sabedoria eterna, livre da natureza, e que a Divindade possui um fundamento ainda mais profundo que o Princípio do fogo. A Divindade, mais uma vez, sem o Princípio não se manifestaria. Compreenda a Divindade aparte do Princípio como um aspecto das grandes maravilhas, onde ninguém sabe ou pode saber o que é; onde todas as cores, poder e virtude brilham numa tremenda essência, a qual nenhuma essência se assemelha, mas que é como um terrível olho, onde nem o fogo, nem a luz e nem as trevas são vistos, mas somente o aspecto de um espírito correspondente, num profundo azul, verde e cores mistas, onde reside todas as cores, ainda que nenhuma seja conhecida da outra, mas que se

assemelham a um tremendo lampejo, cujo aspecto confundiria e consumiria a tudo.

Assim, devemos conhecer a Essência eterna, ou seja, o Espírito eterno além ou fora do fogo e da luz; ela é uma vontade desejosa, que faz de si mesma um espírito. Esse espírito é a potência eterna do Não Fundamento, o Não fundamento transporta a si mesmo para um fundamento, de onde surgem todos os seres. Pois toda forma no espírito é uma fonte de imaginação, uma vontade desejosa, e deseja se manifestar. Cada forma fecunda a sua imaginação, e cada forma também deseja se manifestar. Portanto, o espelho do aspecto é uma maravilha do Ser de todos os seres; das maravilhas não há número, origem, nem fim; trata-se de maravilha pura, cujo conteúdo é impossível de escrever. Pois só o espírito da alma, que surge de tal maravilha, pode compreendê-la.

Em segundo lugar, compreendemos como essa vontade insondável deseja se manifestar, se encontrar e descobrir o que é, de eternidade em eternidade, a fim de transformar as maravilhas num ser, revelando a si mesma nas maravilhas. O processo do desejo é um molde da imaginação, já que a vontade se contrai e se torna fecunda, protegendo-se com a imaginação, a fim de que da vontade livre surja uma vontade oposta, liberada da proteção ou das trevas. Pois o que é atraído forma as trevas da vontade livre, já que aparte da imaginação estava livre, ainda que em si fosse como um nada: surge assim na vontade primordial, no processo do desejo, uma vontade oposta. Pois o desejo é interno, e a vontade primordial ainda não tem um ser, mas impregna-se com o desejo, a fim de se tornar repleta de ser, a saber, das maravilhas e poder que as encobrem e a torna trevas, com isso nos poderes atraídos outra vontade se forma para sair das trevas para a liberdade. Esta outra vontade é a vontade do coração ou do Verbo, pois é a causa do Princípio, uma causa que a roda da angústia acende um fogo. Passando da angústia pelo fogo, com o brilho da luz, ou da Majestade, na qual a natureza da Santíssima Trindade é revelada, recebendo aqui o santo nome de DEUS. Compreenda melhor:

A vontade primordial, ou seja, Deus o Pai, é e permanece sendo eternamente livre da fonte de angústia, no que se refere a vontade propriamente dita. Mas seu desejo torna-se fecundado, e no processo do

desejo, pela primeira vez surge a natureza e as suas formas. A natureza habita na vontade, em Deus, e a vontade na natureza, apesar disto não há promiscuidade. Pois a vontade é efêmera como um nada, por isso não é alcançada, e não é aprisionada pela natureza. Caso ela pudesse ser capturada, haveria na Divindade senão uma só pessoa. Ela é, de fato, a causa da natureza, mas ela está e permanece na eternidade, em outro mundo, e a natureza, da mesma forma, permanece num outro mundo em si. A natureza existe em virtude da essência da qual o Princípio surge; mas a límpida Divindade na Majestade não existe na essência ou Princípio, mas na liberdade, fora ou além da natureza, e a luz brilhante que procede do Princípio faz a inapreensível e insondável Divindade manifesta. O Princípio fornece o brilho da Majestade, mas não a contém em si, mas a tira do espelho da sabedoria virgem, da liberdade de Deus. Pois se o espelho da sabedoria não existisse, nenhum fogo ou luz poderia ser gerado: tudo tem a sua origem no espelho da Divindade. Além do mais, isto pode ser compreendido da seguinte forma:

Deus é em si o não fundamento, ou seja, o primeiro mundo, do qual nenhuma criatura sabe coisa alguma, pois vive de corpo e espírito unicamente no fundamento. Deus, também não se manifestaria a si próprio no não fundamento, mas da eternidade sua sabedoria transformou-se em seu fundamento, o qual a vontade eterna do não fundamento da Divindade desejou, por onde a divina imaginação surgiu, a fim de que a vontade insondável da Divindade, desde a eternidade na imaginação, se fecundasse do poder da visão ou forma do espelho das maravilhas. Ora, por fecundação entende- se a origem eterna dos dois princípios, ou seja, (1) As trevas eternas, de onde surge o mundo do fogo; (2) a essência da cólera nas trevas, onde compreendemos a cólera de Deus e o abismo da natureza; assim, reconhecemos o mundo do fogo como a grande vida.

Compreendemos, em segundo lugar, como que a luz é gerada do fogo, e como entre o mundo do fogo e da luz a morte aparece; como a luz brilha da morte, e como o mundo de luz flamejante é em si um princípio e uma fonte diferente do mundo ígneo, sendo que um não está separado do outro, e tampouco podem apreender um ao outro. Em terceiro lugar, compreendemos como o mundo de luz preenche a liberdade eterna, ou a vontade primordial, conhecida como Pai. Em quarto lugar, compreendemos

também sincera e fundamentalmente como a vida natural que deseja habitar no mundo de luz flamejante deve passar pela morte e nascer da morte compreenda a vida que tem a sua origem das trevas, da essência da natureza de trevas, como a alma do homem, que em Adão, se afastou do mundo ígneo para a natureza de trevas. Em quinto lugar, compreendemos fundamentalmente e de forma exata porque Deus, ou seja, o coração de Deus, tornou-se homem. Porque ele teve que morrer, penetrar a morte e romper sua vida na morte, para trazê-la através do mundo do fogo para o mundo de luz flamejante; e porque devemos seguí-lo. Em sexto lugar, porque muitas almas permanecem no mundo do fogo, não podendo passar através da morte para o mundo de luz flamejante; o que é a morte; o que é a alma. Agora acompanhe este raciocínio:

Quando consideremos o que é a vida, encontramos que ela consiste principalmente de três elementos, ou seja, desejo, disposição e pensamento. Se investigamos mais um pouco, o que ela é e o que a origina, encontramos o centro ou a roda essencial, que contém em si a própria forja ígnea. Com um pouco mais de reflexão sobre a origem do fogo essencial, descobrimos que esta origem está no desejo da vontade insondável e eterna, que pelo desejo faz para si um fundamento; pois cada desejo é adstringente ou atrativo daquilo que a vontade deseja, e ainda não há nada antes dela que se possa desejar, a não ser ela mesma.

Este é o grande olho que tudo vê, sem limite e fundamento, onde todas as coisas residem, e ainda é um nada, a não ser na vontade desejosa, onde se torna algo. Isto é efetivado pela imaginação, onde a vontade torna-se uma substância, embora ainda seja um nada, pois é apenas uma ofuscação da vontade livre. Esta substância ofusca a liberdade ou a vontade efêmera e insondável, provocando o surgimento de dois mundos: o primeiro, que em si é inatingível ou inapreensível, uma existência não fundamentada e liberdade eterna; o outro, que alcança a si mesmo e se transforma em trevas. Ainda não estão separados um do outro, somente por esta diferença, que as trevas não podem se apoderar da liberdade, pois ela é muito efêmera e também habita em si mesma, do mesmo modo que as trevas.

Ora, sabemos que (1) a outra vontade do Pai, a que Ele atrai para o espelho da sabedoria, para o seu centro do coração, torna-se fecunda na

imaginação do Pai com a substância, e que esta fecundação é trevas em comparação à liberdade da primeira vontade (chamada de Pai), e nestas trevas ou substância todo poder, cores e virtudes permanecem envolvidas na imaginação, assim como todas as maravilhas. (2) o poder, as maravilhas e as virtudes devem se manifestar através do fogo, ou seja, no Princípio, onde tudo entra em sua essência; pois no Princípio a essência tem a sua primeira origem. (3) No Princípio, antes que o fogo surgisse, a morte apareceu, ou seja, a grande vida angustiante, que na verdade não é morte, mas uma fonte mortífera, áspera e amarga, de onde surge a grande e forte vida, ou a vida-ígnea, e do que morreu surge a vida-luz, com o poder do amor. Esta vida-luz habita com o amor na liberdade eterna, ou seja, na vontade primordial chamada de Pai; pois o Pai a requer em sua própria vontade, Ele é a própria vida-luz, e não necessita de mais nada.

Observe que não existe luz sem fogo, e não há fogo sem severa dor, dor esta que se assemelha ao morrer; a substância do qual o fogo queima deve morrer e ser consumida. Do processo de consumo surge os princípios de duas grandes vidas: a primeira, na dor (Qual), é chamada Fogo; a outra, derivada da subjugação ou da morte, é chamada Luz, é imaterial e sem dor, ainda que contenha em si toda fonte ou qualidade (Qual), mas não aquela da cólera, pois a cólera permanece na morte. A vida-luz brota da morte como uma bela flor que brota da terra, e não mais é atingida pela morte. De fato, a luz habita no fogo e o fogo não pode movimentá-la; não há nada ali que possa movimentar a luz, pois ela é como a liberdade eterna, e habita a liberdade.

Compreende-se aqui como o Filho é uma outra pessoa que não o Pai, pois ele é o mundo-luz, ainda que habite no Pai, e o Pai o gera em sua vontade. Ele é verdadeiramente o amor do Pai, assim como a maravilha, conselho e poder, pois o Pai o gera em sua imaginação, em si mesmo, e o leva adiante através de seu próprio fogo, através do Princípio, através da morte, a fim de que o Filho faça e seja no Pai um outro mundo ou outro Princípio do que o mundo-ígneo nas trevas.

Compreenda como o Espírito eterno do Pai dividi-se em três mundos: Primeiro, ele é a vontade primordial que emerge da imaginação, do não fundamento chamado de Pai; através da emersão ele revela a sabedoria e

habita na sabedoria, se revestindo dela como seu ornamento de grande maravilhas.

A demais, ele é a causa da contração para a existência das trevas, ou seja, do segundo mundo, e é a causa e espírito da origem do fogo essencial. Ele próprio é a fonte na angústia do Princípio, e também o mundo ígneo como a grande vida.

Em terceiro lugar, ele é aquele que, no morrer do Princípio, traz o poder a partir do fogo, onde o poder, emergindo da angústia, da morte, separa-se da morte e penetra a liberdade, habita a liberdade, produzindo o mundo-luz. Assim, ele é a chama do amor no mundo-luz. Neste lugar o precioso nome de Deus o Pai, Filho e Espírito Santo tem a sua origem. Pois no mundo do fogo ele não é chamado de Espírito Santo ou Deus, mas é conhecido como a cólera de Deus, a fúria de Deus, diante do que Deus chama a si mesmo de fogo consumidor. Mas no mundo-luz, no Filho de Deus, ele é a chama do amor e o poder da própria vida santa e divina; aqui sim ele é chamado de Deus, o Espírito Santo. O mundo-luz é chamado de maravilha, conselho e poder da Divindade; é o Espírito Santo que o revela, pois ele é a vida . Todas as coisas juntas, onde quer que nossos corações e mentes possa alcançar, é nada senão aqueles três mundos: neles permanecem todas as coisas. Primeiro, a liberdade eterna, e nela a luz com o poder no espelho da sabedoria, e é chamado de Deus, o Pai, Filho e Espírito Santo. O segundo mundo é a natureza de trevas na imaginação, na vontade amarga e desejosa, a impregnação do desejo, onde tudo está nas trevas, na perpétua morte temível e angustiante. E o terceiro mundo é o mundo do fogo ou o primeiro Princípio, que surge na angústia e é a grande, forte e toda-poderosa vida, na qual o mundo-luz habita, mas inapreendida por parte do fogo.

Não iremos escrever veladamente , mas de forma demonstrativa. Sabemos que toda vida tem a sua origem na angústia, como em um veneno, que é a morte; ainda assim constitui vida, como acontece com o homem e toda criatura. Pois, sem a angústia ou veneno, não há vida, isso é evidente em qualquer criatura, particularmente no homem, que vive nos três Princípios; são eles: o fogo, onde encontra-se a grande vida-ígnea, ao qual pertence uma poção mortal, ou seja, o fel , cuja poção produz a câmara de tortura onde a vida-ígnea tem a sua origem. Da vida-ígnea surge o segundo

Princípio ou a vida-luz, de onde surge a nobre mente com os sentidos, onde carregamos nossa nobre imagem; compreendemos como a vida ígnea no coração surge da morte do fel. Vemos o terceiro Princípio numa outra câmara de tortura, ou seja, o estômago, onde armazenamos os quatro elementos com o astrum; essa outra câmara de tortura ou o terceiro centro constitui, como reino deste mundo, um tormento mau e fedorento, onde nasce a terceira vida, a vida astral e elementar, que através do corpo exterior governa com a razão do terceiro Princípio.

Compreendemos muito bem que no coração, no centro do fogo, há um outro mundo oculto, incompreensível para a casa do tormento das estrelas e elementos; pois o coração anseia por esse mundo e o espírito que nasce fora da morte do veneno do coração e se torna um ser , possui esse outro mundo, já que é livre do veneno que inflama o fogo, ainda que habite no fogo do coração; é através de sua ânsia que o espírito toma o outro mundo da liberdade na imaginação, habitando na liberdade e deixando o tormento do fogo, na medida em que haja o desejo de Deus.

Há como que um domínio ternário no homem. Isto é ainda mais verdadeiro fora do homem. Pois, se assim não fosse, não haveria como chegar ao homem. Onde nada existe, nada surge; mas o algo que surge é produzido do que ali há. Toda imaginação molda em si, apenas o que lhe é semelhante e se manifesta nesta semelhança. Assim, o Ser de todos os seres é uma eterna maravilha nos três Princípios, que também produzem unicamente maravilhas; cada Princípio produz segundo a sua propriedade e cada propriedade novamente, através de sua imaginação, o que demonstra que o Eterno é pura maravilha. É preciso meditar sobre tal maravilha e considerar a natureza e propriedade da genetrix eterna, pois não pode haver propriedade sem uma mãe que a origine.

Compreendemos agora a grande maravilha de todas as maravilhas, que é Deus e a eternidade com a natureza, em particular as sete mães, de onde surge o Ser de todos os seres. Cada uma delas consiste numa existência única, não há primeira ou última, as sete são igualmente eternas, sem princípio. O princípio de todas elas é a abertura das maravilhas de uma vontade eterna, chamada de Deus o Pai; as sete mães não se manifestariam se a vontade eterna, o Pai, não desejasse. Mas como ele deseja, passa a ser

uma imaginação em si mesmo, uma ânsia de se encontrar. Ele se encontra na imaginação, em sete formas, onde uma não é a outra, ainda que uma não exista sem a outra; uma manifesta a outra. Se uma não existisse as outras também não existiriam; a vontade permaneceria um eterno nada, sem brilho ou esplendor.

Por ser desejosa, a vontade torna-se atrativa daquilo que está na imaginação; contudo, como não há nada, ela atrai a si mesma, fecundando-se na imaginação, não na vontade, pois a vontade é débil como um nada.

Todo desejo é adstringente, pois essa é a sua propriedade. Eis a primeira mãe e a atração da vontade no desejo, é a segunda mãe; trata-se de duas formas contrárias. A vontade ainda é como um nada, inflexível como a morte, a atração é o seu movimento. A vontade quieta na adstringência não pode sofrer atração e se contrai ainda mais violentamente, polindo sua própria vontade na atração; ela poderia encerrar e conter a atração através de sua contração adstringente, mas o único que faz é despertá-la. Quanto mais a adstringência se retrai tentando suportar a dor, maior a dor, o atrito e o rompimento; pois a dor não se deixará ser capturada, embora seja mantida por sua mãe tão rigorosamente que não pode se retirar. Ela deseja estar acima, sua mãe deseja que esteja abaixo; pois a adstringência se contrai em si mesma, torna-se pesada e afunda- se; ela produz no súlfur o fur, e no mercúrio o sul. E produz no fur a forma amarga, um inimigo na adstringência, sempre desejando ficar livre da adstringência, mas não pode. Assim, um ascende, outro descende. Quando isso não é possível eles permanecem girando como uma roda, girando continuamente em si mesma. Essa é a terceira forma, de onde surge a essência e a maravilha da pluralidade, sem número ou fundamento. Por roda, entenda a maravilha ou poder que a vontade (a vontade primordial e insondável) atrai para si do espelho do não fundamento, para o seu centro ou coração; tal é a vontade do poder e maravilha. Nessa roda de grande angústia, surge a outra vontade, a vontade do Filho, que sai da angústia ainda na liberdade da vontade primordial insondável, pois a roda faz com que a natureza exista. É desta forma que a natureza tem a sua origem; isto forma o centro e o rompimento da eternidade quieta; isto não mata nada, mas constitui a grande vida.

Quando falamos em matar, entenda-se assim: Não se trata de matar, mas de sensibilizar; é que a vida anterior ao fogo é muda, sem sentimento; é apenas uma ânsia pela vida, assim como o mundo material, e em sua ânsia trabalha tanto, mesmo no Princípio, que captura o fogo, o que faz com que a vida exterior deste mundo surja. Não há possibilidade de ser de outra forma, a menos que a primeira matriz ou o desejo adstringente se rompa, ou seja, a rodas das três primeiras formas ou a adstringência; a atração da adstringência produz a esfera da angústia e do tormento. Trata-se de um terror em si mesmo, já que o nada deve alcançar a sensibilidade; temos aqui a fonte venenosa, quando surge a cólera e tudo o que é mau, mas é também a verdadeira origem da vida sensível. A vida encontra a si mesma, na angústia. Observe que a vida tem sua origem no sangue reprimido, em todas as criaturas; na agonia, seja a vida essencial ou da criatura, como no estrume fedorento da corrupção, onde na morte do grão surge a vida maior; na essência, nenhuma morte é conhecida, somente a angústia, já que a mãe sendo uma entidade muda, deve se separar como se percebe no grão, onde a vida essencial surge da ruptura.

O mesmo ocorreu com o centro da natureza. A dor da angústia é o verdadeiro centro e produz o triângulo na natureza e a carne-ígnea, ou seja, a quarta forma da natureza, faz do triângulo uma cruz; pois há o Princípio, separado em dois mundos ou dois Princípios, como numa dupla fonte e vida. A vida angustiante ou o fogo é, e permanece sendo, uma fonte; a outra fonte surge no rompimento da angústia. Compreenda assim: A primeira forma da Essência, ou a adstringência, na vontade desejosa insondável, deve se doar inteiramente à fonte da angústia, na roda da natureza, pois a dor torna-se excessivamente forte. Desta maneira, a adstringência cai como uma morte, ainda que não seja morte, mas uma fonte mortal; a dor se torna mestre e transforma a adstringência em sua propriedade, num lampejo impetuoso, numa dor angustiante, amarga, como na natureza do veneno. O veneno ou a morte possui três formas: a adstringência, a natureza da angústia do fogo.

Compreenda-nos corretamente! O não fundamento é desprovido de vida, mas numa propriedade nasce a vida eterna. O não fundamento não tem movimento ou sentimento, mas com a propriedade, ambos são gerados; é desta forma que o nada encontra a si próprio na vontade eterna, cujo

fundamento não conhecemos, nem tampouco devemos buscar, já que nos confundiria. O que sabemos é que há uma vida essencial sem compreensão, como a terra, a morte e a agonia, onde há, de fato, uma fonte em si mesma, obscura, sem compreensão; pois a angústia adstringente se contrai, e o que é atraído em seu interior, causa as trevas, de modo que a vida angustiante encontra-se nas trevas. Pois todo ser é obscuro em si, a menos que possua a tintura da luz; a tintura é a liberdade das trevas; ela não é atingida pela dor da angústia, pois pertence ao mundo de luz. Embora esteja envolvida na essência, como num corpo escuro, sua natureza é do mundo de luz, onde não existe circunscrição.

Já falamos anteriormente, sobre o espelho da sabedoria das maravilhas de todo ser; e também sobre a trindade do Ser de todos os seres, mostrando como esta trindade surge de uma vontade eterna única, chamada de Pai de todos os seres, e como ele atrai em si uma outra vontade, a fim de manifestar ou encontrar a si mesmo, em si mesmo, ou como poderia ser dito, a fim de sentir o que é e como é. Foi dito também, como esta outra vontade mágica, recém atraída, se sentiu em seu coração ou morada peculiar, e como a vontade primordial insondável foi fecundada na imaginação, a partir do espelho das maravilhas, que no mundo de luz é chamada de sabedoria. Expusemos então, como que a mesma vontade primordial insondável, juntamente com a fecundação e com o espelho das maravilhas ou sabedoria não é, em tal propriedade, anterior ao Princípio do fogo, corretamente chamado de ser divino, mas sim um mistério das maravilhas de todos os seres, mistério que recebe no fogo a separação em infinitas partes ou seres, embora permaneça como um único ser.

Falaremos agora sobre a outra vontade – aquela atraída pela vontade primordial em sua imaginação ou fecundação; é o grande mistério, através do qual a vontade primordial, chamada de Pai, busca, encontra e sente a si mesmo, como uma vida no coração; esta outra vontade é a matriz parturiente na fecundação daquilo que está impresso ou estampado na imaginação. Essa vontade é a causa das sete formas da natureza e da roda da angústia ou agonia. É essa vontade que, na angústia, passa da morte para a liberdade, despedaça a morte e fornece a vida; ela inflama o fogo e no fogo recebe o esplendor da majestade; na luz da majestade, ela habita o fogo, sem ser apreendida pelo fogo, como alguém que nada sente, que está

morto para a fonte, tendo em si uma outra fonte, que não sente a primeira, para a qual está morto.

Para continuarmos informando ao leitor de forma breve, embora fundamental e exata, sobre a origem do fogo, reconhecemos a fundo e pela graça de Deus, que o fogo em sua origem depende de duas causas: uma delas é o espírito-vontade do coração, a outra vontade do pai, ou a propriedade do Filho; a Segunda causa é a da vontade, ou seja, a maravilha da roda da vida essencial ou a câmara da angústia. A angústia busca a vontade da liberdade e a vontade busca a manifestação; a vontade não pode se manifestar na liberdade, sem a vida essencial, a qual, na angústia ou na agonia se apega à manifestação, ou à grande vida.

Assim, a vontade está na angústia obscura e a angústia é as trevas. Tendo em vista que a angústia busca a vontade da liberdade como um lampejo, como um grande terror, como se a água fosse derramada no fogo. Ocorre aqui a verdadeira morte, pois a angústia feroz e trevosa fica terrificada diante do lampejo, como as trevas diante da luz, pois as trevas passa a ser subjugada e morta; o terror é um terror de grande satisfação. Ali o veneno salgado e áspero cai na morte e se enfraquece, pois perde a dor e ainda assim não é morte. Ao contrário, a verdadeira vida de sentimento e desejo é inflamada: é como se o aço e a pedra estivessem juntos, eles que tem fome de essência e da vida. A vontade fornece a vida e a essência fornece a manifestação da vida. Como um fogo queima na vela, assim queima a vontade na substância essencial. A vontade não é a luz propriamente dita, mas o espírito da luz ou fogo; a luz surge da essência, e a essência, por sua vez, surge da vontade. O fogo essencial angustiante é a matéria do fogo brilhante e a vontade torna-se iluminada no fogo essencial, fornecendo o fogo branco e amoroso, que habita no fogo quente, sem sentir. A vontade tira seu sentimento da ferocidade do fogo essência, na quarta forma, a fim de se manifestar em si mesma e ainda assim permanecer livre da ferocidade, pois a fonte é transformada na iluminação, numa fonte branda de amor.

Aqui a outra vontade recebe seu nome: Espírito. Pois por meio do fogo essencial, ela se atém à própria de todas as maravilhas e também à vida reta do poder, sobre a vida-ígnea essencial, já que da natureza ela adquire poder

e também tem em si a liberdade. A liberdade é uma quietude sem ser, que se doa à natureza da angústia, esta recebe a liberdade livre de dor, com a qual se torna tão prazerosa que a angústia é transformada em amor (a quinta forma da natureza); pois a vontade que se doou para a angústia, é desta forma libertada da morte e da angústia: com isso ela encontra-se na liberdade, deixando o atrito da angústia. Aqui a morte é quebrada, embora continue a ser a morte em si mesma. Mas o espírito-vontade, ou seja, a verdadeira vida santa,

deixa a angústia na ocasião deste rompimento e também passa a ser um fogo, mas um fogo na liberdade, e queima na fonte do amor. Isso pode ser observado no fogo e na luz. O fogo essencial é uma dor que queima e a luz um deleite prazeroso, sem dor sensível; mesmo assim, a luz contém todas as propriedades do fogo, mas em outra essência, como uma essência beneficente graciosa, um verdadeiro aspecto do reino da alegria, e o fogo um aspecto do terror e da angústia; um habita no outro e um não é encontrado sem o outro, na fonte essencial.

Desta forma, dois mundos estão contidos um no outro; nada pode entrar para o mundo de luz senão através da morte; a imaginação deve Ter sobre a morte. A vontade angustiante deve buscar a liberdade do poder da luz, e se render totalmente, pela imaginação desejosa se apossar do poder da liberdade. Então, a vontade poderosa passa da morte das trevas, para o fogo essencial, rompe as trevas e cai no mundo- luz, habita o fogo livre de dor, no reino da satisfação. Esse é o portão para o Ternarius Sanctus, e a fé no Espírito Santo, caros filhos dos homens.

Aqui vós compreendeis a queda do demônio, aquele que voltou a vontade de seu espírito unicamente para o fogo essencial, e desejou ali governar a luz. Compreenda também a queda do homem, que voltou sua imaginação para a substância essencial material, saindo da luz; por causa disto, a vontade do amor do mundo-luz penetrou novamente a essencialidade material, na humanidade, e novamente se comprometeu e se entregou ao espírito-ígneo essencial no homem, quer dizer, na alma, trazendo-a através da morte e do fogo para o mundo-luz, no Ternarius Sanctus, na vontade da Santíssima trindade.

Que isto seja uma descoberta e um conhecimento para vós! Ainda que

isto não esteja ao alcance de todos, por causa da grande profundidade, a razão é trevas às quais o homem se liga. Ao contrário, todos encontrariam este conhecimento, se o caminho terrestre fosse rompido e a má carne Adâmica não fosse tão estimada, o que é um obstáculo.

É preciso examinar um pouco mais as quatro formas da natureza, compreenderemos então o que é um princípio. Pode-se chamar de princípio quando uma existência se torna aquilo que não era, quando do nada surge uma fonte, e da fonte uma verdadeira vida com compreensão e sentidos. Reconhecemos, mais uma vez, o correto princípio na origem do fogo, na fonte-ígnea, que rompe a substancialidade e também as trevas. Reconhecemos então, a essência e propriedade do fogo como um princípio, uma vez que constitui e fornece a origem da vida e de todo movimento, assim como o forte poder da cólera feroz.

Reconhecemos também como um princípio, aquele que pode habitar no fogo, sem ser apreendido pelo fogo, que pode privar o fogo de seu poder e transmutar a qualidade do fogo num amor gentil; onipotente sobre tudo, que sabe como vencer a raiz do fogo e fazer do fogo trevas; uma fome e sede seca, que não encontra alívio, como o tormento do inferno: assim é o abismo, onde a essência é faminta, onde a morte exercita sua dor como um veneno mortal, onde há, de fato, uma vida essencial, mas numa inimizade consigo mesma, onde não se realiza a inflamação do fogo correto, mas que brilha unicamente como um lampejo que não queima.

Compreenda que no Eterno não há mais do que dois Princípios: (1) O fogo que queima, preenchido pela luz; a luz dá ao fogo a sua propriedade, a fim de que da fonte que queima surja um reino elevado de alegria; pois a angústia alcança a liberdade, e o fogo que queima permanece como a causa de se encontrar a vida e a luz da Majestade. O fogo toma para si a propriedade da luz, ou seja, a brandura, e a luz toma para si a propriedade do fogo, ou seja, a vida e a auto- descoberta. O segundo Princípio é compreendido na luz; mas a substancialidade essencial de onde queima o fogo, permanece sendo eternamente trevas e fonte de cólera, onde o demônio habita, como vemos que o fogo é algo diferente daquilo de onde o fogo queima. Assim, o Princípio permanece no fogo, e não na fonte essencial da substancialidade; a fonte essencial é o centro da natureza, a

causa do princípio, mas é obscura e o fogo, brilhante: vemos aqui o que é o rompimento da cólera, ou seja, a morte e a liberdade eterna da natureza, ambos são a causa do brilho; Pois o espírito-maravilhoso do não fundamento é portanto desejoso, a fim de poder brilhar; esse espírito se traz a uma qualificação, para poder encontrar e sentir a si mesmo, para que possa manifestar suas maravilhas na qualificação, pois sem qualificação não pode haver manifestação.

Compreenda mais: A qualificação como ferocidade não possui verdadeira substancialidade, mas a ferocidade salgada é a substancialidade da dor, a qual penetra; a angústia e o fogo também não formam ou produzem qualquer substancialidade verdadeira, há somente um espírito correspondente; no entanto, um deve ser mais denso que o outro, senão nada é encontrado, isto quer dizer, a adstringência faz com que seja denso e obscuro. Assim, a dor amarga encontra a angústia na propriedade obscura salgada, como na matéria; pois não havia matéria, nem poderia haver espírito ou descoberta. O não fundamento encontra-se nas trevas salgadas, mas tem a capacidade de dispersar as trevas, deixando-a como um espírito que se encontrou na fonte da angústia; ele abandona esta matéria salgada das trevas onde se encontra, e penetra a si mesmo, novamente na liberdade, no fundamento, e habita em si mesmo. Desta forma, a qualificação deve ser sua descoberta e nitidez e, portanto, a inflamação de sua liberdade, da luz na qual o espírito se vê e descobre o que é.

Com isso, não há mais a necessidade de qualificação, pois o espírito é agora um princípio qualificante; ele se modela e se vê segundo todas as formas, e toda forma é desejosa de se encontrar e manifestar; toda forma, por sua vez, se encontra em si mesma, mas com o desejo sai de si mesma e se manifesta como uma figura ou espírito; é a eterna sabedoria em caráter, maravilhas e virtudes, ainda que não exista em particularidade, mas como universalidade, embora em forma infinita. Essas formas se expressaram em espíritos, ou anjos, através do movimento da vontade primordial, chamada de Pai, a fim de que a natureza oculta possa ver, sentir e se encontrar nas criaturas, e para que possa haver uma eterna atuação nas maravilhas da sabedoria de Deus.

Compreendamos a substancialidade do mundo-luz, que é realmente uma

verdadeira substancialidade, pois nenhuma substância real pode subsistir no fogo, somente o espírito da substância. Contudo, o fogo é a causa da substância, pois é uma fome, um desejo sincero; ele deve ter substância ou se retira. Compreenda isso da seguinte forma: A brandura dá e o fogo tira. A brandura é emanante de si mesma, originando uma substância semelhante, cada forma que sai de si mesma, o fogo engole, mas produz a luz. O fogo produz algo mais nobre do que aquilo que engoliu, ele dá o espírito à substância; pois ele engole a beneficência branda, ou seja, a água da vida eterna, mas ao mesmo tempo fornece o espírito da vida eterna: verifique que o vento surge do fogo, do mesmo modo, o ar ou o verdadeiro espírito surge do fogo- vida.

Deus, o Pai, é em si a liberdade na natureza, mas se torna manifestado pelo fogo na natureza. A natureza do fogo é a sua propriedade, embora ele seja em si o não fundamento, onde não há nenhum sentimento de dor. Mas ele traz a sua vontade desejosa para a dor (Qualidade), e atrai para si, na dor, outra vontade, a de sair da dor e mergulhar novamente na liberdade além da dor. Essa outra vontade é seu Filho, que Ele gera de sua vontade única e eterna desde a eternidade. Ele a conduz através do fogo, através do rompimento da fonte da morte, fora de seu feroz fervor. É esta vontade, ou seja, o Filho de Deus, o Pai, que vence a morte cuja fonte é obscura e que ilumina o fogo e que procede do fogo como um brilho lampejo do fogo, preenchendo a primeira vontade, chamada de Pai; pois o lampejo também é frágil como um nada ou como a vontade chamada de Pai. Portanto ela pode habitar na liberdade, ou seja, na vontade do Pai, e tornar o pai brilhante, claro, gracioso e amigável, pois é o coração do Pai ou misericórdia; é a substancialidade do Pai, ele preenche o Pai em sua plenitude, ainda que nele não haja lugar, nem começo, nem fim.

O fogo do Pai engole a branda substancialidade, ou seja, a fonte-água da vida eterna, junto ao fogo de sua própria essência, e através deste ato ele modera e abranda a si mesmo. Aqui a substancialidade deve morrer no fogo, pois o fogo a engole e a consome, e produz da concepção um espírito alegre e vivificante. Esta é o Espírito Santo, que procede do Pai e do Filho nas grandes maravilhas da santa Essência, revelando-as sempre e eternamente.

A Divindade é portanto um laço eterno que não pode se dissolver. Ela se manifesta de eternidade em eternidade, onde o primeiro é também sempre o último, e o último novamente o primeiro. Compreenda, então, o Pai como o mundo do fogo, o Filho como o mundo da luz e do poder, e o Espírito Santo como a vida da Divindade, ou seja, o poder emanante e guiador; todos são senão um Deus, assim como o fogo, a luz e o ar são senão uma única existência, ainda que divididos em três partes, e nenhum pode s ubsistir sem o outro. Pois o fogo não é luz, nem o vento que surge do fogo; cada um tem o seu trabalho, e cada um é uma natureza específica em si mesmo, ainda que cada um é a vida do outro e uma causa da vida do outro. Pois o vento sopra o fogo, ao contrário seria extinto em sua cólera, a fim de que caísse na morte escura; de fato, a extinção é a morte real, já que o fogo da natureza é extinto e não mais atrai a substância para si.

Há um bom exemplo de tudo isso na vida exterior, em todas as criaturas, mostrando como cada vida, ou o fogo-vida essencial, atrai a substância, que é seu alimento, em si mesma; além do mais, o fogo de sua vida consome a substância e produz do que é consumido o espírito do poder, que é a vida das criaturas. Vemos aqui, como a vida toma sua origem da morte. Nenhuma vida vem à existência a não ser que rompa aquilo de onde a vida deve surgir. Tudo deve penetrar a câmara de tortura, no centro, e se ater na angústia do lampejo-fogo, ao contrário não há iluminação. Contudo, o fogo é múltiplo, assim como a vida; mas da maior das angústias surge a maior das vidas, como se fosse do verdadeiro fogo.

Assim, queridos filhos de Deus em Cristo, oferecemos a vós o nosso conhecimento e o nosso propósito, para reflexão. No início, dissemos que mostraríamos a morte de Cristo, porque o Cristo foi obrigado a morrer, e porque nós também devemos morrer e ressurgir em Cristo. Com esta descrição tudo fica claro, verás quão grande é a nossa miséria, para que fosse preciso que o Verbo, ou a vida do santo mundo-Luz, se fizesse homem e nos gerasse novamente Nele. Aquele que aqui nada compreende não é nascido de Deus. Pense bem em que morada Adão nos introduziu. Ele era um extrato dos três Princípios, uma completa semelhança, de acordo com todos os três mundos; em sua alma e espírito havia a qualidade angélica. Ele havia sido introduzido no santo poder e essencialidade, bebendo da água da vida eterna, de uma forma angélica. Mas ele perdeu a

essencialidade divina e a qualidade angélica, e imaginou no nascimento externo, no reino da qualidade terrestre, a qual o demônio havia aceso em sua queda. Adão voltou seus olhos para longe de Deus, para o spiritus mundi ou deus terrestre, longe da luz divina para a luz deste mundo; ele se fez cativo e permaneceu na qualidade terrestre. Caiu na frágil qualidade terrestre, que passou a preenche-lo e a governa-lo. Ela colocou nele um corpo, que é novamente rompido e consumido em sua própria essência, em seu fogo essencial.

Mas como a alma foi soprada dentro do homem, a partir do Espírito de Deus, ou seja, do Eterno, de modo que a alma é um anjo, Deus demonstrou interesse por ela novamente; e o poder do santo mundo-luz, ou seja, do coração de Deus, penetrou a essência humana, aprisionada na morte, penetrou a câmara de tortura de nossa miséria; o coração de Deus atraiu uma alma para si, de nossa essência; tomou pára si nossa vida mortal, trouxe a alma, através da morte, através do severo fogo de Deus o Pai, para o mundo-luz, vencendo a morte que nos mantínhamos cativos e revelou a verdadeira vida.

Ora, isso não pode ser de outra forma. Aquele que quer possuir o mundo-luz deve entrar pelo mesmo caminho de Cristo. Deve penetrar a morte de Cristo, e na ressurreição de Cristo ele entra no mundo-luz. Sabemos que o Verbo eterno do Pai, que é o Seu coração, é gerado de eternidade em eternidade, da cólera da morte das trevas, através do fogo do Pai, sendo em si o verdadeiro centro da Santíssima Trindade, e de si, com o Espírito Santo processional, é a Majestade de luz flamejante ou mundo-luz: da mesma forma e com a mesma capacidade, devemos com nosso coração, mente e alma sair da terrenidadade má, áspera e adstringente, fora de nós mesmos, fora do corrupto homem Adâmico, rompê-lo e aniquilá-lo através de nossa sincera vontade e ação. Devemos tomar a cruz do velho Adão, que se adere à nós enquanto vivermos, e que deve sobre a cruz e na cruz penetrar o centrum naturae, o Triângulo, e renascer fora da roda da angústia, para que nos tornemos anjos e vivamos eternamente em Deus.

Como não éramos capazes de fazer isso, o Cristo doou-se a este centro da cólera, venceu a cólera feroz, extinguindo-a com seu amor. Pois ele trouxe a substancialidade divina e celestial para a cólera, para o centro da câmara de

tortura, extinguindo da alma o fogo-angústia, ou seja, a cólera feroz do Pai do mundo ígneo na alma, de modo que nós, não mais caímos na cólera ígnea; mas se nos entregamos à morte de Cristo, e saímos do mal Adão, então caímos na morte de Cristo, no caminho que ele fez para nós, caímos no seio de Abraão, ou seja, nos braços de Cristo; ele nos recebe. Pois o seio de Abraão é o mundo-luz aberto na morte de Cristo; é o Paraíso em que Deus nos criou. A questão agora reside nisto: que não sejamos cristãos da boca para fora, conceber para nós a morte de Cristo, permanecendo hipócritas no coração, alma e espírito; abandonemos as más inclinações de mente e coração, vontade e ação, de forma séria e sincera, e lutemos contra elas. Ainda que elas se aderem a nós, é preciso mortificar esta má vontade e ação Adâmica, a cada hora, diariamente. Devemos fazer aquilo que não temos vontade, negar nossa vida maligna e terrestre, e atrair a vida de Cristo para o nosso interior; então o reino dos céus sofre uma violência, e aqueles que o forçam, acabam atraindo-o para si próprios, como o Cristo diz.

Desta forma, nos tornamos fecundados pelo reino dos céus e penetramos, ainda vivos, na morte de Cristo; recebemos o corpo de Cristo ou a essencialidade divina; carregamos o reino dos céus conosco. Somos as crianças de Cristo, membros e herdeiros no reino de Deus, a imagem do santo mundo divino, que é Deus o Pai, Filho, Espírito Santo, e a substancialidade desta mesma santa Trindade. Tudo o que nasce e é revelado da sabedoria é o nosso Paraíso; e nada morre em nós senão o Adão morto, o maligno e terrestre, cuja vontade aqui vencemos, para quem nos tornamos o inimigo. O inimigo se retira de nós, penetra o fogo, no fogo essencial, nos quatro elementos e no mistério, e deve no final deste tempo ser provado pelo fogo de Deus, e deve nos apresentar, outra vez, nossas maravilhas e obras. O que quer que o mistério terrestre tenha engolido, isto deve ser fornecido no fogo de Deus e não um mal correspondente. Ao contrário, o fogo de Deus absorve o mal, devolvendo uma tal coisa que encontramos em nossa busca ansiosa. Assim como o fogo absorve a substância, mas oferece o espírito para a substância, nossas obras realizadas no espírito e alegria celeste, fora do fogo de Deus, nos serão apresentadas como um claro espelho, como a maravilha da sabedoria de Deus.

Que isto seja revelado a vós, caras crianças, pois trata-se de um

conhecimento elevado; não sofram por serem tocados ou cortejados pela morte de Cristo e de concebê-la como uma obra que nos basta se soubermos e acreditarmos que ela tenha sido realizada para nós. De que me vale saber que há um tesouro escondido, se eu não cavar para buscá-lo? Não basta se confortar, ser hipócrita, pronunciar belas palavras com a língua, e manter o impostor na alma. O Cristo diz: "A menos que nasceres de novo, não verás o Reino dos Céus". É preciso voltar e tornar-se como uma criança no ventre e nascer da essência Divina. Devemos revestir nossa alma com um novo ornamento, ou seja, o revestimento de Cristo, a humanidade de Cristo; fora disso, nenhum brilho aparente é válido. Tudo não passa de mentiras contada por oradores, que retratam o Cristo como se ele tivesse feito tudo isso para nós, a fim de que nós apenas nos confortássemos, e ao mesmo tempo vivêssemos no velho Adão, na avareza, no orgulho e falsidade, no brilho da fraqueza. É a fraude anti- cristã do falso clero, do qual nos alerta o Apocalipse. Se nada adianta que sejamos hipócritas para conosco, que nos deliciemos com o sofrimento e morte de Cristo; devemos penetrá-los, nos tornarmos a sua imagem, então o sofrimento e a morte de Cristo nos serão válidos. Devemos tomar a sua cruz, seguí-lo, superar e aniquilar os desejos malignos, e sempre exercitar a boa vontade: então, veremos seguramente o que consistem os passos de Cristo, quando devemos lutar contra o mal, o velho Adão e o mundo fraco, contra a razão terrestre que só deseja o prazer temporal. A cruz de Cristo estará, verdadeiramente, colocada sobre nós, pois o que temos aqui é o demônio, o mundo e nosso próprio Adão maligno: todos eles são nossos inimigos, aqui o novo homem deve se erguer como campeão e lutar nos passos de Cristo. Ó, inúmeros inimigos irão despertar aqui, todos cairão diante dele! O principal é lutar como um campeão pela cavalheiresca coroa de espinhos de Cristo, e mesmo assim ser considerado como alguém que não é digno da terra. Aqui a guerra e a fé devem ser o lema. Onde a razão externa isso contradiz, os sofrimentos e a morte de Cristo devem ser colocados diante do demônio, do mundo, da morte e da razão terrestre, e não se desesperar; pois aqui uma coroa angélica está a prêmio, podendo ser um anjo ou um demônio. Na tribulação devemos renascer; custa muito combater a cólera de Deus e vencer o demônio. Se não tivéssemos o Cristo conosco e em nós, perderíamos a luta. Nada vale um punhado de conhecimento, para nos deliciarmos com a Graça de Deus e fazer de Deus um manto para os nossos pecados, para ocultar e sutilmente acobertar o impostor e o monstro do demônio sob o sofrimento de Cristo.

Ó, não!

O impostor deve ser destruído nos sofrimentos e morte de Cristo; não deve ser um impostor, aquele que deseja ser uma criança; é preciso se tornar um filho obediente, trabalhar nos sofrimentos de Cristo, trilhar os passos da verdade, da retidão e do amor; é preciso fazer, e não apenas saber. O demônio sabe de tudo isso muito bem, e de que adianta? É preciso praticar, o resto é falsidade e enganação.

A Razão hipócrita diz: O Cristo fez, nós não podemos. Sim, de fato Ele fez o que não poderíamos fazer; ele venceu a morte e restaurou a vida. De que serve isso se eu não penetrar Nele? Ele está no céu, eu neste mundo; pelo caminho que Ele nos traçou, devo penetrá-Lo, de outra forma permaneço de fora. Pois o Cristo diz: "Venham a mim todos os que estão cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei. Tome meu jugo para ti, e aprende de mim, pois eu sou humilde e modesto de coração, e vós encontrareis repouso em vossas almas". É no seu caminho que devemos penetrá-Lo; devemos fazer o bem no lugar do mal e amar uns aos outros, como ele nos amou, dando sua vida por nós.

Se assim procedermos, extinguimos a cólera de Deus também em nosso semelhante. Devemos dar um bom exemplo, não de forma falsa e artificial, mas na simplicidade, com boa vontade e amor. Não como uma prostituta hipócrita que diz: "Sou uma virgem", com falsa modéstia, mas que no fundo não presta. Total e inteira seriedade se faz necessária. É melhor não ter nenhum bem, nem dinheiro, e até mesmo perder a honra e poder temporais, do que perder o reino de Deus. Aquele que encontra Deus, encontra tudo, e aquele que O perde, perde tudo; perde a si mesmo. Ó, como é difícil romper a vontade terrestre! Faça a sua escolha, logo não irás mais questionar sobre os passos de Cristo, pois os vereis muito bem. Tu irás certamente sentir a cruz de Cristo, assim como a cólera de Deus, que em geral, repousa e adormece no velho Adão, até que tu a fertilize abundantemente, então ela dará a ti o seu reino do céu, semeado por ti aqui, no qual tu deves te deliciar eternamente.

Chegue mais perto, cara, pomposa e ilusória Razão, cheguem mais perto todos vós, conhecedores e ignorantes, todos vós que desejam ver à Deus. Há um selo solene e um cadeado a serem abertos. Meditem sobre isso, pois

tem haver com todos vós.

A Razão diz: Não era Deus poderoso o bastante para perdoar Adão de seu pecado? Havia a necessidade, de se tornar homem, sofrer e permitir-se ser entregue à morte? Qual o prazer de Deus na morte? Ou, ainda, já que Ele desejava nos salvar, por que nós também devemos morrer, se o Cristo nos redimiu? Sim, lamente, cara Razão, apoie-se na suposição até que consigas te aproximar; aqui és doutora e conheces nada, és erudita e tola. Não será possível compreender, a menos que venhas à esta escola, a escola do Espírito Santo. Quem é que pode abri-lo? Não é este o livro fechado daquele que se senta sobre o trono na Revelação de Jesus Cristo? Então diz o hipócrita: Nós o conhecemos muito bem. Diante de tal afirmação digo, que nunca ouvi nada sobre o Espírito Santo de seus lábios, nem tampouco li em seus escritos; eles me proibiram de questionar, interditaram-no, e declararam pecado para aqueles que questionarem ou desejarem conhecer o livro fechado; assim, a justa mulher permaneceu subtilmente velada. Ó, o Anticristo tem atuado sob tal cobertura! Mas ele será revelado, contra a vontade do demônio e do inferno; pois é chegado o tempo, o tempo da restauração manifesta-se, de modo que aquilo que Adão perdeu será encontrado.

As Escrituras dizem: “Somos poeira e cinzas” (Gen. 18,27). Está correto, somos poeira e cinzas. Mas devemos questionar se Deus fez o homem a partir da terra. A Razão insiste em manter que sim, autenticando tal afirmação com Moisés, a quem a Razão não compreendeu. A investigação também não oferece uma posição, dizendo que o homem é um limos, ou seja, um extrato dos três Princípios. Se ele estava destinado a ser uma semelhança, de acordo com a natureza de Deus, deve ter vindo da natureza de Deus; pois tudo aquilo que não vem do Eterno é desordem. Tudo o que tem um começo pertence àquilo de onde surgiu. Mas se viemos, simplesmente, da terra, somos da terra: o que nos deve então acusar de só realizar obras e vontade de propriedade terrestre? Mas se houver uma lei em nós, que nos acusa de viver unicamente no caminho terrestre, ela não é terrestre, mas pertence àquilo que nos dirige e nos atrai, o Eterno; nossa própria consciência nos acusa diante do Eterno de fazer aquilo que é contrário ao Eterno; Mas se nos submetemos àquilo que nos atrai ao Eterno, então aquilo que nos atrai ao que é terrestre deve ser vencido e deve

penetrar a vontade terrestre; mas a vontade que oferecemos ao Eterno, é por ele recebida.

Se Deus criou o homem num ser, para estar ali eternamente como carne e sangue, então a vontade que se oferece ao Eterno deve estar encoberta pela carne e pelo sangue, assim como era quando Deus o criou para o Paraíso, para o Eterno. Com isso reconhecemos claramente que Deus não nos criou na carne e no sangue, como os que carregamos agora, mas numa carne que reveste a vontade no novo nascimento; de outra forma ela seria terrestre e perecível, mesmo antes da queda. Por que então, a minha consciência me culpa por aquilo em que Deus me criou? Ou, por que ela deveria desejar algo mais do que aquilo que era em sua própria natureza? Isso nos revela plenamente que há em nossa carne uma outra natureza, que busca o que agora não é mais. Mas se nossa carne aspira por algo que não é mais, então ela deve ter pertencido à sua própria natureza, no princípio; ao contrário não haveria aspiração ou desejo algum. Sabemos que toda entidade busca aquilo que lhe deu origem.

Desta forma, nossa vontade busca aquela carne criada por Deus, capaz de subsistir em Deus, e não uma carne perecível terrestre, na dor, mas uma carne durável, livre de dor: com isso, compreendemos claramente que trocamos o que é Eterno pelo o que é perecível; que atraímos a matéria para o limos nos tornando terrestres; contudo, Deus nos extraiu dali como uma massa, introduzindo ali seu Espírito com o Eterno. Pois a imaginação de Adão atraiu a fonte terrestre das estrelas e dos quatro elementos para o limos, e as estrelas e os elementos absorveram a ânsia da terra. A matéria celeste, da carne celeste, tornou-se terrestre; pois o Espírito de Deus, que pelo verbum fiat foi soprado no limos, do coração de Deus, continha a essencialidade celeste ou a carne e o sangue celeste em si: esse Espírito deveria governar Adão, de acordo com a propriedade divina celeste. Mas como o demônio havia infectado o limos, quando encontrava-se no céu, também fez de Adão esta infâmia, infectando-o com sua imaginação, a fim de que ele começasse a imaginar segundo a ânsia corrupta da fonte terrestre, por onde acabou sendo capturado pelo reino deste mundo pervertido, que entrou no limos como um mestre. A imagem de Deus foi prejudicada e caiu na fonte terrestre.

Estando o espírito celeste no súlfur terrestre e corrupto, o brilho celeste e o fogo divino não poderiam subsistir na queimação, pois a luz do fogo eterno tem a sua subsistência na liberdade, fora da fonte. A água da liberdade, que era o alimento do fogo eterno, havia se tornado terrestre, ou seja, preenchida pela terrenidade , e o brando amor fora infectado pela ânsia do mal terrestre: assim, o fogo eterno não podia queimar, nem dar à luz, mas surgiu na carne corrupta como um fogo abafado que não pode queimar por falta de água. Esse fogo agora nos consome e sempre nos acusa; ele queria queimar novamente e estar apto à essência celeste. Ele tem que devorar em si mesmo a qualidade terrestre, ou seja, a imaginação terrestre, com a qual a ânsia do demônio se mistura: consequentemente, ele também se torna mal, e nos atrai continuamente em direção ao abismo, ao centro da natureza, para a câmara de tortura, onde ele surgiu no princípio.

Ó, homem, veja então o que tu és; veja o que fizestes de ti mesmo e o que serás para a eternidade. Verás a necessidade de mudar e morrer, pois o reino deste mundo passa. Tu não és, em teu ser exterior, mestre deste reino, para continuar em sua atmosfera (perpetuamente), mas ali tu não tens poder e só existe numa constelação contida no astrum, quando começastes a crescer no ventre, carne e sangue da natureza terrestre. Tu és pela vida externa tão fraco que não pode se defender de tua constelação; deves entrar na dissolução de teu corpo quando a constelação te abandona. Vês então o que és, um pó da terra, uma terra mal cheirosa, uma carcassa morta onde tu ainda vives. Tu vives nas estrelas e nos elementos; eles te regem e te conduzem, de acordo com suas propriedades, eles te fornecem ações e regras práticas. Mas quando suas saeculum e constelação, sob as quais fostes concebido e nascestes neste mundo, é completada, te deixam cair. Então teu corpo é entregue aos quatro elementos, e teu espírito, que te guiou, no Mistério do qual o astrum foi produzido, e é mantido para o julgamento de Deus, quando Deus irá provar a todos pelo fogo de seu poder. Assim, deves apodrecer e te tornar terrestre, um nada, exceto o espírito, que procedeu do Eterno e que Deus introduziu no limos. Observes então o que és, um punhado de terra, casa de tormento das estrelas e elementos. Se neste mundo, neste tempo, tu não te iluminas novamente na luz de Deus, tua alma e espírito eterno, dados a ti pelo Deus altíssimo, a fim de renascer na luz da Essência divina, então a alma cai novamente no Mistério do centrum naturae, como na primeira mãe, entrando para a

câmara de tortura das quatro primeiras formas da natureza. Ali deve ser um espírito na trevosa fonte de angústia, juntamente com todos os demônios, consumindo tudo o que fora introduzido em si, neste tempo; este será seu alimento e vida.

Tendo em vista que Deus não desejou nada disso ao homem, Sua imagem e semelhança, Ele próprio tornou-se aquilo que o pobre homem se transformara, depois de ter caído da essencialidade divina, do Paraíso, a fim de ajudar o homem a retornar e ter em si o portão da regeneração, para que ele pudesse, no fogo da alma, renascer em Deus, e que este mesmo fogo pudesse novamente atrair em si a essencialidade divina e ser preenchido com a fonte-amor divina, por onde o reino divino da alegria poderia ser novamente gerado e o fogo da alma pudesse manifestar novamente o Espírito Santo; o Espírito procederia do fogo da alma e arrancar a vontade ímpia da carne Adâmica, a fim de que a pobre alma não fosse outra vez, invadida pela ânsia demoníaca e terrestre.

Compreenda o seguinte: Deus se fez homem e introduziu nossa alma humana na essencialidade divina novamente em Cristo; ele prova novamente da essencialidade divina, ou seja, do amor e brandura, e bebe do espírito-água da vida eterna, essa que da sabedoria eterna, que é a fonte da essencialidade divina. A própria alma de Cristo recebeu em si a carne e sangue celestial e divino, pelo Verbo que é o centro do mundo- luz, Verbo que buscou a pobre alma aprisionada. O Verbo habitava na essencialidade divina e na virgem da sabedoria, mas veio em Maria, tomou nossa própria carne e sangue na essencialidade divina, atravessando o poder que nos mantinha cativo na cólera da morte e da ferocidade, na cruz, ou seja, no centro da natureza da origem, na vontade eterna do Pai para a natureza, de onde nossa alma foi tirada, e novamente iluminada nessa essência, no fogo escuro da alma, o fogo-luz que queima; Cristo trouxe a vontade externa da alma através do fogo de Deus, ou seja, da origem para a luz clara e branca incandescente. Quando a natureza sentiu isso na alma, ela se alegrou, venceu a morte e floresceu pelo poder de Deus no mundo-luz, e fez do fogo um desejo-amor, a fim de que na eternidade nenhum fogo seja mais conhecido, mas uma grande e poderosa vontade no amor para com seus ramos e galhos, ou seja, para com nossa alma.

Isso é o que afirmamos: Deus anseia pela alma. Ele se tornou nosso tronco, nós somos seus ramos e galhos. Como um tronco sempre transmite sua seiva aos galhos, a fim de que vivam e gerem frutos, para a glória de toda a árvore, o mesmo faz à nós o nosso tronco. A árvore Jesus Cristo no mundo-luz, que se revelou em nossa alma, terá nossas almas como galhos. Ele veio no lugar de Adão, quem nos fez decair e perecer; ele se tornou Adão no novo nascimento. Adão trouxe nossa alma para este mundo, para a morte da cólera feroz; Cristo trouxe nossa alma para fora da morte, através do fogo de Deus, e a reacendeu no fogo, a fim de que obtivesse novamente a luz brilhante, pois de outra forma, teria que permanecer na morte obscura, na fonte de angústia.

Ora, só depende de nossa própria aceitação, de seguir o mesmo caminho feito pelo Cristo. Só precisamos introduzir Nele a nossa imaginação e toda a nossa vontade, chamada de fé, e resistir à velha vontade terrestre: então recebemos do novo nascimento o espírito de Cristo; ele atrairá a essencialidade celeste para nossas almas, ou seja, a carne e o sangue celestial de Cristo. Quando a alma prova desta essencialidade celeste, ela vence a morte escura em si e acende ali o fogo da eternidade, de onde queima a luz da brandura; a alma atrai a brandura novamente em seu fogo, absorvendo-o em si; da morte gera a vida e o espírito de Cristo. Assim, esse espírito, que procede do fogo eterno, habita no mundo-luz com Deus, e é a verdadeira imagem da Santíssima Trindade. Ele não habita neste mundo, o corpo não o compreende, mas a mente nobre, na qual a alma é um fogo, compreende-o, embora não de forma possessiva. Certamente, a nobre imagem habita no fogo da alma da mente, mas ela apenas paira sobre ela, como a luz no fogo. Pois, enquanto o homem terrestre viver, a alma sempre corre perigo, já que o demônio é seu inimigo, e está sempre emitindo seus raios com falso desejo no espírito astral e elemental, e com isso alcança o fogo da alma; seu objetivo é infectá-la continuamente com a ânsia demoníaca terrestre. Aqui a nobre imagem é compelida a se defender contra o fogo da alma; trava-se uma luta pela coroa angélica; quando o demônio ataca a alma, normalmente surge no velho Adão, o medo, a dúvida e a descrença. Ó, cruz de Cristo, és tão pesada algumas vezes! Ó, como o céu se oculta! Mas é assim que o nobre grão é semeado; e quando ele brota, manifesta muitos belos frutos na paciência.

Desta forma, cada ramo na alma cresce da divina sabedoria. Todos devem surgir para fora da câmara de tortura, e crescer como um galho, da raiz da árvore: tudo é gerado na angústia. Se um homem deseja obter o conhecimento divino, deve entrar repetidamente na câmara de tortura, penetrar o centro. Pois toda centelha do conhecimento divino, que procede da sabedoria de Deus, deve nascer do centro da natureza, do contrário não é duradoura e nem eterna. Ela deve repousar sobre o fundamento eterno, sobre a raiz eterna. Desta forma ela será um ramo no reino de Deus, brotando da árvore de Cristo.

Assim, compreendemos o ato de morrer, a necessidade da morte de Cristo e de nossa própria morte, a fim de possuirmos a sua glória. O velho Adão não possui condições de receber tal glória; ele deve voltar para aquilo de onde saiu, deve ser provado pelo fogo de Deus e restaurar as maravilhas por ele absorvidas. Elas devem retornar ao homem, transparecer em sua vontade, na medida em que são manifestadas aqui, na vontade de Deus; mas se penderem à desonra de Deus, é por que pertencem ao demônio, no abismo.

Portanto, que cada um fique atento ao que faz e ao que provoca neste mundo, com que inclinação e consciência interna fala, age e vive: tudo deve ser testado pelo fogo. Tudo o que for suscetível deste fogo, será engolido e entregue ao abismo, à angústia. O homem precisa se livrar de tudo o que perece no fogo, a fim de entrar no outro mundo livre de tudo isso, mundo do qual deveria ter extraído sua satisfação, se fosse um operário do vinhedo de Deus; como está, será considerado um servo de ídolos. Portanto, o poder, a grandeza e a clareza nas maravilhas da sabedoria divina, também serão desiguais no outro mundo. Muitos são aqui como reis, no outro lado porém, poderão ser nomeados porqueiros na clareza e sabedoria: isso porque suas maravilhas serão entregues ao abismo por serem más.

Sim caros homens, observem, mostro-lhes uma similitude do mundo angélico: Olhe a terra florescente ou as estrelas, veja como uma erva ou estrela excede a outra em vigor, beleza e graciosidade de sua forma: assim é o mundo angélico; pois estaremos corporificados numa carne e sangue espirituais e não da forma que temos aqui. O corpo espiritual pode passar pelas pedras terrestres, de tão sutil que é; de outra forma, não seria

suscetível da Divindade; pois Deus fora ou além da fonte palpável, na liberdade, e seu próprio ser é a luz e poder da Majestade. Nós também devemos obter um corpo-poder, mas verdadeiramente na carne e sangue, onde, contudo, há um brilho da tintura. O Espírito é tão sutil que é inapreensível pelo corpo, mas é apreensível na liberdade, do contrário seria um nada. O corpo é muito mais denso do que o espírito; este pode apreender e consumir o corpo, a fim de preservar a vida-espírito no fogo; o espírito produz, do espírito da luz da Majestade, a brandura na carne e sangue, é por isso que há um ser eterno.

Encontrar e conhecer a si próprio, é ver e saber o que é Deus, o que é capaz de fazer, e o que é o Ser de todas as coisas. Descobrimos que temos sido guiados de forma errônea e cega, sobre o que nos é dito com relação à vontade de Deus; a Divindade é representada sempre como uma natureza estranha, remota, como se Deus fosse uma existência estranha que apenas possuísse uma vontade inclinada à nós; como aquele que perdoa pecados em troca de favor, como um rei garante a vida a alguém que a tenha perdido. Mas não, ouças, esta não é uma questão para se bancar o hipócrita e continuar sendo um impostor; é necessário nascer de Deus ou se perder eternamente de Deus. A fé e a vontade correta realizará a obra; esta deve penetrar sinceramente em Deus e se tornar um Espírito com Deus; é preciso adquirir a essência celeste, nenhum outro canto, som ou espetáculo resplandecente irá adiantar. Deus não necessita de serviço; devemos servir e amar uns aos outros, e dar graças ao grande Deus, ou seja, nos elevarmos em uma única mente à Deus, proclamarmos suas maravilhas, invocar seu nome e adorá-lo. Esta é a satisfação no Ternarius Sanctus, onde maravilhas, poder e crescimento são compreendidos a partir do louvor, pela sabedoria eterna. O reino do demônio é assim destruído, e o reino de Deus vem até nós, e sua vontade é feita. Fora disso, tudo não passa de obras e conceitos humanos aos olhos de Deus, algo inútil, uma hipocrisia, não traz reconciliação e só afasta o homem de Deus.

O reino de Deus deve surgir em nosso interior e Sua vontade deve ser feita em nós, é assim que O serviremos corretamente. Se O amamos de todo coração, com toda a nossa alma, toda força e ao próximo como a nós mesmos, esta é toda a adoração que Ele aceita. Por que nos fazermos de hipócritas? Se somos corretos, somos deuses no grande Deus; então, o que

fazemos, Deus faz em nós e através de nós. Se seu Espírito está em nós, por que nos preocupamos tanto com a adoração divina? Se ele fizer algo, devemos ser servos e condescendente; ele deve ser o mestre de obra, se uma obra pretende agradá-Lo. Tudo o que está fora disso, é construído de forma terrestre, no espírito deste mundo; construímos o mesmo nos céus exteriores, nas estrelas e nos elementos, que têm sua realização e maravilhas em nós, e servimos o demônio negro através de obras fora do Espírito de Deus.

Que isto seja declarado, pois trata-se de um conhecimento elevado: Nenhuma obra agrada à Deus, a menos que surja da fé em Deus. Sejam hipócritas o quanto quiserem, vós que trabalhais unicamente neste mundo, semeais num campo terrestre. Mas se quiseres colher o fruto celeste, deves plantar a semente celestial. Se ela recusar a lançar suas raízes no campo de outro, tua semente volta a ti e cresce em teu campo, e tu mesmo irás desfrutar do fruto.

A Razão EXTERNA diz: Como o homem deste mundo pode ver à Deus, num outro mundo, e afirmar o que Ele é? Isso é impossível; trata-se de uma fantasia, com a qual o homem se conforta e se ilude.

Resposta: Sim, até onde a Razão pode alcançar, além disso, nada pode explorar, e deve repousar. Se eu ainda estivesse envolvido nesta ciência, falaria do mesmo modo. Pois aquele que nada vê, afirma: não há nada lá. Aquilo que vê, é o que sabe; ele é ciente apenas do que está diante de seus olhos. Mas eu perguntaria ao zombador e ao homem terrestre: o céu é cego, assim como o demônio ou o próprio Deus? Existe uma visão no mundo divino? O Espírito de Deus pode ver, tanto no mundo do amor e da luz, e também na ferocidade do mundo da cólera, no centro? Se ele disser que, de fato, há uma visão- o que é uma verdade- que olhe cuidadosamente, para que não veja com os olhos demoníacos, em sua fraqueza propositada; quando almeja de antemão ele fantasia para si mesmo algo em sua imaginação, manifestando este algo numa malícia culpável, e vê de antemão como pode e de fato realiza a sua fraqueza. Se ele pode antever o que é mal, por que não veria também a sua recompensa? Não, o fraco vê com os olhos e encobre a pena, a fim de poder realizar as fraquezas. Se ele expulsasse o demônio, veria a grande bobagem imposta a si mesmo. Ele vê

o mal e entrega seus olhos a este fim, de modo que vê aquilo que está distante, o que ainda vai acontecer; ele é cego e nada sabe do que vê com os olhos demoníacos.

Da mesma maneira, aquele que é santo vê com os olhos de Deus, aquilo que Deus tem em vista, e isso o Espírito de Deus vê no novo nascimento, através dos verdadeiros olhos humanos, pela imagem de Deus. Esse Espírito é para o homem sábio, um ver e um realizar; não para o velho Adão, quem deve ser um servo do Espírito, ele deve praticamente realizar o que o novo homem vê em Deus. O Cristo diz: "O Filho do homem nada faz senão o que vê o Pai fazer, isso ele também faz". Ora, o Filho do homem tornou-se nossa habitação, aquela que penetramos; ele se tornou nosso corpo, seu espírito é o nosso espírito. Se vivemos em Cristo, seremos cegos em Deus? O espírito de Cristo vê através de nós e em nós a sua vontade; sua vontade é que vejamos e conheçamos nele; fora dele nada conhecemos de Deus. Ele realiza obras divinas e vê o que quer e quando quer, não quando Adão quer, quando Adão espontaneamente (com orgulho de se mostrar) derramaria sua malignidade. Ó não, aqui ele se esconde e nada vê em nós na luz da alegria em Deus, mas na cruz, na tribulação, nos sofrimentos e morte de Cristo, na perseguição e na reprovação, em grande pesar; com isso, ele vê e vive o velho asno para se esforçar e carregar a cruz de Cristo, este é o seu trabalho. Mas através da morte de Cristo o novo homem vê no mundo angélico; passa então a ser mais fácil e mais claro compreender o mundo terrestre. Isso acontece naturalmente, não pela ilusão, mas através dos olhos que vêem, por aqueles olhos destinados a possuir o mundo angélico, olhos da imagem da alma, pelo espírito que procede do fogo da alma. O mesmo espírito vê no céu, olha Deus e a eternidade, e ninguém mais pode ver assim; esta é também a nobre imagem de acordo com a semelhança de Deus.

O resultado de tal visão, foi por esta caneta escrita, não com a orientação de outros mestres ou a partir de conjecturas, se é verdadeiro ou não. Embora a criatura seja uma parte e não um todo, de modo que sua visão seja fragmentada, mesmo assim este conhecimento fragmentado é perfeito. Mas a sabedoria de Deus não pode ser escrita, ela é infinita, sem número e circunscrição; só a conhecemos em parte. Embora saibamos muito mais, a língua terrestre não pode exaltar e declará-la: ela só fala a língua deste

mundo, e retém o significado no homem oculto. Portanto, um sempre compreende de forma diferente de outro; assim cada um é dotado da sabedoria de forma diferente, a fim de que a busque e a interprete.

Ninguém compreenderá meus escritos com o sentido que quero dar e nem com nenhum outro. Mas todos recebem segundo essa doação, pois o aperfeiçoamento é maior em uns, menor em outros, conforme a propriedade do Espírito que reside em cada um. O Espírito de Deus está freqüentemente sujeito aos espíritos dos homens, caso estes pratiquem a boa vontade e se o espírito vê que o homem quer que o que é bom em si não permaneça oculto, mas que a vontade de Deus seja feita em todo lugar. Pois o espírito que nasce do fogo da alma, da brandura e essência de Deus, também é um Espírito Santo. Ele habita na qualidade divina e tudo vê segundo essa qualidade.

O que é estranho em nós, que não nos permite ver à Deus? Este mundo e o demônio na cólera de Deus são as causas de não vermos com os olhos de Deus; fora isso não há outro tipo de impedimento.

Se alguém diz: “Não vejo nada divino”, deve considerar que a carne e o sangue, além da subtilidade do demônio constituem um obstáculo e um véu para ele: freqüentemente pelo fato de desejar, em seu orgulho, ver à Deus para sua própria glória, e também por estar repleto e cego com a malignidade terrestre. Se ele olhasse para os passos de Cristo, assumisse uma nova vida, se submetesse sob a cruz de Cristo e desejasse unicamente penetrar o Cristo, através de Sua morte, descesse ao inferno e subisse ao céu: como, em verdade, não veria o Pai, seu Salvador o Cristo e o Espírito Santo?

Seria o Espírito Santo cego quando habita no homem? Escrevo tudo isso para minha própria glorificação? Não, escrevo a fim de orientar o leitor, para que desista de seu erro e passe do caminho da injúria e da blasfêmia para uma existência santa e divina, para que ele também possa ver com olhos divinos, as maravilhas de Deus, para que a vontade de Deus possa ser feita. É para esse fim que esta caneta tanto escreve, nunca para minha glória e nem em nome dos prazeres desta vida, como o opressor está sempre nos acusando e impedindo, mesmo assim ele não passa de um opressor, na cólera de Deus, a quem desejaríamos o reino dos céus, se pudesse se

libertar do demônio e de seu interesse pelo orgulho, o que o torna cego.

Portanto, queridos filhos de Deus, vós que buscais com muitas lágrimas, apenas coloquem vossa parte terrestre seriamente neste trabalho. Tudo o que vemos e conhecemos está em Deus. Ele revela a todos neste mundo, o quanto quer, tanto quanto sabe que é bom e benéfico para Ele. Pois, aquele que vê com os olhos de Deus, tem que realizar Sua obra; deve trabalhar, ensinar, falar e realizar o que vê, ao contrário, a visão é dele retirada. Este mundo não é digno da visão de Deus; mas por causa das maravilhas e manifestação de Deus é dado a alguns ver, a fim de que Seu nome se manifeste ao mundo, o qual dará testemunho a todo ser descrente, daqueles que pervertem a verdade em mentiras, apesar do Espírito Santo. Nós não pertencemos a nós mesmos, mas àquele a quem servimos em sua luz. Nada sabemos de Deus; Ele próprio é o nosso conhecimento e visão. Somos como um nada, para que Ele possa ser tudo em nós. É preciso ser cego, surdo e não conhecer vida alguma em nós, a fim de que Ele seja a nossa vida e alma, e que nossa obra seja a Sua. A nossa língua não deve revelar o que fizemos de bom: nós fizemos, ou melhor, o Senhor fez em nós; que seu nome seja louvado! Mas o que faz este mundo fraco? Se alguém disser: "O bom em mim é realizado por Deus", o mundo rebate: "Tolo, tu é que fizestes"; "Deus não está em ti, tu mentes". Assim, o Espírito de Deus, deve ser tolo e mentiroso. O que significa isso, ou quem fala com blasfêmia? O demônio, inimigo de Deus, a fim de encobrir a obra de Deus, para que o Espírito de Deus não se torne conhecido, e ele possa continuar sendo o príncipe deste mundo, até o julgamento.

Se o mundo luta contra você, te persegue e calunia, por conta do conhecimento em nome de Deus, então considere ter o demônio negro diante de ti. Portanto, benção, e que o reino de Deus venha à nós e destrua o ataque do demônio. Desta forma, trabalharás corretamente no vinhedo e se livrará do reino do demônio, produzindo frutos para a mesa de Deus; no amor e na brandura renascemos da cólera de Deus. Devemos, no amor e na brandura, nadar entre os espinhos do demônio e, neste mundo, lutar contra ele; o amor é veneno para o demônio, é como um fogo de terror onde não pode permanecer. Se ele permitisse um lampejo de amor dentro de si, logo o expulsaria, ou o queimaria, a fim de livrar-se dele. Portanto, amor e brandura consistem na espada, com a qual podemos, sob a coroa de

espinhos de Cristo, lutar contra o demônio e o mundo, pela nobre coroa. O amor é o fogo do segundo Princípio; é o fogo de Deus, a quem o demônio e o mundo são hostis. O amor possui os olhos de Deus e vê em Deus; a cólera possui os olhos da ferocidade na cólera de Deus, vê no inferno, tormento e morte.

O mundo simplesmente acredita que se pode ver à Deus com os olhos estrelar e terrestre; não sabe que Deus não habita na vida exterior, mas na interior. Se o mundo não vê nada de estranho nos filhos de Deus, diz: Ah! Ele é um tolo, nasceu louco, é um melancólico. Isso é tudo o que sabe! Escute, Mestre Hans, eu sei muito bem o que é melancolia, sei também o que é de Deus; Conheço tudo isso e também a ti, em tua cegueira. Tal conhecimento não requer nenhum estado de melancolia, mas uma luta cavalheiresca; pois a ninguém é dado, sem luta (a menos que seja um alvo escolhido por Deus). De fato, muitos são escolhidos ainda no ventre, como João Batista (Lc. 1,15) e outros se prendem ao pacto da promessa de Deus, que é sempre o objetivo de um saeculum, nascido no tempo do grande ano, escolhido por Deus, para revelar as maravilhas que tem diante de si. Nem todos surgem deste objetivo, mas muitos de uma busca zelosa; Diz o Cristo: “Pedi e vos será dado; buscai e achareis; batei e vos será aberto” (Mt. 7,7). E mais: “Todo aquele que o Pai me der, virá a mim e quem vem a mim eu não rejeitarei” (Jo 6,37). Ainda: “Pai, aqueles que me deste quero que, onde eu estou, eles estejam comigo” (Jo 17,24), ou seja, com o novo homem nascido de Cristo em Deus seu Pai. E mais: “Pai, eu vou para que vejam minha glória, recebida antes da fundação deste mundo”. Vemos aqui a partir do espírito de Cristo, do reino de Deus, no poder do Verbo, da essência da Divindade, com os olhos de Deus, e não com os olhos deste mundo e da carne exterior.

Portanto, tu, mundo cego, saiba com o que vemos, falamos e escrevemos sobre Deus, e pare com teu falso julgamento. Vejas tu, com teus olhos e deixe os filhos de Deus verem com seus olhos. Tu vês com teus dons; os filhos de Deus com o seus dons; Do modo como forem chamados, assim deve ver e caminhar; pois não estamos aqui para convencer a todos a tomarem o mesmo caminho e conversão, mas cada um segundo seu Dom e chamado, para maior honra e maravilhas de Deus. O Espírito de Deus não se curva, como a Razão exterior, com sua leis e Assembléias, que estão

sempre a formar uma corrente do Anticristo, de modo que os homens aventurem-se a julgar o Espírito de Deus, atrelando seus conceitos e raciocínios ao pacto de Deus, como se Deus não estivesse em casa, neste mundo, ou como se eles fossem deuses daqui; através do juramento, confirmam aquilo que escolheram para acreditar. Não é tolice querer reter o Espírito Santo e seu dons maravilhosos a um juramento? Ele acredita no que deseja, e os homens não o conhecem, não nasceram dele, e ainda fazem leis relacionadas ao que deveria realizar.

Digo que esses mascarados são Anticristos e desprovidos de fé, seja lá qual for o show de santidade que representam; o Espírito de Deus é livre, não entra em acordos, mas aparece livremente à mente humilde e buscadora, segundo o seu Dom, de acordo com sua constituição. Ele torna-se até mesmo sujeito à ela, caso o deseje total e sinceramente. Qual é então o objetivo do pacto na sabedoria humana deste mundo, relacionada à honra de Deus? Não nasceram todos do orgulho pessoal? Uma conversa amigável é certamente bom e necessário, quando um pode mostrar seus dons aos outros, mas os mascarados constituem uma falsa corrente, contrária à Deus. Deus fez um pacto conosco, em Cristo, isto basta para toda a eternidade; Ele não fará outro. Ele tomou a raça humana, de uma vez por todas, no pacto, formando um testamento permanente através da morte e do sangue. Isso é suficiente, nós nos contentamos com esse pacto e a ele nos fixamos. Não devemos dançar atrevidamente ao redor do cálice de Cristo, como se faz atualmente, ele poderia ser afastado de nós, como ocorreu com os turcos.

Há uma grande e sincera severidade em nossas mãos, como nunca se viu no mundo. Saibam: É dito que o Anticristo deve permanecer nu. Compreenda bem isso, para que não te tornes pior! Pois o machado é colocado na árvore: a árvore mal deve ser derrubada e lançada ao fogo. A hora está próxima; que ninguém se esconda nos prazeres carnais. Não adianta nada que ninguém saiba como renascer, continuando na antiga pele, na sensualidade do velho Adão, no orgulho, avidez e iniquidade, na libertinagem e na vida escandalosa: esse está morto enquanto vive, encontra-se nas garras da cólera de Deus; seu conhecimento irá acusa-lo e condená-lo no julgamento. Se ele receber e aceitar o Verbo que Deus lhe dá a conhecer, toma o correto caminho da vida, deve ao mesmo tempo, tornar-

se um realizador do Verbo e abandonar o que é mal, caso contrário terá um severo julgamento. No que ele é melhor do que o demônio? O demônio também conhece a vontade de Deus, mas realiza a sua própria vontade má. Ninguém é bom enquanto não for um realizador do Verbo: assim irá trilhar os caminhos de Deus, engajado em Sua obra, no vinhedo.

A Babel hipócrita ensina que nossas obras não tem mérito, que o Cristo nos redimiu da morte e do inferno, que só precisamos acreditar nisso, e portanto devemos ser retos. Ouça Babel! O servo que conhece a vontade de seu mestre e não a cumpre, deve ser punido. Um conhecimento sem realização é igual a um fogo que brilha mas não queima, por causa da umidade. Se queres que teu fogo divino ou fé queime, deves soprar o fogo, e extrair dele a umidade do demônio e do mundo; deves penetrar a vida do Cristo; te tornar criança de Cristo, entrar em Sua casa e fazer o Seu trabalho, do contrário estais de fora e és hipócrita, aquele que pronuncia o nome de Deus em vão. Ensinas uma coisa e fazes outra, testemunhando assim que o julgamento de Deus está correto, com relação a ti. Mais uma vez, qual a satisfação de Deus diante do seu conhecimento, uma vez que permaneces um impostor? Pensas que Ele aceita a tua hipocrisia quando dizes: Senhor, dá-me uma fé forte, pelos méritos de teu Filho, o Cristo, a fim de que eu creia, de todo o meu coração, que ele pagou pelos meus pecados? Pensas que isso é suficiente? Ó, não! Deves penetrar os sofrimentos e morte de Cristo, e nascer de novo, a partir de Sua morte; torna-te um membro com ele e em nele; crucifica continuamente o velho Adão e agarre-se sempre à cruz de Cristo; torna-te uma criança obediente, que sempre dá ouvidos ao que diz o Pai, e prontamente o realiza. Deves penetrar a ação, de outro modo não passas de uma forma de mostro, sem vida; deves, com Deus, realizar boas obras de amor para o próximo, praticar sua fé constantemente, e estar sempre pronto diante da voz do Senhor, quando ele te ordenar que vá para casa, fora da velha pele, para a veste pura. Note! Embora trilhes neste caminho, terás fraquezas e muita sensibilidade em ti. Ainda irás realizar o mal, pois temos um mal hóspede habitando em nós. Não se deve acomodar, mas lutar e guerrear contra ele; é preciso matá-lo e extinguí-lo continuamente; em qualquer caso, ele é demasiadamente forte, e terá a mão levantada. De fato, o Cristo venceu a morte por nós e em nós, traçando um caminho para Deus; mas de que adianta me confortar e tomar conhecimento disso e continuar fechado na

cólera negra, aprisionado nas correntes do demônio? Devo penetrar este caminho e nele caminhar, como um peregrino que dirige-se da morte para a vida.

Filhos de Deus, discutamos profundamente sobre o fundamento das coisas. Nossa verdadeira vida, através da qual devemos ver à Deus, é como um fogo abafado; para muitos, chega a ser como um fogo encerrado numa pedra; devemos acendê-lo com um correto e sincero voltar-se para Deus. Pense na diligência de Deus: Ele nos regenerou em Cristo através da água da vida eterna e nos deixou a mesma água, no pacto do batismo, como uma chave para a restauração, com a qual podemos destravar e espargir o fogo de nossas almas, a fim de que se tornem aptas ao fogo divino. Ele nos deu seu corpo por alimento e seu sangue por bebida, para deles nos apropriarmos, nos aderirmos ao seu pacto e alimentarmos a nossa alma, para que ela seja vivificada e desperte da morte, a fim de que possa acender o fogo divino. Caros filhos, a alma precisa queimar e não ficar encerrada numa pedra ou ser como uma faisca que não brilha, devido a umidade do demônio. A fé histórica é faísca, que brilha como uma pequena chama; ela precisa ser inflamada; devemos dar-lhe substância, na qual a faisca possa se inflamar. A alma deve deixar a razão deste mundo e penetrar a vida de Cristo, sua carne e seu sangue, só assim é que recebe substância para inflamar-se. Tem que haver sinceridade; pois a história não atinge a carne e o sangue de Cristo. A morte deve ser vencida; Assim como o Cristo a venceu, o mesmo deve fazer o desejo sincero, de forma prazerosa, trabalhando sempre na conquista deste resultado, como um peregrino ou mensageiro, que vai por uma longa e perigosa viagem, sempre correndo em busca do fim ou meta, sendo infatigável: embora a miséria e a calamidade estejam presentes, ele ainda espera o fim ou o objetivo, aproximando-se cada vez mais, na espera de sua recompensa e deleite; ele regozija-se de que sua dura viagem irá chegar a um fim.

Assim, um homem disposto a realizar uma jornada para Deus, deve partir pelo caminho do peregrino. Deve partir, mais e mais, da razão terrestre, da vontade da carne, do demônio e do mundo. A dor e a angústia, freqüentemente ocorrem, quando se tem que abandonar aquilo que se poderia ter, e com o que se poderia movimentar nas glórias temporais. Mas, para trilhar o caminho estreito, é preciso se revestir do casaco da retidão,

despindo-se daquele da cobiça e da vida hipócrita e ilusória. É preciso partir seu pão com o faminto, dar a sua túnica como veste e não ser um opressor do fraco, desejando apenas encher os bolsos, extorquindo o suor do homem simples e miserável, aplicando-lhe leis que servem unicamente a seu próprio orgulho e prazer. Aquele que assim procede não é um Cristão, mas alguém que segue o caminho deste mundo, assim como as estrelas e os elementos; é a infeção e o desejo do demônio o que o impele. Ainda que ele conheça o rito de fé, relacionado à Misericórdia de Deus, e à reparação de Cristo, isso não servirá para nada. Pois nem todos aqueles que dizem, "Senhor, Senhor, permita que eu entre no reino dos céus, entrarão; mas aqueles que fazem a vontade de meu Pai, que estás no céu". Essa vontade é: "Amar ao próximo como a ti mesmo"; Seja o que quer que os homens tenham feito a ti, faças tu algo bom por eles.

Nunca diga em seu coração: Ocupo este espaço e o domino por direito; eu o trouxe ou o herdei; o que meus vassalos fazem por mim, devem a mim. Observe e questione: de onde este direito se origina? Foi ordenado por Deus ou surge da fraude, do orgulho pessoal e da avareza? Se chegares a conclusão de que se trata de uma ordenação de Deus, então observe e caminhe de acordo com os mandamentos de amor e retidão. Pense que nesta posição, és um servo e não um senhor das crianças de Cristo, e tu não só te acomodas, arrancando-lhes o suor, como também age como juiz e pastor, e deverás prestar conta deste encargo: a ti foi dado cinco habilidades, deves entregá-las ao teu senhor, com entusiasmo. Deves encaminhar seus inferiores no caminho correto, dando-lhes bons exemplos, aliados à doutrina e à punição dos fracos. De ti será cobrado, caso não punas o fraco e não protejas o oprimido. Não és governador, a fim de ser o senhor destas criaturas; Deus é o Senhor, não tu; dentre eles, deves ser o juiz, aquele que decide, não por causa de teu orgulho, mas por causa da consciência. Deves ensinar, guiar e direcionar o simples, não meramente através da pressão do trabalho, mas através da brandura. Tua carga és pesada; deves ter muita seriedade na hora de prestar contas. Quando o homem fraco reclamar de ti, em sua miséria, o acusará diante do senhor que é dele e teu: neste caso, estarão juntos diante do julgamento; a sentença é pronunciada para almas, a hipocrisia não servirá de nada.

Tudo o que se semeia são lágrimas, falo com sinceridade real e

verdadeira, que tornam-se uma substância, pertencente ao julgamento de Deus; a menos que o homem pare e se reconcilie através dos benefícios praticados ao oprimido, a fim de que este o abençoe: com isso, a substância é dissolvida. Portanto, vós que tens autoridade, uma carga pesada recai sobre vós. Analise seriamente seu grau ou posição, onde quer que ela se origine, a raiz será procurada; todos deverão prestar contas de seu grau ou posição. Tenha cuidado para que tu não sejas conduzido ao fogo do inferno, como faz o próprio demônio feroz, a fim de encontrar seus servos; como nos mostra o espírito das maravilhas, vós viestes para saciar a cólera eterna. Não diga em teu coração: Assim viveram meus pais e meus antepassados; eu herdei este modo de vida. Tu não conheces a que morada penetraram. Se queres ser um Cristão e um filho de Deus, não deves dar atenção aos caminhos dos predecessores; não te preocupes com o luxo, mas com a palavra de Deus: deve haver uma lâmpada sobre teus pés. Pois muitos que praticaram o mal foram para o abismo, e tu farás o mesmo se seguir seus passos. Não deixe o demônio traçar para ti o caminho hipócrita e ilusório; suas cores brilham por fora e na essência é veneno.

Ó, quão perigoso é o caminho que devemos trilhar neste mundo! Seria bom que, nos fracos, não houvesse nada eterno, assim não sofreriam reprovação e tormento eternos. Como nesta vida são inimigos dos filhos de Deus, permanecem eternos inimigos de Deus e de seus filhos. Assim, os filhos de Deus devem tomar a cruz, e aqui suar no banho de cardo e espinhos, ser um recém nascido, na angústia; devem trilhar o caminho estreito, onde a Razão sempre diz: “És um tolo, deves viver na alegria e serás salvo do mesmo jeito”. Ó, como a Razão externa ataca a nobre imagem, que cresce fora do banho de espinhos, na tribulação! Quantos ramos são arrancados da árvore de pérolas, por conta da dúvida e da descrença, trazendo o indivíduo para um falso caminho! O homem fraco busca a nutrição temporal e amaldiçoa o opressor que lhe arranca esse privilégio, pensando que age corretamente; na verdade, atrai para si nada mais do que a destruição, age de forma tão fraca quanto o seu opressor. Se tivesse paciência e lembrasse que está no caminho da peregrinação; se colocasse sua esperança como objetivo, considerando que assim, sob a miséria e a tribulação, sob opressão, trabalha no vinhedo de Cristo: Quão abençoada seria a jornada! Ele teria motivos para buscar uma vida melhor, tendo em vista que aqui, deve estar na angústia e na miséria. Se pudesse ao

menos compreender como Deus está inclinado à ele, e que assim Ele o atrai, com a intenção de que o homem não construa sobre a vida terrestre. Quando o homem vê que este é senão um vale de dor e um estado de aflição, que deve passar seus dias em dura constrição, na miséria, trabalhando, percebe que Deus não permite que as coisas tomem um curso em vão, mas que assim Ele oferece a oportunidade para que o homem tanto busque como encontre o repouso, que não pertence a este mundo. Além do mais, o homem tem a necessidade, à toda hora, de esperar a morte e deixar seu trabalho para outros. Por que colocar então suas esperanças neste mundo, onde é um visitante e um peregrino, que deve trilhar o caminho de sua constelação? Se ele adotasse a constelação interior, ó, quão abençoada seria sua obra, na obra de Deus, deixando que a vida exterior flua como puder.

Um homem neste mundo, que pretende possuir o reino de Deus, não tem caminho melhor, e não pode ter melhor auxílio, do que se lembrar constantemente de que está no vinhedo de Deus, com tudo o que é e o que faz, a fim de que o faça por Deus. Sua alma deve ser direcionada à Deus, em constante esperança de que possa obter Dele, a recompensa de seu trabalho, para que possa trabalhar na alegria de Deus. Para tanto, é preciso ser diligente na obra que realiza; muito embora se sinta compelido a servir seu opressor, trabalhando de graça, lembre-se de que trabalhas exclusivamente para Deus; tenha paciência, pois Deus irá recompensá-lo no devido tempo. Acontece que o mestre do vinhedo não paga seus trabalhadores no dia, mas à noite, quando o dia de trabalho está completo. Quando vamos para casa, para o nosso Senhor, após deixar o vale do tabernáculo, então todos receberão seu pagamento. Aquele que trabalhou por muito tempo, tem muito a receber; mas o fanfarrão, o resmungão, o preguiçoso e mal trabalhador, por falta de paciência, pouco adquiriu, e pode esperar de seu Senhor, até mesmo a punição; pois ele apenas desencaminhou outros trabalhadores, sendo um trabalhador inútil, e nada fez senão um falso trabalho de injúria para com seu Senhor, e receberá a justa punição, ao invés de recompensa.

A Razão pergunta: “Por que Deus permite que as coisas tomem tal caminho, onde só há miséria e dificuldade neste mundo, além de coerção e opressão, de modo que um atormenta e aflige o outro? Onde muitos

possuem muito, não tem necessidades, mas também não tem repouso; está sempre buscando problemas e tumultos, e seu coração nunca está tranqüilo.

Vejas tu, cognição fechada! A fundação do mundo é assim, a origem da vida também. Não pode ser de outra maneira neste mundo, a menos que o homem renasça. Sua existência é diferente no novo homem, e mesmo assim o impulso do velho homem está sempre a lhe atormentar. É a luta do espírito contra a carne, onde a carne luta contra o espírito e o espírito luta contra a carne. Diante disso pergunta a Razão: Onde então tudo isso começou?

Resposta: Note, no centrum naturae há um modo de ser especial. Reflita. A vontade eterna, chamada de Deus, é livre, pois contém em si nada mais do que a luz da Majestade, habitando no eterno nada; desta forma o nada também pode movimentá-lo. Mas seu desejo, que produz o centrum naturae, possui uma única propriedade. Isso porque ali, a adstringência é encontrada, ou seja, a primeira forma da natureza. Ela está sempre atraindo para si, e toma de onde não há nada; onde nada é produzido, dali ela toma e disso se apropria, ainda que dele não se alimente, e de não trazer nenhuma vantagem para a adstringência; com isso, cria a angústia, a tortura e o tormento, do mesmo modo que o orgulho e a avareza é produzida no homem. A Segunda forma é a sua atração ou aflição, ou seja, seu servo que se agrupa no que o desejo deseja; é o trabalhador que não trabalha o suficiente; ele é bravo, colérico, furioso; age e se encoleriza na adstringência. A adstringência não pode aceitar isso de seu servo e o atrai mais veementemente; o servo torna-se mais furioso e fora de si, e devasta a casa do mestre. Diante desta situação, o mestre tenta refrear e conter o servo, que se liberta raivosamente, além da medida. Se então seu mestre, ou seja, a adstringência, não puder submetê-lo, os dois caem em grande angústia, inimizade e oposição, vindo a produzir uma roda giratória, a fim de matar, assassinar e aniquilar um ao outro. Tal é a terceira forma da natureza, de onde surge a guerra, o conflito, a devastação de países e cidades, a inveja e a terrível malícia, onde um quer ver o outro morto, atraindo e devorando todas as coisas em si. Ela deseja obter unicamente para si, ainda que isso não sirva para nada, além de dano. Ela age do mesmo modo que a cólera da natureza: essa se devora, do mesmo modo, se consumindo e se destruindo, ainda que também se gere. É desta forma que

surge todo o mal, o demônio e cada coisa má. É aqui que surge pela primeira vez.

Como a natureza, no centro, age à parte da luz, da mesma forma age o demônio, a besta, as heras, o mato e tudo o que é hostil. Temos aqui, a roda de veneno, onde a vida tem a sua origem; ela nos leva a uma grande angústia, dor, pesar e devastação, até extrair para si uma outra vontade que acabe com a angústia, mergulhe na morte e atinja a liberdade da vontade primordial, que acende a angústia da morte com a mesma liberdade; isso faz com que a angústia fique terrificada, vença a morte, e da angústia surja como uma chama, a vida de alegria.

O mesmo ocorre com o homem. Quando ele se encontra na angústia da inimizade e a ferroada da morte e da cólera agem sobre ele, deixando-o num estado de angústia, cobiça, inveja, raiva e hostilidade, ele não deve permanecer nesta natureza má; caso contrário estará nas formas da morte, da cólera, da raiva e do fogo do inferno. Se a fonte de água não estivesse nele, conectada à carne e ao sangue, ele já seria um demônio iluminado e nada mais. Mas o homem precisa refletir e em sua angústia maligna extrair uma outra vontade, para sair da malícia da cobiça e penetrar a paz. Ele deve mergulhar na morte, na paciência, desejando se entregar `a roda da angústia, e extrair a sede do alívio de Deus, que é a liberdade; deste modo, ele mergulha através da morte angustiante na liberdade. Quando então sua angústia experimenta a liberdade, que ainda é aquela vida branda, a fonte angustiante fica terrificada; no terror, a morte inflexível e hostil é vencida, pois esse terror é um terror de grande alegria e um acender da vida de Deus. Assim nasce o ramo de pérolas; ele se encontra em uma satisfação trêmula, mas em grande perigo, já que a morte e a fonte de angústia é a sua raiz; esse ramo é envolvido, como um belo ramo verde, que cresce do estrume mal cheiroso, da fonte fétida, e adquire uma essência, uma fragrância e uma qualidade diferente daquela de sua mãe, de quem nasceu; de fato, a fonte na natureza tem tal propriedade, é do mal e da angústia que a grande vida é produzida.

Além disso, sabemos que a natureza, diante do terror, divide-se em dois reinos no reino da alegria, e (2) num mergulhar da morte nas trevas – podemos dizer que o mesmo ocorre com a natureza do homem; se o ramo

de lírio, requisitado para o reino da alegria, for gerado de acordo, divide-se em duas vontades. A primeira surge no lírio e cresce no reino de Deus; a outra afunda- se na morte escura, e deseja a terra como a sua mãe. Essa Segunda vontade está sempre lutando contra o lírio, que evita a aspereza. Assim como um ramo cresce da terra, e a essência exala da terra,

sendo atraída pelo sol, até que um talo ou árvore seja produzida: da mesma forma, o sol de Deus, em seu poder, sempre extrai o lírio do homem, ou seja, do novo homem, da essência má, produzindo uma árvore no reino de Deus. Deus permite então, que a árvore velha e má, caia na terra, a mãe que tanto procura; permite também que saia novamente da terra para o centrum naturae, no final do dia da separação, onde tudo penetrará novamente o seu éter. Neste dia, o lírio também penetrará o seu éter, a vontade da liberdade, a luz da Majestade.

Compreenda mais além, da seguinte forma: Quando dois reinos se separam desta forma, no terror da natureza, o terror é em si um raio de luz e a causa do fogo, ou da iluminação da vida. A prima materia, que a adstringência produziu através de sua contração, onde surgiu o inimigo, separa-se em duas partes. São elas: uma abaixo de si mesma na morte, que é a vida essencial com a substancialidade deste mundo, tal como pedras e terra; a outra parte, separa-se do terror do fogo para a luz da liberdade; é que o fogo-terror inflama a liberdade, de modo que ela também se torna desejosa, atraindo para si o reino da alegria, ou seja, a branda beneficência, fazendo dela uma matéria. Eis a essencialidade divina e celeste; essa, por sua vez, atrai novamente o fogo e o absorve com seu terror, que é a fonte do fogo. Ali, a fonte consome a essencialidade branda e é trazido a uma enorme satisfação, de forma que a angústia é transformada em amor e o fogo, num amor que queima; do ato de queimar, surge o alegre espírito da vida eterna, chamado de Espírito de Deus, que surge originalmente na vontade primordial chamada de Pai. É o desejo da natureza que no fogo é uma fonte-fogo; na angústia da morte uma dor de morte, de cólera e inimizade na essência da natureza, ou seja, no centro. Na luz, trata-se do reino de Deus da alegria, revelando na Essência divina ou na sabedoria (o caráter das virtudes) a nobre tintura, que forma o brilho da Essência celestial; na Essência, ela produz o Elemento do mundo angélico, do qual este mundo é um produto externo, mas iluminado na cólera, pelo demônio;

foi por sua causa que a cólera da natureza inflamou-se, fazendo com que, na Essência, surgissem a terra e as pedras, como é evidente, tendo a fonte poderosa sido separada no verbum fiat, num Princípio.

Compreenda, então, o raio-fogo como a Quartaforma da natureza, eo nascimento- amor do reino da alegria, como a Quinta forma; a absorção da essencialidade da brandura, pela fonte ígnea, onde o fogo também contém o reino da alegria, ou seja, o som ou manifestação das cores, maravilhas e virtudes, de onde surgem os cinco sentidos: a visão, audição, o olfato, o paladar e o tato, é a Sexta forma da natureza; a essencialidade da luz, que contém o Elemento divino, de onde surge o Paraíso, compreenda como sendo a sétima forma, ou, novamente, como a mãe de todas as formas, de modo que haja uma vida eterna, um arrebatamento da vida. A sétima forma contém em si o mundo angélico, assim como o Paraíso ou o verdadeiro dos céus, em que a natureza da Divindade é manifestada, assim como tudo aquilo que o mundo-luz inclui.

Assim, filhos dos homens, vejam, não sejam cegos. Orem, observem o que lhes é revelado, isso não ocorre em vão; há algo por traz. Não adormeça, o tempo é chegado. Simplesmente, veja o que é o Ser de todos os seres. Este mundo é gerado do Eterno; o centro da natureza, existe desde a eternidade, mas não era manifestado. Através deste mundo e através da cólera feroz do demônio esse centro da natureza foi trazido à uma existência substancial. Compreenda o que é o demônio. Ele é o espírito de suas legiões que procede do centro da natureza. Ele foi criado na essencialidade divina, tendo que ser testado no fogo e tendo que colocar seu desejo no amor. Ele colocou seu desejo de volta para o centro da ferocidade, na Quarta forma da angústia, desejando, no fogo, governar sobre a brandura de Deus, como um inimigo do reino da alegria; ele desprezou o amor, porque viu que o fogo proporcionaria fogo e poder: portanto, ele foi colocado para fora do fogo de Deus, para a angústia das trevas, para o centro das quatro formas. Ele não tem mais nada de fogo, senão o terrível relâmpago, que é sua verdadeira vida; mas a vontade de Deus, que nos anjos e nos homens busca à vida, que vem em auxílio da vida com liberdade, ou seja, brandura, esta o abandonou. Por esse motivo, ele não pode obter a Luz na eternidade, nem pode formular desejo algum por ela, pois o espírito-vontade de Deus, o atormenta na câmara de tortura, nas

quatro primeiras formas da natureza; a Quinta forma ele não pode alcançar. Embora ele possua todas as formas da natureza, tudo é hostil e adverso; pois o Espírito Santo o abandonou, e agora a cólera ou a qualidade feroz está nele. Deus, que é tudo, abriu Sua ferocidade ou o centro da origem em nele, para que esta também se tornasse criaturalizado, pois ela também deseja se manifestar. E quando Deus se colocou em movimento, para a criação dos anjos, tudo o que estava oculto desde a eternidade, nas maravilhas da sabedoria, no centro, tanto no amor como na cólera, foi revelado.

Já que sabemos o que somos, e que Deus permite que saibamos, tenhamos cautela e façamos de nós algo bom. Pois temos o centro da natureza em nós. Se fizermos de nós um anjo, assim seremos; se fizermos de nós demônios, assim também seremos; Neste mundo estamos na fonte do fazer e do criar, estamos no campo. A vontade de Deus no amor é apresentada a nós no centro da vida. Deus se fez homem e desejou nos possuir; Sua cólera também nos desejou, no reino da ferocidade. O demônio deseja nos ter em sua companhia, assim como os anjos: aquele a quem nos inclinarmos, é a quem nos entregaremos. Se colocamos nosso desejo na luz de Deus, penetrando-a com sinceridade, entramos e somos atraídos, com sinceridade. Se colocamos nossa vontade na glória deste mundo e deixamos a glória Eterna partir, podemos esperar que a vontade irá, necessariamente, penetrar a ferocidade deste mundo, no primeiro Mistério. Se não possuirmos então, a imaginação divina (poder formativo) ou fé, o amor divino irá nos abandonar e não nos aceitará à sua porta. Na verdade, se Deus não romper (nossa prisão escura), encontramos a miséria. Se tu não trazes o Espírito de Deus contigo, nunca irá alcança-lo: portanto, é bom que se atinja um crescimento completo aqui nesta vida. O Cristo tornou-se o nosso campo, devemos realizar o trabalho sem grande angústia e aflição. O objetivo é um só: romper a vontade; isso é doloroso, porque Adão não o fará, muito menos a cólera ou o demônio.

Cuidado, homem, tu és teu próprio inimigo. O que consideras amigo, é teu inimigo. Para seres salvo e ver à Deus, deves te tornar o pior inimigo de teu melhor amigo, ou seja, da vida exterior. Não que devas romper com ela, mas só com sua vontade. Deves fazer o que não farias, deves te tornar teu próprio inimigo, ou não verás à Deus. Aquele que agora consideras teu

amigo, surgiu da câmara de tortura, e ainda contém em si a vida-angústia; ele possui a ânsia da fonte-cólera e do demônio. Deves extrair uma vontade em Deus, de tua alma deves extrair uma vontade e com ela deixar a fraqueza, em Deus; desta forma, serás introduzido no fogo de Deus, ou seja, a Vontade-espírito, que irá iluminar tua alma. Procure alcançar a vida e o espírito de Cristo, tu receberás. O espírito de Cristo irá de regenerar com uma nova vontade. Esta vontade é a flor de tua alma, onde repousa a nova criança na imagem de Deus: a ela Deus dá a carne e o sangue de Cristo como alimento, não ao ignorante Adâmico, a quem Babel engana, como se o descrente pudesse participar do corpo de Cristo. Não! Ele recebe os quatro elementos, e com eles a cólera de Deus, porque ele não reconhece o corpo do Senhor, que está presente no céu, e só é absorvido pela alma que contém o céu. Não como um pecado, como fantasia; nada de espírito sem essencialidade, mas a essencialidade do espírito que se desdobra na sabedoria de Deus, na carne de Cristo que preenche o mundo-luz em todo lugar, o qual o Verbo que se fez homem trouxe com ele em Maria. Essa essencialidade, embora revelada em Maria, em sua carne e sangue, e que tomou a essência humana em si, ocorreu no tempo em que Cristo estava no ventre de Maria, no céu, no Elemento, em todo lugar. Ele não percorreu muitas milhas de algum lugar até Maria: não; mas o centro fechado, que Adão fechou na cólera de Deus, na morte, foi que o Verbo da Divindade abriu, introduzindo a essencialidade divina no centro virgem que encontrava-se fechado na morte. Isso ocorreu no ventre de Maria, no pacto, não por meio do arrebatamento ou do êxtase, mas pela revelação, no objetivo do pacto, não por distração ou encantamento, mas revelável, não gerado, mas gerável neste mundo; Deus e Homem, uma Pessoa, celestial assim como na morte, encerrada de forma virgem e essencial, uma Essência, um Homem no céu e neste mundo. Temos que chegar a isso, pois o Verbo que se fez homem está ativo na alma e permanece no som vital de todas as almas; ele atrai todas as almas, do mesmo modo que faz a cólera. Ora, faça segundo a tua vontade, tens em ti o centro da Divindade no som e no movimento, e também o centro da cólera; aquele ao qual te diriges e no qual te desperta, é onde tua vida está enraizada. Faça o que queiras, és livre e Deus permite que saibas disso. Ele te chama; se vens, torna-te Seu filho; se te diriges à cólera, também serás bem recebido.

Não podemos neste mundo observar a nossa substancialidade ou novo

corpo, por estarmos na vida terrestre. O homem exterior não o conhece, mas o espírito, gerado e procedente do novo homem, este conhece seu corpo.

Como temos conhecimento deste corpo e desejamos saber se estamos no novo nascimento, não há teste melhor do que a semelhança de Deus, que compreendemos como sendo desejo, sentido e mente. Essas três coisas contém o centro do espírito, de onde é gerada a vontade poderosa, onde reside a verdadeira e real semelhança e imagem de Deus, na carne e sangue, aquela que o homem exterior não conhece. Pois esta imagem não está neste mundo, ela tem um outro princípio no mundo angélico, e durante esta vida permanece no mistério, no oculto, como o ouro na pedra, onde o ouro possui uma outra tintura, essência e brilho e a aspereza da pedra dela não se apercebe; nem tampouco o ouro se adere à aspereza, ainda que a aspereza, assim como o centro da angústia, seja a causa do ouro, pois é a mãe e o sol, o pai. O velho Adão também é a causa do novo corpo, pois é a mãe: Da velha entidade surge o novo corpo, e o Espírito de Deus em Cristo é o Pai. Assim como o sol é pai do ouro, o coração de Deus é o pai do novo homem.

Ora, não há como conhecer melhor o novo homem, do que no centro, ou seja, no desejo, sentidos e mente. Se conseguíssemos que o nosso desejo se encontrasse totalmente de acordo com Deus e direcionado à Deus; que nossos sentidos coincidissem com a vontade de Deus, que a mente se entregasse totalmente, em obediência, à vontade de Deus, e que a imaginação buscasse algo do poder de Deus, saberíamos certamente, que o nobre ramo de lírios nasceu, que a imagem de Deus existe no ser essencial, que Deus se fez homem na semelhança. Se faz extremamente necessário aqui, salvaguardar a nobre imagem e não dar chance para que o velho Adão, com seu brilho, a extermine continuamente, a fim de que o novo homem possa crescer, progredir e ser adornado com as maravilhas da sabedoria.

A Razão, no entanto, pergunta: Como é então a semelhança de Deus? Observe, Deus é um Espírito, e a mente com os sentidos e desejos também constitui um espírito. A mente é a roda da natureza, o desejo é o centro, como a primeira coisa para a realização da natureza, e os sentidos são as essências. Pois os sentidos surgem das essências, possuem sua origem na dor do desejo, da amargura; eles são a amargura e percorrem sempre a

mente, ou seja, a roda da angústia, e buscam o repouso, para ver se podem conquistar a liberdade de Deus. São eles que, na roda da angústia ou mente, acendem o fogo, e neste acender, no terror, desejam se entregar à morte, e assim afundam-se do tormento para a liberdade, como uma vida que surge da morte. São as raízes do novo paladar, que penetra a sabedoria e maravilhas de Deus; eles trazem o desejo para fora da angústia mortal; eles preenchem sua mãe, a mente e dão à ela o poder da essência de Deus.

Assim, a mente (das Gemüth) é a roda ou a verdadeira câmara da vida, a própria habitação da alma, da qual é uma parte, caso a essência (compreenda a essência da tintura) seja considerada; e é o fogo-vida, pois do fogo-vida surge a mente e o fogo-vida habita na mente. Mas a mente é mais nobre que o fogo, pois é a mobilidade do fogo-vida; ela faz a compreensão. Os sentidos são os servos da mente, os mais sutis mensageiros; eles vão até Deus, e novamente saem de Deus para ir aos demônios, e onde quer que eles se manifestem, quer em Deus, quer nos demônios, quer na falsidade, o mesmo trazem para casa, para a mente. Portanto, a nobre mente deve sempre atacar o mal, extinguindo-o em sua angústia, sempre que os sentidos permitam que a falsa imaginação penetre o desejo.

Compreenda finalmente então, assim: Deus é tudo em tudo; mas Ele sai da ferocidade e encontra o mundo de luz e poder em si mesmo. Ele próprio constitui tudo isso, de forma que a ferocidade com todas as formas, nada mais é do que a causa da vida (e o encontro de si mesmo nas grandes maravilhas). Ele é o fundamento e o não fundamento, liberdade e também a natureza, na luz e nas trevas. O homem também é tudo isso, se ele buscar e encontrar a si mesmo, como Deus.

Tudo o que escrevemos e ensinamos resume-se a isso: buscar, fazer e por fim encontrar a si mesmo; devemos gerar, a fim de sermos um espírito com Deus, para que Deus possa estar em nós e nós em Nele, para que o amor-espírito de Deus possa ser em nós a vontade e a realização, e para que possamos escapar da fonte da angústia; para que possamos nos ordenar na verdadeira semelhança nos três mundos, onde cada um encontra-se em sua ordem, e que o mundo-luz possa ser senhor em nós, como aquele que governa; para que assim o mundo-angústia possa permanecer oculto no

mundo-luz como permanece oculto em Deus, e seja apenas uma causa de vida e das maravilhas de Deus. Se não nos atermos ao mundo-luz, o mundo-angústia em nós será a influência dominante, e viveremos eternamente na dor hostil. Esta luta ocorre enquanto persiste a vida terrestre; depois dela, tal vida passa pelo éter eterno, pela luz ou pelas trevas, do qual não há libertação, e da qual o Espírito de Deus nos alerta e nos instrui no caminho reto. Amém.

O Deus-amor, leitor, sabe que um homem é a verdadeira semelhança de Deus, a qual Deus ama e revela-Se nessa semelhança como em seu próprio ser. Deus é num homem o meio, o centro, mas ele habita apenas em si mesmo, a menos que o espírito do homem torne-se um espírito com ele, quando ele se manifesta na humanidade na mente, sentidos e desejo, de modo que a mente o sinta; de outra forma, ele encontra- se neste mundo de forma muito sutil e não percebemos. Mas os sentido O percebe no espírito, compreende no espírito da vontade, pois a vontade envia os sentidos para Deus e Deus entrega-Se aos sentidos e se torna um ser com eles; os sentidos então, trazem o poder de Deus para a vontade, que o recebe com satisfação, mas ao mesmo tempo tremulamente, pois se sabe indigno por vir de uma morada rude, da mente inconstante; ela recebe o poder prostrando-se diante de Deus. Seu triunfo é transformado em humildade, que é e abarca a verdadeira natureza de Deus; essa mesma natureza abarcada é na vontade o corpo celestial e é chamado de verdadeira e correta fé, recebida pela vontade na vontade de Deus; ela penetra a mente e habita no fogo da alma.

Assim, a imagem de Deus está completa, e Deus vê ou encontra a Si mesmo em tal semelhança. Não devemos, de forma alguma, pensar em Deus como um ser estranho; para o descrente ele é um ser estranho, pois o descrente não o apreende. Com certeza, Deus está em nele, mas não manifestado segundo sua luz-amor na vontade e mente do homem descrente. Apenas a cólera de Deus está revelada em nele; a luz ele não pode alcançar, ela está nele, mas não é aproveitada; sua essência não a busca, ele se esconde dela; ela é sua dor e tortura, ele nada mais faz do que demonstrar inimizade a ela, assim como o demônio é hostil ao sol e também à luz de Deus. O demônio ficaria mais satisfeito se pudesse viver eternamente nas trevas e se soubesse que Deus está longe dele, assim não sentiria vergonha e reprovação em si. No entanto, ele sabe que Deus está

bem perto, mas que mesmo assim não pode alcançá-Lo, este é o seu grande tormento, já que é um inimigo contra si mesmo e produzindo uma eterna contra-vontade, medo e desespero; ele sabe que não pode alcançar o semblante e o auxílio gracioso de Deus; sua própria falsidade o atormenta, mas ele não consegue atrair o consolo de alcançar a graça. Ele não alcança à Deus, mas somente o centro na angústia, na cólera; ele permanece na morte e na fonte mortal; ele não consegue vencer, pois nada vem ao seu auxílio, para que pudesse se manter e consequentemente se estabelecer no reino de Deus. Embora ele continue, por milhares de anos, no abismo, nas profundezas, nas trevas e fora de Deus, Deus está em nele, e isso não o beneficia em nada; ele não O conhece, mas tem consciência de Deus; ele só é sensível à Sua cólera feroz.

Compreenda: Como o fogo existe numa pedra, e a pedra não o conhece, não o sente, mas sente a feroz causa do fogo, que mantém a pedra dura aprisionada num corpo: do mesmo modo o demônio só sente a causa da luz. Esta causa é o centro feroz que o mantém como prisioneiro, e assim, ele a odeia, e nem possui qualquer coisa melhor. Ele nada mais é do que uma malignidade feroz e envenenada, uma dor mortal, ainda que não haja morte, mas um veneno faminto, uma fome e uma sede sem nenhum alívio. Tudo é mau, invejoso, duro e amargo, tudo o que deixa a humildade, como ele fez, consiste na sua força e no seu desejo hostil. Tudo o que demonstra inimizade para com Deus e abandona Seus cursos, transforma-se no servo do demônio. Tudo o que transforma verdade em mentira, é a sua vontade sobre os quais comanda e onde sua vontade habita. O mesmo ocorre com o descrente: quando ele perde a Deus, passa para a fonte-angústia e possui a vontade do demônio. Mas saiba que:

Deus rompeu na alma humana a dureza da morte penetrando o limite onde a morte é vencida. Ele rompeu o limite no centro da alma e colocou sua luz contra a luz de vida do homem; a luz é concedida ao homem enquanto ele viver na virtude do sol. Se ele escolher voltar, penetrando na luz de Deus, ele será recebido: nenhuma eleição está concluída com relação à ele. Mas quando ele perde a vida do sol e também nada possui da vida de Deus, tudo está acabado com ele, ele é e continua sendo um demônio. Mas Deus conhece os seus e sabe quem irá se voltar para Ele, sobre estes estabelece-se a eleição, da qual fala as Escrituras. O homem possui em si

dois centros: Se ele quer ser um demônio, irá Deus lançar pérolas no caminho do demônio? Irá ele derramar o espírito na vontade descrente? Além disso, da vontade do homem deve nascer o espírito de Deus, o próprio homem deve se tornar Deus no espírito da vontade, não há outra forma de ater a essencialidade divina ou a sabedoria.

Reflita portanto, caras crianças, e entrem pela porta correta. Não basta ser perdoado, é preciso nascer. Então poderemos ser considerados perdoados, ou seja, o pecado não passa de uma casca. O novo homem nasce desta casca e depois a joga fora; nisso consiste o perdão de Deus. Deus elimina o mal do novo homem, ele livra o homem do mal. O pecado não é carregado com o corpo, mas dado ao centro como um combustível, devendo ser a causa do Princípio do fogo, de onde a luz brilha, devendo servir para o bem no homem santo, como diz São Paulo: "E nós sabemos que Deus coopera em tudo para o bem daqueles que o amam, daqueles que são chamados segundo o seu desígnio" (Rom 8,28).

O que mais podemos dizer? Será que devemos pecar para que nossa salvação seja gerada? Deus proíbe. Como poderia desejar penetrar novamente aquilo onde sou morto? Devo deixar a luz novamente para penetrar as trevas?

Com certeza, os santos de Deus nada perdem; tudo deve estar a serviço deles.

Aquilo que para o pecador é uma dor de morte, é para o santo um poder na vida.

A Razão exterior diz: Devo pecar para que maior seja a minha salvação. Sabemos que tudo o que deixa a luz, penetra as trevas; que se lance um olhar para as trevas, a fim de que nela nada permaneça, pois ali se peca deliberadamente contra o Espírito Santo. Não se engane; Deus não é um zombador. Como resultado de seu amor temos que, depois da queda, nos tornarmos novamente retos, através da sua penetração em nossa carne. Mas aquele que deliberadamente penetrar o pecado, o desprezo, e desonrar a encarnação de Cristo, receberá em si um ônus pesado. Que este observe cuidadosamente: será muito mais difícil deixar novamente o pecado, do que para aquele a quem o caminho de Deus ainda não foi revelado.

Portanto, é bom evitar e abandonar o mal; voltar os olhos para longe do que é falso, para que os sentidos não o penetre, trazendo-o para o coração, onde a luxúria e o desejo surge na mente: processo pelo qual a nobre imagem é destruída e se torna uma abominação aos olhos de Deus.

Alertamos o leitor que ouve e que ama a Deus, de nosso mais profundo coração e conhecimento: expusemos a ti, da forma mais sincera e honesta, o caminho da verdade e da luz, e Cristicamente o exortamos a meditar sobre isso e ler diligentemente; ela contém o fruto em si. Aleluia, Amém.

O Cristo diz: Buscai, em primeiro lugar o reino de Deus e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas (Mth 6.33). Meu Pai dará o Espírito Santo aos que o pedirem (Lc. 11.13). Quando vier o Espírito da Verdade, ele vos conduzirá à verdade plena, pois não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará as coisas futuras. Ele me glorificará porque receberá do que é meu e vos anunciará (JO 16.13,14). Pois eu vos darei eloquência e sabedoria, às quais nenhum de vossos adversários poderá resistir, nem contradizer (Lc. 16.15). E São Paulo diz: Não sabemos pedir o que convém, mas o próprio Espírito intercede por nós com gemidos inefáveis, e aquele que perscruta os corações sabe qual o desejo do Espírito (Rm 8.26).

Ora, a fé não é um conhecimento histórico, com o qual o homem pode criar artigos e confiar unicamente neles, forçando sua mente nas obras da razão: ao contrário, a fé é um Espírito em Deus, pois o Espírito Santo se movimenta no espírito da fé.

A fé verdadeira é um poder de Deus, um Espírito em Deus. Ela opera em Deus e com Deus. Ela está livre de qualquer artigo, a não ser do verdadeiro amor, onde reúne o poder e a força de sua vida; a conjectura e desilusão humana não tem nenhuma conseqüência. Assim como Deus é livre de qualquer inclinação, de forma que faz o que quer, sem precisar prestar contas sobre isso, a fé verdadeira também é livre no espírito de Deus. Ela não tem inclinação senão ao amor e à misericórdia de Deus; a fé lança sua vontade na vontade de Deus, se afastando da razão sideral e elemental; a fé não se busca na razão carnal, mas no amor de Deus. E quando, neste caminho, ela se encontra, se encontra em Deus e opera com Deus; não age segundo a razão, seja ela qual for, mas age em Deus seja qual for o Espírito

de Deus. Isto porque a fé, considera a vida terrestre como nada, a fim de que posa viver em Deus, e que o Espírito de Deus nela possa ser a vontade e a realização. A fé se rende à vontade de Deus e sucumbe na razão e na morte, mas ressurge com o Espírito de Deus, na vida de Deus. É como se fosse um nada, mas que em Deus é tudo; é um ornamento e uma coroa da Divindade, uma maravilha na magia divina. Ela faz onde não há nada e vai onde nada é feito. É operativa e ninguém vê o seu ser; ela se eleva, embora não precise de elevação. É poderosa e ao mesmo tempo a mais modesta humildade. Ela tudo possui e ao mesmo tempo não aspira mais do que a bondade. Ela é, desta forma, livre de qualquer iniquidade e não possui lei, pois a implacável ira da natureza não tem influência alguma sobre ela. Ela existe na eternidade, pois não é compreendida na terra; ela não é ameaçada por nada, e exatamente como a eternidade, é livre e não repousa em nada a não ser em si mesma, onde há uma eterna bondade (tranqüilidade).

Assim também ocorre com a fé verdadeira e reta. Ela é em si um ser essencial. Ela tem vida, mas não busca sua vida e sim a vida da tranqüilidade eterna. Ela sai do espírito de sua vida e se possui: está livre de dor, assim como Deus está livre de Dor, e habita na eterna liberdade de Deus. Com relação a eterna liberdade de Deus, é como um nada, e mesmo assim está em tudo. Tudo o que Deus e a Eternidade são e são capazes de fazer lhe serve em algum lugar. Ela não se deixa aprisionar por nada, embora seja uma amostra do habitar no grande poder de Deus. É um ser e não é dominada por nenhum ser. É companheira e amiga da Virgem Divina que é a sabedoria de Deus; nela reside as grandes maravilhas de Deus. É livre de todas as coisas, assim como a luz é livre do fogo, ainda que gerada pelo fogo, contudo o tormento do fogo não pode surpreendê-la ou alcançá-la.

Tentamos mostrar que a fé é extraída do espírito da vida, de um fogo ardente e que brilha neste fogo; ela enche o fogo de vida e ainda assim nunca se mantém aprisionada. Mas se ela se encontra aprisionada é porque adentrou a razão como quem se adentra a uma prisão, não estando mais em Deus, em sua liberdade, está num tormento; ela se atormenta, embora tenha condições de se libertar. Na razão ela opera maravilhas no fogo da natureza, e na liberdade ela opera as maravilhas de Deus no amor.

Observando então que a fé é um Espírito com Deus, reflitamos sobre sua origem, pois não podemos dizer que seja um aspecto ou imagem da Razão. Ao contrário, é a imagem de Deus, a semelhança de Deus, um aspecto eterno, ainda que possa ser destruída durante o tempo do corpo, ou ser transformada em fonte de angústia. Isto porque ela é, em sua própria natureza, em seu estado original, uma mera vontade; esta vontade é uma semente: a semente necessita do espírito de fogo ou de semear a alma na liberdade de Deus. Desta forma, cresce de semente à árvore, de onde a alma consome e satisfaz seu fogo-vida, a fim de que a alma se torne forte e transmita seu poder à raiz da árvore, fazendo com que cresça no Espírito de Deus, e até mesmo nas maravilhas da Majestade de Deus e floresça no Paraíso de Deus.

Ao descrever a fé podemos ser considerados estúpidos e obscuros, pois a Razão quer ver e tocar todas as coisas. Mesmo assim, iremos revelar claramente porque a fé e a dúvida são companheiras e estão como que conectadas por uma corrente, havendo um violento conflito no homem toda vez que ele visita este tabernáculo da vida terrestre, a menos que mergulhe tão profundamente em si mesmo, sendo capaz de introduzir o fogo da vida na liberdade de Deus: assim, ele fica como que morto para a vida da Razão. Não obstante, ele vive, vive para Deus, que é a altíssima e preciosa vida de um homem, raramente encontrada em neles, pois se assemelha à primeira imagem criada por Deus. Embora o que é mortal ainda se apegue a ele, a razão é como uma imagem morta, que pertence à dissolução, onde o verdadeiro homem não vive. Pois a verdadeira vida permanece no lugar oposto, e está em outro mundo, em outro Princípio, vive em outra fonte.

Compreendam da seguinte forma: a origem da vida humana é vista e conhecida, surge no ventre; sabe-se no que ela se qualifica e se movimenta, nas quatro formas fogo, ar, água e carne. Apesar disto, em tal vida não há nada mais do que vida animal, pois que sua razão vem das estrelas; o sol e as estrelas fazem uma tintura nos quatro elementos, quando vem a razão e o poder-qualidade, assim como o prazer na dor. Mas isto está longe de ser a verdadeira vida humana, pois a razão natural não busca nada mais elevado que a si mesma, em suas maravilhas. Não obstante, há no homem um desejo e uma grande ânsia por uma vida melhor, mais elevada e eterna, onde tal tormento não exista. Embora a razão não compreenda e não veja este

desejo, há na razão um mysterium que o prova e o conhece, de onde surge o desejar. Com isto, reconhecemos que este mysterium foi implantado já na primeira criação e é uma possessão própria do homem, assim como o desejo e o anseio são um apetite mágico. Além do mais, acreditamos que assim como este mysterium, estamos num lugar estranho, e que o mysterium não é encontrado no espírito deste mundo, pois este não o compreende e não o encontra. Podemos ver que Adão caiu violentamente e que este mysterium na vontade da alma é uma fonte oculta, revelada num outro Princípio. Acreditamos, mais que tudo, que este mysterium reside oculto no fogo, na fonte da angústia, e é revelado através da angustia da vontade. Observamos ainda, como o mesmo mysterium é mantido aprisionado pelo espírito deste mundo e como a razão da vida exterior tem o poder de adentrá-lo e frustrá-lo , não permitindo que o mysterium se atenha à luz, mas o encobre, a fim de que a força geradora (amor divino) não se manifeste, mantendo-se oculta no mysterium. Quando o corpo se dissolve, a vontade não tem nenhum outro corpo que possa revelar o mysterium; consequentemente o espírito da alma, ou o fogo espírito, permanece nas trevas, e o mysterium é eternamente oculto na alma, como num outro Princípio.

Reconhecemos, então, o mysterium como o reino de Deus, que está oculto na alma e que proporciona a ela um desejo ardente, para que se imagine neste mysterium, onde é magicamente impregnada no mesmo mysterium. Daí surge na alma a vontade de sair do fogo-vida e penetrar o mysterium de Deus. Se a alma eleva espiritualmente a vontade e a lança no mysterium, a vontade passa a ser impregnada no mysterium, pois tem o desejo ardente e adquire o corpo e a essência do mysterium, ou seja, a essência de Deus, que é incompreensível para a natureza. Assim, a vontade extrai a semelhança ou imagem de Deus para si mesma.

Veja então, que a vontade é adquirida do fogo da alma; ela é, de fato, enraizada na alma, e não há separação entre vontade e alma. A vontade se torna assim um espírito em Deus, uma veste da alma, a fim de que a alma na vontade se oculte em Deus, ainda que habite no corpo. A alma é na vontade ou na fé verdadeira e sincera uma filha de Deus, e habita em outro mundo.

Não se deve compreender esta vontade como sendo histórica, em que a

Razão sabe que há nela um desejo por Deus, mas que mantêm este desejo aprisionado na fraqueza, não permitindo que a vontade saia da alma e penetre na vida ou no mysterium de Deus. Esta Razão forma opiniões e envolve a vontade na desilusão, com a desilusão, a vontade não pode alcançar o mysterium de Deus. Ela permanece, desta forma, na desilusão, ou bem escondida na alma, direcionada para algo futuro, na medida em que a Razão mantém a vontade como uma prisioneira no desejar da carne, na magia sideral, sempre dizendo: "Amanhã tu sairás em busca do mysterium de Deus. Na verdade, não há faculdade individual de descoberta: esta idéia é enganadora. Do mesmo modo, não existe liberdade na desilusão, em que a vontade é capaz de penetrar e ver a Deus, de forma que a Razão possa se imaginar realizando alguma coisa e agradando a Deus.

Não há caminho mais perfeito do que tirar a vontade da Razão, ao invés de fazer a vontade buscar a si mesma; mas se lançar totalmente no amor e na vontade de Deus, desprezando a Razão pelo caminho. Embora estes tenham sidos grandes pecados e vícios perpétuos, aos quais o corpo se entregou, deveríamos, pela vontade unicamente, superá-los, valorizando o amor de Deus muito mais do que a corrupção do pecado. Deus não é Aquele que recebe pecados, mas Aquele que recebe a obediência e a vontade livre. Ele não tolera o pecado junto de Si, mas sim uma vontade humilde que deixa a casa do pecado e que não mais deseja pecar, que se afasta para fora ou além da razão, e entra no Seu amor, como uma humilde criança obediente: esta criança Ele recebe, pois é pura. Mas se a vontade ainda permanece na desilusão, fica circundada por esta desilusão, ela não é livre. Observe que Deus é em si livre do que é mal, a vontade também deve ser livre, pois assim será a imagem, semelhança e a própria possessão de Deus; Como o Cristo nos ensina: "Todo aquele que o Pai me der virá a mim e quem vem a mim eu não o rejeitarei" (João 6.37).

Compreendamos melhor, da seguinte forma: Sabemos e reconhecemos nas Sagradas Escrituras, assim como pela luz da natureza, que tudo procede do Ser eterno, o bem e o mal, o amor e a ira, a vida e a morte, alegria e tristeza. Não é por isso que podemos dizer que o mal e a morte vêem de Deus, pois em Deus não há morte e mal algum, e por toda eternidade nada do que é mal entra em Nele. A fúria vem unicamente do fogo da natureza, onde a vida é encontrada como na magia, onde cada forma de anseio deseja

e desperta um outro anseio. Como conseqüência, surge as essências da pluralidade, de onde maravilhas são geradas pela manifestação da eternidade em similitudes. É preciso dizer ainda, que na vontade de Deus é um desejo o que faz surgir a magia de onde floresce a pluralidade. Contudo, a pluralidade não é a própria vontade de Deus, esta é livre de todos os seres, mas no anseio da vontade a natureza é trazida à tona com todas as formas; assim, tudo surge do processo de desejo ou da magia eterna.

Sabemos que tudo aquilo que busca a vida, que se imagina no anseio e coloca sua vontade na natureza, é o filho da natureza e tem com ela uma única vida. Mas tudo aquilo que com sua vontade se afasta do anseio da natureza para aderir à vontade livre de Deus é conhecido e recebido pela vontade livre, é um espírito em Deus, e embora esteja na natureza, da mesma forma que a natureza foi gerada desde a eternidade na vontade de Deus, seu espírito-vida está fora da natureza, na Vontade-livre; por este intermédio, as maravilhas da natureza permanecem reveladas em Deus, ainda que não sejam o próprio Deus. Se o espírito da vontade da alma (a imagem) deixa a razão da natureza para adentrar a Vontade-livre de Deus, então o espírito da vontade é o filho de Deus, a natureza-espírito uma maravilha de Deus e a criatura se encontra introvertida em si mesma, como o próprio Deus. O espírito-razão ou sideral busca em sua magia, em seu centro de razão, as maravilhas da eternidade, com esse fim é que Deus criou a alma no corpo de outra natureza, embora a alma só seja apreendida na vida interior. O espírito da vontade busca a liberdade de Deus, onde é guiado no livre e divino mysterium pelo Espírito Santo, a fim de que a Divindade seja revelada no espírito da vontade, e na razão-espírito é revelada a magia da natureza com suas maravilhas.

Vemos então, que a alma é o centro onde o verdadeiro espírito da vontade, diferenciado da liberdade de Deus, passa a integrar esta liberdade divina, dentro do mysterium, possuindo também o espírito sideral através da conexão. S e a alma domina este espírito, não permitindo que opere nenhuma fraqueza, ela será capaz de conhecer as maravilhas siderais, que no espelho elemental foram feitas como substância, diante da Majestade de Deus e na vontade livre de Deus, a fim de que as maravilhas aparecessem na liberdade da Majestade Divina como uma semelhança da vontade de Deus. Não se deve pensar com isso, que a liberdade de Deus se mistura com

as maravilhas da Natureza e com o que é semelhante, com intuito de ser Um. Não; Deus permanece eternamente livre, ele habita nas maravilhas assim como a alma habita o corpo. Quanto menos o corpo estiver ligado à alma ou ao fogo da luz, menos a Natureza estará ligada à Divindade. Ainda que o fogo seja um ser e tenha, desde a eternidade, se separado em duas partes, em fogo e luz, entendendo por fogo a fonte da natureza e por luz o mysterium do espírito-vida sem uma fonte, o fogo também é um mysterium.

Assim, compreendamos que isto também se aplica ao homem. A alma é o fogo da verdadeira vida humana, que Deus soprou com seu espírito, da natureza eterna ou do centro de Deus em Adão. O espírito gerado do fogo da alma, formado pelo espírito de Deus à sua própria imagem, possui o mysterium divino, de onde a vontade do amor de Deus é gerada; de onde surge a magia ou desejo, para que o espírito da vontade anseie à Deus. Quando a magia divina surge, ou sai do mysterium oculto na liberdade de Deus, é como uma ramificação ou um crescimento no reino de Deus. É algo que cresceu do mysterium de Deus e opera na vontade de Deus, revelando as maravilhas na sabedoria de Deus. Nunca, ainda que em Deus, algo novo foi gerado sem ser eterno na sabedoria de Deus, que não tenha número ou fundamento, mas só no espírito da alma, este infinito e e eterno mysterium é revelado para maior glória de Deus e da própria alma, ou seja, para a alegria eterna da criatura.

Desde então, a ânsia corrupta e terrestre se mistura com as fontes siderais; a alma, na dolorosa queda de Adão, se imaginou, com sua vontade, nas estrelas, e na ânsia terrestre, introduzindo em si mesma a magia contrária; sua vontade foi quebrada e a imagem divina destruída. A celeste imagem divina do homem tornou- se terrestre, afim de que a vontade correta se voltasse para o espírito deste mundo, razão pela qual são geradas as estrelas. Se faz necessário agora, para a verdadeira imagem de Deus, destruída e tornada terrestre, que se torne outra e renasça. Não haveria sido encontrado remédio algum para esta imagem, se o Verbo do centro de Deus, que é a própria vida de Deus, não tivesse se tornado homem e dado um novo nascimento em si próprio à pobre alma, cuja imagem estava corrompida. Com isto um novo socorro foi prestado à verdadeira imagem, senão ela teria sido eternamente roubada da liberdade e majestade de Deus.

Sendo as almas procedentes de uma, todas tem sido geradas a partir da raiz corrupta; contudo, desde que a nova vida regenerada no Cristo veio habitar a alma novamente, é preciso que lancemos nossa vontade na regeneração, através de Cristo. Pois em Cristo renascemos com nossas almas em Deus, alcançando mais uma vez a imagem. Depois da Queda, o mysterium em nossa alma, só permaneceu na magia da natureza cujo centro é um fogo. A imagem havia deixado a liberdade de Deus para adentrar uma outra magia, ou seja, o princípio externo. Ora, quando isto se quebra em pedaços no ser, a pobre imagem corrupta da alma fica nua, exposta, como uma criança perdida; a única coisa que ela pode despertar em seu próprio centro é a fonte do fogo ardente. Pois ela deixou o Verbo de Deus, ou o mysterium de Deus, para penetrar um espelho destrutível, o Espírito deste mundo, que tem um começo e um fim. É também por isso que o corpo da alma se tornou totalmente terrestre e uma oração à destruição e à morte.

Tendo Deus, através da graça, voltado seu amor a nós, dirigido a alma através de Cristo para a liberdade e enfraquecido o mysterium na imagem, a fim de que esta possa , mais uma vez, habitar em Deus ou no paraíso das maravilhas, se faz necessário que apartemos nossa vontade do outro centro, o da vida transitória, introduzindo-a na vontade livre de Deus. Para que tudo isto ocorra, não se faz necessário apenas uma história ou ciência, para que o homem possa dizer: “Eu acredito que seja...”, Eu sei e Eu desejo”, e continue com sua vontade mergulhada no princípio externo. Não, nas Escrituras vemos, “É preciso nascer de novo através da água e do Espírito Santo, para ver o reino de Deus” (Jo. 3.5). É preciso haver determinação, a vontade da razão deve ser quebrada, deve haver um movimento vivo da vontade que atravessa e luta contra a razão. E embora isto seja muito difícil para a alma, já que é muito corrupta, não há outro ou melhor remédio para ela do que se fazer de morta com toda sua razão e mente, se deixando envolver apenas pela misericórdia de Deus, a fim de que não haja mais espaço para a razão, para que Deus seja o mestre. Quando a vontade vence a razão, esta aparece como que morta, embora ainda viva. Ela se torna o servo da vontade reta, ainda que fora desta circunstância seria mestre. A vontade de Deus deve ser o mestre da razão, se é que a razão pretende realizar algum bem que subsista diante de Deus, pois este bem é feito na vontade de Deus e é extraído daquilo que tem seu princípio no eterno.

Ainda que não possamos afirmar que nossas obras ou conquistas durem para sempre, com certeza seu reflexo ou sua imagem resistirá, embora permaneça, verdadeiramente, no ser. No mysterium isto tem o nome de magia divina, diante da sabedoria de Deus, contra a qual só o princípio externo se quebra. Pois, na imagem humana, nada mais é quebrado do que o domínio externo nos quatro elementos, agrupados, mais uma vez, em um. Também todas as cores e formas dos quatro elementos são reconhecidos com tudo o que são gerados. Portanto, um dia final de separação foi apontado por Deus na Natureza, quando tudo deve ser testado pelo fogo, seja gerado na vontade de Deus ou não, quando cada princípio irá colher suas maravilhas. Muitas obras do homem permanecerão no fogo, pois não foram geradas na vontade de Deus; em Deus não entra nada impuro (Ver. 21.27; 22.15). Tudo o que é gerado da outra magia não é puro.

Temos um exemplo disto na terra, que é corrupta. Se perguntarmos: Por que? A resposta é: Embora o diabo tenha sido criado um anjo, com sua criação ele e sua legião passaram a ocupar o Enxofre, ou o centro da Natureza, de onde a terra foi, mais tarde, criada. Foi ele quem excitou a ira na Natureza afim de que a terra tivesse uma ânsia impura e diabólica, ainda que esteja fechada na morte e reservada para a putrefação. Ela será então testada no fogo eterno, e voltará àquele estado anterior à criação, chamado na magia eterna de natureza eterna.

Desde então tudo o que é gerado na natureza é compreendido na vontade de Deus; compreendamos com isso que nada pode adentrar a vontade de Deus, a menos que seja gerado ou feito na vontade de Deus; compreendamos claramente que precisamos nos entregar à vontade de Deus com toda nossa razão e mente, trabalhar com nossas mãos no mundo, buscando o alimento da fome, mas não colocar aí toda a nossa vontade, nem mesmo desejar acumular bens terrestres: pois onde estiverem a nossa vontade e o nosso coração estará também o nosso tesouro. Se nossa vontade estiver na vontade de Deus, teremos o Seu grande mysterium, de onde este mundo foi gerado, como semelhança. Assim, possuímos ambos, o eterno e o perecível e ainda mais; trazemos as maravilhas de nossas obras para o mysterium eterno, pois elas buscam a vontade- espírito. Mas quando desviamos nossa vontade do eterno para o mysterium terrestre e consideramos o dinheiro nosso tesouro, a beleza do corpo a nossa glória, a

honra e o poder a nossa jóia mais valiosa, então a nossa vontade fica prisioneira deste mysterium terrestre e nos agarramos somente ao espelho, não realizamos a liberdade de Deus. O espelho, que é o reino externo, será testado pelo fogo e a ira será separada do puro, pois a ira será uma queimação eterna.

Quando a razão se insere na mente da alma e em sua vontade-espírito, onde está a imagem de Deus e o verdadeiro homem dentro do espelho exterior, ou desejo hipócrita, de fato a imagem e o verdadeiro homem são feitos prisioneiros da razão e infectados com a magia exterior, que é aquele mesmo desejo hipócrita. A imagem usa esta substancialidade exterior, não só como uma mera vestimenta, trata-se de uma infeção e uma completa mistura. Pois, ainda que o fogo da alma não se mistura com o reino externo, a vontade-espírito da alma, que é a da magia, está misturada a ele, sendo a imagem de Deus destruída e transformada numa imagem terrestre, por onde o fogo-vida da alma permanece ardente, tendo uma imagem terrestre na vontade- espírito.

Quando o corpo se enfraquece e morre, a alma retêm sua imagem, que é a vontade-espírito. Ela está agora desligada da imagem corporal, pois na morte há separação. A imagem aparece então naquelas coisas que a vontade-espírito carregava consigo aqui, aquilo que a corrompia, já que possuem a mesma fonte. Aquilo que amou aqui, e que foi portanto seu tesouro e aquilo que a vontade-espírito adentrou; a imagem da alma também será confeccionada de acordo com essa vontade. Se durante sua vida um homem usou seu coração e sua mente com orgulho, esta mesma fonte irá sempre irromper na alma e na imagem, e está estará longe do amor e da bondade, que é a liberdade de Deus, não podendo assegurar ou possuir liberdade. Ao contrário, ela experimentará um tormento angustiante tão grande, na medida em que contínuas confecções se formaram, de acordo com as coisas terrestres que a vontade penetrou Isto irá cintilar no fogo da alma e fazer com que nasça nela o desejo de passar pelo fogo, pela bondade de Deus, pois não pode criar outra vontade. Ela não pode penetrar a liberdade de Deus, o santo mysterium onde poderá obter uma outra vontade, ela vive só em si mesma. Ela não tem nada, nem pode almejar a nada, a não ser àquilo que tinha na vida interior e que permanece com ela. Isto também ocorre com o homem avarento que tem em sua

vontade e imagem, a magia do desejo avarento. Ele sempre deseja ter muito para si e busca na vontade espírito, aquilo a que se associou na vida do corpo. Mas esta última o desamparou e seu ser não é mais terrestre, ele ainda carrega consigo a vontade e a pestilência terrestre, isto o atormenta tremendamente, mas ele não pode se apegar a mais nada.

Coisa pior ainda ocorre com a Falsidade, que o infeliz apregoou e com que amaldiçoou o falso homem pela sua opressão. Pois o que quer que tenha sido forjado na fraqueza foi causado por ele, segue à ele, pois foi forjado no mysterium da cólera. Portanto, a alma corrupta após a morte do corpo, cai nesta cólera e deve banhar-se nestas mesmas abominações. Se fosse possível usar a vontade para entrar no amor de Deus, ainda assim estas mesmas abominações e fraquezas a segurariam, pois produzem um desespero eterno, forçando a alma a se desesperar, renunciar à Deus e desejar unicamente surgir e viver naquelas abominações. Está passa a ser sua alegria: blasfemar contra Deus e seus santos, exaltando-se nas abominações, acima de Deus e do Reino dos céus, sem reivindicar ou ver nenhum dos dois.

Com isto, levamos o leitor a considerar o que é a vontade e a convicção, o mestre e o guia, que introduzem a imagem do homem, tanto no amor de Deus como na ira de Deus. Pois na vontade é gerada a fé verdadeira e reta onde permanece a nobre imagem de Deus; na fé, renascemos em Deus, através de Cristo, e obtemos novamente a nobre imagem que Adão perdeu e que Cristo trouxe novamente dentre a humanidade, com a vida de Deus.

A vontade falsa, mais que tudo, destrui a imagem, pois a vontade é a raiz da imagem, ela atrai o mysterium de Deus para dentro de si. O espírito do mysterium revela aquela bela figura e a reveste com o mysterium divino, que é a substancialidade de Deus; entendam por isso o corpo celeste de Cristo que nasceu de Deus através da amável e bem-aventurada virgem de sua sabedoria, e que enche o céu. Portanto, se nossa mente e vontade se concentrar nisto e se nossa vontade realmente desejar, ela se torna mágica e adentra o mistério. Se a vontade tiver fome, poderá comer do pão de Deus; assim, o novo corpo cresce sobre ela, é a árvore abençoada da fé Cristã, pois todo corpo preza a si mesmo. Quando a alma recebe o corpo de Deus, que é tão doce e justo, como poderia não amar aquilo que lhe é dado

por seu próprio mérito, que é o lugar onde habita e vive, e de onde extrai o poder para se alimentar e se fortalecer.

Nenhum homem deve se enganar e permanecer fixo em sua falsidade e injustiça, sentindo-se confortável com uma fé histórica, pensando: com certeza Deus é bom, sem dúvida irá me perdoar; Vou acumular riqueza, desfrutá-la bem, deixar a meus filhos muita honra e prosperidade e mais tarde me arrepender. Tudo isto é decepção pura. O que mais se acumula é falsidade e o que mais se atrai é a injustiça. Mesmo que isto seja feito com a melhor intenção e da forma mais correta, continua sendo terrestre, pois "tu afundastes teu coração e tua vontade num vaso terrestre, tu cobristes tua nobre imagem e infectastes a santidade que ela continha. Além do mais, tu deixastes como herança a teus filhos apenas o orgulho, a fim de que eles também coloquem sua vontade-espírito apenas nisto. Tu ainda pensas estar fazendo o bem a ti e a teus filhos, mas fazes a ti e a eles o pior". A vida exterior deve, verdadeiramente ter sustentação e não passa de um tolo aquele que dá o seus bens a perder. Mas muito mais tolo é aquele que se torna um homem fraco com os seus bens, colocando seu coração neles e levando muito mais em conta o prazer temporal, transitório do que o bem eterno que não tem fim.

A vida externa deve, verdadeiramente, ter sustentação; é tolo aquele que, voluntariamente, coloca seus bens a perder. Mas, mais tolo ainda é aquele que se torna mau por causa de seus bens, colocando seu coração neles, levando mais em conta o prazer temporal e transitório do que o bem eterno e duradouro, que não tem fim. Aquele que socorre os pobres atrai sobre se muitas bênçãos, pois estes desejam- lhe tudo de bom e oram a Deus para que Ele possa abençoá-lo em corpo e alma. Este desejo e benção entram, com o doador, no mysterium que o rodeia e o segue como uma boa obra nascida em Deus. Este tesouro o homem leva consigo, o terrestre não. Pois quando o corpo morre a imagem entra no mysterium, ou seja, ela é revelada no mysterium de Deus, já que durante o período da vida terrestre o princípio externo foi o seu revestimento. Com a morte do corpo este revestimento cai e o mysterium divino aparece na imagem e dentro dele toda boa ação e obras geradas pelo amor na vontade de Deus.

O desejo e a oração de todos os bons filhos de Deus permanecem no

mysterium e os unem à imagem, pois os filhos dos pobres a quem ajudaram em suas necessidades e atribulações enviaram sua vontade, em suas orações, ao mysterium de Deus e ali se juntaram ao seu Consolador e libertador, abrindo-lhe um caminho no mysterium divino. Assim, quando este benfeitor entra no mysterium e sua vida terrestre é eliminada, todas as coisas são reveladas, se juntando umas as outras e com a vontade que as direcionou.

Tudo isto será reservado para o julgamento de Deus Espírito Santo no mysterium, quando cada homem irá colher o que tiver plantado aqui neste campo. Tudo irá então florescer numa nova terra celeste, em que o homem irá cobrir sua imagem divina com o corpo do mysterium perfeito de Deus; e diante dele, diante de sua imagem corporal, verá sua retidão e compreenderá porque é tão justo. Ele conhecerá sua causa, regozijar-se-á eternamente e modelará sua canção de louvor à honra e magnificência de Deus. Por outro lado, a multidão ímpia terá desprezo, inveja, orgulho, malícia; amaldiçoará os pobres em seu mysterium se unindo na ira, e estes irão seguí-la. Assim, sempre saberão a causa de seu tormento e serão portanto eternos inimigos de Deus e de Seus filhos.

A multidão descrente não pode, agora, apreender tudo isto, porque não há neles a vontade que deseja compreender; o ser terrestre os mantêm atados, a fim de que não adquiram uma vontade no mysterium de Deus. Diante de Deus eles são como os mortos, não há o sopro da vida divina em neles. Nem eles tampouco o desejam, pois estão trancados no mysterium da ira de Deus, a fim de que não conheçam a si mesmos. Não foi Deus quem fez isto a eles, mas eles mesmos penetraram e se afundaram neste estado, por sua própria vontade-espírito; desta forma, correm como homens loucos. Ainda que o tesouro esteja oculto dentro deles, no centro, no princípio divino e ainda que possam, muito bem, superar o ser terrestre e a fraqueza e penetrar a vontade de Deus. Eles permitem, intencionalmente, que a ira os tomem, pois o orgulho e a honra própria os satisfazem perfeitamente, e é isto que os aprisionam.

Mas após esta vida, não há mais remédio para eles. Quando o fogo da alma é exposto e ardente ele só pode ser apagado por nada menos que a bondade de Deus, ou seja, pela água da vida eterna no mysterium de Deus.

Mas ninguém se preocupa com isto, pois há um grande abismo entre eles, ou um principio inteiro. Mas nesta vida, enquanto a alma ainda nada e queima no sangue, tudo é possível, pois o Espirito de Deus voa nas asas do vento. Deus se tornou homem, o Espirito de Deus penetrou a alma com a vontade, ele deseja a alma, ele coloca sua magia em direção à alma; a alma precisa unicamente abrir a porta e ele irá entrar, voluntariamente, para desvelar o nobre grão da árvore da fé Cristã.. Esta é porém, a parte mais dolorosa, a mais difícil de ser compreendida pelo homem: a necessidade de ter o espírito de sua vontade guiado para fora de seu tesouro terrestre, fora do orgulho, da avareza, da inveja, da ira e da falsidade, que ameaça o Espírito de Deus. Sua boca não pode ser um dissimulador e nem a sua vontade e seu coração permanecer fixo no mysterium terrestre: ele deve ser sério desde o fundo de sua alma e de seu coração; a vontade deve se voltar para o mysterium divino, chamado o amor de Deus, a fim de que o Espirito de Deus possa ter espaço e lugar em nele para soprar a pequena centelha divina. Não há outro remédio e o fingimento não serve para nada.

Um homem pode decorar as Escrituras e se sentar a vida inteira numa igreja, mas mantém na imagem de sua alma um homem bestial e terrestre que só tem falsidade em seu coração, sua vontade dissimulada não serve para nada. Um sacerdote que age externamente de acordo com o mysterium de Deus, mas que não tem a imagem de Deus dentro de si, e ainda se sustenta unicamente na honra e avareza, é um recinto para o demônio, um dos mais egoístas, pois é apenas um impostor que se utiliza do mysterium de Deus, além de ser um ilusionista sem poder. Ele mesmo não possui o mysterium de Deus, como então irá oferecê-lo aos outros? Trata-se de um falso pastor, e um lobo entre as ovelhas. Pois todo aquele que carrega o mysterium de Deus, ou seja, que o despertou e dele se rodeia, é guiado pelo espírito de Deus, ele é o sacerdote de Deus, pois prega a partir de Deus. Nenhum homem pode ensinar corretamente, a não ser que ensine a partir do mysterium de Deus. Mas como irá ensinar aquele que esta fora dele? Não irá ensinar a arte e razão terrestre? E no que isto afeta o mysterium de Deus? Ainda que a razão seja algo nobre, sem o Espirito de Deus ela é sega. Pois o Cristo diz: “Sem mim não podes fazer nada” (Jo 15.5). “Aqueles a quem o espírito de Deus guia são os filhos de Deus (Rom. 8.14). Aquele que sobe ao aprisco por outro caminho e não através do espírito de Cristo é um ladrão e um assassino e veio apenas para roubar em benefício próprio

(Jo. 10.1). Ele não alimenta as ovelhas, mas as devora como um lobo.

É desta forma que devemos compreender a árvore da fé Cristã. Ela deve ser viva e não como uma história ou ciência morta. O verbo da vida deve dar à luz um homem na imagem, a fim de que a alma possa conter a imagem de Deus, ao contrário não será filho de Deus. Não há porque ser hipócrita ou renovar esperanças, pois enquanto o homem carregar unicamente a imagem terrestre em sua alma, ele estará fora do mysterium de Deus. Ainda que pense: Eu irei, de fato me converter um dia, mas antes irei juntar o suficiente para mim, para que não fique necessitado e para que os negócios terrestres não fiquem no meu caminho mais tarde. Não, este é um truque demoníaco. Mas é através da perseguição, da cruz, da tribulação, do desprezo e do desdém que devemos adentrar o reino de Deus. O demônio mantém seu controle na imagem terrestre e ridiculariza os filhos de Deus em seu trono de orgulho, quando estes tencionam escapar de suas garras. Portanto, a multidão fraca serve o demônio e o ajuda a realizar sua obra.

O homem que deseja chegar à Deus não deve levar nada disso em conta. Deve considerar que está num país estranho, entre assassinos e que é um peregrino a caminho de sua verdadeira terra natal. Ele cai em meio aos assassinos que o atormentam e o roubam, mas se ele suporta o bastante para preservar sua nobre imagem, suas posses são suficientes; como retorno ele receberá o mysterium celeste, onde tudo reside e do qual este mundo não passa de um espelho. Tolo é aquele que toma o reflexo de um espelho como um ser substancial, pois o espelho se quebra e seu amante fica privado de sua existência. É como alguém que constrói sua casa na areia perto das águas que, aos poucos, a levam embora. O mesmo acontece com a esperança terrestre.

Ó, filho do homem! Nobre criatura, não ceda ao poder. Irá te custar o reino eterno. Busca a ti mesmo e te encontrarás, mas não no reino terrestre. O homem encontra realmente, o reino de Deus, quando penetra e se encerra no divino e celeste mysterium. Toda a pompa deste mundo é nada se comparada com a beleza celeste, não vale a pena que um homem fixe seu amor nela, mesmo quando se chega à conclusão de que Deus também a tenha criado.

Compreendam-me: o homem exterior manifesta as maravilhas da natureza exterior, ou seja, no mysterium exterior, tanto fora da terra como acima da terra. Tudo o que as estrelas possam fazer e que a terra contém em si, tudo isto o homem tem que expressar em maravilhas, formas e seres, de acordo com o modelo eterno, como é visto na sabedoria de Deus antes dos tempos do mundo. Mas sua vontade não deve ser colocada aí, e nem considerar tudo isto seu tesouro, deve apenas usar estas maravilhas para seu ornamento e deleite. Com seu homem interno , deve trabalhar no mysterium de Deus, então o espírito de Deus também irá auxiliá-lo na busca e encontro daquilo que lhe é destituído.

Desde a dolorosa queda, temos sido tão corruptos que nossa mente voltou-se do mysterium celeste para o mysterium terrestre, ou espelho. Desta forma, metade de nós está morta. É fundamental portanto, que tiremos nossa mente e vontade do brilho terrestre e busquemos, em primeiro lugar, a nós mesmos antes do adorno terrestre, e que aprendamos primeiro a reconhecer onde está a nossa casa, e não tornar nossa mente terrestre.

Pois o homem, embora esteja na imagem de Deus, ainda possui uma vida ternária. Mas quando perde a imagem de Deus, fica apenas com uma vida binária, sendo a primeira aquela da alma que surge no fogo da natureza eterna. Ela permanece liderando em sete formas, todas de acordo com o espírito da natureza. A segunda vida permanece na imagem que procede da fonte da natureza eterna, chamada o fogo da alma, cuja imagem permanece na luz, numa outra fonte e tem seu espírito vivo, assim como o fogo e a luz. Pois a fonte da luz não é a mesma fonte do fogo, ainda que a luz proceda do fogo; e por fonte da luz compreendemos o espírito suave, puro e agradável e por fonte do fogo a sua causa. Vemos que do fogo surge o ar, que é o espírito, e sabemos que o ar está nas quatro formas; um seco, de acordo com a ferocidade do fogo, e um úmido como a água da atração adstringente. Um terceiro é suave, procedente da luz e o quarto é procedente do terror do fogo feroz.

Em segundo lugar, compreendemos a outra água no terror-brando, na qual a fonte afunda através da mortificação e na morte se torna como se não fosse nada, pois no nada a liberdade eterna, que é o abismo eterno da

eternidade, é alcançado. Quando a luz impalpável está afundando e olha para a eternidade, afundando cada vez mais, o poder da luz desabrocha na luz e isto é vida vindo da morte enterrada, pois a ira do fogo permanece na fonte feroz ,da água feroz e não adentra a morte. Isto não pode ocorrer porque pois a ferocidade é a vida almejante mais forte que não pode morrer e não pode atingir a liberdade eterna, pois é chamada e permanece sendo a vida da natureza, para sempre. Ainda que também se possa encontrar uma natureza na vida da luz, ela não é dolorosa ou hostil como na origem da natureza, com relação à nomenclatura que Deus dá a si mesmo: a de Deus irado e ciumento. Pois na fonte da luz a água que através da morte afundou na liberdade, se torna uma fonte e água da eterna vida de júbilo. Onde o amor e a bondade fluem eternamente para cima, não afundando mais, mas desabrochando e sendo um paraíso. O movimento gerado na fonte da água é conhecido como Elemento, este é o elemento puro no mundo angélico. A causa do fogo na luz é o eterno firmamento onde o eterno conhecimento de Deus é manifestado em sabedoria, do qual podemos reconhecer uma similitude no firmamento exterior e nas estrelas. Compreendemos que a luz, em todas as formas, é mestre, pois ela possui bondade e é uma vida gerada através da morte amarga, ou da fonte de angústia na queda. O poder da luz desabrocha na luz e isto significa vida surgindo da morte putrefata, pois a ira do fogo permanece na fonte ígnea da água que não penetra a morte. Isto não seria possível, pois a é a vida forte que não pode morrer e não pode alcançar a liberdade eterna, já que é chamada de vida natureza, permanecendo assim para que sempre se encontre natureza na vida luz, não se trata de nada hostil ou doloroso como na origem da natureza, com referência ao que Deus chama a si mesmo de Deus irado e ciumento. É que na fonte da luz, a água que, através da morte encontra a liberdade, torna-se uma água fonte de vida e alegria, onde o amor e a bondade fluem eternamente para cima. Não se trata mais de afundar, mas de um desabrochar chamado paraíso. Este mover-se para fora da fonte da água é conhecido como Elemento, um elemento puro no mundo angélico. O fogo na luz é o eterno firmamento em que o conhecimento eterno de Deus é manifestado na sabedoria, da qual vemos uma semelhança no firmamento externo e nas estrelas.

Percebemos assim, dois mundos, um dentro do outro, sendo que um não compreende o outro; um na ira da natureza feroz, na água da venenosa e

angustiante fonte, onde habitam os demônios; outro na luz, onde a água da luz se afundou e ressurgiu da angústia, rumo a liberdade eterna; isto a água venenosa não pode conseguir ou se apoderar; a única coisa que separa estes dois mundos é a morte, dividindo-os em dois princípios, em duas vidas: a vida da ira e a vida do amor, onde a vida é conhecida como a verdadeira vida em Deus. É por esta razão que Deus se tornou homem, pois com Adão, saímos desta (luz) vida e penetramos na vida (mundo) exterior. Ele teve que, através de Sua morte, nos trazer de volta da fonte feroz, fora da vida de angústia e voraz, passando pela morte, rumo a vida de luz e de amor. Embora o portão da morte estivesse, de fato, fechado ,na ira da alma humana,(já que a alma estava na fonte de angústia na natureza interna, no fogo do veneno, que é a água da angústia), o Senhor Cristo quebrou o lacre da morte, e com sua alma humana desabrochou da morte, na luz de Deus e de sua vida-luz mantém a morte capturada. Isto tornou o demônio um escárnio. Pois com este lacre, Lucifer pensou ser mestre e príncipe todo poderoso da ira; mas quando o lacre foi quebrado, o poder da Divindade na luz destruiu o seu reino. Lá se manteve um servo capturado, pois a luz de Deus e a água da bondade são a morte para ele, pois através destes dois elementos a ira é eliminada.

Desta forma, a luz e o amor penetraram a ira com o elemento paradisíaco e a água da vida eterna, a ira de Deus foi extinta. Por esta razão Lucifer permanece consigo mesmo, como uma fonte de fogo angustiante e repleta de ira, em que seu corpo é um veneno e uma fonte de água venenosa. Ele perdeu a confiança do fogo de Deus, caindo na matriz da natureza eterna, a áspera adstringência que gera as trevas eternas. Ali ele leva adiante o governo externo no Mercúrio angustiante; não passa de um desgraçado ou banido, aquele que em sua origem foi um príncipe. Falamos não mais do que um vilão executor e infame ,que na ira de Deus tem que ser como um carrasco que pune o mal quando é ordenado pelo seu Senhor. Ele não tem poder para nada mais além disso, embora ainda seja um enganador que gostaria de por as mãos em muitas coisas, para que seu reino se tornasse grande: ele quer ter muito para não ser um escárnio. Da mesma forma que pensa uma prostituta, “se houver muitas prostitutas pelo menos eu não serei a única, mas como tantas outras”, ele também deseja uma grande tribo para que assim possa zombar de Deus. O demônio sempre culpa a Deus por sua queda, dizendo que a ira de Deus o sugou e o confiou a tal vontade de

orgulho, incapaz de resistir. Ele pensa que se pelo menos pudesse levar muitos consigo, muitos daqueles que fazem o mesmo que ele, seu reino cresceria e todos poderiam amaldiçoar a Deus, tentando se justificar. Sua força e seu deleite em sua obscura e amarga angústia, é nunca poder eliminar o fogo de dentro de si e voar sobre os tronos. Ele ainda se diz senhor e rei, e ainda que seja mau, é o senhor de sua legião, na ira de suas criaturas. Mas com a ira fora de suas criaturas, ele não tem poder de agir, ali tem que permanecer como um cativo impotente.

É preciso compreender que, a vida humana tem duas formas, uma de acordo com o fogo da natureza, outra de acordo com o fogo da luz, onde queima o fogo do amor, onde a nobre imagem de Deus aparece. A vontade do homem deve penetrar a vontade de Deus; assim, ele passa pela morte de Cristo e com a alma de Cristo penetra a liberdade eterna de Deus, na vida de luz, permanecendo ali com Deus em Cristo. A terceira forma de vida é a vida exterior criada pelo mundo, pelo sol, estrelas e elementos; o espírito de Deus soprou esta vida nas narinas de Adão, com o espírito do mundo maior, quando ele também se tornou uma alma exterior, que nada no sangue e na água e queima no fogo ardente e exterior, ou calor.

Esta vida exterior não penetra a imagem, ou a vida interior; nem a imagem permite que ela penetre a luz interior (que brilha através da morte e com seu poder desabrocha na liberdade eterna) pois a vida exterior é apenas uma similitude da vida interior. O espírito interior deveria apenas manifestar as maravilhas eternas no espelho exterior (como a sabedoria de Deus estava por traz da magia divina) e trazê- las a um espelho figurativo, ou seja, um espelho maravilhoso para a honra de Deus e satisfação do homem interior, gerado de Deus. Mas sua vontade não deveria penetrá- lo trazendo as maravilhas externas para a imagem, como reconhecemos agora com grande pesar, que o homem traz para sua mente e imagina um tesouro terrestre que destrui a imagem pura de Deus de acordo com o segundo princípio.

Em seu atual estado, a vontade-espírito do homem penetra o ser terrestre introduzindo ali o seu amor; sua imagem reside no ser terrestre, ou seja, penetra o tesouro ou vaso terrestre. A imagem em tal imaginação, também se torna terrestre e passa novamente pela morte, perde Deus e o Reino dos

Céus, pois sua vontade- espírito permanece fixo no seu amor pela vida externa. A vida externa precisa morrer e ser rompida, a fim de que o homem crie a imagem tal como possa parecer o reino interno, seu espírito-vontade irá então, permanecer com seu amor nas maravilhas externas; com a morte da vida exterior ele irá trazer estas imagens diante do julgamento de Deus. Ali o espírito-vontade terá que passar através do fogo e pelo fogo sua imagem será testada. Tudo o que for terrestre deve ser queimado e banido da imagem, pois esta deve ser pura, sem manchas. Assim como a luz subsiste no fogo, a vontade-espírito também deve subsistir no fogo de Deus, e se ela não pode passar desobstruída através do fogo de Deus e através da morte, esta mesma imagem da alma será lançada nas trevas eternas.

Esta é a dolorosa queda de Adão, ele colocou sua vontade-espírito na vida exterior, no princípio externo, na ânsia falsa, e se imaginou na vida terrestre. Com isto, saiu do paraíso que, através da morte, desabrocha no segundo princípio, no Exterior, ele penetra então a morte. Teve portanto que morrer, para que sua imagem fosse destruída. Isto nós herdamos de Adão. Mas herdamos também a regeneração do segundo Adão, o Cristo, devemos penetrar a encarnação de Cristo e ir com ele em sua morte, e com ele, da morte, desabrochar no mundo paradisíaco na eterna substancialidade da liberdade de Deus.

Compreendemos que tudo ocorreu por causa da luxúria; a corrupção surgiu da luxúria, e continua surgindo. A luxúria é um imaginar em que a imaginação se insinua em todas as formas da natureza, a fim de que fiquem impregnadas com a coisa da qual surge a própria luxúria. Com isto compreendemos o espírito exterior do homem, que é similar ao interior. Ele cedeu à luxuria diante da imagem pura e por causa disto, fixou sua imaginação no interior, ocasião em que foi tentado. Como ele não caiu morto imediatamente, deu espaço em sua vontade-espírito para o exterior. Assim o exterior encontrou abrigo no interior e acabou por se tornar dono da casa, obscurecendo o interno, a fim de enfraquecer a imagem pura. A imagem pura caiu entre assassinos, ou seja, entre os espíritos cruéis da natureza e da origem da vida. Isto manteve a imagem cativa e extraiu dela o manto do paraíso, deixando-a meia morta.

Houve a necessidade de um Samaritano, o Cristo. Foi por isto que Deus

se tornou homem. Se a ferida pudesse ser curada através de uma palavra ou uma palavra de perdão, Deus não teria se tornado homem. Mas Deus e o paraíso estavam perdidos e mais que tudo, a nobre imagem havia sido destruída e desolada; ela precisava ser regenerada a partir de Deus. Portanto, Deus veio com seu Verbo que é o centro da vida de luz, e se tornou carne, a fim de que a alma pudesse novamente receber uma morada paradisíaca e divina. Compreenda que como a alma de Adão havia aberto a porta das essências ígneas, deixando entrar a essência terrestre (cuja fonte se insinuou na imagem paradisíaca tornando-a terrestre), então o coração de Deus abriu a porta das essências de luz e cobriu a alma com um corpo celeste, e assim as essências do corpo santo foi imaginado diante da imagem, diante das essências da alma. A alma foi então, mais uma vez impregnada, para que com sua vontade- espírito entrasse através da morde na vida-paraíso. Veio então a tentação de Cristo; Ele foi tentado para se verificar se a alma comeria do Verbo do Senhor, podendo, através da morte, penetrar a vida de Deus. Isto finalmente se realizou na árvore da cruz, quando a alma de Cristo passou pelo fogo da ira, pela fonte externa, pela morte e desabrochou no mundo paradisíaco santo, onde Adão foi criado. Com isto, nós homens fomos auxiliados mais uma vez.

Portanto, se faz necessário, tirarmos nossa vontade, mente e coração de todas as coisas terrestres e colocá-los no sofrimento, no processo de morte, na morte e ressurreição de Cristo; crucificar continuamente o velho Adão com a morte de Cristo e morrer, continuamente, com o pecado na morte de Cristo; com Ele ressurgir sempre da angustia da morte num novo homem, desabrochando na vida de Deus. Não há outro remédio senão este. É preciso morrer para o mundo terrestre em nossa vontade, e renascer, continuamente, na fé para o novo mundo na carne e sangue de Cristo. Devemos nascer da Carne de Cristo se é que pretendemos ver o reino de Deus.

Não é nada fácil ser um verdadeiro Cristão, é uma das coisas mais difíceis. A vontade deve se tornar campeã, lutando contra a vontade corrupta. A vontade deve sair da razão terrestre e mergulhar na morte de Cristo, na ira de Deus e como uma valiosa campeã, interromper o poder da vontade terrestre. Para tanto, é preciso ousar de tal forma que a vontade interrompa a vida terrestre no homem; que ele não desista até que tenha interrompido sua vontade terrestre. Esta é, de fato, uma guerra onde dois

princípios lutam para obter domínio. Não há dúvida: tem que haver determinação na luta pela coroa cavalheiresca, e nenhum homem a conquista se não for vitorioso. Ele tem que interromper o poder da vontade terrestre, apesar de ser incapaz de fazê- lo com sua própria força. Mas, se ele se retirar da razão terrestre com sua vontade interna, ele irá mergulhar através da morte de Cristo, através da ira de Deus, no mundo paradisíaco, na vida de Cristo, apesar de toda oposição do Espírito das Trevas. É preciso tornar sua vontade como que morta; assim irá viver para Deus e mergulhar no amor de Deus, embora ainda viva no reino exterior.

Mas eu falo da coroa cavalheiresca que o homem irá receber no éden assim que nele penetrar. Lá, a nobre semente está plantada e o homem recebe o mais precioso bem do Espírito Santo que passará a guiá-lo e a orientá-lo. Mesmo que, neste mundo, ele tenha que caminhar num vale de trevas onde o mal e a fraqueza do mundo sempre o ataquem e freqüentemente lançam o homem exterior em abominações encobrindo assim, o nobre grão de semente de mostarda; ainda assim, o Espírito Santo não permitirá que ele seja recapturado, mas que desabroche, e que cresça dali uma árvore no Reino de Deus, não importa todo o barulho e armadilhas do demônio e de seus seguidores. Quanto mais a nobre árvore de pérolas for podada, mais vigorosa e potente ela crescerá. Ela não se deixará ser suprimida, mesmo que isso custe a vida exterior.

Portanto, minha cara alma, investigue corretamente a árvore da Fé Cristã. Ela não pertence a este mundo. Ela deve estar, de fato, dentro de ti, mas tu e a árvore devem estar com Cristo em Deus, de forma que este mundo apenas paire sobre ti, assim como pairou sobre o Cristo. Que não se entenda com isto, que este mundo não vale nada e que não tenha proveito diante de Deus. É o grande mysterium e o homem foi criado neste mundo como um sábio administrador, para que pudesse desvendar todas as suas maravilhas (que se encontram eternamente no enxofre, de onde foi criado este mundo, suas estrelas e elementos) e dar a elas formas, corpos e imagens, de acordo com sua vontade, para sua satisfação e glória.

O homem foi criado inteiramente livre, sem lei alguma. Ele não tinha outra lei senão a lei- natureza, pela qual não podia misturar um elemento com outro. O homem interior não deveria permitir que nada terrestre

penetrasse seu interior, mas deveria governar poderosamente o princípio externo. Nunca a morte e sua agonia deveriam ter penetrado o homem, nem os quatro elementos externos deveriam tê-lo tocado. Pois a nobre imagem que deve subsistir no fogo, é a mesma que deve governar todo o homem, através dos três princípios, e governar tudo, e tudo preencher com a fonte do paraíso.

Mas como isto não pode ser e a carne se tornou terrestre, devemos agora ser gerados na fé, já que a vida terrestre, de fato, encobre a verdadeira vida. Devemos portanto vestir o correto traje da Esperança, colocar nossa vontade na esperança e sempre trabalhar na árvore da fé, para que ela dê seus frutos, o abençoado amor para com Deus e nossos semelhantes. Um homem deve ser bom, não só por sua causa, mas também para que com seu exemplo e vida possa reparar seu semelhante. É preciso considerar que ele é uma árvore no reino de Deus, podendo carregar o fruto de Deus, crescer no campo de Deus, para que seu fruto seja colocado na mesa de Deus, e para que ele possa revestir suas obras e maravilhas com o verdadeiro amor, caminhando no amor que pôde trazê-lo para o reino de Deus. Pois Deus é um espírito, e a Fé também é um espírito em Deus e Deus se tornou homem em Cristo. O espírito de Fé também se fez homem em Cristo. A vontade-espírito vive em Deus, pois é um só espírito com Deus, e com Deus opera obras divinas. Ainda que a vida terrestre encubra o homem, a fim de que ele não conheça as obras que gerou com a fé, com a destruição da vida terrestre elas se manifestarão, pois a esperança é seu santuário e um mistério no qual as obras da fé são conhecidas e preservadas.

Como o homem possui uma vida ternária, cada vida é um mysterium para a outra; cada uma deseja a outra. É com este fim, que o mundo e todos os seus Seres foram criados, pois a essencialidade divina deseja o espelho ou a similitude. Este mundo é uma similitude, de acordo com o ser de Deus, e Deus é revelado numa semelhança terrestre. Pois, as maravilhas do segredo oculto podem não ser reveladas no mundo angélico, na origem-amor. Mas neste mundo, onde o amor e a ira estão misturados, onde há uma genetrix binária, sim. Pois todas as coisas se originam da raiz ígnea, mas são rodeadas pela água da doçura, a fim de se tornar um ser de amor. Mas, já que no mundo angélico o fogo não é conhecido, uma vez que o centro da genetrix permanece na luz e é a palavra de Deus, as maravilhas da natureza

não podem se manifestar, a não ser por uma magia espiritual, ou seja, precisam ser vistas na sabedoria de Deus. Mas como isto é quase impossível para os anjos e para as almas dos homens assegurar, e como Deus quer ser conhecido dos anjos e dos homens, o mundo angélico anseia que as grandes maravilhas os conheçam, pois desde a eternidade estão na sabedoria de Deus. Na similitude terrestre isto ocorre em substância, formas e imagens, todas de acordo com as essências eternas do centro da natureza, a fim de que assim as maravilhas possam resistir para sempre. Não essencialmente, mas em figuras, imagens, similitudes e formas. A magia, de acordo com a vontade geradora, está no centro das maravilhas, pois foi certa vez despertada do fogo, mas ela será engolida novamente no mysterium e permanecer como uma vida oculta. Portanto, todos os seres devem se manifestar como uma imagem no mundo angélico, mas somente aqueles que na vontade de Deus foram inseridos no mysterium. Pois há dois mistérios eternos, um no amor, outro na ira. Onde quer que a vontade-espírito se insira com suas maravilhas, lá estará também todas as suas obras e maravilhas.

Da mesmaforma portanto, precisamos saber que oexterno deseja veementemente o interno, pois tudo se volta para o centro ou origem, aspirando a liberdade. Pois, no fogo da natureza há angústia e tormento; ora, a formação ou imagem da bondade na fonte do amor deseja ser livre, e ainda não pode ser livre na fonte das essências ígneas, até chegar o tempo em que as fontes se dividirão na ruptura: então cada uma passará para seu mysterium. Da mesma forma, o fogo quer ficar livre da água, pois a água é também a morte do fogo, e também um mysterium para ele. Vemos aqui, como a água mantém o fogo cativo, ainda que não haja mortificação no fogo, mas somente um mysterium, como pode ser visto quando ele rompe na água e se manifesta, quando se revela do centro de sua geração. Isto pode ser observado na iluminação, e também reconhecido numa pedra, que é água. Vemos contudo, como que todas as formas da natureza desejam a luz, pois neste desejo é gerado o óleo em que a luz se torna conhecida, ela que tem origem na bondade.

Nossa vida deve ser assim, conhecida de nós, ou seja, que em nós o centro do fogo permaneça aberto, pois a vida queima no fogo. Consideremos então, o desejo pelo amor que tem origem na palavra da

vida, no mundo angélico onde o coração de Deus com seus desejos, permanece voltado para nós com sua concepção, que também nos atrai para o mysterium divino.

É preciso ainda considerar o reino mágico deste mundo, que também queima em nós e nos atrai veementemente para suas maravilhas, pois deseja se manifestar. O homem foi criado para este fim: revelar o mysterium e trazer as maravilhas à luz e à forma, de acordo com a sabedoria eterna. Sabendo que este é o seu papel e que assim queima num fogo ternário, o verdadeiro espírito, onde a imagem angélica habita, possui uma grande inquietação e corre grande perigo, pois caminha numa via bastante estreita e possui dois inimigos que lhe atraem continuamente, cada um deles deseja estar na imagem e introduzir ali sua fonte. Trata-se do fogo interno e do fogo externo; o reino interno da ira e o reino terrestre externo do espelho. Assim, a verdadeira imagem permanece no meio, comprimida. Pois o reino interno deseja manifestar as maravilhas através do reino externo, mas por ser bastante astuto o reino externo esquiva-se do reino interno, se contendo no meio, ou na imagem, que permanece na liberdade de Deus, deixando-se rodear pela imagem. A imagem tudo alcança fora do coração de Deus, assim como o centro do reino do contentamento. A imagem tem que se defender, para não deixar entrar o hóspede terrestre, muito menos um que seja ígneo, ainda que seja gerada do dois, ou seja, a vida do fogo e as maravilhas da vida externa. Portanto é extremamente necessário para a imagem do homem ter uma vida temperada e tranqüila e não se saturar do reino externo, o que a impediria de habitar a nobre imagem.

Com isto compreendemos a grande luta do homem pela imagem de Deus, pois há três vidas lutando por ela; a vida-ígnea externa; a vida divina e por fim, a vida terrestre. A nobre imagem permanece ao meio, sendo disputada pelas três. É preciso então, se ocultar na fé, no mysterium da esperança e permanecer firme neste mysterium, visto que o diabo na vida-ígnea interior se escapa continuamente para a vida terrestre exterior, na forma de orgulho, falsidade e avareza, encobrindo a nobre imagem, podendo trazê-la para uma vida de fogo e angústia, o que seria a sua interrupção. Ele sempre pensa que o espaço deste mundo é seu reino; que ali ele não sofrerá outra imagem. Ora, a nobre imagem cai em sofrimento, tribulações, angústia e aflição, e neste ponto um grande conflito ocorre, pela luta de conquistar a coroa

cavalheiresca da imagem de Deus. Assim surge a oração para que a imagem possa sempre sair, com ela, do ser terrestre, e também fora do orgulho, das abominações infernais, que penetram continuamente a vida de Deus e seu Amor. Desta forma a verdadeira imagem mata continuamente o Adão terrestre assim como o abominável mal do orgulho; ela deve permanecer sempre como uma campeã. A coisa mais necessária para a imagem é se envolver de paciência, se atirar à cruz e sempre brotar no amor, que é a sua espada, com a qual mata o mal e se retira da natureza terrestre. Não há outra espada com que se defender senão a doce água da vida eterna; esta o orgulhoso e terrível espírito-ígneo não abomina, pois é como veneno que o coloca em fuga.

Se desejamos justamente, fazer com que a árvore da fé Cristã seja conhecida, devemos dizer: Sua raiz se encontra no mysterium da esperança, ela cresce no amor e seu corpo na manutenção da fé, que é quando a imagem, com o seu mais puro desejo, penetra no amor de Deus e alcança a subistancialidade de Deus, ou seja o corpo de Cristo. Este é o corpus onde a árvore se sustenta, cresce, floresce e frutifica na paciência. Todos estes frutos pertencem ao mundo angélico, eles são o alimento da alma; é deles que a alma se alimenta e refresca sua vida ígnea a fim de que se transmute para luz de bondade.

Assim cresce a árvore no paraíso de Deus, uma árvore que o homem exterior não conhece, e que razão alguma alcança, mas muito bem conhecida da nobre imagem. Quando a vida externa é interrompida, a árvore se manifesta e todas as suas obras a seguem no mysterium da esperança onde foi semeada. Portanto, aqueles que pretendem seguir o caminho dos peregrinos de Deus, não busquem ter, neste mundo, dias bons e prazeirosos, repletos de honras terrestres; mas tribulação, escárnio e perseguições o esperam a cada minuto. Aqui ele está apenas num vale de miséria e deve permanecer continuamente na guerra, pois o demônio o ataca como um leão que ruge, e incita todos os seus filhos da fraqueza contra ele. Ele é considerado um tolo, um estranho ao seu irmão, a casa de sua mãe o despreza e o rejeita. Ele passa por tudo isto, semeia na tribulação, sofre angústias, mas não há ninguém que o compreenda ou que tenha seu coração tocado. Todos dizem que sua loucura é sua ruína. Assim ele permanece oculto ao mundo, pois com sua nobre imagem ele nasceu, não

do mundo, mas de Deus. Ele semeia na dor e colhe na alegria. Mas quem poderia expressar a glória com que é recompensado? Ou quem ousaria falar sobre a coroa cavalheiresca que lhe pertence? Quem poderia expressar a coroa virginal que a virgem da sabedoria de Deus coloca sobre ele? Onde estará tal beleza que vai além do Céu? Ó nobre imagem! Tu és, de fato, a imagem da Santa Trindade onde o próprio Deus habita. Deus coloca sobre ti suas jóias mais preciosas, para que tu te regozije eternamente Nele.

Qual é então, a natureza deste mundo, visto que se interrompe e leva o homem unicamente à dor, angústia e miséria, e o que é pior, à ira de Deus, destrui sua imagem pura e o cobre com uma monstruosa casca? Ó, que vergonha imensa o homem terá por causa disto, quando no dia do julgamento de Deus aparecerá assim, com uma imagem bestial, sem falar do que aconteceu depois, que o fará permanecer ali para sempre. Agora uma repetição terá início, choro e lamentações pelas garantias perdidas, que não podem ser recuperadas em toda eternidade, pois a imagem tem de estar eternamente diante do terrível demônio e realizar o que Lucifer, o príncipe das abominações, deseja.

Meu caro, buscador, mente ansiosa, faminto e sedento pelo reino de Deus, preste muita atenção ao solo que lhe é mostrado. Não é nada fácil se tornar um filho de Deus, como Babel nos ensina. Ali, consciências são levadas por histórias, são encantadas pelo sofrimento e morte de Cristo; ali o perdão dos pecados é ensinado historicamente como num tribunal mundano, lá a culpa é perdoada em troca de favores, embora o homem permaneça um hipócrita em seu coração. Aqui tudo é totalmente diferente; Deus não terá nenhum hipócrita. Ele não tira os nossos pecados enquanto nos apegamos unicamente à ciência e nos confortamos com os sofrimentos de Cristo, sendo que nossa consciência permanece nas abominações. As Escrituras dizem: “É preciso nascer de novo, ou não verás o reino de Deus”. Um homem que se encanta com os sofrimentos e morte de Cristo, atribuindo isto a si mesmo, mas que com sua vontade não se regenera no homem Adâmico, é como aquele que acredita que seu patrão irá lhe conceder alguma terra, embora não seja seu filho, mesmo que o patrão tenha prometido entregar a terra somente a seu filho. Aqui é a mesma coisa: Para receberes a terra de teu mestre e tê-las como tua, deves te tornar seu verdadeiro filho, pois o filho da serva não herdará o mesmo que o filho da

mulher livre. O filho da História é um estranho; tu deves nascer de Deus em Cristo, para que possas te tornar um verdadeiro filho; assim serás filho de Deus e um herdeiro do sofrimento e morte de Cristo. A morte de Cristo é a tua morte, a Sua ressurreição do túmulo é a tua ressurreição, e Seu reino eterno o teu reino. Com isto tu nascerá como o verdadeiro filho de Sua Carne e Sangue e herdarás Teus bens. Não há outra forma de se tornar o filho e o herdeiro de Cristo.

Enquanto o reino terrestre permanecer na tua imagem, tu és o filho terrestre do corrupto Adão. Não há como disfarçar. Podes dizer belas palavras diante de Deus, à vontade, tu não passas de um filho estranho e os bens de Deus não serão teus até que tu retornes com o filho pródigo num real ato de penitência e arrependimento por tua herança perdida. É preciso, para tanto, que tu saias com tua vontade-espírito desta vida terrestre e interrompa a vontade terrestre; (é doloroso renunciar, com a mente e vontade-espírito, aos tesouros uma vez possuídos, nos quais a vontade-espírito foi gerada), e tu entrarás na vontade-espírito de Deus. Ali tu irás semear a tua semente no reino de Deus e renascerá em Deus como um fruto que cresce nos campos do Senhor, pois receberás o poder de Deus, o corpo de Cristo e o novo corpo em Deus irá crescer em ti. Serás tu o filho de Deus e os bens de Cristo pertencerão a ti. Seu mérito será teu mérito, Seu sofrimento, morte e ressurreição, todos teus, tu és um membro de Seu corpo, Seu Espírito é teu espírito, Ele irá te guiar no caminho correto e tudo o que fizer, farás a Deus. Tu semeias neste mundo e colherás no céu de Deus; tu és a obra maravilhosa de Deus e tu revelas Suas maravilhas na vida terrestre e as atraem, com tua vontade-espírito para o santo mysterium.

Lembre-se disto: a avareza, o orgulho, a inveja, o falso julgamento, os homens fracos, que colocam sua vontade e desejos nos bens terrestres, dinheiro e possessões, nas doçuras desta vida e consideram dinheiro e posses como seu tesouro, depositando aí os seus desejos, embora desejem ser filhos de Deus; estes que se posicionam diante de Deus e fingem, a fim de que Ele perdoe seus pecados, mas que com sua imagem permanecem na pele de Adão, na carne de Adão, e que se consolam com os sofrimentos de Cristo, não estão mais que fingindo. Eles não são filhos de Deus; para serem filhos de Deus é preciso nascer em Deus, de outra forma estarão apenas se enganando, juntamente com os hipócritas que produzem aspectos

ilusórios diante de ti. Eles ensinam, mas não são conhecidos de Deus, e não são enviados para ensinar. Ensinam para sobreviverem e para receberem honras mundanas, são os grandes prostitutos de Babel, que fingem diante de Deus com seus lábios, mas que com seu coração e sua vontade-espírito servem ao dragão de Babel.

Cara alma, se queres te tornar filha de Deus, prepara-te para a tentação e tribulação. Não é fácil e nem prazeiroso entrar na vida de filho, principalmente quando a razão se encontra aprisionada no reino terrestre. A razão deve ser quebrada, e a vontade deve abandoná-la, semeando a si mesma no Reino de Deus, numa humilde obediência, como um grão é semeado no campo. A vontade tem que se tornar como que morta na razão e se doar à Deus; assim o novo fruto cresce no reino de Deus.

O homem portanto, permanece numa vida ternária e tudo pertence a Deus; as essências ígneas interiores do primeiro princípio são incorporadas ao novo corpo em Cristo, para que possam fluir da vontade de Deus para a carne e sangue de Cristo. Seu fogo é o fogo de Deus, de onde queima o amor, a bondade, a brandura, de onde emana o Espírito Santo e os auxiliam a manter a batalha contra a razão terrestre e também contra a carne corrupta e a vontade do demônio. O jugo do homem pela vontade terrestre se torna mais fácil para ele, mas é preciso se manter na guerra enquanto estiver neste mundo, pois o sustento pertence à vida terrestre; este homem deve buscar o seu sustento, sem contudo colocar aí o seu coração e a sua vontade, separar as coisas; ele deve confiar em Deus, sua razão terrestre cai continuamente na dúvida de que ele pode sofrer perdas; ele deseja continuamente ver a Deus, mas não consegue, pois Deus não habita no reino terrestre mas em si mesmo.

Desta forma, a razão, por não poder ver a Deus, deve ser dirigida para a esperança; lá a dúvida corre contra a fé e destruiria a esperança. Então a vontade determinada irá deve lutar com a verdadeira imagem contra a razão terrestre. Isto é doloroso e geralmente vai mal, principalmente quando a razão considera o curso deste mundo, e reconhece sua vontade-espírito como tola em relação ao curso deste mundo. Dizem as Escritura: Seja moderado, vigie, jejue e ore, a fim de que tu possas adormecer a razão terrestre, e torná-la como que morta, para que o espírito de Deus possa

encontrar um lugar em ti. Quando ele aparece, domina rapidamente a razão terrestre e olha com seu amor e doçura para a vontade em sua angústia, e cada vez que isto ocorre um formoso pequenino galho da árvore da fé é gerado, e toda tribulação e tentação servem para o bem dos filhos de Deus. Pois, quando Deus ordena que seus filhos sejam trazidos para a angústia e tribulação, eles se preparam param para dar à luz a um novo galho da árvore da fé. Cada vez que o espírito de Deus aparece ele provoca um crescimento, o que proporciona grande regozijo na nobre imagem. É só uma questão do primeiro terrível ataque violento, quando a árvore terrestre deve ser dominada e o grão nobre semeado no campo de Deus, a fim de que o homem possa aprender a conhecer o homem terrestre. Pois quando a vontade recebe a luz de Deus, o espelho se vê em si mesmo, uma essência vê a outra na luz. Assim o homem em sua totalidade , se encontra em si mesmo e sabe o que é, o que não pode saber na razão terrestre.

Portanto, que ninguém pense que a árvore da fé Cristã possa ser vista ou conhecida no reino deste mundo. A razão externa não a conhece, e embora a árvore justa já se encontre no homem interior, a razão externa e terrestre ainda duvida, pois o Espírito de Deus é para ela uma bobagem, que não pode ser compreendida. Embora possa ocorrer que o Espírito Santo se revele no espelho exterior, a fim de que a vida exterior tenha grande satisfação e pense: Agora eu ganhei um convidado valioso, agora eu vou acreditar, ainda que não haja uma continuação perfeita, pois o Espírito de Deus não mantém seu domínio na fonte terrestre. Ele terá um vaso puro, e quando se retirar em seu princípio, ou seja, sua verdadeira imagem, a vida exterior fica desesperada e retraída. Assim, a nobre imagem deve lutar sempre contra a vida- razão exterior, e quanto mais ela luta, mais cresce aquela árvore justa, pois a imagem coopera com Deus. Pois da mesma forma que uma árvore terrestre cresce ao vento, chuva, frio e calor, também a árvore da imagem de Deus cresce dentre sofrimento e tribulação, na angústia e na dor, no escárnio e no desprezo, e floresce no reino de Deus e gera frutos na paciência.

A encarnação de Jesus Cristo



Quando Jesus perguntou a seus discípulos: “Quem, dizem os homens ser o Filho do Homem?” Disseram: “Uns afirmam que é João Batista, outros que é Elias, outros ainda, que é Jeremias ou um dos profetas” Então lhes perguntou: “E vós, quem dizeis que eu sou?” Simão Pedro, respondendo disse: “Tu és o Cristo, o filho do Deus vivo”. Jesus respondeu-lhe: “Bem-aventurado és tu, Simão, filho de Jonas, porque não foi carne ou sangue que te revelaram isso, e sim o meu Pai que está nos céus. Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei minha Igreja, e as portas do Inferno nunca prevalecerão contra ela. Eu te darei as chaves do Reino dos Céus e o que ligares na terra será ligado nos céus, e o que desligares na terra será desligado nos céus”. Em seguida, proibiu severamente os discípulos de falarem a alguém que ele era o Cristo. A partir dessa época, Jesus começou a mostrar aos seus discípulos que era necessário que fosse a Jerusalém e sofresse muito por parte dos anciãos, dos chefes dos sacerdotes e dos escribas, e que fosse morto e ressurgisse ao terceiro dia”. (Mt.6, 3-). Sua intenção era mostrar que a razão pessoal, no conhecimento e sabedoria deste mundo, não poderia conhecer ou compreender a pessoa que era Deus e homem; mas que essa pessoa seria corretamente conhecida daqueles capazes de entregar-se inteiramente a ele, e por seu Nome suportar a cruz, a tribulação e a perseguição, de forma fiel. De fato, embora essa pessoa vivesse visivelmente entre nós neste mundo, era pouco conhecido pelo sábio da razão. E embora caminhasse nas maravilhas Divinas, a razão exterior era tão cega e tola que aquelas grandes maravilhas ou milagres foram atribuídos, pelos mais sábios da ciência da razão, ao demônio. Exatamente como no tempo em que vivia visivelmente neste mundo, ele

permanece desconhecido da razão e do conhecimento pessoal, de modo que é e continua sendo, até agora, irreconhecível e desconhecido da razão exterior.

Tantas contentas e disputas surgiram sobre a sua pessoa, na medida em que a razão exterior sempre acredita ter compreendido o que é Deus e o homem, e como podem ser uma só pessoa. Essa disputa preencheu a terra, pois a razão pessoal sempre pretendeu ter apoderado-se da pérola, sem refletir que o reino de Deus não pertence a este mundo e que a carne e o sangue não podem conhecer ou compreendê- lo, muito menos penetrá-lo.

Do mesmo modo, convém a todos que pretendem falar sobre os mistérios Divinos ou mesmo ensiná-los, que possuam o Espírito de Deus, e que saibam à luz Divina o que expressar como verdade; nunca se deve extrair o ensinamento de sua própria razão, nem se apoiar meramente na letra, sem o conhecimento Divino, arrastando-se nas Escrituras, como faz a razão. Muitos erros surgem daqui, pois os homens tem buscado o conhecimento Divino em sua própria compreensão e ciência, passando da verdade de Deus para a razão pessoal, considerando a encarnação de Cristo como algo remoto e distante, enquanto todos devemos nascer novamente de Deus, nesta encarnação, se pretendemos escapar da cólera da natureza Eterna.

Cabe aos filhos de Deus uma obra íntima e inerente, com a qual deveriam ocupar- se de hora em hora, diariamente, a fim de penetrar continuamente a encarnação de Cristo, deixar a razão terrestre, e assim, durante esta vida de sofrimento, nascer no nascimento e encarnação de Cristo, caso queiram ser os filhos de Deus em Cristo: Eu me propus a escrever sobre este alto mistério, de acordo com meu conhecimento e dons, para um memorial, para que eu possa assim, ter a oportunidade de recriar e renovar a mim mesmo cordialmente com meu Emanuel, - pois, encontro-me como outros filhos de Deus neste nascimento, - para que eu tenha um memorial e um apoio, caso os trevosos e terrestres, carne e sangue, colocarem em mim o veneno do demônio, obscurecendo minha imagem. Proponho este trabalho como um exercício de fé, através do qual minha alma possa, como um ramo em sua árvore, Jesus Cristo, renovar-se com sua seiva e poder. Assim, não com instrução e grandes discursos da ciência ou luzes da razão deste mundo, mas segundo o conhecimento que tenho de minha árvore que é o Cristo,

para que meu ramo também possa florescer e crescer, ao lado de outros, na árvore e vida de Deus. Embora meu fundamento seja elevado e profundo, explicarei de forma clara; contudo devo dizer ao leitor, que sem o espírito de Deus, tudo será para ele um mistério incompreendido. Portanto, que cada um reflita sobre o julgamento que emprega, a fim de não cair no julgamento de Deus,ser agarrado por sua própria turba, e derrotado pela razão. Digo isto com boa intenção e afeição, para reflexão do leitor.

Se iremos escrever sobre a encarnação e nascimento de Jesus Cristo, o Filho de Deus, corretamente, devemos refletir sobre a causa, considerando o que movimentou Deus a tornar-se homem, tendo em vista que isso não era necessário para a realização de seu ser. Não se pode dizer que o ser de Deus, propriamente dito, tenha sido modificado na encarnação. Deus é imutável, e ainda assim tornou-se o que Ele não era; mas sua propriedade permaneceu, ao mesmo tempo, imutável. Foi unicamente por causa da queda e salvação do homem, para que Ele pudesse trazê- lo novamente ao Paraíso. É preciso considerar o primeiro homem, da forma que era antes da queda, o que motivou a movimentação da Divindade.

Sabemos que Moisés diz: “Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus ele o criou, homem e mulher ele os criou” (Gn ,7). Compreenda, então, que Deus, que é um Espírito, olhou a si mesmo numa imagem, como numa semelhança. Ele também criou este mundo, para que pudesse manifestar a Natureza Eterna em essência e substância, assim como nas criaturas e figuras viventes, para que tudo isso pudesse ser uma semelhança e uma produção da Natureza Eterna do primeiro Princípio. Semelhança, que antes dos tempos do mundo, permanecia na sabedoria de Deus, como uma magia oculta, e que foi vista na sabedoria pelo Espírito de Deus, que no princípio deste mundo movimentou a Natureza Eterna, manifestando e revelando a semelhança do mundo divino oculto. Pois, o mundo ígneo encontrava-se como que absorvido e oculto na luz de Deus, a luz da Majestade reinava sozinha em si mesma. Não se deve pensar, no entanto, que o mundo ígneo não existia. Existia; mas separado em seu próprio princípio, e não estava manifestado na luz da Majestade de Deus. Podemos conceber este fato, observando o fogo e a luz; o fogo é, de fato, a causa da luz, e a luz habita no fogo, sem ser capturada por ele, e tendo uma outra vida além do fogo. Pois, o fogo é ferocidade e consome, e a luz é brandura,

e de seu poder surge a substancialidade, como a água ou súlfur de algo, que o fogo atrai para si e usa para sua força e vida, formando com isso um laço eterno.

Este fogo e a luz divina permaneceram, desde a eternidade, em si mesmos, cada um em sua ordem, em seu princípio, sem possuir fundamento ou começo. Pois o fogo tem em si sua própria forma como fonte, a saber, o Desejo, no qual e do qual todas as formas da natureza são geradas, uma como causa da outra, como já foi detalhado em outros escritos. Encontramos, na luz da natureza, que o fogo em sua essência própria, na fonte amarga do desejo, era trevas, e estava como que absorvido na brandura de Deus, sem inflamação; embora queimasse, só era perceptível como um princípio especial, na brandura de Deus. Pois, desde a eternidade só haviam dois princípios: o mundo ígneo, em si mesmo, e o outro também contido em si mesmo, o mundo da luz-flamejante; embora não estivessem separados, como o fogo e a luz não estão separados, a luz habitava o fogo, sem ser capturada por ele.

Devemos compreender dois tipos de espíritos unidos um no outro, ou seja, primeiro um espírito ígneo, em conformidade com a essência da natureza severa e amarga, procedendo do fogo essencial feroz que é frio e quente, conhecido como sendo o espírito da cólera de Deus, pertencente à propriedade do Pai, de acordo com a qual ele se denomina um Deus ciumento e colérico; um fogo consumidor pelo qual o Primeiro Princípio é compreendido. Segundo, um espírito gentil de luz-flamejante, que desde a eternidade recebe sua transformação no centro da luz; pois no Primeiro Princípio, na propriedade do Pai, esse é um espírito ígneo, e no segundo Princípio, na luz, um espírito brando de luz-flamejante, gerado desta forma desde a eternidade, sendo um, não dois. Mas que é compreendido numa fonte dupla, ou seja, no fogo e na luz, segundo a propriedade de cada fonte, como pode ser suficientemente compreendido em qualquer fogo exterior, onde a fonte do fogo origina um espírito feroz e consumidor, e a fonte da luz fornece um espírito amoroso e brando, ainda que originalmente haja senão um espírito.

Da mesma forma, devemos considerar o Ser da eternidade ou a Santa Trindade, que na luz da Majestade reconhecemos como sendo a Divindade,

e no fogo como sendo a Natureza Eterna. Pois o espírito todo poderoso de Deus, com os dois Princípios, tem sido desde a eternidade o Todo; não há nada anterior a ele, ele é o próprio fundamento e o não fundamento. O Ser divino é considerado especialmente como uma única existência em si, habitando fora da natureza e propriedade ígnea, na propriedade da luz, e é chamado Deus; não da propriedade do fogo, mas da propriedade da luz, embora as duas propriedades sejam inseparáveis. Como vemos neste mundo, que um fogo oculto permanece oculto nas profundezas da natureza e em todos os seres, sem o qual nenhum fogo exterior poderia ser produzido. Observamos como a brandura da água mantém esse fogo oculto aprisionado em si mesma, a fim de que ele não possa ser revelado; pois está como que absorvido na água, sendo portanto essencial e não substancial, sendo conhecido e qualificado ao despertar-se; tudo era um nada e um não fundamento sem o fogo.

Assim, compreendemos também que o terceiro Princípio, ou a fonte e o espírito deste mundo encontrava-se oculto, desde a eternidade, na Natureza Eterna da propriedade do Pai, e que fora visto pelo Espírito de luz-flamejante na santa Magia, na sabedoria de Deus e na tintura divina. Consequentemente, a Divindade movimentou- se de acordo com a natureza da genetrix, manifestando o grande mistério, onde encontra-se tudo o que a Natureza Eterna pode fazer. Isso era, contudo, apenas um mysterium, e não assemelhava-se a nenhuma criatura, mas que continha tudo em si, como num caos. A natureza colérica e feroz gerou um caos escuro, e a natureza de luz- flamejante, em sua propriedade, gerou chamas na Majestade e na brandura, que tem sido, desde a eternidade, a fonte de água e causa da santa e divina essencialidade. Era somente poder e espírito, sem paralelo, nada era discernido ali, senão o Espírito de Deus numa fonte e forma dupla, ou seja, a severa fonte do fogo, fria e quente, e a branda fonte do amor, na forma de fogo e luz.

É como um mistério que penetra um no outro, sem que um compreenda o outro, mas que ao mesmo tempo permanecia em dois princípios. Aqui então o azedume ou o pai da natureza busca a essência no mistério, onde quer que tivesse sido formada como que numa imagem, ainda que não houvesse nenhuma imagem, mas como que a sombra de uma imagem. Tudo sempre teve, no mistério, um eterno começo, e não se pode dizer que algo tenha

surgido sem ter sua figura como sombra na grande Magia eterna; mas não havia ser, somente uma vibração espiritual, uma na outra, constituindo a Magia das grandes maravilhas de Deus, onde sempre houve origem, onde não havia nada, senão uma existência infundada. Este nada, na natureza do fogo e da luz, avançou para um fundamento, ainda que tenha saído do nada senão do espírito da fonte, que não é um ser, mas uma fonte que origina-se de si mesma em si mesma em duas propriedades, e da mesma forma, separa-se em dois princípios. Não há separador ou realizador, nem qualquer causa de sua própria criatividade, ela própria é a causa.

Assim, somos capazes agora de reconhecer a criação deste mundo, incluindo tanto a criação dos anjos como a do homem e de todas as criaturas. Tudo foi criado a partir do grande mistério. Pois, o terceiro Princípio posicionou-se diante de Deus como uma magia, não sendo manifestado por inteiro. Deus não tinha nenhuma semelhança, na qual pudesse manter seu próprio ser, mas somente a sabedoria. Este era seu anseio, e estava lá em sua vontade, com seu espírito, como uma grande maravilha na magia divina de luz-flamejante do Espírito de Deus. Pois, a sabedoria era a morada do Espírito de Deus, e não uma genetrix, mas a revelação de Deus, uma virgem e causa da divina essencialidade, pois nela encontra-se a tintura divina de luz-flamejante para o coração de Deus, assim como para o Verbo da vida da Divindade, a revelação da Santa Trindade. Não que a sabedoria tenha manifestado a Deus através de seu próprio poder e produtividade, mas o centro divino, ou seja, o coração de Deus ou ser, manifestou-se nela. A sabedoria é como se fosse o espelho da Divindade; pois nenhum espelho produz ou mantém qualquer imagem, apenas recebe a imagem. Da mesma forma esta virgem da sabedoria é um espelho da Divindade, no qual o Espírito de Deus se mantém, assim como todas as maravilhas da magia, que chegaram à existência com a criação do terceiro Princípio. Tudo foi criado a partir do grande mistério, e a virgem da sabedoria de Deus permaneceu no mistério e nela o Espírito de Deus viu as formas das criaturas. Pois isto é aquilo que é pronunciado, aquilo que o Pai pronuncia através do Espírito Santo, a partir de seu centro da propriedade divina de luz-flamejante, do centro de seu coração, do Verbo da Divindade. A sabedoria permanece diante da Divindade como Seu reflexo ou espelho, onde a Divindade se mantém, e nela repousa o reino divino da alegria e da vontade divina, ou seja, as grandes maravilhas da eternidade, que não tem

começo nem fim, nem número, mas tudo é um eterno começo e um eterno fim, e juntos assemelham- se a um olho que vê, onde contudo não há nada a vista, ainda que a vista surja da essência do fogo e da luz.

Assim, compreenda na essência do fogo, a propriedade do Pai e o primeiro Princípio; na fonte e propriedade da Luz a natureza do Filho ou o segundo Princípio; e o Espírito governante que procede destas duas propriedades compreenda como o Espírito de Deus, que no primeiro Princípio é colérico, severo, amargo, azedo, frio e feroz, o espírito propulsor na cólera. Portanto ele não reside na cólera e na ferocidade, mas sai e sopra o fogo essencial, unindo-se novamente à essência do fogo, pois as essências ígneas atraem o espírito novamente para si, já que o espírito é a sua fonte e a sua vida; novamente, no fogo inflamado na luz, o espírito procede do Pai e do Filho, revelando as essências ígneas na fonte da luz, através da qual as essências ígneas queimam num grande desejo de amor, e a fonte austera rigorosa não é conhecida na fonte da luz, a fim de que a severidade do fogo seja apenas uma causa da majestade da luz-flamejante e o amor desejoso.

Assim, devemos compreender o Ser da Divindade e também da Natureza Eterna. Compreendamos sempre o ser divino na luz da majestade, pois a luz branda torna a natureza severa do Pai gentil, amorosa e misericordiosa, quando Deus é denominado um Pai de misericórdia, de acordo com seu coração ou Filho. Pois a propriedade do Pai encontra-se no fogo e na luz. Ele é o Ser de todos os seres. Ele é o não fundamento e o fundamento, e no nascimento eterno divide-se em três princípios, embora na eternidade haja senão dois princípios no ser, e o terceiro é como um espelho dos dois primeiros, do qual este mundo foi criado como uma existência palpável num começo e fim.

A manifestação da Divindade através da criação dos anjos e homens a partir da Essência Divina.

Visto que houve um mistério desde a eternidade, consideraremos agora a sua manifestação. Podemos falar da eternidade somente como se falássemos de um espírito, pois o todo era unicamente espírito; mesmo assim, da eternidade gerou a si mesmo em substância, através da ânsia e do desejo. Não podemos dizer que na eternidade não havia substância, pois nenhum

fogo existe sem substância. Tampouco há brandura, sem a produção de substância. Pois a brandura produz a água e o fogo a absorve, transformando-a em si mesmo, uma parte nos céus e firmamento, e a outra parte no súlfur, onde o espírito-ígneo com sua roda de essências, produz um mercúrio e desperta o Vulcão (lança fogo), através do qual o terceiro espírito ou o ar é gerado. No meio encontra-se a tintura pura, como um lustre de cores, e que possui sua origem da sabedoria de Deus. Cada cor permanece com sua essência, na brandura da fonte de água, obscura, a qual tem sua origem da ferocidade amarga.

Cada forma anseia pela outra, e pela ânsia do desejo, uma forma é impregnada pela outra, sendo que uma traz a outra à existência, de forma que a eternidade permanece num perpétua magia, onde a natureza encontra-se num processo de crescimento e fortalecimento, o fogo a consome e a origina, formando um laço eterno. Mas a luz da Majestade e da Trindade de Deus é imutável; pois o fogo não pode apreender a luz, que vive livre em si mesma.

Reconhecemos e observamos, contudo, que a luz do amor deseja as maravilhas e imagens na sabedoria; em tal desejo, este mundo foi percebido, desde a eternidade, como um modelo (forma espelhada), na sabedoria, na profunda e oculta magia de Deus; pois o desejo de amor busca o fundamento e o não fundamento. O desejo da cólera, ou seja, da fonte severa e amarga na natureza e propriedade do Pai, aqui encontra-se misturado, desde a eternidade. Assim, a imagem dos anjos e homens na propriedade divina, assim como na propriedade da cólera, os demônios, foram vistos na sabedoria de Deus desde a eternidade: ainda não como algum ser, mas da mesma forma que um pensamento surge nas profundezas da mente, sendo trazida diante de seu próprio espelho da alma, onde um objeto que não tem ser, aparece freqüentemente.

Assim as duas genetrixes, a da cólera no fogo e a do amor na luz, trouxeram sua forma na sabedoria, onde o coração de Deus desejou, no amor, produzir sua forma espelhada numa imagem angélica, composta pela essência divina, a fim de que estas formas pudessem ser imagem e semelhança da Divindade e habitar na sabedoria de Deus, preenchendo a ânsia da Divindade e para o eterno deleite do divino reino da alegria.

Precisamos considerar agora o Verbum Fiat, que os abarcou e os trouxe a uma substância e a um ser corporal, pois a vontade desta imagem surgiu do Pai, da propriedade do Pai, no Verbo ou coração de Deus desde a eternidade, como uma vontade que deseja a criatura e a manifestação da Divindade. Porque, contudo, Deus não colocou-se em movimento até o momento da criação dos anjos; portanto, não ocorreu criação alguma até a criação dos anjos. Mas a razão e causa disto não cabe a nós conhecermos; Deus guardou em seu poder, como foi que alguma vez se colocou em movimento, sendo que é, de fato, um Deus imutável. Não devemos ir além nesta questão, o que iria nos confundir.

Mas sobre a criação temos o poder de falar, pois trata-se de uma obra no ser de Deus. Compreendemos, que a vontade do Verbo ou o coração de Deus, é retida pelo Fiat amargo, no centro da natureza do Pai, com seus sete espíritos e formas da Natureza eterna, e que na forma de um trono, através do qual o Fiat amargo apareceu não como um realizador, mas como um agente na propriedade de cada essência, ou seja, nas grandes maravilhas da sabedoria. Assim como as imagens foram retidas, desde a eternidade na sabedoria, foram agora abarcadas pelo Fiat na Vontade-espírito de Deus, e não foram tomadas de forma alienatória, mas da essência de Deus, ou da natureza do Pai. Elas foram, com a Vontade-espírito de Deus, introduzidas na luz da Majestade, onde passaram a ser os filhos de Deus e não estranhos; nasceram e foram criadas, da natureza e propriedade eterna do Pai, e o espírito de sua vontade foi direcionada à natureza e propriedade do Filho. Eles podiam se alimentar e deveriam fazê-lo do amor e essencialidade de Deus, na luz da Majestade; com isso, sua propriedade feroz, proveniente da natureza do Pai, era transformada em amor e alegria. Assim procederam todos, com exceção de um trono e reino, que se voltou para longe da luz do amor, e desejou, na severa natureza- ígnea, reinar sobre a brandura e o amor de Deus. Consequentemente, este trono foi dirigido para fora da propriedade do Pai, fora do lugar próprio da criatura para as trevas eternas, para o abismo do Fiat adstringente; ali deve permanecer em sua própria eternidade; desta forma, a cólera da Natureza Eterna também foi satisfeita.

Mas não se deve pensar que o Rei Lúcifer não poderia ter permanecido firme. Ele possuía a luz da Majestade diante dele, da mesma forma que os outros anjos- tronos. Se sua imaginação tivesse ocorrido na luz, teria

permanecido um anjo; mas ele se retirou do amor de Deus, e penetrou a cólera, passando a ser um inimigo do amor de Deus e de todos os santos anjos.

Além do mais, precisamos considerar aqui, a hostil inflamação dos espíritos expulsos, quando ainda encontravam-se na propriedade do Pai; como acenderam, através da imaginação, a natureza da essencialidade, fazendo com que a terra e as pedras fossem produzidas da Essência celeste, e o espírito brando da água, na qualificação do fogo, tornou-se o firmamento abrasador. Imediatamente sucedeu-se a criação deste mundo como o terceiro Princípio; este mundo foi provido de uma outra luz, ou seja, o sol; com isso, o demônio foi privado de sua pompa, sendo fechado nas trevas como um prisioneiro, entre o reino de Deus e o reino deste mundo, a fim de que seu domínio neste mundo não se estenda além da turba, onde a cólera e a ira de Deus é despertada, e ali ele é um carrasco. Ele é um perpétuo mentiroso, caluniador e enganador das criaturas; ele transforma tudo o que é bom naquilo que é mal, assim que tem a oportunidade. O que quer que seja terrível e resplandecente, ali ele exibe seu poder, desejando sempre estar acima de Deus. Mas o céu, criado do meio das águas como um firmamento brando, abate sua pompa e orgulho, assim ele não é um príncipe soberano deste mundo, mas um príncipe da cólera.

Mas visto que o demônio foi expulso de seu lugar, este lugar ou trono (destituído de sua hoste angélica) desejou enormemente o seu príncipe; mas ele havia sido expulso. Deus então, criou um novo príncipe para este lugar, Adão, o primeiro homem, que também era um príncipe-trono diante de Deus. É preciso considerarmos aqui esta criação corretamente, assim como sua queda, o que fez com que o coração de Deus se movimentasse e se tornasse homem.

A criação do homem não é uma questão trivial, pois foi por causa de sua queda que Deus tornou-se homem, a fim de poder restaurá-lo. Portanto, sua queda não consiste no simples ato de se morder uma maçã; sua criação não ocorreu da forma que a razão acredita, na medida em que compreende o primeiro Adão, em sua criação, como sendo um mero torrão de terra. Não, cara alma, Deus não tornou-se homem por causa de um torrão de terra;

também não foi uma mera questão de desobediência, diante da qual Deus tornou-se tão colérico a ponto de sua cólera não ser apaziguada, a menos que ele se vingasse de seu Filho e o matasse.

Para nós homens, após a perda da imagem paradisíaca, isto é um mistério e permaneceu oculto, exceto para alguns que conseguiram apreender novamente o mistério celeste; para estes, algo foi revelado, de acordo com o homem interior. Pois, em Adão estamos mortos para o Paraíso e devemos, através da morte e da putrefação do corpo, florescer novamente no Paraíso, como num outro mundo, na vida de Deus, na essencialidade e corporalidade celeste. Mas ainda que o mistério possa estar em alguns, para terem adquirido novamente na alma, a essencialidade de Deus (ou o corpo de Cristo), ainda assim o Adão terrestre e corrupto encobriu o santo e puro mistério, sendo que o grande segredo permaneceu oculto da razão. Deus não habita neste mundo, no Princípio externo, mas sim no Princípio interno. Certamente, ele habita no lugar deste mundo, mas este mundo não o apreende. Como então poderia o homem terrestre apreender os mistérios de Deus? Se algum homem pretende apreendê-los, deve fazê-lo de acordo com o homem interior, nascido novamente de Deus.

Mas, visto que o Mistério divino irá então, revelar-se inteiramente, apresentando- se ao homem de forma compreensível, a fim de que ele compreenda o segredo claramente, é preciso refletir bem sobre o que isso significa, - nada menos do que a colheita deste mundo. Pois o início encontrou o fim e o meio foi colocado em separação. Que isto seja dito a vós, sim aos filhos, que herdarão o reino de Deus: É hora de grande seriedade; o campo deve ser preparado; o bem e o mal devem ser separados; o dia se vai; isto é um fato!

Se iremos falar do homem, compreendê-lo corretamente, do que foi feito, devemos considerar a Divindade como Ser de todas os seres, pois o homem foi criado à semelhança de Deus, a partir dos três princípios, uma imagem completa e semelhante a toda esfera de existência. Ele não era para ser somente uma imagem deste mundo, pois a imagem deste mundo é animal, e não foi por causa de uma imagem animal que Deus tornou-se homem. Nem Deus criou o homem para viver assim, na propriedade animal, como vivemos agora, após a queda, mas Ele o criou no Paraíso, na Vida eterna. O

homem não tinha esta carne animal, mas a carne celestial; com a queda, ela tornou-se terrestre e animal. Não devemos, no entanto, entender que o homem nada tinha deste mundo em si, mas os quatro elementos não reinavam nele, pois estavam reunidos em um, e o reino terrestre permanecia oculto. Ele deveria viver na qualidade celestial; embora tudo estivesse despertado no homem, ele deveria reinar com a qualidade celeste do segundo Princípio; a qualidade terrestre, o reino e a qualidade das estrelas e elementos deveriam estar sujeitas à qualidade paradisíaca. Nenhum calor, frio, doença ou miséria, nenhum temor deveria atingi-lo ou amendontrá-lo. Seu corpo poderia passar através das pedras e da terra sem prejudicar nenhum deles. Não havia nenhum homem eterno, que pudesse ser controlado terreamente e que fosse frágil.

Portanto, é preciso considerar o homem corretamente. Não se trata de uma questão de sofisticação ou imaginação, mas de saber e compreender no espírito de Deus. É dito: "É preciso renascer, se quiseres ver de novo o reino de Deus, o qual abandonastes". A ciência nada ajudará, senão o espírito de Deus, que abre a porta do céu à imagem do homem, para que ele veja com os três olhos. Pois o homem vive numa vida ternária, se é filho de Deus; caso contrário, vive somente uma vida binária. Sabemos, muito bem, que Adão abandonou, com a reta e santa imagem, que era a semelhança da Santa Trindade, o Ser Divino e imaginou na terrenidade, introduzindo o reino terrestre na imagem divina, o que provocou a sua corrupção e obscuridade; com isso, perdemos também a vista paradisíaca. Além do mais, Deus retirou o Paraíso do homem, o que o deixou frágil, fraco e sem poder ; imediatamente, os quatro elementos e as estrelas tornaram-se poderosos no homem; portanto, com Adão caímos sob a sua influência.

Esta foi também a causa da mulher; Deus dividiu Adão quando não pode permanecer firme, trazendo-o para duas tinturas, de acordo com o fogo e a água, uma fornecendo a alma, outra o espírito. Após a queda, o homem tornou-se uma entidade animal, devendo propagar-se através de uma propriedade animal, já que o Céu, o Paraíso e a Divindade tornaram-se um mistério para ele; aquilo que é eterno no homem , ou seja, a alma pura, ainda existe, mas coberta por uma vestimenta terrestre, obscura e infectada pela qualidade terrestre, envenenada pela falsa imaginação, o que o impede de ser reconhecido como filho de Deus; foi por causa disso que Deus

tornou-se homem, a fim de libertar a alma da obscura terrenidade e introduzi-la novamente na essencialidade celestial, na carne e sangue de Cristo que preenche os céus.

O portão da criação do homem

Embora isso já tenha sido explicado suficientemente em outros livros, como nem todos os tem em mãos, é necessário que se faça um resumo sobre a criação do homem, a fim de que a encarnação de Cristo seja, mais à frente, bem compreendida. Também por causa das pérolas, as quais no curso de sua busca, cabem mais e mais ao homem, sendo reveladas e concedidas à ele. Recriar a mim mesmo com Deus, produz em mim grande satisfação.

A criação do homem ocorreu em todos os três Princípios, ou seja, na natureza e propriedade eterna do Pai, na natureza e propriedade eterna do Filho, e na natureza e propriedade deste mundo. No homem, criado pelo Verbum Fiat, foi soprado o espírito ternário para sua vida, a partir de três princípios e fontes. Por um Fiat triplo ele foi criado, compreenda o que é corporal e essencial; a vontade do coração do Pai introduziu no homem o espírito, de acordo com todos os três Princípios. Compreenda isso da seguinte forma:

O homem foi criado inteiramente à semelhança de Deus. Deus manifestou-se na humanidade numa imagem, que deveria ser como Ele próprio. Pois Deus é tudo e tudo surgiu dele; como nem tudo é bom, consequentemente o tudo não é chamado Deus. Pois, com relação à pura divindade, Deus é um espírito de luz-flamejante e habita em nada, unicamente em si mesmo; não há nada como ele mesmo. Mas com relação à propriedade do fogo, de onde a luz é gerada, conhecemos a propriedade do fogo como sendo a natureza, que é a causa da vida, movimento e espírito, de outra forma não haveria nenhum espírito, nenhuma luz, nenhum ser, mas uma eterna quietude; não haveria características, nem virtudes, mas somente um não fundamento sem nenhum ser.

Embora a luz da Majestade habite o não fundamento (falta de

fundamento) sem ser capturada pela natureza e propriedade ígnea, devemos considerar o fogo e a luz, da seguinte forma: O fogo possui e produz uma fonte terrível e consumidora. Ora, há na fonte um decair, como um morrer, ou uma livre desistência. Esta livre rendição atinge a liberdade fora da fonte, como na morte, sem que haja morte alguma; mas ela descende um grau mais profundo em si mesma sendo libertada do tormento da angustia do fogo, mantendo a aspereza do fogo – mas não na angústia e sim na liberdade.

Com isso, a liberdade e o não fundamento passam a ser uma vida, e tornam-se uma luz; pois a liberdade recebe um lampejo da fonte angustiante e passa a desejar a substancialidade; o desejo se faz fecundo com a substancialidade da liberdade e da brandura. Pois aquilo que se aprofunda ou se volta para longe da fonte da angústia, regozija-se por estar livre da angústia, atraindo a satisfação para dentro de si e passa, com sua vontade, para fora de si, penetrando a vida e o espírito de alegria. Para expressar tal fato necessitaríamos de uma linguagem angélica. Mas na seqüência, ofereceremos ao leitor que ama à Deus, uma curta notificação para sua reflexão, a fim de compreender a substancialidade celeste.

Em Deus tudo é poder, espírito e vida; mas o que é substância não é espírito. Aquilo que descende do fogo, no não poder, é substância. Pois o espírito continua no fogo, mas separado em duas fontes: a do fogo e a que se inclina para a liberdade e para a luz. Esta última é chamada Deus, pois é branda e amorosa, contendo em si o reino da satisfação. O mundo angélico é compreendido na liberdade que descende da substancialidade.

Por termos abandonado a liberdade do mundo angélico para penetrarmos a fonte de trevas, cujo abismo é o fogo, não haveria remédio para nós, a menos que o poder e o Verbo da luz, como um Verbo da Vida Divina, torna-se um homem, a fim de nos tirar das trevas, através do tormento do fogo, da morte no fogo, penetrando novamente a liberdade da Vida divina, a essencialidade divina. Portanto, o Cristo tinha que morrer e com o espírito da alma passar pelo fogo da Natureza eterna, ou seja, pelo inferno e pela cólera da Natureza eterna, para a essencialidade divina, fazendo de nossa alma um caminho através da morte e da cólera, neste caminho devemos com Cristo e em Cristo penetrar a morte para a Vida divina eterna.

Mas com relação a essencialidade divina, ou seja, com relação a corporalidade divina, devemos compreender o seguinte: A luz fornece a brandura como um amor ; ora, a angústia do fogo deseja a brandura, capaz de saciar sua grande sede; pois o fogo é um desejar e a brandura um ceder, já que cede a si mesma. Assim, no desejo da brandura, o ser é produzido, como uma essencialidade substancial que escapou da ferocidade, que doa livremente sua própria vida: tal é a corporalidade. Pois, através do poder na brandura, torna-se substancial, sendo atraída e retida pelo amargor, ou seja, pelo Fiat eterno. Chama-se substancialidade ou corporalidade porque encontra- se rebaixada à fonte-ígnea e espírito, estando relativamente fraca, morta ou sem poder, embora seja uma vida essencial.

É preciso que o leitor entenda bem. Quando Deus criou os anjos, apenas dois Princípios estavam manifestados no ser, ou seja, a existência no fogo e na luz, quer dizer, primeiro envolvendo a essencialidade ígnea no Fiat severo e amargo, com as formas da natureza ígnea; em segundo lugar, envolvendo a essencialidade celeste do santo poder com as fontes-aquosas da brandura da vida de satisfação, na qual, como no amor e na brandura, o divino súlfur foi gerado, seu Fiat foi a vontade desejosa de Deus.

Desta Essência divina, assim como da Natureza de Deus, os anjos foram criados como criaturas. O espírito dos anjos, ou fonte de vida, continua no fogo; pois sem fogo não existe espírito algum. Mas passam do fogo para a luz, onde recebem a fonte do amor. O fogo foi apenas a causa de suas vidas; mas a ferocidade do fogo foi extinta pelo amor, na luz.

Lucifer desprezou isso e permaneceu um espírito de fogo. Assim, ele se elevou e acendeu a essencialidade em seu locus, de onde a terra e as pedras foram produzidas; ele foi banido. Começa aqui a terceira corporalidade e o terceiro Princípio, juntamente com o reino deste mundo.

Como o demônio foi banido do terceiro Princípio para as trevas, Deus criou uma outra imagem à Sua semelhança para esta região. Mas se esta imagem deveria ser a imagem de Deus, segundo todos os três Princípios, tinha que ser tirada de todos os três, e de cada entidade desta região, assim como o Fiat tinha, na criação, se manifestado no éter, em conexão com o trono principesco de Lúcifer. Pois o homem ocupou o lugar de Lúcifer; desde então, a grande inveja dos demônios não atribui ao homem esta

honra, mas o tem guiado continuamente pelo caminho corrupto e demoníaco, a fim de poderem aumentar seu reino. Fazem isso em rebeldia à brandura ou ao amor de Deus. Além do mais, acreditam, por viverem na ferocidade do forte poder, serem maiores do que o Espírito de Deus, que consiste de amor e brandura.

Assim, a Vontade-Espírito de Deus ou o santo Espírito dispôs o Fiat duplo em dois princípios, ou seja, o interno no mundo angélico e o externo neste mundo, criando o homem (Mesch ou Mensch) como uma pessoa mista. Pois deveria ser uma imagem do mundo interior e exterior, devendo reinar pela qualidade interior sobre a qualidade exterior: desta forma ele seria a semelhança de Deus; pois a natureza exterior estava suspensa na natureza interior. O paraíso florescia através da terra e o homem estava neste mundo, na terra, no Paraíso. O fruto paradisíaco crescia para ele até a queda. Quando o Senhor amaldiçoou a terra, o Paraíso passou para o mistério, tornando- se para o homem um mistério ou segredo; contudo, se o homem nascer de novo de Deus, habitará pelo homem interior, no Paraíso, mas pelo homem exterior, neste mundo.

Iremos mais além no que se refere à origem do homem. Deus criou seu corpo da matriz da terra, de onde a terra foi criada. Tudo encontrava-se misturado, e ainda assim dividido em três Princípios coexistentes com os três tipos de essências, no entanto aquela da cólera feroz não era conhecida. Se Adão tivesse permanecido na inocência, teria vivido o tempo todo deste mundo em dois Princípios unicamente, e teria reinado por um sobre todos; o reino da cólera feroz nunca teria sido manifestado ou conhecido, embora este reino estivesse dentro dele.

O corpo de Adão foi criado pelo Fiat interno, a partir do elemento interior, onde permanece o firmamento interno e o céu com as essências celestes; foi criado também, pelo Fiat externo, a partir dos quatro elementos da natureza externa e das estrelas. Pois, na matriz da terra o Fiat interno e externo encontravam-se misturados. O paraíso estava lá, e o corpo foi criado mais que nada para o Paraíso. Ele possuía a essencialidade terrestre e divina em si; mas a terrestre encontrava-se como que absorvida na essencialidade divina ou desprovida de poder. A substância ou matéria da qual o corpo foi feito ou criado era uma massa, ou uma água e um fogo,

com as essências dos dois Princípios; embora o primeiro também estivesse contido nele, não estava ativo. Cada Princípio deveria permanecer em seu lugar, sem se misturar com os outros, como ocorre em Deus: desta forma, o homem seria uma completa semelhança do ser de Deus.

Sobre a insuflação da alma e do espírito

O corpo é uma semelhança, de acordo com a substancialidade de Deus, e a alma e o espírito uma semelhança, de acordo com a Santíssima Trindade. Deus deu ao corpo sua substancialidade a partir dos três Princípios, e o espírito e a alma a partir da fonte do Espírito ternário da Divindade Onipresente. Devemos compreender que a alma com sua imagem e seu espírito exterior surgiu dos três Princípios, sendo soprada e introduzida no corpo, como afirma Moisés:

"Deus soprou nas narinas do homem o sopro da vida, e o homem tornou-se uma alma vivente" (Gen. ,7).

Ora, o sopro e o espírito de Deus incluem três tipos de fontes. No primeiro Princípio é um sopro-ígneo ou espírito, que consiste na verdadeira causa da vida e que encontra-se na qualidade do Pai, como no centro da natureza ígnea. No segundo Princípio, o sopro e o espírito de Deus é a luz-flamejante ou espírito-amor, o verdadeiro espírito da Cabeça de Deus, cujo espírito é conhecido como Deus o Espírito Santo. No terceiro Princípio, como na similitude de Deus, o sopro de Deus é o espírito-ar, sobre o qual o Espírito Santo se movimenta, como diz Davi: "O Senhor caminha sobre as asas do vento" (Ps. Civ. 3); e Moisés: "O Espírito de Deus moveu-se pela face das águas, sobre o golfo de onde surge o vento (spiritus mundi) (Gen.,).

Esse espírito ternário contém o Deus completo soprado e introduzido na imagem criada, a partir de todos os três Princípios. Primeiro, o espírito-fogo, que Deus introduziu no homem de dentro, não pelas narinas, mas no coração, na dupla tintura do sangue interno e externo, embora o exterior não fosse conhecido, pois era um mistério. O sangue interior contudo, estava em evidência e possuía duas tinturas, uma que derivava-se do fogo e outra da luz. Esse espírito-fogo é a verdadeira alma essencial, pois possui o centrum naturae com suas quatro formas como seu fogo- poder. Ela mesma inflama

o fogo, transformando-se na roda das essências.

Este não é, de fato, a verdadeira imagem de acordo com a Divindade, mas um fogo mágico e sem fim, que nunca teve um início, nem tampouco terá fim. Compreenda que Deus introduziu o eterno fogo sem origem (que desde a eternidade existe por si só, na Magia eterna, ou seja, na vontade de Deus, no desejo da natureza eterna, como um eterno centro parturiente) nesta imagem, que deveria ser a Sua imagem.

Em segundo lugar, ao mesmo tempo, o fogo essencial da alma, o Espírito Santo, introduziu a luz-flamejante do espírito-amor, de si mesmo no homem, unicamente no segundo Princípio, onde a Divindade é compreendida; não nas narinas, mas como o fogo e a luz encontram-se suspensos um para o outro sendo um, embora em duas fontes. Assim o bom espírito-amor foi introduzido em seu coração, com o espírito-fogo essencial, e cada fonte trouxe consigo sua tintura própria, como uma vida especial de si mesma. Na tintura-amor compreende-se o verdadeiro espírito, a imagem de Deus, uma semelhança da pura e verdadeira Divindade, que assemelha-se ao homem completo e preenche todo o homem, mas em seu Princípio.

A alma é, por si só, um olho de fogo ou um espelho de fogo, no qual a Divindade se manifestou, segundo o Primeiro Princípio, ou seja, de acordo com a natureza; pois ela é uma criatura, sem ter sido criada como semelhança. Mas sua imagem, gerada a partir de seu olho de fogo na luz, é a verdadeira criatura, por causa da qual Deus tornou-se homem e trouxe-a novamente para o santo ternário, resgatando-a da cólera da Natureza eterna.

Certamente, a alma e sua imagem são juntas um espírito; mas a alma é um fogo faminto e deve ter substância, caso contrário torna-se um abismo obscuro e faminto, como ocorreu com os demônios. A alma produz o fogo e a vida, e a brandura da imagem produz o amor e a essencialidade celeste. Assim, o fogo da alma é moderado e repleto de amor; pois a imagem contém água da fonte de Deus, e flui para a vida eterna; essa água é amor e brandura, extraindo estas qualidades da Majestade de Deus. Como se pode ver num fogo aceso, o fogo em si possui qualidade fervente e ígnea, e a luz uma qualidade branda e graciosa; e como nas profundezas deste mundo, a água é produzida da luz e do ar, o mesmo ocorre aqui.

Em terceiro lugar, Deus soprou nas narinas do homem, ao mesmo tempo e de uma só vez, o espírito deste mundo, com a fonte das estrelas e dos elementos, ou seja, o ar (spiritus mundi). Ele deveria ser um administrador no reino externo e revelar as maravilhas do mundo exterior, foi para este fim que Deus criou o homem também na vida exterior. Mas o espírito exterior não deveria transgredir a imagem de Deus, nem a imagem de Deus deveria abrigar em si o espírito exterior, permitindo que este governasse sobre Si, pois seu alimento provinha do Verbo e poder de Deus. O corpo exterior recebia o alimento paradisíaco- que não era tomado no estômago ou carcaça, já que o homem não possuía este apêndice. Além disso, ele não possuía forma masculina ou feminina, pois era os dois, contendo as duas tinturas, ou seja, a da alma e a do espírito, do fogo e da luz, e deveria produzir de si mesmo um outro homem, segundo a sua semelhança. Ele era uma virgem casta no puro amor; amava a si mesmo e se fazia fecundo pela imaginação, e desta forma ocorria a sua reprodução. Ele era o senhor das estrelas e dos elementos, a semelhança de Deus. Como Deus habita nas estrelas e nos elementos, sem que nada O apreenda, Ele reina sobre todas as coisas: da mesma forma foi criado o homem. A fonte terrestre não encontrava-se totalmente ativa nele. De fato, ele possuía o espírito-ar, mas o frio e o calor não o afetava, pois a essencialidade de Deus tudo penetrava. Como o Paraíso germinava e florescia pela terra, também a essencialidade celeste cresce no ser externo de seu corpo e espírito exterior. O que parece estranho a nós na vida terrestre, certamente é possível em Deus.

Em quarto lugar, através da introdução de sua pura imagem celeste no Espírito de Deus, Adão recebia também o Verbo vivificante de Deus, esse era o alimento de sua alma e imagem. O mesmo Verbo vivificante era envolvido pela divina Virgem da sabedoria; a imagem da alma permanecia na imagem virgem, que na Divindade havia sido vista desde a eternidade. A pura imagem de Adão surgiu da sabedoria de Deus. Pois Deus desejou ver e manifestar a si mesmo assim, numa imagem, esta era a semelhança, segundo o Espírito de Deus, segundo a Trindade, uma imagem inteiramente casta, como os anjos de Deus. Nesta imagem Adão era o filho de Deus, não apenas uma semelhança, mas um filho, nascido de Deus, do Ser de todas as coisas.

Mostramos assim, de forma breve, que tipo de imagem era Adão antes de

sua queda e como Deus o criou, a fim de melhor compreendermos o motivo pelo qual o Verbo de Deus tornou-se homem, como isso ocorreu e o que foi com isso realizado.

Sobre a esfera e o domínio paradisíaco, mostrando como teria sido se o homem tivesse permanecido na inocência

O demônio possui muitos argumentos, através dos quais procura desculpar-se, dizendo que Deus também o criou, embora sua forma angélica primitiva, sua fonte e sua imagem, sempre o revelam um mentiroso. Ele faz o mesmo com o pobre homem caído: introduz nele, continuamente, o reino terrestre, com seu poder e faculdade, para que o homem tenha sempre um espelho diante de si e acuse à Deus de tê-lo criado terrestre e mal. Mas ele deixa longe de vista o que há de melhor, o Paraíso, onde o homem foi criado, e também a onipotência de Deus, que o homem não vive só de pão, mas do poder e do Verbo de Deus, e que o Paraíso reinava com sua fonte sobre a terrenidade. Ele mostra ao homem somente sua forma nua, carnal, miserável e pesada; mas a forma na inocência, quando Adão não sabia que estava nu, ele esconde-a, a fim de iludir o homem.

Isso se encontra totalmente oculto de nós, pobres filhos de Eva, e de fato o miserável terrestre não é digno de conhecer, ainda que este conhecimento seja bastante necessário a nossas mentes; é fundamental recorrer ao verdadeiro porteiro (aquele que possui a chave), suplicá-lo e nos entregarmos totalmente a ele, a fim de que queira nos abrir o portão do Paraíso, no centro interno de nossa imagem, para que a luz paradisíaca brilhe sobre nós, em nossas mentes e possamos, assim, nos tornarmos desejosos de habitar novamente com nosso Emanuel, segundo o interno e novo homem, no Paraíso; pois, sem esta abertura, nada compreendemos do Paraíso e de nossa imagem primitiva na inocência.

Mas, como Cristo, o Filho de Deus, nos gerou novamente quanto a forma paradisíaca, não devemos ser tão indolentes a ponto de confiar na ciência e na razão terrestre. Não encontraremos o Paraíso e o Cristo (que deve tornar-se homem em nós, se quisermos ver a Deus) em nossa razão. Nela tudo é cego e morto. Devemos abandonar a razão e penetrar a encarnação de Cristo; para tanto, devemos ser instruídos por Deus. Então, teremos poder para falar sobre Deus, sobre o Paraíso e sobre o Reino do Céu. Na razão

terrestre, que tem sua origem apenas nas estrelas, somos tolos diante de Deus, se tentarmos falar sobre o mistério de forma celeste, pois falamos de algo que não conhecemos e nunca vimos. Mas um filho conhece sua mãe. Da mesma forma, todo aquele que nasceu novamente de Deus conhece sua mãe, não com os olhos terrestres, mas com os olhos divinos e com os olhos da mãe de quem nasceu. Falamos com toda sinceridade ao leitor, a fim de que reflita sobre o que deve fazer, e com que espírito e compreensão iremos escrever.

A razão do mundo exterior insiste em afirmar que Deus criou o homem no domínio externo, na fonte das estrelas e dos quatro elementos. Se assim fosse, teríamos sido criados na angústia e na morte, pois estas são as condições do céu astral; quando a razão atinge este céu astral, ela abandona a criatura da qual era líder. Então, o domínio e o ser da criatura, sujeita ao céu exterior, morre; vemos, de fato, como decaímos e morremos quando o céu exterior, com os elementos nos abandona, a ponto de até mesmo uma criança no ventre estar velha o bastante para morrer; além do mais, freqüentemente perece quando ainda está sem vida, no Fiat do domínio exterior, no processo de crescimento do corpo, antes que o centrum naturae acenda o fogo da alma. Sem dúvida, conhecemos a morte e a agonia através da queda de Adão (tão logo tornou-se terrestre), Adão morreu no Paraíso e tornou-se morto para o reino de Deus; portanto necessitávamos de regeneração, de outra forma não poderíamos ser revividos.

Deus realmente proibiu Adão de tocar o fruto terrestre, o qual era misto; além disso, realmente criou senão um homem, com propriedade feminina e masculina, com as duas tinturas, ou seja, a do fogo e a da luz no amor, trazendo-o de uma só vez ao Paraíso (sim, o homem foi criado no Paraíso); assim, não podemos admitir as conclusões da Razão que, em conseqüência da infeção do demônio, diz que o homem foi criado terrestre. Pois, o que quer que seja criado sozinho e isolado na vida ou fonte terrestre animal, tem um começo e um fim, não compreende a eternidade, já que dela não procede. Ora, aquilo que não procede do Eterno é transitório, um mero espelho, onde a sabedoria eterna manteve a si mesma em imagem e semelhança. Dela permanece ali senão uma sombra, sem vida ou ser; ela passa como um vento, que surge e se vai. Não foi por causa de tal criatura que o Verbo de Deus tornou-se homem; o Eterno não penetrou a natureza

perecível por causa do que é transitório. Nem tampouco penetrou o que é terrestre a ponto de fazer surgir e introduzir o terreno e perecível no poder da Majestade; mas por causa daquilo que surgiu do poder da Majestade, mas que tornou-se mal e terrestre, e que foi como que eclipsado na morte, para que possa ser vivificado, despertar novamente e surgir no poder da majestade, nas alturas onde se encontrava, antes de ser uma criatura.

Devemos compreender o homem de forma diferente do que temos feito até aqui, no que se refere ao homem como um animal. De fato, ele tornou-se um animal, de acordo com a propriedade deste mundo; ao morrer em Adão, passou a viver para este mundo e não para Deus. Mas se ele penetrasse com o espírito de sua vontade em Deus, a Vontade-Espírito obteria novamente a imagem pura e viveria de acordo com essa imagem em Deus e de acordo com a propriedade animal neste mundo. Assim, ele estaria na morte, embora ainda estivesse vivo. Assim, o Verbo de Deus tornou-se homem, a fim de poder uni-lo novamente à Deus, para que possa nascer novamente, de forma completa, em Deus, e que o Paraíso possa ser perceptível nele.

Devemos considerar a imagem paradisíaca da seguinte forma: Sabemos e afirmamos que Adão foi criado bom, puro e sem vergonha, assim como Lúcifer, com suas hostes. Ele possuía olhos puros e duplos. Pois possuía os dois reinos em si, ou seja, o reino de Deus e o reino deste mundo. Como Deus é Senhor de tudo, também deveria o homem, no poder de Deus, ser o senhor deste mundo; do mesmo modo que Deus governa todas as coisas e passa através de todas as coisas, imperceptivelmente, o homem divino e oculto era capaz de passar e ver através de todas as coisas. O homem externo encontrava-se, de fato, no externo, mas senhor do externo; este estava submetido a ele e não o restringia. Ele poderia, sem esforço, quebrar pedras. A tintura da terra não estava distinta para ele; ele teria descoberto todas as maravilhas da terra. Pois para este fim Adão havia sido criado, também na vida externa, para que pudesse manifestar em imagens e realizar obras que haviam sido vistas na sabedoria eterna; pois ele tinha a virgem Sabedoria em si.

Ouro, prata e metais preciosos, ao deixarem a magia celeste, também foram encerrados pela inflamação. Temos aqui algo diferente da terra. O

homem ama os metais preciosos e os emprega para seu sustento, mas não conhece seu fundamento e origem. Não é por nada que são amados pela mente; se refletirmos sobre eles, veremos que possuem uma origem elevada. Mas não diremos nada sobre isto aqui, pois mesmo sem dizer nada o homem já os amam demasiadamente, e com isso abandonam o Espírito de Deus. Não se deve amar o corpo mais que ao espírito, pois o espírito é a vida.

Mas saibam que eles foram dados ao homem para seu divertimento e ornamento, o homem os tinha por direito da natureza, pertencem a ele, a saber, ao corpo externo, pois a tintura do corpo externo e a tintura metálica possuem um parentesco próximo. Mas quando a tintura do corpo exterior foi corrompida pelo desejo mal do demônio, a tintura metálica também tornou-se oculta e hostil para a tintura humana, pois ela é mais pura que a tintura corrupta no homem exterior.

Que isto fique claro a vós, que buscam a tintura metálica: Se queres encontrar a lápis philosophorum, atenham-se ao novo nascimento em Cristo, ao contrário será difícil apreendê-la. Pois ela possui considerável comunhão com a substancialidade celeste, o que seria notável caso fosse libertada da cólera feroz. Seu brilho indica algo que certamente reconheceríamos, se tivéssemos olhos paradisíacos. O fundamento afetivo (das Gemüth) nos mostra isso, mas a compreensão e completa cognição encontram-se mortas quanto ao Paraíso. Por usarmos o que é nobre para desonrar à Deus e para nossa própria perdição, e não louvarmos à Deus com isso, não penetramos com nosso espírito o Espírito de Deus, mas abandonamos o espírito e nos apegamos à substância; a tintura metálica tornou-se um mistério para nós, porque nós nos tornamos alienados à ela.

O homem foi criado para ser um Senhor da tintura, que foi sujeita à ele; mas ele tornou-se seu servo, e além do mais, alienado à ela. Assim, ele busca somente o ouro e encontra a terra. Porque ele abandonou o espírito e penetrou a substancia; esta o tomou prisioneiro e o encerrou na morte. Como a tintura da terra está encerrada na cólera, até o julgamento de Deus, também está o espírito do homem, encerrado na cólera, a menos que ele saia e nasça em Deus. Pois o demônio desejou ser o príncipe soberano com sua cólera na Essencialidade celeste; portanto ela se fechou para ele,

tomando a forma de terra e pedras, portanto ele não é um príncipe, mas um prisioneiro na cólera, e a essencialidade não o beneficia em nada. Pois ele é espírito e desprezou a Essencialidade celeste, e inflamou a mãe natureza, que com isso tornou todas as coisas corpóreas; Deus juntou tudo isso num amalgama. Mas a essencialidade poderia ser conhecida do homem. Ele tinha o poder para revelar a tintura e manifestar a pérola pura para sua alegria e satisfação, assim como para a honra e magnificência de Deus, caso tivesse permanecido na inocência.

Com relação ao comer e beber do homem, através dos quais ele deveria fornecer substância e alimento ao seu fogo, ocorria o seguinte: Ele tinha dois tipos de fogo dentro de si, o fogo da alma e o fogo exterior, do sol e das estrelas. Ora, todo fogo tem que ter súlfur ou substância, ao contrário, não subsiste, ou seja, não queima. Com isso compreendemos que a natureza divina deveria ser o alimento do homem. Pois, como já foi dito acima, o fogo da alma é alimentado com o amor, a brandura e a essencialidade de Deus, com tudo aquilo que o Verbo, como o centro divino, manifesta. Pois a alma procede do fogo mágico eterno; consequentemente, a alma necessita de alimento mágico, ou seja, via imaginação. Se a alma possui a imagem de Deus, imagina o amor de Deus, na essencialidade divina, e toma do alimento de Deus, do alimento dos anjos. Mas se ela não possui a imagem de Deus, então se alimenta daquilo que sua imaginação penetra, ou seja, da fonte terrestre ou hostil. Ela também cai nesta matriz, não como uma substância, mas fica repleta de substância, que começa a operar na alma, da mesma forma que um veneno na carne.

Conhecemos bem a alimentação do corpo exterior. Havia, de fato, o homem exterior, mas encontrava-se metade absorvido pelo homem interior. O homem interior reinava completamente, como o fogo no ferro incandescente, e cada vida tomava seu alimento de sua propriedade. A imagem de Deus, ou o espírito da alma alimentava-se da essencialidade divina e celeste, o corpo exterior alimentava-se do fruto paradisíaco na boca, não no estômago. Pois como o corpo exterior encontrava-se meio absorvido pelo interior, o mesmo ocorria com o fruto do paraíso. A essência divina brotava através da essência terrestre, tendo absorvido a essência terrestre no fruto paradisíaco, desta forma, o fruto não era conhecido como terrestre. Consequentemente, o desabrochar através da cólera era chamado

de Paraíso, já que o amor de Deus florescia na cólera e produzia frutos.

Isso nos leva a compreender melhor como é que Deus habita neste mundo, e o mundo está como que absorvido em Nele. O mundo Nele é desprovido de poder, sendo Ele o todo poderoso. Assim era o homem e assim alimentava-se: sua alimentação terrestre, era celeste. Da mesma forma que devemos nascer novamente, o fruto paradisíaco nascia novamente da cólera, na essência celeste; como da terra amarga cresce uma erva boa e doce, a qual o sol qualifica de forma diferente daquela que a terra havia qualificado. Desta forma o homem santo qualificava o fruto paradisíaco em sua boca, a fim de que a terrenidade fosse absorvida como um nada, e não tocasse o homem; sabemos que no final, a terra será absorvida, deixando de ser um corpo palpável.

Assim ocorria até mesmo com a alimentação externa do homem. Ele comia o fruto com sua boca, não necessitava de dentes para tanto, pois neste instante aparecia a separação do poder. Havia dois centros de poder na boca de Adão, cada um tomava o que lhe cabia. O que era terrestre transformava-se em qualidade celeste, exatamente como devemos ser transformados em nosso corpo, a fim de adquirirmos um corpo de poder celeste. A transformação na boca ocorria da mesma forma; o corpo recebia o poder, pois o reino de Deus encontrava-se no poder. Com isso o homem continuava no reino de Deus, pois ele era imortal e um filho de Deus. Mas trazendo o seu alimento para o intestino, provocando tamanho mal cheiro como agora, pergunto à Razão se isto pode ser o paraíso, e se o espírito de Deus pode habitar ali; do mesmo modo que o Espírito de Deus deveria habitar em Adão, como na criatura de Deus.

Sua obra no paraíso, na terra, era pueril, mas com sabedoria celestial. Ele deveria plantar árvores e ervas, à vontade. Ali crescia para ele o fruto paradisíaco, tudo era puro para ele. Ele fazia o que tinha vontade, e fazia corretamente. Ele não tinha lei, senão aquela da imaginação e do desejo; estes ele deveria colocar, com seu espírito, em Deus; assim deveria permanecer eternamente. Ainda que Deus tenha transformado a terra, mesmo assim o homem poderia ter permanecido sem a necessidade e a morte; tudo poderia ser transformado, por ele, em essência celeste.

O mesmo se aplica ao beber. O homem interior bebia a água da vida

eterna, que vinha da natureza de Deus e o homem exterior bebia água na terra. Mas como o sol e o ar absorvem a água sem serem preenchidos por ela, o mesmo ocorria na boca do homem: tal absorção dissolvia-se no mistério. Tudo o que era terrestre tinha que, pela boca do homem, penetrar novamente aquilo que era antes da criação do mundo. O espírito e a virtude portanto pertenciam ao homem, e não um corpo terrestre; pois Deus criou para ele de uma só vez um corpo, que era eterno. Ele não necessitava de outro ato criador. Ele era um trono principesco (compreenda Adão), feito de céu, terra, estrelas e elementos, assim como da essência de Deus, um senhor do mundo e um filho de Deus.

Observem isso, vós Filósofos! Este é o verdadeiro fundamento e o alto conhecimento. Não misture a ela nenhuma verborréia proveniente das escolas, ela é suficientemente clara. Palpites não ajudam em nada; somente o verdadeiro espírito, nascido de Deus, conhece isso bem. Toda opinião sem conhecimento não passa de tolice terrestre, compreendendo a terra e os quatro elementos; mas o Espírito de Deus compreende um só elemento, onde quatro permanecem ocultos. O quatro não deveria reinar em Adão, mas um sobre quatro; o elemento celeste sobre os quatro elementos deste mundo. Assim precisamos voltar a ser, se pretendemos possuir o Paraíso; é por isso que Deus tornou-se homem.

Que isto lhe seja dito, competidores acadêmicos: vocês caminham em círculos e não conseguem entrar, como um gato, que teme o calor, caminha ao redor do caldo quente; assim são vocês, temerosos e envergonhados diante do fogo de Deus. Tão pouco quanto o gato aproveita o caldo cheirando ao seu redor, pouco aproveita o homem do fruto paradisíaco, a menos que deixe a pele de Adão, solidificada pelo demônio, e penetre o novo nascimento de Cristo. Ele deve penetrar o círculo, abandonar a pele da razão; então obterá a compreensão humana e o conhecimento divino; nenhum aprendizado terá valor, somente o nascimento.

Para descrever claramente a encarnação de Jesus Cristo, é necessário expor-lhes as causas pelas quais Deus tornou-se homem. Não se trata de algo sem importância ou de pouco valor como consideram os Judeus e os Turcos, e mesmo entre os Cristãos, fica meio que sem sentido; não pode ser senão uma causa importante, o que colocou o Deus imutável em

movimento. Guarde bem isso, iremos expor-lhes as causas.

Adão era um homem e uma imagem de Deus, uma completa semelhança de Deus, embora Deus não seja imagem. Ele é o reino e o poder, também a glória e a eternidade, tudo em tudo. Mas a profundidade infundada desejou manifestar-se em similitudes; de fato, tal manifestação ocorreu da eternidade, na sabedoria de Deus, como numa imagem virginal, que contudo não era uma genetrix, mas um espelho da Divindade e da eternidade, como se apresenta no fundamento e no não fundamento, um olho da glória de Deus. De acordo com este mesmo olho, foi criado ali os tronos dos príncipes como anjos e por fim, o homem, que tinha novamente o trono em si; ele foi criado da magia eterna, da Essência de Deus, do nada para algo, do espírito para o corpo. Como a magia eterna o gerou de si mesma, no olho das maravilhas e sabedoria de Deus, da mesma forma ele poderia e deveria gerar de si mesmo um outro homem, de forma mágica, sem a dilaceração de seu corpo; pois o homem foi concebido no desejo ardente de Deus, sendo gerado e trazido à luz pelo desejo de Deus. Consequentemente, ele possuía o mesmo desejo ardente em si, para sua própria fecundação. Pois, a tintura de Vênus é a matriz, e se torna fecunda com a substância, como com o súlfur no fogo, o qual ainda obtém à substância na água de Vênus. A tintura do fogo oferece a alma; a tintura da luz oferece o espírito; a água ou a substância oferece o corpo; o Mercúrio ou o centrum naturae oferece a roda das essências e a grande vida no fogo e água, celeste e terrestre; o Sal, celeste e terrestre, mantém tudo isso no ser, pois ele (o Sal) é o Fiat.

O homem tem em si a constelação externa, que é a sua roda das essências do mundo exterior e a causa da fundação afetiva (Gemüth); mas ele tem também a constelação interna, do centro das essências ígneas e, no segundo princípio, aquela das essências divinas de luz-flamejante. Ele tinha toda a magia do Ser de todas as coisas em si. A possibilidade estava nele: ele era capaz de criar de forma mágica, pois amava a si mesmo, desejando, de seu centro, a semelhança. Tendo sido concebido do desejo de Deus, e trazido à luz pela genetrix no Fiat, da mesma forma deveria trazer à luz sua hoste angélica ou humana.

Mas se tudo deveria ser gerado de um, ou seja, do trono principesco, ou

um do outro, não é necessário saber. Basta-nos saber o que somos e qual é o nosso reino. Contudo, acredito, no fundo, no centro, que um surgia do outro; pois o centro celeste, assim como o terrestre tem seus momentos, que estão sempre surgindo, já que a roda das essências em todos os três Princípios está sempre em movimento, revelando continuamente uma maravilha após a outra. Assim foi construída e composta a imagem do homem, na sabedoria de Deus, onde encontram-se inumeráveis maravilhas; estas deveriam ser reveladas pela hoste humana. Sem dúvida, com o curso do tempo, uma maravilha maior seria revelada, mais em um do que no outro, sempre de acordo com as maravilhosas variações da criação celeste e terrestre; de fato, este é o caso atual, onde encontramos uma maior ciência e compreensão em um indivíduo do que em outro. Portanto, concluo que um homem nascia e dava origem a outro, em conexão com as grandes maravilhas e para a alegria e deleite do homem, já que cada homem criaria seu próprio companheiro. Desta forma, a raça humana teria permanecido num processo de nascimento até Deus colocar o terceiro Princípio deste mundo em seu éter novamente, pois este é um globo com começo e fim. Quando o começo atinge o fim, e o que era último for o primeiro, tudo está consumado. Então o meio será purificado e penetrará novamente aquilo onde encontrava-se antes dos tempos deste mundo, exceto as maravilhas que persistem na sabedoria de Deus, na grande magia, como uma sombra deste mundo.

Visto que Adão era uma imagem tão gloriosa, e além do mais, que estava no lugar de Lúcifer, que havia sido expulso, o demônio invejou sua posição, teve um ciúme violento, estabelecendo seu alvo e sua ânsia continuamente diante de Adão, deslizou com sua ânsia na terrenalidade do fruto, fazendo com que Adão acreditasse que a grande glória residia em sua terrenidade incandescente. Se bem que Adão não o conheceu; pois ele não apareceu em sua forma própria, mas na forma de serpente, como na forma de uma besta argilosa; ele praticou truques simiescos como um tolo, que seduz os pássaros e os captura. Ele havia mais que nada, com seu ímpeto de orgulho, infectado e aniquilado metade do reino terrestre, que tornou-se inteiramente corrompido e vão, ainda que tivesse sido gradualmente libertado da vaidade. E como o demônio sentiu que Adão era um filho de Deus, que possuía glória e poder, ele o perseguiu veementemente. A cólera incandescente de Deus também perseguiu Adão, a fim de se deleitar nesta

imagem viva.

Como vemos, tudo atraía Adão e desejava possuí-lo. O reino do céu desejava-o para si, pois ele havia sido criado para esse reino. Da mesma forma, o reino terrestre o desejava, pois tinha uma parte nele; o reino terrestre desejava ser seu mestre, já que ele era apenas uma criatura. A cólera feroz lançou suas garras, desejando tornar-se criatura e essencial, a fim de saciar sua grande e aguda fome. Adão então, foi tentado por quarenta dias, tanto quanto o Cristo foi tentado no deserto e Israel, no monte Sinai, quando Deus deu a eles a lei, para ver se aquele povo teria condições de permanecer firme na qualificação do Pai, na lei, diante de Deus; ver se o homem poderia continuar em obediência, de tal forma que poderia colocar sua imaginação em Deus, a fim de que Deus não precisasse se tornar homem: por conta disso, Deus realizou aquelas maravilhas no Egito, para que o homem visse que há um Deus, e que amasse e temesse a Ele. Mas o demônio era um mentiroso e um enganador, Israel foi afastada por ele, construindo um bezerro, ao qual adorou como a um Deus. Não foi mais possível permanecer firme. Portanto, Moisés desceu da montanha com as tábuas onde a lei havia sido escrita e as quebrou, matando os adoradores de bezerro. Com isso, Moisés não deveria conduzir o povo à terra prometida; isto era impossível. Josué teria que fazê-lo e posteriormente Jesus, que na tentação permaneceu firme diante do demônio e da cólera de Deus, aquele que venceu a cólera e despedaçou a morte, como fez Moisés com as tábuas da lei. O primeiro Adão não conseguiu permanecer firme, ainda que estivesse no Paraíso e o reino de Deus estivesse diante de seus olhos. A cólera de Deus encontrava-se muito mais inflamada, atraindo Adão; a cólera encontrava-se muito mais inflamada na terra, por causa da imaginação e vontade poderosa do demônio.

A Razão diz: Será que o demônio tinha tanto poder? Sim, caro homem, e o homem também tem; ele pode remover montanhas, se a penetrar fortemente com sua imaginação. O demônio procedeu da grande magia de Deus e era um príncipe ou rei de seu trono. Ele penetrou o forte poder do fogo, com a intenção de ser senhor de todas as hostes celestes. Assim, a magia tornou- se inflamada e a grande turba foi gerada, a qual lutou com Adão para ver se ele era forte o bastante para possuir o reino do demônio e reinar ali, em outra fonte. O espírito da razão de Adão, é verdade, não

compreendeu isso; mas as essências mágicas, de onde surgem o desejo e a vontade, satisfizeram uma a outra, até que Adão começasse a imaginar a terrenidade e desejasse obter o fruto terrestre. Assim foi feito. Pois sua imagem pura, que deveria alimentar-se unicamente do Verbo de Deus, tornou-se infectada e obscurecida: a árvore terrestre da tentação cresceu imediatamente, pois assim desejou e permitiu a luxúria de Adão. Ele tinha que ser tentado, para ver se permaneceria firme. Surge então o severo mandamento de Deus, que disse à Adão: "Podes comer de todas as árvores do Jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás que morrer" (Ge. . 6,7). Quer dizer, morrer para o reino do céu e tornar-se terrestre. Adão conhecia muito bem o mandamento, portanto não comeu, mas imaginou ali e foi tomado prisioneiro de sua imaginação, e totalmente sem vigor, fraco e debilitado, foi vencido; Adão caiu então no sono.

Desta forma, ele caiu diante da magia e sua glória foi perdida. Pois adormecer indica morte e subjugação. O reino terrestre o subjugou e desejou governá-lo. O reino sideral desejou possuir Adão e realizar suas maravilhas através dele, pois nenhuma outra criatura havia jamais sido tão elevada quanto o homem, capaz de conter o reino sideral. Portanto, Adão foi atraído e devidamente tentado, para ver se poderia ser senhor e rei das estrelas e elementos. O demônio estava a serviço e também pensou em atrair o homem e trazê-lo sob o seu poder, a fim de que este trono pudesse finalmente permanecer seu reino; pois ele sabia muito bem que se o homem deixasse a vontade de Deus, ele se tornaria terrestre. Sabia também que o abismo do inferno encontrava-se no reino terrestre; portanto, ele tinha muito o que fazer. Pois se Adão tivesse se manifestado magicamente, o Paraíso teria continuado na terra. Isso não interessava ao demônio, ele não gostava do Paraíso e nem o queria em seu reino; pois esse não cheirava a enxofre e fogo, mas a amor e doçura. Então, pensou o demônio: Tu não irás comer desta erva, pois deixarias de ser um senhor no fogo.

Assim, a queda de Adão permanece inteiramente na essência terrestre. Ele perdeu a essência celeste, de onde surge o amor Divino, e adquiriu a essência terrestre, de onde surge a cólera, a malícia, o veneno, a doença e a miséria; perdeu também os olhos celestes. Além do mais, não mais podia comer de forma paradisíaca, mas imaginava o fruto proibido, no qual o bem

e o mal estavam misturados, como ainda estão hoje em dia, todos os frutos na terra. Assim, os quatro elementos tornaram-se ativos e operaram efetivamente nele, pois sua vontade, através da imaginação, tomou o reino terrestre para habitar o fogo da alma. Desta forma, abandonamos o Espírito de Deus para penetrar o espírito das estrelas e dos elementos; estes o receberam e regozijaram-se nele, pois ali vieram a ser vivos e poderosos. Anteriormente, eram compelidos a serem submissos e contraídos; mas agora haviam obtido o domínio.

Com isso, o demônio deve ter rido e zombado de Deus; mas ele não sabia o que estava por trás; ele ainda nada sabia sobre a esmagadora da serpente, que afastaria o seu trono e destruiria seu reino. E assim Adão afundou-se no sono, na magia, pois Deus viu que ele não permaneceria firme. Portanto, disse: "Não é bom que o homem esteja só. Vou fazer uma auxiliar que lhe corresponda" (Gen. . 8). Através da qual pudesse edificar sua descendência e se propagar. Pois ele viu a queda e veio ao seu auxílio de outra forma, já que não desejava que sua imagem perecesse.

A Razão pergunta: Por que Deus deixou crescer a árvore pela qual Adão foi tentado? Deve ter sido de Sua vontade que Adão fosse tentado. A Razão irá então atribuir a queda à vontade de Deus, e pensa que Deus quis que Adão caísse. Deus, segundo ela, desejou ter um certo número de individualidades no céu e um certo número no inferno, senão teria evitado o mal e preservado Adão, a fim de que ele continuasse bom e no paraíso. Assim julga o mundo presente. Pois, diz, se Deus não fizesse nada que fosse mal, não haveria nada mal, já que tudo é dele proveniente, e só ele é o criador, quem tudo fez. Seguindo este raciocínio, ele fez o que é mal e o que é bom. A Razão insiste em manter esta posição. Pensa também que se não houvesse nada com que o demônio e também o homem fosse cativado, vindo a ser mal, o demônio teria permanecido um anjo e o homem no Paraíso.

Resposta: Sim, cara Razão, agora atingistes o ponto; não podes fracassar se não és cega. Ouça atentamente: Por que falas da luz, já que padeces no fogo? Que deleites não terias, caso não habitasse o fogo. Colocaria minha tenda junto a ti, mas tu habitas o fogo; Eu não posso. Tudo o que tens a fazer é dizer à luz: saia do fogo, então serás esplendida e encantadora. E se

a luz te obedecer, encontrarás um grande tesouro. Como irás te regozijar se puderes habitar a luz! Quando o fogo não puder te queimar. Assim tão longe vai a Razão.

Mas veja corretamente com os olhos mágicos, compreenda com os olhos divinos e também com os olhos naturais, então isso lhe será mostrado, ou seja, se não fores cega e morta. Observe, digo isso para que compreenda por analogia, visto que a Razão é tola e nada compreende sobre o espírito de Deus. Imagine, então, que eu tivesse o poder de tirar a luz do fogo (o que não pode ser) e ver o que se segue. Reflita! Se eu separar a luz do fogo, () a luz perde a sua essência. Através da qual brilha; () ela perde a sua vida e se torna desprovida de poder; (3) ela é perseguida e superada pelas trevas, extinta em si mesma e se torna um nada, pois ela é a liberdade eterna e um não fundamento; enquanto brilha, é boa, e quando se extingue é um nada.

Observe mais! O que eu ainda conservo do fogo se separar dele a luz e o brilho? Nada, senão um desejo seco e trevas. Ele perde essência e vida, perde o desejo e se torna como um nada. Seu súlfur anterior é morte; consome a si mesmo enquanto existir essência. Quando não mais houver essência, haverá um nada, um não fundamento, onde não permanecerá vestígio algum.

Então, cara alma que busca, medite sobre isto: Deus é a luz eterna, sua fonte e poder reside na luz. A luz produz brandura, e da brandura o ser é produzido; esse ser é o ser de Deus, e a fonte da luz é o Espírito de Deus, que é a origem. Não há outro Deus do que este Deus. Na luz está o poder, e o poder é o reino. A luz e o poder possuem apenas uma vontade-amor, que não deseja nada mal; ela, de fato, deseja ser, mas a partir de sua própria essência, ou a partir do amor e da doçura, pois isso é como a luz. Mas, a luz surge do fogo, e sem o fogo ela não seria nada, não haveria essência sem o fogo. O fogo provoca a vida e o movimento e é a natureza, mas tem uma vontade diferente da luz. Pois ele é uma fúria ou voracidade e seu único desejo é consumir. Ele só tira e cresce no orgulho; enquanto que a luz nada tira, mas oferece, sendo assim preservado o fogo. A fonte do fogo é a ferocidade, sua essência é amarga, seu ferrão é hostil e desagradável. Ele é um inimigo em si, e se auto consome; e se a luz não vier em seu auxílio, ele se devora, a fim de se tornar um nada.

Portanto, cara alma que busca, reflita sobre isto, e logo irás alcançar o objetivo e a paz. Deus é, desde a eternidade, o poder e a luz, sendo chamado de Deus, de acordo com a luz e de acordo com o poder da luz, de acordo com o espírito da luz e não segundo o espírito do fogo. Pois o espírito do fogo é chamado de sua ira, cólera e não é denominado Deus, mas um fogo consumidor do poder de Deus. O fogo é chamado natureza e a luz não é chamada natureza; é verdade que ela possui a propriedade do fogo, mas transmudada, de cólera em amor, de devoradora e consumidora em realizadora, de inimigo e dor amarga em doce beneficência, desejo amigável e plenitude perpétua; pois o desejo-amor extrai a brandura da luz e é uma virgem fecundada, ou seja, fecundada com a compreensão e sabedoria do poder da Divindade.

Assim, estamos altamente qualificados para reconhecer o que é Deus e a natureza, o fundamento e o não fundamento, e também a profundeza da eternidade. Reconhecemos, então, que o fogo eterno é mágico e que é gerado na vontade que deseja. Se o eterno e insondável é mágico, também é mágico o que nasce do eterno, pois a partir do desejo surgiram todas as coisas. O céu e a terra são mágicos, assim como a mente e as essências; se pudéssemos ao menos conhecer a nós mesmos!

Ora, o que pode fazer a luz se o fogo captura e absorve algo, quando, contudo, o objeto capturado pelo fogo também é mágico? Se tem uma vida, poder e compreensão da luz, por que então corre para o fogo? O demônio era um anjo e Adão uma imagem de Deus; ambos possuíam o fogo e a luz, e mais que isso, possuíam a compreensão divina em si. Por que o demônio imaginou no fogo e Adão na terra? Eles eram livres. Não foi a luz e o poder de Deus o que atraiu o demônio para o fogo, mas a cólera da natureza. Por que seu espírito consentiu? A Magia fez por ele, aquilo que ele tinha dentro de si. O demônio fez para si o inferno, era isso o que ele tinha. Adão se fez terrestre, é isso o que ele é. Deus não é uma criatura, nem um realizador, mas um Espírito e um Revelador. Com o evento da criação, a posição pode ser considerada e apreendida da seguinte forma: O fogo e a luz despertaram, ao mesmo tempo, no desejo, e desejaram um espelho ou imagem de acordo com a eternidade; o conhecimento real nos diz, que a ferocidade ou a natureza do fogo não é realizadora; ela não tornou nada substancial de si mesma, pois isto não pode ser; mas ela tem feito fonte e

espírito. Ora, nenhuma criatura tem sua subsistência apenas na essência. Se uma criatura tiver que existir, deve ser através da substância, assim como pelo poder ou súlfur, deve consistir do sal espiritual; então, do fogo-fonte surge um mercúrio e uma verdadeira vida essencial; além disso ela deve ter brilho, caso se queira encontrar nela inteligência e cognição.

Assim, sabemos que toda criatura tem sua subsistência no súlfur, mercúrio e sal espiritual. Mas o espírito por si só não realiza tudo isso; deve haver súlfur, onde há o Fiat, ou seja, a matriz salgada para o centrum naturae, onde o espírito é mantido; é preciso haver substância. Pois onde não há substância, não há forma. Um espirito criaturalizado não é um ser compreensível; ele precisa atrair substância para si, através da imaginação, caso contrário não subsiste.

Se o demônio atraiu ferocidade em seu espírito, e o homem a materialidade, o que poderia o amor da essencialidade de Deus fazer com relação a isso? Pois o amor e a brandura de Deus, com a essência divina, estava presente e se ofereceu ao demônio, assim como ao homem. Quem pode acusar a Deus? Que a essência colérica era demasiadamente forte no demônio, a ponto de extinguir a essência-amor: o que Deus pode fazer? Se uma boa árvore for plantada, e mesmo assim morrer, o que pode a terra fazer? Ela concede à árvore, no entanto, seiva e energia. Por que a árvore não as toma para si? Tu poderás dizer: Suas essências são muitos frágeis. Mas o que pode a terra fazer, ou mesmo aquele que plantou a árvore? Sua vontade é apenas que cresça, para sua satisfação, uma boa árvore, e pensa em aproveitar o seu fruto. Se ele soubesse que a árvore fosse perecer, nunca a teria plantado.

Temos que reconhecer que os anjos foram criados, não como uma árvore que foi plantada, mas a partir do movimento de Deus, a partir dos dois princípios, ou seja, da luz e das trevas, onde o fogo está oculto. O fogo não queimou no ato da criação e no movimento, como não queima agora, pois ele tem seu princípio próprio. Por que Lúcifer o despertou? A vontade surgiu de seu ser criaturalizado, e não de fora dele. Ele desejava ser o senhor do fogo e da luz; desejou extinguir a luz, e ignorou a brandura; ele desejou ser o senhor-fogo. Vendo que ele desprezou a luz e o seu nascimento na brandura, acabou sendo simplesmente expulso. Desta forma,

perdeu o fogo e a luz, tendo que habitar no abismo das trevas. Se ele tivesse o fogo, ele o inflamaria com sua malícia, na imaginação. Além disso, este fogo não queima propriamente para ele, mas somente na fonte essencial feroz, de acordo com as quatro formas no centrum naturae que fornece o fogo em si mesmas. A primeira forma é azeda, dura, áspera e fria; a segunda forma, no centro, é amarga, aguda, hostil; a terceira forma é ansiedade, dor e tormento; e com a ansiedade, como no movimento e na vida, ele (Lúcifer) lançou fogo na dura amargura, entre a dureza e o amargor azedo, a fim de brilhar como um raio de luz, que é a quarta forma. E se não há brandura ou essência da brandura, não se produz a luz, mas unicamente um lampejo; pois a angústia terá a liberdade, mas é muito aguda, e a tem senão como um lampejo, ou seja, fogo, ainda que não possua nenhuma estabilidade ou fundamento. Assim, o demônio deve habitar nas trevas, e tem apenas o lampejo ígneo em si mesmo; além do mais, toda a imagem de sua habitação é como um lampejo ígneo, como se houvesse um trovão: assim a propriedade infernal se apresenta na fonte.

Desta mesma forma devemos compreender a árvore da tentação, a qual Adão despertou através de sua imaginação: ele desejou, e a matrix naturae apresentou- lhe aquilo que ele desejava. Deus o proibiu de tocá-la; mas a matrix terrestre teria Adão, pois ela reconheceu nele o poder divino. Isto porque o poder divino havia se tornado terrestre através da inflamação do demônio, embora não estivesse morto, ele buscava ser o que era antes, ou seja, buscava a liberdade, para ficar livre da vaidade; e em Adão estava a liberdade.

Foi assim que ela atraiu Adão, a fim de que ele começasse a imaginar; e Adão cobiçou a vontade e o comando de Deus, como encontramos em Paulo: “Pois a carne tem aspirações contrárias ao espírito e o espírito contrárias à carne” (Gal. 5, 7). A carne de Adão era metade celeste e metade terrestre, e assim o espírito de Adão também havia trazido, pela imaginação, um poder para a terra, e a matrix naturae deu a ele aquilo que ele desejou. Ele havia que ser tentado, para ver se podia permanecer firme, como um anjo no lugar de Lúcifer. Portanto, Deus não o criou meramente como um anjo, a fim de que, se ele caísse e não permanecesse firme, Ele poderia ajudá- lo, para que ele não perecesse na cólera feroz, como Lúcifer. Por causa disso, Adão foi criado da matéria, e seu espírito foi introduzido na

matéria, ou seja, num súlfur de água e fogo, para que Deus fosse capaz de gerar nele uma nova vida: como uma bela flor, doce e perfumada, cresce da terra. Este era o objetivo de Deus também porque ele sabia que o homem não ficaria firme. Paulo também diz: “Somos pré ordenados em Cristo Jesus antes da fundação do mundo”, ou seja, quando Lúcifer caiu, a fundação do mundo ainda não estava estabelecida, mas o homem já havia sido visto na sabedoria de Deus. Se, contudo, ele haveria de ser criado a partir dos três princípios, já havia perigo, por conta do súlfur inflamado dos materiais. Embora ele houvesse sido criado acima da terra, mesmo assim o súlfur havia sido extraído da matrix da terra, como uma floração da terra, o perigo já existia. Aqui, o doce nome de Jesus introduziu-se formativamente, como um salvador e um regenerador; pois o homem é o maior mistério produzido por Deus. Ele tem a imagem na qual se vê como a Natureza Divina tem, desde a eternidade, se gerado a partir da ferocidade, a partir do fogo, mergulhando, perecendo, num outro princípio, de uma outra fonte. Assim, ele também é resgatado da morte, e cresce da morte num outro princípio, de outra fonte e poder, onde é totalmente libertado da terrenidade.

É extremamente benéfico para nós que tenhamos, com relação a parte terrestre, caído a ponto de dividir a terra, se é que ao mesmo tempo, obtenhamos a parte divina. Pois desta forma, fazemos de nós mesmos praticamente puros, voltando ao reino de Deus totalmente perfeitos, apesar de qualquer anelo do demônio. Somos um mistério muito maior do que os anjos. Devemos também superá-los em essência divina. Pois eles são chamas de fogo, iluminados pela luz; mas nós possuímos a grande fonte de brandura e amor que surge na santa essência de Deus.

Portanto, comportam-se falsa e erroneamente aqueles que dizem que Deus não quis ter todos os homens no céu. Ele quis que todos fossem salvos; é a própria falta do homem, o que não permite que ele seja salvo; muito embora, muitos tenham uma tendência má, isto não procede de Deus, mas da matrix naturae. Poderias tu acusar à Deus? Mentes; o Espírito de Deus não se extrai de nenhum outro. Expulsa tua fraqueza, penetra a brandura, a verdade, o amor e te entrega à Deus, então serás salvo; foi por isso que Jesus nasceu, porque ele quis salvar. Tu dizes: Estou preso, não posso. Realmente! Tu irás então desejar; assim como o demônio desejou. Se és um cavaleiro, por que não lutas contra o mal? Mas se lutas contra o bem,

és um inimigo de Deus. Pensas que Deus irá colocar uma coroa angélica sobre o demônio? Se és um inimigo, não és amigo. Se pretendes ser um amigo, abandona a inimizade e vá até ao Pai, então serás um filho. Onde quer que seja, quem quer que seja que acuse à Deus é um mentiroso e um assassino como o demônio. Tu és, de fato, teu próprio realizador, por que te fazes mal? Embora sejas um material de má espécie, Deus deu a ti seu coração e espírito. Use estes dons para a realização de si mesmo, e farás de ti algo bom. Mas se usas a inveja e o orgulho, e também o prazer da vida terrestre, o que Deus pode fazer? Irá Deus se posicionar junto ao teu orgulho desprezível? Não, esta não é sua fonte. Mas tu dirás: Eu sou uma fonte mal, e não posso, estou preso. Bem, deixe a fonte demoníaca de lado e penetre com tua Vontade-Espírito no amor-espírito de Deus, entrega- te à Sua misericórdia; algum dia, certamente serás libertado da fonte má. Esta nasce da morte. Quando a terra recebe o corpo, ela pode tomar para si a maldade que pertence ao corpo; mas tu és e continuas sendo um espírito na vontade de Deus, em seu amor. Deixe que o mal Adão morra; um novo e bom irá florescer do velho, em ti, como uma bela flor floresce do adubo mal cheiroso. Tenha o cuidado de manter o espírito em Deus. Não há necessidade de grandes preocupações quanto ao corpo mal, que está repleto de maus efeitos. Se ele tiver uma inclinação à fraqueza, não lhe dê o que é bom; não lhe dê a oportunidade de exercitar a lascívia. Mantê-lo em restrição é um bom remédio; Mas abusar da bebida e da comida é afundar-se com o demônio na lama, onde ele se enlameia como um suíno. Ser sóbrio, ter uma vida equilibrada, é um excelente purgatório para o mal ignorante; não dar a ele aquilo que anseia, deixa-lo jejuar freqüentemente, a fim de que não impeça a oração, é extremamente benéfico. Ele recusa, é claro, mas a Compreensão deve ser mestre e senhora, pois contém a imagem de Deus.

Na verdade, isto não é nada agradável ao mundo da Razão, na esfera dos prazeres carnais. Mas por não ser agradável, e além disso atrair e beber nada além da sensualidade terrestre e má, a cólera mistura-se a ela, fazendo com que passe com Adão constantemente para fora do Paraíso, e com Lúcifer para o abismo. Lá irás comer e beber aquilo que, na vida presente atraiu voluntariamente para ti. Mas à Deus não deves acusar; senão serás um mentiroso e inimigo da verdade. Deus não habita em nenhum mal, nem há nele qualquer pensamento mal. Ele tem senão uma só fonte, ou seja, a do

amor e da alegria; mas sua cólera feroz, ou seja, a natureza, tem muitas fontes. Portanto, que cada um tome cuidado com o que faz. Cada homem é seu próprio Deus e também seu próprio demônio: a fonte para a qual se inclina e para a qual se entrega, é aquela que o impele e o guia: ele se torna seu operário.

É uma grande miséria o fato do homem ser tão cego a ponto de não reconhecer o que é Deus, embora ele viva em Deus. Há homens que até mesmo fazem disso assunto proibido, afirmando, que não se deve questionar sobre o que é Deus, ao mesmo tempo que são reconhecidos como mestres de Deus. Estes são mestres do demônio, trabalhando para que ele e seu reino de falsidades hipócritas não seja revelado e conhecido.

Quando o homem está exausto e esgotado, ele cai no sono, como na magia. É como se ele não estivesse neste mundo, pois todos as suas percepções sensoriais cessam, a roda das essências entra num estado de repouso, é como se o homem fosse essencial e não substancial. Ele assemelha-se unicamente à magia, pois nada sabe sobre seu corpo; ele deita-se como se estivesse morto, sem estar morto; seu espírito tranqüiliza-se. As essências satisfazem-se e só o espírito da alma enxerga. Então é revelado, no espírito sideral, tudo aquilo que o céu astral traz consigo, sendo colocado magicamente na mente, como em um espelho, no qual o espírito do grande mundo observa e conduz o que vê no espelho para as essências; as essências emergem ali, como se concluíssem seu trabalho no espírito; as essências, mais que nada, emanam suas obras no espírito, como sonhos e prefigurações.

Devemos reconhecer, então, que quando a terrenidade lutou com Adão e ele colocou nela a sua imaginação, foi prontamente infectado, tornando-se obscuro e feroz em sua alma; pois a terrenidade começou a ser operativa, como uma água que começa a ferver; a fonte astral manifestou-se, passando a ser senhora do corpo. Moisés disse verdadeiramente: “Deus fez com que um sono profundo caísse sobre Adão”. Ou seja, tendo em vista que sua Vontade-Espírito desejou a terrenidade, Deus o deixou cair. Pois com seu desejo ele introduziu a terrenidade na essencialidade celeste, e isto o Espírito de Deus, que é um Espírito de luz, não pôde aceitar. O espírito de Adão era uma criatura, que abandonou o amor-espírito de Deus.

Certamente, Ele não o abandonou por vontade própria, mas a terrenidade já o havia capturado. Quando Ele o abandonou, este afundou-se numa falta de poder, caindo no poder do terceiro Princípio, ou seja, das estrelas e dos quatro elementos; o homem foi envolvido na magia terrestre. Mas ele não se tornou totalmente terrestre; ele permanece no mistério, oculto entre o reino de Deus e o reino deste mundo, já que os dois Fiat, o divino e o terrestre, estavam ativos em nele; os dois reinos, o reino de Deus e o reino do inferno, encontravam-se agora em conflito por causa do homem. Se o precioso nome de Jesus, não tivesse sido imprimido em Adão, mesmo antes de sua criação, na essencialidade de Deus, onde estava a Virgem da sabedoria de Deus, onde Adão foi criado, ele ainda estaria, com certeza, dormindo, na morte terrestre.

Esta é a razão pela qual o segundo Adão, o Cristo, teve que descansar até o terceiro dia na terra, no sono do primeiro Adão, e fazer ressurgir o primeiro Adão fora da terrenalidade. Pois o Cristo também tinha uma alma e um espírito proveniente de Adão, e o Verbo precioso da Divindade, com o Espírito de Deus manifestou-se novamente na carne de Cristo a essencialidade morta do súlfur, ou o corpo que estava morto em Adão, restaurando-o no poder da Majestade de Deus; ali, todos nós fomos restaurados!

Todos aqueles que pela fé e desejo penetram a carne e o sangue de Cristo, em sua morte e repouso na terra, todos estes florescem em espírito e vontade na Essencialidade divina, e são uma bela flor na Majestade de Deus. Deus, o Verbo eterno e o poder, irá manifestar em si, no último dia, através de Seu Espírito, o corpo morto, o qual em Adão havia caído no poder da terra. Pois a alma e a carne de Cristo, que são também nossa alma e carne, ou seja, a parte que Adão recebeu da divina Essencialidade, contém Deus em si, e na morte de Cristo separou-se da natureza terrestre e elevou-se, introduzindo-se na Essencialidade divina, como era antes dos tempos, e como era em nós, em Cristo e por Cristo. Há em nós, hoje em dia, uma falta de rendição ou submissão tão grande, o que nos torna vulnerável ao demônio; pois nossa morte foi dissolvida, nosso sono tornou-se vida, em Cristo, por Cristo em Deus, e por Deus na eternidade, sendo que nosso fundamento passou ao não fundamento, ou seja, para a Majestade, sem a natureza do fogo.

Ó, cegueira, que não permite conhecermos a nós mesmos! Ó, tu, homem puro! Se conheceste a ti mesmo, quem és, como te regozijaria! Expulsarias o demônio, ele que luta, dia e noite, para tornar nossa mente terrestre, a fim de que não reconheçamos nossa terra verdadeira e nativa, a qual abandonamos! Ó miserável e corrupta Razão, se percebestes senão uma faísca de tua glória primordial, como lutaria por ela! Quão graciosa é a face da Essência Divina! Quão doce é a água da vida eterna, que jorra da Majestade de Deus! Ó preciosíssima Luz, uma vez que te manifestastes, destrua o poder do demônio, que nos mantém cativo! Interrompa o poder do Anticristo e da inveja, e livrai-nos do mal! Desperta-nos, Senhor; temos dormido por um longo período, na armadilha do demônio, na fonte terrestre! Permita vermos, uma vez mais, a tua salvação, manifesta a nova Jerusalém! É dia, por que devemos dormir durante o dia? Venha, tu que rompes a morte, tu poderosa heroína e campeã, destrua o reino do demônio na terra! Dai- nos (a teu Adão doente) mais um alimento de Sion, para que possamos nos revigorar e voltar à nossa verdadeira e nativa terra! Vejam, todas as montanhas, colinas e vales estão repletos da glória do Senhor: Ele germina como uma planta, quem poderia impedi-lo? Aleluia!

Ora, quando Adão adormeceu, posicionou-se no mistério, como nas maravilhas de Deus; o que Ele fez com Adão estava feito. Assim, o nome impresso de Jesus colocou o Fiat em movimento, em duas formas, ou seja, na tintura do fogo e na tintura da água. Pois esta primeira imagem havia caído sob o poder do nome de Jesus, no Verbo da vida, e agora o Verbo da vida era o segundo criador (compreende, com o nome impresso de Jesus, que se tornaria homem). Este segundo criador separou as duas tinturas, a do fogo e a da água, uma da outra, não em poder mas em essência; pois na essência da tintura da luz encontrava-se o sulphur veneris do amor, ao qual Adão estava destinado e que o fazia capaz de se tornar fecundo. A tintura do fogo fornecia a alma e a tintura da luz fornecia o espírito, como uma imagem de acordo com a imagem exterior. O fogo-vida desejava a luz-vida, e a luz-vida desejava o fogo- vida, ou seja, desejava o poder essencial de onde brilha a luz; tal posição era uma em Adão, pois ele era homem e mulher. E o Verbo da vida tirou de Adão, a tintura de Vênus com o Fiat celeste e terrestre, tirou também uma costela de seu lado, e a meia-cruz T na cabeça, que é a marca da Santíssima Trindade, estampada com o Verbo da Vida, assim como o severo nome de Deus, que possuía a mesma

caracterização. T indica a cruz de Cristo, na qual iria padecer a morte e regenerar Adão, e no nome de Jesus, introduzi-lo na Santíssima Trindade. O Fiat tomou tudo isso para si, com todas as essências da qualidade humana, da mesma forma que a propriedade do fogo da alma, mas na tintura de Vênus, não de acordo com o poder do centro; e dividiu inteiramente a forma do homem.

Assim foi feita a mulher, com todos os membros e propriedades femininas, as mesmas que ela ainda possui; pois o espírito majoris mundi tinha agora o Fiat mais forte, e figurou a mulher de acordo com esta forma. Pois a forma angélica havia partido; a geração passaria a ocorrer de forma animal. Desta forma, também foi dado à Adão, tendo em vista que ele havia caído no poder da magia terrestre, uma forma animal e a imagem de membros masculinos; a geração de Adão foi atribuída ao Fiat, que fez dele mesmo uma semelhança. Se sua mente tivesse permanecido celeste, ele poderia ter criado a si mesmo, de forma celeste. Esta geração foi feita então pelo Fiat terrestre e seu corpo exterior tornou-se um animal; ele perdeu também a compreensão celeste e a virtude do Todo-Poderoso.

Assim, caro leitor, deves saber que Cristo, o segundo Adão, não sofreu em vão a sua crucificação e a perfuração do lado direito pela lança, e nem seu sangue foi derramado em vão. Temos aqui a chave. Adão foi aberto em seu lado direito, junto à sua costela para a formação da mulher. Neste mesmo lado deve surgir a lança de Longines, com a cólera de Deus, pois ela penetrou Adão e através da terrenidade de Maria, também penetrou o lado de Cristo, e o sangue de Cristo tinha que extinguir a cólera e afastá-la do primeiro Adão; pois o segundo Adão tinha também o sangue celeste, e este tinha que extinguir a turba terrestre, a fim de que o primeiro Adão pudesse ser feito completo novamente.

Que seja dito a vós, filhos dos homens, pois isto foi conhecido na santíssima trindade, e não em opiniões e conceitos. A sua alma e o seu corpo estão em risco. Cuidado com o que fazes.

Teve início, então, a reprodução humana de forma animal. Pois Adão reteu o limbos, e sua Eva a matriz de Vênus, enquanto as tinturas haviam se separado. Ora, cada tintura é uma mágica completa, como um desejo ardente, no qual nasce o centrum naturae, no súlfur. Então a mágica

desejosa, com a tintura, é novamente encontrada no súlfur, e ainda assim não pode se ater à vida, a menos que a tintura do fogo penetre a tintura de Vênus. A tintura de Vênus é incapaz de despertar um fogo, pois é muito fraca. Não podendo estar no fogo e visto que, ao mesmo tempo, as duas tinturas desejam a vida, têm início o violento desejo do homem e da mulher, sendo que um deseja misturar-se com o outro; pois a força das essências deseja ser vital, e a tintura impele ali e também o deseja. Pois a tintura pertence à vida eterna, mas está encerrada na substância. Assim, ela deseja viver como vivia desde a eternidade; portanto, o homem deseja a matriz da mulher e a mulher deseja o limbos do homem.

A mulher tem uma tintura aquosa e o homem uma tintura ígnea. O homem semeia a alma, a mulher semeia o espírito e ambos semeiam a carne, ou seja, o súlfur. Desta forma o homem e a mulher são um corpo, e os dois produzem um filho; portanto, eles devem permanecer juntos, se alguma vez se fundiram, pois eles se tornaram um corpo. Mas aquele que se funde com outros, ou que se separa, quebra a ordem na natureza, assemelham-se a uma besta bruta, e não consideram que em sua semente reside a tintura eterna, onde está oculta a essencialidade divina, que neste caso será despertada na parte colérica. Além do mais, esta fornicação é uma obra que segue a sombra do homem, e no final desperta sua angústia na consciência. Pois a tintura na semente, tem sua origem na eternidade; ela é imperecível, aparece na forma de espírito e penetra na mágica do homem, de onde o homem a produziu e a manifestou.

Note isto, prostitutas e libertinos: o caminho que segues em segredo, freqüentemente com grande duplicidade, penetra a sua consciência e transforma-se para vós um verme mal e roedor. A tintura é um ser eterno e gostaria de viver no amor de Deus. Mas se, sob o impulso da região astral, através da infeção do demônio, tu a colocas num vaso falso e impuro, na abominação e na desordem, dificilmente irá conter o amor de Deus; ao contrário, passa desejando o primeiro lugar, em ti. Se a tintura se tornou falsa, num falso vaso, não podendo repousar, ela irá te corroer e trazer o abismo infernal para a consciência. Não se trata de ficção ou brincadeira. Não seja portanto, totalmente animal; pois um animal toma sua tintura unicamente deste mundo, mas tu a toma da eternidade. O que é eterno não morre. Ainda que tu corrompas o súlfur, ainda assim a vontade espírito no

súlfur penetra a nobre tintura no mistério, e cada mistério toma aquilo que lhe pertence. E no último dia, quando o Espírito de Deus irá se movimentar em todos os três Princípios, o mistério será revelado: ali verás tuas boas obras.

Assim a grande misericórdia de Deus com relação à raça humana é altamente reconhecida por nós; pois Deus quis ajudar o homem. Se, ao contrário, Deus tivesse desejado a propriedade animal, ele teria criado imediatamente e logo de início, um macho e uma fêmea; não teria feito um ser único, equipado com as duas tinturas. Mas Deus conhecia bem a queda do homem, assim como a fraude do demônio, que através de Eva fora transformado em escárnio. Quando Adão caiu e adormeceu, o demônio pensou: Agora sou senhor e príncipe da terra; mas a semente da mulher era para ele um obstáculo.

Devemos compreender o despertar de Adão. Ele adormeceu para o mundo celeste, e despertou para o mundo terrestre. O espírito do grande mundo o despertou. Então ele viu a mulher, e sabia que ela era sua carne e seu osso, pois a Virgem da sabedoria de Deus ainda estava nele. Ele olhou para ela e colocou sua imaginação ou desejo nela, já que continha a sua matriz, mais que tudo, a tintura de Vênus; imediatamente, uma tintura buscou a outra. Portanto, Adão a tomou para si e disse: Ela será chamada mulher, pois ela foi tirada do homem. Não se deve considerar Eva como uma virgem pura, assim como nenhuma de suas filhas. A turba destruiu a virgindade, e tornou o amor puro, em terrestre; o desejo terrestre destrói a verdadeira virgindade. A sabedoria de Deus é uma virgem pura, na qual o Cristo foi concebido e num verdadeiro e virgem vaso tornou-se homem, como veremos mais adiante.

Da mesma forma, a virgem terrestre não poderia permanecer no Paraíso. Embora, o homem e a mulher ainda estivessem no Paraíso, e ambos ainda possuíssem a natureza paradisíaca, mesmo que esta estivesse misturada com a ânsia terrestre. Eles estavam nus, e tinham seus membros bestiais para a procriação, mas eles ainda não conheciam estes órgãos e nem estavam envergonhados; pois o espírito do grande mundo não dominava sobre eles, antes de comerem o fruto terrestre. Então seus olhos foram abertos, pois a Virgem celeste da sabedoria de Deus retirou-se deles; Primeiro, eles

conheceram o reino das estrelas e dos elementos. Quando o espírito de Deus se foi, o espírito terrestre na fonte fervente e feroz penetrou. Neste instante o demônio foi aceito, infectando e conduzindo-os à cólera e à malícia, como ocorre ainda em nossos dias. Pois a ira de Deus, que surge da Natureza eterna, e a qual o demônio acendeu e despertou, permaneceu no centro terrestre. Nenhuma vida pode nascer sem que o centro seja despertado; pois o Princípio permanece no fogo, onde toda vida está enraizada, e o centrum naturae tem em suas formas ferocidade ou abrasamento. Portanto, é dito: Curve-se, penetre a humildade, e leve uma vida correta. Pois vida é fogo e a imagem da vida, que é a semelhança de Deus, está na luz, ou seja, no fogo do amor; o fogo-luz, contudo, não fornece o centrum naturae. Assim, o demônio ainda pensa que é um senhor maior do que a criatura no fogo-amor. Certamente ele é mais austero; mas ele vive nas trevas e devora a essencialidade adstringente, o que também o torna um inimigo do amor.

Devemos reconhecer que o demônio é a causa pela qual o homem foi criado em seu lugar, e que ele é culpado pela queda do homem, embora Adão e sua Eva, não puderam permanecer firme, quando Deus dividiu Adão. Eles estavam, de fato, no Paraíso, onde deviam se alimentar do fruto paradisíaco, de forma angélica. Mas eles não apreciaram isso, porque a árvore do conhecimento do bem e do mal era mais agradável a eles; e Eva, tão logo foi feita, imaginou na árvore da tentação. E embora Adão tenha lhe revelado o mandamento, o desejo estava unicamente direcionado à árvore; pois as essências terrestres ainda não estavam manifestadas em Adão e Eva, eles ainda estavam ligados; ocorreu que eles germinaram o mesmo desejo, pois desejavam ser senhores e mestres. Por aí surgiu a infeção do demônio, através de sua imaginação falsa e ascendente. Ele se colocou na forma de serpente sobre a árvore, oferecendo o fruto à Eva, com o efeito de que este fruto tornaria sábio aquele que o comece. Sim, realmente! Sábio para conhecer o bem e o mal; grande miséria; dois tipos de fonte para reinar em uma criatura. Não havia conhecimento melhor. Ele disse a ela verdade e mentiras, ao mesmo tempo, ela seria sábia e seus olhos seriam abertos. Claro, era o suficiente. Ela percebeu rapidamente que pela fonte terrestre ela havia caído no espírito deste mundo, que estava nua; ela reconheceu seus membros bestiais, adquiriu intestinos no corpo e uma carcaça fedorenta, cheia de pesar e miséria, na angústia e na tribulação, como está

explicito no livro “De tribus principiis”. Temos diante de nossos olhos, que tipo de anjos do Paraíso éramos nós, como devemos nos gerar e nos sustentar na angústia, no pesar e na miséria, o que deveria ser feito de forma diferente.

Assim, conhecemos suficientemente a queda de Adão e por que ele não podia permanecer no paraíso, o que era o Paraíso, que ainda existe. Mas ele não contém agora o fruto paradisíaco, e nós não temos a natureza e os olhos paradisíacos; nós não o vemos. Pois, Deus amaldiçoou a terra, por causa do homem, a fim de que o paraíso não mais florescesse sobre a terra. Ele se tornou para nós um mistério, e ainda o é; para este mistério partem as almas dos santos, quando o corpo terrestre se separa da alma. Ele está neste mundo e também fora deste mundo, pois a fonte do mundo não o toca. Todo o mundo poderia ter sido como um paraíso, se Adão tivesse permanecido na inocência; mas quando Deus amaldiçoou a terra, o Paraíso desapareceu; pois a maldição de Deus é uma retirada. A Sua retirada não é um recuar, mas um penetrar em outro Princípio, em si mesmo. O Espírito de Deus saiu de Deus para a essência; mas quando esta essência se tornou terrestre, e o demônio, inimigo de Deus, começou a nela habitar, então o Espírito de Deus penetrou o seu próprio Princípio, ou seja, no amor, retirando-se da terrenidade. Ali, isto é apresentado ao homem na luz da vida. Agora, aquele que deseja penetrar o amor de Deus, usa a sua vontade-espírito para atingir o Paraíso. Desta forma, o Paraíso floresce novamente em sua vontade-espírito, e ele passa a receber novamente, em união com sua imagem, a essencialidade celeste, onde reina o Espírito Santo.

Que isto seja uma pérola para vós, filhos dos homens; pois este é o verdadeiro fundamento. Aquele que o busca e o encontra tem expressado o seu deleite. É a pérola que permanece oculta no campo, do qual falou o Cristo, que um homem vendeu todos os seus bens e comprou a pérola (Mat. 3 – 45,46).

Devemos nos referir ao Querubim, que conduziu Adão e Eva para fora do Paraíso, como o anjo do rigor, o que significa o mutilador da vida terrestre do Paraíso, a fim de que o corpo e a alma se separassem.

Sabemos, de fato, que Adão e Eva foram conduzidos para fora de onde se encontrava a árvore da tentação, pois o fruto paradisíaco estava lá; estes

eles não mais iriam ver ou comer, pois o que é celeste não pertence ao terrestre. Os animais também foram conduzidos por conta da árvore má; eles não foram capazes de desfrutar do fruto paradisíaco; mas qualquer animal podia comer desta árvore, pois ela era terrestre. Assim, Adão e Eva foram compelidos a deixarem o Paraíso, pois Deus havia, através do espírito do grande mundo, os revestido com as peles das bestas, no lugar da vestimenta celeste e brilhante, e havia pronunciado a eles sentenças com relação ao que deveriam fazer neste mundo, o que deveriam comer e como deveriam conseguir seu pão com sofrimento e na miséria, até que pudessem retornar à terra, de onde foram, em parte, extraídos.

Sobre a semente prometida da mulher e esmagadora da serpente

Ver Adão e Eva no Paraíso, como marido e mulher, possuindo ainda a vida e a alegria celestial, embora mistos, era demais para o demônio, sua inveja era enorme. Após provocar a queda de Adão, privando-o de sua forma angélica, passou a observar Eva, como a mulher tirada de Adão, e pensou que poderiam gerar filhos no Paraíso e lá permanecer. Ele disse a si mesmo: "Teu desejo é seduzi-la, a fim de que coma do fruto proibido, isso a tornará terrestre; assim, tu poderás atingir seu coração e trazer teu desejo para dentro dela, então tome-a para o teu reino e continue sendo o príncipe sobre a terra, no terceiro Princípio". De fato, ele conseguiu, induzindo-a a ceder ao falso fruto, pegar da árvore, arrancar uma maçã e comer, oferecendo-a também à Adão. Vendo Adão que Eva não caíra e morrera imediatamente, também comeu, pois o desejo existia em ambos.

Tal foi o pedaço pelo qual o Céu e o Paraíso desapareceram, fazendo com que o Querubim ou mutilador parasse, com sua espada flamejante, diante da porta do Paraíso, e não mais permitisse que eles ali entrassem. Sua espada era o anjo destruidor, que agora corta o homem com o calor, o frio, a doença, com a necessidade e com a morte e por fim, separa a vida terrestre da alma.

Quando esta espada estava para ser quebrada na morte de Cristo, a terra tremeu e o sol se obscureceu; as pedras se romperam diante do forte poder de Deus, que dissolveu a morte. A sepultura dos santos foram abertas, e seus corpos se levantaram; pois a espada foi quebrada e o anjo que guardava o Paraíso, removido. Os corpos dos santos entraram novamente

no Paraíso.

Quando Adão e Eva comeram do fruto terrestre, caíram em meio a assassinos, que os surraram e os despiram, deixando-os meio mortos. A saída deles do Paraíso, é a saída de Jerusalém para Jericó, pois deixaram o céu, rumo a este mundo corrupto e mal, para a casa do pecado, onde sem demora, em suas almas, no centrum naturae, a roda dos sentidos começou a qualificar na fonte terrestre; onde cada sentido era adverso ao outro; onde a inveja, o orgulho, a avareza, a ira e a repugnância surgiram em profusão; pois a luz pura do amor havia sido extinta, aquela que tornava a fonte ígnea agradável, amigável e gentil, no qual o Espírito de Deus operava e a bela Virgem da sabedoria de Deus repousava: eles deixaram a bela sabedoria.

Deus havia criado Adão na Virgem casta de Sua sabedoria. Mas ele, ao contrário, tomou para si uma companheira terrestre, contrária e má, com a qual tinha que viver numa forma animal, em constante pesar, ansiedade e aflição. Do belo jardim de deleites, que havia dentro de si, surgiu um jardim adverso de espinhos e cardos, onde, de certa forma, ele ainda buscava o fruto virgem. O fruto estava com ele, como que com um ladrão, que se encontrava num belo jardim para guardá-lo e preservá-lo, mas o fruto havia sido retirado de lá por roubo; no entanto, ele comeria alegremente do fruto em questão, mas não pode alcança-lo; então, caminha em volta, do lado de fora, estendendo sua mão para alcançar o fruto, que o jardineiro tira dele, sendo forçado a se retirar contrariado, sem satisfazer seu desejo. Isto ocorre com o homem, em relação à mulher.

Quando Adão se encontrava no amor de Deus, e a mulher era nele uma virgem casta, na sabedoria e doçura de Deus, ele comia o frutos dela, e podia certamente se deleitar com seu próprio amor, na matriz de Vênus. Pois a tintura do fogo tem um grande deleite jubiloso na tintura da luz, e Adão tinha isso em si: ele era homem e mulher. Agora ele deve andar ao redor deste jardim, do lado de fora e tocar a tintura de Vênus somente com um membro; as tinturas internas então recebem uma a outra na semente, e assim operam para produzirem uma vida. Mas o corpo exterior não é digno de desfrutar da inqualificação ou da assimilação do reino interno da satisfação, onde a vida da alma é semeada. Somente as essências internas

tem este privilégio, pois pertencem ao Eterno. Mas o homem animal exterior satisfaz unicamente um desejo bestial. Ele nada sabe sobre a alegria das essências, quando uma tintura penetra a outra; o que ocorre onde ainda há algo de Paraíso; mas a essência terrestre intercede imediatamente, e é somente um lance ou brilho jubiloso onde é gerada a vontade para a vida, que se mantém nesta direção e se torna fecunda com o súlfur, até atingir o Princípio e atrair o fogo no centro: então ela atinge uma vida verdadeira, e nasce outra alma.

Quando a bela imagem se retirou do amor de Deus, ela soube que passou para um estado diferente. Teve início o terror e o temor da cólera de Deus, que começou a se fazer sentida. Eles olharam um ao outro e se tornaram conscientes da forma animal e de que estavam nus. O demônio deve ter festejado e zombado de Deus. Eles estavam com medo e se esconderam entre as árvores; pegaram folhas de figo, trançaram-nas e as colocaram sobre a sua vergonha, pois a Virgem celeste havia partido. Eles reconheceram a queda e estavam envergonhados; quer dizer, a alma, que pertence ao Eterno, tinha vergonha da natureza bestial: o que ocorre até hoje, temos vergonha de nossos órgãos bestiais. Desde então, a mulher cobre sua vergonha com um pano branco, a fim de que o espírito da alma, que se apresenta nos olhos, não seja atormentado, pois conhece a matrix de Vênus e começa imediatamente, no macho, a imaginá-la; se a mulher se cobrisse de preto e velasse seus olhos, isso não ocorreria facilmente, a não ser pela imaginação; as duas tinturas, a do homem e a da mulher buscam uma à outra imediatamente nos olhos, onde o espírito se revela.

Quando Adão e Eva se aterrorizaram diante da cólera de Deus, Ele chamou Adão e lhe perguntou: “Onde estás?”, disse ele. “Ouvi teu passo no jardim”, respondeu o homem; “tive medo porque estou nu, e me escondi”. Ele retomou: “ E quem te fez saber que estavas nu? Comeste, então, da árvore que te proibi de comer!” O homem respondeu: “A mulher que puseste junto de mim me deu da árvore, e eu comi!”. Iahweh Deus disse à mulher: “Que fizestes?” E a mulher respondeu: “A serpente me seduziu, e eu comi”. (Gen. 3. 9,3).

Em relação a isso compreendemos o grande amor de Deus, que relembrou Adão, a fim de que conhecesse, buscasse e encontrasse a si

mesmo, voltando-se novamente à Deus. Pois Adão havia estado em Deus, mas abandonou Seu amor, o segundo Princípio, o santo Paraíso de Deus, para penetrar o reino terrestre exterior deste mundo das estrelas e elementos, no terceiro Princípio. Portanto, Deus disse: "Onde estás Adão?"; "Não vês que não mais estás no céu?" Deus voltou novamente seu semblante gracioso para uma parte em Adão, ou seja, para a parte recebida da essencialidade celeste, aspectando-a novamente com Seu espírito, disse à serpente, no velho demônio: "Pelo que fizestes, serás amaldiçoada". E tu, serpente criaturalizada, passou a ser uma criatura (pois o demônio havia se transformado, tomando a forma de uma serpente, e como serpente deveria permanecer), Ele disse: "Sobre sua barriga deve se rastejar, e da terra deves provar". Por ter seduzido o homem, que se tornou terrestre, a imagem do demônio também deveria ser terrestre e provar da qualidade terrestre colérica, ou seja, veneno: esta deveria ser sua característica.

É preciso saber que o demônio formou para si mesmo a imagem da serpente, das estrelas e elementos, através de sua imaginação, pois ele tinha grande poder até que o Senhor o amaldiçoou totalmente, e colocou o precioso nome de Jesus como uma marca divisória: então seu grande poder caiu. Pois Deus disse à Adão e Eva: "Porei hostilidade entre ti e a mulher, entre a tua linhagem e a linhagem dela. Ela te esmagará a cabeça e tu lhe ferirás o calcanhar" (Gen. 3, 5). Ou seja, na cólera de Deus, tu a mata, mas ela irá ressurgir da morte e esmagar tua cabeça, ou seja, afastar teu poder e superar a cólera com o amor. E neste lugar, o Verbo da promessa da semente da mulher, ou seja, o preciosíssimo nome Jesus, se imprimiu com seu sinal na luz vital; e neste mesmo sinal a preciosíssima Virgem da sabedoria de Deus, na qual o Cristo, aquele que venceu a morte, se tornaria um verdadeiro homem, destitui a morte de seu poder e destrói a ferida do demônio; ele pisaria a prensa de vinho da ferocidade e da cólera, penetraria a cólera como no centro do fogo, extinguindo o fogo com seu sangue celeste e com a água da humildade, que jorra da fonte do Espírito de Deus.

Tenham a certeza de que, se o Verbo da promessa não tivesse se imprimido na luz da vida, quando Adão e Eva caíram na fonte terrestre, o espírito da alma teria se tornado um demônio feroz e o corpo um besta má, como de fato é. Se a água elementar (que é santa) não abatesse o orgulho da ferocidade, veríamos muito bem como a maioria seria um demônio feroz.

Devemos considerar que o mundo, antes da encarnação de Cristo, foi salvo neste Verbo impresso e nome Jesus. Aqueles que inclinaram sua vontade para Deus, receberam o Verbo da promessa e teve a alma tomada ali. Pois toda a lei de Moisés com relação ao sacrifício, não é absolutamente nada senão um tipo de humanidade de Cristo. O que Cristo, em sua humanidade, fez através de seu sacrifício, mergulhando com seu sangue e seu amor a cólera de Deus, Moisés fez através de seu sacrifício com o sangue das bestas. Pois, o verbo da promessa estava presente no pacto por similitude. O nome Jesus estava no pacto e reconciliou pelo desejo, a raiva e a cólera na natureza do Pai. Os judeus certamente não compreenderam, mas o pacto compreendeu; pois o homem animal não era digno de conhecê-lo, até o nascimento de Cristo. Então o som foi emitido, o qual contudo, após um curto tempo, fora novamente encoberto pelo Anticristo em Babel, pois o homem animal da iniquidade, não é digno do precioso nome Jesus; nem ele pertence à parte animal, mas unicamente à parte divina. A parte animal deve permanecer na terra selvagem e no último dia ser consumida pelo fogo de Deus. Mas a parte celeste deve ser introduzida no poder divino; assim, trata-se de uma abominação diante de Deus, que o homem brinque orgulhosamente com a parte animal. Ela não é a imagem de Deus, assim como o sacrifício de Moisés não era a reconciliação, como não havia no pacto senão o Verbo da vida e o pacto da graça.

A circuncisão dos judeus, sendo obrigatória unicamente nos meninos, continha em si a seguinte lei: Adão era o único homem criado por Deus, e nele estava a imagem de Deus. Eva, como sua esposa, Deus não quis criar; a imagem só deveria nascer de um. Mas visto que ele caiu, e que Deus teve que fazer a mulher para sua companhia, o pacto com a promessa passou novamente sobre um, a fim de que todos fossem regenerados e nascessem novamente de um, ou seja, do segundo Adão; não da mulher Maria, mas de Cristo, na qualidade de Adão celeste. Pois o sangue do primeiro homem ou primeiro Adão, recebido da essencialidade de Deus, tinha valor, e não o sangue terrestre da mulher teria que ser efetivo para ele. Portanto, só a espécie masculina era circuncidada, e no mesmo membro que é uma abominação diante de Deus e uma vergonha para a alma, pois a fecundação não estava destinada a ser bestial. A circuncisão era assim, um sinal e uma imagem, indicando que aquele membro deveria ser cortado do homem e não aparecer com ele na eternidade. O Cristo teve que tomar para si a forma de

um homem, embora internamente permanece numa imagem virgem, para que o propósito do poder de Deus prevalecesse. Pois a propriedade do fogo ou do homem deve governar, e a propriedade da luz ou da mulher deve abrandar seu fogo e trazê-lo para a branda imagem de Deus.

O sangue da mulher não teria reconciliado a cólera de Deus, era necessário que o sangue do homem o fizesse. Pois a mulher pertence ao homem, e irá, no reino de Deus, ser uma virgem masculina, assim como era Adão, não uma mulher. A mulher é salva no pacto do homem; pois o pacto foi feito por causa do homem, ou seja, da virgem masculina, para que pudesse ser reconciliada. Portanto, São Paulo diz: "Entretanto, ela será salva pela sua maternidade, desde de que, com modéstia, permaneça na fé, no amor e na santidade" (Tm. ,5). E não só isso, mas também no pacto do homem, pois ela é uma parte tirada de Adão. Assim cada mulher individual deve ser subjugada ao homem, e ele deve ser o senhor. Deus oferece ao homem além do mais, a Sabedoria Virgem; ele deve governar a mulher, não como um tirano, mas como a sua própria vida. Deve amar sua mulher como seu próprio corpo, pois ela é sua carne e sangue, uma imagem tirada dele, sua colaboradora, seu jardim de rosas. Embora ela seja fraca e terrestre, o homem precisa compreender que ele é a causa disso, ter paciência com ela, e não deixar sua cólera predominar e destruí-la.

A mulher também deve entender que é salva no pacto e sangue do homem (o primeiro, virgem); ela é a costela e a tintura do homem e de Adão; a mulher é própria do homem. Ela deve ser humilde. Como um membro serve o corpo, a mulher deve servir o homem e amá-lo como a si mesmo. Ela deve lançar seu amor totalmente a ele, pois assim obtém a Virgem celeste com a Sabedoria divina, e o espírito do pacto.

Mas para virgens não casadas e homens sem mulheres, assim como para as viúvas, é dito que têm o pacto de Cristo como esposo ou esposa: diante de tal pacto, devem ser castos e humildes. Pois o Cristo é a noiva do homem, sua virgem casta, a qual Adão perdeu; Ele é também o noivo das virgens e das viúvas: Sua masculinidade é a masculinidade delas, a fim de que assim apareçam diante de Deus, como uma virgem masculina. Pois nossa imagem está sendo gerada agora, na vontade e na fé. Onde quer que estejam a nossa vontade e o nosso coração, lá está também nossa imagem e

nosso tesouro.

Portanto, protejam-se da prostituição e do falso amor, pois a verdadeira imagem é por ela destruída. A prostituição é a maior fraqueza que o homem opera em si. Outros pecados saem dele para uma imagem; mas a prostituta continua nele; pois ele (ela) produz uma falsa imagem na qual a Virgem de Deus não é conhecida, mas somente uma forma bestial. Que isto seja dito ao homem: Há um horror tão grande por detrás da prostituição, que o céu estremece, diante dela, assim como aquele que não penetram facilmente a imaginação bestial.

Sobre a Virgem Maria e a encarnação de Jesus Cristo, o Filho de Deus

Muitos tomaram para si, o ato de escrever sobre a Virgem Maria, tendo acreditado que ela não era uma filha da terra. Para estes foi apresentado um reflexo da Virgindade eterna, o que os deixou longe do verdadeiro alvo. Alguns simplesmente acreditavam que ela não era a filha de Joaquim e Ana, pois o Cristo é chamado de semente da mulher, e de fato é, atestando ter vindo de cima, do céu; segundo eles, o Cristo deve então ter nascido de uma Virgem totalmente celeste. Mas isso seria pouco útil para nós, pobres filhos de Eva, que nos tornamos terrestres e que conduzimos nossas almas num vaso terrestre. Onde estariam nossas pobres almas, se o Verbo da vida eterna não as tivesse tomado para si? Se Cristo trouxe uma alma do céu, onde estaria nossa alma e o pacto com Adão e Eva, pelo qual a semente da mulher esmagaria a cabeça da serpente? Se Cristo tivesse desejado vir e nascer totalmente celeste, não precisaria ter nascido um homem sobre a terra. Mas onde estava o pacto, no qual o nome da promessa, Jesus, incorporou-se na luz da vida, na tintura da alma, imediatamente no Paraíso, quando Adão caiu, mesmo antes de Adão ser criado?

Como diz Pedro: “conhecido antes da fundação do mundo, mas manifestado no fim dos tempos, por causa de vós” (Pd ,0). Deus, em sua sabedoria, sabia da queda; assim, o nome Jesus incorporou-se ali no Verbo da vida, logo em seguida, envolvido pela Virgem da sabedoria, na imagem de Adão com a cruz. Pois a alma também é um nascimento crucial: quando o fogo da alma é aceso, produz no lampejo uma cruz, ou seja, um olho com a cruz e os três Princípios, de acordo com a característica da Santa

Trindade.

Precisamos compreender que Maria, em quem o Cristo tornou-se homem, foi verdadeiramente, a filha de Joaquim e Ana, pela carne exterior, sendo gerada pela semente deles, de acordo com o homem exterior; mas pela vontade, ela era filha do pacto da promessa, pois ela era a meta para a qual o pacto apontava. Nela encontrava-se o centro do pacto; portanto, ela era altamente conhecida do Espírito Santo no pacto, e altamente abençoada diante e entre todas as mulheres, até mesmo Eva; pois o pacto nela se revelou.

Deves nos compreender de forma elevada e sublime: O Verbo com a promessa, que com os judeus permaneceu como um protótipo, como num espelho, no qual Deus, o Pai colérico, imaginou e extinguiu sua cólera, este Verbo e promessa agora movimentou-se de forma essencial, que não ocorreu da eternidade. Pois quando Gabriel trouxe a mensagem à Maria, de que deveria ser fecundada, ela consentiu dizendo: 'Que seja feito segundo a tua palavra', então o centro da Santa trindade movimentou-se, revelando o pacto, ou seja, o revelou-se dentro dela, no Verbo da vida, a eterna virgindade que Adão havia perdido. Pois a virgem da sabedoria de Deus envolvia o Verbo da vida ou o centro da Santa Trindade. Assim, o centro foi movimentado, e o Vulcão celeste acendeu o fogo do amor, a fim de que o princípio da chama do amor fosse gerado.

Compreenda corretamente. A essência de Maria ou a essência virgem, corrupta em Adão e de onde ele deveria produzir uma imagem virgem, de acordo com a sabedoria de Deus, encontrava- se repleta de fogo e do princípio do amor inflamado; entenda por isso a semente de Maria, quando tornou-se fecunda com o espírito da alma ou com a tintura de Vênus; pois, na tintura de Vênus, ou seja, na fonte do amor, o primeiro fogo de Adão foi aceso no Verbo da vida, e no menino Jesus, as duas tinturas eram perfeitas como em Adão; o Verbo da vida no pacto, compreenda a Santíssima Trindade, era o centro, e o princípio apareceu na esfera do Pai. O Cristo tornou-se homem em Deus e também em Maria e ao mesmo tempo no mundo terrestre, ou seja, em todos os três Princípios. Ele tomou para si a forma de um servo, para que pudesse dar à mão à morte e ao demônio, pois ele seria um príncipe no locus deste mundo, no trono principesco angélico,

no lugar e com a autoridade do anjo e príncipe anterior, Lúcifer, sobre todos os três Princípios. Se então () ele deveria ser senhor do mundo externo, era preciso habitar no mundo externo, possuindo sua natureza e propriedade; se () deveria ser o Filho de Deus, necessariamente deveria nascer de Deus; se (3) deveria extinguir a cólera do Pai, também deveria estar no Pai; se (4) era para ser o Filho do Homem, também deveria ser da essência e natureza do homem, tendo uma alma e um corpo humano, como todos nós temos.

Reconhecemos que Maria, sua mãe, assim como o Cristo, através de sua mãe, tinham uma essência humana, no corpo, alma e espírito, e que o Cristo recebeu uma alma da essência de Maria, mas sem a intervenção da semente do homem. O grande mistério de Deus ali foi revelado. O primeiro homem, em seu esconderijo, caído na morte, foi aqui novamente gerado em sua vitalidade, compreenda no princípio de Deus. Por causa disto a Divindade se colocou em movimento, acendendo o fogo no princípio do Pai; assim, o súlfur morto, que havia morrido em Adão, foi novamente despertado; pois o Verbo possuía a essencialidade celeste em si e com ela se revelou na imagem virgem da Divindade. O mesmo ocorre com a Virgem casta, na qual o Verbo da vida tornou-se homem; assim, a Maria exterior foi adornada com a altíssima e abençoada Virgem celeste, sendo abençoada entre todas as mulheres deste mundo. Tudo o que estava morto e enterrado na humanidade, nela foi novamente revivido; portanto ela foi exaltada, como o primeiro homem diante da queda, tornando-se a mãe do Príncipe Real. Contudo, isso não ocorreu por seu próprio poder, mas pelo poder de Deus. Se o centro de Deus não tivesse se colocado em movimento dentro dela, ela não teria sido, de forma alguma, diferente de todas as filhas de Eva. Mas o verbo da vida havia estabelecido este objetivo, em conexão com o pacto da promessa; portanto ela é abençoada entre todas as mulheres e acima de todos os filhos de Eva. Não que ela seja uma deusa, a quem devemos louvar como Deus, pois ela não é o objetivo; e de fato ela disse: “Como pode ser, eu não conheço nenhum homem?” Mas o Verbo da vida no centro do Pai, que pelo movimento da Divindade doou-se para a humanidade e foi revelado na essência humana, é o objetivo: este é o objetivo que devemos buscar para a realização do novo nascimento.

O que ocorreu no caso do primeiro Adão, foi uma maravilha ainda maior. Pois o primeiro Adão foi criado dos três Princípios, recebendo seu espírito

do próprio Espírito de Deus: neste caso, o Coração de Deus não precisava se movimentar especialmente; o Espírito de Deus, do Coração de Deus apenas moveu-se. Mas aqui o centro do coração de Deus foi colocado em movimento, centro este que havia repousado desde a eternidade; o fogo divino tornou-se aceso e inflamado.

O Portão Precioso

Precisamos compreender bem a encarnação de Cristo, o Filho de Deus. Ele não tornou-se homem apenas na Virgem Maria, como se sua divindade ou natureza divina permanecesse confinada lá em cima. Assim como Deus habita em um só lugar, mas é considerado como a plenitude de todas as coisas, assim Deus movimentou- se unicamente em uma parte separada; pois ele não é divisível, mas inteiro em toda parte, e onde quer que ele se manifeste, manifesta- se completamente. Da mesma maneira, Deus não é mensurado, nem se encontra lugar algum para ele, a menos que ele faça um lugar para si numa criatura; mas assim ele estaria, ao mesmo tempo, com a criatura e fora da criatura.

Quando o Verbo se colocou em movimento para a revelação da vida, ele se revelou na essencialidade divina, na água da vida eterna; ele a penetrou e se tornou súlfur, ou seja, carne e sangue; produziu a tintura celestial, que envolve e preenche a Divindade, onde a sabedoria de Deus permanece eternamente com a magia divina. Compreenda corretamente: A Divindade desejou tornar-se carne e sangue; embora o puro e imaculado Deus permanece espírito, tornou- se o espírito e a vida da carne, operando na carne; assim, quando penetramos, através de nosso desejo, em Deus, nos doando totalmente a ele, podemos dizer que penetramos a carne e sangue de Deus, vivemos em Deus, pois o Verbo se fez homem e Deus é o Verbo.

Não abolimos, com isso, a criatura de Cristo, como se ele não fosse considerado uma criatura. Podemos comparar o sol à criatura de Cristo e a profundeza do mundo ao Verbo eterno no Pai. Vemos, contudo, que o sol brilha em toda a profundidade, oferecendo calor e poder; mesmo assim, não podemos dizer que nas profundezas, independente do corpo do sol, o poder e o brilho do sol não existam. Pois, se não existissem, não buscariam o poder e o brilho do sol, já que somente um pode buscar o outro. A profundeza está simplesmente oculta, com relação ao seu brilho; mas se for

da vontade de Deus, toda a profundeza poderia ser senão sol. Bastaria acendê- la, a fim de que a água fosse engolida e se tornasse um espírito, então o brilho do sol brilharia em todo lugar; do mesmo modo, o centro do fogo se inflamaria, como no locus do sol.

Além disso, saibam que: Compreendemos que o coração de Deus repousava desde a eternidade; mas pelo movimento e penetração das essências, manifestou-se em todos os lugares, embora em Deus não haja lugar ou limite, exceto na criatura de Cristo. Ali, toda a santa Trindade se manifestou numa criatura, e através da criatura em todos os céus da criação. Ele nos preparou o lugar onde veremos na sua luz, viveremos em sua essencialidade e dela provaremos; sua essencialidade preenche os céus e o Paraíso. No princípio, fomos feitos da Essência de Deus, por que não poderíamos nela viver? Assim como o ar e a água preenche este mundo, e todos nós deles desfrutamos, também existe um essencialidade divina oculta, a qual apreciamos, se com extrema honestidade nela imaginarmos e com a vontade nos doarmos a ela. Esta é portanto, a carne e o sangue de Cristo no poder divino; pois o corpo e o sangue da criatura de Cristo são ali encontrados, sendo uma realidade, um poder, um espirito, um Deus, uma plenitude, sem ser separado por lugar algum, ainda que estejam em seu próprio princípio. Um homem egoísta pode dizer: Como poderemos dele nos alimentar? Primeiro, procure alcança-lo, pois não irá dele se alimentar com a boca exterior. Ele é um princípio mais profundo, ainda que tenha se tornado exterior. Ele estava na Virgem Maria e também neste mundo, através do nascimento; no último dia, ele irá aparecer em todos os três Princípios diante de todos os homens e demônios.

Ele realmente tomou a natureza terrestre sobre si; mas, em sua morte, quando venceu a morte, a natureza divina absorveu a terrestre e afastou o seu domínio. Não que Cristo tenha colocado alguma coisa de lado, mas a natureza externa foi superada e absorvida; a vida que ele vive hoje, ele vive em Deus. O mesmo deveria ter ocorrido com Adão, mas ele não resistiu. Portanto o Verbo teve que se fazer homem e se doar à substância, a fim de que possamos receber poder e, com isso, sermos capazes de viver em Deus.

O Cristo trouxe novamente aquilo que Adão havia perdido, sim e muito mais. Pois o Verbo se fez homem em todo lugar, ou seja, está revelado em

todo lugar, na essencialidade divina, onde encontra-se nossa humanidade eterna. Pois, na eternidade, viveremos na mesma essência corporal em que está a Virgem de Deus; devemos nos revestir da Virgem de Deus, pois o Cristo dela se revestiu. Ele tornou- se homem na Virgem eterna e também na virgem terrestre, embora esta última não fosse exatamente uma virgem. Mas a Virgem divina e celeste fez dela uma virgem na benção, ou seja, na revelação do Verbo e do pacto. Aquela parte em Maria, herdada de Adão, da essencialidade celeste, que Adão transformou em terrestre, aquela parte foi abençoada. Assim, o elemento terrestre simplesmente morreu dentro dela, o outro elemento passou a viver eternamente, voltando a ser uma virgem casta, não na morte, mas na benção. Quando Deus revelou a si mesmo dentro dela, ela se revestiu com a bela Virgem de Deus, tornando-se uma virgem viril pela parte celeste.

Desta forma, o Cristo nasceu de uma Virgem correta, pura, casta e celeste, pois no momento da benção, ela recebeu o limbos de Deus em sua matriz, em sua semente. Nenhum elemento estranho, mas o próprio limbos de Deus desabrochou nela, no poder de Deus. Este limbos estava morto em Adão e foi vivificado pelo movimento de Deus. No Verbo da vida, a essência de Deus a penetrou, abrindo o centro da alma, a fim de que Maria se tornasse fecunda com uma alma e com um espírito, tanto de forma celeste como terrestre. Esta foi uma verdadeira imagem de Deus, uma semelhança de Deus, fundamentada na Santíssima Trindade, em todos os três Princípios.

Sobre a Virgindade de Maria, como ela era antes da benção e no que se transformou pela benção.

É extremamente necessário para nós, pobres filhos de Eva conhecermos este assunto, pois nele reside a salvação eterna; este é o portão de Emanuel; nele reside toda a fé cristã, neste que é o portão do mistério maior. Permanece oculto aqui, o segredo do homem, no qual ele é a imagem e semelhança de Deus.

Toda a nossa religião consiste em três pontos, os quais cultivamos e ensinamos. Primeiro, com relação à criação, de qual essência, natureza e propriedade é o homem; se ele é eterno ou não é eterno, e como isso é possível; de onde ele veio, no princípio, e de que propriedade é a origem do

homem.

Em segundo lugar, o que foi a sua queda, por causa da qual somos mortais e sujeitos à malignidade e a fonte da cólera.

Terceiro, no que consiste o novo nascimento, tendo em vista que Deus deseja nos receber novamente na graça; por conta deste desejo, ele nos deu leis e doutrina, confirmando-os com grandes milagres. Em que poder e espírito podemos renascer e ressurgir da morte.

Encontramos tudo isso representado em duas imagens, ou seja, na eterna e santa Virgindade, e na virgindade terrestre e perecível; enquanto que o novo nascimento é encontrado na imagem do Cristo, de forma plena e clara. Pois, na Virgindade eterna, na essencialidade de Deus, onde a imagem e semelhança de Deus foi vista como em um espelho, desde a eternidade, sendo conhecida do Espírito de Deus, foi Adão o primeiro homem criado. Ele tinha a virgindade como possessão, como a verdadeira tintura-amor na luz, que deseja a tintura do fogo ou a propriedade das essências, para que possa se tornar uma vida ígnea no poder e glória, e seja na essência do fogo uma genetrix, o que não é possível na essência da luz, sem o fogo.

Reconhecemos então a Virgindade na sabedoria de Deus, na vontade desejosa da Essência divina, da eternidade. Não uma mulher que gera, mas uma imagem no espelho da sabedoria de Deus, uma imagem pura e casta sem ser, mas ainda em essência; embora não manifesto na essência do fogo, mas na fonte da luz.

Deus criou esta imagem num ser, com o auxílio dos três Princípios, para que pudesse ser uma semelhança, de acordo com a Divindade e a eternidade, como um espelho completo do fundamento e do abismo, do espírito e também da essência; este ser foi criado do eterno, não para uma existência frágil. Mas porque o terrestre e o frágil encontravam-se suspensos para o Eterno; o desejo terrestre introduziu-se no desejo celeste e eterno, infectando a propriedade celeste; pois desejou habitar no desejo eterno, sendo corrompido na cólera de Deus.

Assim, a qualidade terrestre corrompeu a celeste e transformou-se na turba desta última, como reconhecemos nas pedras e terra, que, de fato, têm

a sua origem do eterno, mas que se deterioraram na cólera e na fonte do fogo: o Fiat fez da essência eterna terra e pedras. Por causa disto, o dia da separação está fixo, quando cada coisa individual penetrará novamente o seu éter, sendo provado pelo fogo.

O mesmo ocorre com o homem. Ele foi criado na Virgindade, na sabedoria de Deus, mas foi capturado pela cólera e ira de Deus; assim se tornou, de uma só vez, corrupto e terrestre. E como a terra passa e deve ser testada pelo fogo e penetrar novamente aquilo que era, o mesmo deve fazer o homem: deve penetrar novamente a virgindade na qual foi criado. Mas como não era mais possível que o homem ressurgisse da morte colérica feroz, a fim de penetrar num novo nascimento (pois sua virgindade encontrava-se enclausurada com ele na morte, motivo pelo qual Deus lhe fez uma mulher, tirada dele mesmo), a Divindade teve que se colocar em movimento, revelar e tornar novamente vivo, aquilo que estava enclausurado.

Isto foi feito em Maria, a virgem enclausurada, ou seja, na virgindade que Adão herdou da sabedoria de Deus; não da parte terrestre do terceiro Princípio, mas da parte santa e celeste do segundo Princípio, que pela imaginação terrestre e pela sugestão havia sido enclausurada na morte terrestre, na cólera de Deus, e estava como que morta, assim como a terra parecia estar morta. Portanto, o coração de Deus se movimentou, venceu a morte sobre a cruz e gerou novamente a vida.

O nascimento e a encarnação de Cristo significa algo poderoso em operação; foi o movimento do próprio coração insondável de Deus, fazendo com que a essencialidade celeste, que se encontrava enclausurada na morte, se tornasse novamente viva, para que agora se possa dizer, com razão: o próprio Deus deteve a sua cólera, já que através do centro de seu coração, que preenchia a eternidade de forma ilimitada, revelou-se novamente, afastando o poder da morte e rompendo a dor da ira e da cólera feroz, vendo que o amor e a brandura haviam sido reveladas na cólera, extinguindo o poder do fogo.

Além do mais, é uma enorme glória para nós homens, que Deus tenha se revelado em nossa virgindade morta e em todas as coisas. E que o Verbo, o poder da vida de Deus, tenha se doado novamente à humanidade, à

virgindade morta e abandonada, reabrindo a vida virgem, diante disto nós nos regozijamos; penetramos, com a nossa imaginação, o centro no qual Deus revelou a si mesmo na humanidade, ou seja, a encarnação de seu Filho, que se torna, em nossa imaginação, introduzida em sua encarnação, fecundo com seu Verbo revelado e o poder da essencialidade divina celeste – nada que seja estranho, mas ao mesmo tempo estranho ao que é terrestre. O Verbo se revelou em todo lugar, e em toda luz vital do homem; não falta mais nada, a não ser que o Espírito da alma se entregue a ele. Então o espírito da alma se reveste novamente da Virgindade eterna, não como um ornamento, mas em sua própria essência: Deus nasceu ali. Pois Maria, juntamente com todas as filhas de Eva, nasceu terrestre, mas o pacto do amor de Deus evidenciou em sua essência, que Deus poderia abrir novamente a vida dentro dela.

Com relação à virgindade de Maria, com relação à vida terrestre, antes da benção, antes do coração de Deus ter se movido, não podemos dizer, de forma alguma, se ela era uma virgem completa e perfeita, de acordo com a primeira virgem antes da queda; ao contrário, ela era uma filha natural de Eva. Mas se pode dizer com certeza, que em Maria, assim como em todos os filhos de Adão, a Virgindade eterna no pacto da promessa encontrava-se enclausurada, como se estivesse morta, ainda que não sem vida em Deus. Pois o nome Jesus, deixando o centro ou o coração de Deus, imprimiu-se como um espelho na Virgem da sabedoria de Deus, opondo o centro do Pai, ou seja, o centro do fogo e da ferocidade, não da ferocidade no fogo, na essência do fogo, mas no amor na luz, na essência da luz. Além do mais, o homem foi previsto nesta mesma essência no nome Jesus, antes que a fundação do mundo fosse estabelecida, quando Adão ainda existia na forma de essência celeste, sem um ser natural ou uma criatura. Pois a queda era conhecida na sabedoria, antes do homem se tornar uma criatura, segundo a propriedade do fogo, não na propriedade da luz, mas de acordo com o primeiro Princípio.

Segundo o nosso mais profundo conhecimento, afirmamos que Maria, antes da revelação e mensagem do anjo, era uma virgem como Eva, quando deixou o Paraíso, antes que Adão a conhecesse. Eva era, de fato, uma virgem, mas a verdadeira Virgindade estava oculta dentro dela e infectada pelo desejo terrestre; a propriedade animal estava manifestada. A

imaginação terrestre quebrou a propriedade celeste, o que fez dela uma mulher e não uma virgem casta, sem mácula; ela era apenas uma porção da Virgindade celeste, a outra porção era Adão. Assim, de Eva não nasceu nenhuma virgem verdadeira e pura, que não estivesse dividida na natureza, - a turba destruiu a Virgindade em tudo, - até a chegada do vitorioso em combate: Ele era uma Virgem masculina na sabedoria de Deus, de acordo com a natureza celeste; o elemento terrestre pairava sobre ele, mas o elemento celeste governava sobre o terrestre; assim é que Adão deveria de ser, ele que não permaneceu firme.

Dizemos portanto, com fundamento, que Maria era filha de Joaquim, nascida de Ana e pela parte terrestre, continha a essência deles. Em segundo lugar, afirmamos que ela era filha do pacto de Deus, que Deus nela fixou o alvo do novo nascimento; todo o Antigo Testamento buscou este alvo e todos os profetas profetizaram o mesmo alvo (referindo-se a que Deus revelaria novamente a Virgindade eterna). Este alvo foi abençoado; pois, de acordo com sua misericórdia, Deus incorporou a si mesmo neste alvo, pelo pacto da promessa, e o Verbo da promessa permaneceu no pacto, e confrontou a cólera na luz da vida. O primeiro mundo, antes e depois do dilúvio, foi salvo naquele pacto em que Deus colocou diante de si como um espelho. Pois a Virgindade eterna apareceu no pacto como no espelho de Deus, e Ele ali encontrou a satisfação. Quando Israel aceitou o pacto e realizou as suas obras, isto foi aceito por Deus como se a humanidade estivesse no espelho da sabedoria de Deus. Embora, Israel fosse terrestre e mal, mesmo assim, Deus habitou em Israel, em seu pacto, na sabedoria, segundo o seu amor e misericórdia.

Desta forma, as obras da lei estavam diante de Deus, no espelho, até que a vida ressurgisse do pacto, atingindo a plenitude. Então, as obras no espelho cessaram, e as obras da plenitude na carne e sangue, na essencialidade celeste, recomeçaram; pois em Maria estava o princípio. Quando o anjo lhe trouxe a mensagem, e ela disse: “Seja feita a sua vontade” (Lc ,38), o centro da vida no Verbo de Deus, ou seja, o coração de Deus, movimentou-se imediatamente em sua semente celeste morta, despertou-a novamente e a gestação teve início. Pois todos os três Princípios da Divindade foram movimentados, e a tintura divina se fixou na essencialidade celeste morta. Não vamos imaginar que Deus tenha ficado

sem essência, mas que o homem estava morto para a essência celeste. Mas com isso, o coração de Deus penetrou a morte, com a essencialidade divina e vivificante, despertando a essencialidade morta. Esta essencialidade divina não afastou a natureza terrestre, mas a penetrou como seu mestre e conquistador. Pois a verdadeira vida tinha que ser anunciada através da morte e da cólera de Deus, ela que foi concluída na cruz, quando a morte foi despedaçada e a cólera capturada, superada e extinta pelo amor.

Compreendemos agora, o que Maria se tornou com a concepção, ou seja, uma virgem pura e verdadeira, de acordo com a parte celeste. Pois quando o coração de Deus se movimentou, e o dia nela alvoreceu, a luz da claridade e pureza de Deus nela brilhou; pois sua Virgindade morta ou a sabedoria de Deus foi revelada e se tornou viva, pois ela foi preenchida pela Virgindade divina, ou seja, pela sabedoria de Deus. Nesta mesma sabedoria e essencialidade divina, assim como na morta e agora viva essencialidade, o Verbo tornou-se carne no súlfur pelo centrum naturae, por meio das essências do pai e das essências de Maria; da morte surge a vida, um fruto com as duas tinturas em sua perfeição, sendo que as duas tinturas formam senão uma. E por Adão ter se tornado um homem, o Cristo também se tornou um homem, segundo o mundo exterior; pois não era a imagem de Eva, na tintura da mulher, que estava destinada a permanecer, mas a imagem de Adão, quando era homem e mulher. Um dos sinais deve aparecer em conseqüência do poder do Fiat externo, e que o vitorioso em combate deveria ser novamente estabelecido em todos os três Princípios, o campeão em combate recebeu o sinal masculino; pois o homem possui a tintura do fogo ou a propriedade do Pai. O Pai é a força e o poder de todas as coisas, e o Filho é seu amor. Assim, o Verbo tornou-se homem na essência feminina – mas tornou-se, contudo, um homem – para que seu amor pudesse extinguir a cólera e a ira no Pai; pois a tintura de Vênus possui a fonte-água, e a mulher possui a tintura de Vênus. Consequentemente, o fogo tinha que ser extinto pela água da vida eterna, e as essências ígneas do Pai no fogo, novamente extintas.

Conhecemos então Maria, a mãe de Cristo, em carne, alma e espírito, pela benção, como sendo uma virgem casta e pura; pois nisto constitui a sua benção, Deus nela se revelou. Ela carregou em seu corpo o Verbo da vida, e este nela se movimentou. Maria não movimentou o Verbo, mas o Verbo

movimentou Maria, ambos os frutos que ela conduziu, e também sua alma juntamente com a parte da essencialidade morta, a fim de que sua alma fosse imediatamente envolvida pela essencialidade divina e vivificante: não de acordo com a parte terrestre ou com o terceiro Princípio, mas de acordo com a parte celeste ou segundo Princípio, para que assim a natureza terrestre apenas pairasse sobre ela. Pois sua alma também tinha que , com o Verbo da vida, que se tornou homem nela, penetrar a qualidade divina e celeste, através da morte e da cólera de Deus. Era necessário que seu homem exterior morresse para a qualidade terrestre, a fim de que este homem exterior pudesse viver para Deus. E por ser abençoada e por ter carregado o alvo no pacto, seu corpo não desapareceu, pois a natureza celeste absorveu a natureza terrestre e a mantém como uma eterna prisioneira, para a glória e honra de Deus. Nunca se deve esquecer que Deus se tornou homem em Maria.

Mas aqueles que dizem que ela permaneceu inteiramente na morte, passando pela corrupção, devem examinar a sua razão de outra forma, pois o que é abençoado do alto é incorruptível. Sua parte celeste da essencialidade divina, que a abençoou, é incorruptível; além do mais, a essencialidade de Deus na benção podia mais uma vez cair e morrer, como aconteceu em Adão; foi por causa desta morte que Deus se tornou homem, para que Ele pudesse trazer de volta a vida. Maria de fato morreu, com relação à vida exterior ou qualidade terrestre, mas ela vive com relação à benção na essencialidade de Deus e também em sua própria raiz, ou seja, em um Elemento que encerra os quatro, no Paraíso e no elemento puro, na essencialidade divina, na vida de Deus.

Portanto, dizemos que Maria é a maior dentre de todas as filhas de Adão, porque Deus colocou o alvo do pacto nela e somente ela, dentre todas as filhas de Eva obteve a benção, a saber, a castidade virgem e pura, destruída em todas as filhas de Eva. Mas em seu caso, a Virgindade permaneceu no pacto até que o Verbo da vida lhe concedeu a alta benção: com isso ela tornou-se uma verdadeira Virgem, pura e casta, de quem Deus nasceu. Pois o Cristo também disse aos Judeus: “Eu sou do alto, mas tu és de baixo; Eu não pertenço a este mundo, mas tu és deste mundo” (Jo 8,3). Se ele tivesse se tornado homem num vaso terrestre, e não numa Virgem casta, pura e celeste, ele teria sido deste mundo; mas ele se tornou homem na Virgem

celeste e a qualidade terrestre apenas pairava sobre ele. Pois a essência da alma havia sido infectada em nós, pobres filhos dos homens, pela qualidade terrestre; ele tinha que introduzir nossa alma na forma da essência celeste, nele mesmo, através do fogo de Deus na Santíssima Trindade. Pois a alma era de extrema importância, porque havia sido tirada do Eterno, sendo da vontade de Deus não abandoná-la.

Portanto, se questionados porque o Verbo e o coração de Deus se doaram, fazendo para si um corpo, se era uma matéria estranha vinda do céu ou se era a essência e semente de Maria: nossa resposta é que o coração de Deus nunca esteve sem essência, pois sua morada encontra-se na eternidade e na luz, e o poder na luz é o coração ou o Verbo do qual Deus falou desde a eternidade. E a manifestação é o Espírito Santo de Deus, que com a manifestação sai do poder da luz, do Verbo pronunciado, para penetrar aquilo que foi manifestado. Aquilo que é manifestado é a maravilha e sabedoria de Deus; isto contém em si o divino espelho da sabedoria, onde o Espírito de Deus vê, e no qual revela suas maravilhas.

Compreenda então, que o Verbo, do coração de Deus o Pai (envolvido pela Virgem casta e celeste da sabedoria, que habita na essencialidade celeste) revelou- se na essência e essencialidade de Maria, em sua própria semente, ou seja, na semente do homem, tomando para si a semente de Maria, morta e cega para com Deus, despertando-a para a vida. A essencialidade vivificante veio até a essência metade morta de Maria, e tomou a essência metade morta como um corpo, - não como um corpo corruptível, condenado a desaparecer, mas como um corpo eterno que permaneceria eternamente, pois a vida eterna renasceu aqui.

A essencialidade da eternidade em Deus, em seu mais profundo fundamento, e a essencialidade do Adão morto na humanidade, tornaram-se uma essencialidade, um único e completo ser, a fim de que a criatura Cristo, com sua essencialidade, preenchesse, de uma só vez, todo o pai, que não tem limite ou fundamento. Mas, a alma criaturalizada tem permanecido e é uma criatura. E de acordo com o terceiro Princípio, no que se refere à criatura, este mesmo Cristo é uma criatura e um rei dos homens, assim como, de acordo com o segundo Princípio, é um filho do Pai insondável. Aquilo que o Pai é em sua profundeza insondável, o Filho é em sua criatura.

Pois o poder na criatura, forma, com o poder fora da criatura, um só poder, uma essencialidade, onde habita os anjos e os homens. Isto proporciona o Paraíso e o deleite, mas na humanidade proporciona também a carne e o sangue; portanto, é e permanece uma criatura, mas incriada, ainda que manifestada, em uma parte de Deus e da eternidade, e em outra parte da humanidade. Deus e homem tornaram-se uma só pessoa, um Cristo, um Deus, um Senhor, uma Santa Trindade, na humanidade, e ao mesmo tempo, em todo lugar; portanto, quando vemos o Cristo, vemos a santa trindade em uma imagem. Sua criatura é como uma imagem, tirada de nós homens, nosso sacerdote e rei, nosso irmão, nosso Emanuel; Seu poder é nosso poder se nascermos novamente de Deus, através da fé Nele. Ele não é estranho ou terrível a nós, mas é nossa tintura de amor. Ele é com seu Poder o apaziguador de nossas almas, nossa vida e a brisa de nossas almas. Quando o encontramos, encontramos o nosso ajudante, assim como Adão deveria o Ter encontrado; mas ele permitiu ser enganado, e por fim encontrou a mulher, dizendo: "Esta é a carne de minha carne, osso de meu osso, e a tomou para si como uma ajudante, para fazer-lhe companhia" (Gn ,3).

Assim, quando nossa alma O encontra, diz: Esta é a minha virgem, aquela que perdi em Adão, quando foi transformada numa mulher terrestre. Agora encontro novamente minha cara Virgem, que saiu de meu corpo; nunca mais a deixarei partir; ela é minha, meu corpo e sangue, minha força e poder, aquela que perdi em Adão: ela irei manter. Ó, uma retenção amigável! Inqualificação amigável, beleza, fruto, poder e virtude.

Diante disto, a pobre alma encontra a tintura de sua luz perdida e sua cara Virgem.

Na mulher encontra-se a nobre noiva, pela qual a matrix de Vênus sempre desejou, mas que encontrou apenas um súlfur masculino e terrestre, tendo sido obrigada a se tornar fecunda através de uma semente terrestre. Aqui ela toma a tintura do correto fogo e correto homem, e se torna também uma verdadeira virgem masculina, como era Adão em sua inocência.

Sobre o nascimento de Jesus Cristo, o Filho de Deus; como ele permaneceu fechado nove meses dentro do útero, igual a todos os filhos dos homens; o que é a sua encarnação propriamente dita.

Sempre houve grande discussões sobre a encarnação de Jesus Cristo, mas sempre levadas às cegas; muitas opiniões se formaram e acabaram afastando o homem desta questão, deixando intocável a verdadeira encarnação, esta que guarda nossa salvação eterna. Isto porque a encarnação foi investigada pela ciência e compreensão exterior, sem conexão com o verdadeiro alvo. Se tivessem penetrado a encarnação de Jesus Cristo e tivessem nascido de Deus, não haveria disputa alguma; o Espírito de Deus revela a encarnação de Cristo a cada um, em seu próprio ser; sem esse Espírito, nada se encontra. Como poderíamos encontrar na razão deste mundo o que não está neste mundo? Na razão exterior encontramos apenas um fraco reflexo; mas, no Espírito de Deus está o verdadeiro encontro.

A encarnação de Cristo é um mistério do qual a razão exterior nada sabe; pois ela ocorreu em todos os três Princípios e não pode ser penetrada, a menos que conheçamos totalmente o primeiro homem em sua criação, antes da queda; Adão deveria gerar de si próprio o segundo homem, de acordo com o caráter da Santíssima Trindade, onde o nome Jesus estava incorporado, mas isto não foi possível. Portanto, outro Adão teve que surgir, para quem isto era possível; pois o Cristo é a imagem virgem, segundo o caráter da Santíssima Trindade. Adão foi concebido no amor de Deus e nasceu neste mundo. Ele tinha a essencialidade divina, e sua alma era do primeiro princípio, da propriedade do pai. Ela deveria ser direcionada, através da imaginação, ao coração do Pai, ou seja, ao Verbo e espírito do amor e pureza; deveria alimentar- se da essencialidade do amor; desta forma, preservaria a natureza de Deus em si, no Verbo da vida, podendo se tornar fecunda pelo poder que brotava do coração do Pai; com isso, poderia imaginar, de si mesma, em suas essências; ela mesmo tornaria suas essências fecundas, a fim de que uma completa semelhança, de acordo com a primeira imagem surgiria através da imaginação e da vontade da alma, que a envolve, sendo concebida no poder da essência.

Mas como isto não ocorreu em Adão, por causa da terrenidade anexada à ele, veio a acontecer no segundo Adão, que é o Cristo. Desta forma ele foi concebido, através da imaginação e penetração de Deus na imagem do primeiro Adão.

Somos capazes de reconhecer, que, o primeiro Adão colocou sua imaginação na terra, tornando- se terrestre, o que contrariou o propósito de Deus; no entanto, o propósito de Deus tinha que prevalecer. Então, Deus estabeleceu seu propósito no filho de Adão, introduzindo sua imaginação na imagem corrupta, tornando-a fecunda com sua essencialidade e poder divino; isto fez com que a vontade da alma se voltasse para longe da terrenidade, para Deus; tanto que Maria engravidou daquela criança, da mesma forma como Adão deveria se tornar fecundo. Isto o poder próprio do indivíduo não poderia realizar e mergulhou no sono, como na magia; como conseqüência, de Adão foi feita uma mulher, que não deveria ter sido feita, pois Adão deveria se tornar fecundo, na matriz de Vênus e gerar magicamente. Como isso não ocorreu, Adão foi dividido, sua própria vontade de grande poder foi quebrada e encerrada na morte. Como ele não colocaria sua imaginação no Espírito de Deus, seu grande poder tinha que sofrer uma paralisação na morte, permitindo que o espírito de Deus colocasse Sua imaginação ali, fazendo com ele aquilo que Ele quisesse.

Portanto, o Espírito de Deus fez surgir a vida para ele, desta morte, tornando- se o espírito desta vida, a fim de que a imagem e a semelhança de Deus (que era conhecida, desde a eternidade, na sabedoria de Deus) pudesse, por fim, nascer e resistir. Pois ela existia antes dos tempos do mundo e desde a eternidade no espelho virgem, na sabedoria de Deus, e em duas formas: segundo o primeiro Princípio, do Pai, no fogo, e no segundo Princípio do Filho, na luz, e só era manifestado na luz; no fogo estava apenas como na magia, ou seja, em uma possibilidade. Como o céu astral imprime, pelo seu poder, uma imagem na mente do homem, em seu sono, da mesma forma era representada a imagem no centro da natureza do fogo, quase invisível; mas na sabedoria, no espelho da Divindade, ela havia aparecido como uma figura, como uma sombra, ainda que sem ser material, na essência do espírito. Este espírito, mantendo-se no espelho da sabedoria, conheceu e viu esta imagem, desejando trazê-la à uma substância, a fim de que Deus pudesse ter uma imagem ou semelhança, no ser substancial, não precisando mais se manter como num espelho, mas encontrar-se em substância. Portanto, quando a primeira imagem imaginou no severo poder e como conseqüência tornou-se terrestre e morta, o Espírito de Deus encaminhou sua vontade e vida para a morte, e retomou da morte a primeira vida em si, a fim de que a primeira vida pudesse permanecer em

completa obediência à Deus, e Ele unicamente pudesse ser a vontade e a realização.

Assim, sabemos que Deus penetrou a imagem metade morta, ou seja, Maria, com a mesma forma virgem, enclausurada na morte, na qual Adão deveria se tornar fecundo e gerar uma imagem semelhante a si mesmo, em castidade virgem. Nesta enclausurada e metade morta matriz virgem, o Verbo ou o coração de Deus, ou seja, o centro da Santíssima Trindade, tornou- se, sem violação de seu ser, uma imagem de homem. Apesar de que a primeira matriz virgem e viva em Adão não ter sido obediente à Deus, tornou-se sim, obediente à Deus quando ressurgiu da morte, doando-se humilde e ardentemente à vontade de Deus. Estava novamente presente em figura, a verdadeira imagem virgem em obediência à Deus; pois a primeira vontade deveria permanecer na morte, assim como aquele que imaginou contra a vontade de Deus, e uma vontade obediente e pura foi manifestada, permanecendo na brandura celestial e no ser, não mais passando pelo fogo, na esfera do Pai, para nela se inflamar, mas permanecendo em uma fonte; como de fato a Divindade vive apenas em uma fonte, ou seja, na luz, no Espírito Santo, ainda que mantenha seu controle em todos os três Princípios.

O mesmo devemos compreender com relação à encarnação de Cristo. Quando o Espírito de Deus fez ressurgir em Maria a vida virgem, que na essência terrestre permanece enclausurada na morte e na cólera, então esta vida se voltou unicamente para a vontade e amor de Deus, doando- se para o Espírito de Deus. É desta forma que ela se torna fecundada com a verdadeira imagem virgem, o que deveria ter ocorrido com Adão, mas que não se realizou; uma imaginação recebeu a outra; A imaginação de Deus recebeu a imaginação na morte e a trouxe de volta para a vida; e esta vida imaginou novamente em Deus e se tornou fecunda com Deus, e da união entre Divindade e humanidade surgiu uma pessoa. A Divindade encontrava-se suspensa para a essência celeste, que desde a eternidade havia existido com o reino, poder e glória, ou seja, como o reino do Paraíso e do mundo angélico, como espírito e as sete formas em conexão com o centrum naturae. E a humanidade encontrava-se suspensa para o reino deste mundo. Mas tendo em vista que a vontade da humanidade se doou para a Divindade, esta imagem virgem tornou-se em Cristo Jesus apenas um

visitante deste mundo, e Sua divindade era senhora deste mundo; o mesmo deveria ter ocorrido com Adão, a fim de que o fraco e inferior pudesse ser subjugado ao maior e Todo-Poderoso. Mas como a vontade de Adão penetrou o que era frágil e impotente, ele próprio tornou-se impotente, mergulhando no sono, e caiu novamente com relação ao Criador. Porém, com Cristo esta imagem persistiu na essencialidade divina, e a natureza terrestre a ele foi submetida na qualidade de um servo; não mais como mestre, como em Maria sua mãe antes da alta benção e revelação da Divindade, mas como servo; pois esta imagem encontrava-se agora, no Espírito e poder de Deus, senhor do terceiro Princípio deste mundo.

A Razão pergunta: O que ocorreu então nesta encarnação? A vida surgiu imediatamente, no momento da concepção, no curso natural, a fim de que a parte de Maria, ou seja, da semente da mulher, tivesse vida? Não, pois tratava-se de uma semente essencial, e era movida a seu próprio tempo natural, com alma e espírito, como todos os filhos de Adão; mas a parte da Divindade, envolvida pela essencialidade e sabedoria, tem tido vida de eternidade em eternidade. Nem tampouco nada saiu da Divindade; o que ela era, ela continuou sendo, e aquilo que ela não era é o que ela veio a ser. A Divindade, com sua essência divina e celeste entregou-se à essência e substância de Maria; a essência de Maria e a essência de Deus tornaram-se uma pessoa. Mas a essência de Maria era mortal, e a de Deus, imortal. Portanto, a essência de Maria tinha que morrer na cruz e passar da morte para a vida. Para tanto, as essências de Deus contribuíram, ao contrário nada seria possível. A essência de Deus nos ajudou, e ainda nos ajuda, através da morte de Cristo, na essência e vida de Deus.

Compreendemos, então, a encarnação de Cristo de forma natural, igual a de todos os filhos dos homens. Pois a essência divina e celeste, doou-se a si mesma, com sua vida, para a essência terrestre metade morta. O mestre submeteu-se ao servo, a fim de que o servo se tornasse vivo. Assim o Cristo, em nove meses, tornou-se um homem perfeito e ao mesmo tempo continuou a ser um verdadeiro Deus, e nasceu neste mundo nos mesmos moldes que todos os filhos de Adão, da mesma maneira que todos os homens. E isso não porque havia necessidade, ele poderia ter nascido magicamente, mas Ele desejou e estava destinado a remediar o nosso nascimento animal e impuro e a penetrar esta vida. Ele deveria entrar para

este mundo pela nossa entrada, e nos conduzir para fora deste mundo pela entrada de Deus, nos trazendo para fora da qualidade terrestre.

Pois, se ele tivesse nascido magicamente, de forma divina, então Ele não poderia, por natureza, ter estado neste mundo. Pois a essência celeste teria, necessariamente, absorvido a qualidade terrestre e Ele não teria sido como nós. Como então Ele pôde desejar, penetrar e romper a morte? Mas não é assim. Ele é verdadeiramente a semente da mulher; adentrou a este mundo da forma natural, como todos os homens; mas foi embora através da morte, de forma divina, no poder e essencialidade divina. Foi a Sua essencialidade vivificante e divina, que permaneceu firme na morte, o que rompeu e desprezou a morte, conduzindo a humanidade ferida, da morte para a vida eterna. Pois a parte terrestre, recebida de sua mãe Maria, em Si mesmo, na natureza divina, morreu na cruz para a natureza terrestre. A alma estava na essencialidade de Deus, e desceu como um conquistador ao inferno do demônio, ou seja, na cólera feroz de Deus, saciando-a com o amor e a brandura de Deus que caracteriza a essencialidade amorosa e divina. O fogo do amor penetrou o fogo da cólera e extinguiu a cólera, em que o demônio desejou ser Deus. O demônio tornou- se cativo das trevas e perdeu seu domínio. Quebrou-se aqui a espada do querubim. Esta é a razão pela qual Deus tornou-se homem, a fim de poder nos conduzir da morte para a vida eterna e saciar, com Seu amor, a cólera que queimava dentro de nós.

Compreenda bem, como a cólera de Deus foi amenizada. Ela não foi apaziguada pelo sangue mortal de Cristo, que ele derramou, e do qual os Judeus fazem brincadeiras, mas pelo sangue da vida eterna da essência de Deus, que era imortal e continha em si a fonte de água da vida eterna. Este foi derramado na cruz juntamente com o sangue exterior; quando este último afundou na morte, o sangue celeste afundou também, ainda que não fosse mortal.

Assim, a terra recebeu o sangue de Cristo, o que a fez estremece; a cólera de Deus estava agora dominada e na terra penetrou o sangue vivo vindo do céu, da essência de Deus. Este sangue celeste abriu o túmulo dos santos, e também a morte. Ele fez um caminho através da morte, e a morte tornou-se uma exibição aberta. Pois, quando o corpo de Cristo levantou-se da morte, ele fez em seu corpo uma morte aberta; pois o poder da morte fora rompido.

Sobre a aplicação prática: de que serve para nós, pobres filhos de Eva, a encarnação e o nascimento de Jesus Cristo, o Filho de Deus?

O Portão pleno de bondade amorosa

Nós, pobres filhos de Eva, estávamos todos mortos em Adão; vivíamos, de fato, mas apenas para este mundo e a morte nos aguardava, engolindo um após o outro. Não haveria remédio para nós, se Deus não tivesse nos gerado novamente a partir de seu ser; nós não teríamos reaparecido em corpo na eternidade, e nossa alma teria permanecido eternamente na fonte da cólera de Deus, com todos os demônios. Mas a encarnação de Jesus Cristo tornou-se para nós algo poderoso em operação; Deus tornou-se homem por nossa causa, a fim de poder trazer nossa humanidade de volta para ele, fora da morte, libertando nossas almas do fogo da cólera de Deus. Pois, a alma é em si uma fonte ígnea, contendo em si o primeiro Princípio, a austeridade amarga, que em si mesma trabalha somente no fogo. Mas se a brandura e o amor de Deus forem extraídos desta geração de almas, ou se ela for misturada com uma matéria dura e não resistente, então ela permanece uma fonte nas trevas, uma aspereza severa, que se auto devora e que, ao mesmo tempo, está sempre gerando na vontade, um novo desejo. Pois uma existência que não tem início e nem fundamento, também não tem fim; mas ela própria é seu fundamento, ela se produz.

Contudo, isto não significa que a alma não tenha um princípio. Ela tem, mas apenas com relação à criatura, não com relação à essência. Sua essência pertence à eternidade, pois o Fiat divino a abarcou no centro da Natureza Eterna, trazendo-a para um ser substancial, mais que nada com a inteira + , segundo o caráter da Santíssima Trindade, como uma semelhança do espírito ternário da Divindade, onde Deus habita. Mas isso pode ser feito tanto no amor como na cólera, ou seja, tanto no fogo como na luz, onde quer que a alma imagina; é com isso que ela se torna fecunda; pois ela é um espírito mágico, uma fonte em si mesma. Ela é o centro da eternidade, um fogo da Divindade no Pai, ainda que não na liberdade do Pai, mas na Natureza Eterna. Ela não é anterior ao ser, mas no ser; a liberdade de Deus é independente do ser, mas habita no ser. Pois no ser, Deus é manifestado. Não haveria Deus sem ser, mas uma paralisação eterna, sem fonte. Mas na fonte ou fonte-princípio o fogo é gerado, e do fogo a luz. Aqui, dois seres se

separam, carregando dois tipos de qualidade, ou seja, uma qualidade feroz, ávida e sedenta, no fogo e uma qualidade branda, amorosa e doadora, na luz, pois a luz dá e o fogo tira. A luz dá a brandura e da brandura surge a substancialidade, e este é o alimento do fogo; um espírito é feroz, ávido pelas trevas, se não tem a natureza da luz; como num veneno faminto. Mas se o espírito se atém à substancia da brandura, ele atrai isto para si e ali habita, usando esta brandura como alimento e também como um corpo, pois torna-se permeado e impregnado por ela; pois seu ser substancial é a sua satisfação ou consolação, a ponto de acalmar a ânsia.

Devemos considerar a alma humana da seguinte forma: ela foi tirada do centrum naturae, não do espelho do Eterno, como se fosse tirada da fonte deste mundo, mas da essência eterna do Espírito de Deus, do primeiro Princípio, da propriedade do Pai, de acordo com a Natureza. A alma não foi tirada de uma substância ou de algo; o próprio Espírito da Divindade soprou-lhe a vida, na imagem em Adão, a partir dos três Princípios. Soprou dentro dele o centrum naturae, da fonte ígnea para a vida e também a brandura do amor, a partir do ser da Divindade, ou seja, o segundo Princípio com a essencialidade celeste e divina, assim como o espírito deste mundo, como o espelho e o modelo da sabedoria de Deus com suas maravilhas.

Mas o espírito deste mundo é corrompido pela inflamação do demônio e pelo veneno lançado por ele; pois o demônio habita neste mundo, infectando constantemente a propriedade e a natureza externa, embora seja poderoso unicamente na cólera e no desejo amargo. Mas ele coloca sua imaginação e sua falsa tintura até mesmo no amor, infectando a maior jóia da alma; ele infectou a alma de Adão com sua imaginação ou cobiça, com seu espírito ávido e mal, a fim de que Adão buscasse a qualidade terrestre, e com este desejo, a alma tornou-se fecundada pela qualidade terrestre; consequentemente, o reino exterior foi introduzido no interior; isto fez com que a luz no fogo do primeiro Princípio fosse extinta, e sua essencialidade divina, na qual deveria viver eternamente, ficou enclausurada na morte terrestre.

Assim, não havia remédio para esta imagem e alma humana, a menos que a Divindade se colocasse em movimento, de acordo com o segundo

Princípio, ou seja, de acordo com a luz da vida eterna deste princípio, iluminando novamente, com o brilho do amor, a essencialidade que estava enclausurada na morte. Isto foi feito na encarnação de Cristo. Esta foi a maior maravilha feita por Deus, colocar-se em movimento na semente da mulher através do centro da Santíssima Trindade. O coração de Deus não se revelou no fogo, na tintura do homem, mas na tintura do espírito, no amor da vida; isto para que o fogo na tintura do homem pudesse ser atingida pela brandura e pelo amor de Deus. A vida eterna tinha que florescer novamente da morte enclausurada: encontra-se aqui a raiz de José e o verdadeiro bastão de Aarão, que floresceu e gerou belos frutos. O Paraíso foi fechado na morte, em Adão, quando este se tornou terrestre; mas em Cristo ele floresceu da morte.

De Adão, todos nós herdamos a morte; de Cristo herdamos a vida eterna. O Cristo é a imagem virgem, a qual Adão tinha que ter gerado de si mesmo, com as duas tinturas. Como ele não conseguiu, foi dividido, passando a ter que gerar a partir de dois corpos, até a vinda de Shiloh, ou seja, o Filho da virgem, nascido de Deus e do homem. Ele é o libertador, de quem falaram os profetas, crescendo como uma planta. Ele floresce como uma árvore de louros, na essência de Deus. Ele rompeu a morte quando entrou na essência humana desfalecida, pois ele cresceu, imediatamente, na essência humana e divina. Ele trouxe consigo, para a nossa humanidade a castidade virgem da sabedoria de Deus; Ele envolveu o fundamento de nossa alma com a essencialidade celeste; Ele se tornou vencedor no combate, no qual os dois reinos, ou seja, o da cólera e o do amor, encontravam-se em conflito; Ele se entregou voluntariamente à cólera, extinguindo-a com o seu amor, compreenda na essência humana. Ele veio de Deus para este mundo, e tomou nossa alma para si, a fim de nos conduzir da materialidade deste mundo, novamente para si e para Deus. Ele nos regenerou em si, para que estejamos novamente qualificados para vivermos em Deus. De Sua livre vontade nos gerou, a fim de que colocássemos Nele a nossa vontade. Desta forma ele nos trouxe novamente para o Pai, em nossa terra nativa primordial, ou seja, no Paraíso, de onde Adão saiu. Ele se transformou em nossa fonte, sua água brota em nós; Ele é a fonte, nós somos as gotas nele. Ele se tornou a plenitude de nossa natureza, a fim de que Nele, possamos viver em Deus. Pois Deus se fez homem. Ele introduziu seu ser insondável e imensurável na humanidade; Seu ser, que preenche os céus, foi

manifestado na humanidade. Com isso, o ser do homem e o ser de Deus tornaram-se um só ser, uma plenitude de Deus. Nosso ser é o seu movimento em seu céu. Somos seus filhos, sua maravilha, seu corpo insondável em movimento. Ele é Pai, e nós somos seus filhos. Vivemos nele e ele em nós. Somos seus instrumentos, através dos quais ele busca e faz o que quer. Ele é o fogo e também a luz com relação a cada ser, ele está oculto, e a obra o torna manifesto.

Assim, sabemos que Deus é um Espírito, e sua vontade eterna é mágica ou desejosa. Do nada ele faz continuamente o ser, e numa fonte dupla, ou seja, de acordo com o fogo e luz. Do fogo surge ferocidade, elevação, orgulho, a recusa de se unir à luz, uma vontade inflexível e colérica, o que não o faz ser chamado de Deus, mas de fogo feroz e consumidor. Este fogo não está manifestado na pura Divindade, pois a luz absorveu o fogo em si, oferecendo ao fogo o seu amor, sua essencialidade, sua água, a fim de que na natureza de Deus só haja amor, alegria e beatitude, nenhum

fogo é conhecido. Mas o fogo é apenas uma causa do desejo da vontade e do amor, assim como da luz e da majestade; de outra forma não haveria ser.

Podemos perceber agora onde reside nosso novo nascimento (visto que, de fato, nos encontramos neste mundo cobertos pelo tabernáculo terrestre e submetidos à vida terrestre), ou seja, unicamente na imaginação: com ela devemos penetrar a vontade de Deus, nos unindo e nos entregando totalmente a ele, o que é chamado de fé. A palavra fé não é histórica; é um extrato da natureza de Deus, o alimento da natureza de Deus, a introdução da natureza de Deus pela imaginação no alma, a fim de apaziguar sua fome e revesti-la da natureza de Deus, não como um ornamento, mas como um corpo da alma. A alma deve ter a natureza de Deus em seu fogo; ela deve alimentar-se do pão de Deus, se pretende tornar-se filho de Deus.

Desta forma, ela será uma recém nascida também na natureza de Deus, quem a enxertou do campo da ferocidade e da cólera para o campo do amor, da brandura e da humildade de Deus; ela gerou uma nova flor, que cresce no amor de Deus, no campo de Deus. Esta flor, que cresce no amor de Deus, é a real e verdadeira imagem de Deus, aquela que Ele desejou quando criou Adão à Sua semelhança; esta imagem foi então regenerada para nós, por Jesus Cristo, o Filho de Deus e do homem. Pois o Seu novo nascimento,

a partir da natureza de Deus e da nossa natureza é o nosso novo nascimento; Seu poder, vida e espírito é todo nosso; e não precisamos fazer nada mais para efetiva-lo, exceto penetrar com nossa vontade-espírito a natureza de Deus, através de Jesus Cristo. Então nossa vontade renasce na vontade de Deus, recebendo a essência e o poder divino. Não se trata de uma essência estranha, mas da nossa essência primordial, com a qual penetramos, em Adão, a morte: ela se encontra novamente despertada para nós, por aquele que primeiro nasceu da morte: o Cristo. Ele é Deus, mas nasceu de nós, a fim de poder nos receber da morte: não na forma de uma vida estranha, a qual não teríamos aqui neste mundo, mas na forma de nossa própria vida. Pois o propósito de Deus deve prevalecer, a flor e a imagem pura deve crescer do campo corrupto e também no campo puro.

Da virgem deveríamos renascer e não do homem da cólera, da tintura do fogo, mas da virgem do amor, da tintura da luz. Através de nossa resignação ou auto rendição, nos revestimos da virgem de Cristo, nos tornando a virgem da modéstia, da castidade e da pureza no Ternarius Sanctus, no mundo angélico, no espelho da Santíssima Trindade, no qual Deus se projeta, e esta virgem Ele tomou para si como esposa. Ele é nosso marido, o qual noivamos, desposamos e incorporamos em Cristo. Desta forma somos Maria no pacto da graça, de quem nasceu Deus e o homem. Maria foi a primeira na alta bendição, pois nela encontrava-se o alvo para o qual o pacto apontava; ela era conhecida em Deus, no precioso nome Jesus, antes que a fundação do mundo fosse estabelecida. Não que ela esteja relacionada com o trazer a vida da morte, mas Deus quis nela trazer a vida da morte. Portanto, ela foi altamente abençoada e a castidade pura e virgem nela foi colocada. Da mesma virgindade da qual Cristo nasceu, todos devemos nascer. Pois, devemos nos tornar virgens e seguir o Cordeiro de Deus, ao contrário não veremos à Deus. O Cristo disse: “Deves renascer através da água e do Espírito Santo, se quiseres ver o reino de Deus”. A água é a virgindade, pois a virgem carrega a tintura da água e da luz, ou seja, da brandura e do amor. O Espírito, do qual devemos nascer, é aquele que com o movimento da Divindade se entregou à semente da mulher, aquele que rompeu a morte; que fez brotar da água uma flor de luz flamejante. Pois ele é o espírito e a vida da flor: não segundo a fonte ígnea da cólera, mas segundo a fonte de luz na humildade.

Sobre a virgindade pura. Como nós, pobres filhos de Eva, devemos ser concebidos na encarnação de Cristo, a partir da castidade virgem e pura, a fim de renascermos em Deus; de outra forma, não veremos à Deus.

Nós, pobres filhos de Eva, não encontramos em nós nenhum pensamento virgem e casto; pois a mãe Eva, que era uma mulher, nos fez feminino e masculino. Em Adão e Eva nos tornamos homens e mulheres; só seremos novamente virgens se penetrarmos, com nossa vontade desejosa, a virgindade celeste, na qual Deus nos gerou de Cristo. Não segundo a vida terrestre, onde não há castidade nem pureza, mas segundo a vida da virgem celeste, na qual o Cristo se fez homem, aquela que foi colocada em Maria através do abrigo do Espírito Santo, que não tem fundamento, limite ou fim, que está em todo lugar diante da Divindade e é um espelho e imagem da Divindade. Nesta virgem, onde habita a Santíssima Trindade, onde fomos vistos antes dos tempos do mundo pelo Espírito de Deus, conhecido no nome Jesus, devemos penetrar com nossa vontade espírito. Pois nossa verdadeira imagem, onde somos a semelhança de Deus, desvaneceu-se e se tornou terrestre em Adão e Eva. Isto ocorreu pelo desejo ou imaginação; consequentemente, o semblante claro de Deus foi ocultado de nós, pois havíamos perdido a castidade celeste.

Mas, tendo em vista que Deus, por intercessão e amor para conosco, revelou novamente o seu semblante luminoso, na encarnação de Cristo, a questão reside apenas nisto: que assim como em Adão imaginamos na ânsia terrestre, o que nos tornou terrestre, devemos agora, colocar nossa vontade desejosa novamente na virgem celeste, depositando ali a nossa ânsia; nossa imagem sai então da mulher terrestre e recebe a essência e a propriedade virgem, onde Deus habita, onde a imagem da alma possa novamente alcançar o semblante de Deus.

A Razão exterior diz: Como poderemos nascer novamente da virgem que gerou o Cristo? Ela assim compreende Maria; mas nós a compreendemos de forma diferente, uma virgem criaturalizada, nós mesmos nos tornamos criaturas virgens, na castidade virgem imaterial. Penetramos agora a encarnação de Cristo, não segundo a vida exterior dos quatro elementos, mas segundo a vida interior, em um elemento, onde o fogo de Deus absorve os outros quatro; e, novamente, em sua luz, ou seja, no segundo Princípio,

no qual o homem e a mulher exteriores devem penetrar, através da morte, a ressurreição de Cristo, desabrochamos na verdadeira sabedoria virgem de Deus; uma virgem em um elemento, onde todos os quatro se encontram ocultos. Devemos morrer para o homem e para a mulher e crucificar o Adão corrupto. Ele deve morrer com Cristo e ser lançado na cólera de Deus. Essa absorve o homem e a mulher terrestre e dá à alma, através da encarnação de Cristo, uma imagem virgem, na qual o homem e a mulher tornam-se senão uma imagem, com seu próprio amor. Agora, o homem coloca o seu amor na mulher e a mulher no homem; mas se os dois amores são transformados em um, não há mais desejo de misturar-se na imagem única, mas a imagem ama a si mesma.

Ora, no princípio a imagem foi criada na sabedoria virgem de Deus, a partir da essência divina. Vendo que a essência tornou-se terrestre, caindo na morte, o Verbo que se fez homem despertou-a novamente. Desta forma, a natureza terrestre permanece na morte da cólera e o que está despertado permanece no Verbo da vida, na castidade virgem. Consequentemente, em uma pessoa carregamos um homem duplo, neste mundo, ou seja, uma imagem viva nascida da encarnação de Cristo, e uma imagem terrestre, masculina ou feminina, encerrada na morte e na cólera de Deus. A terrestre deve carregar a cruz, sofrer injúrias, perseguições e tormentos na cólera, sendo aos poucos entregue à morte; então a cólera absorve a imagem terrestre no fogo qualificativo de Deus. Se o Verbo da vida, que em Maria tornou- se homem, fizer parte da imagem terrestre, então o Cristo, quem trouxe de Deus o Verbo da vida, surge da morte, conduzindo a essência do fogo qualitativo, ou seja, a essência humana, que deixa a morte, pois surgiu da morte e vive em Deus; sua vida tornou-se a nossa vida, a sua morte a nossa morte; somos enterrados em sua morte, mas renascemos em sua ressurreição e vitória, em sua vida.

Compreenda o correto significado de tudo isso. Adão era a imagem virgem, ele tinha o amor apropriado, pois o Espírito de Deus o soprou em seu interior. O que mais pode o Espírito de Deus soprar de si mesmo senão aquilo que é? Ele é tudo, e mesmo assim não é chamado Deus segundo todas as fontes; mas em todas as fontes há um único Espírito que é Deus, ou seja, de acordo com o segundo Princípio na luz, lembrando que não há luz sem fogo. Mas no fogo ele não é o espírito de amor ou o Espírito Santo,

mas a cólera da natureza e uma causa do Espírito Santo, uma fúria e um fogo consumidor; no fogo, o espírito da natureza é libertado, e o fogo essencial gera a natureza e é a natureza em si.

Compreendemos, contudo, que há senão um Espírito Santo na luz. Embora tudo seja um ser, acreditamos que a matéria gerada da brandura da luz esteja como que impotente e obscura. Essa o fogo atrai e absorve, mas oferece da fonte material, do fogo, um espírito poderoso que está livre da matéria e do fogo. Embora seja mantida pelo fogo, este não atinge sua qualidade; da mesma forma que a luz habita no fogo sem possuir a qualidade do fogo, mas um qualidade branda e amorosa, o que não poderia ser se a matéria não tivesse morrido e sido consumida no fogo.

Consideremos então o primeiro Adão. Ele era composto de essência e natureza da luz; mas como deveria penetrar uma existência criaturalizada, sendo uma completa semelhança de Deus, de acordo com toda a realidade, com todos os três Princípios, ele foi abarcado pelo verbum Fiat em toda a esfera dos três Princípios, sendo trazido para um ser criaturalizado. Todos os três Princípios encontravam-se, de fato, livres nele, estando um no outro, cada um em sua ordem; ele era uma completa semelhança de Deus. De acordo e derivado do ser de todos os seres. Mas como sabemos, o terceiro Princípio ou a fonte deste mundo, havia se tornado colérica, sedenta e mal, por causa da inflamação de Lúcifer, e que esta fonte em Adão buscou saciar sua sede imediatamente no segundo Princípio, ou seja, na matéria celeste, fazendo com que a cobiça surgisse em Adão. Pois a fonte do puro amor que surge do Espírito Santo havia rejeitado tal fonte. Mas quando o amor de fato penetrou a fonte terrestre, a fim de satisfazer sua sede inflamada, o amor puro e imaterial recebeu a cobiça corrupta, terrestre e desejosa. Aqui se extinguiu o segundo Princípio, não como uma morte, no sentido de se tornar um nada, mas foi capturado na sede impetuosa. Tendo em vista que Deus é uma Luz, a pura fonte de amor permanece encerrada na morte, fora da luz de Deus. A imagem foi corrompida e capturada na cólera de Deus, e o amor apropriado perdeu seu poder, pois encontrava-se encerrado na terrenidade corrupta, amando a terrenidade.

Desta imagem, então, a mulher teve que ser feita, e as duas tinturas, ou seja, a essência do fogo e a essência aquosa da matriz, tiveram que ser

divididas em homem e mulher, a fim de que o amor pudesse se movimentar numa fonte dupla, e que uma tintura pudesse amar e desejar a outra, podendo fundirem-se, proporcionando a continuidade e preservação desta linhagem.

Mas esta raça de homens, assim contida na fonte terrestre, não podia conhecer ou ver à Deus, pois o puro amor, sem mácula, encontrava-se encerrado numa fonte de sede terrestre, aprisionado na sede da cólera da Natureza Eterna, inflamada por Lúcifer; pois a cólera havia atraído o amor para si, através da terrenidade. Ora, neste amor aprisionado reside a castidade virgem da sabedoria de Deus, que, com o segundo Princípio, com a essencialidade celeste, estava incorporada ao corpo de Adão, e ainda mais, o espírito da essencialidade branda, através da insuflação do Espírito Santo, soprado em Adão.

Não haveria remédio, a menos que a Divindade movimentasse a Si própria na virgem divina, de acordo com o segundo Princípio, na virgindade encerrada na morte, e outra imagem deveria surgir da primeira. Sabemos e compreendemos bem que a primeira imagem teve que ser entregue à cólera, a fim de saciar sua sede, penetrar a corrupção, o fogo essencial, embora a essência não sofra corrupção ou morte. Por causa disto, Deus decretou um dia, no qual ele irá provar a essência do velho e primeiro Adão através do fogo, quando ela ficará livre da vaidade, da cobiça do mal e da cólera da Natureza Eterna.

Além disso, compreendemos como Deus trouxe novamente em nós a vida de seu santo Ser ao colocar-se em movimento, com seu próprio coração ou Verbo e com o poder da vida divina na virgindade, que encontrava-se encerrada na morte, ou seja no verdadeiro e puro amor; Ele reacendeu este amor e introduziu sua essencialidade celeste, com a virgindade pura, na virgindade encerrada na morte; a partir da virgindade celeste e da virgindade encerrada na morte e na cólera, Ele gerou uma nova imagem.

Compreendemos ainda, que esta nova imagem teve que ser novamente introduzida na essencialidade divina e celeste, através da morte e da ferocidade do fogo, no Ternarius Sanctus; pois a cobiça terrestre, possuída pelo demônio, tinha que continuar na cólera do fogo e foi dada a ele como alimento; isto o tornou um príncipe, segundo a fonte de cólera da Natureza

Eterna; pois o demônio é o alimento da cólera feroz, e a cólera feroz é o alimento do demônio.

Então, o Verbo da vida eterna movimentou-se novamente em nosso gélido amor e na virgindade encerrada na morte, tomando para si nossa virgindade corrupta, e tornou-se homem interna e externamente, introduzindo o centro, ou seja, o fogo de nossa alma, em seu amor: nós reconhecemos o seu amor e virgindade, que foi introduzida em nós como se fosse nossa própria virgindade; pois seu amor e virgindade tomou como sua esposa o nosso gélido amor e virgindade, entregando-se a eles, a fim de que Deus e o homem possam ser eternamente uma só pessoa.

A Razão dirá: Isto ocorreu com Maria, e só; só com uma pessoa, e eu? O Cristo não nasceu em mim.

Ó, nossa grande miséria e cegueira não nos deixa compreender nada! Como a ânsia material terrestre nos cegou e o demônio nos afastou através do abominável Anticristo em Babel, a ponto de nos recusarmos a compreender qualquer coisa! Considere o que tu és, vil e miserável Razão! Nada, senão uma mulher indecente com relação à Deus. Como mais poderia te denominar, se és perjúrio e traição para a virgindade pura, que é de Deus? Não tens tu o espírito, a alma e a carne de Adão; não viestes tu de Adão? Não surgistes da água e fogo de Adão? Tu és, de fato, filha de Adão. Faça o que fizer, deves te submeter e ser resignada; tu mergulhas no mistério de Adão, tanto na vida como na morte.

O Verbo de Deus, verdadeiramente, se fez homem na virgindade de Adão, que estava encerrada na morte. O coração de Deus se movimentou na virgindade de Adão e da morte, através do fogo de Deus, a introduziu na fonte divina. O Cristo tornou- se Adão, não o Adão dividido, mas o Adão virgem, tal como era antes de seu sono. Ele trouxe o Adão corrupto para a morte, para o fogo de Deus e trouxe o Adão puro e virgem da morte através do fogo. O Seu filho és tu, caso não permaneça na morte como madeira verde que não qualifica, que estando no fogo não exprime essência alguma, mas que toma a forma de cinzas negras.

A Razão dirá então: Como posso ser um membro de Cristo e filho de Deus, se não O encontro e não O sinto? Resposta: Sim, eis o atrito, caro

pedaço de madeira sólida! Cheira o teu âmago; a que fedes? Ânsia demoníaca, ou seja, a prazer temporal, orgulho, honra e poder. Preste atenção, esta é a vestimenta do demônio. Despoja-te desta pele, jogue-a fora. Coloque o teu desejo na vida, no espírito, na carne e sangue de Cristo; imagine ali, assim como imaginastes na ânsia terrestre, então tu revestirás o teu corpo, a tua carne e o teu sangue, com o Cristo; te transformará no Cristo; a Sua encarnação irá desta forma começar a ser sentida em ti, e tu renascerás em Cristo.

A Divindade ou o Verbo, que movimentou-se em Maria e tornou-se homem, também tornou-se homem, ao mesmo tempo, em todos os homens descendentes de Adão, que haviam entregado e comprometido seu espírito à Deus ou ao messias prometido; Ele passou também sobre todos aqueles que ainda deveriam nascer do Adão corrupto, e serem despertado pelo Verbo, pois o primeiro homem compreende também o último. Adão é o tronco, somos todos os seus galhos; Cristo, contudo, tornou-se a nossa seiva, virtude e vida. Ora, se um galho da árvore secar, o que pode fazer a virtude e a seiva da árvore? A virtude não é dada a todos os galhos? Por que o galho não atrai a virtude e a seiva para si? A dificuldade reside no fato de que o homem atrai para si a essência e o poder demoníaco, ao invés da essência divina, e permite ser extraviado pelo demônio na ânsia e desejo terrestre. O demônio conhece bem o galho que cresceu para ele, em seu primeiro domínio, e que ainda cresce.

Assim como no princípio ele era um mentiroso e assassino, ele continua sendo, infectando os homens, porque sabe que eles caíram no domínio exterior das estrelas, em sua ânsia mágica. Ele é um constante envenenador do complexo; onde quer que ele cheire uma faísca que o sirva, esta ele sempre apresenta diante do homem; se um homem ali imagina, ele o infecta imediatamente.

Portanto, é dito: Vigia, ore, seja sóbrio, leve uma vida equilibrada, pois o demônio, seu adversário, ronda como um leão que ruge, buscando aquele que possa devorar (Pe. ,8). Não busque, então, a avareza, o dinheiro, o bem, o poder e a honra, pois em Cristo não somos deste mundo. Este Cristo foi ao Pai, ou seja, ao Ser divino, a fim de que O seguíssemos com nossos corações, mentes e vontade; Ele diz que estará conosco todos os dias, até o

fim do mundo (Mat. 8,0); mas não na fonte deste mundo. Devemos forçar um caminho para fora da fonte deste mundo, fora do homem terrestre, entregar nossa vontade à Sua vontade, introduzir nossa imaginação e desejar nele; com isso nos tornamos fecundos em sua virgindade, que ele despertou novamente em nós e recebemos o Verbo, que se movimento nele, em nossa virgindade encerrada na morte, e renascemos em Cristo dentro de nós mesmos. Assim como a morte passa por todos nós através de Adão, o Verbo da vida passa por todos nós proveniente do Cristo. Pois, o movimento da Divindade na encarnação de Cristo permanece ativo e está aberto a todos os homens; há falha unicamente no poder de entrar, quando o homem permite ser recapturado pelo demônio. O Cristo não tem necessidade de deixar o seu lugar e nos penetrar, quando renascemos nele; pois o ser Divino, no qual ele nasceu, contém o segundo Princípio, em todo lugar. Onde quer que seja dito que Deus está presente, também pode ser dito que a encarnação de Cristo está presente; pois ela foi revelada em Maria remontando anteriormente até Adão e para frente até o último homem.

A Razão diz então: Só a fé é que pode alcançar tal feito! Sim, certamente, é na fé verdadeira que a gestação tem início; pois a fé é espírito e requer substância. A substância, mais que tudo, existe em todos os homens; nada mais é necessário além de que o espírito da fé a apreenda. Se a substância for apreendida, o belo lírio cresce e desabrocha, não apenas um espírito, mas a imagem virgem nasce da morte para a vida. A vara de Aarão, que está seca, floresce da morte seca e tira seu corpo da morte, a nova vida bela e virgem da virgindade meio morta. A vara de Aarão a exprime; Zacarias, Abraão e sua velha Sara confirmam, eles que estavam como que mortos, de acordo com o mundo exterior e não mais frutificavam. Mas a promessa do novo nascimento iria se realizar, a vida deveria florescer da morte. O velho Adão, que era terrestre, não deveria ser senhor; nem Isaú o primogênito, a quem, de fato, caberia a herança, se Adão tivesse permanecido firme; mas o segundo Adão, o Cristo, que surgiu do primeiro através da morte, deve permanecer o Senhor. Não é o homem ou a mulher quem devem possuir o reino de Deus, mas a virgem que nasce da morte do homem e da mulher é quem deve ser a rainha dos céus: um sexo, não dois; uma árvore, não muitas. O Cristo era o tronco, porque era a raiz do novo corpo que floresceu da morte, trazendo a virgem morta novamente para a condição de um belo

ramo; todos nós somos os galhos que repousam sobre um tronco, o Cristo.

Somos então, os galhos de Cristo, seus ramos, suas criancinhas e Deus é o Pai de todos nós, e também do Cristo. Nele vivemos, nos movemos e temos o nosso ser.

Carregamos a carne e o sangue de Cristo em nós, se alcançarmos o novo nascimento; pois no Espírito de cristo renascemos. Ele quem em Maria, na humanidade morta, tornou-se um homem vivo, sem contado de qualquer homem; da mesma forma, ele se torna em nós, em nossa virgindade morta, um novo homem; e nada se faz necessário, senão que expulsemos o velho Adão, ou debulhemos a morte, a fim de que o tormento da vida terrestre nos deixe e possamos, assim, abandonar o domínio do demônio.

Não se trata de algo simplista , pois o velho Adão não deve ser totalmente expulso, mas só a aspereza ou casca, na qual a semente está oculta. O novo homem deve brotar no movimento de Deus na antiga essência, como um espalhar do grão, assim que Cristo nos atinja. Portanto, a essência deve ser lançada na cólera de Deus, ser perseguida, torturada, desprezada e afundar sob a cruz; pois, da cólera-ígnea de Deus é que o novo homem deve nascer; ele deve ser testado e aprovado no fogo. Nós caímos no poder da essência da cólera, mas o amor de Deus apresentou- se na cólera, saciando-a com o amor no sangue da essencialidade celeste na morte de Cristo. Assim, a cólera reteve a casca ou o homem corrupto, compreenda a natureza terrestre, e o amor reteve o novo homem. O sangue celeste não deverá ser derramado por algum outro homem, mas somente o sangue mortal terrestre. Pois unicamente o Cristo, concebido sem a intervenção de homem e mulher, poderia fazer isso; pois, em Sua essencialidade celeste não havia o sangue terrestre. Contudo, Ele derramou seu sangue celeste no sangue terrestre, a fim de poder libertar a nós, pobres homens terrestres, da cólera. Pois, seu sangue celeste tinha que, em seu derramamento, mistura-se com o terrestre, para que a turba presente em nossa materialidade, que nos mantinha prisioneiros, pudesse ser afogada e a cólera extinta pelo amor do sangue celeste. Ele entregou sua vida à morte por nós, por nós ele desceu ao inferno, na qualidade ígnea do Pai; Ele deixou novamente o inferno para Deus, a fim de que pudesse romper a morte, afogar a cólera e fazer um caminho para nós. Quando o Cristo foi

crucificado e morreu na cruz, nós nos crucificamos com ele e nele; nele morremos, ressurgimos da morte e nele vivemos eternamente, como membros de seu corpo. Assim, a semente da mulher esmagou a cabeça da serpente; O Cristo realizou este ato em nós e nós em Cristo: a essência humana e a essência divina o realizaram.

Portanto, a questão agora é esta: devemos seguí-lo. O Cristo, certamente rompeu a morte e saciou a cólera. Mas se desejamos nos tornarmos como a sua imagem, devemos seguí-lo também em sua morte, tomar sua cruz sobre nós, sofrermos a perseguição, o escárnio, a ridicularização e o assassínio. Pois, a velha casca pertence à cólera de Deus; ela deve ser eliminada, visto que não é o velho homem que deve viver em nós, mas o novo. O velho é entregue à cólera. Pois, da cólera floresce o novo, assim como a luz surge do fogo. O velho Adão deve ser portanto, lenha para o fogo, a fim de que o novo possa nascer na luz do fogo; este tem que subsistir no fogo. Nada é eterno se não puder subsistir no fogo, e que não originalmente não surja do fogo.

Nossa alma vem do fogo de Deus, e o corpo vem do fogo da luz. Compreenda sempre por corpo, uma substancialidade muda, que não é espírito, mas um fogo essencial. O espírito é muito mais elevado, pois sua origem é o fogo da cólera, da qualidade colérica; e sua verdadeira vida ou corpo, que carrega consigo, é a luz da brandura; ela habita no fogo e dá ao fogo o alimento brando ou amor; ao contrário, o fogo não subsistiria; ele terá algo para alimentar. Pois, Deus o Pai diz: “Eu sou um Deus colérico, ciumento e irado, um fogo que consome (Deut, 4,4); além disso, Ele é chamado também de Deus amável e clemente (Jo 4,8), em referência à sua luz, ao seu coração. Portanto Ele diz: “Eu sou misericordioso, pois na luz nasce a água da vida eterna, que extingue o fogo e a cólera do Pai.

Sobre o homem binário, ou seja, sobre o velho e o novo Adão, mostrando como o velho e mal Adão comporta-se em relação ao novo, que tipo de religião, vida e fé cada um pratica, e também o que cada um pensa

Tudo o que é ensinado, escrito, pregado ou falado no velho Adão, com relação ao Cristo, seja resultado da ciência ou o que for, pertence à morte, não possui compreensão e nem vida; pois o velho Adão está morto em relação ao Cristo. Somente o novo Adão, nascido da virgem pode fazê-lo;

só ele compreende a palavra da regeneração e entra no redil das ovelhas, pela porta de Cristo. O velho Adão tenta entrar pela ciência e pela investigação. Ele acredita que o Cristo pode ser suficientemente compreendido pela letra. Sustenta que todo aquele que estudou as ciências e as línguas, que leu bastante, é apontado por Deus e chamado a ensinar; que o Espírito de Deus deve falar através de sua pregação, mesmo que ele seja o velho e corrupto Adão. Mas o Cristo diz: "quem não entra pela porta, no redil das ovelhas, mas sobe por outro lugar, é ladrão e assaltante" (Jo 0,). E diz mais: "Eu sou a porta. Se alguém entrar por mim, será salvo; entrará e sairá e encontrará pastagem" (Jo 0,9). Pois aquele que não está comigo está contra mim.

Um mestre deve, necessariamente, nascer do Cristo, ao contrário ele é um ladrão e assaltante e se exibe, pregando, por conta própria. Ele faz isso por dinheiro e honra, ensina sua própria palavra e não a palavra de Deus. Mas se ele nascer novamente do Cristo, ensinará a palavra de Cristo, pois vive na árvore do Cristo, e emite seu som da árvore de Cristo, na qual vive. Por isso há tanta contrariedade na terra, porque os homens amontoam mestres para si, para falarem a eles o que seus ouvidos querem ouvir, aquilo que o velho Adão está pronto para ouvir, o que ministrar para sua elevação e prazer carnal, o que conduz ao poder e à magnificência.

Sim, mestres demoníacos, como irão se apresentar diante da cólera de Deus? Por que ensinam, se não são enviados de Deus? Vós sois enviados de Babel, da grande prostituta, da mãe da grande prostituição espiritual sobre a terra. Vós não nascestes da virgem, mas da mulher adúltera. Pois não só ensinam ficções humanas, mas também perseguem os enviados, que nasceram do Cristo. Vocês lutam por causa da religião, mas em religião não há luta: há diversidade de dons, mas um único e mesmo espírito fala. Como uma árvore possui muitos galhos e os frutos diferentes formas, nunca são exatamente iguais; ou como a terra produz diversas ervas e flores, sendo a mãe única: o mesmo ocorre com aqueles que falam através do espírito de Deus; cada um deles fala através da maravilha de seus dons. Mas a árvore ou o campo deles, sobre o qual repousam, é o Cristo em Deus. Com vocês, ataduras do espírito, isto não ocorre. Pois insistem em calar a boca de seu Cristo, sobre quem ensinam sem conhecerem, com a língua terrestre, insistindo em atrelá-lo à sua lei. Ó, a verdadeira igreja de Cristo não possui

lei alguma! O Cristo é o templo no qual

devemos entrar. Um amontoado de pedras não faz o novo homem. Mas o templo de Cristo, onde o espírito Deus ensina, desperta a imagem meia morta, a fim de que comece a germinar. É uma questão de indiferença, Deus não liga para a ciência ou eloquência, mas aquele que vem a Ele, não será expulso por Ele. O Cristo veio ao mundo para chamar e salvar pobres pecadores; Isaias diz: "Quem é tão simples como meu servo? Portanto, a sabedoria deste mundo não irá servir para nada, ela só traz orgulho e inflamação da razão, ela tem altas pretensões, desejando ser sua senhora. Mas o Cristo diz: "Aquele que não abandonar casas, terras, bens, dinheiro, esposa e filhos, por minha causa, não é digno de mim". Nada que está neste mundo deve ser mais querido do que o precioso nome Jesus. Pois tudo o que este mundo contém é terrestre, mas o nome Jesus é celeste, e em nome de Jesus devemos renascer da virgem.

Portanto, o filho da virgem é oposto ao velho Adão. Esse mostra a si mesmo através dos desejos do prazer temporal, da honra, do poder e da autoridade; ele é um dragão feroz e horrível, que busca unicamente devorar, como o apresenta a Revelação de João. O filho da virgem, contudo, está acima da lua, e usa uma coroa de doze estrelas; pois tem sob seus pés o que é terrestre ou a lua; ele cresceu da lua terrestre, como uma flor cresce da terra. Da mesma forma, a imagem virgem está acima da lua. Contra ela, o dragão feroz lança água de sua boca, na forma de dilúvio, e tenta afogar, continuamente, a imagem virgem. Mas a terra vem em auxílio da imagem e engole o dilúvio, trazendo a virgem para o Egito, onde a imagem virgem deve colocar-se em servidão. Mas a terra, ou a cólera de Deus, cobre a imagem virgem e engole a torrente do dragão. Muito embora este subjugue a imagem virgem com suas abominações, calúnias e injúrias, isto não provoca nenhum dano ao filho da virgem; pois a cólera de Deus recebe a injúria derramada sobre o filho puro, a terra sempre significando a cólera de Deus. Assim o filho virgem permanece sobre a terra, ou seja, na lua terrestre, e deve sempre fugir do dragão terrestre, rumo ao Egito. Lá deve servir ao faraó; mas está acima da lua, não abaixo. O príncipe Ieoschua ou Jesus o traz a Jerusalém, pelo rio Jordão. Ele deve através da morte, entrar em Jerusalém e renunciar à lua. Ele não passa de um hospede neste mundo, um estranho e um peregrino; deve cumprir a sua jornada através da terra do

dragão. Quando o dragão lança sobre ele a sua torrente, ele deve se curvar e se colocar debaixo da cruz; então a cólera de Deus recebe o fogo do dragão.

Sabe-se que o velho Adão nada conhece ou compreende acerca do novo; ele compreende tudo de forma terrestre. Ele não sabe o que é e onde está Deus; ele age como hipócrita, atribuindo pena a si mesmo e pensa servir à Deus, mas serve apenas ao velho dragão; sacrifica-se e seu coração é fiel ao dragão; ele será um devoto genuíno e com o que é terrestre se eleva ao céu, embora humilhe os filhos do céu. Com isto ele se mostra um alienado no céu; ele só é mestre sobre a terra e demônio no inferno.

Entre tantos espinhos e cardos, os filhos de Deus devem crescer. Eles não são conhecidos neste mundo, pois a cólera de Deus os ocultam. Nem mesmo um filho de Deus se conhece corretamente; ele vê unicamente o velho Adão que pesa sobre ele, que sempre busca afogar o filho da virgem. A menos que o filho da virgem obtenha um lampejo no Ternarius Sanctus; então ele se conhece, quando a bela coroa cavalheiresca é colocada sobre ele; neste caso, o velho Adão olha para traz e não sabe o que acontece com ele. Ele é alegre, mas dança como aquele que dança ao som de instrumentos de cordas: quando a música para, sua alegria tem um fim e ele continua sendo o velho Adão; pois ele pertence à terra e não ao mundo angélico.

Tão logo um homem atinge o ponto em que a imagem virgem começa a florescer do velho Adão, a alma e o espírito do homem se entregam à obediência de Deus; começa o combate, pois o velho Adão, na cólera de Deus, luta contra o novo Adão, no amor. O velho Adão deseja ser o senhor na carne e no sangue, e nesta conexão o demônio pode alcançar, infectar e possuí-lo. O ramo virgem o demônio não suporta, mas ele não deve tocá-lo. Porque a sua própria habitação nas trevas do abismo não o agrada, ele deseja habitar no homem; pois ele é um inimigo de Deus e fora do homem não tem poder algum. Portanto ele possui o homem, conduzindo-o, como lhe aprouver, na ira e cólera de Deus, assim ele pode zombar do amor e da brandura de Deus; é que ele ainda supõe, por ser uma fonte de fogo ígnea, ser maior que a humildade, visto que ele pode se movimentar rapidamente. Mas como ele não deve atingir o ramo virgem, faz uso de nada mais que da astúcia e da corrupção, cobrindo tal ramo, para que não seja conhecido neste mundo; ao contrário, muitos ramos novos nasceriam nas tão chamadas

suas terras, o que não o agrada. Ele traz seus servos orgulhosos até o homem, com humilhação e molestação, a fim de que ele seja perseguido, ridicularizado e tomado como louco. Isto ele faz através da sabedoria racional mundana, através daqueles que se auto denominam pastores de Cristo, e assim são reconhecidos pelo mundo, a fim de que o ramo de lírio não seja conhecido; se assim não fosse, o homem poderia se aperceber, muitos ramos cresceriam e o demônio perderia seu domínio entre os homens.

Mas o nobre lírio cresce na humildade e na paciência, e recebe sua essência, poder e perfume do campo de Deus, ou seja, da encarnação de Cristo. O espírito de Cristo é o seu poder, a essência de Deus é o seu corpo. Não de uma propriedade estranha, mas de sua própria essência, encerrada na morte, que floresce no espírito de Cristo é que cresce o lírio virgem. Ele não busca e nem deseja a beleza deste mundo, mas a do mundo angélico; pois ele não cresce neste mundo, no terceiro Princípio, mas no segundo Princípio, no mundo paradisíaco. Portanto, há grande discussão na carne e no sangue, na razão exterior. O velho Adão nada sabe sobre o novo e ainda resiste à ele: o novo não deseja nada do que deseja o velho, ele está sempre conduzindo o segundo à abstinência. Isto aflige o velho Adão, que só deseja o prazer, possessões e honra temporal e não suporta o desprezo ou a tribulação. Mas o novo Adão tem satisfação em carregar as marcas de Cristo, a fim de poder tornar-se como a imagem de Cristo. Portanto o velho Adão está sempre se lamentando, pois vê que deve ser considerado um tolo; não sabe o que será dele, pois não conhece a vontade de Deus, tudo o que tem é a vontade deste mundo: o que ali brilhar ele terá, ele busca sempre ser mestre, diante do qual as pessoa reverenciam. Mas o novo Adão curva-se diante de seu Deus; ele nada deseja, não tem vontade de nada, mas anseia por seu Deus, como uma criança anseia por sua mãe; ele se acomoda no seio de sua mãe e se entrega à mãe celeste no espírito de Cristo; de sua mãe eterna ele deseja comida e bebida; alimenta-se no seio de sua mãe, assim como uma criança no ventre. Pois enquanto estiver encoberto pelo velho Adão, ele ainda estará em processo de encarnação; mas quando o velho Adão morre, o novo nasce do velho: ele abandona o vaso, no qual estava e torna-se uma criança virgem, para a terra e para o julgamento de Deus; ele nasce como uma flor no reino de Deus. Então, quando o dia da restauração vier, todas as suas obras, realizadas no velho Adão, irão seguí-lo; a

iniquidade do velho Adão, contudo, deverá ser queimada no fogo de Deus e servida ao demônio, como alimento.

Aqui a Razão diz: Se o novo homem neste mundo, no velho Adão, está apenas em processo de encarnação, ele não é perfeito. Resposta: Isto não é diferente do que acontece com uma criança, a semente é semeada com as duas tinturas, masculina e feminina, unidas, e daí a criança cresce. Pois tão logo o homem se volta para Deus, de todo coração, mente e vontade, deixando o caminho ímpio, entregando-se sinceramente à Deus, então começa a gestação no fogo da alma, na imagem velha e corrupta; a alma busca em si mesma o Verbo que se colocou em movimento em Maria, no centro da Santíssima Trindade, que se entregou à Maria, à virgem meia morta, com a altíssima, casta, abençoada e celeste Virgem da sabedoria de Deus, fazendo-se um verdadeiro homem. Este Verbo, que se moveu em Maria, no centro da Santíssima Trindade, que se desposou com a virgem meia morta e encerrada, é mantido pelo fogo da alma, e a gestação começa imediatamente na imagem da alma, ou seja, na luz da alma na brandura, na essência virgem aprisionada. Pois a tintura- amor do homem, busca a tintura-amor de Deus, e a semente é semeada no Espírito Santo, na imagem da alma.

Preste atenção! Quando o sinal virgem se apresenta no amor de Deus, tal ramo pode realmente nascer, pois em Deus tudo é perfeito. Mas enquanto ele estiver coberto no velho Adão, e permanece na essência apenas como uma semente, grande perigo o cerca, pois muitos só se apercebem deste ramo no final da vida; e ainda que tenha trazido tal semente desde o ventre de sua mãe, ele pode deteriorar-se e até mesmo partir-se e materializar-se.

O mesmo ocorre com o pobre pecador. Quando se arrepende, mas posteriormente torna-se novamente mal, ocorre o mesmo que ocorreu com Adão, que era uma imagem bela e gloriosa, criada por Deus e altamente iluminada; mas quando se permitiu ser dominado pelo desejo, tornou-se terrestre e sua bela imagem ficou aprisionada na fonte terrestre, na cólera de Deus: isto ainda ocorre. Falamos isso, por termos recebido a iluminação na graça de Deus e por termos dedicado muito tempo em busca desta coroa: aquele que permanece firme, com uma real sinceridade, até que seu ramo se torne uma árvore, não terá seu ramo facilmente quebrado durante a

tempestade; pois o que é frágil tem também uma vida frágil. Não é assim que penetramos a divindade. Ao contrário, a situação é natural e, de fato, tudo passa naturalmente; pois o Eterno tem a sua natureza própria, e uma procede da outra. Se este mundo não tivesse sido envenenado pela malícia e cólera do demônio, Adão teria permanecido neste mundo no Paraíso, não teria havido tal cólera nas estrelas e elementos; pois o demônio era um rei e grande senhor no lugar deste mundo: ele movimentou a cólera. Portanto, Deus criou o céu do meio das águas a fim de que a natureza ígnea, ou seja, o firmamento ígneo, pudesse estar sujeito ao céu aquoso, para que sua cólera fosse extinta. Se a água desaparecesse, certamente veríamos o que teria neste mundo: nada, senão uma queimação ígnea amarga e fria, além de trevas, pois não haveria luz, uma vez que ela só existe na brandura; assim também como não pode haver fogo brilhante, a menos que contenha essencialidade branda. Reconhecemos que Deus transmudou a essencialidade celeste em água, o que foi feito naturalmente quando Deus, o Pai, colocou-se em movimento e o demônio caiu, aquele que desejava ser o senhor ígneo da brandura; assim, uma barreira foi colocada diante de sua malignidade venenosa, de modo que ele é agora um imitador de Deus e não um senhor, um raivoso e realizador na fonte colérica.

Sabendo que estamos rodeados pela cólera, devemos ter cuidado com nós mesmos e não nos subestimar; pois nosso ser não é só deste mundo, mas também do mundo divino, que permanece oculto neste mundo e está perto de nós. Devemos viver e, ao mesmo tempo, estarmos em três mundos, se desabrocharmos novamente da vida demoníaca com a imagem virgem. Pois vivemos: º - no primeiro Princípio, no mundo do Pai, no fogo, segundo a alma essencial, ou seja, segundo a fonte ígnea, no centro da natureza da eternidade; º - com a verdadeira imagem virgem e pura vivemos no mundo paradisíaco, na luz flamejante, embora não esteja manifestado no lugar deste mundo, mas é conhecido na imagem virgem no Espírito Santo, e no Verbo que habita na imagem virgem; 3º - vivemos com o velho Adão neste corrupto e externo mundo destemperado, junto com o demônio em seu desejo aceso; portanto, é necessário ser cauteloso. O Cristo diz: “Sede prudentes como as serpentes e sem malícia como as pombas” (Mat. 0,6). Acautelai-vos de vós mesmos. No reino de Deus não há necessidade de malícia, somos apenas crianças no seio da mãe; mas neste mundo devemos estar sempre atentos, carregamos o nobre tesouro num vaso terrestre. Ele é

rapidamente arruinado, perde a Deus e o reino dos céus, que depois disso não pode ser alcançado. Aqui, estamos no campo, e como sementes, estamos em processo de crescimento; mesmo que o galho se quebre, a raiz ainda está presente e um outro galho pode crescer.

Nesta vida a porta da graça permanece aberta ao homem. Por maior que seja o pecador, se ele se voltar e produzir frutos honestos de arrependimento, ele pode renascer daquilo que é mal. Mas aquele que deliberadamente lança sua raiz ao fogo do demônio (corrupção) desperdiça o seu florescimento: quem irá ajudar aquele que não ajuda a si próprio? Mas se ele voltar sua vontade para Deus, então Deus o terá. Pois aquele que deseja na cólera de Deus, a cólera de Deus terá; mas aquele que deseja no amor, o amor de Deus terá. Paulo diz:

"Um homem pode fazer de si o que quiser: ele tem as duas coisas diante de si, o fogo e a luz. Se ele for um anjo na luz, então o Espírito de Deus em Cristo o ajuda a entrar na hoste angélica; se ele for um demônio no fogo, então a cólera e a fúria de Deus o ajuda, atraindo-o para o abismo, para o demônio. Além do mais, ele toma a predominância daquilo que desejou. Mas se ele rompe o primeiro desejo e entra em outro, adquire então uma outra predominância; mas o primeiro desejo adere à ele de forma muito forte, lutando continuamente para possuí-lo de novo. Portanto, o nobre grão deve estar freqüentemente em restrição, deixar-se espetar pelos espinhos, pois a serpente sempre pica a semente da mulher, ou seja, o filho da virgem, no inferno. A picada da serpente permanece no velho Adão, ela sempre pica o filho da virgem, no ventre da mãe, no inferno.

Portanto, a vida neste mundo está conosco, pobres homens, aprisionada num vale de dores, cheia de ansiedades, tribulações, misérias e aflições. Somos aqui, visitantes estranhos em nosso caminho de peregrinação. Temos que atravessar uma grande ruína, lugares selvagens, cercados por bestas demoníacas, com cobras e serpentes, lobos e nada mais do que bestas horríveis, e a besta mais demoníaca, carregamos em nosso seio. É neste estábulo vil e demoníaco, que se aloja nossa bela virgem.

Sabemos disso e com razão dizemos que, quando o ramo nobre cresce e se torna forte, o velho Adão neste homem deve se tornar servo, deve andar atrás e normalmente fazer o que não quer. Deve sofrer tribulações, desprezo

e morte. Ele não faz nada disso por vontade própria, mas a imagem virgem em Cristo o obriga; pois ele seguiria o Cristo com satisfação, Ele que é seu noivo, e se tornaria como Ele na tribulação e na aflição.

Certamente, ninguém é coroado com a coroa virginal de doze estrelas, usada pela mulher na Revelação de João, ou seja, com os seis espíritos celeste, e seis espíritos terrestres, a menos que permaneça firme contra a tormenta do dragão e fuja para o Egito, ou seja, sob a cruz e as pragas do Egito. Deve carregar a cruz de Cristo e colocar Sua coroa de espinhos; sofrer escárnio, desprezo e ser tomado como tolo, se quiser colocar a coroa de Cristo e da virgem. Primeiro deve usar a coroa de espinhos, se quiser usar a coroa celeste de pérolas no Ternarius Sanctus.

Revelamos aos iluminados um outro grande mistério: quando a pérola é semeada, a alma coloca a coroa pela primeira vez, no Ternarius Sanctus, com grande honra e satisfação, diante dos anjos de Deus e todas as santas virgens. Ocorre aqui grande satisfação, pois Deus se faz homem. Mas esta coroa se oculta novamente. Como não poderia haver satisfação naquele lugar? O velho Adão também dança, mas como um asno ao som da lira; mas a coroa está designada à encarnação.

Se fosses um campeão, poderias, mantendo os passos de Cristo, lutar contra o velho asno, assim como lutar contra o demônio. Se conquistares, tiver consciência e se aceitar como um corajoso filho de Deus, a coroa da mulher, de doze estrelas, será colocado sobre ti. Essa deverás usar, até que a virgem nasça da mulher, de tua morte ou pela tua morte; ela irá colocar sobre ti a coroa ternária, de grande honra, no Ternarius Sanctus. Pois, enquanto a imagem virgem estiver encerrada no velho Adão, ela não obtêm a coroa angélica, já que ainda corre perigo. Mas quando nasce, na morte do velho Adão, emergindo da casca ou da concha, então é um anjo que não mais pode perecer e a coroa certa que lhe corresponde, na qual Deus se fez homem, é colocada sobre ela. Mas a coroa com as doze estrelas é retida por ela, como um sinal eterno; pois nunca se deve esquecer que Deus novamente revelou a virgindade e se fez homem na mulher terrestre. A Divindade é espírito, e o Elemento puro e santo nasce do Verbo da eternidade; o mestre passou a servo, diante disso todos os anjos do céu maravilharam-se: é a grande maravilha realizada desde a eternidade, pois é

contra a natureza, e deve ser definida como amor. Os seis signos terrestres da coroa de doze estrelas, devem permanecer como uma maravilha eterna, um eterno hino de louvor, em que Deus nos redimiu da morte e da destruição; os seis sinais celestes devem ser a nossa coroa e glória, a prova de que superamos o que é terrestre pelo o que é celeste, de que éramos homens e mulheres, mas nos tornamos virgens castas repletas de amor próprio. Assim devem permanecer, por toda eternidade, os sinais de vitória, através dos quais se deve reconhecer a relação entre Deus e a humanidade, e como o homem é a maior maravilha no céu, diante da qual os anjos se regozijam.

Sobre o novo nascimento: em que substância, essência, ser e propriedade é encontrado o novo nascimento, ou seja, o filho da Virgem, enquanto ele ainda permanece no velho Adão.

Como estamos mergulhados na carne e sangue terrestres, neste mar de sofrimento, e nos transformamos numa natureza terrestre, onde estamos encerrados na obscuridade da reflexão, a mente não para de questionar sobre o seu verdadeiro lugar e para onde está destinada a ir. Ela sempre diz: Onde então está Deus? Quando poderei ver a Sua face? Onde estará a minha nobre pérola? Onde está o filho da virgem? Não posso vê-lo! Como posso desejar aquilo que não sou capaz de ver? Certamente, O anseio e O desejo, mas não posso ver nada em que meu coração possa repousar. Estou sempre como uma mulher que ficaria feliz ao dar à luz; como ficaria feliz ao ver meu fruto, prometido por meu Deus! A mulher deseja dar à luz, continuamente, um dia após o outro, de manhã e ao entardecer, de dia e de noite; na privação, aguarda o momento em que a estrela da manhã surgirá, trazendo repouso à alma; ocorre com a alma, o mesmo que ocorre com a mulher, que entra em trabalho de parto, que sempre espera pelo sinal de seu fruto, com ânsia e desejo.

Isso sucede com todos nós, caros filhos de Deus. Pensamos que estamos longe de tudo isso, mas já estamos em trabalho de parto. Damos à luz com grande ânsia na angústia, e não conhecemos a semente que damos à luz, pois ela está oculta. Não damos à luz para este mundo; como então poderíamos ver o fruto com os olhos deste mundo? O fruto não pertence à este mundo.

Mas tendo em vista que recebemos o verdadeiro conhecimento, não de acordo como o homem exterior, mas de acordo com o homem interior, iremos descrevê-lo ao leitor, com prazer e deleite.

Ao nos observamos binários, com duplo sentido e vontade, o melhor que podemos fazer para nos conhecermos é considerar a existência criaturalizada. O que se vê são pedras brutas, algumas ocultam o melhor ouro. Assim, o ouro brilha na pedra, mas a pedra é inerte e não sabe que contém em si um ouro tão nobre. O mesmo ocorre conosco: somos um súlfur terrestre, mas possuímos um súlfur celeste, sendo que cada um está em sua própria possessão. Durante está vida, ambos estão juntos, mas não se qualificam um com o outro; um é o mero receptáculo e moradia do outro, como vemos no ouro. A pedra bruta não é o ouro, mas apenas o seu receptáculo. A aspereza da pedra não deixa o ouro aparecer, mas a tintura do sol na pedra bruta o produz. A pedra bruta é a mãe e o sol, o pai; o sol impregna a pedra bruta, já que possui o centrum naturae, ao qual o sol deve a sua origem.

O mesmo ocorre com o homem: o homem terrestre é indicado pela pedra bruta e o Verbo que se fez homem é indicado pelo sol, que torna o homem corrupto fecundo. A causa disso é a seguinte: O homem corrupto é, de fato, terrestre, mas contém em si o centrum naturae eternamente; ele anseia pelo sol de Deus, pois na sua criação, o sol de Deus foi tomado em seu ser. A pedra bruta, contudo, cobriu e engoliu o sol, e este misturou-se com o súlfur bruto, a menos que seja purificado no fogo, a fim de que o que seja bruto derreta-se, e o sol permaneça isolado. Compreenda assim a morte e a corrupção, na qual a carne terrestre e inferior se dissolve, e a carne espiritual e virgem continua, sem a outra.

Compreenda bem o que queremos dizer; falamos solene e verdadeiramente, da forma como conhecemos. O novo homem não é um mero espírito; ele vive na carne e no sangue; assim como o ouro na pedra não é um mero espírito, ele tem corpo; não um corpo como a pedra bruta apresenta, mas um corpo que no centrum naturae subsiste ao fogo. O fogo não pode consumir seu corpo, pois o ouro tem outro princípio. Mas ele permanece como que mudo, pois a terra não é digna do ouro, ainda que o carregue e o produza. Da mesma forma o homem terrestre não é digno da

jóia que carrega; ainda que ajude a produzi-la, ele nada mais é do que uma terra negra, comparado com o filho da virgem, nascido de Deus.

Assim como o ouro possui um corpo real, que se encontra aprisionado e oculto na pedra bruta, a tintura virgem no homem terrestre também possui um corpo real, divino e celeste, na carne e sangue, mas não como os terrestres; trata-se de um corpo que resiste ao fogo, passa através da pedra e da madeira e não se encontra exposto. Como o ouro penetra a pedra bruta, sem quebrá-la e sem quebrar a si mesmo, e a pedra nada conhece do ouro; o mesmo ocorre com o velho homem terrestre: quando ele recebe o Verbo da vida, que em Cristo se fez homem, o recebe no súlfur corrupto de sua carne e sangue, no centro virgem encerrado na morte, centro em queAdão era uma imagem virgem; ali a terra bruta ocultou de seu ouro a essencialidade cândida e divina, a fim de que a natureza celestial permanecesse na morte, no centro do fogo. No mesmo centro, o Verbo da vida, que em Maria se fez homem, movimentou-se; ali a essência encerrada na morte, obteve uma tintura viva. Neste ponto o ouro nobre ou a essência celeste começa a florescer na morte, e a possui em si, de uma só vez, no verbo da vida, o Espírito Santo, procedente do Pai e do Filho; a Sabedoria ou a virgem celeste, como espelho e imagem da Divindade, forma como que um súlfur puro, um puro sangue e carne, onde o Espírito Santo habita, não na forma de essência terrestre, mas na forma de essência divina, por meio da essencialidade celeste. Esta é a verdadeira carne e sangue de Cristo, no Verbo da vida que se fez homem, que rompeu a morte, a fim de que a tintura divina desabrochasse novamente e produzisse seres de si mesma, pois tudo nasce e surge do desejo de Deus. Mas como Deus é um fogo e também uma luz, sabemos muito bem de onde surgiu cada coisa individual. Não poderíamos dizer outra coisa senão que do amor surge o amor; pois uma vontade desejosa boa concebe em sua imagem o que lhe é semelhante, ela faz para si o que lhe é semelhante pela ânsia de seu próprio desejo.

Reconhecemos, então, que por ter desejado um espelho, uma imagem de si mesmo, o Divino, desejando em sua auto fecundação, gerou em sua vontade o que é bom e adorável, uma verdadeira semelhança de acordo com o Bem, de acordo com a pura Divindade. Mas o fato de o elemento terrestre ter se misturado à ela, consiste na falta da cólera desejosa, do fogo, do demônio, quem a inflamou pela sua cobiça.

Reconhecemos, igualmente, que Deus não abandonaria o que lhe pertence (ou seja, o que lhe é melhor e mais querido, criado à sua semelhança para ser um ser criaturalizado); ao contrário, ele mesmo se tornou tal ser, como o havia criado, a fim de regenerar da corrupção o que havia sido corrompido e transformá-lo no que é de melhor, onde ele poderia habitar eternamente. Dizemos com convicção, que Deus habita no novo homem, se auto sustentando, não por um reflexo ou brilho externo, mas essencialmente, ainda que em seu princípio. O homem exterior não o toca, não o atinge. Além do mais, a carne e o sangue do novo homem não é Deus, é essencialidade celestial. Deus é Espírito, Deus não decai ou perece; embora decaído e perecido, Deus permanece nele. Não possui a necessidade de partir, pois não faz uso de nenhuma entrada; mas se manifesta na carne e no sangue, é o seu prazer de possuir uma semelhança.

Se então, nos conhecermos bem, seguindo o caminho, descobriremos que esse homem (o homem completo) é a verdadeira semelhança de Deus. Pelo corpo e vida terrestre, ele pertence à este mundo, e pelo corpo e vida virgem, ele pertence ao céu; a essência virgem possui uma tintura celeste e torna a carne celeste, na qual Deus habita. Assim como o ouro na pedra tem uma tintura diferente da pedra bruta, e essa tintura tem um outro corpo; cada corpo surge de sua própria tintura, assim como a terra foi gerada da fonte feroz, do centro do fogo frio e azedo, do súlfur da austeridade na angústia para o fogo.

Do mesmo modo, um bom corpo é produzido de uma boa essência, pois a essência faz a vida, embora não seja a vida propriamente dita. A Vida tem a sua origem no Princípio ou no fogo, seja ele frio ou quente, ou no fogo da luz; cada um deles consiste num princípio especial, mesmo que não haja separação.

Falaremos agora, com base na verdade, sobre a encarnação ou humanidade, usando uma linguagem clara, plena e desvelada; não nos basearemos em conjecturas ou opiniões, mas em nosso próprio e verdadeiro conhecimento, que nos foi dado por Deus na iluminação:

O novo homem regenerado, que se encontra oculto no velho, como o ouro na pedra, possui uma tintura celeste e um corpo e sangue também celeste; o espírito desta carne, não é espírito de outro, mas dele próprio,

gerado de sua própria essência.

Reconhecemos e afirmamos que o Verbo, que se fez homem em Maria, a Virgem, é a causa primordial da tintura que teve início no súlfur; Reconhecemos que o espírito de Cristo, que preenche todos os céus, reside nesta tintura.

Reconhecemos esta carne celeste como a carne de Cristo, onde o Espírito Santo habita de forma indivisível.

Confessamos a possibilidade deste mesmo sangue e carne tornarem-se corruptos através da imaginação e do desejo, durante a existência do velho Adão, o que ocorreu com Adão.

Dizemos que no processo de corrupção, nada surge da Divindade, nem ela é

tocada por nada que seja mal; pois aquilo que o amor de Deus perde, é lançado à cólera de Deus. Aquilo que se afasta da luz é caçado pelo fogo, e o Espírito de Deus permanece incorruptível.

Afirmamos que existe, em todos os homens, a possibilidade de um novo nascimento, senão Deus estaria dividido, e não num lugar assim como em outro. Reconhecemos que o homem é atraído pelo fogo e pela luz: para onde inclina sua vontade, ali cai; ele pode, no curso deste tempo levantar novamente o fiel da balança ou a vontade. Dizemos que a Divindade pura não deseja nenhum mal, nenhum demônio; deseja, muito menos, ver um homem no inferno, na cólera de Deus. Mas como não há luz sem fogo, reconhecemos que o demônio, pelo desejo, colocou sua imaginação no fogo-colérico. Desta forma todos os homens condenados não serão auxiliados, eles preenchem a fonte ígnea gananciosa. Eles se deixam ser atraídos, ainda que seria perfeitamente possível permanecerem firmes.

Dizemos que o verdadeiro templo no qual o Espírito Santo prega, encontra-se no novo nascimento; morto, mudo, falso, cego e imperfeito é aquele que não é ou que não ensina do Espírito de Deus; o Espírito Santo não mistura-se ao som da boca do ímpio; nenhum deles é pastor de Cristo. Pois, embora no homem santo, o tempo é parado pela voz do ímpio, o que

também poderia ser feito pelo grito de uma besta, se seu grito fosse inteligível, ou se o precioso nome de Deus fosse mencionado. Pois tão logo o nome de Deus é mencionado, provocando um som, o outro som fica aprisionado no lugar onde está soando, ou seja, na alma santa. Mas nenhum ímpio desperta outro ímpio da morte, pois ambos se encontram na cólera de Deus, fechados na morte. Se nós mesmos tivéssemos sido capazes de surgir da morte, nos tornando vivos, o coração de Deus não necessitaria de se tornar homem. Portanto, dizemos com razão, que somente aquele Verbo que se fez homem pode despertar o pobre pecador de sua morte para o arrependimento, gerando uma nova vida. Desta forma, nenhum dos blasfemadores ímpios beneficia-se do templo de Cristo. Mas aquele que possui o espírito de Cristo, estes são os Seus pastores.

Dizemos que todos os mestres que professam serem servos e ministros de Cristo, mas que não trilham o caminho da regeneração, por causa da honra e do orgulho, são Anticristo e a mulher no dragão na Revelação de João (Ver. 7.3,4).

Dizemos que toda tirania injusta e poder usurpador, pelo qual o fraco é oprimido, sugado, esmagado e atormentado, através do qual ele se torna inconstante e perdido, sendo levado e atraído para todo tipo de excessos e injustiça, é a horrível e abominável besta, onde o Anticristo se esconde.

Sabemos e afirmamos que aproxima-se o tempo e o dia em que esta besta mal e a prostituta irão para o abismo. Amém, Aleluia, Amém.

SOBRE O SOFRIMENTO,AGONIA, MORTE E RESSURREIÇÃO DE CRISTO

Como devemos penetrar o sofrimento, a agonia e arte de Cristo, Ressurgindo da morte com Ele e por Ele, nos tornarmos a Sua Imagem, e viver eternamente Nele

A Razão Externa diz: Não teria sido suficiente que Deus se fizesse homem em nós? Por que o Cristo teve que sofrer e morrer? Será que Deus não poderia ter introduzido o homem no céu, através de seu novo nascimento? Será que Deus não é poderoso o bastante para realizar a Sua vontade? Qual o prazer de Deus diante da morte e da agonia, a ponto de,

não só, permitir que seu próprio Filho morresse na cruz, mas que todos nós também tenhamos que morrer? Se Deus nos redimiu pela morte de seu Filho, se ele pagou por nossos pecados, por que também temos que morrer e apodrecer? Assim, divaga a Razão.

Diante deste espelho, poderíamos atrair o Anticristo, que se denomina ministro e pastor de Cristo, assim como todas as universidades deste mundo com sua leis e disputas e todos os filhos de Cristo que carregam a Sua cruz. Todos veriam o real fundamento, não uma visão para maltratar alguém com sua ignorância, mas a visão da verdadeira doutrina, que cada um deve buscar e revelar por si mesmo. Pois, isto será uma questão seríssima e irá tocar o homem; tal questão requisita seu corpo e sua alma, não se deve brincar com isso de forma alguma, pois aquele que revelou este conhecimento, preparou a sua trombeta; isto interessa à raça humana, que cada um arrume a sua lâmpada. Um grande rei de dupla espécie virá através de duas portas; ele é um em dois; ele possui o fogo e a luz; ele prepara a sua entrada na terra como no céu: deixemos que isto seja uma surpresa.

Caros filhos de Cristo, quando observamos a morte, e como devemos através da morte penetrar a vida, encontramos uma vida bastante diferente, que surge da morte. Logo descobrimos porque o Cristo teve que morrer, porque também temos que morrer na morte de Cristo, ressurgir Nele e com Ele, através Dele, entrar no reino de Deus.

Ora, se encontrarmos estas respostas, estaremos considerando a eternidade com referencia ao fundamento e ao não fundamento, ao contrário nada encontraríamos; só encontraremos isto onde está. Temos nossa origem na imagem de Deus, no fundamento eterno, mas com a alma e sua imagem, fomos introduzidos no que é temporal e perecível, ou seja, no sofrimento; a eternidade e o não fundamento é liberdade, fora ou além do sofrimento; portanto, é através da morte que iremos penetrar novamente a liberdade. Contudo, não se pode dizer que ali não haja vida; é a vida correta, que existe eternamente sem dor ou sofrimento. Dizemos tudo isso, para que se faça uma verdadeira comparação com o que é uma semelhança segundo o reino deste mundo; mas se adicionarmos a isso o mundo divino, isto passará a ser a própria realidade.

Bem sabes que nossa vida é enraizada no fogo, pois sem o calor não

vivemos. O fogo tem um centro especial, seu realizador próprio em seu círculo, ou seja, as sete formas ou espíritos da natureza. Mas só as quatro primeiras formas estão relacionadas à natureza ou à fonte em que o fogo é despertado e inflamado; portanto, um princípio ou um centro-vida está presente; a matéria de combustão é formada nos próprios espíritos ou formas, sendo sempre consumida no fogo. Desta consumação o fogo produz algo diferente, melhor do que a primeira coisa que o fogo produz. Pois o fogo mortifica e engole a natureza que o próprio fogo produz (compreenda o fogo essencial, nas formas para o fogo); ele a consome e produz da morte algo muito mais nobre e melhor, que ele não pode consumir. É o que se vê no fogo e na luz, que não consiste meramente numa verdadeira semelhança, mas na própria realidade; somente os princípios devem ser distinguidos. Tudo é, de fato, um fogo, mas que se diferencia segundo a sua fonte.

Para que isso seja bem compreendido, é necessário que informemos sobre a origem do fogo. Isto já foi explicado minuciosamente no livro "Os Três Princípios" e outras obras, no entanto, daremos aqui um resumo para a compreensão e referência do leitor, caso deseje investigar as sete formas da natureza.

O fogo possui basicamente três formas em si como centro. A Quarta forma é o fogo propriamente dito, que fornece o princípio, ou seja, vida com espírito; pois nas três primeiras formas não há um verdadeiro espírito, só a essência, a saber, () a adstringência, que é a vontade desejosa, a primeira e principal forma; () o Amargor, ardente, é a Segunda forma a causa das essências; (3) a Angústia como o círculo ou o centro da vida, a roda em movimento, que abarca em si os sentidos ou as essências amargas, engole-as como se estivessem na morte e lança (4) da câmara de tortura, assim como da morte, a mente, ou seja, outro centro. Compreenda da seguinte forma:

Na eternidade, ou seja, no não fundamento da natureza, não há nada senão uma quietude sem ser; não há nada que possa originar coisa alguma; é um eterno repouso, sem paralelo, uma falta de fundamento sem começo, nem fim. Não há ali nenhum limite ou lugar, nenhuma busca ou apreensão, nada em que haja uma possibilidade. Este Não Fundamento é como um olho, pois é seu próprio espelho. Ele não possui princípio essencial, não

possui nem luz nem trevas, e é acima de tudo uma magia, e possui uma vontade, sobre a qual não devemos lutar ou questionar, pois ela nos confunde. Através desta vontade, compreendemos o fundamento da Divindade, que não tem origem, pois consiste de si mesma; diante da qual emudecemos, pois está fora da natureza.

Estando nós na natureza, não conhecemos a vontade na eternidade, pois na vontade a própria Divindade é tudo, a origem eterna de seu próprio espírito e de todos os seres. Na vontade, a Divindade é toda poderosa e tudo sabe, mesmo assim, não é conhecida ou chamada como Deus, pois não há em si nem o bem, nem o mal. Temos aqui uma vontade desejosa, que é o princípio e o fim; pois o fim realiza, ao mesmo tempo, o início desta vontade, e o início novamente o fim. Isto faz com que todos os seres estejam incluídos em um olho, que é como um espelho, onde a vontade se fixa e descobre o que é; ao se fixar, torna-se desejosa da entidade que é ela mesma. Este desejo é uma atração, ainda que não haja nada para ser atraído; mas a vontade atrai a si mesma em seu próprio desejo, e em seu desejo representa a si mesma o que é; esta imagem representativa é o espelho em que a vontade vê o que é, pois é uma semelhança da vontade. Reconhecemos este espelho (no qual a própria vontade sempre se fixa e tem uma visão de si mesma) como sendo a sabedoria eterna de Deus, pois é uma virgem eterna sem ser substancial; ao mesmo tempo, é o espelho de todos os seres, no qual todas as coisas tem sido vistas desde a eternidade, seja o que fosse que tivesse que surgir.

O espelho não é a vista em si, mas a vontade que é faminta; quer dizer, a ânsia que sai da vontade é um espírito, que fabrica o espelho, na ânsia do desejo. O espírito é a vida, e o espelho é a manifestação da vida, sem o qual o espírito não se conheceria; pois o espelho ou a sabedoria é o seu fundamento, seu receptáculo; esta é a descoberta do espírito, já que o espírito encontra a si mesmo na sabedoria. A Sabedoria sem o espírito não é um ser, e o espírito sem a sabedoria não se manifesta, um sem o outro seria uma existência sem fundamento.

Assim, a sabedoria, como espelho do espírito da Divindade, é passiva, e é o corpo da Divindade ou do espírito, onde o espírito habita. É uma matriz virgem onde o espírito se revela, e é a essência de Deus, ou seja, uma súlfur

santo e divino formado na imaginação do espírito, do Não fundamento da eternidade. E este espelho ou súlfur é o eterno primeiro princípio e o eterno primeiro fim, e em todo lugar assemelha- se à um olho, através do qual o Espírito vê o que é em si, e o que tem que revelar.

Este espelho não tem fundamento ou limite, da mesma forma, o espírito não tem fundamento, a não ser neste olho. Em todo lugar ele é inteiro, indivisível, assim como sabemos que o Não fundamento não pode ser dividido, pois não há nada que possa dividir: não há outro movimento senão o do espírito. Somos capazes de reconhecer, o que é o espírito eterno na sabedoria, e o que é o eterno princípio e o eterno fim.

Reconhecemos que o princípio eterno no Não fundamento é em si uma eterna vontade, cuja origem nenhuma criatura conhecerá. Mas nos foi dado conhecer e reconhecer em espírito, o seu fundamento, onde ela produz a si mesma, onde ela repousa. Pois uma vontade é tênue como uma não existência; no entanto ela deseja e quer ser alguma coisa, a fim de que possa se manifestar em si mesma. Pois o nada causa a vontade, que se torna desejosa; esse processo do desejo é um meio da imaginação, já que a vontade se fixa no espelho da sabedoria. Desta forma, ela imagina do Não fundamento, em si mesma, e faz para si, na imaginação, um fundamento, torna-se fecunda com a imaginação e através da sabedoria, ou seja, através do espelho virgem, que é a mãe, sem dar à luz, sem vontade.

Afecundação não ocorre no espelho, mas na vontade, na imaginação da vontade. O espelho permanece eternamente virgem sem dar à luz, mas a vontade torna-se impregnada com o aspecto do espelho. Pois a vontade é o Pai, e a fecundação no Pai, ou na vontade, é o coração ou Filho, pois é o fundamento da vontade ou do Pai, já que o espírito da vontade reside no fundamento, e procede da vontade no fundamento dentro da sabedoria divina. Assim, a imaginação da vontade, ou seja, o Pai, atrai a visão do espelho ou forma, ou seja, as maravilhas do poder, cores e virtude, para si, tornando-se fecundo com o esplendor da sabedoria, com poder e virtude. Este é o coração da vontade ou do Pai, já que a insondável vontade obtém um fundamento em si, através da imaginação insondável eterna.

Reconhecemos, então, a fecundação do pai como sendo o centro do

espírito da eternidade, onde o espírito eterno sempre busca a si mesmo. Pois a vontade é o princípio e movimento ou atração para a imaginação, pois para o espelho da sabedoria, é o espírito eterno e insondável. Isso surge na vontade e busca a si próprio no centro do coração, no poder da sabedoria como atração, sendo a vida e o espírito do coração. Como a vontade insondável e eterna estava como que muda, buscou na sabedoria (conhecida como coração ou centro) o verbo da vontade, pois este é o som ou o poder, e é a boca da vontade que revela a vontade. Pois a vontade, ou seja, o pai, com o movimento do espírito expressa o poder no espelho da sabedoria. Com essa expressão o espírito procede da vontade, do verbo da boca de Deus, do centro do coração, naquilo que é expressado, ou seja, no espelho virgem, revelando o Verbo da vida no espelho da sabedoria, a fim de que a natureza ternária da Divindade se manifeste na sabedoria.

Assim, reconhecemos uma essência divina, insondável e eterna, e em sua natureza três pessoas, sendo que uma não é a outra. A primeira pessoa é a Vontade eterna, a causa de todos os seres. Esta vontade não é um ser propriamente dito, mas a causa de todo ser; ela está livre do ser, pois é o Não fundamento. Não há nada antes dela que pudesse constituí-la; ela se constitui de si mesma, daquilo que nós não temos conhecimento. Ela é tudo, e ao mesmo tempo, única em si; sem o ser ela é um nada. Nesta vontade única o princípio eterno surge da imaginação ou do desejo. No processo do desejo a vontade se fecunda pelo olho da sabedoria, que existe em co-eternidade com a vontade, sem fundamento e sem princípio. Essa fecundação é o fundamento da vontade e do Ser de todas as coisas, e é o Filho da vontade, pois a vontade cria este filho perpetuamente, de eternidade em eternidade; pois ele é o seu coração ou o seu verbo, como um som ou revelação do não fundamento da eternidade quieta; é a boca ou a compreensão da vontade. Ele é chamado de uma outra pessoa que não o Pai, pois é a revelação do Pai, seu fundamento e ser; a vontade não é um ser, mas a imaginação da vontade produz o ser.

Deste modo, a outra pessoa é o ser da Divindade (ou o ser da Santíssima Trindade), a boca ou a revelação do Ser de todos os seres, e o poder da Vida de todas as vidas.

A terceira pessoa é o Espírito, que procede do poder da fala, do alcance

da vontade através da imaginação, da boca do Pai para o olho, assim como no espelho da sabedoria; este espírito é livre da vontade e do Verbo. Muito embora a vontade lhe dê origem através do Verbo, ele é livre, assim como o ar é livre do fogo. Vemos que o ar é o espírito e a vida do fogo, mas é algo diferente do fogo, embora seja dado pelo fogo. Vemos que o ar produz um céu de vida e movimento, que é brilhante e móvel; o mesmo ocorre com o Espírito Santo, a vida da Divindade, uma outra pessoa além do Pai e do Filho. Ele tem, mais que nada, um trabalho diferente; ele revela a sabedoria de Deus, a fim de que as maravilhas apareçam, assim como o ar dá início a toda vida deste mundo, para que todas as coisas vivam e cresçam.

Esta foi uma curta notificação com relação à Divindade no não fundamento, indicando como Deus habita em Si mesmo, sendo ele mesmo seu centro parturiente. Mas a mente humana não repousa satisfeita com isso; ela questiona a natureza, de onde este mundo se originou e tudo foi criado. Por conta disto, segue-se o texto do Princípio, que oferecemos à Razão.

O portão da sinceridade. Como, que aparte do Princípio do fogo, Deus não é manifesto. Sobre a Essência eterna e sobre a vontade insondável.

Já descrevemos como é a Divindade fora da natureza. É preciso compreender, que a Divindade, com relação as três pessoas é, com a sabedoria eterna, livre da natureza, e que a Divindade possui um fundamento ainda mais profundo que o Princípio do fogo. A Divindade, mais uma vez, sem o Princípio não se manifestaria. Compreenda a Divindade aparte do Princípio como um aspecto das grandes maravilhas, onde ninguém sabe ou pode saber o que é; onde todas as cores, poder e virtude brilham numa tremenda essência, a qual nenhuma essência se assemelha, mas que é como um terrível olho, onde nem o fogo, nem a luz e nem as trevas são vistos, mas somente o aspecto de um espírito correspondente, num profundo azul, verde e cores mistas, onde reside todas as cores, ainda que nenhuma seja conhecida da outra, mas que se assemelham a um tremendo lampejo, cujo aspecto confundiria e consumiria a tudo.

Assim, devemos conhecer a Essência eterna, ou seja, o Espírito eterno

além ou fora do fogo e da luz; ela é uma vontade desejosa, que faz de si mesma um espírito. Esse espírito é a potência eterna do Não Fundamento, o Não fundamento transporta a si mesmo para um fundamento, de onde surgem todos os seres. Pois toda forma no espírito é uma fonte de imaginação, uma vontade desejosa, e deseja se manifestar. Cada forma fecunda a sua imaginação, e cada forma também deseja se manifestar. Portanto, o espelho do aspecto é uma maravilha do Ser de todos os seres; das maravilhas não há número, origem, nem fim; trata-se de maravilha pura, cujo conteúdo é impossível de escrever. Pois só o espírito da alma, que surge de tal maravilha, pode compreendê-la.

Em segundo lugar, compreendemos como essa vontade insondável deseja se manifestar, se encontrar e descobrir o que é, de eternidade em eternidade, a fim de transformar as maravilhas num ser, revelando a si mesma nas maravilhas. O processo do desejo é um molde da imaginação, já que a vontade se contrai e se torna fecunda, protegendo-se com a imaginação, a fim de que da vontade livre surja uma vontade oposta, liberada da proteção ou das trevas. Pois o que é atraído forma as trevas da vontade livre, já que aparte da imaginação estava livre, ainda que em si fosse como um nada: surge assim na vontade primordial, no processo do desejo, uma vontade oposta. Pois o desejo é interno, e a vontade primordial ainda não tem um ser, mas impregna-se com o desejo, a fim de se tornar repleta de ser, a saber, das maravilhas e poder que as encobrem e a torna trevas, com isso nos poderes atraídos outra vontade se forma para sair das trevas para a liberdade. Esta outra vontade é a vontade do coração ou do Verbo, pois é a causa do Princípio, uma causa que a roda da angústia acende um fogo. Passando da angústia pelo fogo, com o brilho da luz, ou da Majestade, na qual a natureza da Santíssima Trindade é revelada, recebendo aqui o santo nome de DEUS. Compreenda melhor:

A vontade primordial, ou seja, Deus o Pai, é e permanece sendo eternamente livre da fonte de angústia, no que se refere a vontade propriamente dita. Mas seu desejo torna-se fecundado, e no processo do desejo, pela primeira vez surge a natureza e as suas formas. A natureza habita na vontade, em Deus, e a vontade na natureza, apesar disto não há promiscuidade. Pois a vontade é efêmera como um nada, por isso não é alcançada, e não é aprisionada pela natureza. Caso ela pudesse ser

capturada, haveria na Divindade senão uma só pessoa. Ela é, de fato, a causa da natureza, mas ela está e permanece na eternidade, em outro mundo, e a natureza, da mesma forma, permanece num outro mundo em si. A natureza existe em virtude da essência da qual o Princípio surge; mas a límpida Divindade na Majestade não existe na essência ou Princípio, mas na liberdade, fora ou além da natureza, e a luz brilhante que procede do Princípio faz a inapreensível e insondável Divindade manifesta. O Princípio fornece o brilho da Majestade, mas não a contém em si, mas a tira do espelho da sabedoria virgem, da liberdade de Deus. Pois se o espelho da sabedoria não existisse, nenhum fogo ou luz poderia ser gerado: tudo tem a sua origem no espelho da Divindade. Além do mais, isto pode ser compreendido da seguinte forma:

Deus é em si o não fundamento, ou seja, o primeiro mundo, do qual nenhuma criatura sabe coisa alguma, pois vive de corpo e espírito unicamente no fundamento. Deus, também não se manifestaria a si próprio no não fundamento, mas da eternidade sua sabedoria transformou-se em seu fundamento, o qual a vontade eterna do não fundamento da Divindade desejou, por onde a divina imaginação surgiu, a fim de que a vontade insondável da Divindade, desde a eternidade na imaginação, se fecundasse do poder da visão ou forma do espelho das maravilhas. Ora, por fecundação entende- se a origem eterna dos dois princípios, ou seja, () As trevas eternas, de onde surge o mundo do fogo; () a essência da cólera nas trevas, onde compreendemos a cólera de Deus e o abismo da natureza; assim, reconhecemos o mundo do fogo como a grande vida.

Compreendemos, em segundo lugar, como que a luz é gerada do fogo, e como entre o mundo do fogo e da luz a morte aparece; como a luz brilha da morte, e como o mundo de luz flamejante é em si um princípio e uma fonte diferente do mundo ígneo, sendo que um não está separado do outro, e tampouco podem apreender um ao outro. Em terceiro lugar, compreendemos como o mundo de luz preenche a liberdade eterna, ou a vontade primordial, conhecida como Pai. Em quarto lugar, compreendemos também sincera e fundamentalmente como a vida natural que deseja habitar no mundo de luz flamejante deve passar pela morte e nascer da morte compreenda a vida que tem a sua origem das trevas, da essência da natureza de trevas, como a alma do homem, que em Adão, se afastou do

mundo ígneo para a natureza de trevas. Em quinto lugar, compreendemos fundamentalmente e de forma exata porque Deus, ou seja, o coração de Deus, tornou-se homem. Porque ele teve que morrer, penetrar a morte e romper sua vida na morte, para trazê-la através do mundo do fogo para o mundo de luz flamejante; e porque devemos seguí-lo. Em sexto lugar, porque muitas almas permanecem no mundo do fogo, não podendo passar através da morte para o mundo de luz flamejante; o que é a morte; o que é a alma. Agora acompanhe este raciocínio:

Quando consideremos o que é a vida, encontramos que ela consiste principalmente de três elementos, ou seja, desejo, disposição e pensamento. Se investigamos mais um pouco, o que ela é e o que a origina, encontramos o centro ou a roda essencial, que contém em si a própria forja ígnea. Com um pouco mais de reflexão sobre a origem do fogo essencial, descobrimos que esta origem está no desejo da vontade insondável e eterna, que pelo desejo faz para si um fundamento; pois cada desejo é adstringente ou atrativo daquilo que a vontade deseja, e ainda não há nada antes dela que se possa desejar, a não ser ela mesma.

Este é o grande olho que tudo vê, sem limite e fundamento, onde todas as coisas residem, e ainda é um nada, a não ser na vontade desejosa, onde se torna algo. Isto é efetivado pela imaginação, onde a vontade torna-se uma substância, embora ainda seja um nada, pois é apenas uma ofuscação da vontade livre. Esta substância ofusca a liberdade ou a vontade efêmera e insondável, provocando o surgimento de dois mundos: o primeiro, que em si é inatingível ou inapreensível, uma existência não fundamentada e liberdade eterna; o outro, que alcança a si mesmo e se transforma em trevas. Ainda não estão separados um do outro, somente por esta diferença, que as trevas não podem se apoderar da liberdade, pois ela é muito efêmera e também habita em si mesma, do mesmo modo que as trevas.

O portão da sinceridade

Ora, sabemos que () a outra vontade do Pai, a que Ele atrai para o espelho da sabedoria, para o seu centro do coração, torna-se fecunda na imaginação do Pai com a substância, e que esta fecundação é trevas em comparação à liberdade da primeira vontade (chamada de Pai), e nestas trevas ou substância todo poder, cores e virtudes permanecem envolvidas na

imaginação, assim como todas as maravilhas. () o poder, as maravilhas e as virtudes devem se manifestar através do fogo, ou seja, no Princípio, onde tudo entra em sua essência; pois no Princípio a essência tem a sua primeira origem. (3) No Princípio, antes que o fogo surgisse, a morte apareceu, ou seja, a grande vida angustiante, que na verdade não é morte, mas uma fonte mortífera, áspera e amarga, de onde surge a grande e forte vida, ou a vida-ígnea, e do que morreu surge a vida-luz, com o poder do amor. Esta vida-luz habita com o amor na liberdade eterna, ou seja, na vontade primordial chamada de Pai; pois o Pai a requer em sua própria vontade, Ele é a própria vida-luz, e não necessita de mais nada.

Observe que não existe luz sem fogo, e não há fogo sem severa dor, dor esta que se assemelha ao morrer; a substância do qual o fogo queima deve morrer e ser consumida. Do processo de consumo surge os princípios de duas grandes vidas: a primeira, na dor (Qual), é chamada Fogo; a outra, derivada da subjugação ou da morte, é chamada Luz, é imaterial e sem dor, ainda que contenha em si toda fonte ou qualidade (Qual), mas não aquela da cólera, pois a cólera permanece na morte. A vida-luz brota da morte como uma bela flor que brota da terra, e não mais é atingida pela morte. De fato, a luz habita no fogo e o fogo não pode movimentá-la; não há nada ali que possa movimentar a luz, pois ela é como a liberdade eterna, e habita a liberdade.

Compreende-se aqui como o Filho é uma outra pessoa que não o Pai, pois ele é o mundo-luz, ainda que habite no Pai, e o Pai o gera em sua vontade. Ele é verdadeiramente o amor do Pai, assim como a maravilha, conselho e poder, pois o Pai o gera em sua imaginação, em si mesmo, e o leva adiante através de seu próprio fogo, através do Princípio, através da morte, a fim de que o Filho faça e seja no Pai um outro mundo ou outro Princípio do que o mundo-ígneo nas trevas.

Compreenda como o Espírito eterno do Pai dividi-se em três mundos: Primeiro, ele é a vontade primordial que emerge da imaginação, do não fundamento chamado de Pai; através da emersão ele revela a sabedoria e habita na sabedoria, se revestindo dela como seu ornamento de grande maravilhas.

A demais, ele é a causa da contração para a existência das trevas, ou seja,

do segundo mundo, e é a causa e espírito da origem do fogo essencial. Ele próprio é a fonte na angústia do Princípio, e também o mundo ígneo como a grande vida.

Em terceiro lugar, ele é aquele que, no morrer do Princípio, traz o poder a partir do fogo, onde o poder, emergindo da angústia, da morte, separa-se da morte e penetra a liberdade, habita a liberdade, produzindo o mundo-luz. Assim, ele é a chama do amor no mundo-luz. Neste lugar o precioso nome de Deus o Pai, Filho e Espírito Santo tem a sua origem. Pois no mundo do fogo ele não é chamado de Espírito Santo ou Deus, mas é conhecido como a cólera de Deus, a fúria de Deus, diante do que Deus chama a si mesmo de fogo consumidor. Mas no mundo-luz, no Filho de Deus, ele é a chama do amor e o poder da própria vida santa e divina; aqui sim ele é chamado de Deus, o Espírito Santo. O mundo-luz é chamado de maravilha, conselho e poder da Divindade; é o Espírito Santo que o revela, pois ele é a vida . Todas as coisas juntas, onde quer que nossos corações e mentes possa alcançar, é nada senão aqueles três mundos: neles permanecem todas as coisas. Primeiro, a liberdade eterna, e nela a luz com o poder no espelho da sabedoria, e é chamado de Deus, o Pai, Filho e Espírito Santo. O segundo mundo é a natureza de trevas na imaginação, na vontade amarga e desejosa, a impregnação do desejo, onde tudo está nas trevas, na perpétua morte temível e angustiante. E o terceiro mundo é o mundo do fogo ou o primeiro Princípio, que surge na angústia e é a grande, forte e toda-poderosa vida, na qual o mundo-luz habita, mas inapreendida por parte do fogo.

Sobre o princípio e a origem do mundo do fogo. Sobre o centro da natureza e como a luz se separa do fogo, de modo que dois mundos estão contidos um no outro, de eternidade em eternidade.

Não iremos escrever veladamente , mas de forma demonstrativa. Sabemos que toda vida tem a sua origem na angústia, como em um veneno, que é a morte; ainda assim constitui vida, como acontece com o homem e toda criatura. Pois, sem a angústia ou veneno, não há vida, isso é evidente em qualquer criatura, particularmente no homem, que vive nos três Princípios; são eles: o fogo, onde encontra-se a grande vida-ígnea, ao qual pertence uma poção mortal, ou seja, o fel , cuja poção produz a câmara de tortura onde a vida-ígnea tem a sua origem. Da vida- ígnea surge o segundo

Princípio ou a vida-luz, de onde surge a nobre mente com os sentidos, onde carregamos nossa nobre imagem; compreendemos como a vida ígnea no coração surge da morte do fel. Vemos o terceiro Princípio numa outra câmara de tortura, ou seja, o estômago, onde armazenamos os quatro elementos com o astrum; essa outra câmara de tortura ou o terceiro centro constitui, como reino deste mundo, um tormento mau e fedorento, onde nasce a terceira vida, a vida astral e elementar, que através do corpo exterior governa com a razão do terceiro Princípio.

Compreendemos muito bem que no coração, no centro do fogo, há um outro mundo oculto, incompreensível para a casa do tormento das estrelas e elementos; pois o coração anseia por esse mundo e o espírito que nasce fora da morte do veneno do coração e se torna um ser , possui esse outro mundo, já que é livre do veneno que inflama o fogo, ainda que habite no fogo do coração; é através de sua ânsia que o espírito toma o outro mundo da liberdade na imaginação, habitando na liberdade e deixando o tormento do fogo, na medida em que haja o desejo de Deus.

Há como que um domínio ternário no homem. Isto é ainda mais verdadeiro fora do homem. Pois, se assim não fosse, não haveria como chegar ao homem. Onde nada existe, nada surge; mas o algo que surge é produzido do que ali há. Toda imaginação molda em si, apenas o que lhe é semelhante e se manifesta nesta semelhança. Assim, o Ser de todos os seres é uma eterna maravilha nos três Princípios, que também produzem unicamente maravilhas; cada Princípio produz segundo a sua propriedade e cada propriedade novamente, através de sua imaginação, o que demonstra que o Eterno é pura maravilha. É preciso meditar sobre tal maravilha e considerar a natureza e propriedade da genetrix eterna, pois não pode haver propriedade sem uma mãe que a origine.

Compreendemos agora a grande maravilha de todas as maravilhas, que é Deus e a eternidade com a natureza, em particular as sete mães, de onde surge o Ser de todos os seres. Cada uma delas consiste numa existência única, não há primeira ou última, as sete são igualmente eternas, sem princípio. O princípio de todas elas é a abertura das maravilhas de uma vontade eterna, chamada de Deus o Pai; as sete mães não se manifestariam se a vontade eterna, o Pai, não desejasse. Mas como ele deseja, passa a ser

uma imaginação em si mesmo, uma ânsia de se encontrar. Ele se encontra na imaginação, em sete formas, onde uma não é a outra, ainda que uma não exista sem a outra; uma manifesta a outra. Se uma não existisse as outras também não existiriam; a vontade permaneceria um eterno nada, sem brilho ou esplendor.

Por ser desejosa, a vontade torna-se atrativa daquilo que está na imaginação; contudo, como não há nada, ela atrai a si mesma, fecundando-se na imaginação, não na vontade, pois a vontade é débil como um nada.

Todo desejo é adstringente, pois essa é a sua propriedade. Eis a primeira mãe e a atração da vontade no desejo, é a segunda mãe; trata-se de duas formas contrárias. A vontade ainda é como um nada, inflexível como a morte, a atração é o seu movimento. A vontade quieta na adstringência não pode sofrer atração e se contrai ainda mais violentamente, polindo sua própria vontade na atração; ela poderia encerrar e conter a atração através de sua contração adstringente, mas o único que faz é despertá-la. Quanto mais a adstringência se retrai tentando suportar a dor, maior a dor, o atrito e o rompimento; pois a dor não se deixará ser capturada, embora seja mantida por sua mãe tão rigorosamente que não pode se retirar. Ela deseja estar acima, sua mãe deseja que esteja abaixo; pois a adstringência se contrai em si mesma, torna-se pesada e afunda- se; ela produz no súlfur o fur, e no mercúrio o sul. E produz no fur a forma amarga, um inimigo na adstringência, sempre desejando ficar livre da adstringência, mas não pode. Assim, um ascende, outro descende. Quando isso não é possível eles permanecem girando como uma roda, girando continuamente em si mesma. Essa é a terceira forma, de onde surge a essência e a maravilha da pluralidade, sem número ou fundamento. Por roda, entenda a maravilha ou poder que a vontade (a vontade primordial e insondável) atrai para si do espelho do não fundamento, para o seu centro ou coração; tal é a vontade do poder e maravilha. Nessa roda de grande angústia, surge a outra vontade, a vontade do Filho, que sai da angústia ainda na liberdade da vontade primordial insondável, pois a roda faz com que a natureza exista. É desta forma que a natureza tem a sua origem; isto forma o centro e o rompimento da eternidade quieta; isto não mata nada, mas constitui a grande vida.

Quando falamos em matar, entenda-se assim: Não se trata de matar, mas de sensibilizar; é que a vida anterior ao fogo é muda, sem sentimento; é apenas uma ânsia pela vida, assim como o mundo material, e em sua ânsia trabalha tanto, mesmo no Princípio, que captura o fogo, o que faz com que a vida exterior deste mundo surja. Não há possibilidade de ser de outra forma, a menos que a primeira matriz ou o desejo adstringente se rompa, ou seja, a rodas das três primeiras formas ou a adstringência; a atração da adstringência produz a esfera da angústia e do tormento. Trata-se de um terror em si mesmo, já que o nada deve alcançar a sensibilidade; temos aqui a fonte venenosa, quando surge a cólera e tudo o que é mau, mas é também a verdadeira origem da vida sensível. A vida encontra a si mesma, na angústia. Observe que a vida tem sua origem no sangue reprimido, em todas as criaturas; na agonia, seja a vida essencial ou da criatura, como no estrume fedorento da corrupção, onde na morte do grão surge a vida maior; na essência, nenhuma morte é conhecida, somente a angústia, já que a mãe sendo uma entidade muda, deve se separar como se percebe no grão, onde a vida essencial surge da ruptura.

O mesmo ocorreu com o centro da natureza. A dor da angústia é o verdadeiro centro e produz o triângulo na natureza e a carne-ígnea, ou seja, a quarta forma da natureza, faz do triângulo uma cruz; pois há o Princípio, separado em dois mundos ou dois Princípios, como numa dupla fonte e vida. A vida angustiante ou o fogo é, e permanece sendo, uma fonte; a outra fonte surge no rompimento da angústia. Compreenda assim: A primeira forma da Essência, ou a adstringência, na vontade desejosa insondável, deve se doar inteiramente à fonte da angústia, na roda da natureza, pois a dor torna-se excessivamente forte. Desta maneira, a adstringência cai como uma morte, ainda que não seja morte, mas uma fonte mortal; a dor se torna mestre e transforma a adstringência em sua propriedade, num lampejo impetuoso, numa dor angustiante, amarga, como na natureza do veneno. O veneno ou a morte possui três formas: a adstringência, a natureza da angústia do fogo.

Compreenda-nos corretamente! O não fundamento é desprovido de vida, mas numa propriedade nasce a vida eterna. O não fundamento não tem movimento ou sentimento, mas com a propriedade, ambos são gerados; é desta forma que o nada encontra a si próprio na vontade eterna, cujo

fundamento não conhecemos, nem tampouco devemos buscar, já que nos confundiria. O que sabemos é que há uma vida essencial sem compreensão, como a terra, a morte e a agonia, onde há, de fato, uma fonte em si mesma, obscura, sem compreensão; pois a angústia adstringente se contrai, e o que é atraído em seu interior, causa as trevas, de modo que a vida angustiante encontra-se nas trevas. Pois todo ser é obscuro em si, a menos que possua a tintura da luz; a tintura é a liberdade das trevas; ela não é atingida pela dor da angústia, pois pertence ao mundo de luz. Embora esteja envolvida na essência, como num corpo escuro, sua natureza é do mundo de luz, onde não existe circunscrição.

Já falamos anteriormente, sobre o espelho da sabedoria das maravilhas de todo ser; e também sobre a trindade do Ser de todos os seres, mostrando como esta trindade surge de uma vontade eterna única, chamada de Pai de todos os seres, e como ele atrai em si uma outra vontade, a fim de manifestar ou encontrar a si mesmo, em si mesmo, ou como poderia ser dito, a fim de sentir o que é e como é. Foi dito também, como esta outra vontade mágica, recém atraída, se sentiu em seu coração ou morada peculiar, e como a vontade primordial insondável foi fecundada na imaginação, a partir do espelho das maravilhas, que no mundo de luz é chamada de sabedoria. Expusemos então, como que a mesma vontade primordial insondável, juntamente com a fecundação e com o espelho das maravilhas ou sabedoria não é, em tal propriedade, anterior ao Princípio do fogo, corretamente chamado de ser divino, mas sim um mistério das maravilhas de todos os seres, mistério que recebe no fogo a separação em infinitas partes ou seres, embora permaneça como um único ser.

Falaremos agora sobre a outra vontade – aquela atraída pela vontade primordial em sua imaginação ou fecundação; é o grande mistério, através do qual a vontade primordial, chamada de Pai, busca, encontra e sente a si mesmo, como uma vida no coração; esta outra vontade é a matriz parturiente na fecundação daquilo que está impresso ou estampado na imaginação. Essa vontade é a causa das sete formas da natureza e da roda da angústia ou agonia. É essa vontade que, na angústia, passa da morte para a liberdade, despedaça a morte e fornece a vida; ela inflama o fogo e no fogo recebe o esplendor da majestade; na luz da majestade, ela habita o fogo, sem ser apreendida pelo fogo, como alguém que nada sente, que está

morto para a fonte, tendo em si uma outra fonte, que não sente a primeira, para a qual está morto.

Para continuarmos informando ao leitor de forma breve, embora fundamental e exata, sobre a origem do fogo, reconhecemos a fundo e pela graça de Deus, que o fogo em sua origem depende de duas causas: uma delas é o espírito-vontade do coração, a outra vontade do pai, ou a propriedade do Filho; a Segunda causa é a da vontade, ou seja, a maravilha da roda da vida essencial ou a câmara da angústia. A angústia busca a vontade da liberdade e a vontade busca a manifestação; a vontade não pode se manifestar na liberdade, sem a vida essencial, a qual, na angústia ou na agonia se apega à manifestação, ou à grande vida.

Assim, a vontade está na angústia obscura e a angústia é as trevas. Tendo em vista que a angústia busca a vontade da liberdade como um lampejo, como um grande terror, como se a água fosse derramada no fogo. Ocorre aqui a verdadeira morte, pois a angústia feroz e trevosa fica terrificada diante do lampejo, como as trevas diante da luz, pois as trevas passa a ser subjugada e morta; o terror é um terror de grande satisfação. Ali o veneno salgado e áspero cai na morte e se enfraquece, pois perde a dor e ainda assim não é morte. Ao contrário, a verdadeira vida de sentimento e desejo é inflamada: é como se o aço e a pedra estivessem juntos, eles que tem fome de essência e da vida. A vontade fornece a vida e a essência fornece a manifestação da vida. Como um fogo queima na vela, assim queima a vontade na substância essencial. A vontade não é a luz propriamente dita, mas o espírito da luz ou fogo; a luz surge da essência, e a essência, por sua vez, surge da vontade. O fogo essencial angustiante é a matéria do fogo brilhante e a vontade torna-se iluminada no fogo essencial, fornecendo o fogo branco e amoroso, que habita no fogo quente, sem sentir. A vontade tira seu sentimento da ferocidade do fogo essência, na quarta forma, a fim de se manifestar em si mesma e ainda assim permanecer livre da ferocidade, pois a fonte é transformada na iluminação, numa fonte branda de amor.

Aqui a outra vontade recebe seu nome: Espírito. Pois por meio do fogo essencial, ela se atém à própria de todas as maravilhas e também à vida reta do poder, sobre a vida-ígnea essencial, já que da natureza ela adquire poder

e também tem em si a liberdade. A liberdade é uma quietude sem ser, que se doa à natureza da angústia, esta recebe a liberdade livre de dor, com a qual se torna tão prazerosa que a angústia é transformada em amor (a quinta forma da natureza); pois a vontade que se doou para a angústia, é desta forma libertada da morte e da angústia: com isso ela encontra-se na liberdade, deixando o atrito da angústia. Aqui a morte é quebrada, embora continue a ser a morte em si mesma. Mas o espírito-vontade, ou seja, a verdadeira vida santa, deixa a angústia na ocasião deste rompimento e também passa a ser um fogo, mas um fogo na liberdade, e queima na fonte do amor. Isso pode ser observado no fogo e na luz. O fogo essencial é uma dor que queima e a luz um deleite prazeroso, sem dor sensível; mesmo assim, a luz contém todas as propriedades do fogo, mas em outra essência, como uma essência beneficente graciosa, um verdadeiro aspecto do reino da alegria, e o fogo um aspecto do terror e da angústia; um habita no outro e um não é encontrado sem o outro, na fonte essencial.

Desta forma, dois mundos estão contidos um no outro; nada pode entrar para o mundo de luz senão através da morte; a imaginação deve Ter sobre a morte. A vontade angustiante deve buscar a liberdade do poder da luz, e se render totalmente, pela imaginação desejosa se apossar do poder da liberdade. Então, a vontade poderosa passa da morte das trevas, para o fogo essencial, rompe as trevas e cai no mundo- luz, habita o fogo livre de dor, no reino da satisfação. Esse é o portão para o Ternarius Sanctus, e a fé no Espírito Santo, caros filhos dos homens.

Aqui vós compreendeis a queda do demônio, aquele que voltou a vontade de seu espírito unicamente para o fogo essencial, e desejou ali governar a luz. Compreenda também a queda do homem, que voltou sua imaginação para a substância essencial material, saindo da luz; por causa disto, a vontade do amor do mundo-luz penetrou novamente a essencialidade material, na humanidade, e novamente se comprometeu e se entregou ao espírito-ígneo essencial no homem, quer dizer, na alma, trazendo-a através da morte e do fogo para o mundo-luz, no Ternarius Sanctus, na vontade da Santíssima trindade.

Que isto seja uma descoberta e um conhecimento para vós! Ainda que isto não esteja ao alcance de todos, por causa da grande profundidade, a

razão é trevas às quais o homem se liga. Ao contrário, todos encontrariam este conhecimento, se o caminho terrestre fosse rompido e a má carne Adâmica não fosse tão estimada, o que é um obstáculo.

Sobre o Princípio em si, o que ele é.

É preciso examinar um pouco mais as quatro formas da natureza, compreenderemos então o que é um princípio. Pode-se chamar de princípio quando uma existência se torna aquilo que não era, quando do nada surge uma fonte, e da fonte uma verdadeira vida com compreensão e sentidos. Reconhecemos, mais uma vez, o correto princípio na origem do fogo, na fonte-ígnea, que rompe a substancialidade e também as trevas. Reconhecemos então, a essência e propriedade do fogo como um princípio, uma vez que constitui e fornece a origem da vida e de todo movimento, assim como o forte poder da cólera feroz.

Reconhecemos também como um princípio, aquele que pode habitar no fogo, sem ser apreendido pelo fogo, que pode privar o fogo de seu poder e transmutar a qualidade do fogo num amor gentil; onipotente sobre tudo, que sabe como vencer a raiz do fogo e fazer do fogo trevas; uma fome e sede seca, que não encontra alívio, como o tormento do inferno: assim é o abismo, onde a essência é faminta, onde a morte exercita sua dor como um veneno mortal, onde há, de fato, uma vida essencial, mas numa inimizade consigo mesma, onde não se realiza a inflamação do fogo correto, mas que brilha unicamente como um lampejo que não queima.

Compreenda que no Eterno não há mais do que dois Princípios: () O fogo que queima, preenchido pela luz; a luz dá ao fogo a sua propriedade, a fim de que da fonte que queima surja um reino elevado de alegria; pois a angústia alcança a liberdade, e o fogo que queima permanece como a causa de se encontrar a vida e a luz da Majestade. O fogo toma para si a propriedade da luz, ou seja, a brandura, e a luz toma para si a propriedade do fogo, ou seja, a vida e a auto- descoberta. O segundo Princípio é compreendido na luz; mas a substancialidade essencial de onde queima o fogo, permanece sendo eternamente trevas e fonte de cólera, onde o demônio habita, como vemos que o fogo é algo diferente daquilo de onde o fogo queima. Assim, o Princípio permanece no fogo, e não na fonte

essencial da substancialidade; a fonte essencial é o centro da natureza, a causa do princípio, mas é obscura e o fogo, brilhante: vemos aqui o que é o rompimento da cólera, ou seja, a morte e a liberdade eterna da natureza, ambos são a causa do brilho; Pois o espírito- maravilhoso do não fundamento é portanto desejoso, a fim de poder brilhar; esse espírito se traz a uma qualificação, para poder encontrar e sentir a si mesmo, para que possa manifestar suas maravilhas na qualificação, pois sem qualificação não pode haver manifestação. Compreenda mais: A qualificação como ferocidade não possui verdadeira substancialidade, mas a ferocidade salgada é a substancialidade da dor, a qual penetra; a angústia e o fogo também não formam ou produzem qualquer substancialidade verdadeira, há somente um espírito correspondente; no entanto, um deve ser mais denso que o outro, senão nada é encontrado, isto quer dizer, a adstringência faz com que seja denso e obscuro. Assim, a dor amarga encontra a angústia na propriedade obscura salgada, como na matéria; pois não havia matéria, nem poderia haver espírito ou descoberta. O não fundamento encontra-se nas trevas salgadas, mas tem a capacidade de dispersar as trevas, deixando-a como um espírito que se encontrou na fonte da angústia; ele abandona esta matéria salgada das trevas

onde se encontra, e penetra a si mesmo, novamente na liberdade, no fundamento, e habita em si mesmo. Desta forma, a qualificação deve ser sua descoberta e nitidez e, portanto, a inflamação de sua liberdade, da luz na qual o espírito se vê e descobre o que é.

Com isso, não há mais a necessidade de qualificação, pois o espírito é agora um princípio qualificante; ele se modela e se vê segundo todas as formas, e toda forma é desejosa de se encontrar e manifestar; toda forma, por sua vez, se encontra em si mesma, mas com o desejo sai de si mesma e se manifesta como uma figura ou espírito; é a eterna sabedoria em caráter, maravilhas e virtudes, ainda que não exista em particularidade, mas como universalidade, embora em forma infinita. Essas formas se expressaram em espíritos, ou anjos, através do movimento da vontade primordial, chamada de Pai, a fim de que a natureza oculta possa ver, sentir e se encontrar nas criaturas, e para que possa haver uma eterna atuação nas maravilhas da sabedoria de Deus.

Compreendamos a substancialidade do mundo-luz, que é realmente uma verdadeira substancialidade, pois nenhuma substância real pode subsistir no fogo, somente o espírito da substância. Contudo, o fogo é a causa da substância, pois é uma fome, um desejo sincero; ele deve ter substância ou se retira. Compreenda isso da seguinte forma: A brandura dá e o fogo tira. A brandura é emanante de si mesma, originando uma substância semelhante, cada forma que sai de si mesma, o fogo engole, mas produz a luz. O fogo produz algo mais nobre do que aquilo que engoliu, ele dá o espírito à substância; pois ele engole a beneficência branda, ou seja, a água da vida eterna, mas ao mesmo tempo fornece o espírito da vida eterna: verifique que o vento surge do fogo, do mesmo modo, o ar ou o verdadeiro espírito surge do fogo- vida.

Deus, o Pai, é em si a liberdade na natureza, mas se torna manifestado pelo fogo na natureza. A natureza do fogo é a sua propriedade, embora ele seja em si o não fundamento, onde não há nenhum sentimento de dor. Mas ele traz a sua vontade desejosa para a dor (Qualidade), e atrai para si, na dor, outra vontade, a de sair da dor e mergulhar novamente na liberdade além da dor. Essa outra vontade é seu Filho, que Ele gera de sua vontade única e eterna desde a eternidade. Ele a conduz através do fogo, através do rompimento da fonte da morte, fora de seu feroz fervor. É esta vontade, ou seja, o Filho de Deus, o Pai, que vence a morte cuja fonte é obscura e que ilumina o fogo e que procede do fogo como um brilho lampejo do fogo, preenchendo a primeira vontade, chamada de Pai; pois o lampejo também é frágil como um nada ou como a vontade chamada de Pai. Portanto ela pode habitar na liberdade, ou seja, na vontade do Pai, e tornar o pai brilhante, claro, gracioso e amigável, pois é o coração do Pai ou misericórdia; é a substancialidade do Pai, ele preenche o Pai em sua plenitude, ainda que nele não haja lugar, nem começo, nem fim.

O fogo do Pai engole a branda substancialidade, ou seja, a fonte-água da vida eterna, junto ao fogo de sua própria essência, e através deste ato ele modera e abranda a si mesmo. Aqui a substancialidade deve morrer no fogo, pois o fogo a engole e a consome, e produz da concepção um espírito alegre e vivificante. Esta é o Espírito Santo, que procede do Pai e do Filho nas grandes maravilhas da santa

Essência, revelando-as sempre e eternamente.

A Divindade é portanto um laço eterno que não pode se dissolver. Ela se manifesta de eternidade em eternidade, onde o primeiro é também sempre o último, e o último novamente o primeiro. Compreenda, então, o Pai como o mundo do fogo, o Filho como o mundo da luz e do poder, e o Espírito Santo como a vida da Divindade, ou seja, o poder emanante e guiador; todos são senão um Deus, assim como o fogo, a luz e o ar são senão uma única existência, ainda que divididos em três partes, e nenhum pode subsistir sem o outro. Pois o fogo não é luz, nem o vento que surge do fogo; cada um tem o seu trabalho, e cada um é uma natureza específica em si mesmo, ainda que cada um é a vida do outro e uma causa da vida do outro. Pois o vento sopra o fogo, ao contrário seria extinto em sua cólera, a fim de que caísse na morte escura; de fato, a extinção é a morte real, já que o fogo da natureza é extinto e não mais atrai a substância para si.

Há um bom exemplo de tudo isso na vida exterior, em todas as criaturas, mostrando como cada vida, ou o fogo-vida essencial, atrai a substância, que é seu alimento, em si mesma; além do mais, o fogo de sua vida consome a substância e produz do que é consumido o espírito do poder, que é a vida das criaturas. Vemos aqui, como a vida toma sua origem da morte. Nenhuma vida vem à existência a não ser que rompa aquilo de onde a vida deve surgir. Tudo deve penetrar a câmara de tortura, no centro, e se ater na angústia do lampejo-fogo, ao contrário não há iluminação. Contudo, o fogo é múltiplo, assim como a vida; mas da maior das angústias surge a maior das vidas, como se fosse do verdadeiro fogo.

Assim, queridos filhos de Deus em Cristo, oferecemos a vós o nosso conhecimento e o nosso propósito, para reflexão. No início, dissemos que mostraríamos a morte de Cristo, porque o Cristo foi obrigado a morrer, e porque nós também devemos morrer e ressurgir em Cristo. Com esta descrição tudo fica claro, verás quão grande é a nossa miséria, para que fosse preciso que o Verbo, ou a vida do santo mundo-Luz, se fizesse homem e nos gerasse novamente Nele. Aquele que aqui nada compreende não é nascido de Deus. Pense bem em que morada Adão nos introduziu. Ele era um extrato dos três Princípios, uma completa semelhança, de acordo com todos os três mundos; em sua alma e espírito havia a qualidade angélica.

Ele havia sido introduzido no santo poder e essencialidade, bebendo da água da vida eterna, de uma forma angélica. Mas ele perdeu a essencialidade divina e a qualidade angélica, e imaginou no nascimento externo, no reino da qualidade terrestre, a qual o demônio havia aceso em sua queda. Adão voltou seus olhos para longe de Deus, para o spiritus mundi ou deus terrestre, longe da luz divina para a luz deste mundo; ele se fez cativo e permaneceu na qualidade terrestre. Caiu na frágil qualidade terrestre, que passou a preenche-lo e a governa-lo. Ela colocou nele um corpo, que é novamente rompido e consumido em sua própria essência, em seu fogo essencial.

Mas como a alma foi soprada dentro do homem, a partir do Espírito de Deus, ou seja, do Eterno, de modo que a alma é um anjo, Deus demonstrou interesse por ela novamente; e o poder do santo mundo-luz, ou seja, do coração de Deus, penetrou a essência humana, aprisionada na morte, penetrou a câmara de tortura de nossa miséria; o coração de Deus atraiu uma alma para si, de nossa essência; tomou pára si nossa vida mortal, trouxe a alma, através da morte, através do severo fogo de Deus o Pai, para o mundo-luz, vencendo a morte que nos mantínhamos cativos e revelou a verdadeira vida.

Ora, isso não pode ser de outra forma. Aquele que quer possuir o mundo-luz deve entrar pelo mesmo caminho de Cristo. Deve penetrar a morte de Cristo, e na ressurreição de Cristo ele entra no mundo-luz. Sabemos que o Verbo eterno do Pai, que é o Seu coração, é gerado de eternidade em eternidade, da cólera da morte das trevas, através do fogo do Pai, sendo em si o verdadeiro centro da Santíssima Trindade, e de si, com o Espírito Santo processional, é a Majestade de luz flamejante ou mundo-luz: da mesma forma e com a mesma capacidade, devemos com nosso coração, mente e alma sair da terrenidadade má, áspera e adstringente, fora de nós mesmos, fora do corrupto homem Adâmico, rompê-lo e aniquilá-lo através de nossa sincera vontade e ação. Devemos tomar a cruz do velho Adão, que se adere à nós enquanto vivermos, e que deve sobre a cruz e na cruz penetrar o centrum naturae, o Triângulo, e renascer fora da roda da angústia, para que nos tornemos anjos e vivamos eternamente em Deus.

Como não éramos capazes de fazer isso, o Cristo doou-se a este centro da

cólera, venceu a cólera feroz, extinguindo-a com seu amor. Pois ele trouxe a substancialidade divina e celestial para a cólera, para o centro da câmara de tortura, extinguindo da alma o fogo-angústia, ou seja, a cólera feroz do Pai do mundo ígneo na alma, de modo que nós, não mais caímos na cólera ígnea; mas se nos entregamos à morte de Cristo, e saímos do mal Adão, então caímos na morte de Cristo, no caminho que ele fez para nós, caímos no seio de Abraão, ou seja, nos braços de Cristo; ele nos recebe. Pois o seio de Abraão é o mundo-luz aberto na morte de Cristo; é o Paraíso em que Deus nos criou. A questão agora reside nisto: que não sejamos cristãos da boca para fora, conceber para nós a morte de Cristo, permanecendo hipócritas no coração, alma e espírito; abandonemos as más inclinações de mente e coração, vontade e ação, de forma séria e sincera, e lutemos contra elas. Ainda que elas se aderem a nós, é preciso mortificar esta má vontade e ação Adâmica, a cada hora, diariamente. Devemos fazer aquilo que não temos vontade, negar nossa vida maligna e terrestre, e atrair a vida de Cristo para o nosso interior; então o reino dos céus sofre uma violência, e aqueles que o forçam, acabam atraindo-o para si próprios, como o Cristo diz.

Desta forma, nos tornamos fecundados pelo reino dos céus e penetramos, ainda vivos, na morte de Cristo; recebemos o corpo de Cristo ou a essencialidade divina; carregamos o reino dos céus conosco. Somos as crianças de Cristo, membros e herdeiros no reino de Deus, a imagem do santo mundo divino, que é Deus o Pai, Filho, Espírito Santo, e a substancialidade desta mesma santa Trindade. Tudo o que nasce e é revelado da sabedoria é o nosso Paraíso; e nada morre em nós senão o Adão morto, o maligno e terrestre, cuja vontade aqui vencemos, para quem nos tornamos o inimigo. O inimigo se retira de nós, penetra o fogo, no fogo essencial, nos quatro elementos e no mistério, e deve no final deste tempo ser provado pelo fogo de Deus, e deve nos apresentar, outra vez, nossas maravilhas e obras. O que quer que o mistério terrestre tenha engolido, isto deve ser fornecido no fogo de Deus e não um mal correspondente. Ao contrário, o fogo de Deus absorve o mal, devolvendo uma tal coisa que encontramos em nossa busca ansiosa. Assim como o fogo absorve a substância, mas oferece o espírito para a substância, nossas obras realizadas no espírito e alegria celeste, fora do fogo de Deus, nos serão apresentadas como um claro espelho, como a maravilha da sabedoria de Deus.

Que isto seja revelado a vós, caras crianças, pois trata-se de um conhecimento elevado; não sofram por serem tocados ou cortejados pela morte de Cristo e de concebê-la como uma obra que nos basta se soubermos e acreditarmos que ela tenha sido realizada para nós. De que me vale saber que há um tesouro escondido, se eu não cavar para buscá-lo? Não basta se confortar, ser hipócrita, pronunciar belas palavras com a língua, e manter o impostor na alma. O Cristo diz: "A menos que nasceres de novo, não verás o Reino dos Céus". É preciso voltar e tornar-se como uma criança no ventre e nascer da essência Divina. Devemos revestir nossa alma com um novo ornamento, ou seja, o revestimento de Cristo, a humanidade de Cristo; fora disso, nenhum brilho aparente é válido. Tudo não passa de mentiras contada por oradores, que retratam o Cristo como se ele tivesse feito tudo isso para nós, a fim de que nós apenas nos confortássemos, e ao mesmo tempo vivêssemos no velho Adão, na avareza, no orgulho e falsidade, no brilho da fraqueza. É a fraude anti- cristã do falso clero, do qual nos alerta o Apocalipse. Se nada adianta que sejamos hipócritas para conosco, que nos deliciemos com o sofrimento e morte de Cristo; devemos penetrá-los, nos tornarmos a sua imagem, então o sofrimento e a morte de Cristo nos serão válidos. Devemos tomar a sua cruz, seguí-lo, superar e aniquilar os desejos malignos, e sempre exercitar a boa vontade: então, veremos seguramente o que consistem os passos de Cristo, quando devemos lutar contra o mal, o velho Adão e o mundo fraco, contra a razão terrestre que só deseja o prazer temporal. A cruz de Cristo estará, verdadeiramente, colocada sobre nós, pois o que temos aqui é o demônio, o mundo e nosso próprio Adão maligno: todos eles são nossos inimigos, aqui o novo homem deve se erguer como campeão e lutar nos passos de Cristo. Ó, inúmeros inimigos irão despertar aqui, todos cairão diante dele! O principal é lutar como um campeão pela cavalheiresca coroa de espinhos de Cristo, e mesmo assim ser considerado como alguém que não é digno da terra. Aqui a guerra e a fé devem ser o lema. Onde a razão externa isso contradiz, os sofrimentos e a morte de Cristo devem ser colocados diante do demônio, do mundo, da morte e da razão terrestre, e não se desesperar; pois aqui uma coroa angélica está a prêmio, podendo ser um anjo ou um demônio. Na tribulação devemos renascer; custa muito combater a cólera de Deus e vencer o demônio. Se não tivéssemos o Cristo conosco e em nós, perderíamos a luta. Nada vale um punhado de conhecimento, para nos deliciarmos com a Graça de Deus e fazer de Deus um manto para os nossos pecados, para ocultar e sutilmente

acobertar o impostor e o monstro do demônio sob o sofrimento de Cristo. Ó, não! O impostor deve ser destruído nos sofrimentos e morte de Cristo; não deve ser um impostor, aquele que deseja ser uma criança; é preciso se tornar um filho obediente, trabalhar nos sofrimentos de Cristo, trilhar os passos da verdade, da retidão e do amor; é preciso fazer, e não apenas saber. O demônio sabe de tudo isso muito bem, e de que adianta? É preciso praticar, o resto é falsidade e enganação.

A Razão hipócrita diz: O Cristo fez, nós não podemos. Sim, de fato Ele fez o que não poderíamos fazer; ele venceu a morte e restaurou a vida. De que serve isso se eu não penetrar Nele? Ele está no céu, eu neste mundo; pelo caminho que Ele nos traçou, devo penetrá-Lo, de outra forma permaneço de fora. Pois o Cristo diz: "Venham a mim todos os que estão cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei. Tome meu jugo para ti, e aprende de mim, pois eu sou humilde e modesto de coração, e vós encontrareis repouso em vossas almas". É no seu caminho que devemos penetrá-Lo; devemos fazer o bem no lugar do mal e amar uns aos outros, como ele nos amou, dando sua vida por nós.

Se assim procedermos, extinguimos a cólera de Deus também em nosso semelhante. Devemos dar um bom exemplo, não de forma falsa e artificial, mas na simplicidade, com boa vontade e amor. Não como uma prostituta hipócrita que diz: "Sou uma virgem", com falsa modéstia, mas que no fundo não presta. Total e inteira seriedade se faz necessária. É melhor não ter nenhum bem, nem dinheiro, e até mesmo perder a honra e poder temporais, do que perder o reino de Deus. Aquele que encontra Deus, encontra tudo, e aquele que O perde, perde tudo; perde a si mesmo. Ó, como é difícil romper a vontade terrestre! Faça a sua escolha, logo não irás mais questionar sobre os passos de Cristo, pois os vereis muito bem. Tu irás certamente sentir a cruz de Cristo, assim como a cólera de Deus, que em geral, repousa e adormece no velho Adão, até que tu a fertilize abundantemente, então ela dará a ti o seu reino do céu, semeado por ti aqui, no qual tu deves te deliciar eternamente.

Sobre a nossa morte. Por que devemos morrer, já que o Cristo morreu por nós

Citatio Prima

Chegue mais perto, cara, pomposa e ilusória Razão, cheguem mais perto todos vós, conhecedores e ignorantes, todos vós que desejam ver à Deus. Há um selo solene e um cadeado a serem abertos. Meditem sobre isso, pois tem haver com todos vós.

A Razão diz: Não era Deus poderoso o bastante para perdoar Adão de seu pecado? Havia a necessidade, de se tornar homem, sofrer e permitir-se ser entregue à morte? Qual o prazer de Deus na morte? Ou, ainda, já que Ele desejava nos salvar, por que nós também devemos morrer, se o Cristo nos redimiu? Sim, lamente, cara Razão, apoie-se na suposição até que consigas te aproximar; aqui és doutora e conheces nada, és erudita e tola. Não será possível compreender, a menos que venhas à esta escola, a escola do Espírito Santo. Quem é que pode abri-lo? Não é este o livro fechado daquele que se senta sobre o trono na Revelação de Jesus Cristo? Então diz o hipócrita: Nós o conhecemos muito bem. Diante de tal afirmação digo, que nunca ouvi nada sobre o Espírito Santo de seus lábios, nem tampouco li em seus escritos; eles me proibiram de questionar, interditaram-no, e declararam pecado para aqueles que questionarem ou desejarem conhecer o livro fechado; assim, a justa mulher permaneceu subtilmente velada. Ó, o Anticristo tem atuado sob tal cobertura! Mas ele será revelado, contra a vontade do demônio e do inferno; pois é chegado o tempo, o tempo da restauração manifesta-se, de modo que aquilo que Adão perdeu será encontrado.

As Escrituras dizem: “Somos poeira e cinzas” (Gen. 8,7). Está correto, somos poeira e cinzas. Mas devemos questionar se Deus fez o homem a partir da terra. A Razão insiste em manter que sim, autenticando tal afirmação com Moisés, a quem a Razão não compreendeu. A investigação também não oferece uma posição, dizendo que o homem é um limos, ou seja, um extrato dos três Princípios. Se ele estava destinado a ser uma semelhança, de acordo com a natureza de Deus, deve ter vindo da natureza de Deus; pois tudo aquilo que não vem do Eterno é desordem. Tudo o que tem um começo pertence àquilo de onde surgiu. Mas se viemos, simplesmente, da terra, somos da terra: o que nos deve então acusar de só realizar obras e vontade de propriedade terrestre? Mas se houver uma lei em

nós, que nos acusa de viver unicamente no caminho terrestre, ela não é terrestre, mas pertence àquilo que nos dirige e nos atrai, o Eterno; nossa própria consciência nos acusa diante do Eterno de fazer aquilo que é contrário ao Eterno; Mas se nos submetemos àquilo que nos atrai ao Eterno, então aquilo que nos atrai ao que é terrestre deve ser vencido e deve penetrar a vontade terrestre; mas a vontade que oferecemos ao Eterno, é por ele recebida.

Se Deus criou o homem num ser, para estar ali eternamente como carne e sangue, então a vontade que se oferece ao Eterno deve estar encoberta pela carne e pelo sangue, assim como era quando Deus o criou para o Paraíso, para o Eterno. Com isso reconhecemos claramente que Deus não nos criou na carne e no sangue, como os que carregamos agora, mas numa carne que reveste a vontade no novo nascimento; de outra forma ela seria terrestre e perecível, mesmo antes da queda. Por que então, a minha consciência me culpa por aquilo em que Deus me criou? Ou, por que ela deveria desejar algo mais do que aquilo que era em sua própria natureza? Isso nos revela plenamente que há em nossa carne uma outra natureza, que busca o que agora não é mais. Mas se nossa carne aspira por algo que não é mais, então ela deve ter pertencido à sua própria natureza, no princípio; ao contrário não haveria aspiração ou desejo algum. Sabemos que toda entidade busca aquilo que lhe deu origem.

Desta forma, nossa vontade busca aquela carne criada por Deus, capaz de subsistir em Deus, e não uma carne perecível terrestre, na dor, mas uma carne durável, livre de dor: com isso, compreendemos claramente que trocamos o que é Eterno pelo o que é perecível; que atraímos a matéria para o limos nos tornando terrestres; contudo, Deus nos extraiu dali como uma massa, introduzindo ali seu Espírito com o Eterno. Pois a imaginação de Adão atraiu a fonte terrestre das estrelas e dos quatro elementos para o limos, e as estrelas e os elementos absorveram a ânsia da terra. A matéria celeste, da carne celeste, tornou-se terrestre; pois o Espírito de Deus, que pelo verbum fiat foi soprado no limos, do coração de Deus, continha a essencialidade celeste ou a carne e o sangue celeste em si: esse Espírito deveria governar Adão, de acordo com a propriedade divina celeste. Mas como o demônio havia infectado o limos, quando encontrava-se no céu, também fez de Adão esta infâmia, infectando-o com sua imaginação, a fim

de que ele começasse a imaginar segundo a ânsia corrupta da fonte terrestre, por onde acabou sendo capturado pelo reino deste mundo pervertido, que entrou no limos como um mestre. A imagem de Deus foi prejudicada e caiu na fonte terrestre.

Estando o espírito celeste no súlfur terrestre e corrupto, o brilho celeste e o fogo divino não poderiam subsistir na queimação, pois a luz do fogo eterno tem a sua subsistência na liberdade, fora da fonte. A água da liberdade, que era o alimento do fogo eterno, havia se tornado terrestre, ou seja, preenchida pela terrenidade , e o brando amor fora infectado pela ânsia do mal terrestre: assim, o fogo eterno não podia queimar, nem dar à luz, mas surgiu na carne corrupta como um fogo abafado que não pode queimar por falta de água. Esse fogo agora nos consome e sempre nos acusa; ele queria queimar novamente e estar apto à essência celeste. Ele tem que devorar em si mesmo a qualidade terrestre, ou seja, a imaginação terrestre, com a qual a ânsia do demônio se mistura: consequentemente, ele também se torna mal, e nos atrai continuamente em direção ao abismo, ao centro da natureza, para a câmara de tortura, onde ele surgiu no princípio.

Ó, homem, veja então o que tu és; veja o que fizestes de ti mesmo e o que serás para a eternidade. Verás a necessidade de mudar e morrer, pois o reino deste mundo passa. Tu não és, em teu ser exterior, mestre deste reino, para continuar em sua atmosfera (perpetuamente), mas ali tu não tens poder e só existe numa constelação contida no astrum, quando começastes a crescer no ventre, carne e sangue da natureza terrestre. Tu és pela vida externa tão fraco que não pode se defender de tua constelação; deves entrar na dissolução de teu corpo quando a constelação te abandona. Vês então o que és, um pó da terra, uma terra mal cheirosa, uma carcassa morta onde tu ainda vives. Tu vives nas estrelas e nos elementos; eles te regem e te conduzem, de acordo com suas propriedades, eles te fornecem ações e regras práticas. Mas quando suas saeculum e constelação, sob as quais fostes concebido e nascestes neste mundo, é completada, te deixam cair. Então teu corpo é entregue aos quatro elementos, e teu espírito, que te guiou, no Mistério do qual o astrum foi produzido, e é mantido para o julgamento de Deus, quando Deus irá provar a todos pelo fogo de seu poder. Assim, deves apodrecer e te tornar terrestre, um nada, exceto o espírito, que procedeu do Eterno e que Deus introduziu no limos. Observes

então o que és, um punhado de terra, casa de tormento das estrelas e elementos. Se neste mundo, neste tempo, tu não te iluminas novamente na luz de Deus, tua alma e espírito eterno, dados a ti pelo Deus altíssimo, a fim de renascer na luz da Essência divina, então a alma cai novamente no Mistério do centrum naturae, como na primeira mãe, entrando para a câmara de tortura das quatro primeiras formas da natureza. Ali deve ser um espírito na trevosa fonte de angústia, juntamente com todos os demônios, consumindo tudo o que fora introduzido em si, neste tempo; este será seu alimento e vida.

Tendo em vista que Deus não desejou nada disso ao homem, Sua imagem e semelhança, Ele próprio tornou-se aquilo que o pobre homem se transformara, depois de ter caído da essencialidade divina, do Paraíso, a fim de ajudar o homem a retornar e ter em si o portão da regeneração, para que ele pudesse, no fogo da alma, renascer em Deus, e que este mesmo fogo pudesse novamente atrair em si a essencialidade divina e ser preenchido com a fonte-amor divina, por onde o reino divino da alegria poderia ser novamente gerado e o fogo da alma pudesse manifestar novamente o Espírito Santo; o Espírito procederia do fogo da alma e arrancar a vontade ímpia da carne Adâmica, a fim de que a pobre alma não fosse outra vez, invadida pela ânsia demoníaca e terrestre.

O portão do novo homem

Compreenda o seguinte: Deus se fez homem e introduziu nossa alma humana na essencialidade divina novamente em Cristo; ele prova novamente da essencialidade divina, ou seja, do amor e brandura, e bebe do espírito-água da vida eterna, essa que da sabedoria eterna, que é a fonte da essencialidade divina. A própria alma de Cristo recebeu em si a carne e sangue celestial e divino, pelo Verbo que é o centro do mundo- luz, Verbo que buscou a pobre alma aprisionada. O Verbo habitava na essencialidade divina e na virgem da sabedoria, mas veio em Maria, tomou nossa própria carne e sangue na essencialidade divina, atravessando o poder que nos mantinha cativo na cólera da morte e da ferocidade, na cruz, ou seja, no centro da natureza da origem, na vontade eterna do Pai para a natureza, de onde nossa alma foi tirada, e novamente iluminada nessa essência, no fogo escuro da alma, o fogo-luz que queima; Cristo trouxe a vontade externa da

alma através do fogo de Deus, ou seja, da origem para a luz clara e branca incandescente. Quando a natureza sentiu isso na alma, ela se alegrou, venceu a morte e floresceu pelo poder de Deus no mundo-luz, e fez do fogo um desejo-amor, a fim de que na eternidade nenhum fogo seja mais conhecido, mas uma grande e poderosa vontade no amor para com seus ramos e galhos, ou seja, para com nossa alma.

Isso é o que afirmamos: Deus anseia pela alma. Ele se tornou nosso tronco, nós somos seus ramos e galhos. Como um tronco sempre transmite sua seiva aos galhos, a fim de que vivam e gerem frutos, para a glória de toda a árvore, o mesmo faz à nós o nosso tronco. A árvore Jesus Cristo no mundo-luz, que se revelou em nossa alma, terá nossas almas como galhos. Ele veio no lugar de Adão, quem nos fez decair e perecer; ele se tornou Adão no novo nascimento. Adão trouxe nossa alma para este mundo, para a morte da cólera feroz; Cristo trouxe nossa alma para fora da morte, através do fogo de Deus, e a reacendeu no fogo, a fim de que obtivesse novamente a luz brilhante, pois de outra forma, teria que permanecer na morte obscura, na fonte de angústia.

Ora, só depende de nossa própria aceitação, de seguir o mesmo caminho feito pelo Cristo. Só precisamos introduzir Nele a nossa imaginação e toda a nossa vontade, chamada de fé, e resistir à velha vontade terrestre: então recebemos do novo nascimento o espírito de Cristo; ele atrairá a essencialidade celeste para nossas almas, ou seja, a carne e o sangue celestial de Cristo. Quando a alma prova desta essencialidade celeste, ela vence a morte escura em si e acende ali o fogo da eternidade, de onde queima a luz da brandura; a alma atrai a brandura novamente em seu fogo, absorvendo-o em si; da morte gera a vida e o espírito de Cristo. Assim, esse espírito, que procede do fogo eterno, habita no mundo-luz com Deus, e é a verdadeira imagem da Santíssima Trindade. Ele não habita neste mundo, o corpo não o compreende, mas a mente nobre, na qual a alma é um fogo, compreende-o, embora não de forma possessiva. Certamente, a nobre imagem habita no fogo da alma da mente, mas ela apenas paira sobre ela, como a luz no fogo. Pois, enquanto o homem terrestre viver, a alma sempre corre perigo, já que o demônio é seu inimigo, e está sempre emitindo seus raios com falso desejo no espírito astral e elemental, e com isso alcança o fogo da alma; seu objetivo é infectá-la continuamente com a

ânsia demoníaca terrestre. Aqui a nobre imagem é compelida a se defender contra o fogo da alma; trava-se uma luta pela coroa angélica; quando o demônio ataca a alma, normalmente surge no velho Adão, o medo, a dúvida e a descrença. Ó, cruz de Cristo, és tão pesada algumas vezes! Ó, como o céu se oculta! Mas é assim que o nobre grão é semeado; e quando ele brota, manifesta muitos belos frutos na paciência.

Desta forma, cada ramo na alma cresce da divina sabedoria. Todos devem surgir para fora da câmara de tortura, e crescer como um galho, da raiz da árvore: tudo é gerado na angústia. Se um homem deseja obter o conhecimento divino, deve entrar repetidamente na câmara de tortura, penetrar o centro. Pois toda centelha do conhecimento divino, que procede da sabedoria de Deus, deve nascer do centro da natureza, do contrário não é duradoura e nem eterna. Ela deve repousar sobre o fundamento eterno, sobre a raiz eterna. Desta forma ela será um ramo no reino de Deus, brotando da árvore de Cristo.

Assim, compreendemos o ato de morrer, a necessidade da morte de Cristo e de nossa própria morte, a fim de possuirmos a sua glória. O velho Adão não possui condições de receber tal glória; ele deve voltar para aquilo de onde saiu, deve ser provado pelo fogo de Deus e restaurar as maravilhas por ele absorvidas. Elas devem retornar ao homem, transparecer em sua vontade, na medida em que são manifestadas aqui, na vontade de Deus; mas se penderem à desonra de Deus, é por que pertencem ao demônio, no abismo.

Portanto, que cada um fique atento ao que faz e ao que provoca neste mundo, com que inclinação e consciência interna fala, age e vive: tudo deve ser testado pelo fogo. Tudo o que for suscetível deste fogo, será engolido e entregue ao abismo, à angústia. O homem precisa se livrar de tudo o que perece no fogo, a fim de entrar no outro mundo livre de tudo isso, mundo do qual deveria ter extraído sua satisfação, se fosse um operário do vinhedo de Deus; como está, será considerado um servo de ídolos. Portanto, o poder, a grandeza e a clareza nas maravilhas da sabedoria divina, também serão desiguais no outro mundo. Muitos são aqui como reis, no outro lado porém, poderão ser nomeados porqueiros na clareza e sabedoria: isso porque suas maravilhas serão entregues ao abismo por serem más.

Sim caros homens, observem, mostro-lhes uma similitude do mundo angélico: Olhe a terra florescente ou as estrelas, veja como uma erva ou estrela excede a outra em vigor, beleza e graciosidade de sua forma: assim é o mundo angélico; pois estaremos corporificados numa carne e sangue espirituais e não da forma que temos aqui. O corpo espiritual pode passar pelas pedras terrestres, de tão sutil que é; de outra forma, não seria suscetível da Divindade; pois Deus fora ou além da fonte palpável, na liberdade, e seu próprio ser é a luz e poder da Majestade. Nós também devemos obter um corpo-poder, mas verdadeiramente na carne e sangue, onde, contudo, há um brilho da tintura. O Espírito é tão sutil que é inapreensível pelo corpo, mas é apreensível na liberdade, do contrário seria um nada. O corpo é muito mais denso do que o espírito; este pode apreender e consumir o corpo, a fim de preservar a vida-espírito no fogo; o espírito produz, do espírito da luz da Majestade, a brandura na carne e sangue, é por isso que há um ser eterno.

Encontrar e conhecer a si próprio, é ver e saber o que é Deus, o que é capaz de fazer, e o que é o Ser de todas as coisas. Descobrimos que temos sido guiados de forma errônea e cega, sobre o que nos é dito com relação à vontade de Deus; a Divindade é representada sempre como uma natureza estranha, remota, como se Deus fosse uma existência estranha que apenas possuísse uma vontade inclinada à nós; como aquele que perdoa pecados em troca de favor, como um rei garante a vida a alguém que a tenha perdido. Mas não, ouças, esta não é uma questão para se bancar o hipócrita e continuar sendo um impostor; é necessário nascer de Deus ou se perder eternamente de Deus. A fé e a vontade correta realizará a obra; esta deve penetrar sinceramente em Deus e se tornar um Espírito com Deus; é preciso adquirir a essência celeste, nenhum outro canto, som ou espetáculo resplandecente irá adiantar. Deus não necessita de serviço; devemos servir e amar uns aos outros, e dar graças ao grande Deus, ou seja, nos elevarmos em uma única mente à Deus, proclamarmos suas maravilhas, invocar seu nome e adorá-lo. Esta é a satisfação no Ternarius Sanctus, onde maravilhas, poder e crescimento são compreendidos a partir do louvor, pela sabedoria eterna. O reino do demônio é assim destruído, e o reino de Deus vem até nós, e sua vontade é feita. Fora disso, tudo não passa de obras e conceitos humanos aos olhos de Deus, algo inútil, uma hipocrisia, não traz reconciliação e só afasta o homem de Deus.

O reino de Deus deve surgir em nosso interior e Sua vontade deve ser feita em nós, é assim que O serviremos corretamente. Se O amamos de todo coração, com toda a nossa alma, toda força e ao próximo como a nós mesmos, esta é toda a adoração que Ele aceita. Por que nos fazermos de hipócritas? Se somos corretos, somos deuses no grande Deus; então, o que fazemos, Deus faz em nós e através de nós. Se seu Espírito está em nós, por que nos preocupamos tanto com a adoração divina? Se ele fizer algo, devemos ser servos e condescendente; ele deve ser o mestre de obra, se uma obra pretende agradá-Lo. Tudo o que está fora disso, é construído de forma terrestre, no espírito deste mundo; construímos o mesmo nos céus exteriores, nas estrelas e nos elementos, que têm sua realização e maravilhas em nós, e servimos o demônio negro através de obras fora do Espírito de Deus.

Que isto seja declarado, pois trata-se de um conhecimento elevado: Nenhuma obra agrada à Deus, a menos que surja da fé em Deus. Sejam hipócritas o quanto quiserem, vós que trabalhais unicamente neste mundo, semeais num campo terrestre. Mas se quiseres colher o fruto celeste, deves plantar a semente celestial. Se ela recusar a lançar suas raízes no campo de outro, tua semente volta a ti e cresce em teu campo, e tu mesmo irás desfrutar do fruto.

Sobre a visão espiritual; como o homem pode, neste mundo, obter o conhecimento divino e celeste, a fim de falar a respeito de Deus corretamente; como é a sua visão

A Segunda citação ou mensagens da Razão exterior deste mundo na carne e sangue.

A Razão EXTERNA diz: Como o homem deste mundo pode ver à Deus, num outro mundo, e afirmar o que Ele é? Isso é impossível; trata-se de uma fantasia, com a qual o homem se conforta e se ilude.

Resposta: Sim, até onde a Razão pode alcançar, além disso, nada pode explorar, e deve repousar. Se eu ainda estivesse envolvido nesta ciência, falaria do mesmo modo. Pois aquele que nada vê, afirma: não há nada lá. Aquilo que vê, é o que sabe; ele é ciente apenas do que está diante de seus

olhos. Mas eu perguntaria ao zombador e ao homem terrestre: o céu é cego, assim como o demônio ou o próprio Deus? Existe uma visão no mundo divino? O Espírito de Deus pode ver, tanto no mundo do amor e da luz, e também na ferocidade do mundo da cólera, no centro? Se ele disser que, de fato, há uma visão- o que é uma verdade- que olhe cuidadosamente, para que não veja com os olhos demoníacos, em sua fraqueza propositada; quando almeja de antemão ele fantasia para si mesmo algo em sua imaginação, manifestando este algo numa malícia culpável, e vê de antemão como pode e de fato realiza a sua fraqueza. Se ele pode antever o que é mal, por que não veria também a sua recompensa? Não, o fraco vê com os olhos e encobre a pena, a fim de poder realizar as fraquezas. Se ele expulsasse o demônio, veria a grande bobagem imposta a si mesmo. Ele vê o mal e entrega seus olhos a este fim, de modo que vê aquilo que está distante, o que ainda vai acontecer; ele é cego e nada sabe do que vê com os olhos demoníacos.

Da mesma maneira, aquele que é santo vê com os olhos de Deus, aquilo que Deus tem em vista, e isso o Espírito de Deus vê no novo nascimento, através dos verdadeiros olhos humanos, pela imagem de Deus. Esse Espírito é para o homem sábio, um ver e um realizar; não para o velho Adão, quem deve ser um servo do Espírito, ele deve praticamente realizar o que o novo homem vê em Deus. O Cristo diz: “O Filho do homem nada faz senão o que vê o Pai fazer, isso ele também faz”. Ora, o Filho do homem tornou-se nossa habitação, aquela que penetramos; ele se tornou nosso corpo, seu espírito é o nosso espírito. Se vivemos em Cristo, seremos cegos em Deus? O espírito de Cristo vê através de nós e em nós a sua vontade; sua vontade é que vejamos e conheçamos nele; fora dele nada conhecemos de Deus. Ele realiza obras divinas e vê o que quer e quando quer, não quando Adão quer, quando Adão espontaneamente (com orgulho de se mostrar) derramaria sua malignidade. Ó não, aqui ele se esconde e nada vê em nós na luz da alegria em Deus, mas na cruz, na tribulação, nos sofrimentos e morte de Cristo, na perseguição e na reprovação, em grande pesar; com isso, ele vê e vive o velho asno para se esforçar e carregar a cruz de Cristo, este é o seu trabalho. Mas através da morte de Cristo o novo homem vê no mundo angélico; passa então a ser mais fácil e mais claro compreender o mundo terrestre. Isso acontece naturalmente, não pela ilusão, mas através dos olhos que vêem, por aqueles olhos destinados a

possuir o mundo angélico, olhos da imagem da alma, pelo espírito que procede do fogo da alma. O mesmo espírito vê no céu, olha Deus e a eternidade, e ninguém mais pode ver assim; esta é também a nobre imagem de acordo com a semelhança de Deus.

O resultado de tal visão, foi por esta caneta escrita, não com a orientação de outros mestres ou a partir de conjecturas, se é verdadeiro ou não. Embora a criatura seja uma parte e não um todo, de modo que sua visão seja fragmentada, mesmo assim este conhecimento fragmentado é perfeito. Mas a sabedoria de Deus não pode ser escrita, ela é infinita, sem número e circunscrição; só a conhecemos em parte. Embora saibamos muito mais, a língua terrestre não pode exaltar e declará-la: ela só fala a língua deste mundo, e retém o significado no homem oculto. Portanto, um sempre compreende de forma diferente de outro; assim cada um é dotado da sabedoria de forma diferente, a fim de que a busque e a interprete.

Ninguém compreenderá meus escritos com o sentido que quero dar e nem com nenhum outro. Mas todos recebem segundo essa doação, pois o aperfeiçoamento é maior em uns, menor em outros, conforme a propriedade do Espírito que reside em cada um. O Espírito de Deus está freqüentemente sujeito aos espíritos dos homens, caso estes pratiquem a boa vontade e se o espírito vê que o homem quer que o que é bom em si não permaneça oculto, mas que a vontade de Deus seja feita em todo lugar. Pois o espírito que nasce do fogo da alma, da brandura e essência de Deus, também é um Espírito Santo. Ele habita na qualidade divina e tudo vê segundo essa qualidade.

O que é estranho em nós, que não nos permite ver à Deus? Este mundo e o demônio na cólera de Deus são as causas de não vermos com os olhos de Deus; fora isso não há outro tipo de impedimento.

Se alguém diz: “Não vejo nada divino”, deve considerar que a carne e o sangue, além da subtilidade do demônio constituem um obstáculo e um véu para ele: freqüentemente pelo fato de desejar, em seu orgulho, ver à Deus para sua própria glória, e também por estar repleto e cego com a malignidade terrestre. Se ele olhasse para os passos de Cristo, assumisse uma nova vida, se submetesse sob a cruz de Cristo e desejasse unicamente penetrar o Cristo, através de Sua morte, descesse ao inferno e subisse ao

céu: como, em verdade, não veria o Pai, seu Salvador o Cristo e o Espírito Santo?

Seria o Espírito Santo cego quando habita no homem? Escrevo tudo isso para minha própria glorificação? Não, escrevo a fim de orientar o leitor, para que desista de seu erro e passe do caminho da injúria e da blasfêmia para uma existência santa e divina, para que ele também possa ver com olhos divinos, as maravilhas de Deus, para que a vontade de Deus possa ser feita. É para esse fim que esta caneta tanto escreve, nunca para minha glória e nem em nome dos prazeres desta vida, como o opressor está sempre nos acusando e impedindo, mesmo assim ele não passa de um opressor, na cólera de Deus, a quem desejaríamos o reino dos céus, se pudesse se libertar do demônio e de seu interesse pelo orgulho, o que o torna cego.

Portanto, queridos filhos de Deus, vós que buscais com muitas lágrimas, apenas coloquem vossa parte terrestre seriamente neste trabalho. Tudo o que vemos e conhecemos está em Deus. Ele revela a todos neste mundo, o quanto quer, tanto quanto sabe que é bom e benéfico para Ele. Pois, aquele que vê com os olhos de Deus, tem que realizar Sua obra; deve trabalhar, ensinar, falar e realizar o que vê, ao contrário, a visão é dele retirada. Este mundo não é digno da visão de Deus; mas por causa das maravilhas e manifestação de Deus é dado a alguns ver, a fim de que Seu nome se manifeste ao mundo, o qual dará testemunho a todo ser descrente, daqueles que pervertem a verdade em mentiras, apesar do Espírito Santo. Nós não pertencemos a nós mesmos, mas àquele a quem servimos em sua luz. Nada sabemos de Deus; Ele próprio é o nosso conhecimento e visão. Somos como um nada, para que Ele possa ser tudo em nós. É preciso ser cego, surdo e não conhecer vida alguma em nós, a fim de que Ele seja a nossa vida e alma, e que nossa obra seja a Sua. A nossa língua não deve revelar o que fizemos de bom: nós fizemos, ou melhor, o Senhor fez em nós; que seu nome seja louvado! Mas o que faz este mundo fraco? Se alguém disser: “O bom em mim é realizado por Deus”, o mundo rebate: “Tolo, tu é que fizestes”; “Deus não está em ti, tu mentes”. Assim, o Espírito de Deus, deve ser tolo e mentiroso. O que significa isso, ou quem fala com blasfêmia? O demônio, inimigo de Deus, a fim de encobrir a obra de Deus, para que o Espírito de Deus não se torne conhecido, e ele possa continuar sendo o príncipe deste mundo, até o julgamento.

Se o mundo luta contra você, te persegue e calunia, por conta do conhecimento em nome de Deus, então considere ter o demônio negro diante de ti. Portanto, benção, e que o reino de Deus venha à nós e destrua o ataque do demônio. Desta forma, trabalharás corretamente no vinhedo e se livrará do reino do demônio, produzindo frutos para a mesa de Deus; no amor e na brandura renascemos da cólera de Deus. Devemos, no amor e na brandura, nadar entre os espinhos do demônio e, neste mundo, lutar contra ele; o amor é veneno para o demônio, é como um fogo de terror onde não pode permanecer. Se ele permitisse um lampejo de amor dentro de si, logo o expulsaria, ou o queimaria, a fim de livrar-se dele. Portanto, amor e brandura consistem na espada, com a qual podemos, sob a coroa de espinhos de Cristo, lutar contra o demônio e o mundo, pela nobre coroa. O amor é o fogo do segundo Princípio; é o fogo de Deus, a quem o demônio e o mundo são hostis. O amor possui os olhos de Deus e vê em Deus; a cólera possui os olhos da ferocidade na cólera de Deus, vê no inferno, tormento e morte.

O mundo simplesmente acredita que se pode ver à Deus com os olhos estrelar e terrestre; não sabe que Deus não habita na vida exterior, mas na interior. Se o mundo não vê nada de estranho nos filhos de Deus, diz: Ah! Ele é um tolo, nasceu louco, é um melancólico. Isso é tudo o que sabe! Escute, Mestre Hans, eu sei muito bem o que é melancolia, sei também o que é de Deus; Conheço tudo isso e também a ti, em tua cegueira. Tal conhecimento não requer nenhum estado de melancolia, mas uma luta cavalheiresca; pois a ninguém é dado, sem luta (a menos que seja um alvo escolhido por Deus). De fato, muitos são escolhidos ainda no ventre, como João Batista (Lc.,5) e outros se prendem ao pacto da promessa de Deus, que é sempre o objetivo de um saeculum, nascido no tempo do grande ano, escolhido por Deus, para revelar as maravilhas que tem diante de si. Nem todos surgem deste objetivo, mas muitos de uma busca zelosa; Diz o Cristo: “Pedi e vos será dado; buscai e achareis; batei e vos será aberto” (Mt. 7,7). E mais: “Todo aquele que o Pai me der, virá a mim e quem vem a mim eu não rejeitarei” (Jo 6,37). Ainda: “Pai, aqueles que me deste quero que, onde eu estou, eles estejam comigo” (Jo 7,4), ou seja, com o novo homem nascido de Cristo em Deus seu Pai. E mais: “Pai, eu vou para que vejam minha glória, recebida antes da fundação deste mundo”. Vemos aqui a partir do espírito de Cristo, do reino de Deus, no poder do Verbo, da essência da

Divindade, com os olhos de Deus, e não com os olhos deste mundo e da carne exterior.

Portanto, tu, mundo cego, saiba com o que vemos, falamos e escrevemos sobre Deus, e pare com teu falso julgamento. Vejas tu, com teus olhos e deixe os filhos de Deus verem com seus olhos. Tu vês com teus dons; os filhos de Deus com o seus dons; Do modo como forem chamados, assim deve ver e caminhar; pois não estamos aqui para convencer a todos a tomarem o mesmo caminho e conversão, mas cada um segundo seu Dom e chamado, para maior honra e maravilhas de Deus. O Espírito de Deus não se curva, como a Razão exterior, com sua leis e Assembléias, que estão sempre a formar uma corrente do Anticristo, de modo que os homens aventurem-se a julgar o Espírito de Deus, atrelando seus conceitos e raciocínios ao pacto de Deus, como se Deus não estivesse em casa, neste mundo, ou como se eles fossem deuses daqui; através do juramento, confirmam aquilo que escolheram para acreditar. Não é tolice querer reter o Espírito Santo e seu dons maravilhosos a um juramento? Ele acredita no que deseja, e os homens não o conhecem, não nasceram dele, e ainda fazem leis relacionadas ao que deveria realizar.

Digo que esses mascarados são Anticristos e desprovidos de fé, seja lá qual for o show de santidade que representam; o Espírito de Deus é livre, não entra em acordos, mas aparece livremente à mente humilde e buscadora, segundo o seu Dom, de acordo com sua constituição. Ele torna-se até mesmo sujeito à ela, caso o deseje total e sinceramente. Qual é então o objetivo do pacto na sabedoria humana deste mundo, relacionada à honra de Deus? Não nasceram todos do orgulho pessoal? Uma conversa amigável é certamente bom e necessário, quando um pode mostrar seus dons aos outros, mas os mascarados constituem uma falsa corrente, contrária à Deus. Deus fez um pacto conosco, em Cristo, isto basta para toda a eternidade; Ele não fará outro. Ele tomou a raça humana, de uma vez por todas, no pacto, formando um testamento permanente através da morte e do sangue. Isso é suficiente, nós nos contentamos com esse pacto e a ele nos fixamos. Não devemos dançar atrevidamente ao redor do cálice de Cristo, como se faz atualmente, ele poderia ser afastado de nós, como ocorreu com os turcos.

Há uma grande e sincera severidade em nossas mãos, como nunca se viu no mundo. Saibam: É dito que o Anticristo deve permanecer nu. Compreenda bem isso, para que não te tornes pior! Pois o machado é colocado na árvore: a árvore mal deve ser derrubada e lançada ao fogo. A hora está próxima; que ninguém se esconda nos prazeres carnais. Não adianta nada que ninguém saiba como renascer, continuando na antiga pele, na sensualidade do velho Adão, no orgulho, avidez e iniquidade, na libertinagem e na vida escandalosa: esse está morto enquanto vive, encontra-se nas garras da cólera de Deus; seu conhecimento irá acusa-lo e condená-lo no julgamento. Se ele receber e aceitar o Verbo que Deus lhe dá a conhecer, toma o correto caminho da vida, deve ao mesmo tempo, tornar-se um realizador do Verbo e abandonar o que é mal, caso contrário terá um severo julgamento. No que ele é melhor do que o demônio? O demônio também conhece a vontade de Deus, mas realiza a sua própria vontade má. Ninguém é bom enquanto não for um realizador do Verbo: assim irá trilhar os caminhos de Deus, engajado em Sua obra, no vinhedo.

A Babel hipócrita ensina que nossas obras não tem mérito, que o Cristo nos redimiu da morte e do inferno, que só precisamos acreditar nisso, e portanto devemos ser retos. Ouça Babel! O servo que conhece a vontade de seu mestre e não a cumpre, deve ser punido. Um conhecimento sem realização é igual a um fogo que brilha mas não queima, por causa da umidade. Se queres que teu fogo divino ou fé queime, deves soprar o fogo, e extrair dele a umidade do demônio e do mundo; deves penetrar a vida do Cristo; te tornar criança de Cristo, entrar em Sua casa e fazer o Seu trabalho, do contrário estais de fora e és hipócrita, aquele que pronuncia o nome de Deus em vão. Ensinas uma coisa e fazes outra, testemunhando assim que o julgamento de Deus está correto, com relação a ti. Mais uma vez, qual a satisfação de Deus diante do seu conhecimento, uma vez que permaneces um impostor? Pensas que Ele aceita a tua hipocrisia quando dizes: Senhor, dá-me uma fé forte, pelos méritos de teu Filho, o Cristo, a fim de que eu creia, de todo o meu coração, que ele pagou pelos meus pecados? Pensas que isso é suficiente? Ó, não! Deves penetrar os sofrimentos e morte de Cristo, e nascer de novo, a partir de Sua morte; torna-te um membro com ele e em nele; crucifica continuamente o velho Adão e agarre-se sempre à cruz de Cristo; torna-te uma criança obediente, que sempre dá ouvidos ao que diz o Pai, e prontamente o realiza. Deves

penetrar a ação, de outro modo não passas de uma forma de mostro, sem vida; deves, com Deus, realizar boas obras de amor para o próximo, praticar sua fé constantemente, e estar sempre pronto diante da voz do Senhor, quando ele te ordenar que vá para casa, fora da velha pele, para a veste pura. Note! Embora trilhes neste caminho, terás fraquezas e muita sensibilidade em ti. Ainda irás realizar o mal, pois temos um mal hóspede habitando em nós. Não se deve acomodar, mas lutar e guerrear contra ele; é preciso matá-lo e extinguí-lo continuamente; em qualquer caso, ele é demasiadamente forte, e terá a mão levantada. De fato, o Cristo venceu a morte por nós e em nós, traçando um caminho para Deus; mas de que adianta me confortar e tomar conhecimento disso e continuar fechado na cólera negra, aprisionado nas correntes do demônio? Devo penetrar este caminho e nele caminhar, como um peregrino que dirige-se da morte para a vida.

O caminho do peregrino, que vai da morte para a vida

Filhos de Deus, discutamos profundamente sobre o fundamento das coisas. Nossa verdadeira vida, através da qual devemos ver à Deus, é como um fogo abafado; para muitos, chega a ser como um fogo encerrado numa pedra; devemos acendê- lo com um correto e sincero voltar-se para Deus. Pense na diligência de Deus: Ele nos regenerou em Cristo através da água da vida eterna e nos deixou a mesma água, no pacto do batismo, como uma chave para a restauração, com a qual podemos destravar e espargir o fogo de nossas almas, a fim de que se tornem aptas ao fogo divino. Ele nos deu seu corpo por alimento e seu sangue por bebida, para deles nos apropriarmos, nos aderirmos ao seu pacto e alimentarmos a nossa alma, para que ela seja vivificada e desperte da morte, a fim de que possa acender o fogo divino. Caros filhos, a alma precisa queimar e não ficar encerrada numa pedra ou ser como uma faisca que não brilha, devido a umidade do demônio. A fé histórica é faísca, que brilha como uma pequena chama; ela precisa ser inflamada; devemos dar-lhe substância, na qual a faisca possa se inflamar. A alma deve deixar a razão deste mundo e penetrar a vida de Cristo, sua carne e seu sangue, só assim é que recebe substância para inflamar-se. Tem que haver sinceridade; pois a história não atinge a carne e o sangue de Cristo. A morte deve ser vencida; Assim como o Cristo a

venceu, o mesmo deve fazer o desejo sincero, de forma prazerosa, trabalhando sempre na conquista deste resultado, como um peregrino ou mensageiro, que vai por uma longa e perigosa viagem, sempre correndo em busca do fim ou meta, sendo infatigável: embora a miséria e a calamidade estejam presentes, ele ainda espera o fim ou o objetivo, aproximando-se cada vez mais, na espera de sua recompensa e deleite; ele regozija-se de que sua dura viagem irá chegar a um fim.

Assim, um homem disposto a realizar uma jornada para Deus, deve partir pelo caminho do peregrino. Deve partir, mais e mais, da razão terrestre, da vontade da carne, do demônio e do mundo. A dor e a angústia, freqüentemente ocorrem, quando se tem que abandonar aquilo que se poderia ter, e com o que se poderia movimentar nas glórias temporais. Mas, para trilhar o caminho estreito, é preciso se revestir do casaco da retidão, despindo-se daquele da cobiça e da vida hipócrita e ilusória. É preciso partir seu pão com o faminto, dar a sua túnica como veste e não ser um opressor do fraco, desejando apenas encher os bolsos, extorquindo o suor do homem simples e miserável, aplicando-lhe leis que servem unicamente a seu próprio orgulho e prazer. Aquele que assim procede não é um Cristão, mas alguém que segue o caminho deste mundo, assim como as estrelas e os elementos; é a infeção e o desejo do demônio o que o impele. Ainda que ele conheça o rito de fé, relacionado à Misericórdia de Deus, e à reparação de Cristo, isso não servirá para nada. Pois nem todos aqueles que dizem, “Senhor, Senhor, permita que eu entre no reino dos céus, entrarão; mas aqueles que fazem a vontade de meu Pai, que estás no céu”. Essa vontade é: “Amar ao próximo como a ti mesmo”; Seja o que quer que os homens tenham feito a ti, faças tu algo bom por eles.

Nunca diga em seu coração: Ocupo este espaço e o domino por direito; eu o trouxe ou o herdei; o que meus vassalos fazem por mim, devem a mim. Observe e questione: de onde este direito se origina? Foi ordenado por Deus ou surge da fraude, do orgulho pessoal e da avareza? Se chegares a conclusão de que se trata de uma ordenação de Deus, então observe e caminhe de acordo com os mandamentos de amor e retidão. Pense que nesta posição, és um servo e não um senhor das crianças de Cristo, e tu não só te acomodas, arrancando-lhes o suor, como também age como juiz e pastor, e deverás prestar conta deste encargo: a ti foi dado cinco habilidades, deves

entregá-las ao teu senhor, com entusiasmo. Deves encaminhar seus inferiores no caminho correto, dando-lhes bons exemplos, aliados à doutrina e à punição dos fracos. De ti será cobrado, caso não punas o fraco e não protejas o oprimido. Não és governador, a fim de ser o senhor destas criaturas; Deus é o Senhor, não tu; dentre eles, deves ser o juiz, aquele que decide, não por causa de teu orgulho, mas por causa da consciência. Deves ensinar, guiar e direcionar o simples, não meramente através da pressão do trabalho, mas através da brandura. Tua carga és pesada; deves ter muita seriedade na hora de prestar contas. Quando o homem fraco reclamar de ti, em sua miséria, o acusará diante do senhor que é dele e teu: neste caso, estarão juntos diante do julgamento; a sentença é pronunciada para almas, a hipocrisia não servirá de nada.

Tudo o que se semeia são lágrimas, falo com sinceridade real e verdadeira, que tornam-se uma substância, pertencente ao julgamento de Deus; a menos que o homem pare e se reconcilie através dos benefícios praticados ao oprimido, a fim de que este o abençoe: com isso, a substância é dissolvida. Portanto, vós que tens autoridade, uma carga pesada recai sobre vós. Analise seriamente seu grau ou posição, onde quer que ela se origine, a raiz será procurada; todos deverão prestar contas de seu grau ou posição. Tenha cuidado para que tu não sejas conduzido ao fogo do inferno, como faz o próprio demônio feroz, a fim de encontrar seus servos; como nos mostra o espírito das maravilhas, vós viestes para saciar a cólera eterna. Não diga em teu coração: Assim viveram meus pais e meus antepassados; eu herdei este modo de vida. Tu não conheces a que morada penetraram. Se queres ser um Cristão e um filho de Deus, não deves dar atenção aos caminhos dos predecessores; não te preocupes com o luxo, mas com a palavra de Deus: deve haver uma lâmpada sobre teus pés. Pois muitos que praticaram o mal foram para o abismo, e tu farás o mesmo se seguir seus passos. Não deixe o demônio traçar para ti o caminho hipócrita e ilusório; suas cores brilham por fora e na essência é veneno.

Ó, quão perigoso é o caminho que devemos trilhar neste mundo! Seria bom que, nos fracos, não houvesse nada eterno, assim não sofreriam reprovação e tormento eternos. Como nesta vida são inimigos dos filhos de Deus, permanecem eternos inimigos de Deus e de seus filhos. Assim, os filhos de Deus devem tomar a cruz, e aqui suar no banho de cardo e

espinhos, ser um recém nascido, na angústia; devem trilhar o caminho estreito, onde a Razão sempre diz: “És um tolo, deves viver na alegria e serás salvo do mesmo jeito”. Ó, como a Razão externa ataca a nobre imagem, que cresce fora do banho de espinhos, na tribulação! Quantos ramos são arrancados da árvore de pérolas, por conta da dúvida e da descrença, trazendo o indivíduo para um falso caminho! O homem fraco busca a nutrição temporal e amaldiçoa o opressor que lhe arranca esse privilégio, pensando que age corretamente; na verdade, atrai para si nada mais do que a destruição, age de forma tão fraca quanto o seu opressor. Se tivesse paciência e lembrasse que está no caminho da peregrinação; se colocasse sua esperança como objetivo, considerando que assim, sob a miséria e a tribulação, sob opressão, trabalha no vinhedo de Cristo: Quão abençoada seria a jornada! Ele teria motivos para buscar uma vida melhor, tendo em vista que aqui, deve estar na angústia e na miséria. Se pudesse ao menos compreender como Deus está inclinado à ele, e que assim Ele o atrai, com a intenção de que o homem não construa sobre a vida terrestre. Quando o homem vê que este é senão um vale de dor e um estado de aflição, que deve passar seus dias em dura constrição, na miséria, trabalhando, percebe que Deus não permite que as coisas tomem um curso em vão, mas que assim Ele oferece a oportunidade para que o homem tanto busque como encontre o repouso, que não pertence a este mundo. Além do mais, o homem tem a necessidade, à toda hora, de esperar a morte e deixar seu trabalho para outros. Por que colocar então suas esperanças neste mundo, onde é um visitante e um peregrino, que deve trilhar o caminho de sua constelação? Se ele adotasse a constelação interior, ó, quão abençoada seria sua obra, na obra de Deus, deixando que a vida exterior flua como puder.

Um homem neste mundo, que pretende possuir o reino de Deus, não tem caminho melhor, e não pode ter melhor auxílio, do que se lembrar constantemente de que está no vinhedo de Deus, com tudo o que é e o que faz, a fim de que o faça por Deus. Sua alma deve ser direcionada à Deus, em constante esperança de que possa obter Dele, a recompensa de seu trabalho, para que possa trabalhar na alegria de Deus. Para tanto, é preciso ser diligente na obra que realiza; muito embora se sinta compelido a servir seu opressor, trabalhando de graça, lembre-se de que trabalhas exclusivamente para Deus; tenha paciência, pois Deus irá recompensá-lo no

devido tempo. Acontece que o mestre do vinhedo não paga seus trabalhadores no dia, mas à noite, quando o dia de trabalho está completo. Quando vamos para casa, para o nosso Senhor, após deixar o vale do tabernáculo, então todos receberão seu pagamento. Aquele que trabalhou por muito tempo, tem muito a receber; mas o fanfarrão, o resmungão, o preguiçoso e mal trabalhador, por falta de paciência, pouco adquiriu, e pode esperar de seu Senhor, até mesmo a punição; pois ele apenas desencaminhou outros trabalhadores, sendo um trabalhador inútil, e nada fez senão um falso trabalho de injúria para com seu Senhor, e receberá a justa punição, ao invés de recompensa.

O portão no centro da natureza A terceira citação

A Razão pergunta: “Por que Deus permite que as coisas tomem tal caminho, onde só há miséria e dificuldade neste mundo, além de coerção e opressão, de modo que um atormenta e aflige o outro? Onde muitos possuem muito, não tem necessidades, mas também não tem repouso; está sempre buscando problemas e tumultos, e seu coração nunca está tranqüilo.

Vejas tu, cognição fechada! A fundação do mundo é assim, a origem da vida também. Não pode ser de outra maneira neste mundo, a menos que o homem renasça. Sua existência é diferente no novo homem, e mesmo assim o impulso do velho homem está sempre a lhe atormentar. É a luta do espírito contra a carne, onde a carne luta contra o espírito e o espírito luta contra a carne. Diante disso pergunta a Razão: Onde então tudo isso começou?

Resposta: Note, no centrum naturae há um modo de ser especial. Reflita. A vontade eterna, chamada de Deus, é livre, pois contém em si nada mais do que a luz da Majestade, habitando no eterno nada; desta forma o nada também pode movimentá-lo. Mas seu desejo, que produz o centrum naturae, possui uma única propriedade. Isso porque ali, a adstringência é encontrada, ou seja, a primeira forma da natureza. Ela está sempre atraindo para si, e toma de onde não há nada; onde nada é produzido, dali ela toma e disso se apropria, ainda que dele não se alimente, e de não trazer nenhuma vantagem para a adstringência; com isso, cria a angústia, a tortura e o tormento, do mesmo modo que o orgulho e a avareza é produzida no homem. A Segunda forma é a sua atração ou aflição, ou seja, seu servo que

se agrupa no que o desejo deseja; é o trabalhador que não trabalha o suficiente; ele é bravo, colérico, furioso; age e se encoleriza na adstringência. A adstringência não pode aceitar isso de seu servo e o atrai mais veementemente; o servo torna-se mais furioso e fora de si, e devasta a casa do mestre. Diante desta situação, o mestre tenta refrear e conter o servo, que se liberta raivosamente, além da medida. Se então seu mestre, ou seja, a adstringência, não puder submetê-lo, os dois caem em grande angústia, inimizade e oposição, vindo a produzir uma roda giratória, a fim de matar, assassinar e aniquilar um ao outro. Tal é a terceira forma da natureza, de onde surge a guerra, o conflito, a devastação de países e cidades, a inveja e a terrível malícia, onde um quer ver o outro morto, atraindo e devorando todas as coisas em si. Ela deseja obter unicamente para si, ainda que isso não sirva para nada, além de dano. Ela age do mesmo modo que a cólera da natureza: essa se devora, do mesmo modo, se consumindo e se destruindo, ainda que também se gere. É desta forma que surge todo o mal, o demônio e cada coisa má. É aqui que surge pela primeira vez.

Como a natureza, no centro, age à parte da luz, da mesma forma age o demônio, a besta, as heras, o mato e tudo o que é hostil. Temos aqui, a roda de veneno, onde a vida tem a sua origem; ela nos leva a uma grande angústia, dor, pesar e devastação, até extrair para si uma outra vontade que acabe com a angústia, mergulhe na morte e atinja a liberdade da vontade primordial, que acende a angústia da morte com a mesma liberdade; isso faz com que a angústia fique terrificada, vença a morte, e da angústia surja como uma chama, a vida de alegria.

O mesmo ocorre com o homem. Quando ele se encontra na angústia da inimizade e a ferroada da morte e da cólera agem sobre ele, deixando-o num estado de angústia, cobiça, inveja, raiva e hostilidade, ele não deve permanecer nesta natureza má; caso contrário estará nas formas da morte, da cólera, da raiva e do fogo do inferno. Se a fonte de água não estivesse nele, conectada à carne e ao sangue, ele já seria um demônio iluminado e nada mais. Mas o homem precisa refletir e em sua angústia maligna extrair uma outra vontade, para sair da malícia da cobiça e penetrar a paz. Ele deve mergulhar na morte, na paciência, desejando se entregar `a roda da angústia, e extrair a sede do alívio de Deus, que é a liberdade; deste modo,

ele mergulha através da morte angustiante na liberdade. Quando então sua angústia experimenta a liberdade, que ainda é aquela vida branda, a fonte angustiante fica terrificada; no terror, a morte inflexível e hostil é vencida, pois esse terror é um terror de grande alegria e um acender da vida de Deus. Assim nasce o ramo de pérolas; ele se encontra em uma satisfação trêmula, mas em grande perigo, já que a morte e a fonte de angústia é a sua raiz; esse ramo é envolvido, como um belo ramo verde, que cresce do estrume mal cheiroso, da fonte fétida, e adquire uma essência, uma fragrância e uma qualidade diferente daquela de sua mãe, de quem nasceu; de fato, a fonte na natureza tem tal propriedade, é do mal e da angústia que a grande vida é produzida.

Além disso, sabemos que a natureza, diante do terror, divide-se em dois reinos no reino da alegria, e () num mergulhar da morte nas trevas podemos dizer que o mesmo ocorre com a natureza do homem; se o ramo de lírio, requisitado para o reino da alegria, for gerado de acordo, divide-se em duas vontades. A primeira surge no lírio e cresce no reino de Deus; a outra afunda- se na morte escura, e deseja a terra como a sua mãe. Essa Segunda vontade está sempre lutando contra o lírio, que evita a aspereza. Assim como um ramo cresce da terra, e a essência exala da terra, sendo atraída pelo sol, até que um talo ou árvore seja produzida: da mesma forma, o sol de Deus, em seu poder, sempre extrai o lírio do homem, ou seja, do novo homem, da essência má, produzindo uma árvore no reino de Deus. Deus permite então, que a árvore velha e má, caia na terra, a mãe que tanto procura; permite também que saia novamente da terra para o centrum naturae, no final do dia da separação, onde tudo penetrará novamente o seu éter. Neste dia, o lírio também penetrará o seu éter, a vontade da liberdade, a luz da Majestade.

Compreenda mais além, da seguinte forma: Quando dois reinos se separam desta forma, no terror da natureza, o terror é em si um raio de luz e a causa do fogo, ou da iluminação da vida. A prima materia, que a adstringência produziu através de sua contração, onde surgiu o inimigo, separa-se em duas partes. São elas: uma abaixo de si mesma na morte, que é a vida essencial com a substancialidade deste mundo, tal como pedras e terra; a outra parte, separa-se do terror do fogo para a luz da liberdade; é que o fogo-terror inflama a liberdade, de modo que ela também se torna

desejosa, atraindo para si o reino da alegria, ou seja, a branda beneficência, fazendo dela uma matéria. Eis a essencialidade divina e celeste; essa, por sua vez, atrai novamente o fogo e o absorve com seu terror, que é a fonte do fogo. Ali, a fonte consome a essencialidade branda e é trazido a uma enorme satisfação, de forma que a angústia é transformada em amor e o fogo, num amor que queima; do ato de queimar, surge o alegre espírito da vida eterna, chamado de Espírito de Deus, que surge originalmente na vontade primordial chamada de Pai. É o desejo da natureza que no fogo é uma fonte-fogo; na angústia da morte uma dor de morte, de cólera e inimizade na essência da natureza, ou seja, no centro. Na luz, trata-se do reino de Deus da alegria, revelando na Essência divina ou na sabedoria (o caráter das virtudes) a nobre tintura, que forma o brilho da Essência celestial; na Essência, ela produz o Elemento do mundo angélico, do qual este mundo é um produto externo, mas iluminado na cólera, pelo demônio; foi por sua causa que a cólera da natureza inflamou-se, fazendo com que, na Essência, surgissem a terra e as pedras, como é evidente, tendo a fonte poderosa sido separada no verbum fiat, num Princípio.

Compreenda, então, o raio-fogo como a Quartaforma da natureza, eo nascimento- amor do reino da alegria, como a Quinta forma; a absorção da essencialidade da brandura, pela fonte ígnea, onde o fogo também contém o reino da alegria, ou seja, o som ou manifestação das cores, maravilhas e virtudes, de onde surgem os cinco sentidos: a visão, audição, o olfato, o paladar e o tato, é a Sexta forma da natureza; a essencialidade da luz, que contém o Elemento divino, de onde surge o Paraíso, compreenda como sendo a sétima forma, ou, novamente, como a mãe de todas as formas, de modo que haja uma vida eterna, um arrebatamento da vida. A sétima forma contém em si o mundo angélico, assim como o Paraíso ou o verdadeiro dos céus, em que a natureza da Divindade é manifestada, assim como tudo aquilo que o mundo-luz inclui.

Mais algumas particularidades com relação à esta terceira citação, a ser considerada de forma elevada.

Assim, filhos dos homens, vejam, não sejam cegos. Orem, observem o que lhes é revelado, isso não ocorre em vão; há algo por traz. Não adormeça, o tempo é chegado. Simplesmente, veja o que é o Ser de todos

os seres. Este mundo é gerado do Eterno; o centro da natureza, existe desde a eternidade, mas não era manifestado. Através deste mundo e através da cólera feroz do demônio esse centro da natureza foi trazido à uma existência substancial. Compreenda o que é o demônio. Ele é o espírito de suas legiões que procede do centro da natureza. Ele foi criado na essencialidade divina, tendo que ser testado no fogo e tendo que colocar seu desejo no amor. Ele colocou seu desejo de volta para o centro da ferocidade, na Quarta forma da angústia, desejando, no fogo, governar sobre a brandura de Deus, como um inimigo do reino da alegria; ele desprezou o amor, porque viu que o fogo proporcionaria fogo e poder: portanto, ele foi colocado para fora do fogo de Deus, para a angústia das trevas, para o centro das quatro formas. Ele não tem mais nada de fogo, senão o terrível relâmpago, que é sua verdadeira vida; mas a vontade de Deus, que nos anjos e nos homens busca à vida, que vem em auxílio da vida com liberdade, ou seja, brandura, esta o abandonou. Por esse motivo, ele não pode obter a Luz na eternidade, nem pode formular desejo algum por ela, pois o espírito-vontade de Deus, o atormenta na câmara de tortura, nas quatro primeiras formas da natureza; a Quinta forma ele não pode alcançar. Embora ele possua todas as formas da natureza, tudo é hostil e adverso; pois o Espírito Santo o abandonou, e agora a cólera ou a qualidade feroz está nele. Deus, que é tudo, abriu Sua ferocidade ou o centro da origem em nele, para que esta também se tornasse criaturalizado, pois ela também deseja se manifestar. E quando Deus se colocou em movimento, para a criação dos anjos, tudo o que estava oculto desde a eternidade, nas maravilhas da sabedoria, no centro, tanto no amor como na cólera, foi revelado.

Já que sabemos o que somos, e que Deus permite que saibamos, tenhamos cautela e façamos de nós algo bom. Pois temos o centro da natureza em nós. Se fizermos de nós um anjo, assim seremos; se fizermos de nós demônios, assim também seremos; Neste mundo estamos na fonte do fazer e do criar, estamos no campo. A vontade de Deus no amor é apresentada a nós no centro da vida. Deus se fez homem e desejou nos possuir; Sua cólera também nos desejou, no reino da ferocidade. O demônio deseja nos ter em sua companhia, assim como os anjos: aquele a quem nos inclinarmos, é a quem nos entregaremos. Se colocamos nosso desejo na luz de Deus, penetrando-a com sinceridade, entramos e somos atraídos, com

sinceridade. Se colocamos nossa vontade na glória deste mundo e deixamos a glória Eterna partir, podemos esperar que a vontade irá, necessariamente, penetrar a ferocidade deste mundo, no primeiro Mistério. Se não possuirmos então, a imaginação divina (poder formativo) ou fé, o amor divino irá nos abandonar e não nos aceitará à sua porta. Na verdade, se Deus não romper (nossa prisão escura), encontramos a miséria. Se tu não trazes o Espírito de Deus contigo, nunca irá alcança-lo: portanto, é bom que se atinja um crescimento completo aqui nesta vida. O Cristo tornou-se o nosso campo, devemos realizar o trabalho sem grande angústia e aflição. O objetivo é um só: romper a vontade; isso é doloroso, porque Adão não o fará, muito menos a cólera ou o demônio.

Cuidado, homem, tu és teu próprio inimigo. O que consideras amigo, é teu inimigo. Para seres salvo e ver à Deus, deves te tornar o pior inimigo de teu melhor amigo, ou seja, da vida exterior. Não que devas romper com ela, mas só com sua vontade. Deves fazer o que não farias, deves te tornar teu próprio inimigo, ou não verás à Deus. Aquele que agora consideras teu amigo, surgiu da câmara de tortura, e ainda contém em si a vida-angústia; ele possui a ânsia da fonte-cólera e do demônio. Deves extrair uma vontade em Deus, de tua alma deves extrair uma vontade e com ela deixar a fraqueza, em Deus; desta forma, serás introduzido no fogo de Deus, ou seja, a Vontade-espírito, que irá iluminar tua alma. Procure alcançar a vida e o espírito de Cristo, tu receberás. O espírito de Cristo irá de regenerar com uma nova vontade. Esta vontade é a flor de tua alma, onde repousa a nova criança na imagem de Deus: a ela Deus dá a carne e o sangue de Cristo como alimento, não ao ignorante Adâmico, a quem Babel engana, como se o descrente pudesse participar do corpo de Cristo. Não! Ele recebe os quatro elementos, e com eles a cólera de Deus, porque ele não reconhece o corpo do Senhor, que está presente no céu, e só é absorvido pela alma que contém o céu. Não como um pecado, como fantasia; nada de espírito sem essencialidade, mas a essencialidade do espírito que se desdobra na sabedoria de Deus, na carne de Cristo que preenche o mundo-luz em todo lugar, o qual o Verbo que se fez homem trouxe com ele em Maria. Essa essencialidade, embora revelada em Maria, em sua carne e sangue, e que tomou a essência humana em si, ocorreu no tempo em que Cristo estava no ventre de Maria, no céu, no Elemento, em todo lugar. Ele não percorreu muitas milhas de algum lugar até Maria: não; mas o centro fechado, que

Adão fechou na cólera de Deus, na morte, foi que o Verbo da Divindade abriu, introduzindo a essencialidade divina no centro virgem que encontrava-se fechado na morte. Isso ocorreu no ventre de Maria, no pacto, não por meio do arrebatamento ou do êxtase, mas pela revelação, no objetivo do pacto, não por distração ou encantamento, mas revelável, não gerado, mas gerável neste mundo; Deus e Homem, uma Pessoa, celestial assim como na morte, encerrada de forma virgem e essencial, uma Essência, um Homem no céu e neste mundo. Temos que chegar a isso, pois o Verbo que se fez homem está ativo na alma e permanece no som vital de todas as almas; ele atrai todas as almas, do mesmo modo que faz a cólera. Ora, faça segundo a tua vontade, tens em ti o centro da Divindade no som e no movimento, e também o centro da cólera; aquele ao qual te diriges e no qual te desperta, é onde tua vida está enraizada. Faça o que queiras, és livre e Deus permite que saibas disso. Ele te chama; se vens, torna-te Seu filho; se te diriges à cólera, também serás bem recebido.

Sobre a imagem de Deus que é homem, ou sobre a semelhança entre Deus e o homem.

Não podemos neste mundo observar a nossa substancialidade ou novo corpo, por estarmos na vida terrestre. O homem exterior não o conhece, mas o espírito, gerado e procedente do novo homem, este conhece seu corpo.

Como temos conhecimento deste corpo e desejamos saber se estamos no novo nascimento, não há teste melhor do que a semelhança de Deus, que compreendemos como sendo desejo, sentido e mente. Essas três coisas contém o centro do espírito, de onde é gerada a vontade poderosa, onde reside a verdadeira e real semelhança e imagem de Deus, na carne e sangue, aquela que o homem exterior não conhece. Pois esta imagem não está neste mundo, ela tem um outro princípio no mundo angélico, e durante esta vida permanece no mistério, no oculto, como o ouro na pedra, onde o ouro possui uma outra tintura, essência e brilho e a aspereza da pedra dela não se apercebe; nem tampouco o ouro se adere à aspereza, ainda que a aspereza, assim como o centro da angústia, seja a causa do ouro, pois é a mãe e o sol, o pai. O velho Adão também é a causa do novo corpo, pois é a mãe: Da velha entidade surge o novo corpo, e o Espírito de Deus em Cristo é o Pai.

Assim como o sol é pai do ouro, o coração de Deus é o pai do novo homem.

Ora, não há como conhecer melhor o novo homem, do que no centro, ou seja, no desejo, sentidos e mente. Se conseguíssemos que o nosso desejo se encontrasse totalmente de acordo com Deus e direcionado à Deus; que nossos sentidos coincidissem com a vontade de Deus, que a mente se entregasse totalmente, em obediência, à vontade de Deus, e que a imaginação buscasse algo do poder de Deus, saberíamos certamente, que o nobre ramo de lírios nasceu, que a imagem de Deus existe no ser essencial, que Deus se fez homem na semelhança. Se faz extremamente necessário aqui, salvaguardar a nobre imagem e não dar chance para que o velho Adão, com seu brilho, a extermine continuamente, a fim de que o novo homem possa crescer, progredir e ser adornado com as maravilhas da sabedoria.

A Razão, no entanto, pergunta: Como é então a semelhança de Deus? Observe, Deus é um Espírito, e a mente com os sentidos e desejos também constitui um espírito. A mente é a roda da natureza, o desejo é o centro, como a primeira coisa para a realização da natureza, e os sentidos são as essências. Pois os sentidos surgem das essências, possuem sua origem na dor do desejo, da amargura; eles são a amargura e percorrem sempre a mente, ou seja, a roda da angústia, e buscam o repouso, para ver se podem conquistar a liberdade de Deus. São eles que, na roda da angústia ou mente, acendem o fogo, e neste acender, no terror, desejam se entregar à morte, e assim afundam-se do tormento para a liberdade, como uma vida que surge da morte. São as raízes do novo paladar, que penetra a sabedoria e maravilhas de Deus; eles trazem o desejo para fora da angústia mortal; eles preenchem sua mãe, a mente e dão à ela o poder da essência de Deus.

Assim, a mente (das Gemüth) é a roda ou a verdadeira câmara da vida, a própria habitação da alma, da qual é uma parte, caso a essência (compreenda a essência da tintura) seja considerada; e é o fogo-vida, pois do fogo-vida surge a mente e o fogo- vida habita na mente. Mas a mente é mais nobre que o fogo, pois é a mobilidade do fogo-vida; ela faz a compreensão. Os sentidos são os servos da mente, os mais sutis mensageiros; eles vão até Deus, e novamente saem de Deus para ir aos demônios, e onde quer que eles se manifestem, quer em Deus, quer nos

demônios, quer na falsidade, o mesmo trazem para casa, para a mente. Portanto, a nobre mente deve sempre atacar o mal, extinguindo-o em sua angústia, sempre que os sentidos permitam que a falsa imaginação penetre o desejo.

Compreenda finalmente então, assim: Deus é tudo em tudo; mas Ele sai da ferocidade e encontra o mundo de luz e poder em si mesmo. Ele próprio constitui tudo isso, de forma que a ferocidade com todas as formas, nada mais é do que a causa da vida (e o encontro de si mesmo nas grandes maravilhas). Ele é o fundamento e o não fundamento, liberdade e também a natureza, na luz e nas trevas. O homem também é tudo isso, se ele buscar e encontrar a si mesmo, como Deus.

Tudo o que escrevemos e ensinamos resume-se a isso: buscar, fazer e por fim encontrar a si mesmo; devemos gerar, a fim de sermos um espírito com Deus, para que Deus possa estar em nós e nós em Nele, para que o amor-espírito de Deus possa ser em nós a vontade e a realização, e para que possamos escapar da fonte da angústia; para que possamos nos ordenar na verdadeira semelhança nos três mundos, onde cada um encontra-se em sua ordem, e que o mundo-luz possa ser senhor em nós, como aquele que governa; para que assim o mundo-angústia possa permanecer oculto no mundo-luz como permanece oculto em Deus, e seja apenas uma causa de vida e das maravilhas de Deus. Se não nos atermos ao mundo-luz, o mundo-angústia em nós será a influência dominante, e viveremos eternamente na dor hostil. Esta luta ocorre enquanto persiste a vida terrestre; depois dela, tal vida passa pelo éter eterno, pela luz ou pelas trevas, do qual não há libertação, e da qual o Espírito de Deus nos alerta e nos instrui no caminho reto. Amém.

Conclusão

O Deus-amor, leitor, sabe que um homem é a verdadeira semelhança de Deus, a qual Deus ama e revela-Se nessa semelhança como em seu próprio ser. Deus é num homem o meio, o centro, mas ele habita apenas em si mesmo, a menos que o espírito do homem torne-se um espírito com ele, quando ele se manifesta na humanidade na mente, sentidos e desejo, de modo que a mente o sinta; de outra forma, ele encontra- se neste mundo de forma muito sutil e não percebemos. Mas os sentido O percebe no espírito,

compreende no espírito da vontade, pois a vontade envia os sentidos para Deus e Deus entrega-Se aos sentidos e se torna um ser com eles; os sentidos então, trazem o poder de Deus para a vontade, que o recebe com satisfação, mas ao mesmo tempo tremulamente, pois se sabe indigno por vir de uma morada rude, da mente inconstante; ela recebe o poder prostrando-se diante de Deus. Seu triunfo é transformado em humildade, que é e abarca a verdadeira natureza de Deus; essa mesma natureza abarcada é na vontade o corpo celestial e é chamado de verdadeira e correta fé, recebida pela vontade na vontade de Deus; ela penetra a mente e habita no fogo da alma.

Assim, a imagem de Deus está completa, e Deus vê ou encontra a Si mesmo em tal semelhança. Não devemos, de forma alguma, pensar em Deus como um ser estranho; para o descrente ele é um ser estranho, pois o descrente não o apreende. Com certeza, Deus está em nele, mas não manifestado segundo sua luz-amor na vontade e mente do homem descrente. Apenas a cólera de Deus está revelada em nele; a luz ele não pode alcançar, ela está nele, mas não é aproveitada; sua essência não a busca, ele se esconde dela; ela é sua dor e tortura, ele nada mais faz do que demonstrar inimizade a ela, assim como o demônio é hostil ao sol e também à luz de Deus. O demônio ficaria mais satisfeito se pudesse viver eternamente nas trevas e se soubesse que Deus está longe dele, assim não sentiria vergonha e reprovação em si. No entanto, ele sabe que Deus está bem perto, mas que mesmo assim não pode alcançá-Lo, este é o seu grande tormento, já que é um inimigo contra si mesmo e produzindo uma eterna contra-vontade, medo e desespero; ele sabe que não pode alcançar o semblante e o auxílio gracioso de Deus; sua própria falsidade o atormenta, mas ele não consegue atrair o consolo de alcançar a graça. Ele não alcança à Deus, mas somente o centro na angústia, na cólera; ele permanece na morte e na fonte mortal; ele não consegue vencer, pois nada vem ao seu auxílio, para que pudesse se manter e consequentemente se estabelecer no reino de Deus. Embora ele continue, por milhares de anos, no abismo, nas profundezas, nas trevas e fora de Deus, Deus está em nele, e isso não o beneficia em nada; ele não O conhece, mas tem consciência de Deus; ele só é sensível à Sua cólera feroz.

Compreenda: Como o fogo existe numa pedra, e a pedra não o conhece, não o sente, mas sente a feroz causa do fogo, que mantém a pedra dura

aprisionada num corpo: do mesmo modo o demônio só sente a causa da luz. Esta causa é o centro feroz que o mantém como prisioneiro, e assim, ele a odeia, e nem possui qualquer coisa melhor. Ele nada mais é do que uma malignidade feroz e envenenada, uma dor mortal, ainda que não haja morte, mas um veneno faminto, uma fome e uma sede sem nenhum alívio. Tudo é mau, invejoso, duro e amargo, tudo o que deixa a humildade, como ele fez, consiste na sua força e no seu desejo hostil. Tudo o que demonstra inimizade para com Deus e abandona Seus cursos, transforma-se no servo do demônio. Tudo o que transforma verdade em mentira, é a sua vontade sobre os quais comanda e onde sua vontade habita. O mesmo ocorre com o descrente: quando ele perde a Deus, passa para a fonte-angústia e possui a vontade do demônio. Mas saiba que:

Deus rompeu na alma humana a dureza da morte penetrando o limite onde a morte é vencida. Ele rompeu o limite no centro da alma e colocou sua luz contra a luz de vida do homem; a luz é concedida ao homem enquanto ele viver na virtude do sol. Se ele escolher voltar, penetrando na luz de Deus, ele será recebido: nenhuma eleição está concluída com relação à ele. Mas quando ele perde a vida do sol e também nada possui da vida de Deus, tudo está acabado com ele, ele é e continua sendo um demônio. Mas Deus conhece os seus e sabe quem irá se voltar para Ele, sobre estes estabelece-se a eleição, da qual fala as Escrituras. O homem possui em si dois centros: Se ele quer ser um demônio, irá Deus lançar pérolas no caminho do demônio? Irá ele derramar o espírito na vontade descrente? Além disso, da vontade do homem deve nascer o espírito de Deus, o próprio homem deve se tornar Deus no espírito da vontade, não há outra forma de ater a essencialidade divina ou a sabedoria.

Reflita portanto, caras crianças, e entrem pela porta correta. Não basta ser perdoado, é preciso nascer. Então poderemos ser considerados perdoados, ou seja, o pecado não passa de uma casca. O novo homem nasce desta casca e depois a joga fora; nisso consiste o perdão de Deus. Deus elimina o mal do novo homem, ele livra o homem do mal. O pecado não é carregado com o corpo, mas dado ao centro como um combustível, devendo ser a causa do Princípio do fogo, de onde a luz brilha, devendo servir para o bem no homem santo, como diz São Paulo: “E nós sabemos que Deus coopera em tudo para o bem daqueles que o amam, daqueles que são chamados segundo

o seu desígnio” (Rom 8,8).

O que mais podemos dizer? Será que devemos pecar para que nossa salvação seja gerada? Deus proíbe. Como poderia desejar penetrar novamente aquilo onde sou morto? Devo deixar a luz novamente para penetrar as trevas?

Com certeza, os santos de Deus nada perdem; tudo deve estar a serviço deles.

Aquilo que para o pecador é uma dor de morte, é para o santo um poder na vida.

A Razão exterior diz: Devo pecar para que maior seja a minha salvação. Sabemos que tudo o que deixa a luz, penetra as trevas; que se lance um olhar para as trevas, a fim de que nela nada permaneça, pois ali se peca deliberadamente contra o Espírito Santo. Não se engane; Deus não é um zombador. Como resultado de seu amor temos que, depois da queda, nos tornarmos novamente retos, através da sua penetração em nossa carne. Mas aquele que deliberadamente penetrar o pecado, o desprezo, e desonrar a encarnação de Cristo, receberá em si um ônus pesado. Que este observe cuidadosamente: será muito mais difícil deixar novamente o pecado, do que para aquele a quem o caminho de Deus ainda não foi revelado.

Portanto, é bom evitar e abandonar o mal; voltar os olhos para longe do que é falso, para que os sentidos não o penetre, trazendo-o para o coração, onde a luxúria e o desejo surge na mente: processo pelo qual a nobre imagem é destruída e se torna uma abominação aos olhos de Deus.

Alertamos o leitor que ouve e que ama a Deus, de nosso mais profundo coração e conhecimento: expusemos a ti, da forma mais sincera e honesta, o caminho da verdade e da luz, e Cristicamente o exortamos a meditar sobre isso e ler diligentemente; ela contém o fruto em si. Aleluia, Amém.

A Árvore da Fé Cristã

Como devemos penetrar o sofrimento, a agonia e arte de Cristo,

Ressurgindo da morte com Ele e por Ele, nos tornarmos a Sua Imagem, e viver eternamente Nele

O QUE É FÉ, COMO A FÉ É UM ESPÍRITO EM DEUS

O Cristo diz: Buscai, em primeiro lugar o reino de Deus e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas (Mth 6.33). Meu Pai dará o Espírito Santo aos que o pedirem (Lc. .3). Quando vier o Espírito da Verdade, ele vos conduzirá à verdade plena, pois não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará as coisas futuras. Ele me glorificará porque receberá do que é meu e vos anunciará (JO 6.3,4). Pois eu vos darei eloquência e sabedoria, às quais nenhum de vossos adversários poderá resistir, nem contradizer (Lc. 6.5). E São Paulo diz: Não sabemos pedir o que convém, mas o próprio Espírito intercede por nós com gemidos inefáveis, e aquele que perscruta os corações sabe qual o desejo do Espírito (Rm 8.6).

Ora, a fé não é um conhecimento histórico, com o qual o homem pode criar artigos e confiar unicamente neles, forçando sua mente nas obras da razão: ao contrário, a fé é um Espírito em Deus, pois o Espírito Santo se movimenta no espírito da fé.

A fé verdadeira é um poder de Deus, um Espírito em Deus. Ela opera em Deus e com Deus. Ela está livre de qualquer artigo, a não ser do verdadeiro amor, onde reúne o poder e a força de sua vida; a conjectura e desilusão humana não tem nenhuma conseqüência.

Assim como Deus é livre de qualquer inclinação, de forma que faz o que quer, sem precisar prestar contas sobre isso, a fé verdadeira também é livre no espírito de Deus. Ela não tem inclinação senão ao amor e à misericórdia de Deus; a fé lança sua vontade na vontade de Deus, se afastando da razão sideral e elemental; a fé não se busca na razão carnal, mas no amor de Deus. E quando, neste caminho, ela se encontra, se encontra em Deus e opera com Deus; não age segundo a razão, seja ela qual for, mas age em Deus seja qual for o Espírito de Deus. Isto porque a fé, considera a vida terrestre como nada, a fim de que posa viver em Deus, e que o Espírito de Deus nela possa ser a vontade e a realização. A fé se rende à vontade de Deus e sucumbe na razão e na morte, mas ressurge com o Espírito de Deus,

na vida de Deus. É como se fosse um nada, mas que em Deus é tudo; é um ornamento e uma coroa da Divindade, uma maravilha na magia divina. Ela faz onde não há nada e vai onde nada é feito. É operativa e ninguém vê o seu ser; ela se eleva, embora não precise de elevação. É poderosa e ao mesmo tempo a mais modesta humildade. Ela tudo possui e ao mesmo tempo não aspira mais do que a bondade. Ela é, desta forma, livre de qualquer iniquidade e não possui lei, pois a implacável ira da natureza não tem influência alguma sobre ela. Ela existe na eternidade, pois não é compreendida na terra; ela não é ameaçada por nada, e exatamente como a eternidade, é livre e não repousa em nada a não ser em si mesma, onde há uma eterna bondade (tranqüilidade).

Assim também ocorre com a fé verdadeira e reta. Ela é em si um ser essencial. Ela tem vida, mas não busca sua vida e sim a vida da tranqüilidade eterna. Ela sai do espírito de sua vida e se possui: está livre de dor, assim como Deus está livre de Dor, e habita na eterna liberdade de Deus. Com relação a eterna liberdade de Deus, é como um nada, e mesmo assim está em tudo. Tudo o que Deus e a Eternidade são e são capazes de fazer lhe serve em algum lugar. Ela não se deixa aprisionar por nada, embora seja uma amostra do habitar no grande poder de Deus. É um ser e não é dominada por nenhum ser. É companheira e amiga da Virgem Divina que é a sabedoria de Deus; nela reside as grandes maravilhas de Deus. É livre de todas as coisas, assim como a luz é livre do fogo, ainda que gerada pelo fogo, contudo o tormento do fogo não pode surpreendê-la ou alcançá-la.

Tentamos mostrar que a fé é extraída do espírito da vida, de um fogo ardente e que brilha neste fogo; ela enche o fogo de vida e ainda assim nunca se mantém aprisionada. Mas se ela se encontra aprisionada é porque adentrou a razão como quem se adentra a uma prisão, não estando mais em Deus, em sua liberdade, está num tormento; ela se atormenta, embora tenha condições de se libertar. Na razão ela opera maravilhas no fogo da natureza, e na liberdade ela opera as maravilhas de Deus no amor.

SOBRE A ORIGEM DA FÉ, E PORQUE A FÉ E A DÚVIDA HABITAM JUNTAS

Observando então que a fé é um Espírito com Deus, reflitamos sobre sua

origem, pois não podemos dizer que seja um aspecto ou imagem da Razão. Ao contrário, é a imagem de Deus, a semelhança de Deus, um aspecto eterno, ainda que possa ser destruída durante o tempo do corpo, ou ser transformada em fonte de angústia. Isto porque ela é, em sua própria natureza, em seu estado original, uma mera vontade; esta vontade é uma semente: a semente necessita do espírito de fogo ou de semear a alma na liberdade de Deus. Desta forma, cresce de semente à árvore, de onde a alma consome e satisfaz seu fogo-vida, a fim de que a alma se torne forte e transmita seu poder à raiz da árvore, fazendo com que cresça no Espírito de Deus, e até mesmo nas maravilhas da Majestade de Deus e floresça no Paraíso de Deus.

Ao descrever a fé podemos ser considerados estúpidos e obscuros, pois a Razão quer ver e tocar todas as coisas. Mesmo assim, iremos revelar claramente porque a fé e a dúvida são companheiras e estão como que conectadas por uma corrente, havendo um violento conflito no homem toda vez que ele visita este tabernáculo da vida terrestre, a menos que mergulhe tão profundamente em si mesmo, sendo capaz de introduzir o fogo da vida na liberdade de Deus: assim, ele fica como que morto para a vida da Razão. Não obstante, ele vive, vive para Deus, que é a altíssima e preciosa vida de um homem, raramente encontrada em neles, pois se assemelha à primeira imagem criada por Deus. Embora o que é mortal ainda se apegue a ele, a razão é como uma imagem morta, que pertence à dissolução, onde o verdadeiro homem não vive. Pois a verdadeira vida permanece no lugar oposto, e está em outro mundo, em outro Princípio, vive em outra fonte.

Compreendam da seguinte forma: a origem da vida humana é vista e conhecida, surge no ventre; sabe-se no que ela se qualifica e se movimenta, nas quatro formas fogo, ar, água e carne. Apesar disto, em tal vida não há nada mais do que vida animal, pois que sua razão vem das estrelas; o sol e as estrelas fazem uma tintura nos quatro elementos, quando vem a razão e o poder-qualidade, assim como o prazer na dor. Mas isto está longe de ser a verdadeira vida humana, pois a razão natural não busca nada mais elevado que a si mesma, em suas maravilhas. Não obstante, há no homem um desejo e uma grande ânsia por uma vida melhor, mais elevada e eterna, onde tal tormento não exista. Embora a razão não compreenda e não veja este desejo, há na razão um mysterium que o prova e o conhece, de onde surge o

desejar. Com isto, reconhecemos que este mysterium foi implantado já na primeira criação e é uma possessão própria do homem, assim como o desejo e o anseio são um apetite mágico. Além do mais, acreditamos que assim como este mysterium, estamos num lugar estranho, e que o mysterium não é encontrado no espírito deste mundo, pois este não o compreende e não o encontra. Podemos ver que Adão caiu violentamente e que este mysterium na vontade da alma é uma fonte oculta, revelada num outro Princípio. Acreditamos, mais que tudo, que este mysterium reside oculto no fogo, na fonte da angústia, e é revelado através da angustia da vontade. Observamos ainda, como o mesmo mysterium é mantido aprisionado pelo espírito deste mundo e como a razão da vida exterior tem o poder de adentrá-lo e frustrá-lo , não permitindo que o mysterium se atenha à luz, mas o encobre, a fim de que a força geradora (amor divino) não se manifeste, mantendo-se oculta no mysterium. Quando o corpo se dissolve, a vontade não tem nenhum outro corpo que possa revelar o mysterium; consequentemente o espírito da alma, ou o fogo espírito, permanece nas trevas, e o mysterium é eternamente oculto na alma, como num outro Princípio.

Reconhecemos, então, o mysterium como o reino de Deus, que está oculto na alma e que proporciona a ela um desejo ardente, para que se imagine neste mysterium, onde é magicamente impregnada no mesmo mysterium. Daí surge na alma a vontade de sair do fogo-vida e penetrar o mysterium de Deus. Se a alma eleva espiritualmente a vontade e a lança no mysterium, a vontade passa a ser impregnada no mysterium, pois tem o desejo ardente e adquire o corpo e a essência do mysterium, ou seja, a essência de Deus, que é incompreensível para a natureza. Assim, a vontade extrai a semelhança ou imagem de Deus para si mesma.

Veja então, que a vontade é adquirida do fogo da alma; ela é, de fato, enraizada na alma, e não há separação entre vontade e alma. A vontade se torna assim um espírito em Deus, uma veste da alma, a fim de que a alma na vontade se oculte em Deus, ainda que habite no corpo. A alma é na vontade ou na fé verdadeira e sincera uma filha de Deus, e habita em outro mundo.

Não se deve compreender esta vontade como sendo histórica, em que a Razão sabe que há nela um desejo por Deus, mas que mantêm este desejo

aprisionado na fraqueza, não permitindo que a vontade saia da alma e penetre na vida ou no mysterium de Deus. Esta Razão forma opiniões e envolve a vontade na desilusão, com a desilusão, a vontade não pode alcançar o mysterium de Deus. Ela permanece, desta forma, na desilusão, ou bem escondida na alma, direcionada para algo futuro, na medida em que a Razão mantém a vontade como uma prisioneira no desejar da carne, na magia sideral, sempre dizendo: "Amanhã tu sairás em busca do mysterium de Deus. Na verdade, não há faculdade individual de descoberta: esta idéia é enganadora. Do mesmo modo, não existe liberdade na desilusão, em que a vontade é capaz de penetrar e ver a Deus, de forma que a Razão possa se imaginar realizando alguma coisa e agradando a Deus.

Não há caminho mais perfeito do que tirar a vontade da Razão, ao invés de fazer a vontade buscar a si mesma; mas se lançar totalmente no amor e na vontade de Deus, desprezando a Razão pelo caminho. Embora estes tenham sidos grandes pecados e vícios perpétuos, aos quais o corpo se entregou, deveríamos, pela vontade unicamente, superá-los, valorizando o amor de Deus muito mais do que a corrupção do pecado. Deus não é Aquele que recebe pecados, mas Aquele que recebe a obediência e a vontade livre. Ele não tolera o pecado junto de Si, mas sim uma vontade humilde que deixa a casa do pecado e que não mais deseja pecar, que se afasta para fora ou além da razão, e entra no Seu amor, como uma humilde criança obediente: esta criança Ele recebe, pois é pura. Mas se a vontade ainda permanece na desilusão, fica circundada por esta desilusão, ela não é livre. Observe que Deus é em si livre do que é mal, a vontade também deve ser livre, pois assim será a imagem, semelhança e a própria possessão de Deus; Como o Cristo nos ensina: "Todo aquele que o Pai me der virá a mim e quem vem a mim eu não o rejeitarei" (João 6.37).

Compreendamos melhor, da seguinte forma: Sabemos e reconhecemos nas Sagradas Escrituras, assim como pela luz da natureza, que tudo procede do Ser eterno, o bem e o mal, o amor e a ira, a vida e a morte, alegria e tristeza. Não é por isso que podemos dizer que o mal e a morte vêem de Deus, pois em Deus não há morte e mal algum, e por toda eternidade nada do que é mal entra em Nele. A fúria vem unicamente do fogo da natureza, onde a vida é encontrada como na magia, onde cada forma de anseio deseja e desperta um outro anseio. Como conseqüência, surge as essências da

pluralidade, de onde maravilhas são geradas pela manifestação da eternidade em similitudes. É preciso dizer ainda, que na vontade de Deus é um desejo o que faz surgir a magia de onde floresce a pluralidade. Contudo, a pluralidade não é a própria vontade de Deus, esta é livre de todos os seres, mas no anseio da vontade a natureza é trazida à tona com todas as formas; assim, tudo surge do processo de desejo ou da magia eterna.

Sabemos que tudo aquilo que busca a vida, que se imagina no anseio e coloca sua vontade na natureza, é o filho da natureza e tem com ela uma única vida. Mas tudo aquilo que com sua vontade se afasta do anseio da natureza para aderir à vontade livre de Deus é conhecido e recebido pela vontade livre, é um espírito em Deus, e embora esteja na natureza, da mesma forma que a natureza foi gerada desde a eternidade na vontade de Deus, seu espírito-vida está fora da natureza, na Vontade-livre; por este intermédio, as maravilhas da natureza permanecem reveladas em Deus, ainda que não sejam o próprio Deus. Se o espírito da vontade da alma (a imagem) deixa a razão da natureza para adentrar a Vontade-livre de Deus, então o espírito da vontade é o filho de Deus, a natureza-espírito uma maravilha de Deus e a criatura se encontra introvertida em si mesma, como o próprio Deus. O espírito-razão ou sideral busca em sua magia, em seu centro de razão, as maravilhas da eternidade, com esse fim é que Deus criou a alma no corpo de outra natureza, embora a alma só seja apreendida na vida interior. O espírito da vontade busca a liberdade de Deus, onde é guiado no livre e divino mysterium pelo Espírito Santo, a fim de que a Divindade seja revelada no espírito da vontade, e na razão-espírito é revelada a magia da natureza com suas maravilhas.

Vemos então, que a alma é o centro onde o verdadeiro espírito da vontade, diferenciado da liberdade de Deus, passa a integrar esta liberdade divina, dentro do mysterium, possuindo também o espírito sideral através da conexão. S e a alma domina este espírito, não permitindo que opere nenhuma fraqueza, ela será capaz de conhecer as maravilhas siderais, que no espelho elemental foram feitas como substância, diante da Majestade de Deus e na vontade livre de Deus, a fim de que as maravilhas aparecessem na liberdade da Majestade Divina como uma semelhança da vontade de Deus. Não se deve pensar com isso, que a liberdade de Deus se mistura com as maravilhas da Natureza e com o que é semelhante, com intuito de ser

Um. Não; Deus permanece eternamente livre, ele habita nas maravilhas assim como a alma habita o corpo. Quanto menos o corpo estiver ligado à alma ou ao fogo da luz, menos a Natureza estará ligada à Divindade. Ainda que o fogo seja um ser e tenha, desde a eternidade, se separado em duas partes, em fogo e luz, entendendo por fogo a fonte da natureza e por luz o mysterium do espírito-vida sem uma fonte, o fogo também é um mysterium.

Assim, compreendamos que isto também se aplica ao homem. A alma é o fogo da verdadeira vida humana, que Deus soprou com seu espírito, da natureza eterna ou do centro de Deus em Adão. O espírito gerado do fogo da alma, formado pelo espírito de Deus à sua própria imagem, possui o mysterium divino, de onde a vontade do amor de Deus é gerada; de onde surge a magia ou desejo, para que o espírito da vontade anseie à Deus. Quando a magia divina surge, ou sai do mysterium oculto na liberdade de Deus, é como uma ramificação ou um crescimento no reino de Deus. É algo que cresceu do mysterium de Deus e opera na vontade de Deus, revelando as maravilhas na sabedoria de Deus. Nunca, ainda que em Deus, algo novo foi gerado sem ser eterno na sabedoria de Deus, que não tenha número ou fundamento, mas só no espírito da alma, este infinito e e eterno mysterium é revelado para maior glória de Deus e da própria alma, ou seja, para a alegria eterna da criatura.

Desde então, a ânsia corrupta e terrestre se mistura com as fontes siderais; a alma, na dolorosa queda de Adão, se imaginou, com sua vontade, nas estrelas, e na ânsia terrestre, introduzindo em si mesma a magia contrária; sua vontade foi quebrada e a imagem divina destruída. A celeste imagem divina do homem tornou- se terrestre, afim de que a vontade correta se voltasse para o espírito deste mundo, razão pela qual são geradas as estrelas. Se faz necessário agora, para a verdadeira imagem de Deus, destruída e tornada terrestre, que se torne outra e renasça. Não haveria sido encontrado remédio algum para esta imagem, se o Verbo do centro de Deus, que é a própria vida de Deus, não tivesse se tornado homem e dado um novo nascimento em si próprio à pobre alma, cuja imagem estava corrompida. Com isto um novo socorro foi prestado à verdadeira imagem, senão ela teria sido eternamente roubada da liberdade e majestade de Deus.

Sendo as almas procedentes de uma, todas tem sido geradas a partir da

raiz corrupta; contudo, desde que a nova vida regenerada no Cristo veio habitar a alma novamente, é preciso que lancemos nossa vontade na regeneração, através de Cristo. Pois em Cristo renascemos com nossas almas em Deus, alcançando mais uma vez a imagem. Depois da Queda, o mysterium em nossa alma, só permaneceu na magia da natureza cujo centro é um fogo. A imagem havia deixado a liberdade de Deus para adentrar uma outra magia, ou seja, o princípio externo. Ora, quando isto se quebra em pedaços no ser, a pobre imagem corrupta da alma fica nua, exposta, como uma criança perdida; a única coisa que ela pode despertar em seu próprio centro é a fonte do fogo ardente. Pois ela deixou o Verbo de Deus, ou o mysterium de Deus, para penetrar um espelho destrutível, o Espírito deste mundo, que tem um começo e um fim. É também por isso que o corpo da alma se tornou totalmente terrestre e uma oração à destruição e à morte.

Tendo Deus, através da graça, voltado seu amor a nós, dirigido a alma através de Cristo para a liberdade e enfraquecido o mysterium na imagem, a fim de que esta possa , mais uma vez, habitar em Deus ou no paraíso das maravilhas, se faz necessário que apartemos nossa vontade do outro centro, o da vida transitória, introduzindo-a na vontade livre de Deus. Para que tudo isto ocorra, não se faz necessário apenas uma história ou ciência, para que o homem possa dizer: “Eu acredito que seja...”, Eu sei e Eu desejo”, e continue com sua vontade mergulhada no princípio externo. Não, nas Escrituras vemos, “É preciso nascer de novo através da água e do Espírito Santo, para ver o reino de Deus” (Jo. 3.5). É preciso haver determinação, a vontade da razão deve ser quebrada, deve haver um movimento vivo da vontade que atravessa e luta contra a razão. E embora isto seja muito difícil para a alma, já que é muito corrupta, não há outro ou melhor remédio para ela do que se fazer de morta com toda sua razão e mente, se deixando envolver apenas pela misericórdia de Deus, a fim de que não haja mais espaço para a razão, para que Deus seja o mestre. Quando a vontade vence a razão, esta aparece como que morta, embora ainda viva. Ela se torna o servo da vontade reta, ainda que fora desta circunstância seria mestre. A vontade de Deus deve ser o mestre da razão, se é que a razão pretende realizar algum bem que subsista diante de Deus, pois este bem é feito na vontade de Deus e é extraído daquilo que tem seu princípio no eterno.

Ainda que não possamos afirmar que nossas obras ou conquistas durem

para sempre, com certeza seu reflexo ou sua imagem resistirá, embora permaneça, verdadeiramente, no ser. No mysterium isto tem o nome de magia divina, diante da sabedoria de Deus, contra a qual só o princípio externo se quebra. Pois, na imagem humana, nada mais é quebrado do que o domínio externo nos quatro elementos, agrupados, mais uma vez, em um. Também todas as cores e formas dos quatro elementos são reconhecidos com tudo o que são gerados. Portanto, um dia final de separação foi apontado por Deus na Natureza, quando tudo deve ser testado pelo fogo, seja gerado na vontade de Deus ou não, quando cada princípio irá colher suas maravilhas. Muitas obras do homem permanecerão no fogo, pois não foram geradas na vontade de Deus; em Deus não entra nada impuro (Ver. .7; .5). Tudo o que é gerado da outra magia não é puro.

Temos um exemplo disto na terra, que é corrupta. Se perguntarmos: Por que? A resposta é: Embora o diabo tenha sido criado um anjo, com sua criação ele e sua legião passaram a ocupar o Enxofre, ou o centro da Natureza, de onde a terra foi, mais tarde, criada. Foi ele quem excitou a ira na Natureza afim de que a terra tivesse uma ânsia impura e diabólica, ainda que esteja fechada na morte e reservada para a putrefação. Ela será então testada no fogo eterno, e voltará àquele estado anterior à criação, chamado na magia eterna de natureza eterna.

O QUE É O TRABALHO DA FÉ E COMO A VONTADE IRÁ ACOMPANHÁ-LA E TORNAR-SE SUA GUIA

Desde então tudo o que é gerado na natureza é compreendido na vontade de Deus; compreendamos com isso que nada pode adentrar a vontade de Deus, a menos que seja gerado ou feito na vontade de Deus; compreendamos claramente que precisamos nos entregar à vontade de Deus com toda nossa razão e mente, trabalhar com nossas mãos no mundo, buscando o alimento da fome, mas não colocar aí toda a nossa vontade, nem mesmo desejar acumular bens terrestres: pois onde estiverem a nossa vontade e o nosso coração estará também o nosso tesouro. Se nossa vontade estiver na vontade de Deus, teremos o Seu grande mysterium, de onde este mundo foi gerado, como semelhança. Assim, possuímos ambos, o eterno e o perecível e ainda mais; trazemos as maravilhas de nossas obras para o

mysterium eterno, pois elas buscam a vontade- espírito. Mas quando desviamos nossa vontade do eterno para o mysterium terrestre e consideramos o dinheiro nosso tesouro, a beleza do corpo a nossa glória, a honra e o poder a nossa jóia mais valiosa, então a nossa vontade fica prisioneira deste mysterium terrestre e nos agarramos somente ao espelho, não realizamos a liberdade de Deus. O espelho, que é o reino externo, será testado pelo fogo e a ira será separada do puro, pois a ira será uma queimação eterna.

Quando a razão se insere na mente da alma e em sua vontade-espírito, onde está a imagem de Deus e o verdadeiro homem dentro do espelho exterior, ou desejo hipócrita, de fato a imagem e o verdadeiro homem são feitos prisioneiros da razão e infectados com a magia exterior, que é aquele mesmo desejo hipócrita. A imagem usa esta substancialidade exterior, não só como uma mera vestimenta, trata-se de uma infeção e uma completa mistura. Pois, ainda que o fogo da alma não se mistura com o reino externo, a vontade-espírito da alma, que é a da magia, está misturada a ele, sendo a imagem de Deus destruída e transformada numa imagem terrestre, por onde o fogo-vida da alma permanece ardente, tendo uma imagem terrestre na vontade- espírito.

Quando o corpo se enfraquece e morre, a alma retêm sua imagem, que é a vontade-espírito. Ela está agora desligada da imagem corporal, pois na morte há separação. A imagem aparece então naquelas coisas que a vontade-espírito carregava consigo aqui, aquilo que a corrompia, já que possuem a mesma fonte. Aquilo que amou aqui, e que foi portanto seu tesouro e aquilo que a vontade-espírito adentrou; a imagem da alma também será confeccionada de acordo com essa vontade. Se durante sua vida um homem usou seu coração e sua mente com orgulho, esta mesma fonte irá sempre irromper na alma e na imagem, e está estará longe do amor e da bondade, que é a liberdade de Deus, não podendo assegurar ou possuir liberdade. Ao contrário, ela experimentará um tormento angustiante tão grande, na medida em que contínuas confecções se formaram, de acordo com as coisas terrestres que a vontade penetrou Isto irá cintilar no fogo da alma e fazer com que nasça nela o desejo de passar pelo fogo, pela bondade de Deus, pois não pode criar outra vontade. Ela não pode penetrar a liberdade de Deus, o santo mysterium onde poderá obter uma outra vontade,

ela vive só em si mesma. Ela não tem nada, nem pode almejar a nada, a não ser àquilo que tinha na vida interior e que permanece com ela. Isto também ocorre com o homem avarento que tem em sua vontade e imagem, a magia do desejo avarento. Ele sempre deseja ter muito para si e busca na vontade espírito, aquilo a que se associou na vida do corpo. Mas esta última o desamparou e seu ser não é mais terrestre, ele ainda carrega consigo a vontade e a pestilência terrestre, isto o atormenta tremendamente, mas ele não pode se apegar a mais nada.

Coisa pior ainda ocorre com a Falsidade, que o infeliz apregoou e com que amaldiçoou o falso homem pela sua opressão. Pois o que quer que tenha sido forjado na fraqueza foi causado por ele, segue à ele, pois foi forjado no mysterium da cólera. Portanto, a alma corrupta após a morte do corpo, cai nesta cólera e deve banhar-se nestas mesmas abominações. Se fosse possível usar a vontade para entrar no amor de Deus, ainda assim estas mesmas abominações e fraquezas a segurariam, pois produzem um desespero eterno, forçando a alma a se desesperar, renunciar à Deus e desejar unicamente surgir e viver naquelas abominações. Está passa a ser sua alegria: blasfemar contra Deus e seus santos, exaltando-se nas abominações, acima de Deus e do Reino dos céus, sem reivindicar ou ver nenhum dos dois.

Com isto, levamos o leitor a considerar o que é a vontade e a convicção, o mestre e o guia, que introduzem a imagem do homem, tanto no amor de Deus como na ira de Deus. Pois na vontade é gerada a fé verdadeira e reta onde permanece a nobre imagem de Deus; na fé, renascemos em Deus, através de Cristo, e obtemos novamente a nobre imagem que Adão perdeu e que Cristo trouxe novamente dentre a humanidade, com a vida de Deus.

A vontade falsa, mais que tudo, destrui a imagem, pois a vontade é a raiz da imagem, ela atrai o mysterium de Deus para dentro de si. O espírito do mysterium revela aquela bela figura e a reveste com o mysterium divino, que é a substancialidade de Deus; entendam por isso o corpo celeste de Cristo que nasceu de Deus através da amável e bem-aventurada virgem de sua sabedoria, e que enche o céu. Portanto, se nossa mente e vontade se concentrar nisto e se nossa vontade realmente desejar, ela se torna mágica e adentra o mistério. Se a vontade tiver fome, poderá comer do pão de

Deus; assim, o novo corpo cresce sobre ela, é a árvore abençoada da fé Cristã, pois todo corpo preza a si mesmo. Quando a alma recebe o corpo de Deus, que é tão doce e justo, como poderia não amar aquilo que lhe é dado por seu próprio mérito, que é o lugar onde habita e vive, e de onde extrai o poder para se alimentar e se fortalecer.

Nenhum homem deve se enganar e permanecer fixo em sua falsidade e injustiça, sentindo-se confortável com uma fé histórica, pensando: com certeza Deus é bom, sem dúvida irá me perdoar; Vou acumular riqueza, desfrutá-la bem, deixar a meus filhos muita honra e prosperidade e mais tarde me arrepender. Tudo isto é decepção pura. O que mais se acumula é falsidade e o que mais se atrai é a injustiça. Mesmo que isto seja feito com a melhor intenção e da forma mais correta, continua sendo terrestre, pois "tu afundastes teu coração e tua vontade num vaso terrestre, tu cobristes tua nobre imagem e infectastes a santidade que ela continha. Além do mais, tu deixastes como herança a teus filhos apenas o orgulho, a fim de que eles também coloquem sua vontade-espírito apenas nisto. Tu ainda pensas estar fazendo o bem a ti e a teus filhos, mas fazes a ti e a eles o pior". A vida exterior deve, verdadeiramente ter sustentação e não passa de um tolo aquele que dá o seus bens a perder. Mas muito mais tolo é aquele que se torna um homem fraco com os seus bens, colocando seu coração neles e levando muito mais em conta o prazer temporal, transitório do que o bem eterno que não tem fim.

A vida externa deve, verdadeiramente, ter sustentação; é tolo aquele que, voluntariamente, coloca seus bens a perder. Mas, mais tolo ainda é aquele que se torna mau por causa de seus bens, colocando seu coração neles, levando mais em conta o prazer temporal e transitório do que o bem eterno e duradouro, que não tem fim. Aquele que socorre os pobres atrai sobre se muitas bênçãos, pois estes desejam- lhe tudo de bom e oram a Deus para que Ele possa abençoá-lo em corpo e alma. Este desejo e benção entram, com o doador, no mysterium que o rodeia e o segue como uma boa obra nascida em Deus. Este tesouro o homem leva consigo, o terrestre não. Pois quando o corpo morre a imagem entra no mysterium, ou seja, ela é revelada no mysterium de Deus, já que durante o período da vida terrestre o princípio externo foi o seu revestimento. Com a morte do corpo este revestimento cai e o mysterium divino aparece na imagem e dentro dele

toda boa ação e obras geradas pelo amor na vontade de Deus.

O desejo e a oração de todos os bons filhos de Deus permanecem no mysterium e os unem à imagem, pois os filhos dos pobres a quem ajudaram em suas necessidades e atribulações enviaram sua vontade, em suas orações, ao mysterium de Deus e ali se juntaram ao seu Consolador e libertador, abrindo-lhe um caminho no mysterium divino. Assim, quando este benfeitor entra no mysterium e sua vida terrestre é eliminada, todas as coisas são reveladas, se juntando umas as outras e com a vontade que as direcionou.

Tudo isto será reservado para o julgamento de Deus Espírito Santo no mysterium, quando cada homem irá colher o que tiver plantado aqui neste campo. Tudo irá então florescer numa nova terra celeste, em que o homem irá cobrir sua imagem divina com o corpo do mysterium perfeito de Deus; e diante dele, diante de sua imagem corporal, verá sua retidão e compreenderá porque é tão justo. Ele conhecerá sua causa, regozijar-se-á eternamente e modelará sua canção de louvor à honra e magnificência de Deus. Por outro lado, a multidão ímpia terá desprezo, inveja, orgulho, malícia; amaldiçoará os pobres em seu mysterium se unindo na ira, e estes irão seguí-la. Assim, sempre saberão a causa de seu tormento e serão portanto eternos inimigos de Deus e de Seus filhos.

A multidão descrente não pode, agora, apreender tudo isto, porque não há neles a vontade que deseja compreender; o ser terrestre os mantêm atados, a fim de que não adquiram uma vontade no mysterium de Deus. Diante de Deus eles são como os mortos, não há o sopro da vida divina em neles. Nem eles tampouco o desejam, pois estão trancados no mysterium da ira de Deus, a fim de que não conheçam a si mesmos. Não foi Deus quem fez isto a eles, mas eles mesmos penetraram e se afundaram neste estado, por sua própria vontade-espírito; desta forma, correm como homens loucos. Ainda que o tesouro esteja oculto dentro deles, no centro, no princípio divino e ainda que possam, muito bem, superar o ser terrestre e a fraqueza e penetrar a vontade de Deus. Eles permitem, intencionalmente, que a ira os tomem, pois o orgulho e a honra própria os satisfazem perfeitamente, e é isto que os aprisionam.

Mas após esta vida, não há mais remédio para eles. Quando o fogo da

alma é exposto e ardente ele só pode ser apagado por nada menos que a bondade de Deus, ou seja, pela água da vida eterna no mysterium de Deus. Mas ninguém se preocupa com isto, pois há um grande abismo entre eles, ou um principio inteiro. Mas nesta vida, enquanto a alma ainda nada e queima no sangue, tudo é possível, pois o Espirito de Deus voa nas asas do vento. Deus se tornou homem, o Espirito de Deus penetrou a alma com a vontade, ele deseja a alma, ele coloca sua magia em direção à alma; a alma precisa unicamente abrir a porta e ele irá entrar, voluntariamente, para desvelar o nobre grão da árvore da fé Cristã.. Esta é porém, a parte mais dolorosa, a mais difícil de ser compreendida pelo homem: a necessidade de ter o espírito de sua vontade guiado para fora de seu tesouro terrestre, fora do orgulho, da avareza, da inveja, da ira e da falsidade, que ameaça o Espírito de Deus. Sua boca não pode ser um dissimulador e nem a sua vontade e seu coração permanecer fixo no mysterium terrestre: ele deve ser sério desde o fundo de sua alma e de seu coração; a vontade deve se voltar para o mysterium divino, chamado o amor de Deus, a fim de que o Espirito de Deus possa ter espaço e lugar em nele para soprar a pequena centelha divina. Não há outro remédio e o fingimento não serve para nada.

Um homem pode decorar as Escrituras e se sentar a vida inteira numa igreja, mas mantém na imagem de sua alma um homem bestial e terrestre que só tem falsidade em seu coração, sua vontade dissimulada não serve para nada. Um sacerdote que age externamente de acordo com o mysterium de Deus, mas que não tem a imagem de Deus dentro de si, e ainda se sustenta unicamente na honra e avareza, é um recinto para o demônio, um dos mais egoístas, pois é apenas um impostor que se utiliza do mysterium de Deus, além de ser um ilusionista sem poder. Ele mesmo não possui o mysterium de Deus, como então irá oferecê-lo aos outros? Trata-se de um falso pastor, e um lobo entre as ovelhas. Pois todo aquele que carrega o mysterium de Deus, ou seja, que o despertou e dele se rodeia, é guiado pelo espírito de Deus, ele é o sacerdote de Deus, pois prega a partir de Deus. Nenhum homem pode ensinar corretamente, a não ser que ensine a partir do mysterium de Deus. Mas como irá ensinar aquele que esta fora dele? Não irá ensinar a arte e razão terrestre? E no que isto afeta o mysterium de Deus? Ainda que a razão seja algo nobre, sem o Espirito de Deus ela é sega. Pois o Cristo diz: “Sem mim não podes fazer nada” (Jo 5.5). “Aqueles a quem o espírito de Deus guia são os filhos de Deus (Rom. 8.4). Aquele que

sobe ao aprisco por outro caminho e não através do espírito de Cristo é um ladrão e um assassino e veio apenas para roubar em benefício próprio (Jo. 0.). Ele não alimenta as ovelhas, mas as devora como um lobo.

É desta forma que devemos compreender a árvore da fé Cristã. Ela deve ser viva e não como uma história ou ciência morta. O verbo da vida deve dar à luz um homem na imagem, a fim de que a alma possa conter a imagem de Deus, ao contrário não será filho de Deus. Não há porque ser hipócrita ou renovar esperanças, pois enquanto o homem carregar unicamente a imagem terrestre em sua alma, ele estará fora do mysterium de Deus. Ainda que pense: Eu irei, de fato me converter um dia, mas antes irei juntar o suficiente para mim, para que não fique necessitado e para que os negócios terrestres não fiquem no meu caminho mais tarde. Não, este é um truque demoníaco. Mas é através da perseguição, da cruz, da tribulação, do desprezo e do desdém que devemos adentrar o reino de Deus. O demônio mantém seu controle na imagem terrestre e ridiculariza os filhos de Deus em seu trono de orgulho, quando estes tencionam escapar de suas garras. Portanto, a multidão fraca serve o demônio e o ajuda a realizar sua obra.

O homem que deseja chegar à Deus não deve levar nada disso em conta. Deve considerar que está num país estranho, entre assassinos e que é um peregrino a caminho de sua verdadeira terra natal. Ele cai em meio aos assassinos que o atormentam e o roubam, mas se ele suporta o bastante para preservar sua nobre imagem, suas posses são suficientes; como retorno ele receberá o mysterium celeste, onde tudo reside e do qual este mundo não passa de um espelho. Tolo é aquele que toma o reflexo de um espelho como um ser substancial, pois o espelho se quebra e seu amante fica privado de sua existência. É como alguém que constrói sua casa na areia perto das águas que, aos poucos, a levam embora. O mesmo acontece com a esperança terrestre.

Ó, filho do homem! Nobre criatura, não ceda ao poder. Irá te custar o reino eterno. Busca a ti mesmo e te encontrarás, mas não no reino terrestre. O homem encontra realmente, o reino de Deus, quando penetra e se encerra no divino e celeste mysterium. Toda a pompa deste mundo é nada se comparada com a beleza celeste, não vale a pena que um homem fixe seu

amor nela, mesmo quando se chega à conclusão de que Deus também a tenha criado.

Compreendam-me: o homem exterior manifesta as maravilhas da natureza exterior, ou seja, no mysterium exterior, tanto fora da terra como acima da terra. Tudo o que as estrelas possam fazer e que a terra contém em si, tudo isto o homem tem que expressar em maravilhas, formas e seres, de acordo com o modelo eterno, como é visto na sabedoria de Deus antes dos tempos do mundo. Mas sua vontade não deve ser colocada aí, e nem considerar tudo isto seu tesouro, deve apenas usar estas maravilhas para seu ornamento e deleite. Com seu homem interno , deve trabalhar no mysterium de Deus, então o espírito de Deus também irá auxiliá-lo na busca e encontro daquilo que lhe é destituído.

Desde a dolorosa queda, temos sido tão corruptos que nossa mente voltou-se do mysterium celeste para o mysterium terrestre, ou espelho. Desta forma, metade de nós está morta. É fundamental portanto, que tiremos nossa mente e vontade do brilho terrestre e busquemos, em primeiro lugar, a nós mesmos antes do adorno terrestre, e que aprendamos primeiro a reconhecer onde está a nossa casa, e não tornar nossa mente terrestre.

Pois o homem, embora esteja na imagem de Deus, ainda possui uma vida ternária. Mas quando perde a imagem de Deus, fica apenas com uma vida binária, sendo a primeira aquela da alma que surge no fogo da natureza eterna. Ela permanece liderando em sete formas, todas de acordo com o espírito da natureza. A segunda vida permanece na imagem que procede da fonte da natureza eterna, chamada o fogo da alma, cuja imagem permanece na luz, numa outra fonte e tem seu espírito vivo, assim como o fogo e a luz. Pois a fonte da luz não é a mesma fonte do fogo, ainda que a luz proceda do fogo; e por fonte da luz compreendemos o espírito suave, puro e agradável e por fonte do fogo a sua causa. Vemos que do fogo surge o ar, que é o espírito, e sabemos que o ar está nas quatro formas; um seco, de acordo com a ferocidade do fogo, e um úmido como a água da atração adstringente. Um terceiro é suave, procedente da luz e o quarto é procedente do terror do fogo feroz.

Em segundo lugar, compreendemos a outra água no terror-brando, na

qual a fonte afunda através da mortificação e na morte se torna como se não fosse nada, pois no nada a liberdade eterna, que é o abismo eterno da eternidade, é alcançado. Quando a luz impalpável está afundando e olha para a eternidade, afundando cada vez mais, o poder da luz desabrocha na luz e isto é vida vindo da morte enterrada, pois a ira do fogo permanece na fonte feroz ,da água feroz e não adentra a morte. Isto não pode ocorrer porque pois a ferocidade é a vida almejante mais forte que não pode morrer e não pode atingir a liberdade eterna, pois é chamada e permanece sendo a vida da natureza, para sempre. Ainda que também se possa encontrar uma natureza na vida da luz, ela não é dolorosa ou hostil como na origem da natureza, com relação à nomenclatura que Deus dá a si mesmo: a de Deus irado e ciumento. Pois na fonte da luz a água que através da morte afundou na liberdade, se torna uma fonte e água da eterna vida de júbilo. Onde o amor e a bondade fluem eternamente para cima, não afundando mais, mas desabrochando e sendo um paraíso. O movimento gerado na fonte da água é conhecido como Elemento, este é o elemento puro no mundo angélico. A causa do fogo na luz é o eterno firmamento onde o eterno conhecimento de Deus é manifestado em sabedoria, do qual podemos reconhecer uma similitude no firmamento exterior e nas estrelas. Compreendemos que a luz, em todas as formas, é mestre, pois ela possui bondade e é uma vida gerada através da morte amarga, ou da fonte de angústia na queda. O poder da luz desabrocha na luz e isto significa vida surgindo da morte putrefata, pois a ira do fogo permanece na fonte ígnea da água que não penetra a morte. Isto não seria possível, pois a é a vida forte que não pode morrer e não pode alcançar a liberdade eterna, já que é chamada de vida natureza, permanecendo assim para que sempre se encontre natureza na vida luz, não se trata de nada hostil ou doloroso como na origem da natureza, com referência ao que Deus chama a si mesmo de Deus irado e ciumento. É que na fonte da luz, a água que, através da morte encontra a liberdade, torna-se uma água fonte de vida e alegria, onde o amor e a bondade fluem eternamente para cima. Não se trata mais de afundar, mas de um desabrochar chamado paraíso. Este mover-se para fora da fonte da água é conhecido como Elemento, um elemento puro no mundo angélico. O fogo na luz é o eterno firmamento em que o conhecimento eterno de Deus é manifestado na sabedoria, da qual vemos uma semelhança no firmamento externo e nas estrelas.

Percebemos assim, dois mundos, um dentro do outro, sendo que um não compreende o outro; um na ira da natureza feroz, na água da venenosa e angustiante fonte, onde habitam os demônios; outro na luz, onde a água da luz se afundou e ressurgiu da angústia, rumo a liberdade eterna; isto a água venenosa não pode conseguir ou se apoderar; a única coisa que separa estes dois mundos é a morte, dividindo-os em dois princípios, em duas vidas: a vida da ira e a vida do amor, onde a vida é conhecida como a verdadeira vida em Deus. É por esta razão que Deus se tornou homem, pois com Adão, saímos desta (luz) vida e penetramos na vida (mundo) exterior. Ele teve que, através de Sua morte, nos trazer de volta da fonte feroz, fora da vida de angústia e voraz, passando pela morte, rumo a vida de luz e de amor. Embora o portão da morte estivesse, de fato, fechado ,na ira da alma humana,(já que a alma estava na fonte de angústia na natureza interna, no fogo do veneno, que é a água da angústia), o Senhor Cristo quebrou o lacre da morte, e com sua alma humana desabrochou da morte, na luz de Deus e de sua vida-luz mantém a morte capturada. Isto tornou o demônio um escárnio. Pois com este lacre, Lucifer pensou ser mestre e príncipe todo poderoso da ira; mas quando o lacre foi quebrado, o poder da Divindade na luz destruiu o seu reino. Lá se manteve um servo capturado, pois a luz de Deus e a água da bondade são a morte para ele, pois através destes dois elementos a ira é eliminada.

Desta forma, a luz e o amor penetraram a ira com o elemento paradisíaco e a água da vida eterna, a ira de Deus foi extinta. Por esta razão Lucifer permanece consigo mesmo, como uma fonte de fogo angustiante e repleta de ira, em que seu corpo é um veneno e uma fonte de água venenosa. Ele perdeu a confiança do fogo de Deus, caindo na matriz da natureza eterna, a áspera adstringência que gera as trevas eternas. Ali ele leva adiante o governo externo no Mercúrio angustiante; não passa de um desgraçado ou banido, aquele que em sua origem foi um príncipe. Falamos não mais do que um vilão executor e infame ,que na ira de Deus tem que ser como um carrasco que pune o mal quando é ordenado pelo seu Senhor. Ele não tem poder para nada mais além disso, embora ainda seja um enganador que gostaria de por as mãos em muitas coisas, para que seu reino se tornasse grande: ele quer ter muito para não ser um escárnio. Da mesma forma que pensa uma prostituta, “se houver muitas prostitutas pelo menos eu não serei a única, mas como tantas outras”, ele também deseja uma grande tribo para

que assim possa zombar de Deus. O demônio sempre culpa a Deus por sua queda, dizendo que a ira de Deus o sugou e o confiou a tal vontade de orgulho, incapaz de resistir. Ele pensa que se pelo menos pudesse levar muitos consigo, muitos daqueles que fazem o mesmo que ele, seu reino cresceria e todos poderiam amaldiçoar a Deus, tentando se justificar. Sua força e seu deleite em sua obscura e amarga angústia, é nunca poder eliminar o fogo de dentro de si e voar sobre os tronos. Ele ainda se diz senhor e rei, e ainda que seja mau, é o senhor de sua legião, na ira de suas criaturas. Mas com a ira fora de suas criaturas, ele não tem poder de agir, ali tem que permanecer como um cativo impotente.

É preciso compreender que, a vida humana tem duas formas, uma de acordo com o fogo da natureza, outra de acordo com o fogo da luz, onde queima o fogo do amor, onde a nobre imagem de Deus aparece. A vontade do homem deve penetrar a vontade de Deus; assim, ele passa pela morte de Cristo e com a alma de Cristo penetra a liberdade eterna de Deus, na vida de luz, permanecendo ali com Deus em Cristo. A terceira forma de vida é a vida exterior criada pelo mundo, pelo sol, estrelas e elementos; o espírito de Deus soprou esta vida nas narinas de Adão, com o espírito do mundo maior, quando ele também se tornou uma alma exterior, que nada no sangue e na água e queima no fogo ardente e exterior, ou calor.

Esta vida exterior não penetra a imagem, ou a vida interior; nem a imagem permite que ela penetre a luz interior (que brilha através da morte e com seu poder desabrocha na liberdade eterna) pois a vida exterior é apenas uma similitude da vida interior. O espírito interior deveria apenas manifestar as maravilhas eternas no espelho exterior (como a sabedoria de Deus estava por traz da magia divina) e trazê- las a um espelho figurativo, ou seja, um espelho maravilhoso para a honra de Deus e satisfação do homem interior, gerado de Deus. Mas sua vontade não deveria penetrá- lo trazendo as maravilhas externas para a imagem, como reconhecemos agora com grande pesar, que o homem traz para sua mente e imagina um tesouro terrestre que destrui a imagem pura de Deus de acordo com o segundo princípio.

Em seu atual estado, a vontade-espírito do homem penetra o ser terrestre introduzindo ali o seu amor; sua imagem reside no ser terrestre, ou seja,

penetra o tesouro ou vaso terrestre. A imagem em tal imaginação, também se torna terrestre e passa novamente pela morte, perde Deus e o Reino dos Céus, pois sua vontade- espírito permanece fixo no seu amor pela vida externa. A vida externa precisa morrer e ser rompida, a fim de que o homem crie a imagem tal como possa parecer o reino interno, seu espírito-vontade irá então, permanecer com seu amor nas maravilhas externas; com a morte da vida exterior ele irá trazer estas imagens diante do julgamento de Deus. Ali o espírito-vontade terá que passar através do fogo e pelo fogo sua imagem será testada. Tudo o que for terrestre deve ser queimado e banido da imagem, pois esta deve ser pura, sem manchas. Assim como a luz subsiste no fogo, a vontade-espírito também deve subsistir no fogo de Deus, e se ela não pode passar desobstruída através do fogo de Deus e através da morte, esta mesma imagem da alma será lançada nas trevas eternas.

Esta é a dolorosa queda de Adão, ele colocou sua vontade-espírito na vida exterior, no princípio externo, na ânsia falsa, e se imaginou na vida terrestre. Com isto, saiu do paraíso que, através da morte, desabrocha no segundo princípio, no Exterior, ele penetra então a morte. Teve portanto que morrer, para que sua imagem fosse destruída. Isto nós herdamos de Adão. Mas herdamos também a regeneração do segundo Adão, o Cristo, devemos penetrar a encarnação de Cristo e ir com ele em sua morte, e com ele, da morte, desabrochar no mundo paradisíaco na eterna substancialidade da liberdade de Deus.

Compreendemos que tudo ocorreu por causa da luxúria; a corrupção surgiu da luxúria, e continua surgindo. A luxúria é um imaginar em que a imaginação se insinua em todas as formas da natureza, a fim de que fiquem impregnadas com a coisa da qual surge a própria luxúria. Com isto compreendemos o espírito exterior do homem, que é similar ao interior. Ele cedeu à luxuria diante da imagem pura e por causa disto, fixou sua imaginação no interior, ocasião em que foi tentado. Como ele não caiu morto imediatamente, deu espaço em sua vontade-espírito para o exterior. Assim o exterior encontrou abrigo no interior e acabou por se tornar dono da casa, obscurecendo o interno, a fim de enfraquecer a imagem pura. A imagem pura caiu entre assassinos, ou seja, entre os espíritos cruéis da natureza e da origem da vida. Isto manteve a imagem cativa e extraiu dela o manto do paraíso, deixando-a meia morta.

Houve a necessidade de um Samaritano, o Cristo. Foi por isto que Deus se tornou homem. Se a ferida pudesse ser curada através de uma palavra ou uma palavra de perdão, Deus não teria se tornado homem. Mas Deus e o paraíso estavam perdidos e mais que tudo, a nobre imagem havia sido destruída e desolada; ela precisava ser regenerada a partir de Deus. Portanto, Deus veio com seu Verbo que é o centro da vida de luz, e se tornou carne, a fim de que a alma pudesse novamente receber uma morada paradisíaca e divina. Compreenda que como a alma de Adão havia aberto a porta das essências ígneas, deixando entrar a essência terrestre (cuja fonte se insinuou na imagem paradisíaca tornando-a terrestre), então o coração de Deus abriu a porta das essências de luz e cobriu a alma com um corpo celeste, e assim as essências do corpo santo foi imaginado diante da imagem, diante das essências da alma. A alma foi então, mais uma vez impregnada, para que com sua vontade- espírito entrasse através da morde na vida-paraíso. Veio então a tentação de Cristo; Ele foi tentado para se verificar se a alma comeria do Verbo do Senhor, podendo, através da morte, penetrar a vida de Deus. Isto finalmente se realizou na árvore da cruz, quando a alma de Cristo passou pelo fogo da ira, pela fonte externa, pela morte e desabrochou no mundo paradisíaco santo, onde Adão foi criado. Com isto, nós homens fomos auxiliados mais uma vez.

Portanto, se faz necessário, tirarmos nossa vontade, mente e coração de todas as coisas terrestres e colocá-los no sofrimento, no processo de morte, na morte e ressurreição de Cristo; crucificar continuamente o velho Adão com a morte de Cristo e morrer, continuamente, com o pecado na morte de Cristo; com Ele ressurgir sempre da angustia da morte num novo homem, desabrochando na vida de Deus. Não há outro remédio senão este. É preciso morrer para o mundo terrestre em nossa vontade, e renascer, continuamente, na fé para o novo mundo na carne e sangue de Cristo. Devemos nascer da Carne de Cristo se é que pretendemos ver o reino de Deus.

Não é nada fácil ser um verdadeiro Cristão, é uma das coisas mais difíceis. A vontade deve se tornar campeã, lutando contra a vontade corrupta. A vontade deve sair da razão terrestre e mergulhar na morte de Cristo, na ira de Deus e como uma valiosa campeã, interromper o poder da vontade terrestre. Para tanto, é preciso ousar de tal forma que a vontade interrompa a vida terrestre no homem; que ele não desista até que tenha

interrompido sua vontade terrestre. Esta é, de fato, uma guerra onde dois princípios lutam para obter domínio. Não há dúvida: tem que haver determinação na luta pela coroa cavalheiresca, e nenhum homem a conquista se não for vitorioso. Ele tem que interromper o poder da vontade terrestre, apesar de ser incapaz de fazê- lo com sua própria força. Mas, se ele se retirar da razão terrestre com sua vontade interna, ele irá mergulhar através da morte de Cristo, através da ira de Deus, no mundo paradisíaco, na vida de Cristo, apesar de toda oposição do Espírito das Trevas. É preciso tornar sua vontade como que morta; assim irá viver para Deus e mergulhar no amor de Deus, embora ainda viva no reino exterior.

Mas eu falo da coroa cavalheiresca que o homem irá receber no éden assim que nele penetrar. Lá, a nobre semente está plantada e o homem recebe o mais precioso bem do Espírito Santo que passará a guiá-lo e a orientá-lo. Mesmo que, neste mundo, ele tenha que caminhar num vale de trevas onde o mal e a fraqueza do mundo sempre o ataquem e freqüentemente lançam o homem exterior em abominações encobrindo assim, o nobre grão de semente de mostarda; ainda assim, o Espírito Santo não permitirá que ele seja recapturado, mas que desabroche, e que cresça dali uma árvore no Reino de Deus, não importa todo o barulho e armadilhas do demônio e de seus seguidores. Quanto mais a nobre árvore de pérolas for podada, mais vigorosa e potente ela crescerá. Ela não se deixará ser suprimida, mesmo que isso custe a vida exterior.

Portanto, minha cara alma, investigue corretamente a árvore da Fé Cristã. Ela não pertence a este mundo. Ela deve estar, de fato, dentro de ti, mas tu e a árvore devem estar com Cristo em Deus, de forma que este mundo apenas paire sobre ti, assim como pairou sobre o Cristo. Que não se entenda com isto, que este mundo não vale nada e que não tenha proveito diante de Deus. É o grande mysterium e o homem foi criado neste mundo como um sábio administrador, para que pudesse desvendar todas as suas maravilhas (que se encontram eternamente no enxofre, de onde foi criado este mundo, suas estrelas e elementos) e dar a elas formas, corpos e imagens, de acordo com sua vontade, para sua satisfação e glória.

O homem foi criado inteiramente livre, sem lei alguma. Ele não tinha outra lei senão a lei- natureza, pela qual não podia misturar um elemento

com outro. O homem interior não deveria permitir que nada terrestre penetrasse seu interior, mas deveria governar poderosamente o princípio externo. Nunca a morte e sua agonia deveriam ter penetrado o homem, nem os quatro elementos externos deveriam tê-lo tocado. Pois a nobre imagem que deve subsistir no fogo, é a mesma que deve governar todo o homem, através dos três princípios, e governar tudo, e tudo preencher com a fonte do paraíso.

Mas como isto não pode ser e a carne se tornou terrestre, devemos agora ser gerados na fé, já que a vida terrestre, de fato, encobre a verdadeira vida. Devemos portanto vestir o correto traje da Esperança, colocar nossa vontade na esperança e sempre trabalhar na árvore da fé, para que ela dê seus frutos, o abençoado amor para com Deus e nossos semelhantes. Um homem deve ser bom, não só por sua causa, mas também para que com seu exemplo e vida possa reparar seu semelhante. É preciso considerar que ele é uma árvore no reino de Deus, podendo carregar o fruto de Deus, crescer no campo de Deus, para que seu fruto seja colocado na mesa de Deus, e para que ele possa revestir suas obras e maravilhas com o verdadeiro amor, caminhando no amor que pôde trazê-lo para o reino de Deus. Pois Deus é um espírito, e a Fé também é um espírito em Deus e Deus se tornou homem em Cristo. O espírito de Fé também se fez homem em Cristo. A vontade-espírito vive em Deus, pois é um só espírito com Deus, e com Deus opera obras divinas. Ainda que a vida terrestre encubra o homem, a fim de que ele não conheça as obras que gerou com a fé, com a destruição da vida terrestre elas se manifestarão, pois a esperança é seu santuário e um mistério no qual as obras da fé são conhecidas e preservadas.

Como o homem possui uma vida ternária, cada vida é um mysterium para a outra; cada uma deseja a outra. É com este fim, que o mundo e todos os seus Seres foram criados, pois a essencialidade divina deseja o espelho ou a similitude. Este mundo é uma similitude, de acordo com o ser de Deus, e Deus é revelado numa semelhança terrestre. Pois, as maravilhas do segredo oculto podem não ser reveladas no mundo angélico, na origem-amor. Mas neste mundo, onde o amor e a ira estão misturados, onde há uma genetrix binária, sim. Pois todas as coisas se originam da raiz ígnea, mas são rodeadas pela água da doçura, a fim de se tornar um ser de amor. Mas, já que no mundo angélico o fogo não é conhecido, uma vez que o centro da

genetrix permanece na luz e é a palavra de Deus, as maravilhas da natureza não podem se manifestar, a não ser por uma magia espiritual, ou seja, precisam ser vistas na sabedoria de Deus. Mas como isto é quase impossível para os anjos e para as almas dos homens assegurar, e como Deus quer ser conhecido dos anjos e dos homens, o mundo angélico anseia que as grandes maravilhas os conheçam, pois desde a eternidade estão na sabedoria de Deus. Na similitude terrestre isto ocorre em substância, formas e imagens, todas de acordo com as essências eternas do centro da natureza, a fim de que assim as maravilhas possam resistir para sempre. Não essencialmente, mas em figuras, imagens, similitudes e formas. A magia, de acordo com a vontade geradora, está no centro das maravilhas, pois foi certa vez despertada do fogo, mas ela será engolida novamente no mysterium e permanecer como uma vida oculta. Portanto, todos os seres devem se manifestar como uma imagem no mundo angélico, mas somente aqueles que na vontade de Deus foram inseridos no mysterium. Pois há dois mistérios eternos, um no amor, outro na ira. Onde quer que a vontade-espírito se insira com suas maravilhas, lá estará também todas as suas obras e maravilhas.

Da mesmaforma portanto, precisamos saber que oexterno deseja veementemente o interno, pois tudo se volta para o centro ou origem, aspirando a liberdade. Pois, no fogo da natureza há angústia e tormento; ora, a formação ou imagem da bondade na fonte do amor deseja ser livre, e ainda não pode ser livre na fonte das essências ígneas, até chegar o tempo em que as fontes se dividirão na ruptura: então cada uma passará para seu mysterium. Da mesma forma, o fogo quer ficar livre da água, pois a água é também a morte do fogo, e também um mysterium para ele. Vemos aqui, como a água mantém o fogo cativo, ainda que não haja mortificação no fogo, mas somente um mysterium, como pode ser visto quando ele rompe na água e se manifesta, quando se revela do centro de sua geração. Isto pode ser observado na iluminação, e também reconhecido numa pedra, que é água. Vemos contudo, como que todas as formas da natureza desejam a luz, pois neste desejo é gerado o óleo em que a luz se torna conhecida, ela que tem origem na bondade.

Nossa vida deve ser assim, conhecida de nós, ou seja, que em nós o centro do fogo permaneça aberto, pois a vida queima no fogo.

Consideremos então, o desejo pelo amor que tem origem na palavra da vida, no mundo angélico onde o coração de Deus com seus desejos, permanece voltado para nós com sua concepção, que também nos atrai para o mysterium divino.

É preciso ainda considerar o reino mágico deste mundo, que também queima em nós e nos atrai veementemente para suas maravilhas, pois deseja se manifestar. O homem foi criado para este fim: revelar o mysterium e trazer as maravilhas à luz e à forma, de acordo com a sabedoria eterna. Sabendo que este é o seu papel e que assim queima num fogo ternário, o verdadeiro espírito, onde a imagem angélica habita, possui uma grande inquietação e corre grande perigo, pois caminha numa via bastante estreita e possui dois inimigos que lhe atraem continuamente, cada um deles deseja estar na imagem e introduzir ali sua fonte. Trata-se do fogo interno e do fogo externo; o reino interno da ira e o reino terrestre externo do espelho. Assim, a verdadeira imagem permanece no meio, comprimida. Pois o reino interno deseja manifestar as maravilhas através do reino externo, mas por ser bastante astuto o reino externo esquiva-se do reino interno, se contendo no meio, ou na imagem, que permanece na liberdade de Deus, deixando-se rodear pela imagem. A imagem tudo alcança fora do coração de Deus, assim como o centro do reino do contentamento. A imagem tem que se defender, para não deixar entrar o hóspede terrestre, muito menos um que seja ígneo, ainda que seja gerada do dois, ou seja, a vida do fogo e as maravilhas da vida externa. Portanto é extremamente necessário para a imagem do homem ter uma vida temperada e tranqüila e não se saturar do reino externo, o que a impediria de habitar a nobre imagem.

Com isto compreendemos a grande luta do homem pela imagem de Deus, pois há três vidas lutando por ela; a vida-ígnea externa; a vida divina e por fim, a vida terrestre. A nobre imagem permanece ao meio, sendo disputada pelas três.É preciso então, se ocultar na fé, no mysterium da esperança e permanecer firme neste mysterium, visto que o diabo na vida-ígnea interior se escapa continuamente para a vida terrestre exterior, na forma de orgulho, falsidade e avareza, encobrindo a nobre imagem, podendo trazê-la para uma vida de fogo e angústia, o que seria a sua interrupção. Ele sempre pensa que o espaço deste mundo é seu reino; que ali ele não sofrerá outra imagem. Ora, a nobre imagem cai em sofrimento, tribulações, angústia e aflição, e

neste ponto um grande conflito ocorre, pela luta de conquistar a coroa cavalheiresca da imagem de Deus. Assim surge a oração para que a imagem possa sempre sair, com ela, do ser terrestre, e também fora do orgulho, das abominações infernais, que penetram continuamente a vida de Deus e seu Amor. Desta forma a verdadeira imagem mata continuamente o Adão terrestre assim como o abominável mal do orgulho; ela deve permanecer sempre como uma campeã. A coisa mais necessária para a imagem é se envolver de paciência, se atirar à cruz e sempre brotar no amor, que é a sua espada, com a qual mata o mal e se retira da natureza terrestre. Não há outra espada com que se defender senão a doce água da vida eterna; esta o orgulhoso e terrível espírito-ígneo não abomina, pois é como veneno que o coloca em fuga.

Se desejamos justamente, fazer com que a árvore da fé Cristã seja conhecida, devemos dizer: Sua raiz se encontra no mysterium da esperança, ela cresce no amor e seu corpo na manutenção da fé, que é quando a imagem, com o seu mais puro desejo, penetra no amor de Deus e alcança a subistancialidade de Deus, ou seja o corpo de Cristo. Este é o corpus onde a árvore se sustenta, cresce, floresce e frutifica na paciência. Todos estes frutos pertencem ao mundo angélico, eles são o alimento da alma; é deles que a alma se alimenta e refresca sua vida ígnea a fim de que se transmute para luz de bondade.

Assim cresce a árvore no paraíso de Deus, uma árvore que o homem exterior não conhece, e que razão alguma alcança, mas muito bem conhecida da nobre imagem. Quando a vida externa é interrompida, a árvore se manifesta e todas as suas obras a seguem no mysterium da esperança onde foi semeada. Portanto, aqueles que pretendem seguir o caminho dos peregrinos de Deus, não busquem ter, neste mundo, dias bons e prazeirosos, repletos de honras terrestres; mas tribulação, escárnio e perseguições o esperam a cada minuto. Aqui ele está apenas num vale de miséria e deve permanecer continuamente na guerra, pois o demônio o ataca como um leão que ruge, e incita todos os seus filhos da fraqueza contra ele. Ele é considerado um tolo, um estranho ao seu irmão, a casa de sua mãe o despreza e o rejeita. Ele passa por tudo isto, semeia na tribulação, sofre angústias, mas não há ninguém que o compreenda ou que tenha seu coração tocado. Todos dizem que sua loucura é sua ruína. Assim ele

permanece oculto ao mundo, pois com sua nobre imagem ele nasceu, não do mundo, mas de Deus. Ele semeia na dor e colhe na alegria. Mas quem poderia expressar a glória com que é recompensado? Ou quem ousaria falar sobre a coroa cavalheiresca que lhe pertence? Quem poderia expressar a coroa virginal que a virgem da sabedoria de Deus coloca sobre ele? Onde estará tal beleza que vai além do Céu? Ó nobre imagem! Tu és, de fato, a imagem da Santa Trindade onde o próprio Deus habita. Deus coloca sobre ti suas jóias mais preciosas, para que tu te regozije eternamente Nele.

Qual é então, a natureza deste mundo, visto que se interrompe e leva o homem unicamente à dor, angústia e miséria, e o que é pior, à ira de Deus, destrui sua imagem pura e o cobre com uma monstruosa casca? Ó, que vergonha imensa o homem terá por causa disto, quando no dia do julgamento de Deus aparecerá assim, com uma imagem bestial, sem falar do que aconteceu depois, que o fará permanecer ali para sempre. Agora uma repetição terá início, choro e lamentações pelas garantias perdidas, que não podem ser recuperadas em toda eternidade, pois a imagem tem de estar eternamente diante do terrível demônio e realizar o que Lucifer, o príncipe das abominações, deseja.

Meu caro, buscador, mente ansiosa, faminto e sedento pelo reino de Deus, preste muita atenção ao solo que lhe é mostrado. Não é nada fácil se tornar um filho de Deus, como Babel nos ensina.

Ali, consciências são levadas por histórias, são encantadas pelo sofrimento e morte de Cristo; ali o perdão dos pecados é ensinado historicamente como num tribunal mundano, lá a culpa é perdoada em troca de favores, embora o homem permaneça um hipócrita em seu coração. Aqui tudo é totalmente diferente; Deus não terá nenhum hipócrita. Ele não tira os nossos pecados enquanto nos apegamos unicamente à ciência e nos confortamos com os sofrimentos de Cristo, sendo que nossa consciência permanece nas abominações. As Escrituras dizem: “É preciso nascer de novo, ou não verás o reino de Deus”. Um homem que se encanta com os sofrimentos e morte de Cristo, atribuindo isto a si mesmo, mas que com sua vontade não se regenera no homem Adâmico, é como aquele que acredita que seu patrão irá lhe conceder alguma terra, embora não seja seu filho, mesmo que o patrão tenha prometido entregar a terra somente a seu filho.

Aqui é a mesma coisa: Para receberes a terra de teu mestre e tê- las como tua, deves te tornar seu verdadeiro filho, pois o filho da serva não herdará o mesmo que o filho da mulher livre. O filho da História é um estranho; tu deves nascer de Deus em Cristo, para que possas te tornar um verdadeiro filho; assim serás filho de Deus e um herdeiro do sofrimento e morte de Cristo. A morte de Cristo é a tua morte, a Sua ressurreição do túmulo é a tua ressurreição, e Seu reino eterno o teu reino. Com isto tu nascerá como o verdadeiro filho de Sua Carne e Sangue e herdarás Teus bens. Não há outra forma de se tornar o filho e o herdeiro de Cristo.

Enquanto o reino terrestre permanecer na tua imagem, tu és o filho terrestre do corrupto Adão. Não há como disfarçar. Podes dizer belas palavras diante de Deus, à vontade, tu não passas de um filho estranho e os bens de Deus não serão teus até que tu retornes com o filho pródigo num real ato de penitência e arrependimento por tua herança perdida. É preciso, para tanto, que tu saias com tua vontade-espírito desta vida terrestre e interrompa a vontade terrestre; (é doloroso renunciar, com a mente e vontade-espírito, aos tesouros uma vez possuídos, nos quais a vontade-espírito foi gerada), e tu entrarás na vontade-espírito de Deus. Ali tu irás semear a tua semente no reino de Deus e renascerá em Deus como um fruto que cresce nos campos do Senhor, pois receberás o poder de Deus, o corpo de Cristo e o novo corpo em Deus irá crescer em ti. Serás tu o filho de Deus e os bens de Cristo pertencerão a ti. Seu mérito será teu mérito, Seu sofrimento, morte e ressurreição, todos teus, tu és um membro de Seu corpo, Seu Espírito é teu espírito, Ele irá te guiar no caminho correto e tudo o que fizer, farás a Deus. Tu semeias neste mundo e colherás no céu de Deus; tu és a obra maravilhosa de Deus e tu revelas Suas maravilhas na vida terrestre e as atraem, com tua vontade-espírito para o santo mysterium.

Lembre-se disto: a avareza, o orgulho, a inveja, o falso julgamento, os homens fracos, que colocam sua vontade e desejos nos bens terrestres, dinheiro e possessões, nas doçuras desta vida e consideram dinheiro e posses como seu tesouro, depositando aí os seus desejos, embora desejem ser filhos de Deus; estes que se posicionam diante de Deus e fingem, a fim de que Ele perdoe seus pecados, mas que com sua imagem permanecem na pele de Adão, na carne de Adão, e que se consolam com os sofrimentos de Cristo, não estão mais que fingindo. Eles não são filhos de Deus; para

serem filhos de Deus é preciso nascer em Deus, de outra forma estarão apenas se enganando, juntamente com os hipócritas que produzem aspectos ilusórios diante de ti. Eles ensinam, mas não são conhecidos de Deus, e não são enviados para ensinar. Ensinam para sobreviverem e para receberem honras mundanas, são os grandes prostitutos de Babel, que fingem diante de Deus com seus lábios, mas que com seu coração e sua vontade-espírito servem ao dragão de Babel.

Cara alma, se queres te tornar filha de Deus, prepara-te para a tentação e tribulação. Não é fácil e nem prazeiroso entrar na vida de filho, principalmente quando a razão se encontra aprisionada no reino terrestre. A razão deve ser quebrada, e a vontade deve abandoná-la, semeando a si mesma no Reino de Deus, numa humilde obediência, como um grão é semeado no campo. A vontade tem que se tornar como que morta na razão e se doar à Deus; assim o novo fruto cresce no reino de Deus.

O homem portanto, permanece numa vida ternária e tudo pertence a Deus; as essências ígneas interiores do primeiro princípio são incorporadas ao novo corpo em Cristo, para que possam fluir da vontade de Deus para a carne e sangue de Cristo. Seu fogo é o fogo de Deus, de onde queima o amor, a bondade, a brandura, de onde emana o Espírito Santo e os auxiliam a manter a batalha contra a razão terrestre e também contra a carne corrupta e a vontade do demônio. O jugo do homem pela vontade terrestre se torna mais fácil para ele, mas é preciso se manter na guerra enquanto estiver neste mundo, pois o sustento pertence à vida terrestre; este homem deve buscar o seu sustento, sem contudo colocar aí o seu coração e a sua vontade, separar as coisas; ele deve confiar em Deus, sua razão terrestre cai continuamente na dúvida de que ele pode sofrer perdas; ele deseja continuamente ver a Deus, mas não consegue, pois Deus não habita no reino terrestre mas em si mesmo.

Desta forma, a razão, por não poder ver a Deus, deve ser dirigida para a esperança; lá a dúvida corre contra a fé e destruiria a esperança. Então a vontade determinada irá deve lutar com a verdadeira imagem contra a razão terrestre. Isto é doloroso e geralmente vai mal, principalmente quando a razão considera o curso deste mundo, e reconhece sua vontade-espírito como tola em relação ao curso deste mundo. Dizem as Escritura: Seja

moderado, vigie, jejue e ore, a fim de que tu possas adormecer a razão terrestre, e torná-la como que morta, para que o espírito de Deus possa encontrar um lugar em ti. Quando ele aparece, domina rapidamente a razão terrestre e olha com seu amor e doçura para a vontade em sua angústia, e cada vez que isto ocorre um formoso pequenino galho da árvore da fé é gerado, e toda tribulação e tentação servem para o bem dos filhos de Deus. Pois, quando Deus ordena que seus filhos sejam trazidos para a angústia e tribulação, eles se preparam param para dar à luz a um novo galho da árvore da fé. Cada vez que o espírito de Deus aparece ele provoca um crescimento, o que proporciona grande regozijo na nobre imagem. É só uma questão do primeiro terrível ataque violento, quando a árvore terrestre deve ser dominada e o grão nobre semeado no campo de Deus, a fim de que o homem possa aprender a conhecer o homem terrestre. Pois quando a vontade recebe a luz de Deus, o espelho se vê em si mesmo, uma essência vê a outra na luz. Assim o homem em sua totalidade , se encontra em si mesmo e sabe o que é, o que não pode saber na razão terrestre.

Portanto, que ninguém pense que a árvore da fé Cristã possa ser vista ou conhecida no reino deste mundo. A razão externa não a conhece, e embora a árvore justa já se encontre no homem interior, a razão externa e terrestre ainda duvida, pois o Espírito de Deus é para ela uma bobagem, que não pode ser compreendida.

Embora possa ocorrer que o Espírito Santo se revele no espelho exterior, a fim de que a vida exterior tenha grande satisfação e pense: Agora eu ganhei um convidado valioso, agora eu vou acreditar, ainda que não haja uma continuação perfeita, pois o Espírito de Deus não mantém seu domínio na fonte terrestre. Ele terá um vaso puro, e quando se retirar em seu princípio, ou seja, sua verdadeira imagem, a vida exterior fica desesperada e retraída. Assim, a nobre imagem deve lutar sempre contra a vida- razão exterior, e quanto mais ela luta, mais cresce aquela árvore justa, pois a imagem coopera com Deus. Pois da mesma forma que uma árvore terrestre cresce ao vento, chuva, frio e calor, também a árvore da imagem de Deus cresce dentre sofrimento e tribulação, na angústia e na dor, no escárnio e no desprezo, e floresce no reino de Deus e gera frutos na paciência.

Observe que sabemos que devemos aplicar tudo isto a nós mesmos, antes

de nos deixarmos levar por qualquer medo ou terror, pois iremos, de fato, aproveita e colher por toda eternidade, aquilo que plantamos aqui em meio a angústia e a miséria, a fim de que tenhamos o conforto eternamente, Amem, Aleluia!

